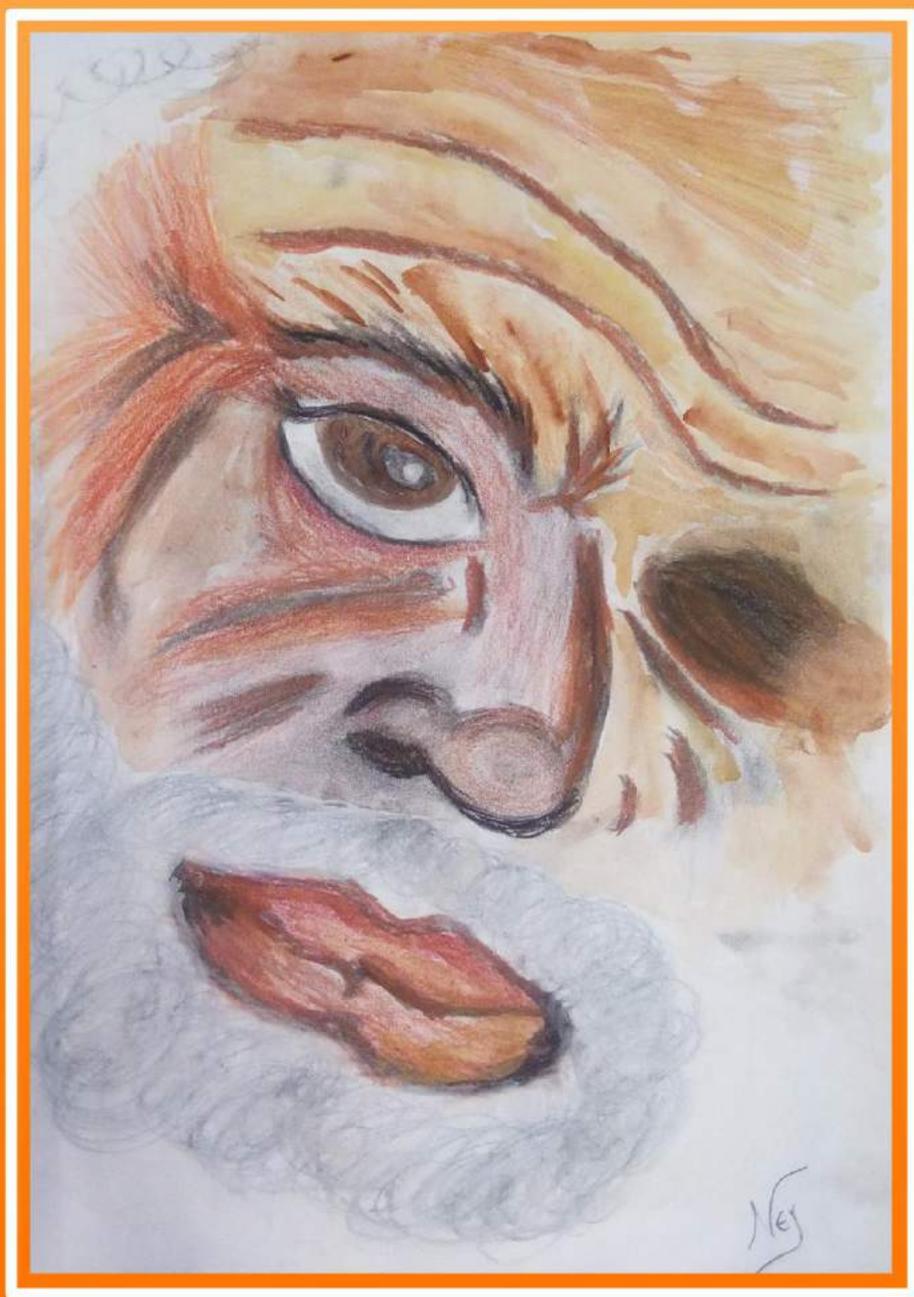


OS MISTÉRIOS

De Recife Velho

CONTOS DA CIDADE DOS SONHOS



NEY ALENCAR

SELO

CONEXÃO LITERATURA

OS MISTÉRIOS DE RECIFE VELHO

Contos da Cidade dos Sonhos

Direitos reservados em língua portuguesa por Ney Rolim de Alencar Filho. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (Eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias e gravações) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Os Mistérios de Recife Velho é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com eventos, locais e pessoas vivas ou falecidas é mera coincidência.

Os Mistérios de Recife Velho é uma publicação independente do autor.

Alencar Filho, Ney Rolim de
Mistérios de Recife velho [livro eletrônico] :
contos da cidade dos sonhos / Ney Rolim de Alencar
Filho. -- Osasco, SP : Ney Rolim de Alencar Filho,
2021.

PDF

ISBN 978-65-00-34845-3

1. Ficção brasileira I. Título.

21-90113

CDD-B869.3



SUMÁRIO

Prelúdio: Malassombramentos, pág. 06
I — O Fauno de Mármore, pág. 08
II — O Vampiro de Suassuna, pág. 30
III — Lua Faminta, pág. 118
IV — O Rapa-Carniça, pág. 176
V — O Enigma da Efígie, pág. 239
VI — A Terra Negra, pág. 297
VII — A Escuridão, pág. 443
Poslúdio: Invocação ao Arrecife, pág. 470

Capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com
VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Prelúdio: Malassombramentos

Cai o sol por sobre a borda do mundo,
A sombra do casarão vazio se enlarguesse,
As janelas escurecidas, como olhos fechados
A pintura descascada no frontão desabitado.

No arrastar das horas da noite escura,
Surgem luzes fantasmais nos umbrais,
O ruge-ruge de sedas sussurra devagar,
O som de piano de cauda ressoa agourento pelo ar
Cantando músicas do tempo que já morreu!

Passos de danças ecoam em vetustas salas vazias,
Agora cheias de sombras de bacharéis descorados
E iaiás pálidas em vestidos de festa,
Dançando valsas de outra era!

A noite corre nos braços do tempo,
Os sapatos ressoam e as sedas ciciam,
Canta o galo já ao nascer do dia e se desvanece
A alma do casarão à vagar pelas ruas vazias...

A dark, atmospheric photograph of a forest at night. A stone path leads from the foreground towards a house in the distance. A single window of the house is illuminated from within, casting a warm yellow glow that contrasts with the cool, blue-toned mist and shadows of the woods. The trees are tall and thin, their silhouettes creating a vertical rhythm in the scene.

I — O Fauno de Mármore

I – O Casco do Bode

Hino à Pã

Io Pã! Ó Pã, Senhor das Travessias,
Vem dos campos e pastagens,
Vem das florestas e montanhas,
Vem para mim! Vem!

Io Pã! Ó Pã, Senhor do Selvagem Infinito,
Vem com teus faunos e sátiros,
Vem com tuas ninfas e pardes,
Vem para mim! Vem! Vem!

Io Pã! Ó Pã, Senhor das Pastagens do Mundo,
Traz o desejo escarlata, o laço de ouro,
Para mim! Não sou homem?

Io Pã! Ó Pã, Senhor dos Rebanhos Celestes,
Faz troar teus cascos sobre o mundo oco,
Vem para mim! Vem! Vem! Vem!

1700, Costa da América.

Quando o meio da tarde chegou o tempo mudou!

Das profundezas o velho Tritão tocou sua corneta e o som mitológico veio subindo até abarcar as ondas do mar.

No horizonte formou-se a tempestade.

Invisível aos olhos mortais Netuno ergueu-se em toda sua majestade e de sua carruagem de madrepérola e coral ergueu o tridente em temível gesto.

O céu escureceu, as ondas subjugarão o próprio ar que zunia sobre ela com arrepios dos gritos das ondinas.

A madeira negra do casco rangeu agourentamente.

As ondas selvagens castigaram o casco enegrecido do navio.

O mar revolto rugiu ao redor da embarcação.

O vento castigou as velas com sua força eólica arrancando-as dos mastros.

Os marinheiros, vendo que o navio estava já afundando, baixaram os barcos e abandonaram a nau, somente seu capitão ficou.

Hirto e abalado, agarrado com todas as forças ao timão que teimava em escapar de suas mãos esgotadas, ele olhou para o céu com uma súplica nos lábios.

Mas os Deuses do Mar não ouviram suas preces!

Um rochedo negro ergueu-se à frente do casco e rasgou a lateral de madeira negra, fazendo jorrar trigo de seu bojo aberto.

Como sangue dourado sobre as águas verdes do mar!

Vazio de vida o navio entregou-se às ondas vorazes e sobraçou.

O casco rompeu-se com um estalar de trovão e ele naufragou.

*

1827, idos de março, Praia de Meia-Lua.

A Praia de Meia-Lua estendia-se por oito quilômetros, com suas areias grossas de rebotalhos de conchas e cascalho, até findar em um pontilhão de pedras negras encimado por um morro verde, sobre o qual se erguiam várias pedras como colunas que vigiassem o mar além.

A manhã ensolarada trazia um vento forte com cheiro de sal e com o grito longínquo das gaivotas que rodeavam alguns barcos de pesca muito além do quebra-mar.

Pelas areias caminhava um homem decidido, seus passos afundavam e tornavam a se erguer, em um ritmo constante.

Ele seguia na direção dos grandes rochedos que formavam o fim da praia.

Sua bengala de castão enfiava-se com fúria na areia, e sobre seu rosto avermelhado corria uma fúria silenciosa.

O ritmo das passadas fez arrefecer sua fúria e seus pensamentos aos poucos se ordenaram.

O grito das gaivotas aos poucos serenou seu espírito e ele parou pra respirar fundo o ar salgado.

Era professor já há mais de trinta anos, porém a tolice humana ainda o enfurecia.

As lembranças teimaram em voltar e sua fúria parecia ressurgir, quando olhou para o horizonte marinho.

O azul esverdeado do mar e o sol quente espantaram as lembranças funestas e ele deixou as preocupações de lado.

O velho professor caminhou por entre as pedras.

O mar sussurrou sua música imorredoura ao seu redor.

Ele olhou para cima, para a encosta verdejante que subia até o topo careca do monte, as pedras espalhadas pela encosta eram como talismãs, colocadas ali há muitas eras por outros deuses, dos quais já não se ouve mais falar.

Ele caminhou por aqui e por ali, estudando as formações rochosas, desenhando rascunhos, tomando notas, como fazia há tantos anos, então um pequeno brilho lhe chamou a atenção.

Perto do maior rochedo do canto da praia, no sopé do morro, ele encontrou uma pequena moeda de cobre esverdeado, limpou-a na roupa e viu que possuía uma efígie, um rosto mais apagado no qual era possível ver uma barba e algo mais repousando sobre a cabeça gasta.

Era muito antiga, grega talvez, imaginou ele.

Procurou por outras pela areia e embaixo das pedras, mas nada achou.

Até que sua busca identificou uma pequena abertura na rocha, quase como um pórtico aberto.

Não estava ali no dia anterior, talvez a tempestade noturna tivesse movido algumas pedras, e trazido a moeda até a praia...

Se tivesse olhado melhor e com mais cuidado talvez tivesse notado uma marca maior e mais visível ao lado do rochedo, uma marca de duas meias luas paralelas com a forma de um casco fendido!

Mas ele estava mais preocupado com seu achado.

Ele teve que se abaixar e engatinhar para conseguir passar pela entrada.

Suas juntas doíam e as costas quase o fizeram desistir.

Mas afinal sua curiosidade foi maior.

Passou pelo caminho rochoso e deu com um pequeno espaço aberto, que era como um pequeno nicho de alguns metros de largura.

Ao fundo havia uma lápide de pedra alta com inscrições quase tão antigas quanto às da pequena moeda, era pouco iluminado pelas réstias do sol que passavam pelos buracos do rochedo.

Ele aproximou-se de joelhos, não conseguiu ficar em pé, pois o teto de pedra era baixo e irregular.

Puxou a velha lápide com cuidado por causa do tamanho e peso, mas viu que estava bem presa.

Tirou o canivete do bolso e tentou forçar as beiradas da pedra.

Ficou assim por um tempo que lhe pareceu interminável.

Já cansado, limpou o suor da testa e forçou novamente a lápide para o lado, mas o canivete escorregou cortou sua mão.

O sangue manchou sua roupa.

E batizou com seu poder a superfície da velha lápide!

Ele zangou-se com a dor do corte e o esforço em vão, mas sua curiosidade foi maior.

Cansado já e com a mão latejando e sangrando o velho professor agarrou a pedra e com o restante de suas forças deu um puxão forte.

A lápide desprende-se da pedra com um som oco e alto e caiu para frente.

Ele segurou-a esperando que fosse pesada, mas parecia ser feita de um material bem leve.

Moveu-a para o lado e olhou o que estava atrás dela, e assombrou-se com o que viu.

Naquele instante a luz do sol intensificou-se e as réstias teceram uma teia de luz ao seu redor iluminando o interior do nicho e fazendo aparecer uma imagem emparedada ao fundo da alcova antes protegida pela lápide.

O velho professor pareceu ouvir um som de flauta suave, porém intenso e esfregando os olhos olhou novamente.

Lá, emparedado no fundo da alcova ele viu uma estátua de mármore alva como a neve mais límpida, com um metro e vinte de altura, de uma beleza incomparável que retratava um fauno dos bosques, os grandes olhos selvagens, os lábios trigueiros, os cascos fendidos, tocando sua flauta de juncos.

O velho professor não se conteve e tomado de estranho maravilhamento tomou a estátua entre as mãos ainda machucadas e arrastando-a devagar retornou pelo caminho para fora da gruta.

Era grande, mas não era pesada, mas isso não o incomodava.

Deixou, porém de notar que as inscrições na lápide, antes vívidas e delineadas, escureceram e quase se apagaram e que a luz brilhante do sol logo abandonou o interior da gruta como se tangida por uma nuvem escura.

Mas ouviu clara e suave a música de uma flauta de junco tocada com esmero e cuidado, soando acima do vento e do grito das gaivotas.

O velho professor voltou pela areia e levou a estátua, que lhe pareceu bem mais leve agora, de volta para a cidade, um sorriso de maravilhamento ainda pregado em seu rosto.

Durante todo o caminho, suando agora por causa do peso da estátua que parecia ter aumentado enquanto caminhava sob o sol quente do final da manhã, ficou imaginando o que diriam do seu achado.

Não foi direto para sua casa, mas cruzou as ruas largas e cheias de árvores e encaminhou-se para um prédio grande, no centro da cidade, do outro lado da igreja matriz, que era todo pintado de amarelo em forma hexagonal.

Entrou pelas portas grandes de madeira avermelhada e sumiu em seu interior.

*

Na igreja matriz o pároco rezava constricto à beira do altar mor. A luz das velas tremulava iluminando as paredes pintadas de dourado e encimadas com cenas da caminhada de Cristo. Ele estava imerso em seus próprios pensamentos e seus lábios moviam-se silenciosos recitando, foi então que ouviu... uma música que não era desta terra... uma flauta assobiando uma canção. O pároco levantou a cabeça e olhou ao redor, mas não viu ninguém. Voltou a rezar, mas tão logo seus lábios recomeçaram a recitar sua oração a música recomeçou, desta vez mais alta. Ele levantou novamente a cabeça e desta vez lhe pareceu que vira uma sombra de criança escondendo-se por entre os bancos. Levantou-se de um ímpeto e foi procurar a criança, mas depois de verificar todo o interior da igreja nada encontrou. “Não posso ter imaginado” — pensou ele “Vi claramente o menino escondendo-se no meio dos bancos.” Mas depois de procurar novamente e nada encontrar, o pároco julgou ter imaginado. “Foi uma ilusão apenas.” — admitiu ele. Mas a música de flauta não lhe saía da cabeça, o som continuava a ecoar em sua mente, ainda que de maneira subliminar e quase oculta. Ele voltou para perto do altar, mas já não conseguiu rezar!

*

O velho professor Silvano colocou com cuidado a estátua sobre a mesa larga, sob os protestos da velha senhora Lídia, secretária, e sob o olhar descrente do velho Cura. — Veja o que encontrei lá na praia da Meia-Lua, Doutor Hercílio! O Doutor deu uma boa olhada na estátua, seus olhos brilharam quando reconheceu o estilo e a idade da peça: — É certamente de origem grega e deve ter pelo menos uns dois mil anos, posso afirmar com certeza! — falou ele com a voz quase sumindo pela emoção. — Talvez mais, acredito que seja do período Dedálico! — refletiu o professor Silvano — Veja os detalhes dos dedos, do rosto e dos pés! — Sim, mas como... onde encontrou este tesouro? — perguntou o Cura deslumbrado com a estátua, encantado com cada detalhe que aparecia.

— Estava fazendo minha caminhada matinal lá na praia da Meia Lua quando me deparei com uma pequena gruta, certamente aberta pela tempestade de ontem e dentro encontrei isto! — contou Silvano apontando para a estátua.

— Um achado! Certamente um achado! — concordou o Doutor maneando a cabeça.

— Precisamos certificar sua idade! — disse o professor — Ela merece um lugar de destaque na coleção de arte!

— Com toda certeza. — concordou novamente o Cura, desta vez aproximando-se e acariciando a estátua com um carinho desmedido.

“É quente como a pele de uma criança!” — pensou ele quando tocou a estátua, e sentiu um arrepio.

*

Naquela mesma tarde a estátua de mármore foi colocada no grande átrio da Casa da Cultura de São Thomé das Almas!

Do lado esquerdo do átrio, pois do lado direito repousava uma pequena Deusa da Fertilidade esculpida em terracota, também muito antiga.

*

Na praia o vulto do navio afundado tantos anos antes era agora visível da parte mais alta do rochedo que bordejava a praia, revolvido e trazido à margem pela tempestade da noite anterior.

Era uma coisa grande e preta, feia, como um grande ataúde submerso!

II — O Crescente da Lua

Hino à Diana

Iô Mãe de todo o Céu, caçadora e geratriz vem,
Árvore do mundo concede Tua dádiva,
Vem no raio de Teu luar crescente
Vem embriagar-me com Teu leite de pura Inspiração!

Vem Ó Tripla Deusa do ponto à poesia vem
Em Teu manto de Lua vem,
Vem como virgem e mãe, e anciã da Lua cheia
E coroada sacerdotisa álvea e pura vem.

Iô Deusa que é toda a Vida, da carne ao sonhar,
Mão do Destino minguante, senhora da nova Morte vem,
Vem Tripla face de luz e luar.

Iô Deusa-Fonte de toda a inspiração, raiz e fruto,
Ó mãe do Verso e do Som, vem vem vem
Vem Diana da Florestas vem!

1827, abril, São Thomé das Almas.

O mês de abril é ventoso pelas bandas de São Thomé das Almas.

O vento que vem do mar com o cheiro do sal redemoinha pelas areias da praia no começo da manhã e ao final da tarde.

No intervalo o sol reina supremo, ainda que com suas forças gastas pelo outono que corre.

Poucas pessoas frequentam a praia nesta época, pois a quentura do verão já se foi e o frio dos chapadões começa à chegar já.

Meninos costumam empinar papagaios muito alto, com a força dos ventos que chegam trazendo o prenúncio do inverno.

Alguns pintores armam seus cavaletes à beira mar e se alimentam da beleza que vem do céu.

A larga faixa de casas e pequenos hotéis espalha-se por toda a orla da praia mais além.

Confortáveis e largas, com telhados baixos e avermelhados, na sua maioria de tijolos, com varandas abertas e convidativas.

A maioria voltava-se para o mar, e em suas paredes amareladas ou envernizadas incrustava-se perene o sabor salgado do vento marinho.

*

Na escola secundária os alunos da manhã sentam-se silenciosos almejando pelo fim das aulas, sonhadores e melancólicos!

O Professor Silvano terminou de passar a lição de história e apoiou-se por um momento na beira de sua mesa de carvalho.

Olhou os alunos, pensativo, tentando adivinhar o que se passava por trás daqueles olhos novos e inconstantes.

Uma aluna em especial sempre lhe chamava a atenção, chamava-se Alice, e para ela sempre se voltava seu olhar.

Era uma moça que não tinha ainda quinze anos, os cabelos dourados de um ouro novo, ondulados e tão longos que lhe caíam até a cintura fina e bem delineada.

Olhos grandes e vivos, verdes e cheios de fogo celeste, a tez alva como alabastro e fina e voluptuoso colo virginal.

Braços esguios e delicados e mãos brancas e miúdas como os pés também delicados.

Ela era de uma formosura inebriante que eclipsava todas as outras alunas, de um jeito que sempre cativava sua atenção.

Nestes dias de fim de verão e início de outono, uma melancolia romântica tomava sempre conta do Professor, e a visão de Alice era como um raio de sol que alegrava seus dias.

Súbito uma brisa fresca veio tangida por um vento do mar, o odor pungente e melancólico do sal penetrou pela sala de aula e invadiu os pensamentos do velho Professor.

Aquele exato momento ficou gravado em seus pensamentos pelo tempo do porvir, pois junto com o cheiro do mar veio também o som imaginário de uma flauta, uma canção alegre e trigueira que fez seu coração pulsar mais forte e seus olhos brilharem com uma emoção primeva!

Ele sentiu o sangue correr mais depressa e o coração batia como se fosse explodir no peito!

Olhou para Adriana, como se procurasse alguma coisa e deu com seus olhos verdes e quentes olhando-o intensamente.

Por um instante foi como se o coração de ambos batesse em uníssono!

*

O pároco estava sentado em um banco na frente do mar!

Os pensamentos corriam por sua mente enquanto ao fundo aquela estranha música soava de forma fantasmagórica!

A solidão o corroía!

Ele estava sozinho, não havia ninguém em sua vida.

Não deveria haver mesmo, nem ele sabia que viria para aquele lugar, mas fora uma mudança bem-vinda.

Queria viver apenas, não me importava o lugar, apenas o tempo realmente fazia diferença.

Havia mergulhando de cabeça dentro da própria vida, desta vez sozinho, sem amigos nem parentes, um completo estranho em um lugar desconhecido.

Deixara tudo para trás quando ordenara-se padre!

Precisava encontrar meu próprio caminho sozinho.

Era por isso que estava ali.

Quando chegara à cidade, alguns anos antes havia se hospedado em um hotel confortável na quadra secundária à avenida beira-mar.

Era um prédio não muito grande, com quatro andares, todo construído em estilo colonial alemão, mas deixando entrever toques de barroco português.

O senhorio foi muito gentil e o fez ver o quanto tinha perdido em não vir antes para este local.

Ali as pessoas eram muito provincianas, ele disse, e talvez fosse demorado para se acostumarem com ele, mas tão logo o fizessem certamente não poderia ter amigos melhores em toda a sua vida.

Isto o havia deixado deveras alegre na ocasião e extinguiu de vez qualquer ideia que ele tivesse de dar meia volta e ir embora.

Da larga janela do quarto daquele hotel podia ver a grande vastidão do mar irrompendo serena e azul esverdeada até o horizonte e além.

Essa visão sempre o havia nutrido de esperança, mas o último ano havia minado todas as suas forças. A sensação de avassalamento consumira toda sua vida!

Afinal nem mesmo o silêncio e a segurança da grande igreja foram suficientes, ele saiu andando sem saber para onde ia.

Acabou ali sentado naquele banco na frente do mar.

As nuvens correndo ligeiras pelo céu de fim de outono captaram sua atenção.

A praia estava quase que deserta.

Era final de abril já e quase todas as pessoas que vinham até ali para trabalhar ou estudar já havia voltado para suas casas no interior ou na capital.

As ruas também estavam quase vazias.

Uma ou outra loja ainda permanecia aberta, esperando os derradeiros fregueses da estação.

Uma ou outra pessoa passeava despreocupada, algumas crianças brincavam e mulheres faziam suas compras.

Era um lugar apazível e quieto!

Mas era aquela música que não o deixava repousar, ela o consumia com suas promessas e seus encantos.

Um vento frio soprou, remoinhando pelas ruas, solitário, suas mãos ficaram frias e seus cabelos despentearam-se.

Ele levantou-se e foi até a beira d'água.

As cascas e rebotalhos de sentimentos iam caindo na areia à medida que andava, despindo-o de tudo o que trazia consigo de ruim ou de pré-concebido, deixando para trás as ilusões mal feitas e as expectativas frustradas.

Ele sentiu apenas o vento do mar e a força viva que trazia consigo.

Ela o fez ver que ainda continuava vivo apesar de tudo!

Ele subiu uma escadaria de pedra e enveredou pelas ruelas que deixavam a praia.

As fachadas das casas das ruas mais afastadas da beira-mar pareciam mais melancólicas, sugestivas até, altos pinheiros e sombreiros alternavam-se plantados nas calçadas de paralelepípedos desalinhados.

O sol já caía e as sombras desciam rápidas ao seu redor, trazendo uma sensação de mistério e encantamento.

Seu coração exultou com aquela nova felicidade.

Havia um silêncio todo característico ali, quebrado às vezes por um cão ou pela risada de uma criança.

O resto eram apenas casas.

A noite afinal trouxe o descanso que merecia!

*

1827, meados de maio, São Thomé das Almas.

Afinal da beira do mundo veio surgindo a Lua, sua claridade veio se espreado devagar, cobrindo todos os campos, prados e jardins, iluminando os mistérios do mundo antigo, e fazendo desaparecer as sombras mais escuras que teimavam em se esconder nos interstícios das coisas.

Uma música distante veio trazida pelo luar mágico, um canto antigo de tempos esquecidos que falava de rosas silvestres e uvas negras, grama verde e aprazível e águas límpidas e geladas, rios cascadeantes e altas montanhas cobertas de neve.

Uma música serpenteou pelo ar e um temor desceu sobre os celebrantes fazendo-os curvarem as cabeças em reverência de um poder maior.

A pequena criança de pele negra abriu os olhos e estendeu as mãozinhas para o luar, seus dedos tocaram a luz líquida e fria.

Sobre sua fronte um beijo foi dado!

Uma palavra foi sussurrada em seu ouvido e a pequena criança sorriu e adormeceu.

Os celebrantes abaixaram-se para a terra e curvaram as cabeças em adoração.

A música foi diminuindo, o ritmo silenciando, a cadência se reduziu e os raios do luar foram se recolhendo.

As sombras se adensaram novamente e se encompridaram sobre os campos e prados e jardins e então subitamente o magnífico Sol nasceu no horizonte do mundo.

Seus raios quentes derrearam-se por sobre toda a borda de todas as terras, iluminando todos os caminhos e afastando toda a noite e suas trevas.

Ofuscando os celebrantes e trazendo-lhes a benção do esquecimento, generosa dádiva do dia!

O mais velho dos celebrantes esfregou os olhos e olhou ao redor, como se acabasse de acordar, visivelmente atordoado.

— Já amanheceu? Parece que dormi a noite toda.

Os outros concordaram com ele:

— Todos dormimos e nem vimos a Lua!

Somente a criança dormia sorrindo e sonhava!

*

Josias Romão estava enlouquecido!

Aquela música demoníaca continuava zunindo em seus ouvidos como um inseto inclemente!

Não conseguira trabalhar nada durante o dia assim acabara retornando mais cedo para casa.

O caminho todo aquela música martelava seus tímpanos como uma voz sedutora e cruel:

“Ela o trai! Ela o trai!”

Josias já estava exausto!

Sua mente parecia um saco de gatos!

Afinal ele chegou em casa, mas o pesadelo estava apenas começando!

A casa estava às escuras, nenhuma lamparina acesa!

Àquela hora a esposa ainda deveria estar arrumando a janta, mas estava tudo muito quieto.

Ele também se acomodou no silêncio.

“Para ouvir melhor” cantou a música em seus ouvidos!

Ele ouviu melhor os barulhos voluptuosos constantes e intensos que vinham do quarto, do seu quarto!

O apetite devasso que surgiu dentro dele foi mais forte do que tudo o que jamais havia experimentado!

Uma sanha libidinosa incontrolável tomou conta dele!

Uma raiva oposta foi-lhe subindo pelo peito!

Um ódio incontrolável daqueles sons que o engolfavam como uma maré sobraçante de desejo incontrolável!

Ele se deixou levar e antes de entrar no quarto pegou a grande faca que usava para desbastar a carne!

*

Pelo início da manhã o vento fazia pequenos remoinhos de areia que logo eram dispersos pelas ondas.

As gaivotas gritavam com os pescadores, que traziam a rede cheia de peixes para a areia da praia.

Duas senhoras sentavam-se no velho banco da praça que dominava o centro da grande meia lua da praia.

Uma delas, a senhora Lídia, secretária da Casa da Cultura de São Thomé das Almas, viúva, mas ainda na flor da idade como ela própria costumava dizer, não parava de torcer as mãos e olhar para as ondas que batiam na praia.

Parecia incomodada!

A outra, a senhora Eduarda, cuidava da casa do pároco, tinha quase quinze anos mais que a outra, mas sua vivacidade e língua ferina sobressaiam aos olhos.

— Quem diria? O Professor Silvano, com aquela idade toda, pediu a mão da menina Alice ao pai dela. — disse a velha senhora Eduarda com voz esganiçada.

— É. — replicou a outra concordando — E dizem mais, dizem que a menina já está até esperando menino...

— É mesmo? — indagou a senhora Eduarda com um sorriso cínico — Quem diria, não é?

— É. — concordou a senhora Lídia rindo e fazendo um gesto obsceno com os dedos das mãos — E dizem que ele a pegou assim dentro da sala da escola num dia desses...

— Foi mesmo é? — riu nervosamente a senhora Eduarda persignando-se em seguida — Quem diria que ele era uma pessoa dessas?

— Ele não é flor que se cheire! — falou a senhora Lídia abaixando a voz — Dizem que já andou com outras alunas da escola e que já foi até com a filha do Doutor Hilário!

A outra ficou sem fala.

— A Joaquina? Aquela que foi pra Recife Velho pra estudar Medicina?

Depois riu nervosamente:

— Quer dizer que ele...

Elas olharam uma para a outra e deram risinhos lascivos.

A senhora Lídia mostrou o dedo médio, gordo e branco como pequeno verme, e fechando o polegar e o indicador da outra mão fez um gesto obsceno para a senhora Eduarda, sorrindo maliciosamente.

— É... e a moça ficou correndo atrás dele como uma cabra no cio! — falou a senhora Lídia rindo debochada — O pai a mandou para a Capital pra acalmar os ânimos! Agora no início desse mês!

— Não diga! — falou a senhora Eduarda abrindo a boca e desatando a rir.

— Digo sim! — disse a senhora Lídia — E eu escutei tudinho da boca do próprio Doutor Hilário.

— Ele contou tudo? — perguntou a outra espantada.

— Tudinho mesmo até os detalhes mais sórdidos... — disse a senhora Lídia com um sorriso malicioso e começou a relatar os pormenores terríveis para a amiga.

O vento arremeteu forte pela areia, enquanto as duas matronas cochichavam libidinosamente!

*

A primeira hora da tarde encontrou o Capitão Romão assaltado por dúvidas e incertezas!

Já eram seis crimes passionais em apenas duas semanas.

Seis assassinatos! Seis maridos que haviam morto o amante e a esposa, pegos no flagra.

Não havia nenhuma explicação para os fatos, não havia justificativa, não havia razão.

Ele estava pasmo e pior, sem saber o que fazer para conter uma onda de crimes desse tipo.

Havia outros crimes menores claro, quatro tentativas de estupro e vários atentados ao pudor, tudo ao mesmo tempo, parecia que a cidade havia ficado louca!

Não havia explicação para o que estava ocorrendo ali!

O Cabo Eugênio entrou na sala, esbaforido:

— Capitão! Temos mais um morto!

Eram sete agora!

— Quem é? — perguntou o Capitão pegando o casaco e encaminhando-se para a porta.

— Foi um pedreiro chamado Josias Romão. Pegou a mulher traindo ele e atacou o amante que se defendeu e acabou matando o homem.

— Esse é diferente dos outros. — exprimiu o Capitão tentando entender.

— Sim, os outros foram os amantes que foram mortos, nesse foi o marido. — completou o cabo.

— Que loucura está acontecendo nessa cidade, meu deus? — pensou o Capitão em voz alta.

— Não sei não, Capitão, mas é bom que não tenha mais nenhum desses por aí, pois estamos já sem espaço na cadeia. — falou o Cabo preocupado.

O Capitão balançou a cabeça e saiu.

*

A noite caiu rápido.

A casa da Cultura estava meio vazia, viam-se luzes apenas na sala da secretária e depois bem lá no fundo, no grande gabinete do Doutor Hilário, o Cura.

Pela grande janela do átrio a luz da lua surgiu pálida e suas réstias teceram uma teia de luz prateada que iluminou o interior do átrio.

Suave e cadenciado o som de uma flauta se fez ouvir.

Subindo e descendo como se marcasse uma melodia estranha e fantástica!

A estátua de mármore do Fauno, alva e bela parecia dançar nos reflexos da lua, seus grandes olhos selvagens, abertos, sorriam e em seus lábios trigueiros outro sorriso, malicioso, cheio de volúpia e sensualidade!

O silêncio dos corredores do lugar fez ecoar mais profundamente o som da flauta, seu timbre harmônico ressoou e preencheu as sombras e os lugares mais escuros até tomar conta de todo o edifício.

Do gabinete do fundo veio o som abafado de respirações desritmadas, o som arfante de corpos se movendo juntos e o som cadenciado que marcava um compasso libidinoso!

A luta amorosa durou alguns minutos até o arfar final e o grito de prazer momentâneo que sucumbe à pequena morte!

Minutos depois o rosto ruborizado da senhora Lídia surgiu do interior do gabinete, arrumando as saias e dirigiu-se em silêncio suspirante para sua sala.

*

O fim de maio chegou com chuva e frio!

O Capitão Romão olhou pela janela preocupado.

Suspirou e tirou do bolso um maço amarelo de cigarros, os famosos Leão do Norte com papayna, vindos diretamente de Recife Velho, ótimos para seu estômago, dizia o médico que os receitara, acendeu um e tragou com força.

Suspirou novamente!

Dali podia ver as ruas da cidade, ao cair da tarde, apinhadas de gente, passeando, trabalhando, vivendo suas vidas, ignorantes do que acontecia na entrelinhas da cidade!

Súbito uma voz soou atrás de si e o fez voltar-se com um susto.

— Bom dia Capitão Romão. — disse o homem grande à sua frente.

Era Luís Francisco do Nascimento, o Chefe da Guarda Municipal Permanente, recém criada.

Não o ouviu bater à porta.

O homem sabia ser sem silencioso quando lhe era conveniente.

O corpanzil esbelto do militar não escondia seu nervosismo, e o grande bigode bem cuidado destacava-se de forma imperiosa no rosto fino, emoldurado pelo terno escuro e pelos sapatos bem engraxados.

— Bom dia, Doutor Nascimento. — respondeu o Capitão, quase batendo continência.

— Nada de novo para me contar?

— Bem... — começou Romão aproximando-se da mesa e remexendo as pastas com os inquéritos — Temos uma onda de crimes na cidade este mês.

— Temos com certeza! E isso é um problema! — completou o Doutor Nascimento — Você leu os jornais matutinos?

— Não tive a oportunidade...

— Os jornais da cidade estão em polvorosa com todos esses casos, os da Capital então nem se fala, e o Prefeito já me chamou no gabinete dele. O que vou dizer ao homem Capitão?

O Capitão Romão pensou um pouco antes de responder.

— Quase todos os crimes já foram solucionados, Doutor Nascimento. Temos apenas um homicídio que ainda não conseguimos prender o autor, mas já sabemos quem foi e é apenas uma questão de horas até conseguirmos apreendê-lo.

— Não é um argumento bom o suficiente, não é Capitão? Não está em questão a solução dos crimes, mas sim o número deles ocorrendo no mesmo mês. Já são dez homicídios e quase quarenta outros delitos, desde estupros até atentados violentos ao pudor, todos de natureza sexual! O que está acontecendo nesta cidade?

O Capitão Romão olhou dentro dos olhos do Doutor Nascimento sem saber o que responder.

— A cidade enlouqueceu, Doutor! É a única resposta que posso dar e estou sendo sincero de uma forma que não costumo ser. — falou Romão baixando os olhos.

O Doutor Nascimento aproximou-se da mesa e olhou Romão diretamente;

— Você sabe que até mesmo o Santo Padre já foi informado do que está acontecendo? Imagine uma coisa dessas! Houve uma conversa estranha sobre uma inquisição, Romão, aqui em São Thomé das Almas, neste ano em que estamos!

— Uma Inquisição aqui? — perguntou Romão sem conseguir entender.

— Sim! — disse o Doutor Nascimento de forma veemente — Não quero uma inquisição aqui. Imagine o que um tribunal inquisidor faria nesta cidade!

A imagem passou rapidamente pela mente do Capitão e ele estremeceu só de pensar!

— Estão dizendo que a cidade está possuída, Romão! Preciso que você descubra o que está acontecendo aqui! Não quero que esta cidade siga o mesmo caminho que a Vila de Providência!

O Capitão Romão sentiu um vento gelado na face!

A Vila de Providência fora acusada de bruxaria em 1616, o Abade Lisandro se suicidara e sua casa havia sido queimada e salgado o terreno onde ela se erguia, houvera um processo inquisitorial e várias mortes e afinal a cidade havia sido completamente abandonada.

Quem passasse por lá ainda veria as ruínas das casas e as ruas desertas tomadas pelo mato!

Ele não queria ver uma coisa assim acontecer à sua cidade!

— Não Doutor Nascimento! Não vou deixar uma coisa dessas acontecer. Vou descobrir o que está acontecendo. — disse ele numa voz rouca.

— Ótimo Romão! Conto com você para resolver isso! — disse o Doutor Nascimento com muita ênfase, e depois saiu fechando a porta atrás de si.

O Capitão Romão foi até a janela e deu uma tragada forte.

A fumaça quente lhe queimou o pulmão e o fez suspirar ainda mais forte!

III – A Benção de Pã

*"Silet per diem universus, nec sine horrore secretus est;
lucet nocturnis ignibus, chorus aegipanum undisque personatur;
audiuntur et cantus tiliarum, et tinnitus cymbalorum per oram maritiman."*

(Estes lugares, que um horror secreto habita, permanecem mudos durante o dia;
Mas de noite, brilham de mil fogos, e em toda a parte se reúne o coro dos aegipantes;
Então, à beira mar, ouve-se o som das flautas e o estrondo dos címbalos.)

O Grande Deus Pan, Arthur Machen

A cidade de São Thomé das Almas é bem antiga, foi fundada em 1649, mas antes disso fora o Bandeirante Dom Álvaro de Orleans quem descobrira, em 1519, em uma incursão ao interior, a foz do Rio Trombetas e do Rio Castanho e dali descera até o mar e chegara até uma grande enseada que chamou de Enseada do Sono, onde depois foi fundada a cidade.

A Praia da Meia Lua era o centro da Enseada do Sono e por sua orla estendia-se a cidade de São Thomé das Almas, com suas colinas íngremes que caíam até o mar!

A Prefeitura, alcantilada em um morro alto, dominava toda a meia lua!

Era um dos prédios mais antigos da cidade, bela e altiva fora construída em madeira vermelha retirada das florestas do Vale da Fumaça Verde, que situava-se já nos limites da cidade.

Era no estilo alemão e holandês originalmente, pois seus fundadores assim o eram.

Possuía três andares largos e altos e à frente ficava um pequeno pátio de onde se iniciava uma rua que descia em paralelepípedos até a praça redonda que existia bem no centro da meia lua da praia.

O nome primitivo desta praça era Praça do Coreto, mas originalmente os primeiros moradores a chamavam de Praça do Grito e a origem de semelhante denominação perde-se na noite dos tempos.

No início do século anterior houvera um incêndio que destruíra o último andar da Prefeitura, sendo que o povo o reconstruiu por conta de uma pintura feita por um artista local, este, porém havia adicionado um gárgula em uma das caídas do telhado e quando houve a reconstrução o referido gárgula foi colocado também no prédio novo.

Logo abaixo da Prefeitura havia a Casa do Prefeito, onde todos os que se seguiram após a fundação ali moraram.

Era grande e ensolarada, pintada de amarelo e verde com janelas vermelhas e um jardim de rosas à frente.

Descendo pela rua chegamos à parte mais grossa do comércio onde ficavam as lojas de armarinhos, víveres, bebidas e tecidos e onde havia restaurantes que à noite viravam bares.

A cidade possuía três grandes avenidas que se estendiam por todo o contorno da meia lua, duas menores que ficavam espremidas contra os contrafortes das montanhas do Vale da Fumaça Verde e mais duas na zona portuária construída nas bocas do Rio Água-turva.

As ruas eram largas e cheias de árvores, as casas baixas e a maioria em estilo alemão.

Bem no centro da cidade, do outro lado da igreja matriz, estava a Casa da Cultura de São Thomé das Almas, um prédio grande com formato hexagonal, todo pintado de amarelo com as portas vermelhas.

Ali era o centro místico e cultural da cidade, quase se poderia dizer que era ali que estava seu coração!

A alma repousava presa dentro das paredes da bela e majestosa Igreja Matriz!

*

1828, 21 de junho, Solstício, São Thomé das Almas.

O Pároco ouviu o som da flauta, cadenciado e firme, acima de suas próprias palavras.

Pelas paredes brancas ele viu as sombras dançando sob o ritmo selvagem.

Durante toda a missa aquele som fantasmal cobriu seus ouvidos com um zumbido suave, excitando sua imaginação, até que ele não pode mais suportar.

Com um grito abafado ele desceu do púlpito e olhando em volta, as faces assustadas de seus fiéis, correu para fora, para as matas sem nome que nasciam atrás da pequena igreja.

*

O Capitão Romão estava em sua sala, sentado à mesa com a cabeça entre as mãos.

Uma sonolência profunda caíra sobre ele e uma música que não era desta terra tocava em seus ouvidos!

Uma melodia estranha, o som solitário de uma flauta que trazia à sua mente figuras fantásticas e pensamentos voluptuosos!

Subitamente ele acordou, um som mais alto se fazia ouvir do lado de fora, uma multidão...

Seus pensamentos foram interrompidos pela entrada do Cabo Eugênio:

— Senhor Capitão, temos um problema!

— O que foi desta vez, Cabo? — perguntou Romão irritado pela interrupção.

— O povo da Casa da Cultura organizou uma procissão estranha lá na avenida principal da beira-mar. Estão andando naquele frio quase sem roupas, quer dizer, tem uns que estão sem roupas e trazem uma imagem de um menino na frente da procissão.

— Quem está lá? — perguntou Romão já pegando o casaco e indo para a porta.

— O Doutor Hilário está na frente com o Professor Silvano e a menina esposa dele e atrás vem mais um monte de gente, alguns alunos da escola, artistas e músicos.

— Vamos ver o que está acontecendo antes que tenhamos um problema maior! — disse Romão saindo e fechando a porta.

*

O delegado olhou espantado a estranha procissão!

O velho Cura, Doutor Hercílio vinha nu montado em um jumento tocando uma flauta estranha e com uma guirlanda de flores no pescoço.

Não viu nenhum menino na frente da procissão, como o Cabo Eugênio havia dito.

Era seguido pelo Professor Silvano que ostentava uma ereção digna de um adolescente e a esposa grávida com a grande barriga balançando também nus.

Vinha também a velha senhora Lídia, a secretária do Doutor Hercílio, que vinha dançando e se balançando toda, de um modo libidinoso com os seios fartos totalmente livres e com um sorriso que fez o delegado corar!

Seguindo-os vinham mais de duas dezenas ou mais de jovens estudantes do Liceu todos nus com apenas guirlandas de flores nos pescoços e tocando flautas, batendo tambores e tocando violas e violões e cantando palavras de Amor!

Por onde passavam muitas pessoas iam se juntando à eles, saíam da multidão que observava, tiravam as roupas e nus se juntavam à procissão.

Logo havia mais de cem pessoas cantando e pulando e fazendo barulho pelas ruas do centro da cidade.

O delegado olhava tudo aquilo espantado, sem saber o que fazer.

Era como se ouvisse um som distante e fantasmal, um zumbido ou o tom doce de uma flauta de juncos que lhe cantava sobre a liberdade e tudo o que havia de selvagem no mundo e o exortava à abandonar-se àquele chamado!

Quando deu por si o delegado estava cantando e pulando já perto do Professor, tomado por aquele afã embriagador!

Já se aproximavam da entrada da Casa da Cultura quando outra multidão surgiu, desta vez trazendo tochas!

O olhar deles estava obcecado e furioso, estava totalmente tomado por um frenesi enlouquecido de religiosidade fanática.

À frente deles o pároco os exortava gritando palavras de ódio!

As duas multidões se chocaram como ondas em um mar revoltado e iniciou-se uma terrível batalha.

Aqueles do lado do Cura estavam animados de um frenesi quase pânico enquanto os que seguiam o pároco, ensandecidos, gritavam e brandiam as tochas.

O pároco arremeteu contra as portas fechadas da Casa da Cultura e num arroubo de ódio quebraram a fechadura e as abriram.

Entraram ensandecidos, tomados de uma raiva incontida e pararam, pois no lado esquerdo do átrio encontraram a estátua do fauno de mármore alva como a neve mais límpida, de uma beleza incomparável, com seus grandes olhos selvagens, os lábios trigueiros, os cascos fendidos, tocando sua flauta de juncos.

Por um momento o pároco hesitou, ouvindo uma música que não era destas terras de Deus.

Uma flauta assobiou uma canção, um lamento distante e misterioso e o ar do átrio ficou mais leve e era como se houvesse toda uma floresta ali, pássaros piavam nos galhos e sombras de animais moviam-se por detrás dos troncos eretos.

E todos ali estavam, o Cura e o Professor com sua esposa jovem e lânguida.

O delegado e a Secretária abraçados!

O Pároco paralisado pela Beleza daquele terrível encantamento!

Estavam todos tomados por aquele encantamento que não era deste mundo!

Subitamente foi como se um véu se abrisse e as horas do mundo ficassem para trás e tudo ao redor deles desaparecesse.

Havia a música e havia o silêncio sagrado por entre suas notas.

E um temor reverencial veio sobre todos eles e eles inclinaram suas cabeças em reverência.

Seus pés tornaram-se pesados, como se de chumbo, e eles não conseguiram mover-se.

E o silêncio que os engolfou era como uma presença próxima demais.

Somente o Pároco ousou erguer os olhos, ainda que temesse que a morte o viesse tomar de súbito, ele olhou e viu!

E ele olhou diretamente nos olhos da Divindade!

Mas seu olhar desviou-se por causa do movimento sutil dos chifres curvos, dos cabelos fulvos e dos cascos fendidos.

Ele não viu o sorriso gentil formando-se na boca barbada nem os olhos faiscantes que perceberam seu gesto.

Tudo isso ele não viu!

E então tudo passou!

Foi como um momento de vida intensa e de morte súbita e acabou.

O fim da tarde caiu sobre eles e o sol magnífico, caiu pela borda do mundo e veio a noite!

Todos eles levantaram os olhares e perceberam aquilo que haviam visto e tudo o que havia passado e já não era mais.

E sobre quase todos eles veio o esquecimento, que era a dádiva e a benção daquele Deus!

E estavam novamente ali no átrio frio bem na porta da noite.

— Se foi! — suspirou o Delegado com o peito pesado — Era tão bonita e ao mesmo tempo tão estranha! Ah como eu desejaria nunca tê-la ouvido! Agora nunca vou conseguir esquecê-la!

O velho Professor tentou abraçar a esposa, mas ela lhe pareceu jovem demais, apenas uma criança, e ele se afastou!

E ela também se afastou dele, porque era velho e feio!

A Secretária chorava, pois aquela música louca havia despertado nela um desejo devorador que era também uma dor excruciante no peito, pois nada mais parecia valer a pena a não ser que fosse ouvir novamente aquela música e continuar a ouvi-la para sempre!

O Pároco sentia as lágrimas descerem pelas suas faces!

Ele, porém não havia esquecido e esta era a maldição à que estava condenado!

Olharam-se sem saber bem o que havia acontecido, e enfim perceberam que estavam nus.

Lá fora o frio havia posto fim ao conflito.

Eles saíram devagar ofuscados pela escuridão noturna.

Apenas o Pároco ficou.

Parado em frente à estátua do fauno.

Então juntando alguma madeira da porta quebrada e trazendo uma tocha ele colocou fogo na estátua e sentou-se à frente dela para vê-la queimar até o amargo fim.

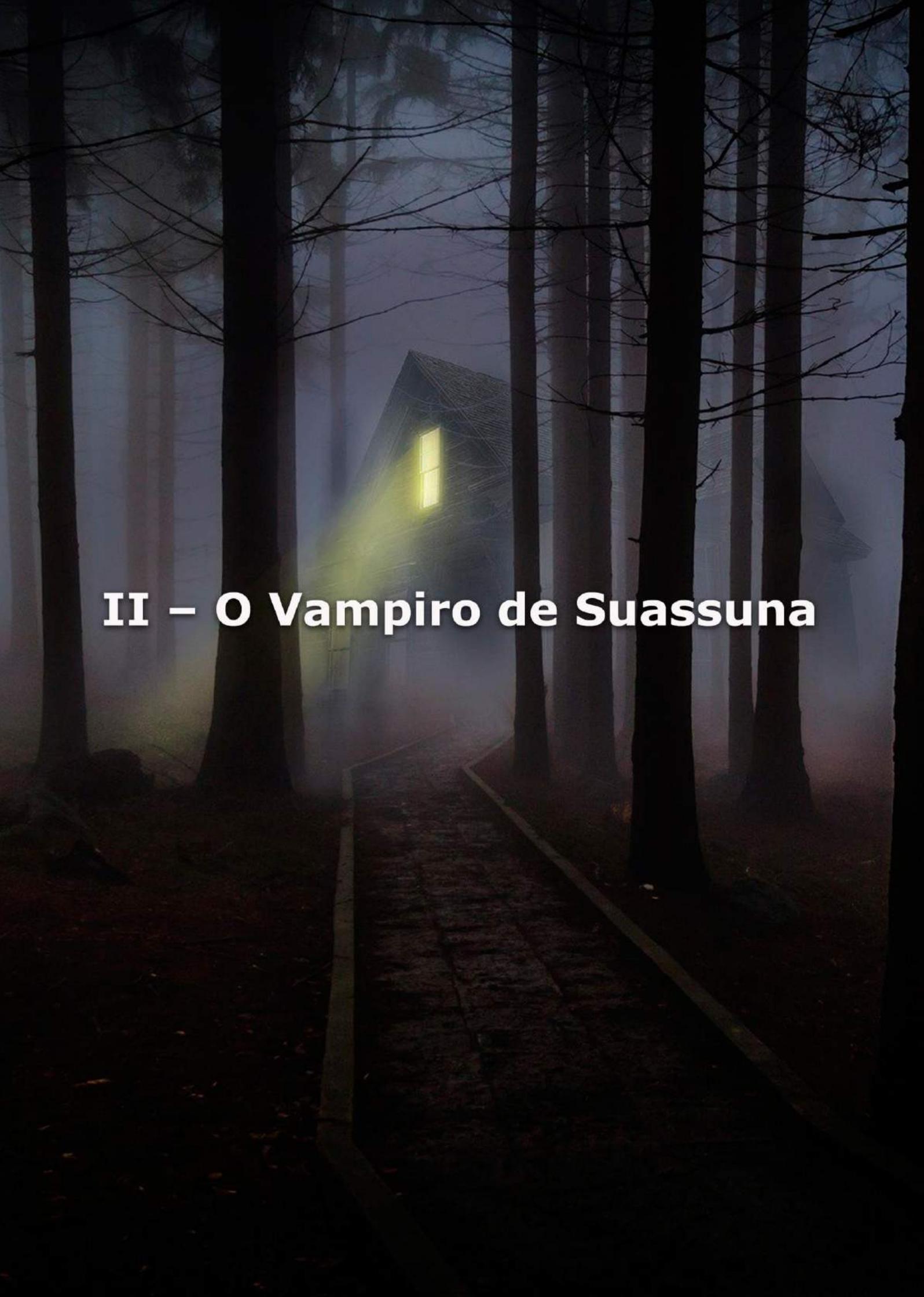
“Eu estremeço em êxtase;

Plano nas asas da alegria súbita!

Iô Pan, Iô Pan, aparece-nos, pirata do mar,

*Do abismo de pedra de Cilene batida pela neve.
Rei, criador da dança para os deuses, vem,
A fim de que juntando-te a nós possas fixar nos
Passos de Nísia e Cnósia, as tuas danças
Que aprendeste sozinho. Agora eu quero dançar.
E possa Apolo, senhor de Delos, caminhar
Sobre o Mar Ícaro e juntar-se a mim sob a sua forma
Divina, em benevolência eterna.”*

Ajax, Sófocles (coral 5, vv 695-705)

A dark, atmospheric photograph of a forest at night. A path of stone tiles leads from the foreground into a dense forest of tall, thin trees. In the distance, a house is visible through the mist, with a single window glowing with a warm yellow light. The overall mood is mysterious and eerie.

II – O Vampiro de Suassuna

Prelúdio

Nykteris Vrikólaka

*As filhas de Minyas, ó donzelas brancas,
Granjearam a ira do Divino Dionísio,
Contra seus mistérios sagrados blasfemaram
E uma maldição veio como Destino!*

*No rufar dos tambores seus corpos mudaram,
Sob o som dos címbalos veio a metamorfose,
Suas asas membranosas se abriram
Seus dentes alvos salivaram!*

*Formas fantasmiais, bestas selvagens se tornaram,
Horror e medo caminharam em seus passos,
A Terra não mais as acalentaria!*

*A nova fome nasceu dentro delas,
Seu alimento era o sangue, e seus gritos agudos
Ecoaram estridentes no anoitecer que lhes deu seu nome!*

Episódio 1 – Desmodus Draculae

“Os pequenos detalhes são os mais importantes.”

Sherlock Homes, de Sir Arthur Conan Doyle

1889, janeiro, Recife Velho, Bairro do Espinheiro.

A velha figueira obscurecia a esquina.

A rua era feita de casas baixas, cujos portõezinhos eram lavrados da mesma substância da noite.

A calçada se inclinava rumo ao barro elementar da rua, inconquistado!

Ao fundo o beco profundo e escuro descambava para um resto de rio.

Sobre a terra turva, os muros semicerrados pareciam emitir uma luz opaca e crepuscular.

Um lampião sujo teimava em tentar iluminar uma parte daquela rua, lançando seus raios débeis pelas pedras cheias de limo da calçada.

Pelo teto baixo e largo da última casa da rua uma sombra maior se destacou.

Movendo-se devagar, mimetizando-se às sombras das outras figueiras e castanheiras ao redor e à escuridão ela arrastou-se sobre o velho telhado, de maneira quase imperceptível.

Um vento forte soprou fazendo bater uma janela aberta no lado da casa.

Do interior do cômodo um choramigar soou mais forte.

A sombra desceu devagar, como uma capa rasgada levada pelo vento, escorregando pela parede de tijolos descobertos e penetrando com cuidado no interior da casa.

O choramingo subitamente transformou-se em um choro sentido, um soluço forte soou e silenciou.

Minutos depois uma porta abriu, rangendo, e o som de passos ecoou alto no silêncio da noite.

Um grito de horror trovejou alto na voz desesperada de uma mãe!

*

O Doutor Mauro Cassiano dos Reis foi acordado com um som oco e alto de pancadas em sua porta.

Olhou para a janela, estava escuro ainda, procurou o relógio de bolso sobre o criado mudo, mas não conseguiu ver as horas.

Levantou-se de um salto, acendeu o lampião e ainda seminu abriu a porta.

— Soldado Messias! — exclamou ele com raiva — O que aconteceu? Que horas são?

O rapaz à sua frente estava esbaforido e lutava para recuperar o fôlego.

— Doutor Delegado! Aconteceu um crime! — depois olhando o próprio relógio — São quatro horas da madrugada.

— É, um crime, provavelmente é isso o que o fez me acordar de madrugada.

— Senhor, foi um crime bárbaro! — exclamou o soldado assustado.

— Conte-me enquanto me visto. — pediu o Delegado, notando o quanto o soldado estava realmente assustado.

O soldado sentou-se em uma cadeira, ainda tremendo.

— Eu mesmo fui o primeiro à chegar. Um senhor veio até a delegacia às três horas da manhã, estava desesperado dizendo que o filho tinha sido morto no berço. Eu fui com o soldado Santos investigar. Foi lá no final da Rua do Barão de Itamaracá, bem nos limites do Parque Amorim. O lugar é tenebroso, Delegado, parece uma história de terror, escuro que nem breu, e hoje estava noite sem lua... não tinha viva alma na rua...

— Desembucha logo Messias. — explodiu o Delegado, já imaginando a dor de cabeça que teria.

— A casa estava quase caindo aos pedaços de tão velha, do tempo da minha avó. Santos ficou tomando nota e cuidando da mulher que chorava sem parar. Eu fui direto para o quartinho com o homem... — nesse momento o rapaz engasgou emocionado, o Delegado parou de abotoar a camisa e olhou para ele, viu que o soldado tremia e os olhos estavam esbugalhados.

— Bem, bem, Messias. Calma. Tome um pouco d'água e respire fundo.

O rapaz bebeu e parou por uns momentos fechando os olhos, depois recomeçou.

— Nunca tinha visto algo daquele jeito Delegado, foi horrível.

— Imagino que sim. Crimes violentos sempre são terríveis.

— Mas aquele... o corpinho estava irreconhecível, a garganta estava toda rasgada, mas não havia muito sangue pelo berço. A janela estava aberta, mas dava para um barranco com um córrego, não tinha como alguém entrar por ali...

— Bem, vamos! Estou pronto. Mande alguém avisar o Doutor Romão.

Messias correu à delegacia enquanto o Delegado seguia de caleça.

O caminho estava escuro e a falta da lua fazia a luz dos lampiões à gás derramar-se de forma fantasmagórica sobre o cenário que passava correndo aos olhos do Delegado.

A caleça parou na entrada da rua, agora já iluminada pela luz que brotava das outras casas dos vizinhos, todos acordados e olhando com avidez na esperança de descobrirem alguma coisa.

O Delegado atravessou o caminho tortuoso entre as pessoas e casas e afinal parou na entrada da cena do crime.

Um homem já idoso estava parado à porta, silencioso e com o olhar perdido e choroso.

— Boa Noite! — cumprimentou o Delegado — Sou Mauro Reis, Delegado. O senhor é o pai da vítima?

O olho o olhou por um momento, perdido em pensamentos.

— Sim, meu nome é José Genuíno dos Santos.

— Pode me mostrar o local onde está o corpo? — pediu o Delegado.

O homem o conduziu em silêncio pelo interior da casa.

O lugar era frio, tinha um odor indefinido de mofo e podridão que parecia vir das paredes.

Uma umidade forte levantava-se do chão.

Não havia muitas janelas na casa, um lugar totalmente insalubre — pensou o Delegado.

O quartinho era pequeno, também cheirava à mofo e umidade, mas outro odor, indefinido e forte, sobressaía-se.

O delegado não conseguiu identificá-lo, não era o odor do sangue, pois como pôde investigar detidamente, havia pouco ou quase nenhum sangue no local ou mesmo no berço onde a criança havia sido morta.

Era como um odor de suor humano, porém mais acre, mais sutil.

Então olhou para o berço e ficou chocado.

O corpinho estava quase branco como papel e a pequena garganta exangue estava lacerada de forma que quase podia ver a pequena coluna, os braços continham marcas roxas fortes e havia um vergão sobre o peito.

O delegado ficou ali, parado, estupefato com a visão hedionda.

Quando conseguiu tirar os olhos do pequeno corpo, olhou ao redor do quartinho, não parecia que houvera nada ali, tudo estava no seu lugar, não havia marcas no chão, fosse de homem ou animal, mas a luminosidade também não ajudava, pois as velas iluminavam pouco. Mentalmente anotou que deveria voltar ali durante o dia para examinar melhor.

Foi até a janela, dali viu o barranco alto que havia logo abaixo dela e o rio que corria mais além.

Não havia possibilidade de um homem atravessar aquele barranco e entrar pela janela.

Tinha quase certeza de que, ou um animal havia entrado e morto a criança ou foi alguém que entrou pela porta.

Virou-se para o pai:

— Como o senhor descobriu o corpo?

— Foi minha mulher, ela escutou um barulho e veio ver e encontrou o pequeno assim. — contou o homem com voz rouca.

— Que barulho?

— Um barulho de soluço ou choro. O pequeno chorava muito de noite, queria mamar, mas ela custava a acordar...

— Ela não viu ninguém no quarto?

O homem titubeou...

— Ela estava gritando quando eu entrei, quando perguntei o que tinha acontecido ela começou a gritar sobre uma capa ou pano que tinha caído pela janela, achei que ela estava ficando louca por causa do pequeno e não dei muita atenção.

— Uma capa? Não entendo...

— Ela disse que tinha visto uma capa preta na beirada da janela e que a capa tinha caído no rio, fui olhar, mas não tinha nada.

— Ela não viu ninguém saindo do quarto? Vocês escutaram algum barulho na porta da frente?

— Não tinha ninguém mais na casa.

— Vocês têm outros filhos?

— Sim, temos mais quatro, mas eles estão na casa da avó.

Neste momento o Delegado ouviu uma batida na porta e olhando viu um homem alto entrar.

— Boa madrugada, Delegado Mauro — saudou o homem, com uma capa negra e uma grande valise na mão.

— Boa madrugada, Doutor Romão.

— O que houve? — perguntou o médico.

— Infanticídio. — explicou o Delegado mostrando o pequeno corpo no berço. — Preciso de uma investigação minuciosa para identificar um possível animal que atacou a criança, ou, se não foi animal, qual objeto foi utilizado para causar a morte.

O médico aquiesceu com a cabeça e abrindo a maleta sobre uma mesa pequena no canto do quarto começou a trabalhar.

O Delegado deu um suspiro e pensou na mãe... ainda teria que conversar com ela...

*

Sentou-se atrás de sua mesa de mogno e olhou novamente para os garranchos do soldado Santos.

Não tinha como decifrar aquilo.

Foi até a porta e gritou para fora:

— Dona Lisaura, chame o Santos e peça pra ele ler todo o relatório dele enquanto a senhorita passa a limpo. Quero o resultado de tarde na minha mesa!

Entrou e sentou-se, caso difícil esse. Mas tinha que terminar logo com ele ou passá-lo adiante, pois o Chefe de Polícia estava no seu pé com o caso dos desaparecimentos, afinal já eram umas vinte pessoas sumidas lá pros lados do bairro do Zumby.

Levantou-se e tirou do bolso um maço amarelo de cigarros, os famosos Leão do Norte com papayna, e olhou distraidamente a figura do leão estampada no maço.

Certamente poderia ter sido um animal, talvez um rato ou uma ratazana. Pra entrar daquele jeito na casa, pela janela aberta, e atacar a criança indefesa no berço, mas tinha tão pouco sangue... Se fosse um rato certamente teria deixado tudo sujo e cheio de marcas de patas...

Acendeu um cigarro e tragou com força.

O cheiro fazia-o lembra-se de algo...

Alguém bateu à porta.

— Entre.

O corpanzil do médico passou pelo umbral.

— Bom dia, Mauro.

— Bom dia, Romão. Dê-me boas notícias, por favor.

O médico colocou a valise sobre a mesa, mexeu em alguns papéis e olhou o delegado com o rabo dos olhos, negaceando o momento.

— Vá lá, me fale, não me deixe nesse suspense... — pediu o delegado.

— Muito bem. Verifiquei o corpo, estava quase sem sangue. A mordedura...

— Então foi uma mordida... um animal... — adiantou-se o delegado.

— Me deixe terminar, homem! — disse o médico sobressaltado — Como disse, a mordedura foi forte e quebrou a espinha, a criança morreu dela. Não sei o que foi feito do sangue, posso apenas presumir que o animal o bebeu.

— E de que tipo de animal estamos falando?

— Preciso conversar com um colega ainda, um naturalista da Corte, mas acredito que seja um morcego. Só não posso explicar a força da mordida pra quebrar a espinha da criança.

— Morcego? Que tipo de morcego? Um morcego seria capaz de fazer uma coisa dessas? — falou o delegado incrédulo.

— Um tipo grande, delegado. A mordida tinha uma polegada de diâmetro, o que sugere que era um tipo grande. Deve ter entrado e saído pela janela. Eu mesmo não conheço nenhum tipo tão grande assim, mas não sou expert nisso nem mesmo tenho muito conhecimento sobre ataques de animais.

O delegado ficou em silêncio durante alguns segundos.

— Morcegos não atacam pessoas, não saem por aí rasgando gargantas, Doutor. Isso eu sei!

— É a única explicação que tenho, não consegui retirar mais nada da cena do crime. Vou levar algumas amostras que coletei do que parecia ser saliva para examinar, mas tenho quase absoluta certeza.

— Não poderia ser um rato ou ratazana?

— Não. — disse o médico categórico. — Ratos não atacam a garganta, teriam mordido nas partes moles e haveria muito sangue no local. Já morcegos podem lamber o sangue e anestesiá-la vítima enquanto o fazem.

— Bem, este fez depressa demais. Falei com o pai e com a mãe e ambos me disseram que quando ela escutou o barulho da criança levantou-se e veio ver.

— Também me permiti conversar um pouquinho com a mãe, delegado, pois a criança estava com um problema de desnutrição. — sorriu o médico com um olhar cínico — Ela me disse que achava que ouvira um barulho, tentou acordar o marido, e depois de algum tempo levantou-se para ver o que era. Imagino que a sonolência e o adiantado da madrugada devem tê-la feito imaginar que havia se passado pouco tempo quando na realidade dever ter se passado muito tempo.

— Ora, ela não me disse nada disso. — reclamou o delegado.

— Certamente se sentiu mais à vontade comigo. — sorriu o médico outra vez cínico — Ou quando conversou com você não queria que pensasse que ela poderia ter sido negligente com o filho. Afinal você é o delegado e muitas vezes já vi esse seu olhar intimidando as vítimas...

— É pode ser isso. — falou o delegado desconversando — Mas se for um morcego teremos que conversar com o pessoal do Controle de Insalubridade. Algumas destas casas velhas são verdadeiras arapucas.

— Sim, aconselho à pedir-lhes que façam uma vistoria em toda aquela área, principalmente a beira daquele riacho, é um lugar propício para animais dessa espécie.

— Preciso que me confirme com este seu colega.

— Posso fazer melhor. Ele é um professor além de naturalista. Estou indo visitá-lo de tardezinha, não quer me acompanhar?

— Muito bem. Iremos juntos. — concordou o delegado.

*

No final da tarde o delegado tomou uma calça com o médico e seguiram para a casa do naturalista.

— Como é o nome dele?

— Chama-se Selmo Rovardi, é português, mas já viajou por quase todo o mundo. Contou o médico. Voltou recentemente de uma de suas viagens à África. A família é muito abastada e ele é filho único, mas é muito confiável. Dedicou sua vida à estudar o mundo natural e tem uma predileção por animais noturnos.

O lugar era um sobrado grande, situado perto de um campo na esquina da Avenida Júlio de Mello com a Rua da Conceição, sendo um dos mais belos exemplares de arquitetura característica da velha aristocracia rural do Recife Antigo.

Grandes castanheiras e jequitibás rodeavam o sobrado, ensombrecendo até mesmo as janelas mais altas.

Os altos mourões do portão faziam sombras mais pretas sobre os degraus da porta.

O médico tocou a campainha, um som de carrilhão os assustou.

Minutos depois a porta era aberta.

O homem que os atendeu era alto, quase um metro e noventa, silhueta hirsuta, cabelos negros e pele bem alva, os olhos eram negros como carvões, os lábios finos entreabriram-se em um sorriso quando reconheceu o médico.

— Meu caro Doutor Romão, que prazer em revê-lo. — disse o personagem apertando efusivamente a mão do médico com uma força incomum, o timbre da voz intimidou um pouco o delegado.

— O prazer é todo meu, caro amigo. Este é o Doutor Mauro Cassiano dos Reis. — apresentou o médico.

— Muito prazer, Doutor Cassiano. Qual é a sua área?

— Criminalística, meu caro. — explicou o delegado — Sou Delegado aqui em Recife Velho.

O semblante do outro pareceu nublar-se por um momento, mas logo serenou.

— A que devo visita tão ilustre? Venham, acompanhem-me em um licor.

Ele os conduziu pela casa.

Passaram pelo vestíbulo que era todo de mármore de Carrara com belas colunas artísticas e uma arquitrave, adornado de estátuas gregas e floreiras de mármore branco.

Depois entraram no salão de visitas, de cujo teto pendia um rico lustre de bronze avermelhado e cristal, deslumbrava pela riqueza de detalhes, no chão um rico tapete hindu de borlas douradas, reposteiros de seda carmim, espelhos de cristal em moldura de madeira de Pau Brasil e mobília de jacarandá preto com aplicações de bronze chinês.

Um grande piano “Pleyel” sobressaía-se em um canto.

O anfitrião os serviu com um licor transparente em pequenas taças de cristal avermelhadas.

— Provem! — disse ele com um sorriso levantando sua taça.

Provaram, era como um fogo líquido que queimou a garganta do delegado até quase lhe saírem lágrimas dos olhos. O sabor era inconfundível e delicioso.

— É um licor raro de uvas brancas, feito na Grécia! Sentem-se senhores.

O delegado escolheu uma cadeira de espaldar alto, o médico sentou-se em uma espreguiçadeira clássica.

— Meu caro, sabendo que é uma sumidade como naturalista e que conhece uma quantidade maravilhosa de animais resolvi trazer meu colega, o Doutor Mauro, para que possa ajudá-lo em um caso recente.

— Em que posso ajudá-lo, delegado?

— Na madrugada de hoje tivemos um incidente, um infanticídio, deveras fora do normal. — contou o delegado, e descerrou os detalhes mórbidos do caso.

Quando terminou, o anfitrião olhava pensativamente para o teto.

Levantou-se, serviu-os com mais um cálice de licor e disse:

— Que coincidência esta! Minha especialização como naturalista é exatamente os morcegos, e mais detidamente os da espécie *Desmodus*, os que se alimentam de sangue.

— Bem, certamente não de sangue humano, não é? — perguntou o delegado.

— Não. Na realidade *Desmodus* é um gênero de morcegos da família *Phyllostomidae*, da qual faz parte o *Desmodus rotundus*, vulgarmente conhecido como morcego-vampiro, é uma das três espécies de morcegos hematófagos, que além de atacar aves ataca também mamíferos, na maioria das vezes de médio ou grande porte. Raramente ataca o homem, com exceção de alguns sítios de lugares isolados e geralmente próximos à matas e florestas virgens. O que o faz pensar que foi um morcego?

— Bem, havia apenas a janela aberta e abaixo dela existe um barranco alto e o rio que corria mais além. A porta da frente estava trancada segundo o pai e a mãe da vítima. Um homem não poderia entrar por aquele lugar. Um animal teria que possuir asas, claro que poderia ter sido um rato ou ratazana, mas o doutor aqui descartou a hipótese por causa do volume de sangue encontrado no corpo e no local. A falta de sangue no corpo pressupõe que foi ingerido pelo agressor. Cumpre apenas fazermos a dedução dos fatos, e neste caso somos levados a acreditar que o agressor era um morcego, de tamanho razoavelmente maior do que o normalmente encontrado na natureza, segundo o doutor.

O anfitrião mexeu-se inconfortavelmente na cadeira.

— Bem, então devo contar-lhe um fato que certamente poderá lhes elucidar o que aconteceu. Os *Desmodus rotundus* foram primeiro classificados por Gray em 1825, mas ele não possuía todos os dados que coletei aqui e na bacia amazônica. Meu levantamento nesta área de floresta somente ao redor de Recife Velho e seus povoados mais próximos registrou vinte e cinco espécies distribuídas em suas famílias, inclusive com abundância do *Desmodus rotundus* e *Sturnira tildae*, ambos sugadores de sangue, os da família *Pteronotus gymnotus* recentemente documentada por Saussure em 1860 e os das famílias dos *Cynomops planirostris* e *Promops nasutus*, todos insetívoros, documentada por Gervais em 1856. Em minha expedição à Amazônia fiz descobertas maravilhosas sobre a espécie. Mas pensando melhor, eu lhes mostrarei, venham comigo.

O anfitrião os levou por um corredor comprido, que seguia para os fundos do sobrado.

Atrás do sobrado havia um largo jardim cheio de rosas e samambaias, tulipas e uma pequena estufa ao fundo, para lá se encaminhou o homem.

A estufa estava cheia de plantas exóticas, algumas totalmente desconhecidas da botânica da época.

No fundo da mesma encontraram-se na frente de uma porta de madeira, abrindo-a o anfitrião os conduziu por uma escadaria de pedra, para o interior da terra.

O porão úmido e terroso era muito largo, como um vasto salão, em cujo centro havia uma mesa larga de pedra e em cujas paredes havia diversas jaulas compridas e largas.

O anfitrião acendeu uma lamparina de óleo e seus dois convidados se assustaram.

Nas jaulas ao redor do salão subterrâneo havia, visíveis, pelo menos cinco dezenas de morcegos, dependurados em incrustações pelo teto das jaulas.

Alguns pequenos, com não mais que nove centímetros de corpo, a maioria na realidade, outros, porém, com cinquenta centímetros, apenas uma dúzia, e outros ainda, bem maiores, um casal, com quase um metro de tamanho.

— Vejam, senhores, a maior coleção de morcegos da espécie *Desmodus* em cativeiro. Orgulho-me dela, pois demorou muito para que eu pudesse montá-la e fazê-la progredir.

— Realmente, Senhor Rovardi, é uma bela coleção. — disse o delegado ainda espantado — Mas como ela pode ajudar a resolver o nosso caso?

— Bem, doutor Delegado, há mais ou menos um ano atrás eu possuía um empregado, Severino acho que era seu nome, ao chegar das aulas noturnas que leciono na escola aqui perto ele me disse que havia deixado um de meus *Desmodus draculae* escapar enquanto estava alimentando os animais. Até fiz queixa na época, porque o rapaz também sumiu e achei que ele tinha roubado meu animal.

— Ele deixou um dos morcegos escapar? — perguntou o delegado aflito.

— Sim, mas hoje não tenho mais este problema. Eu mesmo os alimento e limpo as jaulas. Sabe como é, se quer um serviço bem feito faça você mesmo!

— Sim, compreendo, mas me conte melhor o que aconteceu.

— Ele veio fazer a alimentação noturna dos meus maiores espécimes. — disse o Sr. Rovardi aproximando-se da maior jaula onde estavam os exemplares de maior tamanho — O orgulho de minha coleção.

Ele aproximou a mão das barras da jaula e uma das criaturas veio sorrateiramente, quase como se planasse, sem fazer nenhum som, e colocou a cabeça próxima à mão do homem.

O delegado sacou da arma, pronto para o ataque.

— Não se preocupe Doutor Cassiano, ela não me atacará. Está bem alimentada e me conhece desde que nasceu. Na realidade ela é meu maior triunfo, pois foi gerada em cativeiro por dois outros que capturei na natureza, em uma viagem que fiz à foz do Rio Amazonas, uma viagem memorável, talvez lhe conte qualquer dia destes. Os pais já faleceram, mas ela continua me fascinando. O que me foi furtado era seu irmão mais jovem. Como ambos nasceram em cativeiro o senhor pode imaginar o quanto fiquei triste quando ele me foi furtado. Mas parece que voltou.

— Como assim?

— O rapaz que o furtou, eu o localizei há uns três meses atrás em Santa Cruz da Serra, ele me disse que tinha levado o animal para lá e que ele tinha lhe escapado. Certamente ele está tentando voltar para cá, mas não está encontrando o caminho e como foi criado a vida inteira em cativeiro não sabe como caçar e se alimentar.

— Está me dizendo que aquilo que matou a criança era um animal de estimação que escapou? — perguntou o delegado espantado.

— Sim, delegado! Exatamente isso. O senhor simplificou, mas é basicamente isso mesmo. Posso ajudar na captura do animal se quiser, pois muito me interessa trazê-lo de volta pra minha coleção.

O delegado pensou por um momento.

“Sim, claro que seria muito útil, poderia resolver este caso rapidamente e voltar para o caso dos desaparecimentos no qual estava trabalhando há algum tempo.”

— Certamente que podemos usar sua ajuda senhor Rovardi. — concordou o delegado — E mais uma coisa, não queremos que isto se espalhe pelos jornais, senão poderíamos criar pânico pela cidade. O senhor será nosso médico ajudante e poderá trabalhar conosco no caso.

— Certamente delegado. — concordou o anfitrião com um sorriso genuíno.

Episódio 2 – Desaparecimentos

“Eu quero que você acredite... que acredite em coisas que você não pode.”

— Bram Stoker, Dracula

1890, meados de fevereiro, Recife Velho, Fazenda do Poço dos Patos.

A Fazenda do Poço dos Patos estava situada entre a Serra do Mar e o baixo Rio Negro, suas margens no leste faziam divisa com os limites municipais da cidade de Recife Velho e era em suas terras, nos píncaros da Serra da Jacarará, que nascia o Rio das Capivaras, que cortava toda a região e desembocava no mar, atravessando a cidade de Recife Velho com seus dedos compridos.

Possuía uma área aproximada de mil e quinhentos alqueires e era inteiramente dedicada à criação de gado e à caça esportiva.

Na região abundavam quase todas as espécies de animais selvagens e aves, principalmente os tipos de veado-campeiro e veado-galheiro, daí o intenso interesse na caça na região, cujas caçadas eram organizadas pelo proprietário o Tenente-Coronel Alvo Alcântara da Cunha, Barão de Suassuna.

Para estas caçadas famosas o Barão dispunha de excelente cavaldada, boas selas, numeroso canil formado pelos melhores cães veadeiros da região e mateiros e homens do mato especialmente habilitados na condução da caçada com suas trombetas e buzinas.

O Barão acordou bem cedo, quase antes do nascer do sol, vestiu o gibão de caça e as calças de couro, colocou o chapéu de abas largas. O convidado era muito importante, o Conde da Ilha da Coroa Vermelha, um alto dignatário da Nova República recém criada no ano anterior.

Saiu para a varanda, homem alto que era, olhava o mundo todo de cima, o sol começava a despontar e seus raios brotavam por cima das copas dos jacarandás, perobas e jequitibás que cercavam o grande sobrado sede da fazenda.

A passarada desandou a cantar e logo os empregados já passavam de um lado para o outro, azafamados com os trabalhos de preparação da caçada.

João Jalapão, mateiro de longa data, trouxe a cachorrada, atrelada de dois à dois para o pátio ao lado do casarão, onde já estavam os cavalos dos ilustres participantes.

Já haviam sido despachados os outros mateiros dois dias atrás, para colocarem as “esperas” pelos carreiros e caminhos da caça.

Logo outra silhueta bem menor assomou quase sem fazer barulho ao lado do Barão.

— Bons dias, senhor Conde! — cumprimentou ele.

O pequeno homem destacava-se pelo nariz adunco e o busto pétreo, seus olhos eram como os de uma águia e seus cabelos negros e finos eram bem penteados e engomados.

Estava vestido com um gibão de couro preto e calças folgadas, e trazia na mão um chicote de montar.

— Bons dias, Barão. — falou o Conde secamente.

— Vosmecê já está pronto, Conde?

— Sim, podemos sair já se quiser.

— Ótimo, vou aviar os cavalos. — falou o Barão secamente.

Realmente, pelo pouco que conhecera do homem, o Barão já antipatizava com o mesmo, aquele ar de superioridade e orgulho era difícil de engolir.

O Barão, perdido em pensamentos, estava a arrumar uma sela e apertar uma ilharga do seu cavalo baio quando viu um vulto andando pelas bordas do pátio, reconheceu logo quem era, era Pai Antônio, afamado feiticeiro daquelas bandas, irou-se como fogo em palha, pois já havia dito inúmeras vezes que não queria o labrego praticando suas mandingas perto do casarão.

Já foi ameaçando de longe:

— Pai Antônio! — trovejou o Barão — Já não o avisei para não vir para estas bandas?

O velho negro tremeu todo ao ouvir o vozeirão do Barão, mas se manteve firme, virou-se e olhou o homem nos olhos.

O Barão estranhou, pois nunca antes o feiticeiro o havia peitado, mas continuou seu caminho e parou à frente do velho.

— Então, não vai nem inventar uma desculpa para dizer o que veio fazer aqui? — completou o Barão asperamente.

— Eu vim... avisá-lo, Barão.

— Avisar? Me avisar? Avisar de que?

— Os espíritos da mata estão quietos, com medo de uma coisa quem vem andando para estes lados...

— Uma onça? Ótimo, adoro caçar onça! — riu-se o Barão.

O velho olhou-o mais profundamente com aqueles olhinhos pretos como bolas de gude até o Barão parar de rir.

— Vosmecê sabe que sempre lhe disse a verdade. Tem um bicho novo na mata e não é do tipo que se caça, mas ele sim é caçador...

— Um bicho novo, hein? Não vai me dizer que é aquela história de Mapinguari de novo? Não? Melhor, teremos uma caçada que ninguém nunca viu antes.

— Ele é mau, Barão! É bicho mau. Vi sangue na mata. Cuidado!

O Barão pestanejou por um momento.

— Ah, nem mesmo você me mete medo, Antônio. Vá descansar e fumar seu cachimbo que vou caçar! — disse o Barão balançando a cabeça em descrédito e rindo sozinho.

O velho afastou-se em silêncio, olhando para trás de vez em quando.

Outra sombra menor observava o estranho colóquio.

O Conde saiu de detrás da quina do casarão, e devagar e com um olhar matreiro, seguiu os passos do velho.

Meia hora depois o Barão subiu à sela de seu baio enquanto o Conde se firmava na sela de um alazão bem ao seu lado.

— Confortável Conde? — perguntou o Barão com um sorriso cínico.

O Conde o olhou com olhar estranho, como se soubesse de algo que não deveria saber, mas respondeu sorrindo:

— Claro, Barão, muito confortável. — disse ajeitando ao ombro sua carabina Winchester de ação por alavanca recém chegada do estrangeiro.

— Então vamos! — disse o Barão dando um grito de aviso para o grupo e ajustando a alça de sua Carabina Spencer no ombro.

Os mateiros saíram na frente soltando a cachorrada que enveredou pelos caminhos já conhecidos para os campos de caça.

Os acompanhantes do Barão e do Conde, quase uma dezena de jovens da fina flor da aristocracia de Recife Velho, seguiam logo depois dos dois, a maioria à pé, trazendo uma espingarda ou binóculo, alguns à cavalo, entre estes últimos estava um jovem alto e bonito, filho mais novo do Prefeito, trazia consigo um mosquete britânico do tipo Brown Bess, que seu tio havia utilizado na Guerra do Paraguai e era seguido por dois colegas do colégio militar.

O grupo de caça entrou pela mataria.

O dia logo esquentou e a mata ficou quente e abafada.

Os cavaleiros desceram dos cavalos e prosseguiram à pé boa parte do tempo.

O Barão prestava atenção à cada detalhe, precisava manter os olhos naquele Conde, pra não ter problemas.

Tinha a certeza de que até o fim do dia este ainda meter-se em sarilhos.

Chamou Jalapão:

— Fique de olho naquele ali — disse o Barão sem querer pronunciar o nome do Conde pra não lhe chamar a atenção — Ele é daqueles que gostam de se meter em ninho de marimbondos.

Jalapão acenou com a cabeça, conhecia bem aquele tipo também, faria de tudo para conseguir um bom troféu e ia acabar se metendo em confusão.

Erraram a manhã inteira pela mataria das redondezas da fazenda.

O Barão já estava todo vermelho e com um humor dos diabos.

O tal Conde havia desarmado quase todas as esperas que os mateiros tinham colocado, tornando a caçada um desespero total para o Barão.

O homenzinho corria com o cavalo e pisava sobre as esperas ou então fazia questão de pegar as mesmas na mão, desmanchando tudo.

Lá pelo meio do dia ele voltou-se para o Barão:

— Senhor Barão, que é feito dos tantos animais que me disseram que havia por aqui? Ainda não vi sequer um faisão ou uma onça?

O Barão, lutando para não soltar os cachorros em cima do almofadinha disse bem devagar:

— Devemos ter espantado a caça toda com essa tropa barulhenta que nos segue. — e apontou para os rapazes que vinham logo atrás, alguns falando alto outros rindo.

Realmente o Conde deu uma boa olhada e contra-atacou:

— Muito bem, então vou escolher um pajem e vou caçar sozinho se me permite.

O Barão ficou sem saber o que dizer.

Se dissesse não corria o risco de provocar um incidente com aquele homenzinho arrogante, mas se dissesse sim e o tal se perdesse por aí poderia ser ainda pior.

Foi Jalapão que o salvou:

— Barão, se me permite a ousadia... — perguntou ele olhando para o Barão como quem sabe o que fazer.

O Barão pegou a chamada:

— Claro, meu caro Conde. Eu, porém recomendo levar o Jalapão aqui, que é meu melhor mateiro e sabe caçar de olhos fechados no escuro.

O Conde olhou para o mateiro de alto à baixo e acabou concordando.

— Muito bem, mas vou levar aquele ali também. — disse apontando para o filho mais novo do Prefeito.

O Barão gelou e quase disse não, mas o rapaz ouvira e se entusiasmara:

— Vou sim senhor Conde.

O Barão puxou Jalapão de lado e recomendou com brasa nos olhos:

— Veja lá onde leva o homem, Jalapão, não se meta pros lados da Serra da Jacarará, lá é lugar ruim de ir nessa altura do dia.

— Pode deixar patrão, vou levá-lo para caçar lá pras bandas do rio, onde tem muita caça pequena. — falou piscando um olho.

O Barão ficou um pouco mais tranquilo, mas lembrou-se das palavras de Pai Antônio quando viu os três sozinhos se embrenhando na mata.

“Tomara Deus que nada lhes aconteça.” — pensou ele se benzendo, sem se lembrar das palavras de Pai Antônio.

*

Os três tomaram o rumo sul e depois oeste.

Jalapão conduziu o Conde para as barrancas do Rio das Capivaras.

Ali estava cheio de caça miúda, aves e pequenos mamíferos como capivaras e lontras.

Mas quando o Conde viu o rio serpenteando pela sua frente como animal indomado foi logo dizendo:

— Não é pra aqui que quero vir — e apontando pros cabeços das serras disse num tom forte – É lá que vosmecê vai me levar, mateiro!

Jalapão engoliu em seco quando olhou o lugar.

Lá ele não iria de jeito nenhum naquela hora do dia.

Era lugar danado de ruim pra se caçar.

Só tinha onça e bicho traiçoeiro explicou ele.

— Mas é isso mesmo que quero. — disse o Conde sorrindo — Quero um troféu digno dessas terras selvagens. Vamos pra lá.

E sem esperar esporeou o cavalo que com o susto deu um pinote pra frente e saiu em desabalada carreira pelo meio daqueles matos.

Jalapão e o rapaz seguiram no encalço do Conde.

Quase meia hora mais tarde o encontraram, com os fundilhos todos sujos, pois tinha sido alijado para fora da montaria, e à pé, pois o cavalo havia saído em debandada e voltado pra fazenda.

Mas o homenzinho não desanimava.

Estava todo extasiado, pois encontrara um rastro fresco na barranca de um regato próximo.

— Vosmecês demoraram demais, já ia seguir o rastro sozinho. — disse ele mostrando.

Jalapão aproximou-se e olhou:

— É rastro de jaguaretê. — disse o mateiro pensando na sorte que o homenzinho tinha de encontrar uma coisa assim ali na mata. — E dos grandes!

— Ótimo, vamos segui-lo. Quero colocar a carantonha dele na minha parede. — disse o Conde.

O rapaz, até então estava apenas imaginando das uns tiros em um faisão ou capivara, mas onça era demais pra ele.

— Acho que vou voltar. — disse ele meio inseguro.

— Qual o que, vai seguir conosco até o fim rapaz. — disse o Conde — Onde já se viu o filho do Prefeito dar de volta com o rabo entre as pernas por causa de uma oncinha de nada? Deixe disso que vou lhe ensinar como se mata um bicho desses.

O rapaz ficou em silêncio, porém desmontou e seguiu com os dois.

O Conde olhou o cavalo e disse:

— Sabe do que mais, deixe ele voltar pra fazenda também que só vai nos atrapalhar. Quando estivermos perto da onça ele vai sentir o cheiro do bicho e vai acabar fazendo barulho e estragando a caçada.

Jalapão foi contra, mas o Conde bateu o pé e o cavalo foi solto e acabou voltando para a fazenda.

Andaram atrás dos rastros da onça até quase o cair da tarde.

Jalapão sabia que os rastros os estavam levando para a Serra da Jacarará.

A luz começou a minguar.

O sol estava se pondo já.

O Conde não dava mostras de querer voltar, mas Jalapão sabia que se continuassem seria perigoso demais.

O pôr do sol veio devagar e cobriu aquelas terras todas com seu manto de crepúsculo!

Subitamente eles escutaram um miado alto e grosso.

Voltando-se eles viram um jagaretê enorme todo preto com os olhos faiscando, montado em um galho baixo de uma árvore próxima.

A onça miava e silvava como se estivesse assustada e sempre voltada na direção deles.

Jalapão nunca havia visto nada parecido com aquilo antes.

O bicho estava com mais medo deles do que eles dele.

O Conde estava maravilhado com a expectativa de um troféu.

O rapaz viu alguma coisa diferente no meio da mata bem atrás deles e retrocedeu para olhar melhor, era como uma sombra maior e mais densa que as das árvores ao redor.

Ela estava como que dependurada em uma árvore mais baixa como uma capa rasgada levada pelo vento, enquanto o rapaz olhava ela escorregou pelo tronco como se descesse em sua direção.

Foi então que tudo aconteceu bem rápido.

O Conde levantou sua carabina winchester e disparou à queima roupa sobre a onça negra, que soltou um urro tremendo e pulando do galho fugiu em disparada pela mata na direção contrária à eles.

Ouviram outro estampido forte, do Brown Bess, e voltando-se olharam para trás e viram o rapaz uns cinco metros distante deles atirando para o que parecia ser um retalho de tecido escuro que planava em sua direção.

Depois que tudo aconteceu o Conde lembrou-se que parecia uma capa negra e dela brotara alguma coisa que tragara o rapaz e o levava consigo.

Jalapão teimava em dizer que havia sido uma alma que levava o rapaz.

Fato é que segundos depois o rapaz desaparecera das vistas deles e por mais que o procurassem não conseguiram nunca encontrá-lo.

A manhã seguinte os encontrou vagando quase perdidos pelos lados da Serra da Jacarará.

O Conde, desesperado, culpava-se pelo desaparecimento do rapaz.

Retornaram à sede da Fazenda.

Lá o Barão, horrorizado com o fato, organizou grupos de busca e vasculharam todas as terras até quase as nascentes do Rio das Capivaras, mas o filho mais novo do Prefeito não foi mais visto.

*

Dois dias depois o delegado Mauro e o soldado Messias, acompanhados por uma pequena tropa desembarcaram na Fazenda do Poço dos Patos.

O próprio Barão os estava aguardando.

O delegado notou que ele estava bem abatido e magro.

— Bom dia senhor Barão — disse Mauro com um aperto de mão.

— Bom dia delegado Mauro. Vejo que não trouxe muitos homens. — disse o Barão em um tom seco.

— Não realmente, senhor Barão. Não viemos para fazer uma busca, mas sim para colher provas e tomar depoimentos.

— Espero poder responder à todas as suas perguntas. — disse o Barão.

— O senhor não estava presente na hora do fato?

— Não, apenas o Conde da Ilha da Coroa Vermelha e um empregado meu chamado Jalapão. O Conde está na sala de chá e o outro já o mandei chamar e estará aqui logo.

— Muito bem, vamos ver o que o Conde tem a nos contar. — disse o delegado sorrindo — Será que meus homens podem dar uma pequena busca aqui na sede da fazenda? Interrogar os empregados?

O Barão pareceu ofender-se:

— O senhor acredita que vai conseguir encontrar o rapaz aqui? Se ele estivesse aqui eu não estaria neste terrível estado de nervos.

— Peço desculpas, senhor Barão, porém preciso colher algumas provas. Me diga, todos os mateiros que acompanhavam a caçada são seus empregados?

— Sim, todos eles! Já os mandei chamar como foi pedido em seu telegrama. Também já fiz a lista de todas as pessoas que estavam visitando a fazenda naquele dia.

— Ótimo. O Soldado Messias vai interrogá-los. Vamos ver o senhor Conde então! — pediu o delegado.

Entraram na casa grande.

O lugar era opulentamente rico, cheio de estátuas de mármore e tapetes caros de tipos diversos, quadros e um grande piano inglês do tipo Espineta no segundo salão.

O Conde da Ilha da Coroa Vermelha os esperava mergulhado em uma chávena fumegante.

O delegado notou uma pequena garrafa de líquido transparente perto da mesa principal.

— Bom dia senhor delegado. — disse o Conde sem se dar ao trabalho de levantar — Sente-se comigo e tome um pouco de chá enquanto conversamos.

— Bom dia Conde. Infelizmente não bebo quando estou à serviço.

— Nem mesmo chá? — perguntou o Barão.

— Sim. Ele me distrai e não posso me dar ao luxo de ficar distraído neste caso terrível. — disse o delegado muito sério.

Depois olhando para o Conde pediu:

— Conte-me o que houve Conde.

O Conde parou por alguns segundos como se lembrasse então disse:

— Estávamos caçando. Resolvi me separar do grupo principal. O Barão me indicou um mateiro que disse que era muito capaz...

— E ele é capaz. — interrompeu o Barão — Ele é o melhor mateiro que tenho na fazenda. Ninguém consegue rastrear uma caça como ele.

— Bem, e então o que houve? — perguntou o delegado.

— O rapaz, o filho do Prefeito, ofereceu-se para ir conosco. — disse o Conde — Certamente ele queria provar que sabia o que estava fazendo, sim.

— Vocês foram em qual direção?

— O mateiro levou-nos para as margens do Rio das Capivaras, mas eu sei muito bem que margem de rio não é um lugar pra caçar caça boa, portanto mudei o itinerário e pedi para ele nos levar para o sopé da serra.

— Da Serra da Jacarará? — confirmou o delegado anotando.

— Sim. Ouvi que lá é um ótimo lugar para caçar e se não fosse o acontecido teríamos hoje um troféu da melhor qualidade...

— Bem, então me conte o que aconteceu depois?

— Andamos até o sopé da serra e já era noite quando encontramos uma onça preta. — contou o Conde.

O delegado surpreendeu-se:

— Uma onça toda negra? Que raridade!

— Sim — concordou o Conde contente — E chegamos bem perto dela que podíamos ouvir seus resfôlegos. Eu fiz pontaria e atirei. Foi então que o diabo aconteceu!

— Quem? — perguntou o delegado sem entender.

— O homem que raptou o filho do Prefeito. O rapaz tinha ficado uns metros atrás de nós, certamente com medo da onça, e quando eu atirei ele também atirou em alguém, mas o homem foi rápido e jogou um pano preto nele e o arrastou para a mata. Como estava de noite não o vimos mais por mais que procurássemos.

— Vocês estavam sem luz nenhuma?

— Sim, o maldito mateiro não trouxe nenhuma tocha nem um lampião sequer — disse o Conde nervoso.

— Vocês saíram depois do almoço, supostamente deveriam ter voltado antes do anoitecer. — disse o Barão com raiva.

— Como podíamos adivinhar a hora? — perguntou o Conde se exaltando.

— Senhores, senhores. — apaziguou o delegado — Vamos continuar.

— Bem, sei o que vi. — disse o Conde convicto — E eu vi um homem escondido em uma capa preta levar o rapaz para a mata escura. Ele devia ter algum cúmplice esperando por ele, pois tão logo passou o susto nós fomos atrás do rapaz, mas não encontramos nada.

— Estava completamente escuro? — perguntou o delegado tomando notas.

— Sim estava. — confirmou o Conde.

— Vocês não ouviram nenhum barulho de cavalos fugindo?

— Não tinha como um cavalo correr naquela mata fechada. — disse o Conde — Além do que o terreno era fofo demais, um cavalo ali teria quebrado a perna antes de dar um segundo passo.

O delegado finalizou.

— Foi me dito que a arma do rapaz foi encontrada? Foi no local?

— Sim e não. — disse o Conde e vendo a cara que o delegado fez completou — Eu explico: nós a achamos bem distante do local onde ocorreu o sumiço. Na realidade estávamos voltando para a sede da fazenda quando encontramos jogada pelo meio do caminho.

— Posso vê-la? — perguntou o delegado dirigindo-se para o Barão.

— Claro. Eu a guardei à sete chaves. Já a trago. — disse ele levantando-se e saindo da sala.

Foi então que o delegado virou-se para o Conde e perguntou:

— Vocês viram alguma coisa estranha lá? Aconteceu alguma coisa diferente naquele dia?

O Conde ficou em silêncio por um instante e então falou:

— Antes de sairmos aconteceu uma coisa... não sei se é estranha ou não, mas...

— Preciso saber de tudo! — disse o delegado bem sério.

— Muito bem. Quando desci para o pátio o Barão estava conversando com um preto velho sobre um assassino na mata e sobre sangue na mata. Ele não pareceu dar ouvidos à conversa do homem, mesmo assim acredito que o filho do Prefeito está morto e por causa do tal homem.

— Vamos perguntar ao Barão sobre esse preto velho.

— Que preto velho? — perguntou o Barão entrando na sala com o que restava da carabina do rapaz, meio retorcida.

O delegado pegou o objeto e o guardou em um saco.

— O Conde estava me dizendo que antes de saírem na caçada ele o viu conversando com um preto velho e que ele lhe falava sobre um assassino. — explicou o delegado.

O Barão fez que não era com ele.

— Ah, pois é, o pai Antônio. Ele é um preto velho que vive aqui nas terras da fazenda desde a época de meu pai. É muito supersticioso. Qualquer coisa para ele é motivo para armar uma confusão. Ele

não gosta das minhas caçadas, diz que o Curupira ainda vai me cobrar por tudo o que tiro da mata!

— falou o Barão terminando com uma gargalhada de desdém.

— E o que ele queria no dia da caçada?

— Ele queria me dizer que tinha uma onça grande na mata. Não acreditei porque as onças nunca chegam tão perto daqui da sede da fazenda. Geralmente elas ficam lá para os lados da Serra do Jacarará. — explicou o Barão.

— De qualquer modo quero falar com esse pai Antônio. — disse o delegado — Tão logo eu termine com seu mateiro.

— Podemos falar com ele já, pois ele acabou de chegar.

— Muito bem, vamos lá.

— Acabamos por aqui delegado? — perguntou o Conde.

— Sim senhor Conde. O senhor foi muito esclarecedor muito obrigado.

— Não há de que delegado. Se precisar estarei aqui. Aliás gostei daqui e vou ficar mais uns quinze dias ainda por estas bandas. Ainda quero pegar aquela onça preta.

— Muito bem. — despediu-se o delegado.

Saíram para o pátio.

Lá o delegado viu um homem de meia idade, pele morena como mel queimado, vestido com um gibão de couro amarelado e um chapéu curto também de couro. Tinha uma faca grande na cintura e trazia uma carabina papo-amarelo à tiracolo.

— Este é o Jalapão, delegado Mauro, meu melhor mateiro. — disse o Barão com certo orgulho — Eu confiaria minha vida nas mãos dele!

O delegado apertou a mão do homem, era firme e confiante.

— Bom dia Jalapão. Faz tempo que vosmecê trabalha com o Barão?

— Nasci nessa fazenda douto. Trabalhei pro senhor pai do Barão, douto, e agora trabalho pra ele também.

— Me conte o que aconteceu naquele dia.

— Nós saímos juntos com a cavahada. Ficamos a manhã inteira nas matas ao redor da fazenda. Perto do meio dia o Conde quis seguir sozinho para caçar e o senhor Barão me mandou pra ir junto com ele a modo de ele não se perder. Nós fomos pros lados das barrancas do Rio das Capivaras, mas o Conde queria ir para os pés da serra para caçar uma onça. Então nós acabamos naqueles lados, só que já estava escuro. Ele pegou um rastro de um jagaretê e quis ir caçar o bicho. Nós encurralamos o danado, mas quando o Conde atirou ele errou feio e o bicho fugiu pulando pro outro lado do

caminho. Nesse exato minuto veio um fantasma e levou o sinhozinho filho do Prefeito embora. Não podemos fazer nada porque quando olhamos ele já havia sumido pelo meio da mata escura.

— Fantasmas não existem, Jalapão. — disse o delegado sorrindo — O que foi que pegou o rapaz? Tinha outra onça lá?

— Não era onça. — falou Jalapão com a voz cheia de medo — Nem era homem vivo, era um fantasma. Ele veio da mata escura como um retalho rasgado de pano preto e levou o sinhozinho com ele.

O delegado ficou olhando o homem sem conseguir acreditar naquelas palavras. Então lembrou-se:

— Você conhece um preto velho chamado pai Antônio?

— Conheço! — disse Jalapão.

— Ele falou alguma coisa pra vosmecê antes da caçada?

— Não. Eu não converso muito com pai Antônio. — disse Jalapão.

— Porque não? — inquiriu o delegado.

— Porque ele não é muito bom da cabeça. É meio doido como dizem por aí.

— Muito bem. — disse o delegado — Acabamos por aqui então.

Depois virou-se para o Barão:

— Quero falar com esse pai Antônio.

— Jalapão vai chamá-lo. — disse o Barão dando a ordem.

O delegado interrompeu.

— Prefiro ir até a casa dele.

— É longe daqui, delegado. Eu não vou lá. — disse o Barão fechando a cara — Jalapão o levará lá.

O delegado acompanhou o mateiro.

Em passo rápido saíram do pátio da fazenda e dando a volta no terreno pegaram uma estradinha de terra batida que se embrenhava pelos matos.

Seguiram pela mesma por alguns minutos até uma clareira bem afastada onde ficava um casebre de pau a pique.

— É ali. — disse Jalapão apontando o lugar e parando — Pode ir conversar com ele que eu espero aqui.

— Muito bem. — disse o delegado avançando.

Aproximou-se do casebre e já ia bater palmas quando a porta se abriu.

O delegado viu um preto velho com a cabeça bem branca, fumando um pito de barro com um cabo comprido na porta.

Ele o chamou pela mão e o delegado foi.

— Bom dia seu delegado. — cumprimentou ele numa voz rouca e inconfundível — Eu sou o pai Antônio.

— Bom dia, estou investigando o desaparecimento do filho do Prefeito.

— Eu sei. — disse o preto velho com um sorriso amigável — O pessoal da mata me contou. Em que posso lhe ajudar?

— Fiquei sabendo que vosmecê conversou com o Barão antes da caçada começar e que disse a ele que havia uma onça perigosa na mata.

— Não disse isso não senhor. Eu o avisei que tinha um bicho novo na mata, um bicho caçador, mau mesmo, mas ele não ouviu!

— O Conde disse que escutou vosmecê falar sobre um assassino e sobre sangue na mata?

— Sim eu o avisei que eu tinha visto sangue na mata, não era bom agouro não, mas ele não prestou atenção!

— O que vosmecê quis dizer com isso?

— Ué quis dizer isso mesmo, que haveria sangue na mata antes de findar o dia, é assim que vejo as coisas.

— Vosmecê quer dizer que sabia o que ia acontecer?

— Não, douto delegado. Eu vejo coisas às vezes e elas acontecem às vezes, mas não consigo ver com clareza esse tipo de coisa não. Os espíritos da mata às vezes me mostram. Eles fizeram isso naquele dia e eu avisei o Barão, mas ele não ouviu!

— Espíritos da mata? — perguntou o delegado sem entender.

O preto velho olhou bem para o delegado como se tentasse ver alguma coisa nele com precisão.

— É. O douto não acredita nos espíritos da mata. Mas saiba que eles existem sim.

O delegado Mauro percebeu o porquê das palavras de Jalapão.

— Bem, de qualquer forma obrigado. — disse ele já se virando para ir embora.

— Eu bem que queria poder fazer o douto acreditar... nessas coisas que o douto não consegue, mas está pra lá de mim fazer isso. — disse o preto velho com um sorriso triste.

O delegado voltou-se para ir embora novamente, e ainda ouviu o preto velho dizer:

— Se não acredita em mim procure o velho Hiram que ele pode fazer o douto acreditar.

O delegado ia perguntar quem era esse Hiram, mas o velho já havia fechado a porta.

Jalapão o esperava encostado em uma árvore fumando um cigarro de palha.

— O douto conseguiu descobrir alguma coisa?

— Não. Mas agora sei por que você o chamou de doido!

— Eu não quis ofender nem desrespeitar o velho, douto, mas é difícil pra mim... sabe... ele é meu pai...

— Seu... Eu não sabia. — falou o delegado desculpando-se pelas palavras.

— Eu sei. E ele também sabe, mas não muda nunca e todo mundo ri dele, alguns tem medo, mas a maioria do povo por aqui acha que ele é doido.

— Bem vamos voltar. Me conte porque você acha que era um fantasma e não era um homem como o Conde contou?

— Porque os olhos dele faiscavam e eu podia ver através dele como se fosse neblina fina. Ele não fez nenhum barulho quando levou o sinhozinho.

— Talvez vosmecê não tenha ouvido porque ficou com medo.

— Eu não sou medroso não douto. — disse Jalapão em um tom de indignação — Eu já cacei muito com o Barão, pegamos onça, jacaré e até lobo guará, até boi aruá a gente pegou, mas a mata tem muitos segredos e mistérios e com esses eu nem chego perto. Já vi algumas coisas estranhas e já fui perseguido pelo Curupira, já encontrei o Saci uma vez, e até vi rastro de Lobisomem, mas nunca tinha visto um bicho desses antes, ele não é destas bandas não. É estrangeiro sim sinhô!

Entraram de novo no pátio da fazenda e o delegado foi falar com Messias.

— Como foram os interrogatórios dos empregados?

— Ninguém sabe nada não delegado. — disse Messias desconsolado — Perguntamos para todos os empregados da casa grande e os outros externos também que estavam aqui no dia do desaparecimento e ninguém viu nada.

— Da lista que o Barão passou quem já foi embora?

— Apenas um tal de Rovardi, delegado. Ele chegou na noite do desaparecimento, após o pôr do sol, e foi embora na noite seguinte.

— Tem certeza? — perguntou o delegado estranhando o fato.

— Sim, confirmei com o mordomo do Barão que é quem cuida dos hóspedes. Mas ele disse que o homem ficou de voltar daqui há uma semana.

— Bem quando voltarmos para a cidade vamos interrogá-lo também.

O delegado andou pela propriedade e depois pediu a Jalapão para guiá-lo por uma parte do caminho que haviam feito naquele dia.

Foram depois do almoço, porém não chegaram a ir muito longe, pois caiu um pé d'água bem forte e foram obrigados à voltar.

No dia seguinte o delegado e a tropa retornaram para a cidade de manhãzinha.

Quando chegou no escritório o Chefe de Polícia já o aguardava:

— Bom dia Mauro. Espero que tenha notícias boas para me dar.

Mauro balançou negativamente a cabeça.

— Nada. Interrogamos todos que estavam na caçada...

— E o tal Conde?

— Contou uma história sem pé nem cabeça de um homem de preto que tinha raptado o rapaz na escuridão da noite e na frente deles e sumido.

— Como? Um homem de preto? Um suspeito?

— É, mas não dá pra acreditar nele, tem uma imaginação muito fértil!

— Sim, mas podemos explorar essa vertente. Pelo menos é um jeito de justificar a demora da polícia em localizar o rapaz. Ele foi sequestrado!

— Espere ai Doutor Gerson, não temos certeza de que foi isso que aconteceu! — tentou explicar Mauro.

— Eu sei, Mauro, mas o Prefeito está atrás de mim como cachorro atrás do osso, se não encontrar um bode expiatório logo... E o mateiro? O que disse ele?

— Disse que um fantasma havia raptado o rapaz!

— Fantasma? O que eles são? Doidos?

— Pois é... não contaram nada com nada. Nada que pudéssemos usar para identificar um possível suspeito, nenhuma pista séria.

— Você tem que achar alguma coisa, Mauro — disse o Chefe de Polícia nervoso — O Prefeito está lá em casa todo dia desde o sumiço do rapaz e toda a imprensa também. Esses jornalecos de meia pataca estão me imprensando contra a parede. É um caso importante esse, não podemos ficar inertes sem fazer nada.

— Estamos fazendo tudo o que podemos, mas não tenho pistas. Não tem como investigar o lugar onde tudo aconteceu, é um lugar remoto na mata e com a chuva que caiu ontem as pistas que poderiam existir já se apagaram!

— Bem faça alguma mágica e tire uma pista de sua cartola, senão minha cabeça vai rolar e a sua vem junto com a minha e de bandeja. — disse o Chefe de Polícia saindo e batendo a porta.

Mauro deu um suspiro e jogou-se na cadeira sem saber o que fazer.

Aquele era um dos crimes que não tinha nenhuma pista.

“Como investigar um crime sem pistas?” — pensou ele desesperado.

Então teve uma ideia:

“Vou falar com o Rovardi! Quem sabe ele me dá uma ideia do que fazer!”

O sol estava à pico quando bateu na porta do naturalista.

O carrilhão retumbou várias vezes, mas ninguém veio atender.

“Deve ter saído. Volto mais tarde.” — pensou o delegado.

Resolveu ir com Messias no bairro Zumby para rever o caso dos desaparecimentos.

*

O lugar onde havia ocorrido a maior parte dos desaparecimentos era meio distante da estação de trem.

Era um lugar feio.

Taperas escuras e casas de pau-a-pique com paredes que estavam sempre enfumaçadas pela lenha verde utilizada nos rústicos fogões improvisados sobre pedras redondas no seu chão lamacento e esburacado.

A população ali carecia de água potável e iluminação, as ruas eram escuras, mesmo durante o dia, pois as casas eram distantes apenas quatro metros.

As ruelas abundavam, era quase um labirinto.

Ele já estava perdido antes de entrar.

Messias sorriu!

Conhecia bem aqueles caminhos cheios de nós, nascera ali, crescera ali.

Sua juventude perdera-se naquelas ruelas magras.

Depois quando entrara para a polícia é que conseguira pagar um aluguel de um quartinho mais perto da delegacia e deixara para trás aquele lugar triste.

O retorno às origens, porém era bem dolorido.

Ele conhecia algumas das vítimas de perto: João da Sementeira, dona Josefa dos Santos, Matias do Santo Ângelo e outros tantos.

Uma delas em especial, Esmeralda Miranda, uma mulata muito bonita que fora um dos grandes amores de sua juventude.

Foi primeiro para o lugar onde ela desaparecera que levou o delegado.

— Tem certeza de que foi aqui que ela desapareceu? — perguntou o delegado olhando ao redor, pois não se lembrava de ter estado naquele lugar durante as primeiras investigações, mas aquelas ruas eram tão iguais que não conseguia ter certeza de nada ali.

Era um beco sem saída.

O fundo tinha um bueiro meio aberto, com a boca escancarada para o céu, mas todas as paredes ao redor tinham pelo menos quatro metros de altura.

— Foi aqui delegado. Uma testemunha disse que a viu correndo para cá, eram aproximadamente dez horas da noite. Ela entrou, porém não saiu.

— Quem era a testemunha? Não me lembro de ter interrogado ninguém aqui.

— Era uma senhora que voltava da missa. Fui eu que falei com ela. Ela achou estranho ver a moça correndo pra cá e esperou algum tempo pra ver se ela saía, como não saiu então ela chamou dois senhores que passavam na hora e eles entraram no beco para procurá-la, mas ela tinha sumido.

— Este foi um dos primeiros não é?

— Sim, foi o segundo caso de desaparecimento neste bairro, já faz quase onze meses e até agora não temos pista nenhuma do que aconteceu aqui!

— Você a conhecia, não é?

— Sim, delegado. Era uma moça muito honesta!

— Acredito em você, Messias. — disse o delegado passando os olhos novamente pelo local — A média foi de duas pessoas desaparecida a cada mês desde então.

— É estranho não é delegado?

— Sim, Messias. Me parece que alguém está deliberadamente sumindo com duas pessoas a cada mês neste lugar. Porque é só neste bairro que isso aconteceu. Temos crimes piores em outros lugares, assassinatos, crimes passionais, roubos, mas só aqui as pessoas desapareceram!

— Mas o que alguém poderia querer com essas pessoas? Não são ricas, só estão tentando sobreviver...

— E não são somente mulheres que estão desaparecendo, temos oito homens desaparecidos e de todas as idades. Portanto tive que descartar a hipótese de tráfico de mulheres para escravidão. Já pensei em algum médico que esteja usando as pessoas em experiências com vacinas ou coisa que o valha, mas as investigações não deram em nada e não acredito que tivesse alguém por aqui com a inteligência e os aparatos necessários para fazer isso aqui em Recife Velho.

— Tomei a liberdade de pesquisar mais a fundo. — disse Messias meio acanhado — Houve outros desaparecimentos assim nas cidades próximas delegado, e descobri que em São Thiago dos Ilhéus houve vinte e um desaparecimentos no ano passado, sem explicação e sem resultado, e no ano anterior em Ouro verde foram dezesseis pessoas desaparecidas. Todos sem uma explicação, delegado e de pessoas comuns que não tinham nenhuma razão óbvia para desaparecerem. Nenhuma foi encontrada.

— Vou entrar em contato com as delegacias de São Thiago dos Ilhéus e Ouro Verde e pedir um relatório mais apurado dos casos. Mesmo assim é estranho todos estes desaparecimentos sem explicação. — disse Mauro preocupado.

— Sim, principalmente porque não houve outros desaparecimentos em nenhuma destas cidades este ano, só aqui. — refletiu Messias.

— Sim, é como se alguém estivesse sumindo com as pessoas e se mudando de cidade em cidade todo ano, e em cada cidade levando consigo mais pessoas. — falou Mauro começando a formar uma linha de raciocínio.

— É uma ideia fantástica demais delegado! Não é possível de acreditar que exista uma pessoa assim. Depois o que ela iria fazer com as pessoas que pegou? Onde elas estão?

— Acredito que estão mortas Messias!

— Mas por que delegado? — perguntou o soldado totalmente perdido.

— Por pura maldade! Ou talvez um desejo mórbido, não sei explicar ainda. Já li relatos de casos assim na Europa e na Rússia. Assassinos que matavam sem razão aparente, apenas pelo prazer de fazê-lo.

— Mas é lá do outro lado do mar, delegado. Não acredito que algo assim aconteça por aqui. O povo destas terras é sempre tão manso.

— É, não é de se acreditar nisso mesmo. Mas estou começando a duvidar de que possa realmente existir alguém assim por aqui. Comecei a pensar nisso depois da conversa com aquele preto velho.

— O tal pai Antônio?

— Sim, você ouviu alguma coisa sobre ele durante os interrogatórios?

— Muitas mesmo. — disse Messias — Todos os mateiros falaram dele com muito respeito, alguns até com um medo sobrenatural.

— Mas o tal Jalapão, que disse ser filho dele, falou que todo mundo o achava meio doido.

— Não sei de onde ele tirou uma idéia dessas — disse Messias — Os empregados do Barão em peso tinham muito respeito por ele. Não teve nem um só que disse isso dele.

— Então ele mentiu! — Falou o delegado preocupado onde esta linha de raciocínio o estava levando

— E se ele foi capaz de mentir sobre o próprio pai, deve ter mentido sobre todo o resto também.

— Precisamos retornar lá para interrogá-lo de novo. — opinou o soldado.

— Sim, o difícil vai ser convencer o Gerson a nos deixar voltar lá. — falou o delegado Mauro pensando na reação do Chefe de Polícia. — Bem, onde foi o primeiro desaparecimento?

— Foi há apenas uma quadra daqui. — disse Messias apontando para a região à oeste de onde estavam.

O delegado aproximou-se do fundo do beco para olhar melhor.

Tudo parecia tão normal ali, porque ele estava com uma impressão tão ruim?

Perto da boca do bueiro ele viu alguma coisa brilhando.

Abaixou-se para ver o que era e voltou com uma correntinha com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, toda coberta de lama.

Viu Messias empalidecer.

— Você conhece isso?

— Sim era dela delegado. Usava o tempo todo.

O delegado debruçou-se mais sobre a boca do bueiro e olhou para a escuridão sem fim que brotava dali.

— Onde isso vai dar?

— Não sei, mas todos os bueiros dessa região vão dar em um dos dedos do Rio das Capivaras e de lá seguem pro mar.

— Onde deságuam todos os bueiros da cidade. — disse Mauro com um mau pressentimento e ao mesmo tempo com a certeza de que havia encontrado a primeira pista real daqueles crimes.

— Sim. — disse Messias.

— E todos os locais de desaparecimento possuem um bueiro perto ou no local?

— Todos delegado. — falou Messias acompanhando a linha de raciocínio do chefe e com o horror estampado na face.

— Então seja quem for que fez isso está usando os bueiros como estrada para se movimentar pela cidade sem ser visto!

*

O delegado ordenou uma busca completa em todos os locais dos desaparecimentos e chamou um geógrafo para desenhar um mapa dos locais ligados pelos bueiros.

Quando ficou pronto o tal mapa ele chamou o Chefe de Polícia e trouxe Messias para acompanhar a reunião.

O Chefe de Polícia Gerson chegou logo depois do almoço.

Entrou e viu Messias em um canto e o delegado Mauro sentado em sua cadeira.

— Muito bem Mauro, o que você descobriu?

— Descobri a primeira pista real no caso dos desaparecimentos! — disse Mauro contente.

— Conseguiu um suspeito?

— Não tenho um suspeito ainda. — disse Mauro levantando-se e abrindo o mapa sobre a mesa — Mas já sei como o criminoso age.

— Quem? O homem de preto?

— Não Gerson. O ladrão de pessoas do bairro Zumby! Ele se movimenta pelos bueiros. — explicou Mauro mostrando todos os locais de crimes marcados no mapa e as trilhas dos bueiros ligando todos eles entre si.

O Chefe de Polícia irou-se e deu um murro na mesa:

— Eu não estou interessado naquele pessoal do Zumbo, Mauro. Quero saber do filho do Prefeito. Já faz mais de dez dias que ele desapareceu e não tem bueiros na mata.

— Dele eu ainda não tenho nenhuma pista.

— Pois devia ter, Mauro. Porque hoje de manhã recebi a notícia de que o tal Conde sumiu ontem na mesma região que o filho do Prefeito e de modo bem semelhante.

— O Conde? Ontem? — perguntou Mauro sem entender.

— Sim. Ele foi caçar de novo naquele mesmo lugar. Desta vez levou dois mateiros que ele mesmo contratou num povoado próximo e mesmo assim sumiu sem deixar rastro nenhum. Esqueça os desaparecimentos do bairro Zumbo, eles são caso passado já. Amanhã você volta para a Fazenda do Poço dos Patos e não quero você aqui sem uma pista concreta — falou o Chefe de Polícia saindo e batendo a porta.

Mauro estava atônito.

Foi Messias quem quebrou o silêncio.

— Agora temos uma boa desculpa para voltar lá, doutor! — disse sorrindo.

*

O outro dia amanheceu com o delegado Mauro e o soldado Messias desembarcando na frente da casa grande da Fazenda do Poço dos Patos.

Desta vez o Barão não os estava esperando.

O Mordomo conduziu o delegado até ele.

Estava de cama com uma forte gripe.

Mauro entrou no quarto todo escuro, as janelas fechadas e as cortinas abaixadas.

Havia um odor indistinto no local que Mauro não conseguiu identificar, mas lembrava-se que já havia sentido aquele cheiro antes.

O Barão estava deitado, pálido e sonolento na grande cama de dossel.

— Bom dia Barão.

— Bom dia delegado. Sei o que o traz aqui e já mandei que os dois mateiros que acompanharam o Conde fossem trazidos bem cedo hoje para o interrogatório.

— Muito obrigado Barão. Gostaria de pedir também para falar com o Jalapão de novo.

— Certamente. Algo que eu deva saber?

— Não. É só para tirar algumas dúvidas sobre o caso do filho do Prefeito. — disse o delegado reticente.

— Meu mordomo organizará tudo para o senhor delegado. Se precisar ficar nos próximos dias avise-o que ele providenciará um quarto para o senhor.

— Muito obrigado, novamente Barão. — agradeceu o delegado.

Ao sair para o pátio viu que Messias já havia reunido os dois mateiros e foi ao seu encontro.

Assim passaram quase duas horas infrutíferas interrogando os dois sem sucesso nenhum.

Eles não sabiam o que acontecera com o Conde.

Segundo suas palavras amedrontadas estavam rastreando uma onça ao cair da noite quando o Barão dissera que ficassem parados que ele ia seguir uma pista que saía do caminho principal. Andou pra trás alguns metros e embrenhou-se na mata fechada à esquerda deles. Eles ouviram uma exclamação de surpresa vinda do lugar onde ele estava e nada mais, quando procuraram já não o encontraram mais. Havia sumido sem deixar rastro. Procuraram pegadas, mas não encontraram nenhuma.

Os dois contaram a mesma história diversas vezes.

Em nenhum momento o delegado conseguiu pegá-los em contradição.

Novamente estavam sem pistas!

*

Jalapão chegou algum tempo depois.

O delegado o levou para uma sala mais confortável no anexo da casa grande.

— Muito bem Jalapão. Quero que me conte novamente o que aconteceu durante o desaparecimento do rapaz. E desta vez quero que fale a verdade. Sei que mentiu e se continuar serei obrigado a prendê-lo por obstrução da Justiça! — disse Mauro com voz forte.

Jalapão tremeu.

— Não falei mentira nenhuma douto delegado. Conte o que houve.

— Não me contou não, você escondeu pistas importantes. Me conte a verdade!

Jalapão engoliu em seco e começou bem devagar.

— Não menti realmente douto. Disse que tinha visto um fantasma e foi o que vi sim. Tinha um homem lá, só que ele não era deste mundo não.

— Como assim? Como era esse homem?

— Estava todo vestido de preto, douto. Mas durante aquela hora da noite, com tudo escuro, eu não pude ver direito a cara dele não! Foi ele quem levou o rapaz, tenho certeza, mas não consegui encontrar rastro nenhum.

— Você procurou direito?

— Sim, delgado. O Barão me mandou voltar lá depois e rastelar todo o terreno. Fiz isso com meus homens e a única coisa que encontramos foram algumas marcas muito leves do rapaz que seguiam em direção à cidade.

— Seguiam para Recife Velho? — perguntou o delegado.

— Sim. Posso levar vosmecês no lugar, mas as pistas já devem ter desaparecido todas à esta altura.

— Porque não me contou isso no dia que conversamos a primeira vez?

— Fiquei com medo de envolver o Barão em alguma coisa errada, pois como não achamos nada ele me disse que não precisaria contar isso ao douto.

— Vamos sair agora mesmo! — disse Mauro — E vamos levar seus homens juntos pra nos ajudar a vasculhar o local.

Jalapão aquiesceu com a cabeça.

Saíram logo em seguida.

Levaram farnéis pesados e material para acampar, pois não sabiam quanto tempo iriam ficar fora.

O delegado e Messias seguiam a cavalo com Jalapão enquanto os outros homens iam à pé.

Foram quase três horas até encontrarem o local onde Jalapão havia dito que tinha encontrado os rastros.

Dali o delegado organizou uma busca circular abrindo sempre em direção à cidade de Recife Velho.

Foram mais duas horas vasculhando toda a mata fechada.

Havia locais em eu não conseguiam procurar, por causa das moitas de espinheiro bravo.

Enfim estava já caindo o sol quando Messias, que estava mais afastado do que os outros, deu uma topada em algo macio e caiu.

Quando se voltou para ver o que era o susto quase o fez desmaiar:

Era o corpo do filho do Prefeito!

Episódio 3 – Assombrações da Noite

*“Do meu túmulo para vaguar sou forçada
Ainda em busca do longo vínculo quebrado com Deus,
Ainda para amar o noivo que eu perdi,
E o sangue do seu coração para beber.*

— Goethe, A Noiva de Corinto (1797)

I

1890, março, noite de sexta-feira, Bairro dos Aflitos, Recife Velho.

No final da Rua Amélia havia uma feira de casebres descoloridos, para dentro do alinhamento do bairro, que davam fundos para um descampado largo e sem nome.

A maioria dos casebres possuía terreiros largos e quintais amplos ao fundo dos terrenos, um deles em particular, o último da rua, tinha uma construção baixa em forma de galpão, muito amplo e com o interior vazio, cheio de janelas largas.

As paredes eram todas caiadas de branco e o interior de chão de terra batido.

Era ali que se realizava, duas vezes por mês, durante a noite de sexta-feira ou sábado, grande cantoria e danças.

Neste dia, ao se aproximar a boca da noite o local começou a ser encher de gente!

Chegavam sozinhos ou aos pares como uma carreira de formigas e traziam instrumentos variados, bombos, chocalhos, pandeiros, atabaques, triângulos, maracás, tamborins, reque-reques, puítas, urucungos, marimbas, adufes e outros.

Tantos chegaram que o local encheu como um formigueiro humano, apenas o centro do galpão ficou livre de gente.

A maioria trajava roupas brancas ou em tons pastel.

Três senhoras vinham com vestidos rodados de branco e tingidos de colares de contas multicoloridos adornados com fitas e flores de diversas cores e os cabelos presos em coques brancos altos.

Um preto velho se destacava na multidão, todo vestido de branco com uma cartola baixa e uma bengala de madeira vermelha. O pescoço adornado por uma dúzia de colares de contas coloridos.

Pelas oito horas ele levantou a bengala e começou o batuque.

O som martelava baixo e logo havia três ou quatro pessoas dançando no centro da roda humana.

A música era uma amálgama da capoeira, do lundu, do jongo, do batuque e do cateretê em um ritmo novo e cadenciado que fazia todos os corpos ali presentes gingarem em uníssono.

Subitamente uma brecha na multidão se abriu e um homem negro vestido com uma saia de palha de coqueiro e com o rosto coberto por uma máscara do mesmo material surgiu.

Seu corpo estava coberto de signos e sinais coloridos e na mão trazia um tridente vermelho.

Ele pulou para o centro da roda e gritou:

“Oi, embaré, oi embará!

Balança que pesa oro não pode pesa metá!”

E iniciou um giro sem fim que espalhou-se em círculo pela multidão ao redor e contagiou todos dentro do galpão.

Somente o preto velho e as três senhoras ficaram parados próximos à parede leste do galpão.

Em silêncio observando!

A dança e cantoria continuaram por horas seguidas sem prenúncio de acabar.

Ao se avizinhar das horas mortas o número de pessoas ali já havia se reduzido muito.

A figura central continuava como se sua energia fosse infinita.

Subitamente, coincidindo com a sombra da lua que saiu de detrás de algumas nuvens e cujo luar bateu por entre uma das janelas abertas bem no meio do círculo central do galpão a figura deu um grito e parou de dançar caindo ao chão.

Todos pararam ao seu redor, assustados com o fato inusitado que nunca havia acontecido antes.

O preto velho desceu de um pequeno estrado onde estava e aproximou-se do homem.

— Que foi meu filho?

O homem levantou os olhos vermelhos por detrás da máscara e disse com horror numa voz grossa que não era deste mundo:

— É Omoluaru, meu pai! É Omoluaru!

E caiu desmaiado.

II

A manhã seguinte encontrou Mauro já muito bem acordado em seu escritório e desfrutando de um dos famosos cigarros Leão do Norte com papayna.

Ele admirava o nascer do sol e vez por outra olhava distraidamente a figura do leão estampada no maço.

O doutor Romão abriu a porta.

— Terminei! — disse ele entrando.

O delegado Mauro levantou-se:

— Conte tudo Romão. O que foi que descobriu?

Romão estava pálido e começou a falar bem devagar:

— Foi horrível Mauro. A garganta estava toda rasgada, o corpo não sofreu nenhuma outra mutilação, nenhum outro ferimento, mas a garganta... foi como se um animal selvagem tivesse mordido o local várias vezes, mas sem se alimentar!

— Como assim?

— A garganta foi rasgada, mas a carne não foi consumida. Não foi uma onça que fez aquilo, Mauro. Não tenho nem ideia do que foi que fez aquelas marcas, mas sei que não foi onça não.

— E porque ele estava branco daquele jeito?

— Estava totalmente sem sangue. Todo o sangue do corpo foi drenado! — falou o doutor com um fio de voz.

— Drenado? Alguém retirou todo o sangue?

— Sim, não sei como foi feito, porém não tinha nem uma gota de sangue nele. Estava completamente vazio!

— Mas no local não encontramos nenhuma marca de sangue. O corpo estava semienterrado em terra fofa, como se estivesse escondido e seja lá o que tenha feito isso fosse voltar. Não estava enterrado profundamente.

— Não havia nenhuma marca de animais em todo o corpo. — explicou o doutor.

— Como assim? Ele ficou ali enterrado e nenhum animal selvagem o tocou?

— Não sei como foi que aconteceu, mas foi isso mesmo. Nem vermes nem cães do mato nem onça nem mesmo bicadas de urubus. Nada chegou perto do corpo desde que ele foi deixado ali naquele lugar. Você tem fotografias do local?

— Não recebi ainda, mas já pedi pra o Palmares ir lá documentar todo o local. Ele foi de madrugada pra lá. Deve me enviar as fotos até amanhã.

— Bem é um caso único! Talvez... — começou a dizer o doutor quando a porta foi aberta de supetão. O Chefe de Polícia entrou como um furacão:

— Sabia que podia confiar em você para resolver o caso, Mauro. — disse ele apertando a mão do delegado – Você vai comigo até a casa do Prefeito para conversarmos.

— Espere Gerson, você tem que ouvir o que o doutor me contou sobre o caso...

— Não temos tempo, ele está nos esperando.

— É importante Gerson! — disse Mauro com ênfase.

— Muito bem, mas seja rápido doutor!

O doutor olhou para Mauro:

— Conte o que me disse doutor!

— Muito bem — disse o doutor — Fiz a autópsia no corpo, a garganta foi rasgada, não sei que tipo de animal fez aquilo, mas foi uma coisa bem terrível. Depois verifiquei que o corpo foi totalmente drenado do sangue...

— Como assim? — perguntou Gerson sem entender.

— O corpo estava completamente sem sangue nenhum. Nada. — explicou o doutor.

— Mas se foi um animal que o matou como é que não tinha sangue? O bicho bebeu tudo decerto?

— Não sei explicar o que aconteceu, tudo o que sei é que o sangue foi retirado pelo rasgo na garganta.

— Sim — concordou Mauro — Conte também das marcas de animais...

— Que marcas? — perguntou Gerson.

— Pois é, não tem marcas de animais necrófagos no cadáver. — explicou o doutor — Não tem sequer nenhuma marca de bicada de urubu.

— E o que isso tem a ver? — perguntou novamente Gerson.

— Geralmente nestes casos de morte na mata, no primeiro dia, ou neste caso durante a noite após a morte os animais necrófagos já teriam dado cabo do cadáver inteiro, não teria sobrado quase nada, só a ossada, e ali temos o cadáver quase intacto, só com a garganta rasgada. — explicou Romão sem saber mais o que dizer.

— Ah, isso não importa agora. — disse Gerson — Obrigado doutor pelo seu trabalho, formalize o laudo cadavérico e me envie uma cópia. Agora vamos falar com o Prefeito Mauro.

— Muito bem. — falou Mauro deixando-se levar.

*

O Prefeito os atendeu após o almoço com os olhos vermelhos.

Estava abatido e pálido.

Sentou-se na grande cadeira de espaldar alto do seu escritório e ficou em silêncio enquanto Gerson lhe contava sobre o corpo do filho.

Ele não quis ouvir os detalhes.

— Só quero que me contem se foi homem ou bicho que fez isso. — disse ele com a voz meio sumida.

— O Conde em seu depoimento mencionou um homem vestido de preto, Prefeito. — falou Gerson e com um gesto pediu para Mauro ficar calado — Estamos investigando para tentar localizá-lo!

— Os jornais já falam de um tal vampiro do suassuna! — disse o Prefeito mostrando alguns exemplares em cima da mesa — Como é isso? Saíram na edição extra agora no almoço!

Mauro e Gerson se assustaram com o fato:

— Não sabemos de onde vieram esses tais boatos. — disse Gerson — Não foi a polícia que divulgou. Deve ter partido desses jornalecos de meia pataca que gostam de atacar o governo.

— Não acredito nisso, Gerson. As fotos do local onde o corpo de meu filho foi encontrado foram tiradas pelo fotógrafo forense, veja. — disse o Prefeito mostrando algumas fotos estampadas na primeira página do Clarim da Manhã de Recife Velho, onde estavam bem nítidas as fotos.

Mauro empalideceu, o safado do fotógrafo tinha divulgado as fotos sem falar com ele.

— Vou tomar as providências quanto à este fotógrafo. — disse Gerson rangendo os dentes de raiva.

— Quero que localize e prenda o sujeito responsável pela morte de meu filho, Gerson. — falou o Prefeito levantando-se — Senão vou ser obrigado a colocar seu cargo à disposição!

Gerson empalideceu e Mauro encolheu-se um pouco.

— Nós o apanharemos, senhor Prefeito! — prometeu Gerson.

— É bom mesmo! — disse o Prefeito saindo da sala.

Quando saíram da Prefeitura Gerson estava muito bravo.

— Como aquele calhorda do Palmares teve a ousadia de vender as fotos da cena do crime para esses jornalecos? Vou demiti-lo agora mesmo.

— Talvez tenha sido algum dos ajudantes dele. Você conhece o Palmares há muito tempo, sabe que nós podemos confiar nele, e que ele jamais nos deixou na mão. Deixe-me conversar com ele antes...

— Veja quem foi o responsável e o enquadre em obstrução da Justiça! E por favor, Mauro faça alguma coisa para resolver esse caso o mais rápido possível!

— Tentarei. — falou Mauro.

— Não, não tente, faça! — falou Gerson deixando Mauro sozinho.

*

Mauro retornou para a delegacia muito preocupado.

Ao passar pela secretária já foi comandando:

— Dona Lisaura, chame o Messias e peça para ele todos os relatórios dos casos dos desaparecimentos do bairro Zumby. Depois veja se algum dos meus telegramas pra Ouro Verde ou São Thiago dos Ilhéus já foi respondido e se o Palmares trouxe as fotos que pedi. Diga à ele que quero conversar com ele imediatamente!

Entrou e sentou-se desconsolado.

Acendeu um cigarro de papayna e tragou com força.

Precisava tentar relaxar para conseguir colocar as ideias em ordem.

Sabia que a morte do filho do Prefeito estava de alguma forma ligada aos desaparecimentos do bairro Zumby, tinha quase certeza disso, só não conseguia provar ainda!

Bateram à porta bem devagar.

— Entre. — disse Mauro.

O fotógrafo Palmares entrou cabisbaixo, carregando um grande envelope pardo embaixo do braço.

— Já sabe do que vamos falar Palmares? — disse o delegado com um tom ácido.

— Sei. Mas não fui eu que divulguei as fotos. Jamais faria uma coisa assim. Você sabe que amo esse trabalho Mauro, seria incapaz de uma traição dessas.

— E quem foi?

— Foi um rapaz novo chamado Arildo Boaventura. Começou a pouco tempo e achou que podia ganhar algum fácil com as fotos. Já tinha trabalhado na Gazeta, mas foi demitido de lá e veio parar conosco. Foi contratação do Gerson, eu nunca vi o rapaz com bons olhos, era muito mesquinho e egoísta. Já demiti o infeliz!

— É bom mesmo. O Gerson queria te demitir! — disse Mauro nervoso — Como foi que uma coisa dessas aconteceu?

— Não sei mesmo. Tomei todos os cuidados, como sempre faço em casos importantes. Eu mesmo tirei e revelei os negativos e verifiquei todos eles antes de revelar. Ninguém tinha acesso à eles. Ele deve ter se aproveitado da minha hora do almoço para fazer uma cópia das fotos.

— Não deixe que outra coisa dessas se repita! Senão o Gerson vai arrancar sua cabeça e te demitir depois!

— Não deixarei. — disse Palmares muito abatido.

— O que você trouxe pra mim?

— Nem todas as fotos foram publicadas pelos jornais. Foi só o primeiro filme. O segundo filme eu ainda estava desenvasando e o rapaz não teve acesso à ele. Este eu tirei bem próximo do corpo para pegar qualquer detalhe importante. São estas aqui!

Palmares abriu o envelope e passou vinte e quatro fotos para Mauro.

O delegado olhou cada uma cuidadosamente.

Havia novas evidências ali, pistas que haviam passado despercebidas quando o corpo foi encontrado.

Marcas escuras nos pulsos do rapaz que indicavam um aperto de mão forte no local, feito para imobilizá-lo.

Uma marca escura no lado inteiro do pescoço indicava que uma mão forte o havia segurado ali enquanto a garganta era rasgada.

Marcas de dedos escuras destacavam-se em alguns lugares da camisa branca do rapaz.

Um contraste que havia passado despercebido quando o corpo fora recuperado.

Ele não havia prestado atenção naqueles detalhes antes, provavelmente por causa do nervosismo da situação, mas agora analisando a cena com calma podia ver muita coisa.

— Você consegue aproximar mais esta e esta? — perguntou ele mostrando as fotos das marcas na camisa para Palmares.

O fotógrafo de uma olhada clínica:

— Vou tentar. O que precisamente você quer que eu amplie?

— Quero estas marcas de dedos em contraste com a camisa. Quero conseguir identificar o tamanho da mão do assassino.

— Muito bem.

— Ótimo. Quando tiver feito isso mande uma cópia também para o Romão e lhe peça para comparar com as marcas nos dedos do rapaz. Preciso saber se são dele ou não, se não forem com certeza são do assassino!

— Sim senhor. — disse Palmares saindo.

Messias entrou em seguida.

— Aqui estão os relatórios delegado e a resposta de São Thiago dos Ilhéus já veio também. Eles vão mandar uma cópia dos arquivos pelo cabo Valente hoje mesmo.

— Ótimo, estamos progredindo bastante. Descobri pistas importantes nas fotografias que Palmares me trouxe de um segundo filme que não foi publicado pelos jornais. — e compartilhou com Messias seus achados — Acredito que realmente estamos atrás de um homem e não de um fantasma! Um homem muito vivo sim senhor!

O delegado passou o resto da tarde lendo e comparando todos os depoimentos das testemunhas entre si:

— Veja só Messias, temos dez depoimentos que falam de uma figura de homem desconhecido no bairro rondando os lugares onde ocorreram os desaparecimentos, sempre dois ou três dias antes e sempre durante a noite.

— Sim, não é uma figura comum, pois os relatos falam que ele se vestia bem e tinha uma bengala.

— Exato! Alguns até a descrevem como uma bengala de castão com madeira marrom escura, quase preta e ponta dourada. — concordou Mauro.

— Em treze dos casos delegado foi encontrado algum pertence da vítima perto da saída de um bueiro no local, mas não havia sido ainda levantada a hipótese de que a vítima pudesse ter sido carregada para dentro do bueiro.

— Sim. — concordou novamente o delegado — Agora tenho certeza de que foi isso o que aconteceu. Isso levanta novas questões, como por exemplo, que o raptor deveria possuir grande força física...

— É realmente. — disse Messias pensando — Pra levar dona Josefa pelo bueiro ele deveria ser muito forte mesmo!

— Ela era pesada? — perguntou o delegado.

— Ela era bem gorda delegado, mais de cento e vinte quilos! — contou Messias — Ela foi a última vítima desaparecida faz quase trinta dias somente.

— As buscas pelos bueiros ainda não revelaram nada?

— Ainda não. Santos estava coordenando a brigada do leste e Silva a do oeste, já haviam verificado quase a metade das linhas de bueiros do bairro, mais de quatro quilômetros até agora. Alguns lugares eles não conseguiram verificar porque os canos eram muito estreitos ou estavam entulhados de detritos e bloqueando a passagem.

Até o cair da noite os soldados já haviam chegado ao quinto quilômetro das linhas de bueiros.

Foi então que encontraram...

Um soldado mais jovem, da brigada coordenada pelo sargento Santos, estava na dianteira da busca, tinham feito uma aposta pra ver quem conseguia encontrar um corpo primeiro.

Estava com água suja e lodo até quase a cintura quando atingiu um lugar aberto, era uma câmara maior de decantação de detritos, onde a água escoava por grades finas e os detritos eram peneirados pela força da correnteza.

Ali o mau cheiro ficou insuportável e ao levantar o lampião para olhar melhor, o soldado tomou tamanho susto que deixou o lampião cair na água e voltou correndo pelo túnel de tijolos.

Chamou aos gritos o sargento Santos, mas não conseguiu falar para explicar o que encontrara, estava assustado demais.

O sargento desceu pelos canos da rede de bueiros praguejando contra a juventude que se deixava levar por um sustinho à toa e seguiu o mesmo caminho indicado pelo soldado.

Quando, porém entrou na câmara de decantação foi assaltado por um horror sem precedentes.

Nunca havia visto uma coisa como aquela em toda a sua vida!

Mesmo durante a Guerra do Paraguai nunca vira uma coisa assim!

À sua frente, jogados pela câmara, espalhados como retalhos rasgados, estavam os corpos sem vida dos desaparecidos, apodrecendo nas águas turvas dos bueiros!

O delegado foi imediatamente informado e veio junto com o Chefe de Polícia Gerson.

Um grande buraco foi aberto no teto da câmara de decantação, bem no meio de uma das ruas principais do bairro Zumby.

Logo uma multidão estava se empurrando para ver o que aconteceu.

Pelo buraco conseguiram retirar todos os corpos, alguns quase que só restando o esqueleto, todos meio descarnados, outros dos mais recentes ainda em estado de putrefação.

Várias caileças levaram os corpos para o Instituto de Medicina, onde o doutor Romão os iria examinar.

Ao lado do buraco Mauro supervisionava a retirada.

O Chefe de Polícia já havia ido embora.

— Quantos estavam aí dentro? — perguntou ele para o soldado Messias.

— O sargento Santos contou dezenove delegado. — informou Messias.

— Temos vinte desaparecidos. Quem está faltando?

— Só saberemos depois das autópsias e do reconhecimento pelas famílias. — disse Messias preocupado torcendo as mãos — Será terrível para elas.

— Sim, ver um ente querido assim neste estado... — exteriorizou o delegado.

Messias ficou imaginando Esmeralda e o fim que tivera, mas logo tratou de tirar aquela imagem triste da cabeça.

A retirada dos corpos e as buscas pelo que estava faltando prolongaram-se até tarde da noite.

O delegado colocou dez soldados vigiando o buraco para evitar os curiosos e os cães de rua que contaminariam a cena dos crimes.

O doutor Romão trabalhou a noite toda e boa parte da manhã do dia seguinte nas autópsias.

O delegado veio vê-lo na hora do almoço.

O médico estava bem atarefado fechando o cadáver da gorda Josefa.

— Bom dia Romão. Como estão as autópsias?

— Quase terminando, faltam só mais três. — Disse o médico limpando as mãos — Tenho boas e más notícias para você Mauro!

— Me conte primeiro as boas. — pediu o delegado sorrindo.

— As boas são que consegui identificar a causa mortis de todas as vítimas, ou pelo menos de todos os que ainda tinham carne sobre os corpos.

— E qual é?

— Esta é a má notícia, todos morreram por terem o sangue sido completamente drenado de seus corpos.

— Como? Não entendi. — disse o delegado piscando os olhos.

— Exatamente o que você ouviu. — disse o médico puxando um cigarro do bolso e acendendo-o — Todos os corpos estão sem sangue nenhum. Em alguns deles consegui encontrar o local da laceração, alguns na garganta outros logo abaixo do pescoço perto da carótida, todos, porém do mesmo jeito.

— Você quer dizer que todos foram mortos exatamente como o filho do Prefeito?

— Sim, nos menores detalhes que consegui identificar!

— Posso presumir que foi a mesma pessoa que fez isso? Foi uma pessoa mesmo?

— Deve presumir que sim, foi um homem provavelmente, pela força empregada para subjugar as vítimas, levando-se em conta que três deles eram homens maduros e estavam em ótima forma física.

O modus operandi foi o mesmo. Seja quem for usou o mesmo método para drenar o sangue de todos eles. – explicou o médico.

— Não foi um animal?

— Não, tenho certeza disso. Os ataques de animais são completamente diferentes do que temos aqui. Os ferimentos indicam a necessidade de ter sido um homem a fazê-los, e um homem bem forte para depois carregar os corpos até o local onde foram encontrados através daqueles canos de bueiros.

— Preciso de um relatório com tudo isso que você me contou para apresentar ao Prefeito! — pediu o delegado — Você teve tempo de dar uma olhada nas fotografias que te mandei pelo Palmares?

— Ainda não, só vou ter tempo depois que terminar aqui.

— Bem olhe-as e me diga o que acha e se podemos conseguir identificar o tamanho da mão do assassino, certo?

— Muito bem, vou fazer o que puder! — disse o médico retornando ao trabalho.

No fim da tarde vieram os familiares para o reconhecimento.

Os corredores do Instituto Médico foram inundados pelo choro do desespero e da angústia.

Era noite alta quando o soldado Messias retornou para falar com o delegado.

— Temos o resultado dos reconhecimentos delegado.

— E quem ficou faltando? Qual foi o corpo que não encontramos?

— Foi o da moça, Esmeralda Miranda delegado. — falou Messias com a voz embargada.

III

1890, últimos dias de março, noite de sábado, Bairro dos Aflitos, Recife Velho.

O sol estava quase posto no horizonte vermelho.

O galpão no final da rua Amélia estava silencioso.

Apenas um vulto se movimentava em seu interior.

Era um negro alto e forte, de pele luzidia e olhos bem acesos.

Ele varreu o centro do galpão como se demonstrasse um respeito desusado.

Depois abriu todas as janelas para a noite que se avizinhava.

Moveu de lugar as garrafas cheias de pregos e terra de cemitério que guardavam os quatro cantos do aposento.

A lua despontou pálida, porém cheia no horizonte do leste e seu luar ainda fraco da luz do sol que morria no oeste banhou o interior do galpão.

O homem guardou a vassoura e olhou para o céu que escurecia devagar.

Do descampado distante ouviu o chamado do cajaguréu, e o regougar agourento dos sapos-boi perdidos pelos brejos ao redor.

Uma aura estranha de inevitabilidade pairava pelo ar!

Ele trouxe uma cadeira de espaldar alto e sentou-se no meio do galpão.

Era como se esperasse.

O tempo escorreu devagar e a noite cercou o galpão.

As velas acesas consumiram-se e morreram, até que restou apenas a luz da lua.

O homem respirava devagar, ouvindo a noite.

Novamente perto das horas mortas o barulho inequívoco de passos chegou até ele.

Num sussurro ele compreendeu:

— Omoluaru!

Mas então já não havia como escapar!

*

Uma das três senhoras chegou mais cedo no dia seguinte, para ajudar na limpeza do terreiro e o encontrou.

Gritou até a voz lhe faltar, até os vizinhos correrem alarmados e alguém ir chamar a polícia.

O delegado chegou com Messias e uma pequena tropa.

Na porta encontrou o preto velho, vestido com roupa de gente viva!

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Foi o Omoluaru douto delegado. Ele anunciou que o bicho vinha e veio mesmo! — disse o preto velho em tom fatídico.

— O que é o Omoluaru? Algum bicho? — perguntou Mauro sem saber.

— Omoluaru também chamado Omolun é palavra Yorubá Nagô e significa “o Que traz a Morte” o “Exterminador”. — disse uma figura saída das sombras do interior do galpão em uma voz forte.

O delegado Mauro surpreendeu-se com a figura.

Era um senhor de pele negra muito velho, os cabelos brancos como a neve e os olhos encarvoados, vestia-se de branco e trazia na mão uma bengala preta de castão de osso.

O negro velho deu um sorriso de lado, tomou um cachimbo de barro de aparência bem mais velha que ele próprio, e tirando um fósforo do bolso acendeu o cachimbo.

— Vosmecê deveria saber essas coisas delegado, se vai caçar o bicho que fez isso aí dentro. — falou ele com voz jocosa.

O delegado não esperou e entrou no galpão.

Tomou um choque ao ver o que havia acontecido.

Era um corpo ali, mas totalmente destroçado, pernas e braços arrancados e pescoço rasgado.

Os olhos ainda abertos olhavam para o nada.

Desta vez havia muito sangue.

— Messias mande chamar o Romão imediatamente e cerquem toda a área.

Depois, saindo, perguntou ao preto velho:

— Como é seu nome? Quem foi que encontrou o corpo?

— Eu me chamo Lampião dos Anjos, douto delegado. — disse o preto velho fazendo um sinal com a cabeça para o outro senhor se aproximar — Este é meu compadre, Hiram Zazué.

O delegado espantou-se com o nome e lembrou-se de Pai Antônio:

— O senhor conhece o pai Antônio da Fazenda do Poço dos Patos?

— Naturalmente, ele é meu afilhado. — disse o velho Hiram.

— E quem encontrou o corpo foi o senhor?

— Não. — explicou o velho Lampião — Foi a dona Josete, ela veio limpar o galpão mais cedo e encontrou o corpo do Josué.

— Este é o nome do morto?

— Sim, Josué da Cunha.

— O que ele fazia aqui?

— Ele era o babalorixá, delegado. Ele era o chefe espiritual deste terreiro. — explicou Hiram.

— Ele tinha inimigos? Quem era esse tal Omoluaru? Algum inimigo jurado?

— Não delegado, ele não tinha inimigos. O Omoluaru é o nome usado para um espírito de morte e destruição que vaga pela terra praticando o mal. — disse o velho Lampião.

— Então vocês acreditam que foi um espírito que fez isso aí dentro? — perguntou o delegado sem acreditar nas palavras do velho.

— Em que nós acreditamos não importa delegado. — disse Hiram sorrindo — O que importa é que ele veio como Josué tinha dito que viria e o matou!

— Ele disse que o tal viria matá-lo?

— Sim há duas semanas ele recebeu um espírito que anunciou a vinda do Omoluaru. — contou o velho Lampião.

— E você não fizeram nada a respeito? Não avisaram a polícia?

— Doutô delegado, desde quando a polícia dá ouvidos à gente? — perguntou o velho Lampião com um sorriso mordaz.

Mauro ficou em silêncio.

Difícilmente ele teria destacado um soldado sequer para vir até aqui para verificar a denúncia, nisso o homem estava certo.

Não era um assunto sério com todos aqueles assassinatos do Zumby.

— Este aqui também tem a ver com os outros, delegado. — falou Hiram grave — Seu assassino esteve aqui ontem à noite, mas não para se alimentar, estava cuidando para que não o identificassem.

— Como assim? E me explique melhor essa história de se alimentar...

— Josué viu quem estava matando nossos irmãos no bairro Zumby e estava disposto à ir até a delegacia contar, mas antes que pudesse fazê-lo....

— Como ele sabia? — perguntou Mauro desconfiado que já sabia a resposta.

— Um espírito contou a ele e lhe mostrou em visões. — disse o velho Lampião.

— Para quem ele contou o que iria fazer?

— Ora, contou para todos os que estavam aqui naquela noite, há quinze dias. — disse Lampião — Não havia porque esconder o fato.

— E ele contou quem era o assassino?

— Não. Só disse que sabia!

— Então o assassino ou alguém que o conhecia estava aqui naquela noite e depois voltou para o matar ontem. — concatenou o delegado.

— Sim. — disse Lampião.

Neste momento o doutor Romão chegou com o soldado Messias.

— Esse é diferente dos outros Romão. — advertiu Mauro.

O doutor entrou no galpão e surpreendeu-se. Voltou branco como cera:

— Realmente, seja quem for que fez isso estava fora de si. — disse com a voz perturbada.

— Quero que verifique as lacerações no pescoço, compare-as com as das pessoas mortas no bairro Zumby e com as do filho do Prefeito, veja se são parecidas ou iguais, preciso ter certeza de uma coisa. — pediu Mauro.

Depois aproximou-se do velho Hiram:

— O senhor parece saber muito sobre tudo aqui, podemos conversar melhor na delegacia?

— Naturalmente delegado Mauro, estou a seu dispor.

*

Mauro tragou forte o cigarro de papayna.

Inacreditável, pensou ele.

— O senhor tem certeza do que está dizendo?

O velho Hiram sugou o cachimbo devagar e depois de uma pausa continuou:

— Tenho, delegado.

— O senhor acha que é um “vampiro” que está matando todas essas pessoas? Seja lá o que isso for?

— Não acho, delegado, eu tenho certeza de que é.

— Como chegou à esta conclusão?

— Veja a falta de sangue nos corpos. — apontou Hiram.

— Como sabe disso? Não me diga, os jornais noticiaram...

— Exatamente! Não existe outra criatura que se alimente assim e desta forma.

— Já imaginou que pode ser um homem comum com sede de matar?

— Sim, mas só teremos coisas assim nos anos que virão, quando os laços entre este mundo e o dos espíritos for se afrouxando e eles puderem penetrar sutilmente nas pessoas e tomar seus corpos pra fazer o mal...

— Calma aí, não vamos divagar sobre o assunto. — reclamou Mauro irritado — Estamos falando destes crimes aqui. Não acredito que foram causados por um... como é mesmo o nome que dá a esta coisa? Vampiro?

— Sim. Pode chamá-lo de Strigoi ou Vrikolaka ou Shtriga, como o chamam no leste da Europa, ou apenas vampiro que é o nome usado na Europa moderna destes dias. Existem alguns livros sobre o assunto, talvez já tenha ouvido falar da obra “*O Vampyro*” de 1819 de John Polidori ou “*Carmilla*” de 1872 do escritor irlandês Sheridan Le Fanu... Os antigos gregos e mesopotâmios tinham histórias sobre estas entidades...

— Isso é folclore, senhor Hiram, estamos falando de realidade! — destacou Mauro já cansado.

— É a realidade delegado, ou pelo menos é uma faceta dela, desconhecida da maioria das pessoas vivas, mas extremamente real!

— Não brinque com coisas sérias senhor Hiram.

— Eu nunca brinco, delegado! Eu os tenho visto e caçado desde os dez anos! Nunca brinco com isso! — disse o preto velho com a voz bem séria.

O delegado não sabia o que dizer.

O velho levantou-se devagar e pegou a bengala.

— Sei que é difícil acreditar em mim delegado, mas se precisar de minha ajuda avise o compadre Lampião que eu o encontrarei, boas tardes.

E dizendo isso saiu.

Mauro levantou-se e foi até a janela.

Deu uma tragada forte no cigarro e sentiu a fumaça desobstruir lhe as ideias.

Olhou para o horizonte cheio de nuvens cinzentas.

“Um vampiro... era só o que me faltava!” — pensou ele desconsolado.

IV

As investigações do assassinato no terreiro se arrastaram sem sucesso por quase uma semana assim como as dos assassinatos do bairro Zumby.

Dias depois Mauro e o Chefe de Polícia Gerson foram chamados novamente para conversar com o Prefeito.

Ele já os esperava sentado em sua poltrona com um semblante impassível.

Ao seu lado, em pé, um homem alto com terno preto e chapéu diferente, de abas largas, tinha uma cartucheira na cintura com um revólver e nas mãos uma espingarda laqueada de prata.

O rosto era corado e os olhos bem azuis.

— Bom dia senhores. — cumprimentou o Prefeito — Quero que conheçam o senhor David Rodgers! Eles apertaram a mão do desconhecido que sorriu ao fazê-lo.

— E quem seria ele? — perguntou Gerson já esperando um possível candidato ao seu cargo.

O homem adiantou-se e falou com uma voz enrolada, diferente, um acento estrangeiro:

— Eu sou o caçador do vampiro!

Mauro quase riu, mas conteve-se.

Gerson arregalou os olhos:

— Quê? Não entendi? Que vampiro?

— O vampiro de suassuna, Chefe Gerson. — disse o Prefeito levantando-se — Eu o contratei para dar fim ao tal assassino, vampiro ou seja lá qual for o nome que os jornais tenham lhe dado.

— Senhor... — começou Gerson.

— Não diga nada porque você pode se arrepender depois. Fiquei sabendo de tudo já. — falou o Prefeito bem zangado — O tal que matou meu filho é o mesmo que já havia dado cabo de vinte pessoas no Zumby e você não me disse nada.

— Não tínhamos certeza, senhor. — tentou explicar Gerson.

— E agora tem? Agora depois que ele já morreu. Quero a cabeça desse criminoso, seja ele desse ou do outro mundo. O Sr. Rodgers veio dos Estados Unidos para cá, chegou ainda agora de navio.

— Mas então...

— Sim, senhor Chefe de Polícia, entrei em contato com ele quando me foi comunicado o desaparecimento de meu filho, via telégrafo e pedi que viesse imediatamente. Sabia que vocês não

estavam equipados para o localizarem. Ele foi assassinado, mas a missão do Sr. Rodgers não acabou, quero que ele encontre o assassino.

— Ele é um civil, senhor. — falou Gerson tentando argumentar.

— É um ex-capitão do exército americano e um valoroso caçador de recompensas. Tenho certeza de que ele irá encontrar esse criminoso. E quero que deem toda a ajuda que ele precisar! Não preciso dizer que seus cargos dependem do sucesso da missão dele! — falou o Prefeito com raiva.

— Bem então como podemos ajudar? — perguntou Gerson com um sorriso amarelo no rosto.

— Ele vai seguir para a Fazenda do Poço dos Patos hoje mesmo e tentar rastrear o assassino partindo de lá com a equipe dele. — falou o Prefeito.

— Então... — continuou Gerson.

— Ele não quer homens nem armas, Chefe Gerson, só precisa que o deixem fazer o trabalho direito, não quero nenhuma intervenção policial neste caso. Ele responderá apenas para mim e ninguém mais.

— Muito bem, senhor. — concordou Gerson.

— Podem ir então. — disse o Prefeito.

Na saída da Prefeitura o Chefe de Polícia chamou Mauro de lado.

— Fique de olho nesse caçador americano Mauro, quero saber todos os passos dele. Ele não pode descobrir o assassino antes de mim senão meu cargo vai por água a baixo e você vai comigo, viu!

— Muito bem senhor! — disse Mauro.

Ao chegar à delegacia o delegado destacou o sargento Santos para ir até a Fazenda do Poço dos Patos “colar” no americano.

Dois dias se passaram sem notícias.

Pelo meio da manhã do terceiro dia, o soldado Messias trouxe o jornal do dia com uma manchete nova:

CAÇADOR AMERICANO DESAPARECE NAS MATAS

O jovem ex-capitão do exército dos Estados Unidos Mister David Rodgers desapareceu nas matas que circundam a Serra das Jacararás na Fazenda do Poço dos Patos ao procurar por pistas do assassino do filho do Prefeito de Recife Velho. Fala-se especulativamente que ele é o mesmo assassino dos casos dos desaparecimentos no bairro Zumby, porém até agora a polícia não liberou nenhuma informação adicional. Foram vinte as pessoas desaparecidas e dezenove os corpos encontrados em uma câmara de decantação de água no sistema fluvial debaixo das ruas do bairro Zumby. Supostamente um único homem é responsável por todos estes crimes, porém o mesmo até

hoje permanece desconhecido. Estes crimes misteriosos continuam sem solução tanto quanto o terrível esquartejamento do zelador de um galpão no bairro dos Aflitos, e até o presente não há nenhuma pista que leve ao perpetrador bárbaro deste crime abominável. O delegado Mauro e os outros oficiais engajados na solução do crime ainda não foram capazes de levantar a identidade do criminoso. Como em todos os casos descritos as autoridades ainda não se pronunciaram, nem forneceram nenhuma informação adicional sobre as investigações.

O delegado Mauro leu devagar, parando um pouco ao final para dar mais uma tragada no cigarro.

— Muito bem, agora é realmente oficial!

— Vamos ter que voltar lá? — perguntou o soldado Messias desconsolado.

— Provavelmente sim. O tal americano perdeu-se com toda a sua “equipe”. O Prefeito vai querer que passemos um pente fino na região para encontrar o homem.

A porta abriu-se e Gerson entrou de supetão.

— Não me diga que você já sabe do sumiço do americano? — disse ele com um meio sorriso no rosto de fuinha.

— Acabei de ler sobre isso. — disse Mauro estranhando o tom do outro.

— Pois bem, recebi informações privilegiadas que dizem que ele e o índio que o guiava foram exatamente para o meio da tal Serra do Jacarará. Ali o índio o deixou para buscar suprimentos e quando voltou ele havia desaparecido sem deixar rastro.

— O Prefeito quer que nós o procuremos?

— Sim. — disse Gerson em tom cansado — Vamos sair hoje mesmo e começar as buscas tão logo chegemos lá. Apronte-se!

Mauro deu uma olhada de canto de olho para Messias depois apressou-se a dizer:

— Espere aí que quero levar uma pessoa junto conosco.

— Bem seja rápido então. — disse Gerson saindo.

*

O delegado levou duas tropas e fez questão de chamar o velho Hiram.

Se havia alguma coisa de estranho ali ele queria o homem junto.

Alguma coisa lhe dizia que ele ainda poderia ser extremamente útil para desvendar esse caso.

Quando chegou na fazenda levou Hiram e foram conversar com pai Antônio.

O velho já os estava esperando.

— Bons dias padrinho! — saudou ele apertando a mão de Hiram.

— Bom dia meu sobrinho. Pena não vê-lo em situação mais cordial. — disse Hiram sorrindo.

- Bom dia pai Antônio. — disse o delegado — Acredito que vamos precisar de sua ajuda.
- Tinha certeza de que vocês ainda iriam voltar. O bicho continua rondando as terras da fazenda. — explicou pai Antônio — Mas não está atacando a criação, está rastreando gente viva mesmo!
- Quem? — perguntou Hiram.
- O filho mais novo do Barão. Um rapazote que se fez homem há pouco tempo. Já avisei o Barão, mas ele não quer me dar ouvidos.
- Ele sabe do perigo que o filho corre. — falou Hiram — Mas tem outra coisa por aqui...
- Você também sentiu... — falou pai Antônio quase num sussurro.
- Sim. — falou Hiram quase num sussurro.
- É uma outra coisa... acho que o bicho criou aqui nas terras da fazenda... — disse Pai Antônio com a voz tremendo.
- Criou? — perguntou o delegado sem entender. — O que isso quer dizer?
- Hiram fechou o semblante muito preocupado:
- Quer dizer que onde se alimentava um agora são dois!
- O senhor quer dizer que são dois assassinos?
- Não, delegado, quero dizer que agora temos dois vampiros aqui. — afirmou Hiram convicto.
- Tem certeza?
- Ainda não temos. — disse pai Antônio — Pode ser que eu e Hiram estejamos enganados. Mas os espíritos da mata estão arredios e se esconderam com medo do bicho. Faz dias que a mata estava silenciosa, calada, até a cobra grande se recolheu pra debaixo da sua pedra.
- Vamos dar uma busca pra tentar encontrar o corpo do americano. — disse o delegado — Mas não tenho muita esperança de achar não...
- Vamos achá-lo sim delegado. — disse Hiram em um tom sombrio — Estou acreditando que o bicho vai deixar esse bem visível como um aviso, para os próximos.
- Bem então vamos começar.

*

O delegado dividiu as equipes e seguiu com Hiram, Messias, Jalapão e mais dois soldados junto com o índio que guiava o americano.

Trazia consigo uma câmera fotográfica emprestada por Palmares, para o caso de precisar documentar algum achado.

— Preciso que nos leve ao local exato onde ele desapareceu. — explicou o delgado.

O índio os conduziu durante quase cinco horas pela mata fechada em um ritmo cansativo.

Paravam somente o necessário para repor as energias e continuar.

O delegado não queria chegar de noite ao local, senão teria que esperar o outro dia para fazer a busca.

Logo após as duas horas da tarde alcançaram o malfadado acampamento.

O delegado fez uma investigação detalhada em toda a redondeza.

Hiram ajudou a rastrear os passos do americano e depois de alguns minutos localizou uma trilha.

— Ele foi atraído para longe da luz. — explicou o preto velho mostrando o que parecia uma trilha quase invisível pelo chão da mata.

Hiram os conduziu pela trilha durante quase uma hora, sempre seguindo em direção ao sopé da serra.

Enfim parou e mostrou-lhes a terrível cena:

A pequena clareira adiante deles estava quase limpa, exceto por uma pedra sangrenta bem no centro.

Acima dela acharam o caçador!

O corpo do americano dependurado em uma árvore, amarrado pelos braços e pernas e estripado com um animal com o ventre aberto e as vísceras caindo pelo chão sobre a pedra.

— Como eu disse delegado, ele deixou como um aviso!

Episódio 4 – Criaturas da Noite

“Ouça-os, os filhos da noite. Que música eles cantam!”

— **Bram Stoker, Dracula**

I

1890, meados de abril, Recife Velho, Fazenda do Poço dos Patos.

A lua cheia despontou por entre as nuvens pejudadas de tempestade que teimavam em encastelar-se sobre as terras da Fazenda do Poço dos Patos.

Trovões distantes soaram no horizonte pra lá das serras.

Antônio, filho único do Barão, acordou repentinamente sufocado e suado e sentou-se na cama larga com uma sensação terrível de medo e um peso forte sobre o peito que o fazia respirar com dificuldade.

O quarto escuro trouxe-lhe uma sensação de opressão e vazio.

Levantou-se e tomou um pouco d'água de uma garrafa de louça azul em sua cabeceira.

O ar abafado o sufocou por alguns instantes e ele foi até a porta da sacada e a abriu.

O ar da noite entrou frio como uma lufada de terror!

O suor secou em seu corpo e trouxe-lhe o frio da madrugada.

Ele saiu para a sacada.

Respirou fundo, o ar que vinha das bandas das matas chegou até ele, com seus mil odores exóticos.

Não havia nada daquilo em Portugal ou mesmo na Europa.

Lá apenas o frio era persistente!

Antônio havia chegado há poucos dias de Portugal.

Passara a maior parte de sua vida lá, morando com a mãe, estudando, afinal formara-se em Leis e retornara para conhecer as terras do pai.

O Barão ficara muito feliz ao revê-lo.

Amava o filho ternamente.

Antônio mal se lembrava da última vez que vira o pai, era meninote ainda.

Agora, de novo em Recife Velho, tudo lhe era novo.

A fazenda se tornara seu reduto mágico.

Outro trovão ribombou lá pelos lados da Serra da Jacarará.

Tudo estava tão quieto ao redor da casa da fazenda.

Não havia viva alma à vista no terreiro.

Antônio debruçou-se sobre a balaustrada e ficou olhando as sombras das árvores dançando à luz do luar.

Subitamente viu um vulto movendo-se por entre as sombras da árvores.

Alguém rondava o quintal.

Apertou os olhos para ver melhor, mas o vulto sumiu como fumaça.

O luar iluminou uma réstia do pórtico da casa grande e ele viu novamente o vulto esguio de mulher, andando pelo quintal.

Ele tomou um susto!

Conhecia aquele vulto, já havia visto aquela mulher antes, conhecia aquele gingado, aquele andar.

Não pode se conter.

Saiu do quarto, desceu as escadas e abriu a porta que dava para o quintal.

A escuridão estava misturada com o luar criando um efeito fantasmagórico.

Ele a viu, ereta, olhando para ele, no centro do terreiro.

Seus cabelos longos caíam quase até a cintura.

Ele saiu da proteção da casa.

O terreiro estava frio com as horas mortas da madrugada que se avizinhavam.

Ela veio gingando em sua direção.

Ele sentiu um perfume diferente de cravos! Cravos de defunto!

Somente tarde demais ele viu em seus olhos negros a fome que a consumia e em seus lábios vermelhos e intensos os dentes do vampiro!

II

O delegado mandou chamar o velho Hiram!

Ele veio de manhazinha.

Mauro estava bem abatido.

— Preciso de sua ajuda, Hiram. Temos que parar esse maníaco. Já são vinte e quatro pessoas!

— São vinte e seis delegado.

— Como assim?

— Não se esqueça de Josué da Cunha, do terreiro nos Aflitos. — disse Hiram e depois, como se olhasse para alguém próximo à janela que lhe dissesse alguma coisa — E também teve uma criança no início do ano.

— Criança? Não foi noticiado nenhum desaparecimento de criança...

— Ela foi morta no berço. — explicou Hiram.

— Ele fala do bebê no bairro do espinheiro, delegado. — disse Messias — Aquele que ainda está sem solução.

— Foi ele também? — perguntou o delegado sem conseguir acreditar.

— Sim delegado. — confirmou Hiram.

— Isso só piora a situação, vinte e seis assassinatos e nenhuma pista de quem é o assassino.

— Sabemos quem é delegado, ou pelo menos o que ele é, só não conseguimos descobrir seu esconderijo ainda. — falou Hiram.

— Um vampiro? — disse o delegado em um tom cético.

— Delegado Mauro, sei que não quer acreditar que estamos atrás de uma criatura sobrenatural, um homem que se alimenta do sangue de seus iguais para sobreviver... mas esta é uma realidade e precisa acreditar nela para que possamos vencê-lo. A maior arma dele é sua descrença!

Mauro balançou a cabeça, desconsolado.

— Sinto muito, meu caro, mas é difícil para mim acreditar em uma coisa assim.

— Mas é verdade, delegado! Mais verdade do que muitas outras nas quais acredita sem pensar. Além de todas as coisas que possa crer ou pensar... e bem mais forte do que suas próprias crenças podem lhe mostrar.

— Mas porque ele faz isso?

— Porque ele não escolhe o que ele é, delegado, ele caça para viver e se ele estiver perto de pessoas ele as caçará para se alimentar. Ele é muito perigoso, pois pode criar outros de sua espécie!

— Você já enfrentou uma coisa assim? — perguntou Mauro ainda sem conseguir acreditar.

— Sim, uma vez, há trinta anos, no Japão! Foi terrível, os orientais são muito mais perigosos, são inteligentíssimos e extremamente difíceis de serem identificados. Não podemos deixar isso acontecer por aqui. Se o que o pai Antônio acredita for realmente verdade já estamos atrasados em nossa busca e ele já criou outro igual à ele.

— Como podemos conseguir capturá-lo? As pistas são obscuras, temos várias, mas até agora ainda não conseguimos uma localização real ou uma pista de sua identidade.

— Eles são ardilosos e muito espertos delegado. Se escondem sob a pele de pessoas de bem, geralmente pessoas de quem ninguém desconfia. Parentes e amigos!

— Então como vamos descobrir? — disse Mauro já desesperado.

— Podemos tentar uma coisa. Nunca usei um método assim para caçar um vampiro, mas sempre existe uma primeira vez.

— Qual é?

— Vou lhe mostrar ao invés de dizer, delegado. Me encontre mais à noitinha na Estação Zumbi! — falou Hiram despedindo-se.

*

Mauro ficou atormentado o dia inteiro.

Fumou três maços de cigarro, um atrás do outro, tentando ficar mais calmo, mas não resolveu nada. A idéia de que todos aqueles assassinatos estavam sendo cometidos por um homem com poderes sobrenaturais, um homem que bebia sangue para viver, era de certa forma inconcebível em sua mente.

Não conseguia acreditar nas palavras de Hiram, nem nas provas que ele queria lhe mostrar.

Estava vivendo em pleno século dezenove, estas coisas simplesmente não aconteciam assim.

E mesmo assim, o velho Hiram continuava tão crente como quando o conheceu.

Não titubeava em nenhum momento diante de todos os fatos!

Isso confundia Mauro.

Messias não parecia acreditar nem desacreditar de tudo o que o preto velho dizia.

Só aceitava como lhe era dito!

Sem questionar!

Mas isso era uma questão de Fé!

E Mauro tinha muita dificuldade com sua Fé.

Desde a infância travara uma luta constante contra ela.

Primeiro com a morte prematura da mãe, que o deixou aos dez anos.

Depois com o pai, que foi se afastando de tudo e de todos, até mesmo do filho que precisava tanto dele.

Acabou por abandonar tudo e tornar-se padre.

Mauro jamais entendeu a decisão de seu pai.

Anos depois, quando ele veio a falecer lhe enviou uma carta, mas Mauro não teve coragem de abrir.

Estava lá guardada, ainda fechada, dentro da gaveta da escrivaninha do escritório.

A tristeza e o medo o impediam de abri-la

Agora mais do que nunca ficou tentado, quando abriu a gaveta para pegar outro maço de cigarros e a carta lhe veio às mãos.

Mas respirou profundamente e guardou-a no fundo da gaveta.

Já não sabia mais em que acreditar.

O Chefe de Polícia e o Prefeito queriam que ele pegasse o assassino de todo jeito, ele também, mas não havia pistas suficientes sequer para identificar o tal, numa cidade tão grande com tantas pessoas entrando e saindo como poderia conseguir encontrar um homem que supostamente se escondia nas sombras da noite para raptar pessoas e sugar seu sangue?

Era uma história inacreditável demais! Absurda demais para ser verdade!

E no entanto... algo em seu íntimo o fazia confiar em Hiram, mesmo quando tudo lhe dizia o contrário...

Por isso talvez as ideias do preto velho fossem tão aceitáveis à ele.

Hiram proporcionava uma aura sobrenatural ao assassino, de forma que tornava mais plausível o fato de não encontrarem provas da identidade dele.

Transformava-o em uma criatura lendária! Inacessível!

*

No começo da noite Mauro estava na Estação Zumby, logo quando o trem chegou já localizou Hiram.

O preto velho estava todo vestido de branco, com um terno muito elegante e uma bengala preta de castão de osso, um chapéu também branco caía-lhe sobre os olhos.

Sorriu ao ver o delegado.

— Boa noite doutor Mauro.

— Boa noite Hiram. E agora?

— Eu o guiarei. — disse Hiram.

O terreiro ficava próximo dali.

Havia um portão branco cercado por um caramanchão de flores e rosas que dava para um caminho de terra batida ladeado por pedras brancas, ao final havia uma casa grande, branca com o telhado baixo.

Entraram devagar.

O lugar era uma sala grande, redonda, com três lances de degraus que levavam até um círculo também de terra batida.

Pelas paredes eles viram as imagens de diversas Divindades:

Uma delas, maior, era um homem, vestido de azul escuro, trazia correntes passadas ao redor do corpo e uma estada empunhada em ambas as mãos.

Outra era uma linda mulher, de cabelos compridos, castanhos, vestida de ouro e verde, movendo-se como se estivesse dançando.

Uma terceira, era um homem que vestia uma saia amarelo esverdeada, e trazia na mão direita uma vara colorida com as cores do arco íris e na mão esquerda trazia uma serpente com a cabeça voltada para cima.

Embaixo de cada uma das estátuas havia uma gamela de madeira, cada uma com um tipo de comida diferente, ainda exalando cheiro e quentura de recém feitos.

Ao redor de cada gamela havia muitas velas de cores diversas, acesas.

Ali no centro do aposento havia um homem velho os esperando.

Estava vestido com uma calça branca, descalço, tinha sete colares de conta coloridas ao redor do pescoço e um chapéu branco, fumava um charuto forte e na mão direita trazia uma bengala com uma caveira de prata no topo.

Hiram saudou o homem:

— Salve, Pai Exu de Oxalá!

— Salve, meu filho. É com prazer que vejo seu retorno. O que o traz aqui?

— Meu pai. Preciso recorrer à seus Santos para encontrar um homem.

O velho olhou para Hiram muito sério.

— É quem imagino? O assassino de Josué?

— Sim, ele mesmo. — confirmou Hiram — Preciso encontrá-lo antes que faça outro mal!

— Você sabe, meu filho, que uma coisa assim é muito perigosa?

— Eu sei, meu pai, mas preciso achá-lo e detê-lo! Não posso escapar de meu destino.

— Você já não é mais jovem, Hiram, não sei se terá a força necessária para enfrentar esse mal.

— Terei, porque é a Justiça que me move!

— Muito bem, vou chamar Legba para começarmos! — disse o velho.

Ele bateu palmas e do fundo da casa o delegado viu que vinha outra pessoa, gingando.

Um mulato magro e alto, vestido com vermelho e preto, com um paletó negro e uma cartola caída no rosto, trazia na mão direita a cabeça de um tridente vermelho e ao redor do pescoço tinha um lenço vermelho sangue.

O babalorixá saudou os dois com uma reverência:

— Larôye! — disse o velho Hiram com outra reverência.

— Larôye! — retornou o homem com voz sorridente — Vejo que vosmecês estão aqui pra caçar a criatura da noite!

— Larôye! Meu Senhor. — falou Hiram reverencialmente — Sim estamos aqui pra isso.

— E o outro não fala? — perguntou o Exu em tom de graça apontando para o delegado.

Mauro se adiantou meio tímido e balançou a cabeça concordando.

O Exu aproximou-se dele:

— Você é filho meu! Não acredita, mas vai aprender de um modo difícil. Ainda tem que acordar pro mundo!

Depois olhou para Hiram com um sorriso.

— Ele não têm sua fortaleza de Fé, velho caçador da mata! — respondeu o Exu — Será que vai dar conta?

— Vai sim. — disse Hiram piscando um olho para o delegado.

O velho trouxe um pequeno balaio e o Exu o abriu tirando de seu interior uma galinha de penas pretas.

O Exu pegou uma faca de lâmina fina e cortou o pescoço da galinha, espargindo sangue pelo chão de terra batida.

Depois ajoelhou-se e começou a entoar uma cantilena baixa.

O velho trouxe uma cumbuca de palha cheia de pequenos búzios coloridos.

O Exu pegou alguns e sacudiu na terra.

O preto velho afastou-se espantado com o resultado.

O Exu olhou bem para Hiram e disse:

— O que você procura meu velho está bem além das suas forças. Ela não vai vir de bom grado e se vier esse cavalo não vai resistir.

— Preciso da informação. — disse Hiram insistindo.

— Muito bem, mas esteja avisado que ela é espírito antigo que não é deste lugar! — falou o Exu terminando a frase com uma risada rouca.

Assim dizendo ele pediu bebida e charuto e quando o velho os trouxe ele bebeu e fumou.

Depois começou a entoar uma cantiga diferente.

Para Mauro as palavras pareciam-lhe conhecidas:

*“Invoco Dioniso de amplo clamor, que brada evoés,
primogênito de duas naturezas e três vezes nascido, Baco soberano;
feroz e inefável, oculto, bicórneo, biforme,
hederoso de táureo olhar, guerreiro, iê puro deus,
crudívoro, trienal, vinífero de véu vernal;
Eubuleu de muitos conselhos, por Zeus e Perséfone
em nefando leito engendrado, nume imortal!
Ouve, venturoso, minha voz, e sopra suave até nós, impecável,
com peito benfazejo, junto de tuas nutrizes de bela cintura.”*

Subitamente o babalorixá parou de cantar e exclamou:

— Ela veio até nós! — falou com a voz cheia de medo.

Eles a ouviram antes mesmo de conseguirem vê-la.

Um morcego grande veio voando para dentro do terreiro pela janela do sul e pousou no chão.

Era grande, com quase meio metro de altura.

Mauro se afastou e procurou o coldre do revólver embaixo do terno.

Antes temia que as coisas estivessem fugindo ao controle, mas agora, diante de tudo aquilo tinha certeza de que as coisas realmente estavam fugindo ao controle.

Diante deles a criatura se metamorfoseou.

Assumiu a figura de uma moça com pele pálida, cabelos dourados e olhos negros.

Vestia um vestido curto como uma pequena toga de cor azul claro.

Seu olhar era direto e duro como o aço.

Ela olhou para o babalorixá e ele soltou um grito e caiu ao chão.

Ela olhou para Mauro e ele se sentiu nu diante dela.

Ela sorriu e quando falou sua voz era macia e parecia sobressair à todos os sons ao redor.

— Vocês me invocaram e eu vim. O que querem de mim? O que vocês me darão em troca?

O velho Hiram ficou ao lado de Mauro.

— Existe outro como a Senhora nesta cidade. Precisamos saber o nome dele e onde está.

Era riu e de repente todas as esperanças que Mauro tinha de que aquilo pudesse acabar bem foram por água à baixo.

— Outro igual a mim? Outro! Não há outro igual à mim. Eu sou Leucippe das Minyades! Não há outra como eu nestas terras esquecidas dos Deuses!

Mauro ficou com medo, pois viu sua morte naqueles olhos negros!

Hiram deu um passo à frente e inclinou-se um pouco em reverência:

— Senhora, precisamos saber o nome daquele que você criou.

— Porque eu deveria me submeter à vocês? Sequer são crentes de minha fé? Nem mesmo possuem nada que me obrigue! — disse ela abaixando-se e mordendo o pescoço do babalorixá que estava caído à seus pés e refestelando-se com seu sangue quente.

Mauro sacou do revólver e ia atirar quando Hiram afastou sua mão e colocou o dedo sobre os lábios pedindo que fizesse silêncio.

Mauro ia dizer alguma coisa, mas Hiram falou em voz baixa:

— Venha, vamos sair daqui! Não há mais nada que possamos fazer por ele.

Mauro ia voltar-se quando Hiram falou de novo:

— Bem devagar agora, não chame a atenção dela.

O delegado viu a moça levantar o olhar, os olhos vermelhos e injetados, sem tirar os lábios sangrentos do pescoço do babalorixá.

Aquele olhar quase o congelou onde estava.

Foi com muito esforço que seguiu o preto velho.

Hiram tomou-lhe a mão e saíram do terreiro sem fazer barulho.

Lá dentro ele ainda podia ouvir o som dos lábios sugando...

Pai Exu de Oxalá fechou as portas atrás de si chorando pelo destino de seu protegido.

Hiram o abraçou.

— Desculpe, velho amigo. Não sabia com o que estávamos lidando. Se soubesse jamais teria pedido que a trouxesse aqui!

— Eu sei, meu amigo. Eu também sabia dos riscos! — disse o preto velho com a voz embargada.

Hiram voltou-se para Mauro.

— Não temos mais nada o que fazer aqui delegado. Vamos!

— Não podemos. Tem uma assassina ali dentro. Preciso chamar o Messias e pedir para ele trazer a tropa em peso para a prendermos.

— Não delegado. Não há nada que possamos fazer com ela aqui hoje. Ela é forte demais, poderosa e antiga demais para que consigamos sequer chegar perto dela. Foi um erro tentar, e precisamos aprender com nossos erros. Precisamos dar valor à vida do babalorixá que morreu para que pudéssemos aprender o que fazer da próxima vez.

— Não é ela a assassina de todas aquelas pessoas? — perguntou Mauro sem entender — Ela não é um vampiro?

— Sim ela é um vampiro, ou pelo menos uma forma de vampiro. Ela é uma Minyade, uma criatura grega. Mas não é ela quem está matando as pessoas.

— Então quem é?

— Alguém que ela criou. Outro como ela, porém de menor poder, mais novo.

— Como poderemos encontrá-lo?

— Preciso pensar, refletir, descobrir mais sobre o que estamos enfrentando. — disse Hiram enquanto caminhavam pela rua em direção à estação de trem.

O delegado retornou sozinho para a delegacia e passou a noite acordado!

*

De manhã bem cedo Hiram voltou a falar com o delegado.

Mauro estava com uma xícara de café bem quente em uma das mãos e um cigarro de papayna na outra quando o preto velho entrou:

— Bom dia delegado. — disse ele com um sorriso sentando-se em frente à mesa de Mauro.

— Não é um bom dia Hiram. Temos mais um desaparecimento. Uma atriz do teatro sumiu ontem à noite! Enquanto estávamos no terreiro.

— Bem agora eu sei de uma maneira para encontrá-lo. — falou o velho bem devagar — Mas ela é perigosa demais para ser tentada sem que sejam tomadas algumas precauções. E também porque será o senhor que precisará fazê-la.

— Porque eu e que maneira perigosa é essa? — perguntou o delegado já temendo a resposta do preto velho.

O velho levantou-se, acendeu o cachimbo devagar e aproximou-se da janela.

Por um momento foi como se algo passasse em frente à seus olhos e então falou:

— Em outros tempos os homens recorriam à elas em busca de sabedoria, poder e conhecimento, hoje porém elas vivem esquecidas...

— Elas quem? — perguntou o delegado sem entender onde ele queria chegar.

— Tentei um intermediário, mas não conseguimos a resposta que precisávamos, agora teremos que recorrer diretamente à elas...

— Mas quem são elas, Hiram? — perguntou o delegado aflito com as evasivas.

— As Moiras, delegado! Teremos que consultar as Moiras! — falou o velho com a voz embargada.

O delegado fez uma pausa longa, pensando no que iria dizer:

— Hiram, veja bem. Ontem eu tive que passar por cima de todos os meus escrúpulos para sair daquele lugar sem sequer tentar salvar aquele homem. Hoje você vem me dizer que temos que consultar outras pessoas, videntes talvez que possam nos indicar o que fazer?

— Sei que o que peço ao senhor é uma coisa difícil de se fazer. A fé é uma coisa incondicional e neste caso o senhor precisa ter muita fé!

— Não se trata de fé, Hiram, se trata de um assassino que a cada dia faz mais vítimas, vinte e sete já, e continuo sem nenhuma pista.

— Delegado, sei que não quer acreditar que estamos procurando uma criatura sobrenatural, com poderes que vão além das coisas que vemos sob o sol do meio-dia, mas é uma verdade e quanto mais cedo aceitar isso mais fácil será lutar contra ele.

— E o que me diz que posso fazer se ele for tão parecido com aquilo que vimos ontem?

— Ele é recém feito, é novo e inexperiente. Por isso deve ser muito mais fácil lidar com ele.

— O senhor já enfrentou coisas assim? Já me disse que tinha feito...

— Sim, já enfrentei Strigoi e Jiang Shi na Ásia, o terrível Baital na Índia e até mesmo a Hannya no Japão, delegado. Já cacei párias desta espécie pelas ruas londrinas. Conheço bem este tipo de criaturas da noite. Não imaginava, porém que este que estamos enfrentando fosse grego. No início imaginei que fosse uma Empusa, porque as Minyades são extremamente difíceis de encontrar... nunca soube que elas haviam emigrado para cá com os outros...

— Meu caro Hiram... — começou Mauro muito cético — Nós precisamos de mais evidências... mais provas...estamos correndo atrás de um homem vivo, e ele não é sobrenatural! Eu sei que o que aconteceu ontem foi terrível, além daquilo que posso compreender, mas não podemos simplesmente sair por aí dando ouvidos à qualquer vidente... E que outros são esses?

O preto velho olhou para Mauro com um olhar duro e fechou o semblante.

— Delegado Mauro, sei que é difícil acreditar que tudo aquilo que viu ontem foi a realidade, mas foi e nada que disser poderá mudar isso. Quanto mais tempo levar para aceitar o fato mais pessoas encontrarão a morte nas garras diabólicas dessa criatura.

— Mas apelar para videntes...

— Não são videntes delegado, são as Moiras, as Parcas, as filhas de Zeus que controlam o destino de nós mortais, que determinam o curso de toda a vida humana...

— Agora você está me pedindo demais! — disse Mauro zangado — Acreditar em fantasmas é uma coisa, mas acreditar que existem deuses antigos é outra completamente diferente, pressupõe também a existência de toda sorte de criaturas folclóricas...

Mauro parou de falar ao notar o olhar acusador de Hiram.

O delegado deu uma tragada forte no cigarro e jogou a bituca pela janela.

— Me resigno à sua vontade. Onde podemos encontrá-las? – falou Mauro com a voz cansada.

— Bem, elas são encontradas apenas nos sonhos, delegado. E somente poderemos sonhar com elas se elas assim o quiserem!

— Teremos que sonhar com elas então?

— Sim, de certa forma sim.

— Como faremos isso?

— Sonhos induzidos são usados para alcançá-las dentro do Sonhar. Teremos que fazer isso no sábado, amanhã, que é o dia em que estarão mais propícias à falar conosco. Usaremos o terreiro de Pai Exu.

— Bem vou tentar ser mais crédulo da próxima vez. — disse o delegado.

— Vou falar com ele e espero o senhor lá amanhã no comecinho da noite.

— Muito bem, eu o verei lá! — disse o delegado despedindo-se muito preocupado.

*

No começo da noite de sábado o delegado Mauro desceu na Estação Zumby, e caminhou devagar até o portão do terreiro.

O preto velho o estava esperando, já vestido com a indumentária branca de costume.

Sorriu ao ver o delegado.

— Boa noite delegado.

— Boa Noite Hiram. Que fazemos agora?

— Vamos nos preparar, mas a cerimônia só começará à meia-noite.

— Porque tão tarde?

— Temos que observar dias e horas neste caso. Nada pode sair errado.

Dentro do terreiro Pai Exu já os esperava.

— Hoje eu conduzirei a cerimônia. — disse ele.

O delegado notou que ele estava bem abatido e cansado.

O homem saiu e voltou meia hora depois já vestido com a roupa preta e vermelha, paletó e cartola e o tridente na mão.

Gingava de forma diferente e Mauro imaginou quem estaria ali com eles agora.

O babalorixá saudou os dois:

— Larôye!

O velho Hiram fez uma reverência:

— Larôye! Meu Senhor. Estamos prontos.

— Sabem o que iremos fazer hoje?

— Sim sabemos. — disseram os dois.

— Não vou trazer ninguém mais aqui. Perdi um cavalo muito bom noutra dia e a mulher não queria ir embora mais. Deu trabalho para tirar ela daqui. Porque você insistem em lidar com esse pessoal antigo?

— Precisamos do conhecimento que eles têm. — explicou Hiram.

— Muito bem. Mas muito cuidado por onde irão errar hoje. Vão estar em um lugar diferente, não é o mundo como vocês conhecem e estarão lá por conta própria, não poderei guia-los nem ajuda-los, pois é a terra d'Elas!

— Sabemos dos riscos. — disse Hiram.

— Sei que sabem. — disse o Exu olhando para ele bem sério — Você está bem protegido, senhorzinho, mas ele... — disse apontando para o delegado — Ele não sabe nada!

— Ele vai aprender. — falou Hiram.

— Vai sim, vai sim, de um jeito ou de outro ele vai sim! — disse o Exu com uma gargalhada alta.

Indicou duas cadeiras brancas colocadas no centro do salão.

— Sentem-se ali e fechem os olhos!

Os dois sentaram-se nas cadeiras e fecharam os olhos.

Escutaram um batuque distante soando bem devagar.

Aos poucos a música foi aumentando de volume cadenciadamente, com um tambor ao fundo e em um ritmo que foi lhes fazendo ficar como sono.

Mauro fechou os olhos pesados e adormeceu.

O batuque continuou ressoando em sua mente.

Quando ele parou Mauro abriu os olhos.

Não estava mais no terreiro, mas sim em uma praia, um lugar distante.

Achava que já havia visto aquela praia em sonhos.

Um lugar de areia avermelhada.

As ondas batiam devagar na areia cheia de conchas quebradas.

Havia um grande promontório que se abria à sua frente e o horizonte era como um pôr do sol, mas este brilhava bem fraco, quase como um reflexo de si mesmo.

Uma lua grande do outro lado do horizonte, brilhava redonda e branca com uma luz muito forte,

O céu estava cheio de estrelas, constelações bem diferentes das que conhecia.

Ouviu um barulho atrás de si e olhando viu o preto velho, abaixado, arrumando uma fogueira.

O fogo dançava como se tivesse vida própria e não exalava fumaça nem cheiro.

Hiram o viu chegando e fez um sinal para que se aproximasse.

Então começou a declamar uma litania em uma voz baixa e rouca:

— Eu ofereço um marco de pedra. — e ele tirou uma pedra preta do bolso e a colocou no chão à sua frente.

— Eu ofereço uma faca ganha do povo de Sob as Colinas — ele tirou uma faca de lâmina brilhante e cabo de osso branco e a fincou ao lado da pedra.

— Eu ofereço uma varinha de abrunheiro cortada sob a luz da Velha Lua — e ele tirou um galho de abrunheiro retorcido de dentro da manga e a colocou do outro lado da pedra.

— Eu ofereço uma concha das praias das Infinitas Terras — falou ele e tirou uma concha de madrepérola rosada de outro bolso e colocou-a ao lado da faca.

As palavras ressoaram sobre o barulho das ondas do mar e Mauro sentiu que alguma coisa se aproximava.

Sentiu que algo os estava observando.

Algo que não pertencia ao mundo dos homens!

A voz de Hiram elevou-se e pareceu ecoar pelo ar:

“Eu as chamo... ó Senhoras de muitos nomes!

Eu as invoco... com fé e com necessidade e abro os portões para que venham até mim!

Eu as invoco em nome dos Velhos Deuses.

Venham, venham, venham...

Aqui nós as invocamos.

Juntos nós as invocamos.

Venham!”

O sol se pôs e a noite chegou naquela praia.

A luz brilhou mais e as estrelas pareceram descer do firmamento.

Curiosas para ver o que ia acontecer ali.

Mauro viu muitas sombras surgirem nas bordas da luz da fogueira.

Então Elas vieram!

E eram três!

Eles ouviram um bater de asas distante.

O velho Hiram voltou-se para o lado norte e fez uma reverência:

— Bem vindas minhas Senhoras!

Mauro viu que uma delas era bem jovem, de cabelos dourados e olhos verdes, vestia uma túnica branca que lhe chagava à altura das coxas alvas.

A outra era uma mulher jovem, de cabelos negros e olhos azuis, vestia uma túnica mais comprida de um branco desbotado e trazia na mão um caduceu.

A terceira era muito velha, com cabelos longos e branco que desciam até sua cintura e olhos negros, mas que ardiam com um fogo vivi.

Uma delas, a mais nova, disse:

— Você não mudou nada, meu belo Hiram.

A do meio sorriu:

— Você afinal nos procurou. O que deseja?

— Trouxe alguém que precisa muito de conhecimento. — explicou Hiram com uma reverência mais profunda.

— Deixe que ele fale por si mesmo. — falou a mais velha olhando para Mauro.

O delegado sentiu um silêncio profundo crescer ao seu redor.

— Diga-lhes o motivo. — pediu Hiram.

— Temos um assassino... — começou Mauro sem saber muito o que dizer — Ele está matando pessoas e precisamos pegá-lo.

— Queridinho, é isso que os assassinos fazem. — disse a mais velha rindo.

— Não perdemos tempo com assuntos desses. — disse a do meio olhando para Hiram.

Ele ficou ao lado de Mauro e disse:

— Uma das Minyades criou um vampiro nesta terra. — falou ele bem sério — Ela quebrou a lei!

As três olharam-se e a mais nova disse:

— Sim. Ela criou o que não deveria ser criado. Ela quebrou o juramento que fez à nosso Pai e ao Pai de Todos!

— Mas não é nosso dever puni-la! — falou a segunda — Somente Nêmesis pode fazê-lo!

— O que deseja de nós, meu filho? — perguntou a mais nova olhando para Hiram com carinho.

— Preciso saber quem é esse vampiro e onde posso achá-lo, para poder dar fim à ele e restaurar o equilíbrio.

As três olharam-se como se conversassem entre si.

Então a mais nova voltou-se para Hiram:

— A maldição do sangue caiu sobre sua cidade, e somente uma estaca de espinheiro poderá libertá-la.

A segunda falou em seguida:

— O sol do meio dia o manterá adormecido o suficiente para o que precisam fazer. A noite é seu refúgio e sua fortaleza!

A mais velha disse olhando bem fundo nos olhos de Mauro:

— Seu nome é tabu para nós. Mas vocês o encontrarão sob o signo do morcego!

O preto velho sorriu e fez uma reverência.

— Obrigado, minhas Senhoras!

A mais velha gargalhou, um som oco e cortante e sua voz era como um déja vú:

— Não se agradece ao Destino, caçador, nós não o ajudamos, apenas lhe dissemos o óbvio...

A mais jovem passou a mão nos cabelos de Hiram e sorriu:

— Olhe bem para dentro das palavras, meu querido! Eu o verei novamente em seus sonhos!

O velho sorriu como se lembrasse de antigas memórias.

Mauro acordou assustado como se tivesse a sensação de estar caindo.

Hiram estava acordado já ao seu lado.

Ele lembrava-se vivamente do sonho... das palavras das três senhores... mas não conseguia entendê-las...

A voz antiga da mais velha ainda ressoava na mente de Mauro:

— Vocês o encontrarão sob o signo do morcego!

Episódio 5 – A Sombra do Morcego

“Há uma razão porque todas as coisas são como elas são.”

— **Bram Stoker, Dracula**

I

Mauro acendeu outro cigarro e olhou para fora da janela.

A luz do sol batia nos paralelepípedos da calçada.

As pessoas andavam apressadas, sem saber o mal terrível que se escondia na escuridão da noite que se avizinhava.

Uma caleça passou, uma senhora colocou a cabeça para fora e disse algo.

O bonde puxado à cavalo seguia apressado pela rua.

Ele podia sentir o cheiro da garoa da manhã que se evaporava.

Voltou seu olhar para dentro da sala.

Messias estava à um canto, parado, olhando o velho Hiram.

Este estava acendendo o cachimbo compenetrado.

O doutor Romão estava sentado perto da mesa.

— O que elas queriam dizer? — perguntou o doutor.

Hiram tragou o cachimbo e disse:

— Primeiro nos contaram que teremos que fazer uma estaca de espinheiro para dar cabo do vampiro. Depois nos avisaram de eu termos que ir atrás dele enquanto ainda for dia, pois de noite ele será invencível. E por último nos deram um sinal pelo qual poderemos reconhecê-lo.

— O morcego? — perguntou o doutor tentando entender.

— Sim. Nós o reconheceremos por causa do morcego, é o animal caracteristicamente associado ao vampiro. — explicou Hiram.

— Temos muitos morcegos por esses lados. Como vamos saber qual é o certo? — disse Messias.

Foi o doutor Romão quem se lembrou:

— Ora podemos pergunta ao Selmo, ele deve saber.

— Quem? — perguntou Hiram curioso.

— Selmo Rovardi, um naturalista que estuda morcego. — explicou o delegado. — Nós o consultamos quando aconteceu o caso da criança, pensávamos que tivesse sido um morcego quem a atacou.

— Sim. — disse o doutor — Ele confirmou que tinha um espécime que fugiu e por isso pensamos que fosse um morcego hematófago que estivesse por trás do ataque.

— Ele confirmou? — perguntou Hiram muito interessado. — Ele tinha um espécime que fugiu?

— Sim, um espécime bem grande. Ele chegou a nos mostrar sua coleção de morcegos. Dois deles tinham quase cinquenta centímetros de altura. — disse Mauro sentindo uma espécie de déjà vú em suas palavras.

— Decerto eram hematófagos também, não? — perguntou Hiram muito cauteloso.

— Sim. Ele os havia capturado... onde mesmo doutor? — perguntou o delegado.

— Foi... em uma viagem que ele fez à foz do Rio Amazonas! — lembrou-se o doutor.

— Quem sabe não podemos falar com ele? — falou Hiram — Ele poderá nos contar mais à respeito das espécies de morcego daqui e quem sabe nos elucidar sobre o signo do morcego?

— Certamente que sim. — disse o doutor Romão. — Ele estava viajando, mas acho que já voltou. Podemos ir à noitinha.

— Porque não agora? Ainda está cedo. — disse Hiram.

— Bem, ele nunca está em cada durante o dia. — explicou o doutor — Já estive lá diversas vezes de manhã e de tarde e nunca o encontrei, mas de noite está sempre lá.

— Muito bem então. — disse o delegado — Vamos conversar com ele ainda hoje de noite!

*

O sol se pôs bem devagar no oeste, por entre as árvores escuras da rua vazia.

As sombras cresceram sobre as calçadas de peti-pavê.

O sol estalado dos cascos de um cavalo ressoaram agourentos pela rua.

Uma caleça parou e os deixou em frente ao grande sobrado na esquina da Avenida Júlio de Mello com a Rua da Conceição.

Hiram olhou ao redor com um olhar crítico.

Reparou nas grandes castanheiras e jequitibás que o rodeavam e cobriam-no todo de sombras.

Notou pequenas gárgulas sobre os mourões altos do portão e olhando melhor verificou que tinham um semblante sub-reptício e pequenas asas de morcego.

O médico adiantou-se e tocou a campainha.

O surrado som do carrilhão soou.

Após alguns minutos de espera a porta abriu-se silenciosa.

A silhueta alta do naturalista Selmo Rovardi destacou-se no umbral.

Seus olhos correram pelos três e seus lábios entreabriram-se em um sorriso quando reconheceu o doutor e o delegado.

— Meu caro Doutor Romão, que prazer. — disse o homem apertando a mão do doutor — E o senhor também delegado Mauro. Vieram me fazer uma visita?

— Sim, meu caro. — disse o delegado — Mas é uma visita oficial!

O semblante do outro anuviou-se.

— Espero não ter feito nada que contrarie a lei?

— Não, claro que não. — disse o delegado sorrindo — Não é esse tipo de visita oficial. É que precisamos de sua opinião de especialista sobre um assunto.

— Naturalmente delegado, ajudarei no que for preciso. Entrem e por favor me acompanhem em um licor. E este quem é? — perguntou olhando detidamente para Hiram.

— Este é o senhor Hiram, também é um consultor da polícia para assuntos criminalísticos. — explicou o delegado.

— Qual a especialidade dele, se posso perguntar? — perguntou Rovardi muito interessado.

O delegado voltou-se para Hiram preocupado, mas o velho sorriu:

— Sou um rastreador, senhor Rovardi. Caço homens!

Rovardi o olhou com um olhar estranho.

O naturalista os conduziu pela casa até o salão de visitas.

Hiram notou que no vestíbulo, meio escondido por uma cortina havia uma gravura muito diferente, representava um morcego com as asas abertas em primeiro plano, com uma casa de fazenda ao fundo e logo abaixo dele uma cabeça decepada também de vampiro, com grandes orelhas peludas, um nariz pontiagudo e uma boca cheia de dentes proeminentes.

— Muito interessante esta gravura. — disse ele ao naturalista mostrando o quadro — Quem a fez?

— Oh esta gravura! — disse Rovardi sorrindo — Foi um presente de um amigo espanhol que morava no Suriname. É de um livro muito conhecido na Europa chamado “*Narrativa de uma Expedição de Cinco Anos contra os Negros Revoltados do Suriname*” de um John Stedman. Muito famoso por lá, diga-se de passagem. Como eu estudo os morcegos ela me chamou muito a atenção e pela amizade que tenho com a pessoa que me presenteou eu a coloquei no vestíbulo.

— É realmente uma representação notável de um morcego. — disse o doutor.

— Sim, é de um morcego vampiro, como o descreveu o autor! — disse Rovardi com certo orgulho da gravura. — Agora se me permitem leva-los até o salão.

— Naturalmente. — disse Hiram seguindo-o.

No salão o naturalista os serviu com um licor de jenipapo bem forte e enquanto bebericavam perguntou:

— Bem, em que posso ajudá-los?

— Gostaríamos de saber em que parte da cidade você localizou mais morcegos que se alimentam de sangue. — pediu o delegado.

— Bem... acredito que foi perto do bairro Zumby, Ypiranga e Afogados, porque?

— Porque acreditamos que não foi um morcego que fez aquilo com o bebê. — disse o doutor muito sério.

— Não? Não entendo. — disse Rovardi com o sobrecenho franzido — Se não foi o morcego que me foi furtado, que outro animal seria?

— Acreditamos que foi um homem que fez aquilo. — disse o delegado com o semblante carregado.

Rovardi ouviu em silêncio, então abruptamente deu uma risada.

— Está brincando comigo, delegado Mauro. — disse ele rindo.

Mas o delegado estava bem sério.

— Não senhor, não estamos. Tenho pura convicção de que um homem foi responsável por aquilo, e que foi o mesmo homem quem cometeu os assassinatos do bairro Zumby.

— Decerto não deve achar que foi o mesmo que sumiu com o filho do Prefeito, não?

— Sim, acredito que foi o mesmo. — disse o delegado.

— Mas, o senhor está concedendo-lhe poderes maravilhosos. — disse Rovardi divertido — Como ele poderia fazer tanta coisa assim? E as marcas de morcego no caso do bebê?

— Não descarto a possibilidade de que ele usou alguma artimanha desconhecida neste caso. Para confundir a Polícia. Mas nos outros verificamos todos os fatos e provas que conseguimos nas cenas dos crimes e todos nos levam a crer que é um único homem quem está fazendo tudo isso.

— Como? É impossível! — disse Rovardi agora sério. — Ele teria que ter poderes sobrenaturais...

Hiram olhou para ele e disse:

— Acreditamos que ele não é necessariamente nem completamente humano.

— Como? Ele seria o que então? — perguntou Rovardi tentando entender.

— Ele seria um vampiro! — disse Hiram olhando nos olhos do naturalista.

Rovardi sustentou o olhar, mas soltou uma risada alta.

— Desculpem, mas eu... não consigo acreditar nisso... sou um homem da Ciência. Isso me parece superstição! De um tipo estranho, devo dizer, mas ainda é superstição!

— Bem teremos que provar isso ainda, mas tenho uma forte convicção de que logo teremos as provas que precisamos. — disse Hiram compenetrado.

— Devo presumir que vocês conhecem as tradições e lendas que se relacionam com esta “criatura das trevas” então? — perguntou Rovardi acentuando suas aspas.

— Decerto que sim. — disse Hiram.

— O senhor também as conhece? — perguntou Mauro.

— Naturalmente que sim, delegado. Na minha profissão a Ciência é muitas vezes encarada como magia e nós, cientistas, somos várias vezes confundidos com feiticeiros e mágicos. Quando comecei a estudar sobre os morcegos hematófagos tive os primeiros vislumbres destas lendas.

— Nas viagens que fez? — perguntou o doutor curioso.

— Sim, pelos Cárpatos principalmente. Ali os morcegos são temidos e são chamados de nosferatu e são caçados e mortos porque os campônios acreditam que todo aquele que for mordido por um desses se transformará em um vampiro quando morrer.

— Uma crença estranha. — disse o delegado.

— Sim, contudo ouvi algumas histórias muito sombrias de que realmente algumas pessoas mordidas pelo morcego acreditaram que realmente se tornariam vampiros e passaram a comportar-se como tal,

atacando as criações e até mesmo outras pessoas durante seus surtos, de forma que seus próprios vizinhos tiveram que tomar medidas extremas contra eles. Mas sabemos como a mente humana é influenciável e que pessoas são extremamente sugestionáveis, principalmente os ignorantes e analfabetos das áreas rurais. — falou o naturalista olhando diretamente para Hiram.

— E o senhor nunca acreditou nestas lendas e histórias? — perguntou o preto velho.

— Não. Nunca me passou pela cabeça que fossem outra coisa senão lendas e histórias, principalmente por que o verdadeiro *Desmodus rotundus*, o morcego hematófago, tem seu habitat unicamente nas Américas do Sul e Central. Não aparecendo em nenhum outro lugar do mundo.

— Nem mesmo nos Cárpatos? — perguntou o doutor intrigado.

— Principalmente nos Cárpatos meu caro doutor. — disse o naturalista sorrindo — As lendas sobre os vampiros são muito antigas e não poderiam ter sido influenciadas pelos morcegos hematófagos porque estes habitam apenas as Américas e nunca foram levados para a Europa ou mesmo a Ásia. O nome destes morcegos veio das lendas e histórias, e não o contrário como geralmente se pensa erroneamente!

— Bem, neste caso de nada adiantará sabermos sobre os morcegos daqui da região. — disse o delegado desconsolado.

— Acredito que sim, delegado. Mesmo assim a visita foi extremamente interessante. — falou Rovardi sorrindo de maneira estranha.

— Devemos ir então. Teremos que recomeçar do zero novamente. — disse o delegado triste.

— Espero poder ser mais útil da próxima vez.

— Também espero, meu caro Rovardi, também espero. — disse o delegado despedindo-se.

*

A rua estava escura e deserta.

Os três caminhavam devagar.

Mauro estava perdido em pensamentos.

Ficaram silenciosos durante um longo tempo.

A lua saiu de detrás de uma nuvem escura e iluminou um pouco o caminho.

Hiram falou primeiro:

— Acredito que já sei quem é que estamos procurando, delegado.

— Quem? — perguntou o doutor curioso — Como você conseguiu descobrir?

— A princípio pensei que era apenas coincidência... — falou Hiram com alguns rodeios — Mas depois tive certeza.

— De que? — perguntou Mauro parando e olhando o preto velho muito sério.

— Nós já encontramos aquele que procurávamos.

— Aquele que é o vampiro? — perguntou Mauro.

— Sim. Ele realmente é muito inteligente e pensa estar acima dos outros. Se não fosse descuidado nunca o teríamos encontrado.

— De quem estamos falando? Eu não percebi que mencionamos nenhum nome... — disse Mauro.

— Estou falando do naturalista, delegado, do senhor Rovardi. — falou Hiram olhando Mauro nos olhos.

Mauro riu.

— O senhor está brincando. Não pode estar falando sério.

— Estou sim. Tive a certeza somente durante nossa conversa, mas quando entramos... algo me disse que havíamos encontrado nosso vampiro.

— Como? Por quê? O que o faz ter tanta certeza.

— Bem primeiro foram os pequenos gárgulas de pedra em forma de morcego nos mourões do portão. Depois aquela gravura no vestíbulo... lembrem-se das palavras das Parcas...

— Que Parcas? — perguntou o doutor muito curioso.

— Isso não faz do homem um vampiro, Hiram. — falou Mauro chateado.

— Não. Mas depois quando ele discorreu tanto sobre as lendas, a maneira como tentava negar a existência dos vampiros, mostrando-os apenas como uma superstição tola...

— Se pensarmos do ponto de vista dele eles não são mais que isso. — disse o médico tentando sorrir.

— Juntem os fatos senhores. — falou Hiram em voz baixa — Nunca o encontraram durante as horas do dia, sempre à noite... vocês mesmos me confirmaram isso...

— Bem sim, mas viemos procura-lo poucas vezes. — disse Mauro pensando nas palavras de Hiram.

— Ele conhece muito sobre vampiros... — tornou Hiram.

— Decerto que sim, estudando os morcegos deve ter visto e ouvido muitas coisas estranhas. Afinal não podemos negar que a criaturinha possui a personificação do mal. — falou o doutor Romão.

— Só poderemos ter a certeza de que é ele realmente para o desmascarmos se retornarmos durante o dia. — disse Hiram.

— Como assim? — perguntou Mauro.

— Devemos voltar durante o dia para encontrá-lo e confrontá-lo. — falou Hiram — Devemos ter a certeza...

— Muito bem, não podemos fazer isso. — disse Mauro — E se ele tiver saído? Não estiver em casa? O que faremos?

— Entraremos e procuraremos. — disse Hiram convicto — É a única maneira de termos certeza.

— Invadiremos sua casa? Isso é contra a lei. — falou o delegado.

— Não se estivermos procurando pistas importantes, e neste caso estaremos. Precisamos ter certeza da sua natureza. Se for apenas um naturalista que gosta de morcegos então estarei errado e admitirei meu erro, mas se eu estiver certo, e sei que estou, ele será o vampiro!

Mauro balançou a cabeça sem convicção.

— Não sei o que fazer.

— Não podemos nos dar à esse luxo, delegado. Temos que fazer algo antes que outra pessoa seja morta. — falou Hiram.

Mauro pensou enquanto caminhava.

— Muito bem. Voltaremos amanhã durante o dia e então veremos o que encontraremos!

Sobre suas cabeças um grande morcego voou baixo.

*

O sol do meio-dia brilhou forte sobre as cabeças dos quatro.

O frontão do casarão do naturalista erguia-se proibitivo à sua frente.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Romão com um acento nervoso na voz.

— Não tenho. — disse o delegado — Mas quero ter a certeza de que Hiram está errado!

E olhou com olhar crítico para o preto velho que lhe sorria.

— Depois de tudo o que viu delegado, sua fé deveria ser outra.

— Isso não tem a ver com fé, Hiram. Estamos invadindo propriedade alheia. Se ele nos descobrir ou prestar queixa posso perder o cargo e vocês serem acusados de invasão ou coisa pior.

— Não temos outra alternativa, delegado. Um confronto direto sem a certeza que precisamos seria desvantajoso para nós. Poderíamos não sair daqui vivos. — explicou Hiram.

— Muito bem. Se vamos entrar vamos antes que caia a tarde. — disse Mauro abrindo o portão.

Entraram no terreno do casarão.

Messias deu a volta pelo lado esquerdo como doutor Romão, enquanto o delegado ia com Hiram pelo outro lado.

As portas estavam trancadas e as janelas bem fechadas.

Atrás do sobrado chegaram ao largo jardim cheio de rosas, samambaias e tulipas.

Hiram viu a pequena estufa ao fundo, para lá se encaminhou decidido.

— Não vamos entrar na casa? — perguntou o delegado.

— Por enquanto não. Quero ver o que tem aqui. — disse o preto velho.

— É o lugar onde ele mantém sua coleção de morcegos. — disse o delegado.

A porta da estufa estava destrancada.

Entraram.

O ar abafado estava cheio de odores muito exóticos.

Flores silvestres de toda ordem e espécie cresciam por ali.

No fundo da estufa o delegado mostrou uma porta de madeira.

— É aqui a entrada.

Hiram olhou ao redor.

Abriu a porta devagar.

Uma escadaria de pedra conduzia para o interior da terra.

Hiram tirou um pequeno lampião da mochila que Messias trazia e acendeu-o.

A luz iluminou a escadaria de maneira funesta.

Desceram devagar para não fazer barulho.

O porão úmido e terroso continuava como o delegado o havia visto da primeira vez.

Largo e meio vazio e em seu centro a mesa larga de pedra.

Hiram olhou ao redor para as diversas jaulas compridas e largas nas paredes.

Os morcegos dentro delas se moveram, irritados pela luz forte.

A luz do lampião fazia brotar sombras estranhas pelas paredes lúgubres do lugar quando entrecruzavam com os corpos dos quatro investigadores.

O delegado não podia deixar de sentir uma estranha sensação de estar sendo observado durante todo o tempo.

Também Hiram olhava nervosamente para os lados como se esperasse ver surgir o naturalista à qualquer momento.

Então disse:

— Veja, uma delas está vazia.

O delegado seguiu seu olhar e realmente viu que uma das celas estava vazia de morcegos.

Aproximaram-se.

A grade estava aberta.

Subitamente Mauro lembrou-se dos grandes morcegos que havia visto na primeira vez que aqui viera.

Olhou ao redor, temeroso de que houvessem escapado.

Mas localizou a cela maior onde estavam presos.

Suspirou de alívio.

Então ouviu Hiram dizer:

— Tem outra porta aqui.

Realmente, no fundo da cela, escondida pelas sombras havia uma porta menor de madeira pintada de preto.

Mauro tentou abri-la, mas estava trancada.

Hiram pediu:

— Onde estão as gazuas, delegado?

— Aqui com Messias. — disse Mauro.

Com habilidade o soldado abriu a porta.

Um bafo frio e um odor acre e penetrante de sangue encheram o ar quando abriram a porta.

Eles recuaram involuntariamente!

Por um momento os quatro tiveram medo, um medo avassalador que tomou-os de assalto e quase os fez recuar.

Então Hiram levantou um crucifixo e rezou.

A sensação opressora passou devagar, mas não os abandonou de todo.

Hiram prosseguiu na frente.

Um pequeno corredor descia para dentro da terra.

Logo ele abriu-se em um aposento mais largo.

Ali o horror nos assaltou!

No centro do aposento havia duas caixas retangulares e compridas, do tamanho de um homem, pousadas sobre a terra preta.

Neste momento o delegado voltou-se para a porta por onde haviam entrado, pois parecia ter escutado um barulho no salão acima, e julgou ver, por um ínfimo instante, pelas sombras da porta aberta, o rosto de Rovardi, distorcido em uma máscara de ódio e maldade.

Apenas por um momento!

Mas quando iluminou a entrada com a luz do lampião nada viu.

— Viu alguma coisa? — perguntou Hiram.

— Achei que tinha visto um rosto nas sombras. — disse o delegado — Mas foi apenas minha imaginação.

— O que faremos agora? — perguntou o doutor Romão — Parece que chegamos à um impasse.

— Vamos abrir estes caixões. — disse Hiram — Assim teremos certeza de quem ou o que vive aqui embaixo!

E imediatamente pediu a ajuda de Messias e destampou com cuidado o primeiro caixão.

Todos esperaram uma surpresa terrível, mas emudeceram.

— O caixão está vazio. — disse o delegado como que meio desapontado e colocando a mão dentro do caixão exclamou — Tem apenas terra aqui!

— Sim. — falou Hiram baixo — Eu temia isso. Ele descobriu que estávamos vindo e saiu daqui.

— Como ele poderia ter descoberto o que iríamos fazer? — perguntou o delegado.

— Vampiros são inteligentes e astuciosos, delegado. Ele tem suas maneiras de descobrir as coisas quando precisam.

Foi então para o outro caixão e forçou para trás a tampa de madeira.

Eles receberam o choque totalmente inesperado.

Não era Rovardi que estava no deitado sobre a terra no caixão.

Era uma mulher!

A pele morena, os cabelos pretos, o rosto lindo traduzia uma beleza estonteante.

Seus lábios estavam totalmente coloridos de um vermelho profundo e suas faces ruborizadas.

Seu rosto, porém denotava uma dureza e crueldade inumanas.

Messias afastou-se do caixão com o horror estampado em seu rosto lívido.

— Esmeralda! — murmurou ele encostando-se na parede fria do jazigo.

— Esta é a mulher de quem falou? Esta é a que desapareceu no bairro Zumby? — perguntou o delegado assustado com a reação do soldado — É a única vítima cujo corpo não foi encontrado?

— Sim. — murmurou ele trêmulo. — É ela!

Uma comoção no caixão fez com que todos voltassem seus olhares para lá.

A mulher abriu os olhos, percebendo os movimentos e sons ao seu redor.

Eles faiscaram com uma luz avermelhada e demoníaca e um sorriso de volúpia apareceu em seus lábios carnudos.

Mauro jamais pensara em ver um rosto tão belo distorcer-se de tal forma para assumir uma forma tão maliciosa e ambígua.

Hiram adiantou-se e colocou diante dos olhos da mulher a figura do crucifixo.

Por um momento ela hesitou como se presa de terrível força invisível.

Depois fechou os olhos e seu rosto pareceu retornar à antiga beleza.

— Jamais poderia imaginar... — disse Romão completamente chocado.

— Não sabia que poderia encontrá-la aqui. — disse o delegado — Que faremos agora?

— Primeiro devemos pôr fim ao sofrimento desta pobre alma. — explicou Hiram.

— O que o senhor vai fazer com ela? — perguntou Messias com os nervos em frangalhos.

— Preciso enterrar a estaca de espinheiro em seu coração, depois cortar sua cabeça e encher sua boca de flores de alho. Só assim seu espírito poderá descansar. — falou Hiram retirando os objetos da mochila que Messias carregara.

O soldado estremeceu ao pensar sobre o que o velho dissera, mas ao mesmo tempo lembrou-se do olhar da mulher e em seu coração uma certeza se cristalizou:

— Eu enfiarei a estaca.

Hiram o olhou penalizado.

— Tem certeza de que poderá fazê-lo?

— Sim, esta que está ali não é mais a mulher que um dia amei. Se resta apenas isso dela eu a libertarei de seu sofrimento.

— Muito bem. Eis o que deve fazer então: segure a estaca diretamente sobre o coração e dê o golpe com o martelo de uma só vez. Nós estaremos ao seu redor rezando em nome dela para que alcance a paz!

Messias tomou a estaca e o martelo e colocou-se ao lado do caixão.

Com um só golpe a estaca entrou na carne morena.

A mulher abriu os olhos e de seus lábios saiu um suspiro de descanso!

O sangue negro fluiu do coração trespassado, mas ela já estava liberta.

Quando eles olharam para o rosto da mulher puderam ver que ela recobrou as feições originais e que em sua face estava estampada uma expressão de paz e serenidade.

Messias afastou-se abatido com o que tivera que fazer.

Hiram aproximou-se do caixão e cortou a cabeça da mulher, enchendo sua boca com flores de alho.

Depois abriu uma pequena bolsa que trazia a tiracolo e colocou um pouco de um pó branco sobre o cadáver.

— É hóstia consagrada e esmagada. — disse ele — Para prevenir que o vampiro profane o cadáver!

Depois colocou uma hóstia inteira sobre a terra do primeiro caixão, tornando-a tabu para o vampiro.

— Aqui ele não poderá mais repousar. Terá que encontrar outro lugar para dormir. — explicou Hiram.

Fecharam os dois caixões e ao saírem do jazigo Hiram colocou uma pasta branca, também feita de hóstia consagrada nos vãos ao redor da porta.

— Por aqui ele não poderá mais passar.

Retornaram para o salão maior, onde Hiram teve o cuidado de verificar as outras celas para ver se não havia outras portas.

Depois subiram e chegaram aos fundos do sobrado.

O dia já caía e um frio de fim de tarde soprava do leste.

— Agora, senhores, temos que encontrar o vampiro. Não temos tempo a perder, pois ele saberá que estivemos aqui e procurará outro lugar para se esconder. Não podemos perder nossa pista! — falou Hiram.

— Falta olharmos dentro da casa. — disse Romão.

— Sim, vamos! — falou o delegado.

Messias pegou as gazuas e destrancou a porta.

O delegado abriu devagar a porta e entrou no covil do vampiro!

II

A busca no interior da casa não foi frutífera.

Mesmo assim demoraram-se quase até o anoitecer, pois tiveram ainda que verificar frestas e compartimentos pequenos, lugares onde Hiram explicou que o vampiro poderia conseguir se esconder.

Hiram colocou uma pequena hóstia consagrada em cada aposento, frustrando assim o esconderijo do inimigo.

Na porta de entrada e nas janelas depositou um pouco do pó de hóstia para impedir a entrada do mesmo e explicou:

— Resta-lhe apenas o reduto da estufa, para onde pode se refugiar, e quando para lá voltar nós o pegaremos.

Saíram do lugar próximo ao cair do sol.

Mas deixaram de notar um grande morcego dependurado em um dos umbrais da janela dos fundos do grande casarão!

*

Separaram-se!

O doutor Romão foi para casa e enquanto caminhava pensava!

Todas aquelas histórias, tudo o que havia visto havia desafiado sua fé!

Não conseguira ainda sequer imaginar que tudo aquilo pudesse ser verdade.

Para ele tudo ainda era muito estranho e fantasioso, mesmo tendo visto com seus próprios olhos.

Sua incredulidade falava mais alto.

Não conseguia acreditar no que vira acontecer no jazigo.

As explicações do preto velho não haviam sido suficientes.

Era difícil acreditar que o naturalista que conhecera era uma criatura sobrenatural que se alimentava do sangue de outras pessoas.

Afinal havia conversado com o homem diversas vezes...

Haviam ido ao teatro juntos, bebido juntos...

Nunca poderia imaginar uma coisa assim.

Parou em frente À sua casa.

Procurou a chave no bolso e abriu a porta.

Aqueles pensamentos o confundiam, mesmo com tudo o que presenciara ainda ficava um vazio inexplicável em suas convicções.

Por um segundo imaginou ter visto uma sombra perto da esquina deserta, mas quando voltou-se ela já havia sumido.

Entrou e fechou a porta atrás de si.

Já ia tirar o casaco quando ouviu alguém bater.

“Quem será?” — pensou ele e instintivamente abriu a porta.

Rovardi estava parado no umbral e sorria.

Em seu sorriso os dentes brancos e cruéis se destacavam.

— Posso entrar? — perguntou o vampiro.

*

O delegado foi primeiro para a delegacia com Messias.

Precisava tomar algumas providências, mandou cabogramas para as delegacias próximas com a descrição de Rovardi e ordem para detê-lo imediatamente, com a cautela de ser extremamente perigoso.

Depois guardou o revolver na escrivania e despediu-se do soldado.

— Cuide de tudo por aqui Messias, que vou dormir um pouco em casa. Se precisar de mim ou acontecer alguma coisa realmente muito importante me chame.

Tomou uma caleça e desceu na porta de casa.

O caminho foi obscuro e cheio de divagações.

Queria não pensar em nada!

Tudo aquilo o estava deixando louco.

Sentia como se todas as amarras que o prendiam ao mundo real estivessem sendo cortadas aos poucos, logo não saberia distinguir o que era real do que era irreal.

O velho o havia deixado confuso com tudo aquilo.

Sabia o que havia visto naquele terreiro dias atrás e isso ainda lhe dava pesadelos.

Lembrava-se da transformação do morcego em moça, o que era por si só uma coisa impossível de acontecer no mundo real.

Não estava sonhando, portanto tinha certeza do que vira ali, mas sua mente se recusava a acreditar que aquilo pudesse ser verdade.

Tais coisas não existiam no mundo em que vivia.

Tinha certeza de acordar todos os dias, sabia sempre o que esperar da vida, ou pelo menos sabia disso antes.

Agora já não tinha muita certeza de nada!

A implicação implícita da veracidade de tudo o que vira nesta noite de terror era grande demais.

Se acreditasse que tudo era verdade, então... todas as crenças em anjos e demônios também seriam verdadeiras...

E o que dizer das crenças mais antigas, em deuses e criaturas mitológicas?

Quer dizer então que todos os livros de histórias eram apenas como jornais que relatavam o que acontecera muito tempo atrás?

Que havia um Deus e um Diabo?

Que tinha havido uma guerra no Céu?

Que os deuses gregos realmente haviam caminhado sobre a face da terra e tido filhos com os homens?

Que criaturas como quimeras, górgonas e esfinges haviam realmente existido na antiguidade?

Sua professora da terceira série ia delirar se soubesse de uma coisa dessas, ela era louquinha pelos mitos gregos...

Bem isso se tudo o que tivesse visto fosse verdade.

Havia realmente presenciado a morte daquela mulher no jazigo.

Ela... não era humana... não humana de verdade...

E aquela outra no terreiro definitivamente também não era.

Ah, aquelas ideias eram confusas demais.

Não conseguia pensar muito sobre elas.

Não queria pensar nelas.

Preferia a realidade comum.

Sem todos esses deuses e demônios e criaturas fantásticas.

Queria novamente poder ver o mundo como era antes.

Sem essas coisas tão cruéis... que matavam apenas pelo prazer de matar...

Era tudo tão errado... essas coisas não deveriam existir...

Eram blasfêmias contra a natureza!

A caleça parou e ele desceu.

O pequeno prédio onde morava pareceu-lhe ainda menor.

Espremido entre todos aqueles mitos gigantes de antigamente.

Entrou medindo os passos.

Sequer prestou atenção em uma sombra esguia que lhe seguia o andar.

Subiu a escadaria devagar.

Abriu a porta do apartamento ainda perdido em pensamentos.

Somente então ouviu a voz do vampiro:

— Boa noite delegado!

*

Messias estava tentando dormir um pouco em uma cama de armar no quartinho dos fundos da delegacia, quando foi acordado pelo Cabo Loureiro.

— Messias temos uma ocorrência, rápido!

Messias pulou da cama assustado:

— O que houve? Onde foi?

— Foi lá no Boa Vista. — disse Loureiro pegando um revolver do armário de munições.

— Foi grave?

— Os vizinhos relataram gritos e o rapaz que veio avisar disse que tinha muito sangue no local.

Parece uma briga de faca ou coisa que o valha.

— Vamos então! — disse Messias se armando.

A caleça da polícia saiu em disparada.

Quando ia se aproximando do lugar da ocorrência Messias começou a reconhecer o local.

“Parece a casa do doutor Romão.” — pensou ele.

Desceram em frente à uma casa de cor amarela com duas janelas frontais.

A porta estava aberta e as luzes acesas.

— É a casa do doutor Romão! — exclamou Messias correndo para dentro.

A imagem que viu, porém quebrou seu espírito!

O corpo estava todo em frangalhos.

Messias caiu de joelhos com aquela visão terrível.

Não podia imaginar tal coisa.

Subitamente lembrou-se do delegado.

Levantou-se numa carreira e gritou para o Cabo Loureiro enquanto embarcava na caleça:

— Mande uma escolta até o hotel onde o senhor Hiram está hospedado e traga-o para a delegacia!

— Onde você vai rapaz? — perguntou o Cabo Loureiro sem entender nada.

— Vou ver o delegado. Ele está correndo perigo de vida! — gritou Messias com a caleça já em movimento.

Os minutos que transcorreram até a casa do delegado arrastaram-se como se fossem horas.

Horas de desespero para o soldado Messias!

Afinal avistou o pequeno prédio de quatro andares onde o delegado morava.

Subiu correndo os lances de escadas até o segundo andar e viu a porta do apartamento aberta.

Sacou do revólver e entrou.

Tudo estava escuro.

Procurou um lampião, mas a luz não lhe trouxe nenhum conforto.

Estava vazio.

Vasculhou o quarto, a cozinha, o banheiro.

Nada!

Quando já ia sair reparou em um pequeno detalhe que deixara passar.

A chave da porta estava na fechadura pelo lado de fora...

Um medo sobrenatural caiu sobre ele.

O delegado não chegara a entrar em casa, fora pego ali mesmo na entrada.

Mas a falta de sangue indicava que ele ainda poderia estar vivo.

Desceu correndo a escadaria.

Precisava chegar logo na delegacia e esperar que o velho ainda estivesse vivo!

III

O delegado abriu os olhos devagar.

Uma forte dor nas têmporas riscou sua mente.

Ele sentiu os braços e pernas presos.

Estava sentado.

Devagar começou a se lembrar do que havia acontecido.

Estava retornando para casa depois daquela noite de pesadelo.

Chegara até a porta de seu apartamento e a abria.

Então ouvira uma voz... achava que era Rovardi e então tudo se apagara.

Olhou ao redor, a escuridão era muita, havia apenas uma vela solitária sobre a mesa de madeira, estava naquele porão onde Rovardi guardava os morcegos.

Podia ouvir o guincho das criaturas mais longe, nas celas.

Tentou se soltar, mas as cordas estavam bem firmes.

Uma sombra alta veio em sua direção.

— Boa noite, delegado! — saudou Rovardi — Vejo que já acordou. Estava só esperando o senhor.

Outras velas se acenderam devagar iluminando o local.

— Gostaria que se lembrasse de tudo isso.

O delegado tentou falar, mas a voz ainda estava tensa, pois ele ainda estava meio sonolento.

— O que vai fazer comigo, Rovardi?

— Não vou fazer nada que você não queira delegado. Quero conversar um pouco e depois quem sabe...

Rovardi aproximou-se devagar saboreando a angustia e desespero do delegado.

— Sei que tem muitas perguntas delegado. Pode fazê-las, temos todo o tempo do mundo à nossa disposição e depois de hoje o tempo será para você, como é para mim, apenas mais uma equação sem sentido.

— O que é você? Que tipo de animal é você? Você não é humano.

— Não, delegado, não sou humano, não mais pelo menos. Mas um dia já fui como você, já me preocupei com os dias, com as semanas e anos. Refleti sobre a vida e o que havia depois dela. Sobre o significado de tudo e principalmente sobre o porquê estamos aqui.

— Chegou à alguma conclusão?

— Sim, Mauro. Posso chamá-lo assim?

O delegado aquiesceu com a cabeça.

— Nós, ou melhor, o ser humano, pois eu já não posso ser incluído com o restante da raça, o ser humano é apenas e tão somente uma forma de animal mais evoluído do que os outros, caçava quando precisava, agora já não precisa mais, tem formas melhores e mais fáceis de obter alimento, se reproduz como todos os animais, tem até mesmo danças e rituais de acasalamento como qualquer outro animal, é gregário como os lobos e leões, e pensa! Sim, este é o diferencial que separa o homem dos outros animais. Pensar e refletir. Mas é um diferencial muito pequeno, não serve para dizer que o ser humano não é animal, serve apenas para dizer que é pouco mais evoluído que os outros animais. O ser humano ainda é totalmente controlado pelos seus instintos, comer, dormir, se reproduzir...

— E o que me diz sobre todas as conquistas do homem? — perguntou Mauro.

— Que conquistas? O homem ainda nasce, envelhece e morre como qualquer animal. Suas cidades nada mais são que tocas sofisticadas onde luta para conseguir comida e armazená-la, onde luta para conquistar uma companheira e se reproduzir, onde vive e morre sem conforto, angustiado e nervoso, temeroso com o que seu destino lhe reservou.

— Você despreza o homem.

— Não desprezo totalmente, mas acredito que o homem poderia conseguir atingir objetivos muito mais altos do que o viver e morrer sem causa.

— E você tem uma causa?

— Sim, eu busco o conhecimento. Saiba que eu sou imortal. A raça da qual faço parte não pode morrer, nos singramos o oceano do tempo acima dos meros mortais. Vou contar-lhe minha história e entenderá. Eu nasci em Constantinopla, no ano 1700, filho de pais portugueses. Meus pais eram naturalistas, estudavam os animais e plantas daquela região. Quando cresci fui enviado para a França e Alemanha para estudar com os maiores naturalistas daquela época. Estudei os insetos com o senhor Ferchault de Réaumur em Paris, em 1710, e ele ficou deslumbrado pela minha inteligência precoce. Também estudei botânica com o senhor Édouard Léon Van Tieghem. Depois fui enviado à Alemanha, para a Universidade de Giessen, para estudar com o senhor Johann Jacob Dillen Dillenius as plantas e a botânica. Tantos naturalistas e cientistas de renome. Afinal retornei para a casa de meus pais em Constantinopla e pude honrá-los com tudo o que aprendi. Afinal em 1733 meus pais decidiram seguir em uma expedição à América do Sul para estudar morcegos, veja que ironia!

— Você já havia estado no Brasil então?

— Sim, passamos pelo Rio de Janeiro e por São Paulo, mas afinal, lá há muita gente e poucos morcegos. Resolvemos vir para o nordeste e acabamos em uma casa de taipas em Olinda, onde uma noite ventosa de abril fomos agraciados com uma estranha visita noturna. Ela veio quase ao anoitecer, era uma jovem muito linda, de cabelos dourados como o sol nascente e sua pele era branca como a lua virgem. Seus olhos eram negros e carregavam consigo a chama do desespero. Ela começou conversando com meus pais sobre as pesquisas sobre os morcegos vampiros, afinal havíamos vindo para ali para estudar especificamente esta espécie. Mas ela queria saber mais, sobre a origem deles, sobre seus hábitos. Conversamos até de madrugada, ela era grega, seu nome era Leucípia. Eu me apaixonei por ela à primeira vista, era uma mulher maravilhosa, mas ela sequer me notou, estava mais interessada nos morcegos. Foi embora antes do sol nascer. — contou ele com o olhar distante.

— Você realmente deve ter amado muito ela, não? — perguntou Mauro tentando ganhar tempo para conseguir escapar.

— Sim, eu a amei. Mas não como imagina! Depois daquele dia nunca mais a vi. Ela, porém me deu um presente que jamais esquecerei.

Por um momento ele aproximou-se do delegado e olhou para ele com um olhar selvagem.

Desviou o olhar e continuou:

— De Olinda seguimos para o interior do Nordeste e depois para os limites do Amazonas. Era ali o lugar em que realmente haviam morcegos em abundância. Éramos apenas meus pais, eu e dois mateiros que nos guiavam. Ficamos na região por uma semana e então aconteceu. Ela estava nos seguindo durante toda a viagem, agora sei disso, estava esperando o momento certo. Ele chegou quando montamos acampamento perto dos primeiros montes da sul da Serra do Cipó. O lugar era mata fechada e os mateiros ficaram bem incomodados com a falta de moradores vivos ao redor, mesmo assim meus pais resolveram ficar ali. Na primeira noite achei que a tinha visto, pouco antes de dormir, um mero reflexo como um fantasma próximo da entrada da mata. Achei que era uma alucinação, que tolo eu era! Na noite seguinte ela veio me visitar, não como mulher, mas sim em sua forma verdadeira e então seu beijo fatal me tornou o que sou hoje. Pela manhã meus pais me encontraram quase exangue, com as suas marcas em minha garganta machucada, uma mordida de um *Diphylla eucadata*, um morcego vampiro de pernas peludas eles disseram, e apressaram-se para me levar de volta à civilização, acreditavam que eu estava morrendo, mas na realidade aquele era meu nascimento. Eles porém nunca retornaram. Na terceira noite da viagem de volta eu acordei com muita sede...

— Você... — começou Mauro impressionado com a desumanidade de Rovardi.

— Não faça essa cara Mauro. Eles deram as suas vidas para me iniciar nesta nova existência, sou muito grato à eles por isso. Assim como a partir de hoje você será muito grato à mim pelo presente que lhe darei!

Mauro olhou Rovardi com asco e horror!

Mas este sorriu, um sorriso de triunfo imortal!

Aproximou-se de Mauro.

O delegado pôde ver os olhos vermelhos do naturalista que brilhavam com uma expressão terrível de malignidade e lassidão.

Seus lábios se avermelhavam e se entreabriram permitindo-lhe ver os caninos afiados e brancos.

Mauro viu Rovardi inclinar a cabeça mais e mais e seus lábios vermelhos desceram para além do pescoço, como se fixados na garganta do delegado.

Rovardi parou por um instante, como se ouvisse algo, e por um momento Mauro conseguiu ouvir o som ofegante da respiração do Vampiro, quente e fétida sobre a pele de seu pescoço que arrepiou e

começou a formigar, como geralmente acontece quando antevemos a perspectiva de alguém que nos vai fazer cócegas.

Mauro sentiu os lábios gélidos do vampiro sobre a pele fina de seu pescoço e percebeu a pressão dos dentes afiados que se fixaram na carne retesada.

Ele fechou os olhos em um êxtase antagônico e esperou a morte chegar!

Mas ela não veio!

Muitas coisas aconteceram naquele seu derradeiro instante de vida.

Mauro viu pelo canto do olho uma sombra mover-se na direção de Rovardi.

Uma sombra branca como um anjo vingador!

Ele sabia que era o preto velho que estava ali para acabar com o vampiro.

E ao mesmo tempo havia outra pessoa ali.

Outro vulto moveu-se vindo da porta do aposento.

Rovardi foi pego de surpresa!

No instante em que ia reagir o golpe preciso do facão do velho Hiram cortou seu pescoço e logo em seguida a lâmina da baioneta do soldado Messias mergulhou no coração do vampiro!

Não houve tempo para Mauro esboçar nenhuma reação.

O corpo de Rovardi desfez-se em pó no instante em que este exalou sua última respiração.

Sua expressão o delegado nunca pôde esquecer, um misto de surpresa e ódio que jamais conseguiriam se concretizar!

Mas seus lábios expressaram um enigmático sorriso de vingança!

Despido de qualquer humanidade.

Distante um galo cantou anunciando o nascer do sol que se aproximava.

Messias desamarrou o delegado.

Ele se virou para o preto velho:

— E agora? Acabou?

— Sim delegado. — falou Hiram em um tom cansado — Agora realmente acabou!

Saíram fora da casa de Rovardi.

O ar fresco encheu-lhes os pulmões de esperança.

O velho Hiram colocou o chapéu sobre os cabelos brancos e com um aceno despediu-se.

Messias suspirou como se um grande peso tivesse saído de seus ombros e ajudou o delegado à se firmar de encontro à cerca do portão.

Mauro contemplou o Sol que despontava!

Uma paz tremenda lhe encharcava a alma.

Tomou o rumo do escritório com passos decididos.

Havia uma coisa que precisava fazer lá.

Uma carta que precisava ler!

*

1890, meados de maio, Recife Velho, Cais do Porto.

O final de tarde veio bem devagar.

O sol relutava em pôr-se por entre as nuvens alaranjadas que se encavalavam no horizonte.

O navio SS Pandora preparava-se para partir.

Os passageiros retardatários já se recolhiam dentro do navio e os marujos já recolhiam os últimos cordames que o prendiam à terra.

Seu destino era a cidade de Havre na França.

Em uma das cabines do convés superior um vulto olhava para fora de sua janela, evitando olhar diretamente para o sol que jorrava seus últimos raios.

Aos seus pés um enorme caixote de madeira aberto mostrava seu conteúdo: terra pátria.

À medida que o costado do navio afastou-se do cais do porto Antônio afastou-se da janela e deitou-se novamente sobre a terra dentro do caixão, fechando a tampa!

Fim?



III — Lua Faminta

Estrofes de Sangue

Prólogo: Lycaoon

*"Arcádia, Arcádia
Belo país de montanhas.
Berço da civilização, e
Berço do Lobo!"*

Ó Arcádia, Autor desconhecido

1900, Sul da Serra do Cipó.

Uma floresta agreste e densa, inexplorada pelos pés dos homens, cujos mistérios e segredos abundavam ocultos por entre as réstias de luz dos troncos milenares.

Bromélias maiores que a cabeça de um homem penduravam-se à alturas nos troncos de altas braúnas, enquanto orquídeas aninhavam-se pelos galhos de nodosos jacarandás centenários.

Ali, por entre as raízes altas e embotijadas dos velhos jequitibás e sombras escuras das folhas largas das embaúbas, um homem movia-se bem devagar, medindo os passos com cuidado em um movimento cadenciado e sem som.

Um caçador!

Trazia nas mãos calejadas, curtidas e escuras de sol um rifle de papo amarelo gasto pelo tempo e trançado no peito uma cartucheira cheia de balas.

As roupas eram de couro de cabra cozido e as alpargatas surradas quase não faziam mais barulho no chão da floresta.

Caçava, pois essa era a sua profissão, àquela que Deus lhe ensinara havia muito tempo, quando o pai ainda era vivo, no sertão das Terras do Leão do Norte, bem distantes dali.

Mas aqui era bem diferente de lá, os animais mais matreiros e perigosos, os riscos ocultos por entre os espinheiros, paus-pretos e bambuzais, as cobras sorrateiras, as aranhas grandes como a mão de um homem, e também as assombrações.

Destas últimas ele não tinha medo, pois trazia sempre consigo junto ao peito a medalhinha de São Leão que a avó lhe presenteara no dia do seu sétimo aniversário.

Indispensável dizer que era o filho mais novo de uma carrada de sete crianças que a mãe dera à luz, e isso lá naquelas terras desérticas era fado de terrível sina, era o que dizia a avó ao pai, e por isso lhe dera a medalhinha... para protegê-lo de si mesmo...dizia ela sorrindo enquanto colocava o berloque em seu pescoço magro e cantava uma mezinha com uma voz de falsete.

Agora ele estava ali, sozinho, caçando naqueles matos perdidos de Deus!

Mas tivera muita sorte, pois já pegara duas cotias e um mutum grande e gordo.

A tarde já ia alta quando sobreveio uma mudança em seu fado.

Ele parou por um momento.

Escutou um barulho.

Não era raro estar ali e dar de cara com algum bicho perdido que não o escutara e vinha direto em sua direção.

Preparou a papo amarelo e esperou.

As samambaias e xaxins sussurraram ali perto de si, com o som inequívoco de alguma coisa grande e pesada rastejando em sua direção.

Então o barulho parou, como se o animal soubesse que o homem estava escutando e também ficasse escutando.

O vento da mata havia cessado de todo e os pássaros estavam bem quietinhos.

De dentro da maçaroca de samambaias, trepadeiras, raízes altas e xaxins ele viu...um par de olhos horrendos e selvagens que apontavam em sua direção com dentes alvos e pontiagudos que surgiam em uma boca larga emoldurados em uma cabeça de pelos fulvos e pretos.

Encararam-se por um instante, surpreendidos um pelo outro, o animal soltou um uivo curto e sumiu dentro do mato fechado.

O caçador caiu para trás e disparou a arma involuntariamente, deixando-a cair ao lado com a força do coice.

O barulho ensurdecedor do tiro ribombou pela mata, acordando aves e animais e despertando outras coisas mais antigas de seus sonos imemoriais.

O homem, ainda sentado, riu-se do fato, gargalhou solto com o susto que levava.

O som do riso soou estranho naquele silêncio feérico, ele parou e olhou para os lados.

"Era só um lobo guará." pensou ele rindo-se por dentro.

"Aposto que eu o assustei mais do que ele me assustou."

Ainda rindo o homem levantou-se, limpou a terra das roupas e pegando o rifle, continuou sua caçada, desapaixonadamente.

*

Distante, perto do topo de um dos cabeços da serra, brotava um fio de água cristalina que corria para o sul engrossado por dezenas de outros mananciais, cascadeando de pedra em pedra e serpenteando, de serpente transformando-se em cobra grande até se embeber nas águas escuras e turbulentas do Alto Rio Negro.

Próximo à nascente cristalina abria-se uma grota escura e profunda.

Lugar antigo e terroso, morada espúria de terrível criatura pagã!

Ali, deitado em um sono sem sonhos, estava uma criatura antiga, vinda de uma região velha e distante do mundo, de além do grande mar.

Há séculos expulsa de sua morada ancestral pelos missionários de um novo Deus, agora encontrara naquele lugar solitário e desolado, longe das civilizações, o seu lar.

Mas o ribombar do tiro do caçador acordou-a de seu sono.

A criatura espreguiçou-se sonolenta e abrindo os enormes olhos amarelos esticou as mãos-garras e farejou o ar.

Acercou-se da boca da grota e dali sentiu o cheiro acre e pungente da pólvora, tangido pelo vento que vinha do sopé da serra, aquilo despertou-lhe lembranças antigas e uma fome terrível.

Mas junto com este cheiro também vinha outro, mais sutil e denso, como se emanasse de outro igual à ele, porém ainda preso por uma cadeia de subjugação.

Respirou fundo o ar trazido pelo vento, sentindo o fado preso na medalhinha, sentindo a sina correndo naquelas veias.

E com um uivo prolongado e bestial, a criatura saiu para caçar.

*

O fim de tarde veio e passou sem que o homem desse por isso.

Afinal a noite se aproximou com seu manto de estrelas, as cigarras começaram a cantar e ele ouviu um canto distante de um uirapuru, choroso e solitário trazido pelo vento da mata.

O vento então cessou de todo e os insetos pararam de zumbir, os pássaros silenciaram de súbito e um silêncio surpreendeu o caçador em sua trilha.

Um arrepio o fez encolher-se, ele sentiu um calafrio de medo percorrer sua espinha e assustado olhou ao redor.

As sombras escuras das perobeiras e dos paus-cravo se moveram de súbito ao seu redor em uma ventania acelerada e ele sentiu um cheiro forte e pungente que encheu o ar.

“É como o cheiro de onça caçando”, pensou ele “ou o catinga de cangaceiro esperando a presa”.

Então no silêncio que se seguiu escutou um barulho distante, como o ruído de galhos e folhas sendo pisoteados em uma cadência ritmada, longe entre os troncos dos umbuzeiros e cumarús viu uma sombra que vinha em sua direção descendo um barranco dissimuladamente.

Viu a sombra caminhar mais rápido e pôde ver distintamente dois pequenos círculos amarelo-esverdeados que apontavam em sua direção, como se escutassem sua respiração e fossem guiados por ela.

“Não é o lobo”, pensou ele preocupado “nem é do tamanho de uma onça. É maior!”.

Um medo ancestral brotou em seu peito.

Com uma sabença antiga de quem já viveu perigo de morte, ele soube que deixara de ser o caçador e agora era a presa!

Agora mais de perto ele viu que era um animal maior que o lobo que vira, todo preto, movia-se agora sem fazer barulho e focinhava o ar à sua volta como se procurasse seu cheiro.

O homem teve medo e temeu mais ainda que o animal pudesse farejar seu medo.

No lusco fusco do crepúsculo ele pôde ver com nitidez mortal a criatura que o estava caçando.

E ela também o viu!

Olharam-se por alguns segundos apenas, mas o homem caiu como uma pedra dentro daqueles olhos amarelos, velhos como o tempo, e pôde ver uma solidão terrível e uma antiguidade malévola que lhe fizeram congelar o sangue nas veias.

O tempo pareceu correr para trás ao seu redor.

O animal se movendo como se flutuasse à sua frente...

Então sentiu uma dor aguda no peito, sentiu a camisa molhada, mas quando olhou para baixo viu apenas o vermelho do sangue, depois tudo ao seu redor foram trevas.

A medalhinha caiu na terra negra entre as raízes nas árvores velhas, quase ao lado de sua alpargata, e ali ficou!

A última coisa que ouviu foi um uivo longo e profundo, como se vindo das entranhas de algum animal mau e cruel, que pareceu terminar em uma gargalhada que quase se podia dizer que era humana.

Episódio 1 – A Pata do Lobo

I

Ó Time, deliver me from the silvery light of the Moon!

Loose thou my spirit from the crime of Death!

My soul I summon to the eternal rest:

On me it will impose the hunger of the beast!

Four Stanzas of Blood

1910, janeiro, noite de lua cheia, Igreja da Cruz das Almas – Recife Velho.

Os passos ligeiros das pequenas e novas sandálias de couro vermelho ecoaram de forma agourenta pelos paralelepípedos molhados da Avenida de Malaquias.

Rua comprida que se iniciava na esquina da Estrada do Arrayal, bem nos capinzais dos sopés dos morros de Tamarineira e terminava na encruzilhada espaçosa que fazia com a Rua da Jaqueira Grande, lugar assim meio pernicioso, onde volta e meia aconteciam brigas e até algumas mortes, mas que neste dia, calhava de não ter nenhuma alma viva, pois recém havia desabado um temporal de verão, forte e célere, que desestimulara qualquer pândego de sair às ruas.

As faces das casas ali da avenida, graves e duras, adormecidas em seus próprios sonhos e pesadelos, eram como uma fachada de rostos insensíveis às agruras humanas, às margens das calçadas vazias.

Os lampiões resfolegavam com suas chamas trêmulas e vidas do vício de viver que lhes concedia o gás bombeado por quilômetros de canos de cobre por toda a velha cidade.

O vento de chuva rodopiava ligeiro por entre as pernas da mocinha, que prendeu os cabelos e continuou seu caminho.

Ela apressou o passo, na encruzilhada da avenida com a Rua da Jaqueira Grande ela parou por um momento apenas, como se tentasse ouvir algum barulho, mas tudo estava quieto e não havia outras pessoas por ali.

Continuou seu caminho descendo pela Rua da Jaqueira Grande, atravessou a rua para o outro lado, afastando-se das sombras das casas, e passou a andar pela calçada de pedra que margeava a Estrada de Ferro, em direção à Estação da Jaqueira.

Não havia mais trens àquelas horas, mas a casa de sua avó ficava bem na encruzilhada da rua que seguia com a Rua Cruz das Almas.

Aos dezessete anos, ainda era muito nova para conhecer as asperezas e amarguras da vida adulta, a vivacidade brotava de seus lábios enquanto recitava uma música que aprendera naquela noite no coral da igreja.

Estava alegre e esta alegria saltava em seus movimentos e em seu andar ligeiro.

Então viu chegando pelo caminho a sombra agourenta da alta coluna com uma cruz de pedra no topo, bem à beira do seu caminho e ladeando os ladrilhos da estrada de ferro.

À medida que se aproximava dela vinham-lhe à memória as histórias que ouvira quando menina ainda, ao pé do fogão de lenha da casa da avó, onde ainda morava, órfã dos pais desde muito cedo, histórias assombrosas sobre os gemidos angustiosos e as almas penadas e espíritos infernais que apareciam ali nas noites sem lua.

Mas naquela noite havia lua, ela sabia, estava alta já no céu, escondida atrás das plúmbeas nuvens de chuva, ela olhou para o céu e a viu, gorda e alva, brilhando por entre os pedaços de nuvens no céu do meio do verão, não haveria assombrações por ali nesta noite, pensou ela esperançosa.

As histórias, porém, teimavam em voltar, como a da vidente que, passando por aquele mesmo lugar nas horas mortas da noite encontrou o termo de seus dias e foi encontrada dura e fria na alvorada aos pés da coluna preta.

Ali, falava-se que nas noites de São João os feiticeiros e bruxas vinham se reunir para festejar seus festins macabros e escolher seus asquerosos neófitos e até o grande Coisa Ruim aparecia em pessoa e fazia ali coisas de arrepiar o cabelo e que vinha na forma de um animal desconhecido, preto como carvão, com olhos acessos como chispas azuis e vomitando brasas vivas da boca encarnada e ameaçadora, numa visão tão funesta que todos lhe fugiam.

Eram estas histórias que lhe vinham agora à memória, mas não queriam ir embora!

Um barulho de coisa de arrastando a assustou e fez voltar à realidade.

Vinha dos lados da coluna preta.

Ela olhou para lá, automaticamente, e persignou-se.

Todas as histórias contadas pela avó lhe fugiram da memória e seus lábios, tremendo, puseram-se a rezar o Pai Nosso fervorosamente.

Ela viu um vulto destacando-se ao lado da coluna, escorado nela.

Um vulto de homem!

Mas não pode ver-lhe o rosto, oculto nas sombras.

O vulto dobrou-se e mudou, retorceu-se como se desvestisse uma roupa.

Ela ouviu-o bufar e resfolegar.

Continuou andando, mas não conseguia parar de olhar, era por demais incrível e assustador.

O vulto agora era outro, e sob a luz trêmula dos lampiões, que em silêncio observavam a cena macabra, ela viu sair das sombras da coluna um bicho grande, como um bezerro de alta catadura, com orelhas imensas caídas para os lados, meio azurrado, que fazia uns grunhidos estranhos como porco ou cão e rosnava alto e se sacudia todo, como se para tirar alguma coisa de cima dos ombros pretos.

Ele levantou cabeça com a cara de um cachorro preto, focinhando o ar à sua volta e seus olhos amarelos e esverdeados deram com os da mocinha.

Ela desviou o olhar, procurando um lugar ao seu redor que pudesse se esconder daquele olhar faminto, mas a rua estava deserta de misericórdia e as faces das casas fecharam os olhos bem apertados para não verem.

Ela sentiu, antes de ver, que aquilo vinha em sua direção e tentou correr, fugir, mas as pernas pareciam de chumbo, o tempo à sua volta pareceu se congelar e seus passos se arrastaram pelos paralelepípedos, retidos pelo medrar horrendo do terror que já começava à sufocá-la.

A última coisa que viu, ao ser derrubada no calçamento frio foi a lua, gorda e feliz no céu.

Ela não gritou nenhuma vez!

*

Às quatro e meia da manhã, veio o barulho surdo do galope cadenciado da carroça do leiteiro, descendo pela Rua da Jaqueira Grande em direção à Ponte D'Uchoa.

Vinha devagar, medindo os passos e escutando o barulho dos pássaros que começavam a acordar.

O homem ainda estava meio dormindo, e o cavalo cansado movia-se devagar.

Foi despertado da sonolência por um bafo frio na espinha que o arrepiou todo.

Por um momento pensou que ouvira um barulho próximo à grande coluna da cruz, e olhando para lá pareceu que via um vulto de mulher em frente à ela.

Olhos tristes, vestido rasgado!

Parou a carroça e esfregou os olhos.

O vulto sumira, mas o homem ficou impressionado.

Desceu da carroça e foi caminhando devagar até lá, podia ser alguém precisando de ajuda.

Quando se aproximou mais sentiu um cheiro forte e acre de carniça e sangue e olhando para a base da coluna seus joelhos fraquejaram e ele quase caiu na lama.

Havia uma pessoa ali, ou o que restava de uma pessoa.

Foi então que ouviu os gritos...

Só depois de alguns segundos percebeu que era ele próprio quem gritava!

*

A polícia foi chamada imediatamente, pelos vizinhos acordados, assustados e atraídos pelos gritos, o legista demorou um pouco mais, afinal era manhã de sábado!

O delegado Crispim chegou por volta das sete e meia.

O local estava realmente uma bagunça, entre uma multidão de curiosos e jornalistas, policiais andando por todo lado, já havia até vendedores de amendoim.

Ele foi direto até o médico.

— Bom dia Cerqueira.

O médico acenou com a cabeça, e limpou as mãos em um avental todo sujo de sangue.

— O que foi que aconteceu?

— Morte terrível, Crispim, do pior tipo que já vi até hoje, e olha que já vi muita coisa nestes quarenta anos aqui em Recife Velho.

O delegado aproximou-se mais, o calçamento estava todo tingido com o vermelho forte do sangue, o que lhe pareceu o corpo estava totalmente desfigurado e a cena causou-lhe imediatamente um horror gelado, que o fez retroceder de imediato.

— O que aconteceu aqui? — falou com uma voz trêmula.

— Algum maluco esfaçalhou uma moça, delegado, assassinato puro. — comentou o sargento Messias se aproximando.

Crispim voltou-se para o médico que já ia retornando ao trabalho.

— Qual a sua opinião doutor? — perguntou meio sem graça, o estômago revoltado teimava em tentar expurgar o café da manhã recém tomado.

— Bem, delegado, ela já estava morta desde às onze e meia ou meia-noite aproximadamente. Acredito que tenha entre dezessete e dezoito anos, e o corpo estava bem nutrido e não parecia uma andarilha ou pessoa que vivesse na rua. Acredito que tenha saído da missa das dez e estivesse caminhando até em casa quando foi assassinada.

— O senhor confirma que foi assassinato?

— Ainda não posso dizer com certeza, pois pelo exame preliminar havia grandes partes do corpo que foram consumidas e pela brutalidade do ataque quase posso ter certeza ao dizer que foi um animal selvagem quem fez isso.

— Uma onça? — perguntou o delegado descrente.

— Não. Onças não se aventurariam tão dentro de uma cidade grande como esta. Talvez um lobo ou um cão raivoso, preciso fazer os exames de raiva para ter certeza.

— Faça isso doutor. Vou expedir um alarme ao zoológico local e mandar algumas patrulhas pela cidade para ver se localizamos o bicho.

O sargento se aproximou novamente:

— Delegado, senhor, acredito que encontramos a avó da vítima.

O delegado deu um suspiro profundo.

— Muito bem, vou falar com ela. Mas, Messias, tire essas pessoas de volta do local e coloque umas cordas isolando a área. Chega de curiosos, estão bagunçando tudo por aqui.

— E os jornalistas? — perguntou o sargento.

— Falarei com eles depois que tiver falado com a avó da moça. Diga-lhes que esperem. Ah e Messias, procure ver se encontra algumas pegadas ou coisa que o valha nesta bagunça.

— Claro, doutor. — obedeceu o policial.

De longe Crispim viu a velha senhora se aproximando, estava totalmente abatida e consumia-se em soluços e lágrimas, duas outras senhoras à consolavam.

Ele realmente odiava ter que dar este tipo de notícia, ainda mais em um caso como este.

Respirou fundo e foi em direção à velha senhora.

*

Duas horas depois, já na delegacia, tentando decifrar os garranchos do doutor Cerqueira, recebeu a visita do Chefe de Polícia.

Não o ouviu bater à porta.

— Bom dia delegado Crispim. — disse o homem grande à sua frente.

Crispim levantou os olhos da folha.

O chefe de polícia sabia ser sem silencioso quando lhe era conveniente.

O corpanzil forte não escondia as banhas nem a careca alva, mas o cavanhaque destacava-se de forma imperiosa no rosto arredondado, emoldurado pelo terno caro e pelos sapatos bem escovados e engraxados.

— Bom dia, doutor Medeiros.

— Nada de novo para me contar?

— Bem... — começou Crispim afastando a máquina de datilografia e colocando as mãos no cinto — Temos um problema com um animal solto na cidade.

— Temos mais que um problema! — completou o Chefe de Polícia — Você já viu o que acabou de sair na edição matutina especial do Diário do Recife?

Jogou sobre a mesa do delegado um exemplar fresquinho e ainda com cheiro de gráfica.

Crispim nem precisou pegar no jornal para ver as letras garrafais estampadas na primeira página:

Assassinato Bárbaro.

Nesta manhã de sábado, o legista de plantão no necrotério da cidade realizou um inquérito, no corpo de Maria Auxiliadora do Amaral, idade 17 anos, mocinha ainda, que foi brutalmente assassinada quando retornava para casa pela Rua da Jaqueira Grande na sexta -feira à noite, próximo à Igreja da Cruz das Almas. A mãe da falecida disse que ela saiu de casa à noitinha para ir à igreja, aparentemente em boa saúde, como fazia todas as sextas-feiras. O legista disse que pelas evidências

médicas estava claro que a moça havia sido barbaramente assassinada, provavelmente por um cão grande ou animal de grande porte. Um assalto desta maneira nunca tinha sido ouvido antes, dentro dos limites da cidade, desde à época da colonização, e é impossível imaginar um caso de ataque de animal tão brutal como este! As autoridades ainda não se pronunciaram sobre o caso.

— Os jornais da manhã estão em polvorosa, e o Prefeito já me chamou no gabinete dele. O que vou dizer ao homem Crispim?

O delegado pensou um pouco antes de responder.

— Ataque de animal, talvez um cão, um lobo guará perdido.

— Não é um argumento bom o suficiente. O que Cerqueira disse? Ele realmente falou isso que escreveram aqui?

— Sim, estive lá no local e falei com ele e com a avó da menina. O jornal está bem correto. Cerqueira disse que ainda ia fazer alguns testes no que restava do corpo, mas acredito que o palpite dele está bem perto da verdade!

— Perto não é o suficiente, você sabe disso. Temos que ter certeza e pegar este animal antes que ele pegue outra pessoa ou mesmo uma criança.

— Já designei o sargento Messias e uma companhia de policiais para fazer uma batida nas imediações o lugar.

— Pois faça mais, convoque um grupo de voluntários. Não quero nenhum cachorro matando gente na minha província. — disse o Chefe de Polícia com muita ênfase, e depois saiu fechando a porta atrás de si.

Crispim suspirou.

Levantou-se e tirou do bolso um maço amarelo de cigarros, os famosos Leão do Norte com papayna, ótimos para seu estômago, dizia o médico que os receitara, acendeu um e tragou com força.

Foi até a janela, dali podia ver as ruas da cidade, apinhadas de gente, passeando, trabalhando, vivendo suas vidas, ignorantes do perigo que caminhava entre elas.

— Estou ficando muito melodramático! — suspirou ele novamente.

Depois chamou o sargento Messias.

*

1910, fevereiro, noite de lua cheia, Igreja da Torre – Recife Velho.

O bairro da Torre, assim era chamado por causa da antiga capela do engenho de Açúcar Santo André, que fora construído para a primitiva invocação de Nossa Senhora do Rosário e que posteriormente foi transformado em paróquia em 1781 e depois reformado em 1867.

Em 1906 a então proprietária do Engenho fez uma doação vultosa ao cabido do Recife Velho do edifício da capela e das terras próximas com a condição de que ficassem sob a mesma invocação de Nossa Senhora do Rosário.

A Rua da Conceição, como era chamada então, passava bem em frente à igreja, rua larga e comprida que nascia na Avenida Júlio de Mello e vinha morrer lá pelas bandas do velho Taquary.

Cercada de construções de boa casaria, de taipa, meia-parede e porta e janela, e não pequena população, bem alinhados com alguns prédios elegantes, outros mais antigos e alguns sítios grandes que lhe margeavam as costas das propriedades que faziam frente com a rua.

Tinha um comércio bem variado, com fábricas de tecidos e de fósforos, uma pequena destilaria de álcool e uma olaria mecânica nova.

No início da rua havia ainda o cine teatro modelo, um tipo de teatro de variedades de revista com linguagem bem popular, onde na época era exibido o espetáculo “O Trinta e Um” da Companhia Portuguesa de Revistas e Operetas do Theatro Avenida de Lisboa.

A Igreja da Torre erguia-se meio distante da rua e até ela se chegava através de uma passagem ladrilhada de paralelepípedos avermelhados e margeada de árvores altas.

A última missa daquele dia terminou às onze horas da noite, e todos os fiéis rapidamente recolheram-se em suas casas, pois ameaçava cair uma tempestade e o horizonte já se iluminava todo com uma teia de relâmpagos.

Leda, moça nova ainda, havia perdido a hora em pensamentos arredios sobre um novo rapaz que chegara para morar vizinho à sua casa, e quando percebeu, o bom padre Manuel de Bastos já ia fechando as grandes portas de cerejeira entalhada da igreja.

Ela correu e, pedindo-lhe a benção, saiu para a noite.

Olhou preocupada para o relógio da torre, que já ia dar onze e meia e saiu apressada pela passagem ladrilhada.

Não havia ninguém na rua na hora em que ela saiu do terreno da igreja e entrou na Rua da Conceição.

O público do teatro já há tempos fora embora, pois o espetáculo terminava às dez e meia.

Naquelas redondezas não havia bares ou casas de má fama, assim a moça irremediavelmente teve que seguir sozinha!

Mas não era criatura de se espantar com qualquer coisa não, era valente, pois não havia colocado pra correr mais de um pretendente que se arvorara em tentar alguma gracinha mais afoita com ela?

Era valente como uma onça, dizia a mãe!

Longe um cão solitário uivou e o vento se encarregou de fazer chegar até ela o som agourento.

Ela apressou o passo.

Já estava duas quadras longe da igreja quando escutou um barulho de passos atrás de si.

Eram curtos e arrastados e paravam de vez em quando.

Ela olhou para trás, mas na escuridão reinante, pois a rua tinha poucos lampiões, ela não conseguiu distinguir muita coisa.

Apenas uma sombra longe que vez por outra bamboleava de maneira estranha.

“É um bêbado apenas” — pensou ela.

Mas o vento da meia-noite lhe trouxe um odor pútrido, uma mistura de cachorro molhado com coisas estragadas e cinzas.

Ela voltou-se de novo, procurando o vulto do bêbado com o olhar já assustado.

No vulto viu um reflexo alto, como dentes em uma boca larga... mas alguma coisa estava bem errada porque não parecia um homem...não...era um cão, mas maior, quase do tamanho de um bezerro, com as orelhas caídas e um focinho preto.

O medo subiu pela sua pele e ela pode sentir que a coisa a havia farejado, porque focinhou o ar em sua direção furiosamente.

Então ela se lembrou que dia era aquele, uma sexta-feira, e olhando para o céu percebeu a lua alva saindo bem redonda de detrás das nuvens de tempestade que se aproximavam.

Só então ela compreendeu!

Mas então... já era tarde demais!

*

Crispim sonhava!

Falava com uma bibliotecária, alguma coisa sobre um livro de história natural, e ela lhe dizia que não tinha nada sobre lobos ali... tinha que procurar em outra cidade... chamada Paraíso...

Acordou assustado com as batidas na porta.

Aquilo não eram horas de se acordar.

Olhou o relógio de bolso na cabeceira... ainda eram duas e meia da madrugada...

Levantou-se já amaldiçoando quem o havia acordado até a terceira geração.

Vestiu um roupão leve e sacou do maço de cigarros.

As batidas continuaram fortes.

Uma voz conhecida o chamava:

— Delegado, Ô delegado.

Era o Messias, tinha certeza agora.

Já havia lhe dito que fosse o que fosse podia esperar até de manhã, não tinha?

Abriu a porta com raiva:

— Sargento Messias, quantas vezes já disse que não queria ser acordado no meio da noite?

Parou ao ver a cara do sargento, parecia estar assustado o suficiente para descumprir a ordem dada.

— O que foi homem? — perguntou Crispim já ficando preocupado.

— Outro assassinato, delegado. — bombardeou o sargento.

Crispim congelou!

— Como assim outro?

— Igual àquele de um mês atrás...

— Igual?

— Sim, quer dizer... não igual mas...

— Eu sei o que você quer dizer. Vou me vestir. Espere ai.

O delegado vestiu-se correndo e saiu, o sargento já o esperava dentro do carro de aluguel que os levaria direto para a cena do crime.

Quando chegaram lá o doutor Cerquera já estava examinando o local.

Havia quase vinte policiais ali, enviados pelo Chefe de Polícia, que tinha ficado sabendo antes, mas é claro que ele próprio não estava ali.

Crispim cumprimentou Cerquera com um aceno.

— E então Cerquera, o que você descobriu?

— Bem, Crispim, ela já está morta há umas duas horas e meia, desde às onze e meia aproximadamente. Acredito que tenha entre dezoito e dezenove anos, novamente não encontrei sinais de desnutrição, nem doença e não parecia uma andarilha ou pessoa que vivesse na rua, muito pelo contrário, acredito que tenha saído da missa das onze e estivesse caminhando até em casa quando foi assassinada. Praticamente igual ao caso que aconteceu mês passado na Igreja da Cruz das Almas.

— Então tudo leva a crer que foi a mesma pessoa...

— Ou animal. — completou o doutor — Porque todos os testes que fiz no outro corpo e pela pegada encontrada na cena do crime pelo sargento Messias, era um cachorro grande. Mas não estava hidrófobo não.

— Certo. O mesmo animal ataca novamente outra mulher saindo da igreja altas horas da noite.

— Sei que parece uma brincadeira terrível de mau gosto, mas todas as informações que tive no outro caso podem quase que inteiramente ser aplicadas neste.

— Messias. — chamou o delegado — Algum dos homens encontrou pegadas?

— Sim, delegado. Algumas marcas de patas...

— ...de cachorro grande? — completou o delegado.

— Sim. Perto de onde encontraram o corpo. Foi o Santos quem achou.

— Quer acrescentar mais alguma coisa Cerquera?

— Pelas evidências médicas que encontrei até agora, a vítima estava indefesa quando foi atacada e sofreu uma série de ferimentos, aproximadamente cinquenta ou sessenta pelo que consegui contar, que foram a causa da morte da vítima. Os ferimentos foram todos causados por um instrumento cortante. Mas encontrei uma coisa que me surpreendeu.

— O que foi?

— A maneira como os ferimentos foram causados pareceu mais que o instrumento usado era como uma mão quase-humana com garras grandes e afiadas, muito diferente das garras de um cachorro, mesmo que fosse um tipo selvagem.

— Me explique melhor. — pediu Crispim.

— As marcas encontradas no cadáver indicam que a criatura, ou o homem, que causou os ferimentos era mais alto que a vítima e bem mais forte, pois a subjugou facilmente e jogou-a ao chão, onde infligiu os outros ferimentos, a matou e devorou grande parte da carne do corpo.

— Isto é muito estranho!

— Realmente. Já pensou na possibilidade de que seja um homem fantasiado de cachorro que esteja fazendo isso? — perguntou Cerquera.

— É uma aberração! — disse Crispim pensando sobre o fato com descrença.

— Bem, comece a pensar seriamente no caso, porque vou comparar os dados do outro assassinado para ter certeza, mas pelas provas que encontrei aqui é possível que estejamos diante de um caso como aquele de uns vinte anos atrás...

— O caso do Vampiro de Suassuna? — perguntou o sargento Messias se intrometendo na conversa.

— Sim. — confirmou o médico — Exatamente aquele. Pode ser que este aqui seja bem mais parecido com aquele do que imaginamos.

— Não me diga uma coisa dessas Cerquera. Aquele caso foi um inferno dos diabos para resolver e o delegado da época, acho que era o Marconi...

— Era o Doutor Mauro Cassiano dos Reis, me lembro bem dele. — disse o sargento Messias sonhador.

— Se lembra é? — perguntou Crispim

— Sim, Foi logo quando entrei pra polícia, tinha recém feito dezoito anos e foi meu primeiro caso.

— Bem, como dizia, foi um caso realmente hediondo. O delegado da época ficou tão abalado que deixou a polícia — contou Crispim.

— Esperamos que o mesmo não se repita, não é doutor Crispim? — perguntou a voz forte do Chefe de Polícia, já se aproximando, como que surgido do ar.

Crispim ficou rubro e emudeceu, Cerquera foi quem falou:

— Boa Noite senhor. Estávamos justamente aventando a hipótese de que poderia ser um homem vestido com uma fantasia quem está praticando estes crimes.

— Baseado em que provas o senhor faz uma afirmação destas?

— Bem, comparando os casos, são muito parecidos, ambas as mulheres são novas, foram mortas perto de uma igreja, à noite, partes dos corpos foram consumidas, as feridas foram causadas, em ambos os casos por uma pessoa mais alta que a vítima e bem mais forte, pois a subjugou facilmente e jogou-a ao chão, onde infligiu os outros ferimentos.

— E quando às marcas de cachorro encontradas no outro local? O senhor garantiu que havia sido um animal.

— Não, garanti não. Disse que poderia ter sido sim, mas como o fato se repetiu com todas as circunstâncias quase iguais, não acredito mais que seja um animal, nem mesmo um treinado. Um homem seria a próxima indicação, até porque avaliando a altura dos ferimentos e a maneira como foram feitos...

— Estes detalhes técnicos não me dizem respeito, doutor. Só quero os casos resolvidos. Me tragam o criminoso que dele eu me encarrego. — falou o Chefe de Polícia afastando-se e já entrando em um veículo motorizado que saiu rodando com um barulho ensurdecedor.

Crispim e Cerquera se olharam em silêncio!

*

Pelo meio da manhã, o sargento Messias trazia o jornal do dia com uma manchete nova:

O MISTÉRIO DOS ASSASSINATOS DAS IGREJAS.

O assassinato da jovem mulher supostamente chamada de Leda dos Anjos, que ocorreu nas imediações da Igreja da Torre, nesta madrugada de sexta-feira para sábado, continua um mistério tão grande ou maior do que o assassinato ocorrido na Igreja da Cruz das Almas no mês passado, e até o presente não há nenhuma pista que leve ao perpetrador bárbaro deste crime abominável. A jovem moça estava retornando da última missa da sexta feira, quando foi assaltada pelo malfeitor. O delegado Crispim e os outros oficiais engajados na solução do crime ainda não foram capazes de levantar a identidade do criminoso. Novamente a opinião do legista Doutor Cerquera é de que, pelas provas colhidas no local do crime, a moça havia sido assassinada provavelmente por um cão grande ou animal de grande porte solto na cidade. Como no crime do mês anterior, este também não teve

testemunhas oculares. Ressaltamos que casos como este, que estão se tornando corriqueiros já, como foi bem lembrado à este jornalista por um colega que acompanhou o caso do Assassino do Suassuna, estão tornando-se também casos insolúveis que fazem-nos por vezes duvidar da perícia da força policial local em desvendá-los. Como no anterior as autoridades ainda não se pronunciaram sobre o caso, nem forneceram nenhuma informação adicional sobre a investigação.

Crispim leu devagar, parando um pouco ao final.

— Muito bem, agora é oficial! — falou o delegado balançando a cabeça e pensando que os famosos cigarros Leão do Norte com papayna não estavam resolvendo nem um pouco seu problema do estômago.

*

1910, março, noite de lua cheia, Igreja do Rosário — Recife Velho.

A noite começava a cair e o crepúsculo dava ao céu uma coloração vermelho-sangue que parecia predestinada.

Do outro lado do céu a lua cheia saía novamente, gorda e reluzente para assombrar a noite uma vez mais!

Grilos cricrilavam, pessoas passavam apressadas na rua, seguindo seus caminhos tortuosos.

As notícias sobre as duas mortes abrutalhadas corriam pela multidão assustada, que, vendo cair a noite, já punha-se à caminho de casa e lá entrando trancavam portas e janelas para fugir do terror que já não era só imaginário, mas havia se feito carne pelas ruas da cidade velha.

Poucos tinham a coragem ou a vontade de palmilhar os paralelepípedos sobre os quais seus passos ecoavam agourentamente ou de afrontarem as faces carrancudas e fechadas das casas obscurecidas depois que o sol iam-se embora.

Na sua maioria policiais discretos procurando pistas ou acendedores de lampiões tentando manter a escuridão longe das ruas já oprimidas.

As igrejas ainda realizavam seus serviços, mas agora mais cedo, em horas menos solitárias, e o seu público era pouco.

A missa das oito horas da igreja do Rosário agora terminava às nove e meia.

Todos os fiéis foram-se embora devagar, hesitando ao sair da proteção mágica das paredes brancas para a escuridão reinante na rua à sua frente.

Duas pessoas apenas ficaram junto ao padre.

Dona Yara Amaral, mulher mulata, opulenta, com seus quarenta e oito anos bem vividos, deixou-se ficar para a confissão que fazia todos os meses.

Derramando sobre o padre todos os seus pecados vulgares de mulher beata.

O padre hesitou ao permitir sua entrada no confessionário, pois o adiantado da hora não prenunciava nada de bom, mas afinal foi vencido pelo olhar suplicante da mulher.

Os minutos se escoaram bem devagar nas palavras chulas que ela sempre insistia em usar na confissão.

A segunda pessoa, um senhor alto, bem apessoado, vestindo um grande capote preto sobre as roupas finas e botas também pretas de cano alto.

Este não demorou-se muito, quando viu a mulher seguir para o confessionário junto com o padre tratou de sair e logo desapareceu engolido pela noite escura.

A mulher terminou a confissão e o padre absolveu-a com o rito apropriado, mas disse-lhe que fosse rezar sobre seus pecados em casa, pois a hora já era adiantada, seu caminho era longo e nestes tempos de atribulações era melhor não dar asas à sorte.

Ela deixou a luz e o calor da igreja!

Os sapatos novos, comprados exclusivamente para suas vindas à igreja, badalavam nos paralelepípedos, atraindo toda sorte de atenções.

Seus passos curtos e rápidos saíram da Rua São Miguel e chegaram até a encruzilhada da Rua do Rosário.

Ali, uma sombra maior destacou-se na esquina em sua direção, ela se assustou, mas logo reconheceu o homem, rosto conhecido do interior da igreja e ali naquele momento a lua gorda saiu da escuridão e iluminou o rosto do homem, e a mulher gostou de olhar para ele, pois parecia que ele irradiava uma inocência e uma bondade interior como nunca vira antes.

Ele a cumprimentou e seguiram juntos noite adentro, sumindo na escuridão!

Dela nunca mais se soube, mas as roupas foram encontradas ensanguentadas e rasgadas jogadas perto da ponte que dava na Rua da Via Cerrana, dois dias depois.

*

O delegado foi chamado rapidamente e quando chegou os jornalistas já estavam sobrevoando o local como urubus em cima de carniça.

A polícia tentou fechar toda a área da ponte, mas com a meninada pulando e nadando foi quase impossível!

O legista e o fotógrafo já tinham chegado quando Crispim desceu da caleça.

Ele foi direto conversar com Cerquera.

— Bom dia, meu amigo. Que ventos o trazem — sorriu Cerquera com luvas avermelhadas nas mãos grandes.

— Nem me diga isso, Cerquera. Como é que você sempre chega na frente em todos os casos? Assim minha posição fica prejudicada... — disse Crispim sorrindo de volta.

-Não se amofine por causa disso, homem. O importante é que tenho mais a dizer sobre este caso do que sobre os outros dois.

— O que você descobriu?

— A vítima foi uma mulher. Não me parece que foi um animal que fez isso, mas a nossa teoria de um homem vestido com uma fantasia acredito que chegaria mais perto da verdade. Primeiro o corpo não está aqui, talvez depois que dragarmos o rio possamos ter mais certeza, se a correnteza já não o levou para bem longe. Não tem aquelas pegadas estranhas de cachorro grande que tinha nos outros dois casos e nem tem pedaços de carne mastigados ou semidevorados por perto.

— Bem isso só quer dizer que quem fez isso desta vez comeu o corpo todo. — concluiu o delegado acendendo um cigarro.

— Não, Crispim, é aí que você se engana. Se o corpo tivesse sido devorado, e para isso teríamos que ter pelo menos um leão adulto e com uma fome de um mês, que levaria pelo menos um dia ou dois para consumir todo o corpo. Mas não temos nada, só o sangue, que aparentemente é da vítima, mas não em grande quantidade.

— Ela pode ter sido morta em outro lugar e as roupas terem sido desovadas aqui....

— Talvez, mas tudo indica que não, ela foi morta aqui e o corpo carregado para outro lugar sem as roupas, pois temos uma série de pegadas que saem da cena com marcas fundas na lama, o que indica que estava carregando algo pesado.

— Ora, muito bem, então agora ao invés de devorar o corpo no local o assassino leva-o para seu esconderijo. É pior que antes, pois nem sabemos se a vítima ainda estava viva quando isso aconteceu.

— Acredito que posso afirmar com certeza que estava morta, pois pelo montante de sangue encontrado, se não estava morreu no transporte.

Crispim balançou a cabeça desconsolado.

— Agora é que estou lascado! Dois assassinos agindo às minhas costas!

Episódio 2 — O Velho da Mata

II

*I bid the night conceive the dark secret of the gloom,
Arise, Ó sun, arise! Deliver me from the silvery chains of the Moon.*

I seek them in the waxing of the feared noon:

On me it will impose the hunger of the beast!

Four Stanzas of Blood

A manhã seguinte ao descobrimento das roupas ensanguentadas foi terrível!

Quando chegou em sua sala o delegado já encontrou o Chefe de Polícia e o subprefeito esperando-o.

— Bom dia senhores. O que posso fazer por vocês?

— Delegado Crispim, vim saber qual o motivo de tantos crimes sem solução? — perguntou o subprefeito em um tom bem petulante.

— Bem, senhor. Sobre que crimes está se referindo?

— Não se faça de rogado, delegado. Sabe muito bem que são sobre os três Crimes das Igrejas.

— Até agora tenho conhecimento de apenas dois crimes que foram cometidos em áreas próximas à igrejas, senhor.

— E aquele das roupas ensanguentadas?

— Aquele não pode ser atribuído à mesma pessoa que cometeu os outros dois, Senhor. Pois estava muito longe de uma área de serviço religioso e só encontramos as roupas, o que não prova que houve realmente um crime, mas que alguém ficou muito ferido no local...

— E depois de ficar tão ferido ainda foi despojada das roupas e andou nua pela cidade?

— Senhor...

— Não me enrole, Crispim! — falou o Chefe de Polícia pela primeira vez, em voz que não deixava dúvidas sua frustração contida.

— Senhor, eu sou o primeiro interessado em capturar este criminoso, mas até agora não temos nenhuma impressão digital, não temos nenhuma testemunha nem mesmo pegadas, que não sejam de animais, em todos os dois casos.

— Tenho certeza de que está tentando, mas quero que tente mais e com redobrado valor. Se a minha cabeça rolar, Crispim, certamente a sua também irá. — completou o Chefe de Polícia saindo em companhia do subprefeito e batendo a porta.

— O que foi isso? — perguntou Crispim sem entender nada.

Tirou um cigarro do maço e ainda o estava fumando quando Cerquera entrou seguido do sargento Messias.

— Bom dia, Crispim. — cumprimentou Cerquera.

— Eu não diria isso! Já comecei levando uma chamada de manhãzinha!

— É sobre isso que viemos lhe falar.

— É?

— Sim. O Chefe de Polícia e o subprefeito vieram falar comigo também. Acho que o prefeito está em uma posição bem delicada e o pessoal lá de cima está fazendo muita pressão no Chefe de Polícia.

— Bem isso não vai nos fazer conseguir encontrar este assassino mais rapidamente. As pistas praticas que temos são totalmente contraditórias.

— Eu sei. E por isso fui perguntar ao Messias uma coisa muito importante.

— Ao sargento Messias, o que...?

— Ele me disse que na época em que houve aquela série de assassinatos do Vampiro de Suassuna havia um policial que conseguiu praticamente "rastrear" o criminoso e foi com a ajuda dele que o doutor Mauro conseguiu capturar o biltre. — explicou Cerquera.

— Pode até ser, Cerquera, mas já fazem quase vinte anos. Se o homem ainda existe, se ainda não morreu de velho, deve estar entranhado em uma cama e não presta mais pra nada.

— Com o perdão da palavra, Senhor. Andei perguntando por aí sobre ele... — começou o sargento Messias.

— Ele quem?

— O velho Hiram, senhor. Ele já era velho naquela época, quando ajudou o doutor Mauro. Dizem que ele se mudou para uma cidadezinha longe daqui, chamada Passagem... — continuou Messias.

— Não foi aquela que todos os habitantes desapareceram em um só dia? Foi notícia em todos os jornais agora no final de março? Josias, o delegado de Laguna, formou-se comigo, está ficando quase doido porque ainda não conseguiu encontrar nenhuma explicação. Ainda ontem me pediu pra tirar um tempinho para ir lá ajudá-lo.

— Exatamente, doutor. Mas pelas informações o velho não estava na cidade na época destes fatos.

— Onde será que ele está então?

— Um dos colegas mais antigos disse que ele estava morando agora em Paraíso Thobias, no litoral sul. — relatou Messias.

Por um momento Crispim pareceu se lembrar de algo, um sonho meio vago...

— E em que ele pode nos ajudar, Messias?

— Foi ele quem rastreou o outro assassino, doutor. Certamente ele poderá nos ajudar neste caso aqui também.

— Se ainda estiver em condições de se levantar da cama sim.

— Dizem que ele é um homem de ferro, senhor.

— Muito bem, sargento Messias. Apronte o veículo oficial que vamos até lá na semana que vem para ver este tal "rastreador"! — concordou o delegado.

Cerquera e Messias saíram sorrindo da sala.

"Bem" — pensou Crispim acendendo outro cigarro no toco do primeiro "Se não ajudar no caso, pelo menos viajar vai aliviar a tensão por aqui."

*

A casinha pequena, feita de tijolinhos à vista era a última casa do lado esquerdo da Rua dos Espinheiros, bem na borda do Largo do Chora Menino.

O telhado baixo deixava entrever uma chaminé comprida, da qual saía uma fumaça cinza.

Ao redor da casa o gramado era bem cuidado e possuía roseirais de ambos os lados, rosas vermelhas, brancas e cor de rosa se entremeavam e sobressaíam pelas estacas pintadas de banco da cerca de madeira.

Uma pequena calçada de pedras acinzentadas levava do portão até a porta de entrada.

O delegado Crispim olhou-a de longe, parecia confortável e convidativa, era difícil de acreditar que ali naquela casa morasse o "Velho da Mata", como o chamaram os colegas da polícia de mais de vinte anos atrás.

Chegou em frente ao portão, olhou para o sargento Messias, este maneou um sim com a cabeça e ele bateu palmas.

Esperaram uns instantes e já iam bater de novo quando uma figura surgiu vindo pela estradinha de terra batida do lado direito da casa.

Um negro bem velho veio andando bem devagar, seus dois olhos encarvoados miravam os dois policiais e nas mãos trazia uma grande tesoura de podar.

— Bom dia, o que vosmecês desejam? — disse em uma voz baça e rouca, agourenta e monótona.

O delegado adiantou-se:

— Estamos procurando o senhor Hiram Zazué. Ele mora aqui?

— Porque o moço quer saber?

— Sou o delegado Crispim da cidade de Recife Velho e este é o sargento Messias. É um assunto de interesse dele.

— Não acredito que seja não. — disse o velho com um meio sorriso — Não tenho assunto nenhum com a Lei não, meu senhorzinho!

— O senhor é o senhor Hiram? — perguntou o delegado um pouco surpreso.

— Sou eu sim senhor.

— Eu sou o delegado Crispim e este é o sargento Messias.

— O senhor já disse. Bom dia. Em que posso ajudá-los?

— Poderíamos entrar para conversar melhor? — pediu o delegado meio sem jeito.

— Naturalmente. — concordou o velho abrindo o portão e deixando-os entrar.

Abriu a porta da casa e entraram.

— Não liguem para a arrumação. — explicou o preto velho sorrindo — Recentemente me mudei para cá. Tinha uma casa na vila de Passagem, além dos limites da cidade, perto das matas da fazenda São Sebastião, mas começaram a acontecer umas coisas estranhas e resolvi me mudar. Afinal, aqui é bem mais confortável. Mais ao meu estilo.

O interior da casa até que estava bem arrumado, a sala era pequena, com um tapete marrom e branco no centro e sofás esverdeados e gastos com almofadas de cores berrantes em cima.

Uma grande estante cheia de livros tomava uma das paredes, enquanto as outras duas tinham janelas grandes que iluminavam bastante o aposento.

Do outro lado a porta que levava aos outros cômodos.

Uma cadeira de balanço de madeira negra ficava ao lado da estante.

Ele apontou o sofá.

— Podem sentar-se senhores, já volto.

O negro velho deu um sorriso de lado, tomou um cachimbo de barro de aparência bem mais velha que ele próprio, foi até a cozinha próxima e acendeu devagar, depois sentou na cadeira de balanço, inalou a fumaça devagar e olhou bem para o rosto encovado de preocupações do delegado.

— Como vão as coisas na capital, delegado?

— O senhor leu os jornais recentes? — perguntou o delegado remexendo-se na cadeira dura.

— Sim, às vezes leio algum quando não tenho muito para fazer, sabe que as roseiras dão um trabalho danado? As formigas parecem adorar minhas rosas, principalmente as saúvas, bichinhos danados de ruins...

— É verdade. — concordou o sargento — Uma vez tive um pé de rosas e ... — calou-se com o olhar de censura do delegado.

— Mas não viemos falar de jardinagem, como o senhor deve estar imaginando nosso assunto aqui é outro. — disparou o delegado.

O velho os observou por debaixo das sobrancelhas embranquecidas pelos anos de labor sob o sol e aquiesceu:

— Realmente, delegado, eu acredito que sei porque vosmecês estão aqui, mas e vocês?

— Nós o que? — perguntou o delgado sem entender.

— O que vocês estão procurando?

— Eu acho que o senhor sabe o que nós estamos procurando.

— Como já disse, eu sei, mas vocês realmente estão prontos para encontrá-lo?

O delegado deixou de rodeios:

— Nós estamos procurando alguém que seja capaz de pisar com uma pata de lobo. Foi para isso que viemos procurá-lo!

O velho ficou em silêncio.

— Não preciso ler o inquérito do caso, que vosmecê traz aí consigo, apenas me conte o que acha realmente que aconteceu?

— Acredito que seria melhor dar uma olhada. Eu mesmo não acreditaria se não tivesse visto. — disse o delegado levantando-se e entregando uma pasta marrom e gorda de papéis nas mãos calejadas do velho.

Hiram tomou um longo hausto e olhou para a pasta em seu colo, tinha medo de abrir, medo do que poderia encontrar ali dentro, medo das repetições que sempre se sucediam em um caso como aquele.

Rezou em silêncio por um momento.

O velho abriu a pasta marrom e seus olhos foram logo atraídos para uma das fotos em preto e branco de primeira vítima, o escuro do sangue ainda visível.

Depois da foto ele viu o registro médico feito pelo legista em letras vermelhas:

REGISTRO MÉDICO POST MORTEM REALIZADO NO CORPO DE MARIA AUXILIADORA DO AMARAL em janeiro de 1910, Recife Velho.

Posição do Corpo:

O corpo estava nu, deitado aos pés da coluna denominada Cruz das Almas. Os ombros estavam quebrados e o centro do corpo estava inclinado para o norte na coluna. A cabeça estava torcida para trás. O braço direito estava perto do corpo, com o antebraço flexionado em um ângulo direto sobre o abdômen. O braço esquerdo estava rompido na altura da omoplata e estava distante três metros do corpo. Ambos os braços estavam sem as mãos que não foram encontradas na cena. As pernas estavam abertas e a perna esquerda formava um ângulo obtuso com o púbis, a perna direita formava um ângulo reto com o abdômen.

A superfície completa do abdômen e das coxas foi removida e a cavidade abdominal foi esvaziada de suas vísceras que não foram encontradas na cena. Os seios foram lacerados e arrancados, os braços foram mutilados por muitas feridas irregulares e a face estava apenas parcialmente reconhecível. Os tecidos do pescoço foram cortados quase até o osso.

O chão sob o corpo e ao redor deste estava encharcado com o sangue da vítima e com água de chuva, tendo a maior parte do sangue sido arrastada pela enxurrada. Ao redor da vítima havia marcas de pés, possivelmente do agressor, descalços, cujo tamanho correspondia à vinte e cinco ou trinta

centímetros (impossível determinar pela quantidade de chuva sobre a cena). Também impossível determinar se o agressor é humano ou animal, mas as características das lacerações e marcas encontradas no corpo indicam que são de origem animal.

Exame Post-mortem:

A face estava cortada em várias direções do nariz até às maçãs do rosto, estes cortes podem ter sido provocados por garras ou unhas de animais, as sobrancelhas e orelhas foram parcialmente removidas com os mesmos objetos.

O pescoço foi cortado através da pele e outros tecidos diretamente até a 5ª e 6ª vértebras, mas este ferimento não foi o causador da morte da vítima. Os cortes na pele do pescoço mostram equimoses distintas.

A passagem do ar foi cortada na parte baixa da laringe através da cartilagem crinoide, sendo esta a causa da morte. Indicando que a vítima sufocou até desfalecer.

Ambos os seios foram removidos por incisões circulares semelhantes à caninos, os músculos das costelas foram arrancados desta forma também. Os músculos intercostais da 4ª, 5ª e 6ª costelas foram cortados e arrancados tornando visível o interior do tórax.

A pele e os tecidos do abdômen do arco das costas até os glúteos foram totalmente removidos.

A pele e os tecidos da parte frontal do abdômen foram totalmente removidos e os órgãos internos arrancados com violência.

A perna esquerda foi literalmente descascada da pele, músculos e tecidos até o osso.

Ambos os braços e pernas apresentam lacerações irregulares com semelhança de caninos animais.

O pericárdio estava aberto e vazio e o coração estava ausente.

Na cavidade abdominal, no que restou dos intestinos e dos pedaços do estômago, foram encontrados restos de peixe e verduras semidigeridos.

Ao acabar, deu uma olhada rápida nos outros registros posteriores, mais duas mortes, uma em cada mês, todas similarmente parecidas com os mesmos detalhes e quase a mesma causa da morte.

Fez uma longa pausa, enquanto olhava as outras fotos colhidas nos locais dos outros assassinatos.

— Bem, delegado, certamente depois de ler os inquéritos dos três assassinatos, devo acreditar que as perguntas principais já foram respondidas pela polícia? — falou o velho com voz calma e pausada, com um certo tom de preocupação, deixando o acento brejeiro de lado e manifestando um tom de voz culto e educado.

— Perguntas? Quais seriam estas perguntas?

— Bem, supondo que algum dos policiais que trabalharam no caso comigo, há vinte anos, ainda estejam integrando a força policial, eles poderiam utilizar as mesmas perguntas que quase nos deixaram ensandecidos naquela época: que tipo de pessoa poderia se mover pelas ruas de uma cidade tão cheia de habitantes à noite sem despertar nenhuma suspeita nem ser vista por qualquer outra pessoa? Quem poderia caminhar pelas ruas com as roupas manchadas de sangue sem despertar suspeitas? Quem poderia demonstrar a habilidade necessária para realizar as mutilações ou o motivo para tais atos? e finalmente... quem foi que encontrou os corpos e qual foi o álibi que deu para estar naquele local naquela hora?

O delegado ficou atônito por alguns segundos, depois seu cérebro pareceu inflamar-se com tantas ideias...

— Realmente... não pensei em nenhuma delas diretamente, não formuladas desta forma. E não, não tenho mais nenhum dos policiais que trabalharam naquele caso com o senhor há mais de vinte anos, ou já morreram ou estão todos aposentados e não deram mostras de querer voltar à ativa.

— É uma pena! Pois acredito que vai precisar de pessoal bem experiente para lidar com este caso.

— Com um lobo? — perguntou o delegado sem entender.

— O senhor acredita que seja um lobo que está fazendo isso?

— Sim, tenho certeza. O legista é o melhor de Recife Velho até Santa Cruz da Serra e ele me confirmou que nas três vezes, nos três ataques, o causador havia sido um animal, principalmente porque partes das vítimas haviam sido consumidas, como pode ver pelos laudos dele e pelas fotos. A brutalidade das mortes só pode ser atribuída à um animal, acredito que um lobo guará, que é o maior canídeo que existe na América do Sul. Ele me garantiu que não era um ataque de onça pintada.

— Claro que não — concordou o velho — Onças não entram em cidades, nem atacam desta forma com requintes de crueldade, muito menos um inofensivo lobo guará...

— Bem, nestes casos específicos acredito que estamos lidando com um animal raivoso.

— Delegado, se fosse um lobo guará que tivesse contraído raiva, ele já teria morrido no espaço entre o primeiro e o segundo ataque, até porque não teria a esperteza de se esconder durante o dia e atacaria indiscriminadamente a população fosse dia ou noite.

— Bem se não é uma onça, nem um lobo guará, não existe outro animal desse porte para causar este tipo de ataque nesta região.

— Sim, existe sim. — discordou o velho mateiro.

O delegado ficou em silêncio por um instante, então teve uma ideia:

— Claro, é possível que alguém tenha trazido um animal de grande porte, um leão ou tigre do estrangeiro, para um zoológico particular, apesar de que todas estas entradas são fiscalizadas pelo governo.

— Não acredito nesta teoria. — discordou novamente o velho — O animal que vosmecês estão procurando é bem mais humano do que pensam!

— Como assim? — perguntou o delegado espantado — Realmente temos uma teoria, desenvolvida pelo doutor Cerquera, nosso legista, de que é um homem que se fantasia de animal para praticar estes crimes todos, mas é apenas uma teoria. Ainda não temos nenhuma prova que corrobore...

— Eu não diria que ele se fantasia, mas que ele realmente acredita que é um animal e se transforma no bicho para então atacar quem lhe atravesse no caminho. — disse o velho — É o que indicam todas as provas que li e vi que o senhor me mostrou.

— Veja, senhor Hiram, aquilo que o senhor está me descrevendo é conhecido como licantropia, é um tipo muito raro de insanidade no qual a pessoa acredita de forma legítima que pode se transformar em lobo, e ambos sabemos que é impossível um homem normal se transformar em lobo. — afirmou o delegado descrente — Claro que pensando assim não poderíamos descartar a possibilidade de que um homem sofrendo de uma doença assim não possa ser o criminoso...

— O senhor me diz que é impossível um homem se transformar em lobo, delegado. Mas eu digo que já vi acontecer e não foi uma ou duas vezes e digo mais, eu já cacei este tipo de criatura, aqui nestas terras mesmo, na Europa e na Ásia, até mesmo na África, que possui muitas lendas à respeito dela.

O delegado ficou em silêncio.

Mas o sargento pensou em todas aquelas mortes que haviam acontecido em noites de lua cheia.

— O senhor quer me fazer crer que estamos às voltas com um lobisomem de verdade? Quer dizer, um homem que realmente se transforma em lobo? — perguntou o delegado com um olhar cético.

— Sim, delegado. Este tipo de criatura existe e às vezes é mais fácil acreditar que a pessoa possuída está insana do que acreditar que ela pode se transformar em um lobo para caçar e matar seus semelhantes sob a influência da lua cheia.

— Estamos em pleno século vinte, senhor! — falou o delegado levantando-se — Como pode dizer tal disparate?

O velho abanou a mão com o cachimbo para que o delegado voltasse a sentar-se e falou devagar:

— Se o senhor acreditar ficará mais fácil de caçar a criatura, delegado. Se não acreditar ainda assim poderemos persegui-la e quem sabe capturá-la ou pôr fim à sua existência.

— Quer dizer que não existe cura?

— Não disse isso. Existe sim, para alguns tipos de criaturas, mas para outros, que já vivem sob esta influência durante muito tempo, apenas a morte poderá realmente libertá-los do jugo desta sina maldita.

— Vamos fazer de conta que eu acredito, e isto fica apenas entre nós, porque não poderemos deixar que os jornais sequer imaginem o que estamos procurando, muito menos meus superiores, porque se eles soubessem eu estaria trancafiado em um hospício bem antes de conseguirmos sequer chegar perto do assassino.

— Certamente. Não precisamos alertar outras pessoas, mas nós três e certamente seu legista, que terá que ser convencido, saberemos a verdade.

— Ou o que o senhor diz ser a verdade.

— O senhor não acredita, não é delegado?

— Não. — enfatizou o delegado incrédulo.

— Não acredita que possam existir monstros vivendo realmente nestas terras sob a luz do sol?

— Não acredito. — enfatizou o delegado.

— Bem, seu antecessor, que ajudei muito, também não acreditava.

— O doutor Mauro?

— Sim, até que ele se viu às voltas com o mal.... aí ele acreditou!

O delegado e o sargento ficaram em silêncio, só o sargento teve coragem de perguntar:

— Então, o senhor quer dizer que o Vampiro de Suassuna... era realmente um vampiro?

O negro velho tirou uma baforada do cachimbo e balançou afirmativamente a cabeça, olhando muito sério para os dois.

— Foi o pior que já encontrei, e olhem que já enfrentei uns dois bem antigos, mas aquele era realmente o mal encarnado!

Um silêncio profundo caiu sobre a sala, e o delegado sentiu um frio súbito lhe enregelar o espírito, mesmo no calor que estava aquele verão!

*

1910, abril, noite de lua cheia, Igreja de São Miguel – Recife Velho.

O sino do campanário da Igreja do Rosário bateu as onze horas quase em uníssono com o sino da Igreja de São Miguel.

No interior do templo, já quase vazio pelo adiantado da hora, Monsenhor Benedito, padre da paróquia do Rosário, rezava obstinadamente o rosário com os olhos cheios de lágrimas e o coração pesado de culpa.

Como podia rezar a missa e dar comunhão se deixara que a besta que estava à solta na cidade fizesse mais uma vítima e não fora capaz de se manifestar?

Sabia que as confissões que lhe eram feitas estavam sob segredo e que não podia contá-las à ninguém, mas também sabia que o homem que assassinara barbaramente as duas mocinhas era um de seus paroquianos!

Sabia que o rosto o olhava todos os dias quando rezava missa, mas somente agora é que caíra em si. A primeira vez, quando o homem o procurara para se confessar depois da missa, na segunda feira depois da primeira morte, ele ouvira toda a confissão, mas viu tudo como uma brincadeira terrível, como uma figura de linguagem, mas nunca sequer pudera imaginar que o homem estava contando a verdade.

Talvez porque os fatos eram tão assombrosos que ninguém poderia acreditar que fossem verdadeiros. A sua incredulidade matou a terceira vítima, ele era cúmplice do assassino, por não tê-lo denunciado! Sim, porque após a segunda morte o homem voltou e contou tudo em confissão.

Ele custou a acreditar, mas afinal havia detalhes tão terríveis que ninguém poderia saber e que os jornais só noticiaram uma semana depois, que o homem havia lhe contado em cores vívidas.

Ele sabia que era tudo verdade.

Então deveria ter ido à polícia, mas não foi.

Esperou, não sabia por quê.

E naquele sábado de manhã, após a terceira morte o homem voltou e confessou tudo à ele.

E ele teve certeza!

Mas ele não sabia por que ainda não havia ido até a polícia, para contar tudo.

Talvez soubesse... não queria trair sua fé nem os votos que fizera, mas será que deveria manter os votos e permitir que outras pessoas fossem mortas de forma tão bárbara?

A dúvida o corroeu durante todos os dias do mês até que passara, crescendo em seu interior como um câncer devorador.

Era impensável que ficasse calado!

Mas também o era de falar alguma coisa!

De trair sua fé e sua igreja!

Ah, dúvida atroz!

Tormento que lhe esmagava o espírito.

Mas agora, depois de tanto tempo uma certeza lhe cresceu no peito... contaria tudo... e salvaria sua alma de um destino terrível!

Afinal ele também se libertaria da prisão hedionda em que estava agora.

Sim!

Amanhã pela manhã iria à polícia e contaria tudo.

Fechou a igreja com esta certeza no coração, apagou as luzes e saiu.

A lua gorda estava banhada em prata nesta noite.

E o luar lhe clareou os passos e as ideias.

Saiu pela porta às onze e meia, caminhando devagar, desceu pela Rua de São Miguel, passando em frente à igreja, agora já toda escurecida pela noite.

A confissão badalando em sua mente como um sino sinistro.

Caminhou com certa pressa até a Rua Direita dos Afogados, onde o esperava o bonde de quinze para meia-noite:

— Boa noite padre! — saudou o motorista.

— Boa noite, seu João.

— Chegou na horinha, já estava saindo.

O padre lhe sorriu e tomou assento no fim do vagão.

Um movimento estranho o fez voltar-se para os lados da rua de onde viera, mas era apenas uma sombra indistinta atrás de si.

Quando o bonde começou a andar ele não viu uma figura preta, pouco maior que um cão, mas menor que um bezerro, de orelhas caídas, que pôs-se a correr atrás do vagão com passos quase humanos.

Mas corria nas sombras, para não espantar os cavalos, e assim manteve-se fora das vistas do condutor e do padre, que eram os únicos viajantes do bonde àquelas horas meio mortas da noite.

O bonde seguiu seu caminho noturno, solitário, pois não havia outros passageiros àquelas horas.

Seguiu seu caminho cruzando aquela parte da cidade até a Campina do Bodé, onde fazia uma parada rápida.

Ali o padre Benedito desceu.

Quase na esquina havia um prédio alto de quatro andares onde ele lecionava inglês e português às quartas feiras de manhã.

Àquela hora estava fechado e o padre passou rápido subindo o caminho meio escuro que seguia até a grande fábrica de Gás, ao lado do grande e volumoso rio que cortava a cidade.

Sua figura de andar célere, destacava-se à luz dos lampiões, homem miúdo que era, de longas barbas grisalhas e uma batina preta sempre bem passada e alinhada.

Já quase chegava à frente da fábrica, ao lado da qual estava a pensão na qual morava atualmente, enquanto a casa paroquial de Nossa Senhora do Rosário terminava as reformas.

Então foi que ouviu um barulho de latas caindo atrás de si.

Voltou-se quase na abertura de um beco longo e afoito ainda à tempo de ver uma assombrada sombra preta lhe cair em cima e mal teve tempo de gritar ou esboçar qualquer reação quando uma mandíbula furiosa fechou-se sobre sua garganta e um peso monstruoso caiu sobre seu peito jogando-o de costas nos paralelepípedos.

O ar fugiu-lhe do peito e os olhos se esbugalharam de susto e terror, ao descobrir, olhando bem dentro dos olhos de seu algoz, que aquela criatura inumana não era o mesmo homem que em confissão declarara ser o assassino das duas mocinhas!

*

O corpo do padre foi encontrado no terceiro toque da alvorada em tal estado de coisas que a polícia fechou toda a área em torno do beco por mais de cinquenta metros para evitar falatórios.

O delegado foi chamado incontinente.

Veio acompanhado do velho e do sargento Messias.

Um tenente militar estava no comando.

— O senhor é o Delegado Crispim? — perguntou ele de forma arrogante.

— Sim. — confirmou o delegado.

— E estes quem são? — perguntou olhando enviesado para os outros dois.

— O sargento Messias e meu ajudante Hiram.

— Pois bem. — fungou o homem — Podem passar, mas cuidado que está uma sangueira só. O maldito que fez isso espalhou o corpo por tudo aí dentro.

O delegado veio devagar, olhando as marcas pelo chão.

Messias tomava notas.

O velho Hiram olhou por um momento e balançou a cabeça sem dizer nada.

— Chame o fotógrafo, Messias. — pediu o delegado — Precisamos de um registro completo destas pegadas e de qualquer outra coisa que pudermos encontrar.

— Muito bem, senhor. — disse o sargento saindo.

O delegado voltou-se para o velho:

— Bem, o que me diz então. Ainda pensando que não é um homem? Somente um homem fazia um serviço sujo assim. Acredito que podemos descartar a possibilidade de ter sido um animal qualquer.

O palpite de Cerquera estava certo!

O velho olhou para o cadáver no beco sujo, enquanto ajeitava o fumo no cachimbo.

— Este não é um ataque de lobisomem normal. Não é igual à nenhum que já tenha visto.

— Não sabia que havia um tipo de lobisomem normal. — disse o delegado com um olhar sarcástico.

— Não brinque com isso, delegado. — contradisse o velho — O senhor não acredita no que digo, mas veja que todos os fadários tem um ser seu próprio e modos que não mudam com o andar do tempo, diferente do homem e de seus caminhos. Este não é igual aos outros que conheci, é diferente. E isso o torna ainda mais perigoso!

— É diferente! — afirmou o delegado — Acredito que todos os assassinos são diferentes, possuem o mesmo motivo, mas tem modos diferentes, pensam diferente. Com os lobisomens não deve ser muito diferente, e com isso quero dizer que acredito até que possa ser um homem que esteja usando um animal para despistar.

O velho o olhou com o rabo dos olhos, meio matreiro meio desconfiado.

— Os Coisas-ruins fazem do seu próprio jeito, cada um deles, mas ele é sempre igual para cada tipo, pois todas as coisas do mato e da noite tem regras e os fadários que são troca-peles tem uma só letra para seguir aqui nestas terras, senhor delegado.

— Nas outras terras é diferente? Achei que tivesse dito que todos eram iguais e agiam de modo igual em todo lugar.

— Viajei por todos os lugares conhecidos dos homens e por uns lugares onde os homens não vão, e posso lhe garantir que assim como os homens são diferentes aqui e no norte do mundo onde o frio cai do céu, ou no leste onde tem olhos amendoados ou pele mais escura ou clara do que a minha ou a sua, também as criaturas da noite são diferentes em seus modos, de acordo com a cultura do lugar. Mas ainda não havia encontrado nada igual à este aqui.

— Então como poderemos fazê-lo parar? — perguntou o delegado já desesperançado.

O velho olhou novamente para o cadáver e disse com uma certeza profética.

— Porque mesmo sendo diferente dos outros, existem algumas regras que até mesmo ele deve seguir!

— E que regras são essas?

O velho soletrou como se estivesse rezando a tabuada:

— O encantado, transformado em lobo, tem que correr sete freguesias e passar pelos cemitérios de cada uma delas durante a noite de sexta feira de lua cheia até antes do amanhecer e tem que retornar até o ponto de partida onde vira novamente gente pouco antes do nascer do dia. Ele deve se espojar nas terras dos sete cemitérios para cumprir o fado que lhe foi jogado, assim é com os que sofrem desse mal aqui nestas terras.

— E nas outras é diferente?

— Sim. Na Europa e na América do Norte os fadários são chamados de maldição e o encantado se transforma com a luz da lua cheia, independentemente de ser sexta feira ou não, e também não

precisa correr pelos cemitérios, além de que não se transforma completamente em lobo, mas em uma criatura que é meio homem meio lobo e é muito mais perigoso que o destas paragens, pois só pode ser morto com prata ou fogo e quando saí à noite procura sangue, matando feroz e implacavelmente tudo o que se move, é terrível!

— Mas como é que um homem pode se transformar em lobo assim do nada e virar uma aberração destas?

— Não é do nada, delegado, rezam as lendas que o sétimo filho de uma sequência de homens ou mulheres se tornará lobisomem quando completar a maioridade, outra versão diz que lobisomem será o menino nascido após sete mulheres e outra ainda diz que se algum ancestral possuía este fado ele pode passar de pai para filho e assim por diante. Também dizem que se alguém for mordido por um lobisomem e não encontrar a cura até a décima segunda badalada das horas desse dia se transformará em lobisomem.

— E qual é a cura?

— Que nesse primeiro dia lhe seja arrancado sangue com um punhal vestido com cera de vela que ardeu na missa do galo na meia-noite do Natal.

— É, o senhor já me mostrou um assim. Não tem outra maneira?

— Não que eu saiba! — disse o velho balançando a cabeça desconsolado.

Episódio 3 — Tocaia

III

*My face and my shape are terrible and strange,
From man to wolf, unbounded, i will change.
This nameless terror i will became without mercy:
On me it will impose the hunger of the beast!*

Four Stanzas of Blood

1910, maio, noite de lua cheia, Igreja dos Remédios — Recife Velho.

A tarde caiu devagar.

Crispim e o velho Hiram amoitaram-se em uma casa perto da igreja, enquanto outros policiais faziam o mesmo em outra casa mais distante, do outro lado da rua.

A mesma tocaia foi armada em outras dez igrejas espalhadas pela cidade, em uma tentativa de capturar o arredo criminoso.

A noite veio e vestiu o manto de trevas sobre a terra.

As pessoas, amedrontadas com os crimes bárbaros, já não saíam mais à noite, os poucos que se aventuravam iam receosos do que poderia lhes acontecer, pois ninguém estava livre dos ataques do maníaco, como noticiavam todos os jornais.

Enquanto as horas se arrastavam, pela janela entreaberta Crispim vigiava a rua.

O velho Hiram colocou uma pequena caixa sobre a mesa, dela ele retirou um punhal de cabo de osso embainhado.

— Pra que isso? — perguntou o delegado curioso.

— Este é uma das maneiras de desencantar o fado da criatura.

— Um punhal? Não seria mais fácil uma pistola?

O velho mostrou uma pequena pistola que trazia às costas:

— Este é o outro meio de pará-lo se o primeiro falhar.

— Não entendi?

— É um punhal vestido de cera de vela que ardeu na missa do galo na meia-noite do Natal, vai servir para desencantá-lo, mas se falhar a pistola que mostrei tem duas balas de prata banhadas em água-benta... apenas se tudo falhar.

— O senhor acredita realmente que teremos alguma chance de quebrar o feitiço sem que tenhamos que...

— Quero prender o homem, delegado, preferencialmente vivo porque apesar de tudo, ainda acredito que ele não faz isso porque quer fazer, mas sim porque está sob o encantamento do fado!

— Muito bem! Vamos tentar do seu jeito, porque acredito em sua experiência com estas coisas, não porque acredito em lobisomens, mas se existir, em algum momento, alguma possibilidade do homem escapar então vou ter que usar aquilo que tenho, certo?

— Sim, eu sei dos riscos que teremos que correr e também não quero deixá-lo escapar — concordou o velho acendendo o cachimbo.

Os dois concordaram, mas o velho sabia dos riscos que ainda teriam pela frente, pois poucos escapavam do fado sem perder a vida.

A meia-noite se aproximou e passou e nem uma sombra do assassino.

— Será que justamente hoje ele não virá? — perguntou Crispim desolado.

— Não há mais pessoas nas ruas, delegado, não há mais presas para ele caçar. — falou o velho compreendendo o seu erro — Deveríamos ter previsto que, sem presas ele não viria!

— Não posso colocar uma pessoa em risco para capturá-lo. Seria desumano.

Ao longe um cão uivou alto, mas o velho sabia que era apenas um cachorro solitário.

— Eu posso sentir que tem alguma coisa que não é humana lá fora, e está nos observando neste exato momento enquanto falamos! — disse o velho Hiram, arrumando o cachimbo e apontando para a escuridão além das paredes da casa.

O delegado assustou-se:

— Ele está lá fora agora? O senhor o viu? — falou levantando-se e sacando da arma.

— Não se apresse delegado. Ele está lá, observando e esperando... está atrás de alguma presa e se não foi humana pode ser algum animal. É certo que amanhã procuraremos por algum cavalo ou outro animal morto que foi encontrado nesta madrugada.

Crispim deu de ombros.

— Melhor um animal que um ser humano. Me acorde se vir algo.

O delegado dormiu no sofá e acabou com um torcicolo terrível.

O velho não pregou o olho a noite toda!

Prestou atenção no vento, viu a lua gorda passar pelo céu, sentiu o cheiro verde da grama molhada pelo orvalho da madrugada, mas não viu nenhum sinal do lobisomem ou de sua contraparte humana.

Afinal o galo cantou!

Antes do sol nascer porém, batidas na porta acordaram o delegado e chamaram a atenção do velho pela insistência e determinação.

A voz era do segundo sargento Gomes.

— Delegado! Delegado! Houve outro assassinato!

*

1910, maio, noite de lua cheia, Igreja das Fronteiras – Recife Velho.

Enquanto o delegado Crispim e o velho Hiram vigiavam e observavam a Igreja dos Remédios, o sargento Messias e dois soldados cedidos pela Guarnição do Forte das Cinco Pontas, vigiavam as ruas adjacentes à Igreja das Fronteiras.

Ali também, à medida que a noite caía as ruas ao redor da igreja foram se esvaziando, as casas sendo fechadas, os bares cerravam suas portas, e já às oito horas o local estava praticamente deserto.

Também ali, como em todos os outros locais a tocaia pelo assassino bárbaro foi infrutífera até que aproximou-se o meio da madrugada.

Os dois soldados estavam dormindo à sono solto já há algumas horas, vencidos pelo cansaço e pela espera angustiante, e o sargento Messias cochilava olhando a rua À sua frente por uma pequena abertura da janela.

Subitamente uma sombra parou bem à sua frente!

Por um segundo ele ficou totalmente congelado, incapaz de se mover, olhando para a cara mais horrível que ele já havia visto na vida.

Então, no segundo seguinte, ela havia desaparecido!

Ele mal podia acreditar no que havia visto, na realidade se não acabasse de ter acontecido com ele, jamais acreditaria que uma coisa assim existisse no mundo real, ou em outro lugar que não a mente de um louco obsessivo.

Ainda assim ele tentava encontrar uma explicação para o que vira, talvez a luz dos lampiões refletida na cara de um cachorro vadio ou um pedaço de espelho refletindo suas próprias feições distorcidas, ou mesmo alguém usando uma máscara para o amedrontar.

Qualquer coisa menos a realidade!

Ele afastou-se da janela caindo para trás, bem a tempo de ver uma grande mão peluda, ou assim lhe pareceu, com uma garra distendida, tatear bem no lugar onde antes ele havia estado.

Sua mão escorregou para o coldre e sacou a pistola e enquanto ele se encaminhava para a porta gritou para os dois soldados:

— Homens, ele está aqui!

E saiu correndo porta afora sem esperá-los.

Os dois soldados, acordados de supetão com o grito do sargento, levantaram-se assustados e viram a porta aberta, pegaram nas armas e saíram correndo também, mas quando chegaram à rua o sargento Messias já havia desaparecido.

Procuraram por ele nas imediações, mas como não o encontraram logo após os primeiros minutos pensaram o pior e entraram em pânico.

Correram então para chamar o delegado, mas a distância era grande e só o conseguiram quando já cantava o galo.

*

Crispim desesperou-se com a notícia dos soldados:

— Como foi que vocês deixaram ele sair sozinho? Não sabiam do perigo?

— Sabíamos delegado, mas o sono foi mais forte. — desculpou-se um dos soldados de cabeça baixa.

— Pois bem, avisem os outros para retornarem todos para a Igreja das Fronteiras, vamos iniciar uma busca já. Ele não pode ter ido muito longe.

A caleça correu desembestada.

Quando chegaram lá o sol começava a despontar, mas a rua ainda estava deserta, nem mesmo os leiteiros ousavam sair na madrugada agora.

O velho Hiram desceu da caleça e foi diretamente para a casa onde haviam feito a tocaia.

Olhou todo o lado de fora do lugar até que encontrou os sinais que esperava.

— Veja delegado. Ele realmente esteve aqui. São pegadas fundas perto desta janela.

— Bem, precisamos encontrar o sargento o mais rápido que pudermos.

— Delegado... Crispim, a estas horas não acredito que iremos encontrar o sargento Messias vivo...

O delegado voltou-se para o velho, uma grande raiva e um desespero terrível pareciam lutar dentro dele.

— Eu... sei disso... mas não posso deixar de procurá-lo. Ele sempre foi meu melhor homem e meu amigo. Não posso deixá-lo....

— Me ajude a tentar descobrir estes rastros. — pediu o velho.

Realmente a trilha de pegadas fundas saía do canteiro sob a janela e desviava-se para os paralelepípedos do outro lado da rua.

Mas logo encontraram um par de pegadas de botas, iguais às que Messias estava usando, seguindo para a ponte, logo adiante.

Perto da cabeceira da ponte o par de pegadas desviou-se para o matagal.

O velho colocou a mão no ombro do delegado:

— Me espere aqui, para não perdermos o rastro.

— Mas ele entrou ali, deve ter seguido para baixo da ponte.

— Sim, eu sei. É para lá que os rastros da criatura também seguem, mas preciso que me espere aqui, para não perdermos alguma coisa que por ventura tenha sido deixada para trás.

— Muito bem. Eu esperarei.

O velho meteu-se pelo mato alto ao lado da ponte e desceu pelo caminho mais íngreme que levava para um pequeno descampado bem ao lado da barranca do rio.

Quando entrou no pequeno descampado ele se assustou.

Todo o mato estava pisoteado e avermelhado do sangue do homem.

Roupas em frangalhos e pedaços do que fora o sargento Messias espalhavam-se por todo o local.

Jamais havia visto um sítio de ataque de lobisomem como aquele!

A criatura deveria estar enlouquecida para fazer isso.

O velho rezou pela alma do sargento e retornou.

Ao voltar para a cabeceira da ponte ele avisou:

— O corpo está ali, mas eu o aconselharia a não ir ver. Deixe que outros o façam. É bestial demais, nunca vi nada parecido.

Crispim não esperou o velho terminar de falar.

Quando voltou estava pálido e arqueado.

— Mande chamar o Cerquera para fazer o laudo. Eu preciso...

— Eu sei. Pode deixar comigo. — disse o velho maneando a cabeça.

Crispim afastou-se devagar.

*

Quando Cerquera chegou e viu o que acontecera também ficou arrasado.

— Como alguém pode fazer algo assim?

— Não é um homem que estamos caçando, doutor. É uma besta. — explicou o velho.

— Agora eu tenho certeza disso. Nenhum homem em sã consciência poderia fazer aquilo que vi.

Como poderemos prendê-lo?

— Não acredito que poderemos prendê-lo. O fado tomou conta dele e o enlouqueceu. Agora só poderemos abatê-lo e rezar por sua alma! — falou o velho com tristeza.

*

1910, junho, tarde de quarto crescente, centro de Recife Velho.

Foram as crianças que encontraram os corpos.

Eram três meninos, Joaquim, Paulo e André, brincavam de esconder na Travessa do Príncipe, perto de onde moravam, mas já haviam se escondido em todas as casas vazias e terrenos baldios das redondezas, só havia uma que ainda não haviam ido.

Era uma casa muito velha de cimento branco e telhado alto com telha de um vermelho batido pelo tempo, com muitas janelas, bem no fim da travessa, na encruzilhada desta com a Rua do Pombal, um lugar que era quase um beco.

Estava desabitada há décadas já, mas ninguém entrava lá, pois o último dono havia sido um alemão loiro e forte, que perdera todos os cinco filhos para a escarlatina, e havia abandonado a esposa e sumido no mundo. Ela ficara sozinha e morrera na casa, só haviam descoberto o corpo semanas depois da morte. Por isso ela era conhecida como Casa Assombrada e ninguém entrava lá, nem mesmo os mendigos ou os que estavam ser lugar pra ficar!

Era um lugar sombrio e muito úmido.

Mas eles resolveram brincar lá.

Afinal eram meninos e o medo era parte da brincadeira deles.

Desvendar os mistérios daquele lugar esquecido, mas se esqueceram de que muitas vezes existiam segredos horrendos ocultos em lugares assim.

Joaquim entrou primeiro.

Olhou pelos vidros das janelas semiabertas para ter certeza de que estava realmente vazio, e entrou por uma porta nos fundos que estava entreaberta e dava na grande cozinha.

Logo assobiou e Paulo e André o seguiram.

O ar ali dentro era viciado e frio como gelo.

Cheirava à mofo, podridão e um outro cheiro que eles não conseguiam identificar pois não o conheciam.

Saíram da cozinha vazia e passaram por quatro quartos até a grande sala que também estava vazia.

Todos os móveis e utensílios haviam sido retirados e vendidos depois que a senhora mãe das crianças morrera de desgosto.

Era de se esperar que algum mendigo mais afoito ou mesmo um ladrão houvesse entrado ali, mas todos os vidros estavam intactos e a casa não possuía sinal de arrombamento.

Mesmo a porta por onde haviam entrado parecia estar apenas destrancada e entreaberta, e não forçada.

Não encontraram muito com o que brincar naquela parte da casa e logo perderam o interesse.

Então André descobriu uma escadaria aos fundos, perto da cozinha, que levava ao andar superior, ali o odor indefinido era mais forte.

Eles subiram devagar, com medo, mas curiosos demais, como qualquer menino que encontra um quebra-cabeça novo e tenta resolvê-lo.

Notaram marcas escuras na escadaria, como se alguma coisa tivesse sido arrastada da cozinha até o andar de cima, alguma coisa pesada.

Assim subiram com cuidado e no andar superior encontraram quatro quartos vazios, com as portas abertas e as janelas sem cortinas, com os vidros fechados.

A luminosidade não era muita, mas podiam ver adiante pelo corredor até a última porta que estava fechada, e todas as marcas escuras acabavam indo dar nela.

Paulo e André não queriam ver o que havia ali, queriam sair o mais rápido possível e o medo deles era bem maior do que a curiosidade, mas Joaquim insistiu.

— Vocês são mariquinhas! Vieram até aqui então vamos até o fim pra desvendar o segredo da casa assombrada.

Os dois olharam entre si, não querendo passar por frouxos e decidiram em silêncio, seguir o companheiro.

Joaquim abriu a porta, que não estava trancada, apenas fechada, mas só conseguiram distinguir e entender o que estavam vendo quando ele afastou as cortinas para deixar entrar a luz do sol.

Ele foi devagar, tateando, até a janela, pisando em alguma coisa que lhe pareceram pedrinhas ou gravetos, que se partiam sob seus pés e faziam um barulho muito ruim.

Enfim chegou à grande janela e puxou as cortinas.

Abafou um grito de susto e terror!

Bem no meio do grande quarto havia uma pilha enorme de ossos, quase tão alta quanto o mais alto deles que era Joaquim, ossos brancos, limpos e bem mastigados.

Eles fugiram correndo o mais rapidamente que puderam!

*

O delegado Crispim chegou uma hora depois com o velho e o legista.

O velho não precisou sair da charrete para exprimir sua impressão fatal:

— Foi aqui que ele ficou escondido este tempo todo e era para cá que ele trazia os restos das vítimas.

— Como sabe? — perguntou o legista.

— Ele é diferente dos demais. Não caça como os outros, ele guarda para depois. Só é estranho que tenha deixado aqueles três corpos para trás.

— Talvez não tivesse tempo, ou estivesse muito longe ... — extrapolou o delegado.

— Talvez, talvez o senhor tenha razão! — concordou o velho.

Ao entrarem na casa o velho Hiram parou na soleira, recitando uma oração antiga.

— É uma casa de desgosto e morte! Não é bom entrarmos aqui, há muitos fantasmas que vagam por aqui e não estão contentes com as profanações deste lugar.

— Bem, precisamos fazer a investigação do local e dos corpos, depois vamos embora. — disse o legista olhando ao redor, como se esperasse ver vultos translúcidos andando pela casa.

O delegado ficou em silêncio.

Subiram devagar para o andar superior, seguindo o segundo sargento Gomes, que inadvertidamente tomara o lugar de Messias nas investigações.

— Foram três crianças que acharam os corpos, senhor. Já estamos interrogando os pais na delegacia.

— Ótimo. — confirmou o delegado.

Ao chegarem à soleira da porta, o delegado Crispim parou, estarecido e ali teve a certeza fatal de que havia cometido o primeiro e único erro sério de toda a sua carreira como investigador, aquele não era um caso de assassinato normal ou mesmo realizado por um animal, fosse leão ou tigre, pois nenhum animal faria uma coisa daquelas.

Só de olhar o legista ficou boquiaberto, pois nunca antes vira nada parecido.

— Vou precisar transportar tudo para o necrotério, quero ter a certeza de quantos corpos estão misturados ali, mas pelo tamanho da pilha eu diria que pelo menos vinte ou até trinta vítimas foram assassinadas, mas podem ser mais.

— Como uma coisa dessas pode acontecer aqui? — perguntou o delegado ainda estarecido com a visão perturbadora — Estamos em pleno século vinte...

— A cidade é grande demais, delegado. — disse o velho com um olhar perturbador — Quantos milhares de pessoas vivem e morrem aqui todos os anos? Quem senão os familiares dão por falta de alguém aqui? Quem pode saber quantos não estão enterrados em outros lugares ou escondidos em outros esconderijos por toda a cidade? Ou mesmo jogados no rio ou no mar? O homem não se importa com o homem!

Nem o delegado nem o legista conseguiram encontrar argumentos para contradizer estas palavras. Uma atmosfera densa e pesada havia se formado ali.

Todos sabiam agora que a cidade era a presa que a besta caçava!

Mas o velho... não lhes disse ainda o que lhe ia no espírito, porém uma certeza acabara de se depositar sobre ele... não fora um lobisomem quem matara aquelas pessoas!

Episódio 4 – O Olho da Parca

IV

*This is the horror that curses my astonished life.
Yet none but I these sins can prowl at midnight;
For to the abyss of hell I plunge each full moon night:
On me it will impose the hunger of the beast!*

Four Stanzas of Blood

O delegado chamou Cerquera à sua sala, o velho estava lá já, esperando:

— Bom dia Cerquera.

— Bom dia Crispim. Porque me chamou?

— Porque preciso conversar e não tenho outra pessoa com quem possa falar sobre esse assunto a não ser você.

— Me conte então!

Foi o velho Hiram quem falou:

— Estamos tão próximos de pegar este homem quanto estávamos no princípio, doutor.

— Imaginei que seria difícil encontrá-lo. — concordou o doutor sentando-se.

— Está sendo mais que difícil. Ele não deixa rastros aparentes, não retorna para os lugares onde já passou e já fazem dois meses que tocamos todas as igrejas, mas ele sempre nos faz de tolos.

— Os casos do zoológico?

— Sim. Em junho foi um tigre que ele atacou e estraçalhou e em julho foi um leão jovem. Não esperávamos que ele retornasse e então ele o fez, pela primeira vez. — falou o delegado.

— Ele está procurando presas mais fortes! — concordou o doutor.

— Não, ele está procurando morrer, mas não está conseguindo. — explicou o velho — Acredito que ele sabe o que é e que está tomando precauções para que suas presas sejam mais fortes que ele para que o matem, mas não está conseguindo, pois vejam bem, uma criatura como ele não tem par na natureza, não aqui... neste lugar civilizado...

— Então porque ele não se entrega? — perguntou o doutor sem entender.

— Porque a mente do lobo não deixa. Ele é um caçador nato e um caçador não se transforma em presa por livre e espontânea vontade.

— Não acredito que ele irá voltar ao zoológico agora. — disse o delegado.

— Não depois da segunda vez. — concordou o velho — Depois do segundo fracasso.

— Mas como seremos capazes de encontrá-lo? A cidade é grande e o número de pessoas aumenta à cada dia. Vejam todos aqueles restos que encontramos na casa abandonada, ele poderia estar fazendo isso bem debaixo de nossos olhos e não saberíamos... — falou o doutor aterrorizado com a perspectiva.

— Sim. Por isso resolvemos chamá-lo. Precisamos de sua ajuda doutor.

— Por quê?

— Porque eu sei de uma maneira para encontrá-lo. — falou o velho bem devagar — Mas ela é perigosa demais para ser tentada sem que sejam tomadas algumas precauções. E também porque precisamos ser três!

— E que maneira é essa? — perguntou o doutor já temendo a resposta.

O velho levantou-se, acendeu o cachimbo devagar e aproximou-se da janela.

Tomou um longo hausto e então falou:

— Em outros tempos os homens recorriam à elas em busca de sabedoria e conhecimento, mas hoje elas vivem esquecidas...

— Elas quem? — perguntou o doutor sem entender.

— Quando comecei a rastrear aquele assassino do Suassuna também tivemos muito trabalho para localizá-lo. Tive que recorrer à elas!

O delegado e o doutor olharam-se sem entender.

— Agora acredito que terei novamente que ir à procura de sua ajuda.

— Mas quem são elas, homem? — pediu o doutor aflito.

— As Moiras, doutor! Teremos que consultar as Moiras! — falou o velho com a voz embargada.

O delegado fez uma pausa longa:

— Meu caro Hiram... — começou Crispim ainda cético — Nós precisamos de mais evidências... mais provas...estamos correndo atrás de um fantasma, e ele não é sobrenatural! Eu sei que o que aconteceu com o sargento Messias foi terrível, mas não podemos simplesmente sair por aí dando ouvidos à qualquer vidente...

O velho deu um olhar tão duro à ele que Crispim calou-se.

— Delegado, sei que não quer acreditar que estamos atrás de uma criatura sobrenatural, um homem amaldiçoado com o fado de transformar-se em lobo nas noites de lua cheia...

— Nem eu acredito nisso! — disse Cerquera benzendo-se.

— Mas é verdade, doutor! Além de todas as coisas que possa crer ou pensar...mais forte do que suas próprias crenças, e o fato de que não conseguimos encontrá-lo e nem mesmo saber quem ele é nos mostra que realmente precisamos de ajuda...

— Mas não este tipo de ajuda, meu velho. — disse o delegado balançando a cabeça desconsolado.

— É precisamente deste tipo de ajuda que precisamos. Só uma força maior poderá nos ajudar a descobrir a identidade do homem que procuramos...

— E para isso o senhor quer que acreditemos que vamos falar com as Parcas? — perguntou o doutor ainda sem querer acreditar.

— Elas não recebem à todos, doutor, mas acredito que posso intermediar um encontro. Elas me ajudaram com o caso do vampiro, sei que podem nos ajudar agora, e estamos angustiosamente necessitados de ajuda, pois chegamos à um beco sem saída.

Crispim e Cerquera olharam-se incrédulos.

— O senhor sabe onde podemos encontrá-las? — perguntou o doutor interessado — Acho que elas são divindades gregas e assim teríamos que viajar...

— Não é onde, mas sim quando, doutor! Sempre aos sábados... mas o lugar...só podemos encontrá-las em sonhos, pois são muito esquivas, como a Morte, irmã do Sono...

— Quer dizer que teremos que sonhar com elas e elas nos dirão quem é o assassino? — falou Crispim com um tom sarcástico, tirando um cigarro do bolso e acendendo-o.

— Sim. Hoje é sábado. O tempo corre contra nós, pois a próxima lua cheia é já na semana que vem. Só temos hoje! — explicou o velho com urgência. — Antes que ele volte a matar!

Crispim deu de ombros dando-se por vencido.

— Como vamos fazer isso?

O velho Hiram pensou por um momento:

— Bem, tenho um amigo de infância que possui um terreiro...

— Não me diga que vamos fazer macumba? — perguntou o doutor como que decepcionado.

— Doutor, não seja preconceituoso! Ele é um ótimo intermediário e precisamos dos serviços do melhor hoje à noite.

— Bem, vou deixar minhas crenças de lado hoje. — disse o doutor sorrindo — Vamos ver onde isso vai nos levar.

— Vou falar com ele e espero vocês lá no comecinho da noite. O terreiro fica próximo à Estação Zumby, mas estarei esperando por vocês na estação.

— Muito bem, eu o verei hoje à noite então, meu velho, em meus sonhos! — sorriu o delegado despedindo-se dos dois.

*

Crispim saiu da delegacia completamente atordoado.

Não podia aceitar a ideia de que houvesse um lobisomem real atacando pessoas nas noites de lua cheia.

Estavam em pleno século vinte, estas coisas simplesmente não aconteciam assim.

E mesmo assim, o velho continuava tão crente como quando o conheceu.

Messias também era crente nestas coisas sobrenaturais, e agora vejam só onde ele estava... bem morto pelo assassino das igrejas!

Depois esta história do Vampiro de Suassuna.

Já havia ouvido a história tantas vezes, chegara a gostar dela quando era menino, antes de entrar para a polícia, na realidade fora este caso tão "sobrenatural" que o impelira à querer ser delegado.

E agora o velho vinha lhe dizer que aquele assassino era realmente um vampiro!

Que coisa absurda.

Já não sabia mais em que acreditar.

O Chefe de Polícia queria que ele pegasse o assassino, ele também, mas não havia pistas suficientes, numa cidade tão grande com tantas pessoas como poderia conseguir encontrar um homem que supostamente se fantasiava de lobo e atacava pessoas?

Era uma história inacreditável demais!

Por isso talvez as ideias do velho fossem tão aceitáveis, ele proporcionava uma aura sobrenatural ao assassino, de forma que tornava mais plausível o fato de não encontrarem provas da identidade dele.

E agora essa coisa absurda de encontrar as deusas do destino?

Uma vez sua professora de latim, quando ainda tinha dez anos, havia lhe falado delas, ele realmente ficara interessado, mas isso fora já há vinte anos atrás.

Hoje elas eram apenas histórias.

Não eram reais, independente do que o velho pudesse dizer...

*

No começo da noite Crispim e Cerqueria estavam na Estação Zumby, logo quando o trem chegou já localizaram Hiram, ele estava todo vestido de branco, com um terno muito elegante e uma bengala preta de castão de osso, um chapéu também branco completava a indumentária.

Sorriu ao vê-los.

— Que bom que vieram.

O terreiro ficava próximo.

Havia um portão branco cercado por um caramanchão de flores e rosas que dava para um caminho de terra batida ladeado por pedras brancas, ao final havia uma casa grande, branca com o telhado baixo.

Entraram devagar.

O lugar era uma sala grande, redonda, com três lances de degraus que levavam até um círculo também de terra batida.

Pelas paredes eles viram as imagens de diversas Divindades:

Uma delas, maior, era um homem, vestido de azul escuro, trazia correntes passadas ao redor do corpo e uma estada empunhada em ambas as mãos.

Outra era uma linda mulher, de cabelos compridos, castanhos, vestida de ouro e verde, movendo-se como se estivesse dançando.

Uma terceira, era um homem que vestia uma saia amarelo esverdeada, e trazia na mão direita uma vara colorida com as cores do arco íris e na mão esquerda trazia uma serpente com a cabeça voltada para cima.

Embaixo de cada uma das estátuas havia uma gamela de madeira, cada uma com um tipo de comida diferente, ainda exalando cheiro e quentura de recém feitos.

Ao redor de cada gamela havia muitas velas de cores diversas, acesas.

Ali no centro do aposento havia um homem velho os esperando.

Estava vestido com uma calça branca, descalço, tinha sete colares de conta coloridas ao redor do pescoço e um chapéu branco, fumava um charuto forte e na mão direita trazia uma bengala com uma caveira de prata no topo.

O velho saudou o homem:

— Salve, Pai Exu de Oxalá!

— Salve, meu filho. É com prazer que vejo seu retorno. Vejo que a necessidade o trouxe novamente aqui.

— Sim, meu pai. Preciso recorrer novamente às Três Senhoras.

O homem fechou a cara.

— Intercâmbio de Divindades não é meu forte, meu filho! Elas cobram um preço muito grande quando vêm e meus Santos não gostam delas.

— Eu sei, meu pai, mas preciso encontrar uma pessoa e só elas podem fazer isso.

— Porque não me deixa ajudá-lo? Sei que meus Santos conseguem!

— Já tentamos uma vez, pai, e agora sabemos do risco que corremos ao tentar...

O homem fechou os olhos como se lembrasse de um acontecimento muito triste e doído.

— Sim. Eu me lembro bem. Faremos do seu jeito hoje. — concordou o homem. — E seus amigos?

— Eles são aqueles necessários para realizar o ritual. Precisamos de três, eu os trouxe, eles sabem e estão de acordo.

— Muito bem, vou chamar Legba para começarmos!

Ele bateu palmas e do fundo da casa veio outra pessoa.

Um rapaz alto, todo vestido de vermelho e preto, com um paletó negro e uma cartola, e trazia na mão direita a cabeça de um tridente, ao redor do pescoço tinha um lenço vermelho sangue.

O babalorixá o saudou:

— Larôye!

— Larôye! — retornou ele com voz sorridente — Vejo que vosmecês já estão aqui prontos pra caçar a besta-fera!

O velho Hiram fez uma reverência:

— Larôye! Meu Senhor. Sim estamos prontos.

— E os outros dois, não falam? — perguntou o Exu em tom de graça.

O doutor se adiantou meio tímido.

— Estamos prontos.

Crispim balançou a cabeça concordando.

O Exu aproximou-se dele:

— Você é filho meu. Mas ainda tem que acordar.

Depois olhou para Hiram com um sorriso.

— Vejo que eles não têm sua fortaleza de Fé, meu velho caçador! — respondeu o Exu — Mas vão servir.

Indicou três cadeiras colocadas no centro do salão.

— Sentem-se ali e fechem os olhos! Agora vão deixar este mundo e ingressar no outro. Muito cuidado, porque lá estarão por conta própria e não vou poder ajudá-los. Estarão entrando em um mundo muito mais antigo e perigoso que o meu. Ali dentro só contem com vocês mesmos.

Os três sentaram-se nas cadeiras e fecharam os olhos.

Escutaram um batuque distante soando bem devagar.

Aos poucos a música foi aumentando de volume cadenciadamente, com um tambor ao fundo e em um ritmo que foi lhes fazendo ficar como sono.

*

O doutor Cerquera foi o primeiro à fechar os olhos.

As palavras do babalorixá o deixavam sonolento e o batuque ecoava no ritmo das palavras, fazendo-o ficar com mais sono.

Abriu os olhos devagar, imaginando que alguém lhe chamava o nome.

À sua frente viu uma linda mulher de cabelos castanhos, vestida de ouro e carmim, parecia com uma das imagens que havia dentro do salão.

Ao redor era como o topo de uma colina, banhado pelo sol, mas ele tinha certeza de que estava de noite.

Ela lhe sorriu.

— Estou aqui pra guiá-lo até o lugar do encontro! — disse ela com uma voz muito linda.

— Você é apenas uma coisa do meu sonho, não é real. — ele disse meio sem entender.

Ela sorriu de novo.

— Sou tão real quanto você quiser acreditar!

Ela seguiu, e ele notou que ela estava de pés descalços.

Ele seguiu logo atrás.

Desceram a colina verde e atravessaram um pequeno prado, logo depois havia um bosque de pinheiros e moitas de espinheiro todas em flor.

Ela apontou:

— É ali dentro, mas só posso levá-lo até aqui, meu filho!

— Obrigado. — disse ele meio sem jeito.

— Nós nos encontraremos de novo, não se preocupe. — disse ela, e foi desaparecendo como se fosse feita de ar.

Ele olhou para frente e corajosamente entrou no bosque.

*

Crispim mal fechou os olhos viu à sua frente um bosque de pinheiros negros e espinheiros.

Entrou nele, e sentiu uma brisa fresca que lhe trazia um cheiro diferente, ele não sabia do que era, mas lhe lembrava sua infância, um cheiro de rosas e de mel e folhas caídas...

À sua frente, no centro do pequeno bosque, em uma clareira de terra batida ele viu o velho Hiram e o doutor Cerquera.

O velho estava sentado no chão e o doutor estava em pé ao seu lado direito.

Ele se aproximou e ficou ao lado esquerdo do velho.

Olhou para cima e viu que o céu estava cheio de estrelas, constelações bem diferentes das que conhecia, e a lua... estava bem grande no céu, quase quatro vezes maior do que seu tamanho normal, mas estava na nova e ele quase não conseguia ver sua silhueta negra se destacando no ápice daquela abóbada celeste.

*

O velho Hiram esperava por este momento há muito tempo.

O contato com o mundo do Além sempre o fascinara, por toda sua vida, e sempre que podia ele agarrava as oportunidades que lhe chegavam.

Além do mais queria vê-la novamente.

Fazia tanto tempo que a encontrara, desde a última vez, vinte anos atrás...

Sentou-se na cadeira no centro da roda e adormeceu quase que imediatamente, não escutou mais nada.

E quando abriu os olhos viu que já estava no bosque de sarças.

O doutor Cerquera já estava lá, meio perdido sem saber o que fazer.

Pouco depois chegou Crispim.

O velho podia ver seu olhar de incredulidade e o medo que se estampava em sua face, ele nunca havia feito nada assim antes.

O velho acendeu o cachimbo.

A fumaça saiu em ondas se espalhando e formando um mar de neblina à volta deles.

Ele hesitou por um momento, pensando naquilo que iria fazer, mas só por um momento.

Então começou a declamar uma litania em voz baixa e rouca:

— Eu ofereço uma pedra de fronteira. — e ele retirou uma pequena pedra branca e preta do bolso e a colocou no chão à sua frente.

— Eu ofereço uma faca ganha do povo de Sob as Colinas — ele tirou uma faca de lâmina brilhante e cabo de osso branco e a fincou ao lado da pedra.

— Eu ofereço uma varinha de abrunheiro cortada sob a luz da Velha Lua — e ele tirou um galho de abrunheiro retorcido de dentro da manga e a colocou do outro lado da pedra.

— Eu ofereço uma concha das praias das Infinitas Terras — falou ele e tirou uma concha de madrepérola rosada de outro bolso e colocou-a ao lado da faca.

As palavras soaram como batidas de um tambor, acima de todos os barulhos e o velho percebeu que mesmo que quisesse não poderia parar mais...

— Eu as chamo... ó Senhoras de muitos nomes!

— Eu as invoco... com fé e com necessidade e abro os portões para que venham até mim!

— Eu as invoco em nome dos Velhos Deuses.

— Venham, venham, venham...

— Aqui nós as invocamos.

— Juntos nós as invocamos.

— Venham!

O vento veio primeiro como brisa, suave, depois sua força soprou acima deles e logo se tornou um torvelinho ao redor deles.

Eles estavam no olho do furacão!

Ao redor tudo é morte e vida, um tornado de cenas, passado e futuro, um furacão de tempo e espaço.

À frente deles Elas vêm.

São três!

Ao longe o sino de uma igreja soa doze vezes anunciando a meia-noite, e um cão, ou algo que se parece com um cão, uiva bem alto além das bordas do tornado.

A hora mágica... A hora do Destino!

O velho se adiantou, apagando o cachimbo e fazendo uma reverência:

— Bem vindas minhas Senhoras!

A mais nova sorriu.

— Você não mudou nada, meu belo Hiram.

A mais velha o olhou por detrás do tempo.

— Você quer algo!

Ele fez outra reverência e mostrou os dois homens ao seu lado.

— Estes são dois amigos meus, vieram conhecê-las.

A do meio olhou os dois nos olhos.

— Ele me conhece. — disse apontando para o doutor. — Tantas vezes já nos encontramos...

— ...Ou fui eu que o encontrou? — disse a mais velha piscando um olho brilhante e preto.

A mais nova sorriu novamente:

— O que farei por você, meu belo caçador?

O velho dobrou o joelho à frente delas.

— Alguém soltou novamente uma besta nesta cidade, minhas Senhoras, preciso encontrá-la. Preciso saber quem ela é! Este é o meu trabalho.

As três se olharam interrogativamente.

A mais velha falou primeiro:

— Um velho poder, o do primeiro lobo, está aqui neste lugar, nestas terras novas, foi ele quem quebrou o berloque e libertou o fado nesta terra!

A segunda veio em seguida:

— Dois homens, duas bestas você caça! Um dará cabo do outro, mas o que restar será o mais forte dos dois. Onde o primeiro cair você achará o segundo.

A mais nova sorriu:

— Jesuíno de Malaquias! Ele sabe quem você procura. Mas o nome não o fará chegar mais perto dele, até que o fado se cumpra uma última vez, então ele estará em suas mãos e sob a sombra da Velha Lua — terminou ela apontando para Crispim.

O velho fez a terceira reverência.

— Obrigado, minhas Senhoras!

A mais velha gargalhou, um som oco e cortante.

— Não se agradece ao Destino, caçador, nós não o ajudamos, apenas lhe dissemos o óbvio...

E a mais nova completou:

— Se você souber olhar através das palavras, meu querido! Adeus, eu o vejo nas Terras Imortais.

O velho sorriu com antigas memórias.

*

1910, agosto, noite de lua cheia, Igreja de João de Barros — Recife Velho.

Os passos do sapato de salto da moça ecoam pelos paralelepípedos.

As chamas dos lampiões tremem sob a força do gás que vem pelos tubos de cobre alimentando a cidade.

Atrás dela uma forma se move, ocultando-se pelas sombras do caminho, e pelas réstias das casas.

As solas das botas, camufladas com couro, não retinem pelas pedras do calçamento, mas a forma se move em silêncio, cautelosamente se aproximando da moça incauta.

Em suas mãos traz uma lâmina fosca e bem afiada, meio curva e dentada perto da ponta.

A moça continuou seu caminho sem saber o que a perseguiu, e jamais saberia, pois, no momento em que transpôs a encruzilhada da Estrada de João de Barros com a Rua da Vintena, quando a forma

assassina preparava-se para abordá-la, sentiu um odor de terra úmida e de peixe, que lhe chegou com o vento fraco de trás de si.

A forma de homem para pôr um momento, olhando à sua volta sem compreender...

Das trevas mais densas ao seu lado, uma pata grande com garras distendidas, abertas e armadas para o bote, surge por detrás de uma parede bem próxima e em completo silêncio, fazendo transparecer a sensação de tremenda força contida, em um laivo de rapidez inumana, agarra o pescoço do homem.

Os dedos não-humanos agarram, se aferram em volta da garganta do assassino, completamente, como se fossem soldados à ela por uma vontade ímpia.

O homem leva as duas mãos ao pescoço, num reflexo e tenta gritar, mas o som é completamente abafado quando ele volta o rosto para a escuridão do beco atrás de si e a escuridão retorna seu olhar amedrontado com olhos amarelo-esverdeados que já se incendeiam como brasas vivas.

Ele fica cara à cara com a criatura que assombra seus pesadelos mais inomináveis!

A moça escuta um barulho atrás de si, como um soluço desesperado e vira-se assustada à tempo de ver um último vislumbre das solas das botas camufladas com couro sumindo na escuridão do beco e uma sombra mais negra e densa, alguma coisa grande e maligna que não era humana e por um instante apenas, a luz dos lampiões brilhou mais forte e se refletiu em dois olhos grandes e lúgubres que transpareceram uma tristeza infinita!

A moça correu e, mortificada até a medula dos ossos, pôs-se a gritar enquanto corria!

Mas naquela noite ela não era a vítima... e sobreviveu!

*

Crispim estava em seu décimo sonho!

Não se lembrava dos outros, mas este realmente chamava sua atenção.

Falava novamente com aquela bibliotecária, desta vez reparou que seus cabelos eram ruivos e seus olhos eram grandes e castanhos.

Ela lhe falava sobre história natural de novo.

Os livros, dizia ela, não tinha livros de lobos ali, mas podia lhe contar sobre outros animais...

Ele não queria saber de outros animais, precisava conhecer mais sobre lobos, precisava com urgência descobrir tudo o que pudesse sobre eles...

Não, ela disse, não tinha desses livros ali, mas na outra parte da biblioteca, no subsolo, ele poderia encontrar tudo o que quisesse sobre lobisomens.

Ele olhou para ela espantado, não... estava tudo errado.

Sim, ela lhe falou, eles existiam de verdade, será que ele não sabia?

Então ela sentou-se perto dele e lhe contou a história do primeiro lobisomem, o Rei Lycaon, da Arcádia, que convidou o grande Zeus para jantar e lhe serviu carne humana. Zeus ficou enfurecido e transformou-o em lobo, e desde então ele tem espalhado esta maldição terrível que assombra a humanidade.

Ele continuou olhando para ela.

Então é verdade? – perguntou ele.

Sim, ela confirmou, sempre foi verdade, apenas ele não queria acreditar.

Ele olhou novamente para ela.

Seus olhos agora pareciam verdes, e eram tão lindos.

Como era seu nome? – ele perguntou.

— Meu nome é Arcádia! Ela falou e então ele acordou.

*

Acordou suando com o barulho forte de batidas à porta!

" Ah não, de novo não." — pensou ele.

Mas quando abriu a porta era a segundo sargento Gomes já com o velho Hiram ao lado.

— Houve mais uma vítima, delegado. — falou o velho calmamente — Mas desta vez acredito que conseguimos encontrar nosso assassino.

Crispim vestiu-se rapidamente sem falar nenhuma palavra e subiu na caleça.

Ainda eram duas e meia da madrugada.

Atravessaram a cidade às escuras, poucos acendedores de lampiões ousavam cumprir seus deveres com a besta rondando as ruas desertas, pois o contingente policial fora toda usado para guardar as ruas adjacentes às igrejas.

Chegaram à Igreja de João de Barros, e na encruzilhada da Estrada de João de Barros com a Rua da Vintena, ali já havia mais de duas dezenas de policiais bem armados e uns tantos soldados do exército, destacados para o caso por um pedido especial do próprio Prefeito.

Junto à eles Crispim viu Cerquera conversando com uma moça.

Por um momento ele acreditou que tivessem conseguido pegar o assassino antes que ele fizesse outra vítima, mas então, olhou de relance à entrada do beco e viu o sangue pelo chão.

Cerquera o viu e aproximou-se trazendo a moça.

— Boa noite, delegado. Esta é Leda, ela escapou de ser atacada pelo assassino e correu para chamar a polícia, mas parece que um homem foi atacado no lugar dela.

Crispim olhou a moça e se espantou, ela era igualzinha àquela do seu sonho, literalmente.

— Por acaso seu sobrenome não é Arcádia, é? — perguntou ele assombrado.

Ela sorriu, igualzinho no sonho:

— É sim senhor, Leda Arcádia de Oliveira, é que meu pai gostava muito dos gregos.

— Dos gregos? — perguntou Crispim sem entender.

— Dos mitos gregos, Crispim. — completou Cerquera.

Crispim ficou olhando meio sem compreender.

O velho veio até eles e o chamou.

— Delegado, precisamos conversar. O senhor também doutor.

Crispim olhou para a moça:

— Não saia daqui, preciso conversar com você! — disse ele bem sério.

O velho os levou até o beco.

— Já deram uma olhada?

— Ainda não. — disse Cerquera — Estava conversando com a moça.

— Bem, preciso que vejam isso.

Ele foi até uma das beiradas do beco e ali, iluminando com a lanterna de querosene ele mostrou o pé de uma bota camuflada com couro, toda ensanguentada e mais adiante uma lâmina fosca e bem afiada, meio curva e dentada perto da ponta, mas esta estava bem limpa.

— Se não estiver enganado, e acredito realmente que não estou, esta faca deve ter as mesmas características das marcas dos ossos que encontramos naquela casa abandonada, e vejam que a bota foi adaptada para não fazer barulho sobre os paralelepípedos, assim acredito que estamos diante do corpo do assassino daquelas pessoas e talvez da terceira vítima. — falou Hiram com cuidado.

— Mas então, quem foi que o matou deste jeito?

— Ora, doutor, foi o lobisomem que estamos caçando! — disse o velho sorrindo.

Crispim lembrou-se:

— Então este, o segundo assassino, foi morto pelo primeiro, que era mais forte que ele?

— Sim, delegado. E aqui neste lugar encontraremos o nosso homem. — concluiu o velho.

— Sargento Gomes. — chamou o delegado — Mande fazer uma busca em todas as ruas, ruelas e becos nas imediações em um raio de quinhentos metros. Chame todos os homens disponíveis e mande acordar os que estiverem de folga. Quero todos procurando pegadas de cachorro.

— De cachorro? — perguntou o sargento sem entender.

— Sim. O assassino está com um cachorro grande, se encontrarmos o bicho encontramos o homem.

Vá logo.

— Sim senhor!

Crispim olhou sério para os outros dois.

— Agora nós também temos que procurar.

— Sim — concordou o velho — Mas é melhor alguém levar a moça para casa.

— Eu levo. — disse Crispim — Daqui a pouco volto.

Quando o delegado voltou eles ainda procuravam.

Por volta das três horas, depois de uma busca meticulosa no corpo e nas imediações do beco Cerquera acabou por descobrir um panfleto do Matadouro Público com o nome de um tal de Jesuíno de Malaquias rabiscado atrás.

— Este é o nome que elas nos disseram. — falou o velho Hiram, confirmando — Ele tem uma ligação com o matadouro, deve trabalhar lá ou morar lá perto.

— Vou destacar alguns homens com o sargento Gomes para verificarem as casas naquelas imediações quando amanhecer. — disse Crispim acendendo um cigarro.

Quase de manhazinha, o velho Hiram conseguiu localizar marcas de patas de lobo grande que seguiam pela Estrada de João de Barros em direção ao centro da cidade.

Como o dia já ia nascer, o delegado mandou todos os homens que podia naquela direção para tentarem manter uma continuidade nas pegadas à medida que Hiram ia seguindo a pista.

Assim conseguiram chegar até a Ponte da Boa Vista quando o sol nasceu.

O velho Hiram continuou seguindo as pegadas ou o que podia encontrar delas, à medida que o populacho ia saindo para as ruas e desfazendo a trilha.

Chegou até a Campina do Bodé antes da oito horas, mas depois ficou impossível seguir adiante.

Eles, porém, já imaginavam onde iam dar as pistas.

— Seguem na direção do Matadouro Público — confirmou Hiram.

— Sim. Que outro lugar melhor para se esconder senão em um lugar cheio de sangue e morte. — afirmou Cerquera.

— Bem senhores vou mandar fazer um cerco discreto ao redor daquela região. Vamos descansar, pois mais tarde iremos para lá. Quem sabe ainda conseguimos pegar nosso homem hoje? — disse Crispim bem confiante.

O velho Hiram sorriu.

*

1910, agosto, noite de quarto minguante, Matadouro Público — Recife Velho.

Eles chegaram ao Matadouro Público no início da noite.

As ruas ao redor estavam bem vigiadas, mas o dia havia transcorrido bem tranquilo, não houve trabalho, pois era sábado.

— O senhor tem certeza de que vamos encontrá-lo por aqui? — perguntou Crispim ao velho, ainda descrente.

— Tenho certeza sim, delegado. As trilhas vieram até aqui e daqui não há outro lugar para ele ir, à não ser o rio.

— E também o nome que nos foi dado, o panfleto era daqui e o encarregado confirmou que havia um empregado novo com este nome trabalhando aqui. — disse Cerquera.

— Muito bem, então vamos espalhar os homens e esperar.

O segundo sargento Gomes colocou os vinte policiais, armados de rifles, em lugares estratégicos, de forma que se o assassino entrasse não conseguiria sair.

Crispim, Cerquera e Hiram ficaram próximos do cais de atracação, e esperaram.

A noite novamente veio bem devagar.

A lua ainda estava cheia no céu!

Esperaram até quase perto da meia noite.

Quando todos já estavam cansados, e muitos dos policiais já dormiam à sono solto, o velho Hiram ouviu um barulho conhecido.

Ele puxou a manga do delegado e mostrou-lhe algo que já havia visto antes e que concretizava todos os seus medos.

Bem adiante de onde estavam escondidos, no meio de um pátio vazio, perto da beira do cais, um homem veio andando com um gingado meio diferente, balançava a cabeça para frente e para trás, como se estivesse meio acordado meio dormindo.

Crispim e Cerquera não conseguiam desgrudar os olhos da cena.

Quando chegou bem no meio do pátio, que era de terra batida, tirou as roupas e juntou-as em um montinho bem arrumado.

Depois espojou-se na terra, jogando punhados para o alto, e enquanto fazia isso eles viram, aterrados e assombrados, que o homem ia mudando, ia se tornando mais animalesco, fazia uns grunhidos estranhos e rosnava e se sacudia todo... ficou assim bem quase uns tantos minutos.

Crispim, com horror, viu que o rosto do homem mudava e se animalizava mais, tornando-se mais azurrado, com imensas orelhas caídas para os lados, enquanto os braços e pernas iam se metamorfoseando em membros de bicho grande.

Aí o terror assolou até o velho Hiram, pois ao invés de tornar-se qual cachorro de alta catadura ele parou, assim meio homem meio bicho, pernas de cachorro preto, dorso de homem, cabeça animalesca de olhos amarelo-esverdeados, com uma crina preta que descia por trás do pescoço.

Então Hiram teve certeza do que estava vendo.

Não era um lobisomem comum daquelas paragens, mas era como uma mistura daqueles que vira na Europa e na África com os que habitavam por ali, por isso não havia reconhecido logo de início.

Um vento frouxo soprou do cais para o rio e o bicho parou... parou como se farejasse, levantando a cabeçorra como um cachorro bem preto, focinhando o ar à volta...

O velho sabia que ele os havia encontrado.

— Preparem-se que ele nos viu. — disse ele sacando a pistola com as balas de prata.

O bicho era esperto.

Ao invés de atacá-los logo de início, sumiu atrás do barracão.

Eles se preocuparam.

— Onde ele foi? — perguntou Cerquera, tirando uma pistola pequena de dentro do casaco.

Crispim ainda estava atordoado com a visão chocante, que desfazia todas as suas crenças e deitava por terra seu acreditar...

Eles saíram do onde estavam e aproximaram-se do pátio onde o homem havia deixado a pilha de roupas.

— Onde estão os policiais? — perguntou Cerquera.

— Devem estar dormindo por aí. — disse Crispim puxando um apito do bolso e soprando-o bem forte.

Neste instante muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Um vulto enorme pulou para cima deles.

O velho, vendo o perigo, empurrou o doutor da frente das garras mortais.

Cerquera caiu ao chão e largou a pistola.

O lobisomem, agora no espaço entre o velho e o delegado, deu um urro de gelar o sangue.

Neste instante o delegado mirou com seu revólver e atirou, mas a bala, talvez por não ser de prata, talvez por causa da luminosidade pouca e do estado de nervos do delegado, errou a direção e passou raspando o braço da criatura, que urrou novamente, desta vez de dor.

O bicho, forte que era, deu um empurrão em Crispim e o derrubou ao chão sem fôlego.

Mas ao invés de o atacar virou-se para fugir, pois assustara-se com o tiro.

Foi aí que o velho se moveu célere.

Ele tirou da bainha o punhal vestido com cera de vela que ardeu na missa do galo, na meia-noite do Natal, e sangrou o bicho maldito na perna esquerda.

O lobisomem soltou um urro medonho, mas ao invés de continuar a fugir arreganhou os dentes de raiva e pulou sobre o velho caçador.

Hiram segurou firme no pescoço do medonho, afastando as fauces que o queriam morder e os dentes do bicho bateram no ar com um som oco, cavo.

Mas o Lobisomem foi mais forte.

Aos poucos a bocarra foi se aproximando de seu destino, enquanto as forças do velho caçador mirravam.

Mas, houve por bem que Hiram não era caçador comum, destes que se embrenham pelos matos, nem destes que caçam na cidade, nem tinha medo das coisas-ruins enviadas à estas terras pelo Maligno, mas era bem-amado da Velha Lua, que o havia abençoado como paladino de sua Vontade.

Em sua mocidade havia cruzado mais de uma dezena de vezes o caminho dela e ela o conhecia e nutria um sentimento de mãe para com ele.

Desde o primeiro momento em que ele havia decidido participar da caçada ao Lobisomem ela o havia abençoado.

Agora, na hora em que ele mais precisava ela vinha socorrê-lo!

Crispim viu um clarão com o rabo do olho e olhou para cima.

A lua, que antes parecia cheia, agora estava como um crescente prateado ao leste do céu, havia minguado quase inteira em apenas um momento.

Mas seu brilho pálido era bem mais forte que o da lua cheia e seus raios formavam uma cortina prateada pelos céus da noite.

As estrelas empalideceram.

Então ele viu uma mão branca e delicada afastando, gigantesca, a cortina de prata do Céu e além dela Crispim viu um rosto, que jamais conseguiria descrever melhor do que o de uma moça jovem e linda demais de cabelos dourados e faces rubras de cólera, ela empunhava um arco de ouro e nele havia uma seta de prata.

Ele pensou em uma estátua de Diana, A Caçadora que vira há muito tempo atrás em um livro de mitologia, quando ainda era menino.

A seta partiu do arco com o som de uma nota musical e transpassou o peito do lobisomem.

A besta deu um urro tremendo, arrancando Crispim de seus devaneios.

Ele se levantou a tempo de ver a criatura cair do molhe do cais para as águas do rio revolto.

Cerquera correu para o velho Hiram.

Estava machucado, mas estava bem.

— O lobisomem! — falou Hiram apontando para o rio.

Crispim e Cerquera correram para a beirada do cais.

Abaixo deles um gigantesco sumidouro formara-se nas águas do rio levando a besta fera em seu redemoinho inescapável.

Em um momento quando o velho Hiram chegou junto à eles ainda pôde ver uma haste de prata desaparecer dentro do sumidouro do rio!

Ele olhou para o céu, de onde a lua cheia lhe sorria e sorriu um sorriso nascido de velhas lembranças!

FIM



IV – O Rapa-Carniça

*“Pensar nele é chama-lo!
Falar seu nome é invoca-lo!
Vê-lo é morrer!
E morrer... é apenas o princípio!”*

I – A Vila de Ribeiro do Mar dos Arrecifes Velhos

*“Porque eu aprendi
À olhar para a natureza, não como na hora
Da juventude impensada; mas ouvindo muitas vezes
A música ainda triste da humanidade.”*

Wordsworth

A cidade existia há muito tempo! Seu tamanho monstruoso capturava alguma coisa de irreal e extraterreno. Suas ruas, como veias abertas, corriam em torrentes vivas de seres humanos e máquinas. Avenidas de cimento e aço, decadência e miséria, esplendor e riqueza se cruzavam através do seu corpo monstruoso. Uma babel de vozes e barulhos zumbiam na atmosfera carregada de vida e morte!

Recife Velho, antiga e assombrada, estendia-se solitária com sua face de pedra voltada para o mar, agasalhando em seu ventre ctônico a escuridão profunda da melancolia!

Ela existia há mais de quatrocentos anos e certamente iria existir por outros quatrocentos anos ainda. Por suas ruas as casas e prédios se acomodavam uns aos outros, seu barro e seu cimento eram como carne e sangue, suas janelas eram como olhos abertos e sobre seus telhados um mundo de luz e trevas coexistia!

A melancolia e a solidão caminhavam sem som por suas ruas e aquilo que as acompanhava era solitário e mau!

A cidade continha um tipo de beleza que beirava o sublime e que impressionava a mente desavisada como a vastidão do oceano que a espelhava, despertando na alma a infinitude do próprio Verso!

Porém ela era também o covil de uma besta de rapina, habitada por um espírito de consunicação que era a própria cidade e que se alimentava da alma daqueles que ali habitavam.

Cidades, por vezes, tornam-se vivas!

Algumas vivem durante séculos ou milênios.

Outras, porém fenecem e morrem, melancólicas em sua solidão, e afinal retornam para assombrar seus habitantes.

Assim foi com Recife Velho!

*

1537, Confluência do Beberibe com o Capiberibe.

As águas dos rios, barrentas por causa das chuvas fortes, quebravam-se nas águas azuis-esverdeadas do mar vasto e revolto!

Por sobre as ondas deslizava um barco pequeno, a vela quadrada colhia o vento e o usava como impulso para se dirigir à praia mais distante.

Dentro do barco o pescador Jerônimo dirigia o leme, ao seu lado sua esposa Manuela trazia nos braços o pequeno Manuel Pedro, o caçula, e na frente do barco vinham os outros três filhos do casal, João Jerônimo, o primogênito já com quinze anos, Manoel Carlos o segundo com onze anos, mais parecido com a mãe do que com o pai, e Sebastião o terceiro com dez anos, calado e soturno, à tudo observava.

O barco aproximou-se da costa e quebrou as vagas.

A quilha cortou a areia e a família pisou na praia!

João Jerônimo foi o primeiro a colocar os pés naquelas areias virgens, a água fria e salobra batizou-lhe os pés nus!

Uma sensação de maravilhamento encheu seu coração.

O pescador, seu pai, desceu logo em seguida e puxando a embarcação para a terra mais firme ajudou os outros a descerem.

Depois, enquanto a esposa arrumava os víveres ele tirou um grande machado do fundo do barco e entrou dentro da mata costeira à frente deles com o filho mais velho.

As árvores altas e de tronco cinza escuro abundavam pelas redondezas, velhos paus-brasil coroados de flores amarelas, depois vinham perobeiras altas de troncos brancos e flores esbranquiçadas e outras menores, sucupiras, de troncos com casca lisa e branco-amareladas e flores rosadas formavam às vezes pequenas arcadas emaranhadas.

João Jerônimo ficou deslumbrado com o lugar.

Na mata o pescador cortou uma clareira e desbastou ao redor o lugar onde iria construir sua casa.

O barulho oco de seu machado ressoou agourento pelas matas vazias como um chamado.
Ele limpou o lugar e armou uma fogueira.
Passaram a primeira noite sob as estrelas.
O jovem João Jerônimo custou a dormir.
O vasto céu estrelado parecia caminhar devagar sob seu olhar maravilhado.
Da mata vinham os sons de animais estranhos e o canto de pássaros desconhecidos.
Olhos diversos de todo tipo e tamanho os observavam.
Ele não tinha medo.
Sabia, por um instinto quase tão antigo quanto a humanidade, que ali era seu lugar, era ali que ele pertencia e ali ficaria para sempre!
Ali seria seu lar!
Jerônimo levou uma semana para construir a casa com os troncos de pau-brasil abatidos e o sapê do mangue das margens dos rios.
Por vezes parava e olhava as matas escuras ao redor, imaginando que estava sendo observado.
E olhos escuros realmente observavam curiosos de dentro da mata fechada.
Ali a família se estabeleceu.
Tempos depois outros pescadores vieram e se estabeleceram na estreita porção de terra que vinha do norte e se alargava para as bandas do extremo sul, por entre a confluência dos rios.
Logo foi construída perto da casa uma pequena ermida dedicada à São Telmo, um santo amigo das gentes do mar e muitas vezes invocado durante as tempestades.
Surgiram armazéns para recolher os açúcares e logo uma pequena aldeia começou a tomar forma no lugar.
Mais tarde foi erigido um ancoradouro na forma de um largo canal colocado entre os arrecifes de arenito e a península onde as águas dos dois rios se misturavam com o mar, ali os grandes e pesados veleiros que vinham do norte em direção aos portos maiores do sul paravam para descansar e reabastecer.
A vida da família continuava.
O pescador saía antes do nascer do sol para jogar as redes e levava João e Manoel, mais velhos, deixando Sebastião com a mãe, ele ainda era pequeno para aprender o ofício do pai.
Passavam o dia no mar alto, pescando e afinal quando caía o sol apontavam a quilha para a terra.
Às vezes já era noite fechada quando chegavam.
Manoela já os esperava com o jantar, a sopa de peixe com farinha ou o peixe frito.

Atrás da casa o pescador plantou uma horta com sementes novas que conseguira em São Thiago dos Ilhéus.

Perto da beira da mata virgem foi que João Jerônimo encontrou a árvore!

Era um jacarandá preto gigante, velhíssimo já, seu tronco largo e espesso media quase dois metros de diâmetro e sal copa erguia-se acima de todas as outras árvores até onde a vista alcançava.

Suas raízes se espalhavam como teia pela terra negra, dominando a mata toda.

Sua silhueta negra vista do mar dominava toda aquela parte da costa.

Nas tardes de domingo João subia pelos galhos quase até o topo e de lá ficava à olhar toda a mata.

Era como um mar esmeralda que ondulava ao sabor do vento.

O cheiro da madeira e da seiva ali era mais forte que o do próprio mar com suas vagas salobras.

Assim João Jerônimo cresceu embalado pelos galhos da árvore, sob as vistas daqueles olhos escuros e atentos.

Às vezes na madrugada João acordava com barulhos estranhos de coisas correndo pelo meio da mata, bandos de coisas invisíveis dentro da noite, em desabaladas carreiras, e ficava deitado bem próximo da parede de sapê, só ouvindo e imaginando.

Houve uma vez que uma coisa grande parou do outro lado da parede e começou a cavar por baixo dela e João teve medo, mas teve a nítida impressão de ter ouvido um assobio longo e uma voz sussurrada comandando a coisa, ela parou e se afastou resfolegando.

De manhã quando João foi ver o lugar descobriu grandes marcas de porco-do-mato, o maior que já vira, quase do tamanho das marcas de uma vaca, bem próximo da parede da casa.

A descoberta o fez sorrir, como se acabasse de descobrir um segredo!

Havia alguém que morava na mata virgem e aquela pessoa cuidava dele!

Não viu outra vez o grande porco-do-mato, mas sabia que ele estava lá.

E sabia que aquele outro também estava!

*

João Jerônimo cresceu e assim como o pai tornou-se um pescador.

Ainda muito jovem para sair só, tinha apenas quinze anos, mas já acompanhava o pai desde os sete e a experiência vincava sua frente e aninhava-se por entre suas mãos calejadas das redes de pesca.

Começara por ajudar o pai com as linhas, os anzóis e a rede, depois ia afiar o gancho e o arpão e subia a vela da proa, já muito antiga e remendada, mas firme graças à perícia da mãe que a consertava e da avó, antes dela, que já a remendava para que o avô pudesse ir e voltar.

O pai era magro e alto, sua frente tesa trazia muitas rugas de preocupação e outras tantas de velhice, seus cabelos de um ouro velho já começavam a embranquecer, seus olhos azuis refletiam o verde das

águas mais rasas em um esmeralda profundo, sua pele era curtida pelo sol inclemente e pelo sal do mar e em seus braços e mãos viam-se incontáveis cicatrizes de antigas batalhas marinhas com peixes de tamanho há muito não visto.

João Jerônimo era um retrato do pai, mais jovem porém, e de pele menos curtida, suas cicatrizes ainda não ressaltavam-se, mas seus olhos escuros e profundos continham um mistério velado de um negror distinto e indomável.

Com vinte e um anos ele conseguiu seu barco e depois construiu uma pequena casa para si bem próximo ao grande jacarandá e à beira da mata.

Dali procurava sempre ouvir o canto misterioso dos pássaros e as passagens dos animais.

Um dia, porém, o mistério o tocou, e ele nunca mais foi o mesmo.

Foi em um dia de grande calor, quando o mar estava parado e silencioso e sua superfície era como um espelho lavrado pelo céu.

As horas do dia se arrastavam no calor modorrento.

As redes voltaram vazias todas as vezes e ele não viu um peixe sequer durante todo o dia.

Remou em silêncio, quebrado apenas pelo marulhar da água e pelo grito agudo das gaivotas, sempre em direção ao horizonte azul esverdeado.

Até que caiu a noite.

Ao invés de voltar como seus companheiros pescadores ele decidiu ficar e jogar as redes mais à noite.

Nada pegou até quando as horas se avizinharam da meia-noite.

Um vento fresco e forte soprou no mar profundo, como um hálito de algum deus submarino e sob o clarão forte da lua cheia ele viu elevar-se das águas em polvorosa um cardume de peixes voadores, com suas asas prateadas.

Uma sombra grande moveu-se embaixo do barco, que balançou como se atingido por alguma coisa maior.

Então ele ouviu!

Era um som maravilhoso como que saído das profundezas do mar.

Uma canção maviosa e havia palavras naquela canção.

Ele as podia compreender com seu coração!

E então João Jerônimo viu surgir bem ao lado do barco a silhueta esguia e coleante de uma sereia.

Longos cabelos dourados espalhavam-se na placidez do mar, sua silhueta era maravilhosa silhueta de mulher, imbuída de uma beleza estranha e avassaladora que lhe evocava estranhas visões de anjos.

Seus olhos encontraram-se com os dela, negros como as cavernas mais profundas, que lhe sorriram de volta e prenderam toda sua atenção.

Ela colocou a cabeça loira para fora das águas negras, seus olhos negros penetraram nos dele e ela lhe sorriu e ele ficou encantado!

Ela então estendeu sua mão delicada e branca e nela havia uma pequena concha rosada.

Ele pegou a concha e quando o fez seus dedos tocaram a pele dela, e ela era fria e molhada e sobrenatural.

Ela lhe sorriu de novo com dentes alvos e desapareceu nas águas profundas.

Ele olhou para a pequena concha, ela era de madrepérola rosada matizada de vermelho e azul.

Ele colocou a concha no ouvido e pareceu-lhe ouvir novamente a canção da sereia!

Deitou a rede ao mar e quando a recolheu ela veio tão cheia de peixes que quase não cabia no barco.

Ele voltou para casa com o barco cheio.

A partir deste dia o mar nunca deixou lhe faltar peixe e ele prosperou e tornou-se um pescador famoso por toda a redondeza.

Mas ele nunca mais encontrou a sereia!

Voltou um milhar de vezes naquele lugar.

Nos dias quentes e nos dias frios, nos dias de calmaria e nos dias de tempestade.

Mas nunca mais ela lhe surgiu.

Com o tempo e a idade ele nunca perdeu a esperança de vê-la outra vez.

Casou-se enfim com uma moça da cidade próxima.

Teve filhos enfim.

E envelheceu!

Mas o mistério da sereia nunca contou à ninguém, nem mesmo ao filho mais velho que lhe era o mais querido.

Afinal, quando sentiu que seu tempo estava no fim, em uma noite sem lua, ele enterrou a pequena concha bem fundo por entre as raízes do velho jacarandá.

Dizia o povo que morava naquelas vizinhanças antigas que nas noites de muito calor, bem ao cair da meia-noite, quando um vento estranho soprava do mar o velho jacarandá cantava uma canção estranha mexendo seus dedos-galhos e todos que até hoje ouviram a estranha canção disseram que seu coração ficava triste e pesado com a saudade que vinha dela!

*

1630, fins de junho, Vila dos Arrecifes.

A vela negra continuou agourenta no horizonte!

O pequeno Anselmo, da forquilha onde se encontrava, quase no topo do grande jacarandá, continuou a observá-la com atenção.

Era um navio holandês, como tantos outros que agora vinham aportar no grande embarcadouro construído na cruz dos rios.

Um ancoradouro forte entre os arrecifes de arenito e a península onde as águas barrentas dos dois rios se misturavam com a água esmeralda do mar.

Desviou o olhar do navio.

Olhou em volta bem devagar.

O telhado do casario de seu pai estava quase ali ao lado.

Pensou no pai.

Antônio Jerônimo estava trabalhando lá no cais agora.

Antigamente havia sido pescador, mas com a chegada dos holandeses havia mais necessidade de mãos no embarcadouro do que em peixes na mesa e o dinheiro era mais certo do que as redes jogadas no mar.

Agora o pai estava sempre ocupado e só vinha para casa de noite, sempre exausto.

Anselmo ficou ali, sentindo a brisa salgada do mar, durante a tarde inteira.

Quando já estava caindo o crepúsculo resolveu descer.

Olhou mais uma vez para o horizonte, carmesim e esverdeado com o sol desaparecendo devagar entre castelos de nuvens baixas.

Subitamente um peixe pulou nas águas mais distantes.

Um rabo de peixe prateado cintilou.

Anselmo achou que havia um braço e cabelos loiros também, mas pensou que fosse apenas sua imaginação.

Desceu devagar por entre os galhos da grande árvore.

Um aperto no peito fazia com que ele ficasse meio triste.

Não sabia muito bem o que era, mas sabia que algo havia acontecido.

Entrou pela porta dos fundos, quase em silêncio, e viu a mãe junto com a tia Joaquina e um dos amigos do pai, Jeraldo Vinagre.

Conversavam em voz baixa, mas Anselmo sabia que sua mãe estava muito triste, algo havia acontecido ao pai dele.

Algo muito ruim!

Aproximou-se devagar para poder escutar melhor:

— Não fique assim, senhora Lúcia! — falou o homem tentando acalmá-la — Ele está bem. Os homens do cais só querem ter certeza de que não foi ele que fez...

— Que fez o que? — perguntou sua mãe angustiada — Ele não faria nada assim! Ele queria apenas trabalhar.

— Eu sei, Senhora Lúcia! Mas eles não o conhecem como eu. Sei que ele não faria nada disso. Mas foi ele que encontrou e os homens lá, os holandeses, acham que foi ele. Tem acontecido muitas coisas ruins por lá, eles querem achar quem está fazendo isso.

— O que vai acontecer agora? — perguntou ela com lágrimas nos olhos.

— Ele vai ficar um tempo preso até que o chefe dos holandeses resolva o que vai fazer.

— Não vão procurar quem fez isso? — perguntou ela.

— Não. Eles têm certeza de que foi ele quem fez.

— Então já o condenaram?

— Não. Ainda não. Querem ter certeza de que não vai acontecer de novo! Por isso estão deixando ele preso lá.

— Eles vão.... — não conseguiu terminar ela.

O homem fechou o cenho e negou veemente:

— Não, claro que não! Jamais fariam isso assim, não podem condená-lo sem julgamento. — a mentira na voz do homem era vívida.

Anselmo viu o desespero no rosto da mãe, as lágrimas.

Não sabia o que fazer.

Um desespero terrível tomou conta de seu peito.

Correu pra fora, na esperança de escapar de tudo aquilo.

Voltou mais tarde, mais de noite.

A mãe estava preocupada já.

Mas ele não disse nada.

Viu que ela havia chorado muito.

Apenas comeu o jantar e deitou-se.

A noite foi muito ruim!

Os dias se passaram e o desespero só aumentava.

Cada dia um tormento.

Anselmo via a mãe definhar devagar.

Com a preocupação, o medo, a ansiedade da falta do pai.

Os alimentos minguavam.

Acabaram por depender da caridade da Tia Joaquinha, que a nada se negava, mas que sempre expressava seu desgosto com tudo aquilo.

Palavras amargas!

Anselmo sentia o coração diminuir com o peso do desespero!

O medo de nunca mais ver o pai o assombrava!

Sonhou muitas vezes com aquilo e acordava angustiado e suado.

O peso em seu pequeno coração ia matando-o devagar.

Não costumava mais subir no jacarandá.

Agora ficava bem perto das raízes.

Aninhado lá escutando a canção da árvore!

Meio sentado, meio encostado no tronco, até de noite.

A mãe, desesperada e aflita com o pai já não ligava muito para ele.

Uma noite Anselmo acabou por adormecer junto ao tronco.

Acordou, ou assim lhe pareceu, e o vento do mar, salgado, vinha fazendo dançar os ramos da árvore.

Ouviu uma voz distante, que o chamava.

— Anselmo! Ó Anselmo!

Ele virou-se sem saber quem era.

— Anselmo!

— Quem é? — perguntou o menino já um pouco assustado.

A voz soou oca e rachada, mas parecia que ele a conhecia.

— Sou eu, Anselmo! Sou o jacarandá!

Anselmo olhou o tronco sem entender.

— É você senhora árvore?

— Sou eu Anselmo. Eu vi sua angustia e seu desespero!

— Eles levaram meu pai! — disse o menino e não podendo mais conter-se chorou e lavou o tronco com suas lágrimas salgadas.

Ele sentiu a árvore tremer, como se também ficasse emocionada.

Anselmo já não sabia o que fazer.

Não tinha mais ninguém para apelar.

Não sabia o que seria de seu pai.

A vizinha angustiada de Anselmo retiniu pelo silêncio da noite:

— Senhora árvore, protege minha família, toda ela! Traz meu pai de volta!

Um vento súbito e salgado vindo das profundezas do mar fez dançarem os galhos mais altos do jacarandá com uma fúria antecipada.

Então uma voz sussurrada, rouca, que parecia vir das profundezas da própria terra, soou baixa:

— Eu os protegerei Anselmo! Mas o que me dará em troca?

O pequeno pensou, nada possuía que pudesse dar em troca.

O desespero já ia tomando conta dele de novo.

Então um pensamento surgiu em sua cabecinha.

— Eu dou minha família toda ao Senhor! Toda ela para que o Senhor à proteja!

Por um momento o silêncio desconfortável inundou tudo.

A escuridão da noite pareceu se adensar mais e nuvens cobriram as estrelas.

Então aquela voz sussurrada veio novamente.

— Eu aceito, pequeno Anselmo! De agora por diante você e toda sua família serão meus e estarão protegidos de tudo o que lhes quiser mal! Mas devem sempre ouvir meus conselhos.

O menino balançou a cabeça concordando:

— Ouviremos, Senhora árvore, nós ouviremos! Mas salve meu pai!

Uma modorra caiu sobre ele e o pequeno Anselmo fechou os olhos.

*

O gabinete do chefe do porto estava às escuras!

A noite havia chegado sem ser percebida e havia pego o Almirante Hendrick Corneliszoon Lonck ainda acordado revendo os livros sobre os efetivos e sobre como os iria posicionar na defesa das terras recém conquistadas.

Sua figura alta e forte estava recostada na cadeira de couro de espaldar alto.

Uma modorra forte tomou conta dele.

A garrafa de aguardente vazia ao seu lado terminou por adormecê-lo.

Uma mortalha preta arrastou-se pelos cantos do gabinete.

Até bem próximo da cadeira onde ele estava.

Ele se mexeu no sono, como se tentasse acordar, mas não conseguiu.

Aquilo que o prendia era mais forte que sua fé!

O holandês gemeu dormindo.

Abriu os olhos, como se acordasse.

O lugar era-lhe estranho.

Parecia uma praia deserta.

A areia branca lhe era familiar.

As árvores da mata se remexiam em uma dança macabra, mas não soprava nenhum vento ali.

O mar começou a bater descompassadamente na areia.

O volume de água diminuindo, a maré vazando até que não restou mais água.

Súbito ele entendeu por que!

No horizonte ele viu uma onda grande, um vagalhão, vindo em sua direção!

O desespero tomou conta dele.

Queria fugir, mas não podia.

Não havia para onde ir.

Correu para a mata, mas as árvores formavam uma paliçada fechada e o impediam de entrar.

Ajoelhou-se na areia molhada e começou a rezar, mas as palavras não saíram de sua boca, estava mudo de horror!

Os segundos que se passaram antes do vagalhão atingir a praia passaram como décadas através das batidas descompassadas de seu coração!

Súbito a onde caiu sobre ele.

O holandês sentiu a água salgada engolfá-lo, sentiu o ar varrido de seus pulmões e o desespero tomou conta dele ao perceber que respirava apenas água do mar!

O desespero de afogar-se tomou conta dele!

Seu maior medo!

Sua sina ele pensava!

Então tudo parou!

Tudo cessou, como se congelasse o mundo todo!

Ele ficou ali, parado no meio do vagalhão e então ele a viu.

Vindo, nadando em sua direção, a silhueta de peixe e de mulher se mesclando por entre as águas.

Viu quando ela parou à frente dele.

Os cabelos loiros esvoaçando pelas ondas, os olhos fixos nos dele.

Havia palavras naquele olhar.

Ele sabia!

Ele as ouviu!

Liberte meus filhos! Liberte-os ou eu varrerei todos vocês deste lugar e de todos os lugares da face da terra dizia ela!

Eu sou o Mar!

E eu estou em todos os lugares!

O holandês acordou!

Sobressaltado e molhado em suor.

As palavras naquela voz doce ainda ressoando vívidas em seus ouvidos!

“Foi só um pesadelo.” — pensou ele olhando para a garrafa vazia de aguardente.

Então, pelo rabo do olho ele viu uma mortalha preta arrastando-se pelo canto mais distante da sala.

E ele teve medo!

Assinou e datou a ordem de soltura dos três homens que estavam presos e de outros também.

Não queria ter nada a ver com aquilo!

Mas tampouco ficaria mais ali além do necessário.

De manhã o pai de Anselmo voltou para casa!

O menino riu e seu riso ressoou pela mata!

O holandês retornou para sua pátria em vinte de julho daquele mesmo ano e demitiu-se da Companhia das Índias Ocidentais.

Faleceria quatro anos mais tarde, ainda assombrado pelos acontecimentos daquela noite escura!

*

1710, Rua dos Sete Pecados Mortais, noite de quinta pra sexta feira, lua cheia, Recife Velho.

O silêncio morto andou pela rua!

A meia-noite já se havia findado e agora as horas da madrugada cresciam gordas e amedrontadoras sob a luz da lua cheia!

Martinho, filho mais novo do velho Jerônimo, rolava na cama sem conseguir dormir!

Assombrado que estava com as histórias de Sinhá Juciana, ouvidas no rés do fogão de lenha depois do jantar.

A negra velha, com um cachimbo atolado de fumo de corda, tirava baforadas e contava histórias de trancoso.

Luziana, a mais nova, ouvia com atenção redobrada, e às vezes perguntava:

— Como foi assim, sinhá?

A negra a olhava com um olho aberto e outro fechado e tirando uma baforada do cachimbo contava:

— Era assim mesmo, menina Luzia, a comadre do Vigário do Azul de Cima era uma mula-de-padre!

— O que é isso? — insistiu a menina.

— É uma mula-sem-cabeça! Encantada! Elas têm o fadário de correr desesperadas pelos ermos e lugares escuros, tilintando suas cadeias de jugo e escoiceando como doidas, num tropel espantalhado, sempre na noite de quinta pra sexta feira de lua cheia. Suas cabeças elas deixam na cama, ao lado dos maridos desavisados e adormecidos no sétimo sono e largam-se pelos ermos

escuras do mundo, o fogo maldito saindo pelas ventas e os olhos deitando perdição em quem quer que as olhe! Só param no terceiro cantar do galo da madrugada.

E terminou com uma gargalhada estridente que fez pular os pequenos.

— Mas não tem mula na cidade não, sinhazinha. Pode dormir descansada. — completou a velha olhando de soslaio para o pai dos pequenos que fumava um cigarro e olhava o fogo queimando no fogão.

Martinho ficou calado.

Ele sabia que aquilo não era verdade!

Havia mulas aqui na cidade sim!

Ele as escutara na outra noite de lua gorda.

Depois que ouvira um cachorro uivando doidamente como louco para a lua.

Ele ouvira um passo calçado pelos paralelepípedos, batendo devagar pela rua da frente da casa.

Não fora ver não!

Tinha muito medo!

Mas ouvir ele tinha ouvido sim.

E jurava que eram pisadas de cavalo ou de mula, nesse caso!

O pai levantou-se da mesa e mandou:

— Já pra cama que amanhã é dia de escola!

Martinho e Luziana subiram, Pedro, o mais velho, com quase quinze ficou ainda mais um pouco.

A mãe já tinha ido dormir, chegara tarde e cansada da missa.

Martinho deitou-se, mas não conseguiu dormir não.

Era noite de lua de novo.

E desta vez ele estava decidido à ver a bicha na rua.

A curiosidade era maior que o medo!

Assim passaram-se as horas.

Todos foram dormir no andar de baixo e no quarto do pai e da mãe estava tudo em silêncio já há muito tempo!

O relógio cuco bateu a meia-noite, quebrando o silêncio agourentamente.

Depois à uma hora novamente e às duas também.

Já deveriam ser quase três horas quando ele ouviu o clap clap nos paralelepípedos da rua.

Um suor frio lhe molhou o corpo todo.

Era medo!

Congelou suas pernas e seus braços.

Ele mal conseguia mover a cabeça, o corpo endurecido não lhe obedecia!
Afinal o clap clap aumentou.
Se aproximando pela rua, chegava perto da casa!
Martinho se forçou a levantar bem devagar.
As pernas tremendo, mas a curiosidade era maior!
A janela do quarto, grande e larga, elevava-se no primeiro andar dando uma boa visão de toda a rua.
O menino tremia como vara verde, sem conseguir se controlar.
Súbito ouviu a cachorrada da vizinha latindo em polvorosa e depois calaram.
O clap clap aumentou o ritmo.
Um resfolegar alto chegou até ele, mesmo de onde estava.
Atrás da cortina da janela.
Lembrou-se ainda das palavras proféticas da negra velha que retiniam em seus ouvidos moucos:
— Aquele que olhar nos olhos da mula-sem-cabeça perde o juízo!
Mas era tarde demais para ele.
A sanha da curiosidade foi mais forte.
Afastou a cortina da janela com timidez e olhou para a rua mal iluminada.
Lá estava ela!
Os olhos de fogo o olharam de volta... ele reconheceu os olhos, aqueles olhos que sempre o olhavam, todos os dias... a perdição veio junto gritando...
E ele perdeu o juízo dentro dos olhos de sua mãe!

*

1823, Noite de São João, Cruz do Patrão, Vila de Recife Velho.

A lua grande e gorda balançava como augúrio sinistro no céu.
Joaquim Jerônimo, já com seus trinta e poucos anos, tremeu com um arrepio de medo.
A grande cruz à sua frente reinava sinistra.
Uma coluna dórica de alvenaria com seis metros de altura e dois de largura, majestosa e fantasmagórica.
No topo uma pequena cruz de pedra a coroava, como um “bispo” vivo, como no antigo jogo de xadrez.
Uma quietude solene e misteriosa pairava sobre o lugar.
Quebrada apenas pelo assobio triste do vento nos caniços do capinzal e do brejo ao redor.
Ele abaixou-se e acendeu a luz trêmula de uma vela solitária.
Tirou uma faca da cinta e colocou de lado perto da vela acesa.

Lembrou-se bem das palavras do Cesário Boa-Fé:

“Ah, Joaquinzinho, se você quer melhorar de vida e sair dessa modorra, enricar mesmo e ter sorte e riqueza até o fim da vida tem que ir lá na Cruz do Patrão em noite de lua bem cheia e chamar pelo nome do Excomungado Tinhoso e firmar um pacto solene de sangue das próprias mãos com o próprio Ferrabraz!”

Joaquim não dera fé nas palavras do outro.

Mas a vida não lhe havia sido boa não.

Perdera o emprego e a mulher.

Saíra de casa depois de uma briga terrível e agora não sabia mais o que fazer.

Estava desesperado já, pois no dia anterior tinha visto outro sair de sua casa!

Não conseguia nem imaginar sua Terezinha nos braços de outro.

Tinha que fazer alguma coisa, qualquer coisa!

Levantou-se com a faca na mão e apertou a lâmina na palma esquerda.

Sentiu um calor percorrer o braço e uma dorzinha na palma.

O sangue vermelho pingou na terra.

Ele levantou a voz numa cantilena tétrica:

— Eu chamo o Excomungado Tinhoso Ferrabraz! Venha Arrenegado dos Infernos ouvir meu chamado! Que eu quero fazer um pacto com vosmecê!

Joaquim sentiu um cheiro forte de enxofre e breu empestear o ar como que vindo das profundezas da terra.

E de detrás da grande cruz surgiu um homem.

Era um alemãozão de cabelo ruivo, sem barba nem bigode, a pele branca, o terno preto de linho e um chapéu panamá também preto.

Trazia na mão uma bengala de castão preto com uma pedra vermelha no topo.

Os olhos dele eram negros, sem pupila e olhavam diretamente para Joaquim.

Ele recuou dois passos para trás e com a voz trêmula falou:

— Eu vim oferecer minha alma em troca de dinheiro e amor! – foi já despejando Joaquim, com medo de lhe faltar a fala por causa do medo.

O outro sorriu de uma forma tão estranha que Joaquim tremeu mais de medo.

Deu um passo adiante na direção de Joaquim, mas logo parou.

Seu olhar se desviou para o lado, como se olhasse outra coisa ao lado do homem.

Por um momento Joaquim imaginou como seria de agora em diante, sem alma, andando pelo mundo.

Então o outro voltou para perto da sombra da cruz.

— Sinto muito que em vosmecê não posso tocar! — disse o homem com uma voz oca.

— Como? Se estou aqui para lhe oferecer minha alma. — falou Joaquim Jerônimo sem entender mais nada. — Onde já se viu o Capeta recusar uma alma?

— É que a sua já tem dono! — falou o homem franzindo o cenho.

— Como assim? O dono sou eu! — disse Joaquim com falsete na voz.

— Não senhor, que dessas coisas eu entendo muito bem! Sua alma já tem dono e aí não posso me meter não!

— Mas... como assim? O Senhor não é o Arrenegado, o Cafute, o Cão, o Capeta Chifrudo, o Demo, o Excomungado e Ferrabraz, o Tinhoso e Tisnado?

— Sou sim, todos estes nomes me pertencem e outros tantos eu tenho, mas não me meto com força terrena nem com bicho telúrico! Tenho lá meus princípios!

— Que princípios? — disse Joaquim já ficando enfezado. — Pensei que o Senhor era o Dono da Mentira!

O outro o olhou com um rosto feroz que fez o homem recuar:

-Sou o Príncipe do Mundo!

— Então porque não quer aceitar fazer o pacto comigo?

— Por que para fazer o pacto vosmecê tem que me prometer sua alma e ela já não lhe pertence para que possa me dar. — tentou explicar o Arrenegado, perdendo a paciência.

— Ela é minha sim, quem disse que não? — perguntou Joaquim espantado com a resposta do Chifrudo.

O outro levantou o braço e apontou para a direção da casa de Joaquim dizendo:

— Vosmecê é D’Ele, e essa lei eu não posso quebrar!

E assim dizendo o homem sumiu-se por detrás da grande cruz e um cheiro forte de enxofre empestou todo o ar.

Joaquim ficou ali, parado, mudo, sem nem saber o que pensar.

Voltou para casa devagar, pensando no que o outro lhe dissera.

Mas se ele não era o dono de sua alma, quem era?

*

1899, Rua da Cadeia Velha, Recife Velho.

O cair da tarde, mormacento, encontrou Jerônimo Aureliano, o negro Lauro, na porta de casa tomando a fresca.

Seu porte forte e parrudo, o rosto mulato, os cabelos longos e lisos construía o verdadeiro e último descendente de João Jerônimo.

A camisa aberta mostrava o peito bronzeado sobre o qual vinham as contas pretas, vermelhas e verdes da guia de Ogum.

Às suas costas o casario vazio e quieto o observava, e mais além a sombra do velho jacarandá velhíssimo marcava o horizonte com sua penumbra.

Ali ele ficou, parado, olhando a rua e prestando atenção desusada às mulheres e mocinhas que passavam, saboreando o gingado cadenciado das ancas e o balanço suave das tranças.

No cair da noite veio um vento fresco e salgado do mar e o mulato tremeu com um calafrio que lhe enregelou a alma.

Atrás de si ele ouviu a copa larga do jacarandá ranger com um som agourento e foi como se escutasse uma voz maravilhosa cantando uma canção antiga!

Ele a ouvira antes, uma vez apenas, quando ainda era bem menino, bem no dia em o pai tinha sido assassinado.

Não se esquecia!

Com um estranho pressentimento, um presságio de má sorte, ele entrou em casa.

O interior calado e frio do casarão lhe arrepiou os pelos.

Deitou-se na cama larga sobre os lençóis brancos alvejados e fechou os olhos por um momento.

Adormeceu quase de imediato e sonhou!

No seu sonho já era noite de lua alta, mas nuvens de chuva tapavam o céu e tudo estava escuro.

Ele viu um vulto se aproximando.

Era um negro velho, vestindo um terno branco e com uma bengala na mão.

Jerônimo saudou:

— Salve meu pai.

O outro o olhou diferente e sorrindo de lado disse:

— Não sou espírito não, meu filho! Sou gente viva como vosmecê. Vim aqui para lhe dar um aviso.

O velho aproximou-se mais e tirando um cachimbo do bolso do paletó acendeu-o.

— Me mandaram lhe avisar para ficar longe de briga hoje.

— Quem mandou? — perguntou Jerônimo meio bravo — Porque ninguém me manda fazer nada que eu não queira!

O velho sorriu e seus olhos pareceram se aceder com um fogo forte.

— Menino! Me respeite que sou só o mensageiro.

Jerônimo baixou a cabeça desculpando-se:

— Desculpe, meu pai! O sangue fala mais alto.

O velho deu uma gargalhada.

— Eu sei! Já fui como vosmecê, mas amadureci! Agora me escute bem — disse o velho pegando no braço de Jerônimo com uma força férrea — Você deve evitar brigar hoje, se não o fizer ganhará a luta, mas perderá a vida.

Jerônimo olhou-o sem entender.

Aquilo não fazia sentido.

— O que significa isso? — perguntou procurando pelo velho, mas este havia desaparecido.

Um vento forte soprou do mar e lhe trouxe aquela canção triste e maravilhosa de novo.

Pareceu-lhe que caiu e com um susto acordou!

O sonho, porém desvaneceu-se ao som da canção triste.

Saiu já era noite cheia!

Sua figura destacava-se pela rua.

O terno de linho branco e asseado, o chapéu panamá caído na testa, os sapatos pretos e vermelhos cujo solado estalava pelos paralelepípedos, o andar gingado.

Jerônimo Aureliano andava pelas ruas e sorria.

Gostava de ver a admiração do povo.

Enfim chegou ao seu destino, o Café Elísio, antro renomado de malandros, boêmios e capoeiristas de toda a cidade.

Era seu ponto e sua marcação!

De uma mesa de frente João Chorão o chamou com um grito:

— Vem aqui, ó Lauro!

Ele foi e sentou-se.

— Já encontrou o Malta hoje?

— Não por quê? — perguntou Jerônimo bebericando uma aguardente branca.

— Ele está fuzilando de raiva! Disse que queria lhe tirar satisfação por causa daquele caso das docas do porto.

— Aquele com o afilhado dele?

— Sim. Ele não gostou de ver o afilhado marcado daquele jeito por vosmecê e disse que ia resolver do jeito dele.

— Pois que venha! — falou Jerônimo com ânimo brabo engolindo de uma vez o líquido branco que lhe desceu queimando a garganta.

Lá pela meia noite veio Felipe Branco chamá-los:

— Vamos lá no Afogados para uma serenata! — convidou ele.

— Vamos já. — aceitou Jerônimo entornando mais um copo de aguardente e levantando-se.

No caminho resolveram passar pela Cruz do Patrão, ideia desenxabida de Felipe Branco, que Jerônimo só entendeu quando lá chegou.

Havia um grupo que os esperava no pé da cruz.

Era Chico Malta, o afilhado e seus consortes.

— Mas que bela noite! — exclamou o outro.

Jerônimo se empertigou e sentiu o sangue lhe subir de pronto.

— Então era isso que queria fazer aqui? — perguntou ele voltando-se para Felipe que já virava as costas para fugir.

— Não me venha com firulas, ó Lauro. Estou te esperando desde o cair da noite. — gritou o Malta avançando — Agora temos diferenças à ajustar.

Veio gingando na direção de Jerônimo enquanto os capangas faziam a roda.

Jerônimo tirou os sapatos calmamente.

Foi então que se lembrou do sonho!

Tudo lhe veio num instante e ele parou.

Hesitou por um instante e sentiu o vento da pezada de Malta passando a poucos centímetros de seu rosto.

Isso o fez esquecer de tudo.

O sangue lhe subiu ao rosto!

Já o Malta voltava entrando por baixo com um arrastão.

Jerônimo desnor-teou o adversário com uma ginga bem feita.

Fintou um tapa para espantá-lo e tentou derrubá-lo com uma rasteira.

Mas o Malta não caiu.

Então Jerônimo gingou de novo e novamente desnor-teou o Malta e, rápido como um raio, deu um rabo de arraia na cabeça do Malta derrubando-o com um som oco, como coco maduro caindo do pé.

O outro bateu com o corpo no chão com um barulho de coisa quebrando e não se levantou mais.

Os capangas se afastaram e Jerônimo pegou os sapatos e se foi com João Chorão.

Lá pelas altas horas voltaram para o botequim.

Foi ali que a madrugada e o destino encontraram Jerônimo Aureliano.

Foi no Café Elísio que o outro teve sua revanche vingativa!

Jerônimo estava saindo do Café já nas bandas do alvorecer e o Malta desceu do bonde justamente ali.

Gritou:

— Aqui está a sua paga, seu malandro safado!

E tirando uma pistola de dentro do paletó plantou três tiros no peito de Jerônimo, desatando a correr pela rua depois.

Apanhado pelo susto Jerônimo levou a mão ao peito que ardia com um fogo abrasador e lembrou das palavras do preto velho!

Olhou espantado o vermelho vivo do sangue na mão e no paletó branco e caiu no meio-fio.

E ali ficou, banhado em sangue, e esvaiu-se antes do socorro chegar.

Sobre seu cadáver já frio, no dia que nascia, choraram a viúva e a amante e uma chuva forte desabou sobre tudo como se a própria cidade sofresse e chorasse a sua morte!

Nos dias que se seguiram o próprio Capitão Anselmo Pires de Azevedo, antes inimigo jurado do negro Lauro, caçou e deu cabo à tiros de seu algoz, o Chico Malta, lá pelas bandas da Cruz das Almas.

O grande casarão ficou enfim desabitado.

Pelas suas grandes janelas já não passavam luzes, o riso e a alegria já não corriam por seus corredores.

Aos poucos o desuso foi vertendo sua corrosão pelas paredes.

A tinta desbotou e caiu.

Um dia, o Prefeito ao passar em frente à ela perguntou ao seu secretário de quem era aquela casa arruinada.

Este lhe respondeu que o dono morrera e não havia ninguém mais para herdá-la.

Então o Prefeito pensou nas tais transformações urbanísticas que queria fazer e resolveu colocar abaixo a casa e reformar a rua toda.

Assim foi feito.

E sobre o terreno vazio foi erguida a nova rua, mais larga e moderna.

Daquela rua desaparecida, porém, inúmeras lendas e várias histórias de assombração ainda foram conservadas.

O velho jacarandá que a acompanhava também se foi!

Cortado para lugar à uma praça.

No dia em que o cortaram caiu uma grande ressaca na praia e pareceu à alguns que havia uma linda moça de cabelos loiros dentro das águas.

E aqueles que a viram mais de perto podiam jurar que chorava.

Mas quando a procuraram ninguém conseguiu encontrá-la!

Assim a alma de Recife Velho morreu devagar... mas seu fantasma retornou para assombrar!

II – Dança dos Mortos

“Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate.”

(Abandone toda a esperança, vós que aqui entram.)

Inferno, Dante

Já no fim do século anterior a escuridão ia desaparecendo aos poucos!

Primeiro foram candeeiros de querosene, depois os bicos de gás e os lampiões de metal torcido nascendo por entre as calçadas de paralelepípedos.

Árvores de científica devassidão!

Luzes mais fulgurantes que as trêmulas e frágeis velas.

Afugentando as assombrações que antes vagavam pelas ruas nas horas mortas da noite!

Obrigando-as todas à fugirem para os cemitérios, para as casas abandonadas, para os conventos e igrejas!

Obrigando-as à se refugiarem nos lugares ermos e nos interstícios das coisas.

Nas estradas de terra, desoladas, cheias de sombras de arvoredo pagão!

Nos casarões mais antigos que ainda teimavam em resistir à nova onda de urbanização!

Assim era que com a entrada no novo século as ruas da velha cidade ficaram despovoadas de seus moradores mais antigos.

Já não se ouviam mais os tropéis das mulas-sem-cabeça, nem os uivos chorosos dos lobisomens!

Outros, porém foram os horrores noturnos que despertaram e, por conta da falta de medo dos homens, saíram para se alimentar!

*

1900, meados de junho, Avenida Marquês de Olinda, antiga Rua da Cadeia Velha, Recife Velho.

Já passava das duas horas da madrugada do meio do inverno.

O vento frio que vinha do mar arrastava as folhas em redemoinhos vazios.

Até os morcegos de frutas já se haviam recolhido em seus cantos sombrios.

Uma sombra, porém, desafiava o ar gelado.

Era Felipe Branco, voltando de uma serenata mal sucedida.

A camisa vermelha aberta recebia todo o vento frio no peito nu.

O cabelo despenteado sofria com o vento do mar.

Vinha de cabeça baixa, medindo os passos pela rua.

Desde a morte do negro Lauro que um pensamento o apoquentava e não saía de sua cabeça, havia levado ele para aquela arapuca do Malta e se sentia responsável pela morte do outro.

Era uma coisa angustiante que lhe queimava o peito.

O solado dos sapatos brancos estalava pelos paralelepípedos quebrando o silêncio agourentamente.

Subitamente ele se deu conta de onde estava.

Olhou ao redor, o olhar amedrontado procurando alguma coisa que não conseguia encontrar.

Então ele se lembrou.

O casarão havia sido posto abaixo.

Não restava nada, nem a grande árvore, agora o lugar era uma praça.

Bem adiante dele.

Felipe diminuiu o ritmo, prestando atenção às novas casas construídas no lugar do casarão.

Era estranho olhar e não ver o grande frontão amarelo e branco cheio de janelas e com a grande porta de madeira preta na frente.

Mas então Felipe piscou assustado.

Lá estava o grande casarão novamente.

Como se lembrava dele, recém pintado e com as janelas todas abertas.

A porta de frente também estava aberta!

Devagar Felipe Branco se aproximou, ao mesmo tempo curioso e assustado.

O medo já minando suas forças.

Havia um vulto ali sentado, pitando um cachimbo de madeira.

Ele não conseguia ver quem era.

Então um som terrível chegou aos seus ouvidos.

Era como uma canção chorosa em uma voz de mulher.

Vinha do lado do casarão.

E ali bem ao lado Felipe Branco viu o grande Jacarandá, novamente ereto, com seus ramos altos quase beirando o céu.

Balançava como se um vento lhe arrepelasse as folhas.

Ele não conseguia prestar atenção às palavras da canção, pois estava olhando para o vulto sentado em um banco na beira da porta.

Era ali que o negro Lauro costumava ficar nas tardes de calor.

Pitando seu cachimbo, exatamente como aquele outro estava fazendo agora.

Um vento frio correu pela rua, levantando as folhas e trazendo um calafrio que arrepiou Felipe até os ossos.

Ele resolveu falar com o vulto, ver quem era que estava ali no casarão do negro Lauro.

Deu alguns passos na direção da porta.

A escuridão do interior do casarão era fria como uma tempestade de neve e desprovida de qualquer luz!

Mais um passo e chegou ao alcance do vulto.

— Boa noite, meu senhor, sabe que é feito do dono do casarão? — perguntou ele numa voz tremida.

O vulto levantou o rosto e justamente neste momento uma nuvem sorrateira saiu da frente da lua e uma réstia de luar iluminou o rosto do homem.

Felipe Branco emudeceu instantaneamente e correu, sem pensar duas vezes, como se o próprio diabo estivesse nos seus calcanhares.

Correu até não poder mais.

E acabou caindo no meio fio, quase dois quilômetros depois.

Assombrado com a visão da última pessoa que imaginava ver ali naquele lugar.

Dali ele não se levantou, uma dor terrível no peito o manteve deitado no meio-fio durante toda a madrugada e quando chegou a manhã ele também não se levantou.

O leiteiro, quem primeiro percorria as ruas silenciosas recém saídas da noite, o encontrou já frio e enregelado, morto no meio-fio.

Em seu rosto havia apenas uma expressão de medo incomensurável e nada mais!

Pois ele havia reconhecido o rosto daquele que estava sentado no batente do casarão!

*

1903, Rua dos Sete Pecados Mortais, noite de quinta pra sexta feira, lua cheia, Recife Velho.

A casa antiga era cheia de barulhos estranhos!

O pequeno Luciano, com seus dez anos pela metade, mal conseguia dormir de noite.

Havia se mudado para a casa com a família, o pai, a mãe e a irmã maior de quinze, já fazia três meses.

Era uma casa velha, bem velha, diziam que tinha mais de duzentos anos, por isso o aluguel era tão barato.

Fora a única que o pai conseguira encontrar, pelo salário parco que lhe pagava a fábrica de calçados.

Luciano se lembrou das histórias que os meninos da escola contavam sobre a velha casa.

Diziam que era mal assombrada.

Que um outro menino havia ficado doido há muito tempo e que seu fantasma assombrava a casa e de lá pra cá ninguém mais queria alugar a casa.

Estava ali há três meses, mas até agora nunca havia visto nada, nem ouvido nenhum gemido ou voz estranha, havia barulhos às vezes, durante a noite e ele acordava com a sensação estranha que alguém estava olhando para ele, mas nunca via ninguém.

Não sabia se havia um fantasma realmente ali.

Ele não sabia em que acreditar.

Era muito novo ainda, e tinha medo de fantasmas!

Mexeu-se incomodado e a cama rangeu agourentamente.

Ele ficou bem quieto.

Tudo estava silencioso demais.

Sentiu sede.

A jarra ao lado da cama estava vazia.

Teria que descer até a cozinha para tomar água.

Mas estava tudo escuro, ele não queria descer.

Tentou dormir novamente.

A sede, porém, era avassaladora.

A garganta estava seca e a língua pastosa.

Precisava beber água.

Tomou coragem e sentou-se na cama.

O quarto estava todo escuro.

A luz da lua entrava pela janela e iluminava a cama e uma beirada do quarto.

Não havia nenhum barulho em lugar nenhum da casa, ele podia sentir o silêncio ao seu redor.

Olhou devagar para o grande guarda roupas negro que havia no canto.

As portas estavam fechadas.

Não havia nada ali, só roupas.

Ele sabia disso!

A porta do quarto estava entreaberta.

Levantou-se da cama e pisou no assoalho.

A madeira rangeu um pouco, agourenta, como se lhe dissesse “não vá”.

Mas a sede era tanta.

Luciano levantou-se bem devagar, pisando de leve para não fazer a madeira estalar ou ranger.

Foi na ponta dos pés até a porta e olhou para fora.

O corredor estava vazio e escuro.

Um breu só!

A porta do quarto dos pais, no fim do corredor estava fechada e a do quarto da irmã também.

Na outra ponta do corredor estava o início da escada.

Ele foi pisando na ponta dos pés até lá e escondeu-se por trás do corrimão.

Era difícil olhar para baixo na escada escura sem imaginar mil coisas esperando por ele ali.

Ouvira tantas histórias dos meninos da escola.

Geraldo, um dos mais velhos, era o mais mordaz e terrível, contando sobre o lobisomem que assombrava o largo do Chora Menino e da assustadora Cabra Cabriola que corria as ruas e entrava nas casas procurando meninos!

Ele tinha um prazer horrendo em assustar os mais novos e Luciano com eles.

Mas ali, naquela escuridão total, naquele silêncio lúgubre, todas as histórias que o garoto contava lhe vinham à mente.

Foi com grande resolução e coragem que Luciano saiu de detrás do corrimão e olhou para baixo.

A escadaria lhe pareceu como a garganta da morte.

Totalmente negra e desprovida de vida!

Não havia nenhum som lá embaixo.

E nem do lado de fora ouvia-se um grilo sequer.

Ele começou a descer os degraus.

Quando já estava no meio, ao pisar de jeito no degrau ele rangeu alto, assustando o menino que quase subiu correndo de tanto medo.

O coraçãozinho parecia que iria sair pela garganta.

Mas reuniu toda a coragem que ainda possuía e continuou a descer.

Afinal pisou no último degrau com alegria.

Foi então que ouviu!

O som enregelou lhe o sangue e petrificou todo seu corpo.

Não conseguia mais se mover!

O medo quase fez o coração parar!

Ele ouviu um soluço de choro!

Não conseguia mais dar nenhum passo, fosse para frente ou para cima, para fugir correndo para a cama.

Fechou os olhos, tentando fazer-se invisível.

“Se eu não posso ver então ele não pode me ver”. — pensou o menino começando a tremer de medo.

Fosse o que fosse parou de soluçar.

O silêncio veio novamente.

Ele abriu os olhos bem devagar.

Ao havia nada ali.

As sombras ao redor eram apenas sombras, nada mais.

Evitando qualquer barulho ele voltou-se para a cozinha e entrou.

Foi direto para o velho filtro de barro e encheu o copo.

A água deliciosa, com gosto de terra, desceu pela garganta e limpou o medo que ainda teimava em incomodar.

Quando ele foi colocar o copo sobre a pia uma das beiradas resvalou no azulejo e retiniu.

O som pareceu com uma grande campainha, ressoando por toda a cozinha.

E outro som o acompanhou!

O soluço de choro!

Soou alto e forte bem atrás dele.

Luciano petrificou-se novamente sentindo o medo descer como uma mortalha fria e úmida sobre sua cabeça.

O som estava exatamente atrás dele, quase ao seu lado.

Ele não conseguia se mover.

Não conseguia mexer um músculo, os olhos arregalados e a boca aberta.

Somente com muita força e controle ele pode mover um pouco a cabeça e olhar para o lado.

O que viu o desarmou um pouco.

Era um vulto pequeno, de outro menino, sentado no chão, com o rosto voltado para a parede e estava chorando e soluçando baixinho.

Luciano teve pena do pobre menino, se era um fantasma ele estava sofrendo também.

Não era uma coisa assustadora, era apenas um fantasma-menino!

Tentou falar, e sua voz saiu meio estranha, meio fina e esganiçada, mas saiu:

— Oi menino! Porque você está chorando?

O outro ficou quieto e parou de chorar.

Luciano deu um passo até ele.

— O que foi que houve? — perguntou ele.

O outro pareceu encolher-se, como se estivesse com medo.

A voz, quando veio era fina e oca, quase um fio de som que fez Luciano tremer de medo:

— Eu vi minha mãe! — disse o outro menino sem se voltar.

Luciano não entendeu.

Isso era uma coisa boa.

Ele gostava de ver sua mãe então o menino não devia estar chorando por causa disso.

Devia estar sentindo falta dela.

— Porque você está chorando se você viu ela? — perguntou Luciano sem entender.

Então o outro se voltou para ele e Luciano olhou e entendeu!

E toda sua sanidade sumiu para sempre dentro daqueles olhos de fogo que o encaravam!

E ele gritou!

*

1905, meados de outubro, Rua do Gusmão, Recife Velho.

A casa branca de janelas azuis estava cheia!

Uma pequena multidão de homens e mulheres reunia-se em seu interior.

Ulisses Gonsalves, espiritualista e cientista do sobrenatural encontrava-se entre a multidão.

Viera participar de uma sessão espírita com a amiga Jandira, mulata fogaosa da beira da praia que teimava em querer ver o invisível com os olhos terrenos e um holandês quarentão, ruivo, chamado Lorenz Lonck, seu atual namorado.

Mesmo com a proibição à prática do Espiritismo pelo Código Penal editado algumas décadas antes Ulisses continuava sendo fiel advogado da prática e junto com vários amigos dedicava-se extensamente ao estudo dos fenômenos.

Muitas vezes tivera a oportunidade de ver e ouvir coisas extraordinárias nas mesas das quais participara e aquilo tocava-lhe profundamente a alma.

Ouviram a palestra e passaram pela sala dos passes.

Uma grande serenidade e mansidão reinavam ali.

Subiram para o primeiro andar.

O pequeno corredor tinha três portas e uma abertura para uma sacada que estava fechada.

O médium abriu uma das portas e os convidou à entrar.

Entraram em uma das salas.

As outras duas também foram ocupadas por outros grupos para outras sessões.

Ao redor da mesa sentaram-se Ulisses, Jandira e o holandês, junto com Raul Asclepiano, o médium e Ondara Martins, sua assistente.

Rezaram de mãos dadas o Pai Nosso, como de costume.

Fizeram então várias invocações.

Espíritos diversos surgiram, pretensamente através da língua do médium, respondendo ora uma pergunta da assistente, ora uma pergunta de Ulisses ou Jandira.

O holandês manteve-se calado.

Foi então que em determinado momento o próprio médium olhou para ele, e na voz de um incorporado perguntou-lhe:

— Meu filho, vejo que alguma coisa o aflige. Existe alguém com quem você deseje conversar?

Foi então que o holandês, ainda sem saber bem o que ali se fazia, mas com uma certeza pulsante dentro de si pediu para chamarem um parente distante seu, um grande navegador da Companhia das Índias Ocidentais que havia estado ali há muitos séculos atrás.

Raul olhou para Ulisses e concordou.

Fechou os olhos por um momento e logo seu semblante mudou, foi como se envelhecesse muitos anos, sua voz ficou oca e pastosa e ele disse:

— Eu estou aqui. O que querem de mim? — o sotaque estrangeiro era inconfundível.

O holandês olhou para Ulisses sem entender.

Ulisses voltou-se para o médium e perguntou ao espírito incorporado:

— Como é seu nome?

O outro respondeu.

— Eu sou Hendrick Corneliszoon Lonck.

Ao ouvir esse nome o holandês empalideceu e em seu português arrastado pediu:

— Pergunte para ele o que aconteceu com ele quando esteve aqui nesta cidade!

Ulisses repetiu a pergunta.

O médium silenciou e só há muito custo conseguiram que ele voltasse a falar.

— Eu era o Regente holandês da Companhia das Índias Ocidentais aqui em 1630. Fui eu quem cuidei das insurreições do porto até meu retorno à pátria.

— Mas o que aconteceu que o fez demitir-se da Companhia? — perguntou o holandês obcecado com a história.

Novamente o médium silenciou.

Uma sombra suave se abateu sobre seu rosto e depois de alguns minutos sua voz cava e pastosa respondeu:

— Eu fui assombrado! — foi sua única resposta, que ele repetiu nas três vezes que foi questionado.

Mas o holandês não se conformou, queria saber mais detalhes.

— O que o assombrou? Em seu diário o senhor fala de uma coisa terrível que aconteceu, mas não explica mais nada. Preciso saber o que houve!

O rosto do médium se transformou.

Foi como se outra coisa, outro espírito entrasse nele e tudo ficou diferente.

A mesa tremeu forte!

A luz da sala piscou três vezes.

Os outros ao redor da mesa olharam-se com medo.

Nunca haviam presenciado uma coisa assim.

Tudo ficou em silêncio.

Não ouviam nada!

Nem mesmo das outras salas contíguas onde também haviam outras pessoas fazendo outros atendimentos e realizando outras sessões.

A cabeça do médium, de súbito, caiu para trás e sua voz soou fina e fraca, como uma voz de criança.

— O que vocês desejam comigo?

O holandês, ainda meio assustado com a súbita mudança de ares, perguntou:

— Quero saber o que houve com meu parente quando ele esteve aqui em 1630.

A luz piscou de novo, mais rapidamente em uma cadência estranha.

— Ele veio e prendeu meus filhos. Eu o encontrei e o fiz mudar de ideia! — disse a voz, desta vez de homem malandro.

Ulisses interrompeu curioso:

— Quem é você?

A voz riu, um riso profundo e perturbador, que deixou todos na sala com medo.

Não havia nada engraçado ali.

— Eu sou este lugar, Ulisses! Eu sou todo este lugar!

E as luzes se apagaram!

E Ulisses sentiu medo!

*

1911, idos de setembro, próximo à Estação Zumby, bairro Madalena, Recife Velho.

O batuque dos tambores ressoou pelo terreiro!

Ulisses podia ouvi-los de longe, desde quando desceu na Estação Zumby.

Entrou pelo portão de madeira pintada de branco cercado por um caramanchão de flores e rosas que dava para um caminho de terra batida ladeado por pedras brancas e ao final chegou em frente à uma casa grande, branca com o telhado baixo.

Tirou o chapéu respeitosamente e entrou.

O lugar era uma sala grande, redonda, com três lances de degraus que levavam até um círculo também de terra batida.

Pelas paredes eles viram as imagens de diversas Divindades:

Uma delas, maior, era um homem, vestido de azul escuro, trazia correntes passadas ao redor do corpo e uma estada empunhada em ambas as mãos.

Outra era uma linda mulher, de cabelos compridos, castanhos, vestida de ouro e verde, movendo-se como se estivesse dançando.

Uma terceira, era um homem que vestia uma saia amarelo esverdeada, e trazia na mão direita uma vara colorida com as cores do arco íris e na mão esquerda trazia uma serpente com a cabeça voltada para cima.

Embaixo de cada uma das estátuas havia uma gamela de madeira, cada uma com um tipo de comida diferente, ainda exalando cheiro e quentura de recém feitos.

Ao redor de cada gamela havia muitas velas de cores diversas, acesas.

Já havia muitas pessoas reunidas.

Viu alguns rostos conhecidos, Iaiá da Silva, Solano o escritor argentino, e até mesmo Raul Asclepiano estava ali.

Foi na direção do amigo.

— Boa noite Raul!

O outro virou-se surpreso.

— Boa noite Ulisses! O que o traz aqui?

— Meu guia me pediu para vir aqui hoje, mas não explicou o que queria. Disse que era importante que eu estivesse aqui. Que iria ver uma coisa muito importante.

O outro franziu o sobrecenho.

— O que será que o Caboclo quis dizer?

— Não sei, mas sempre que ele me diz uma coisa dessas acontecem coisas estranhas. Lembra-se daquela vez no Centro Espírita da Rua do Gusmão?

O outro teve um arrepio.

— Nem me lembre daquela vez, quando as luzes se apagaram eu acordei e só vi as pessoas saindo correndo da casa, não entendi nada!

— Melhor que você tenha ficado desacordado mesmo, não foi nada bonito. A aquela entidade era uma coisa danada de ruim!

— Eu sei. Depois daquilo o centro acabou fechando e foi demolido uns meses depois. Nada mais funcionou ali. Até hoje me pergunto o que era aquilo.

— Não sei. — disse Ulisses balançando a cabeça — Nem o Caboclo quis falar sobre isso e toda vez que perguntou fica um silêncio bem desconfortável!

Neste momento os tambores cessaram e um velho veio até o centro do aposento.

Estava vestido com uma calça branca, descalço, tinha sete colares de conta coloridas ao redor do pescoço e um chapéu branco, fumava um charuto forte e na mão direita trazia uma bengala com uma caveira de prata no topo.

Junto com ele estavam três senhoras, com vestidos rodados de branco e tingidos de colares de contas multicoloridos adornados com fitas e flores de diversas cores e os cabelos presos em coques brancos altos.

Todas as pessoas do lugar juntaram-se em uma grande roda ao redor deles.

Exatamente às nove horas o velho levantou a bengala e começou o batuque recomeçou, desta vez mais forte e cadenciado.

O som martelava baixo.

Logo havia três ou quatro pessoas dançando no centro da roda humana.

A melodia vinha e voltava como uma amálgama da capoeira, do lundu, do jongo, do batuque e do cateretê em um ritmo novo e cadenciado que fazia todos os corpos ali presentes gíngarem em uníssono.

Ulisses sentiu o corpo mover-se no ritmo do som, acompanhando as batidas.

Subitamente uma brecha na multidão se abriu e um homem negro vestido com uma saia de palha de coqueiro e com o rosto coberto por uma máscara do mesmo material surgiu e veio para o centro da roda.

Todos abriram caminho para ele passar.

Seu corpo estava coberto de signos e sinais coloridos e na mão trazia um tridente vermelho.

Ele pulou alto e gritou:

“Oi, embaré, oi embará!

Balança que pesa oro não pode pesa metá!”

Então iniciou um giro sem fim que espalhou-se em círculo pela multidão ao redor e contagiou todos dentro do galpão.

Ulisses e Raul foram contagiados e logo estavam dançando também.

O ritmo os fazia parecer que flutuavam ao sabor da melodia.

O batuque soava alto em suas mentes e coordenava seus passos.

O preto velho e as três senhoras ficaram parados próximos à parede leste do galpão em silêncio, apenas observando!

A dança e o canto continuaram até que se avizinhou a meia-noite.

Ulisses e Raul estavam exaustos e agora aguardavam próximos à parede do galpão.

O batuque diminuiu o ritmo e outra figura veio do fundo da casa e entrou na roda.

Era um mulato alto, todo vestido de vermelho e preto, com um paletó negro e uma cartola, e trazia na mão direita a cabeça de um tridente, ao redor do pescoço tinha um lenço vermelho sangue.

Quando entrou ele saudou à todos:

— Larôye!

Os outros retribuíram a saudação.

Ele então sentou-se no meio do galpão e as pessoas vieram até ele e fizeram perguntas.

Algumas ele respondeu, outras ele só riu e dispensou a pessoa.

Então, justamente quando estava quase tudo terminado ele olhou na direção de Ulisses e falou:

— Vosmecê está aqui por ordem de outra pessoa. Aproxime-se.

Ulisses veio até a frente do homem.

— Quem o mandou vir aqui?

— Foi meu Caboclo, ele me disse que eu devia vir aqui e que era muito importante, mas não explicou mais nada.

O Exu levantou-se e aproximou-se dele:

— Você é filho meu! Muito corajoso, já viu coisas que poucos viram. — depois sorriu — Hoje vai aprender mais uma coisa!

Então ele fez um gesto e o velho trouxe um pequeno balaio e o Exu o abriu tirando de seu interior uma galinha de penas pretas com um colar de penas brancas pelo pescoço.

O Exu pegou uma faca de lâmina fina da cintura e cortou o pescoço da galinha, espargindo sangue pelo chão de terra batida.

Depois se ajoelhou e começou a entoar uma cantilena baixa.

O velho aproximou-se novamente e lhe entregou uma cumbuca de palha cheia de pequenos búzios coloridos.

O Exu pegou alguns e sacudiu na terra com serenidade.

O resultado foi perturbador.

O preto velho afastou-se amedrontado com o resultado.

O Exu olhou bem para Ulisses e disse:

— Você veio aqui para receber uma visita. Tem uma entidade que quer lhe falar, foi ela quem mandou avisar seu Caboclo para que viesse aqui.

— Quem é essa entidade? — perguntou Ulisses confuso.

— Ela já o encontrou antes! — disse o Exu terminando a frase com uma risada rouca.

Ulisses sentiu medo!

O Exu não pediu nem bebida nem charuto.

Só afastou-se um pouco para o centro da roda e começou a entoar uma melodia estranha.

E todos os outros sons cessaram.

Era um som maravilhoso como que saído das profundezas do próprio mar, uma canção que ressoava como as ondas e marulhava como as profundezas e havia palavras naquela canção.

Ulisses podia compreender as palavras, mesmo quando eram apenas um som que ressoava acima de todos os outros!

Um estranho encantamento caiu sobre ele!

Subitamente ele soube quem era a entidade!

Era a mesma que havia sido incorporada naquela casa espírita, anos antes.

E então Ulisses soube...

Que ela era a própria cidade!

E o medo avassalou seu coração!

*

1920, idos de março, beira do Porto, Recife Velho.

O Carnaval durou vários dias!

No último dia, uma madrugada de quarta-feira de cinzas, depois que todas as escolas de samba terminaram de passar e as últimas marchinhas ribombavam ainda pelas horas mortas as multidões já se dispersavam e deixavam as máscaras caídas pelo chão.

Uma grande neblina veio do mar assenhorando todo o porto e a parte litorânea da cidade.

Um canto estranho soou mais alto, acima do ribombar das marchinhas e uma música de flautas, oboés e tambores veio com ele.

As pequenas multidões que ainda relutavam em ir embora voltaram-se para a orla do mar e viram uma outra multidão de barcos, alguns pequenos, outros maiores, atracando pelo cais do porto vazio.

Barcos diferentes, como antigos barcos de pescadores, as velas triangulares, os mastros de madeira branca.

Deles veio saindo uma outra multidão, em forma de procissão.

Vestindo fantasias estranhas, roupas brancas ou azuladas, togas compridas e curtas.

Algumas mulheres vestiam-se com peles e todos traziam o rosto coberto por máscaras que imitavam animais.

Alguns tocavam flautas suaves, outros traziam oboés sonoros, e outros batiam em pequenos tambores, alguns ainda dedilhavam cítaras.

Os homens eram altos e garbosos e seus cabelos loiros, ruivos ou negros caíam em madeixas sobre os ombros nus.

Alguns exibiam-se em armaduras cor de cobre, com grandes elmos de penachos de rabo de cavalo, lanças compridas e gládios curtos.

Um deles trazia na mão direita um raio brilhante que serpenteava como coisa viva e exalava uma luz quase cegante.

Seus olhos, por detrás da máscara que escondia seu rosto, eram jovens e sorriam à vista do novo mundo que se abria à sua frente.

Ao seu lado vinham outros mais jovens, um com armadura avermelhada e um elmo curto, trazendo uma espada desembainhada na mão esquerda.

Do outro havia um jovem de cabelos loiros, cujas madeixas eram como ouro líquido, vestindo uma túnica branca e curta e trazendo nas mãos um arco dourado e setas compridas.

Junto com ele vinha uma moça de cabelos negros como azeviche, vestida de forma igual e trazendo também um arco de prata e setas que emitiam um leve fulgor.

Após eles caminhavam mulheres altas, vestindo togas brancas, cada uma mais linda que a outra, cujos cabelos caíam em tranças pelas suas costas e uma delas trazia ramos de trigo dourado nas mãos, enquanto que outra trazia uma taça de ouro cheia de vinho tinto.

Atrás delas vinha uma jovem vestida em armadura de guerra, com um capacete alto de rabo de cavalo e trazendo uma lança comprida de prata e ouro na mão esquerda. Em seu ombro havia uma coruja, que parecia viva, pois abria as asas e virava a cabeça constantemente deslumbrada pela multidão que as via passar.

Outros vieram depois deles, um homem mais velho que coxeava apoiado no braço de uma linda mulher de cabelos dourados cujos olhos por detrás da máscara eram como um convite delicioso ao amor.

Então vieram criaturas estranhas e místicas, algumas jamais vistas naquelas partes do mundo, que passavam caminhando com graça e tranquilidade, sem emitir qualquer temor.

Veio um cavalo alvíssimo de crina comprida que possuía grandes asas inefáveis e parecia pairar sobre o chão, do qual a multidão que observava não conseguiu escutar o som das patas batendo sobre os paralelepípedos.

Então surgiram grandes formas, como de gigantes, alguns com um olho só outros com uma multidão de braços e cabeças, à multidão eram como fantoches de papel mache que dançaram ao som daquelas cítaras fantasmagóricas.

A visagem terrível ou a procissão de fantasmas, como depois foi referida, dançou e cantou pelas ruas da cidade através das horas mortas e a multidão que a observava aos poucos misturou-se à ela e acabou dançando, pulando e cantando junto.

Serpentearam pelas ruas e avenidas desde o porto, cruzando a grande ponte de Sete de Setembro e seguindo pela ponta do Boa Vista, cruzando as águas do Capibaribe que naquele momento se encrespavam como um grande vagalhão.

Ali a procissão parou e um de seus integrantes, o homem que trazia o raio na mão, ficando no meio da ponte conversou com as águas bravias do rio e as acalmou.

Suas palavras, que soaram em uma língua estranha nunca antes ouvida por aquelas paragens, ressoavam como o ribombar do trovão.

Das águas a multidão pensou ter ouvido outras palavras em resposta à ele!

Mas se foi voz de trovão de chuvarada ou se foi voz encantada ninguém soube dizer depois.

E assim a procissão continuou madrugada adentro, seguindo pelo bairro do Boa Vista e cruzando o Largo do Chora Menino.

Já lá pelas quatro horas cruzaram a ponte do Madalena.

Então a multidão já cansada começou a se dispersar aos poucos, mas ainda viram que a estranha e assombrada procissão continuou cruzando a pequena ponte da Rua do Retiro e entrando nas terras desabitadas da Ilha do Retiro.

Ali um novo nevoeiro surgiu das águas do rio Capibaribe e encobriu toda a região, que quando o sol da quarta feira despontou no horizonte já não havia mais sinal de nenhuma daquelas pessoas estranhas que estava na procissão.

Foram muitos que viram a passagem da procissão assombrada, alguns que ainda estavam na rua outra que acordaram com a música estranha, o batuque e os gritos de júbilo, mas depois de passada foram pouco os que se lembravam alguma coisa sobre o que viram, na sua maioria lembravam apenas de uma procissão estranha, cantos e danças em uma língua estrangeira e nada mais!

Os jornais do dia seguinte noticiaram a estranha procissão, mais como um evento de final de carnaval do que como uma assombração verdadeira!

Mas consta que daí por diante, o povo, até então acostumado com as assombrações mais típicas da região, dava às vezes com “cousas de outro mundo” a perambularem pelas ruas da cidade durante as horas mortas, que se pareciam mais com turistas perdidos durante uma excursão do que necessariamente com assombrações verdadeiras!

III – Medo da Escuridão

*“O horror é um jardim verdadeiro
Com um dragão imaginário nele,
Às vezes, porém, a besta
Sai para se alimentar!”*

Desconhecido

A cidade era enorme!

Cheia de vida e morte, era como um monstruoso organismo vivo que espalhava-se à beira-mar.

Em suas veias caudalosas e estreitas de frontões altos corriam indolentes o Pecado e a Corrupção, afogando em suas ruas de paralelepípedos as esperanças e sonhos das ingênuas almas que nela lograssem uma nova vida começar.

Seus pináculos e torres de cimento e vidro, construídos nas fundações da ignomínia e da servidão, erguiam-se orgulhosos de encontro à um céu amarelado pelas luzes artificiais que iluminavam a opulência vazia da cidade durante a noite.

Em suas praças adornadas de farrapos humanos e esqueletos negros de árvores nuas carcomidos pelos dejetos dos pássaros domesticados, passeavam pessoas enclausuradas pelo medo e pela desconfiança.

No centro histórico, no coração da cidade, havia uma grande e larga praça, lugar assombrado e sinistro, palco de terríveis crimes e hediondos atos.

Houvera outrora um grande jacarandá centenário naquele lugar, mas isso já passara!

Suas raízes mais profundas, no entanto, ainda jaziam enterradas naquela terra de maré.

As poucas árvores que a revestiam ainda possuíam folhas e suas ramagens eram enegrecidas e densas, formando um escuro labirinto de calçadas de ladrilhos brancos onde por vezes corpos humanos se deixavam consumir pela desesperança.

Ali a atmosfera era densa e rescendia ao odor acre da maldade humana.

Era um lugar evitado por todos aqueles que podiam, e temido por todos aqueles que o frequentavam.

Por toda extensão de sua largura viam-se alguns bancos de pedra verde ou negra, uns quebrados outros mais ao centro da praça, esquecidos pelos amantes e pelos bêbados ainda conservavam um pouco de suas formas originais.

Havia perto de seu centro um denso caramanchão de hera, lá diziam era de todos o pior lugar e o antro mais negro de toda a perversidade.

Ali havia uma aura pesada de uma malignidade quase palpável e traços horrendos e perturbadores.

Pois o que vivia ali não amava a humanidade!

Em dias de lua cheia quando todo o céu ficava mais iluminado aquele que prestasse atenção poderia ver os galhos superiores da vasta ramaria se estenderem e se moverem como dedos ávidos tentando alcançar a lua no céu com um propósito que jamais seria concebido pela inteligência dos homens.

Veze sem conta correram rumores de bêbados e vagabundos que escolheram o velho caramanchão como leito noturno, deles, porém nem os andrajos sujos foram novamente vistos por olhos vivos!

*

1930, noite de sexta-feira de meados da Quaresma, bairro de São José, Recife Velho.

O velho sobrado centenário, do tempo do Império ainda, erguia seu frontilhão na esquina da assombrada Rua Augusta.

Seus três andares abrigavam uma família antiga de judeus espanhóis, fugidos da santa inquisição que reinou soberana pelas bandas do velho mundo nos séculos passados.

Vieram para morar ali no início de 1800, construíram o sobrado e foram ficando.

O patriarca que veio para essas bandas ainda recém-nascido, Doutor Karel Weissmann, homem letrado e advogado de renome viveu até os cem anos, falecendo unicamente por causa de uma gripe mal curada, em 1890.

Seu filho mais velho, Salomão, então com trinta anos, herdou o casarão e o escritório do pai e continuou no ramo da advocacia por mais três décadas, exercendo a profissão com desvelo.

Herdou também o gosto do pai pelos mistérios da religião judaica e muitas vezes passava as noites em claro estudando a Temura ou a Gematria.

Veze por outra, durante suas madrugadas insones ele ouvia os barulhos do povo que habitava as madrugadas, ouvia os passos estalados nos paralelepípedos dos sapatos dos malandros e escutava os ecos das serenatas mal cantadas.

Ele ouvia outros barulhos assombrados também, de uma ou outra mula sem cabeça perdida pelas ruas, ou um uivo solitário de um lobisomem arredio, ou mesmo uma risada amarelada do Boca de Ouro, ou a estranha cantiga da Cabra Cabriola, mas à estes últimos nunca deu ouvidos nem prestou atenção.

Estava sempre enfronhado com seus livros antigos e raramente levantava o rosto deles antes do galo cantar a terceira veze.

Uma noite, porém, pela época da Quaresma, um som diferente fez com que levantasse os olhos dos livros, era uma voz que o chamava, uma voz de mulher!

Salomão escutou a voz e a procurou pelo sobrado.

Estava no primeiro andar.

A voz vinha do térreo!

Desceu a escadaria e acendeu as luzes.

A voz chamou de novo, desta vez da sala de estar.

Ele abriu as portas altas e entrou, acendendo a luz.

A sala grande estava vazia.

Ele olhou atrás dos sofás e da escrivaninha, mas não havia ninguém ali.

Então escutou um barulho e olhou para o grande espelho que havia, de metro e meio de altura e um metro de largura, na parede do lado da grande janela do frontão do casarão.

Sobressaltou-se, pois o espelho continha uma imagem que não refletia a sua, era uma imagem de mulher de longos cabelos loiros!

Mas não uma mulher comum, esta estava sentada sobre uma rocha grande batida pelas ondas do mar.

Salomão conseguia sentir o cheiro do sal no ar!

E viu os respingos da água no tapete em frente ao espelho.

Foi então que percebeu que a mulher não possuía pernas, mas sim uma bela cauda de peixe cujas escamas verdes e azuis rebrilhavam quando refletiam a luz do aposento.

O choque o deixou sem fala.

Recuou com medo!

Então ouviu novamente a voz chamando por ele e entendeu que era ela que o chamava:

— Salomão! Venha comigo Salomão!

Ele hesitou por um instante, então seu coração falou mais alto, ele abandonou tudo e pegando a mão fria que ela lhe estendia entrou no espelho!

*

O delegado Henrique Paiva chegou pelo meio da manhã no sobrado.

O lugar o fez parar quando chegou ao portão.

Havia uma atmosfera de estranha malignidade naquela fachada antiga, como se o próprio frontão do casario fosse como um rosto assustador, uma face assombradora que parecia viva e atenta à tudo à sua volta.

Uma estranha sensação de estar sendo vigiado lhe ocorreu.

Então olhou ao redor e a sensação desapareceu.

Havia quase uns quinze policiais fervilhando pelo lugar.

O movimento constante parecia dissipar um pouco aquela atmosfera opressora.

O sargento Heliodoro o recebeu na porta com o cenho franzido.

— Bom dia delegado!

— O que foi que houve aqui, sargento?

— Um desaparecimento, doutor. — respondeu o sargento baixando o olhar.

— Como? Me explique devagar enquanto olho o lugar. — falou Henrique entrando no sobrado.

A atmosfera estava fria lá dentro, contrastando com o calor do exterior.

Ele teve um arrepio nervoso.

— Foi o dono do lugar que sumiu, um tal Doutor Salomão Weissmann, doutor!

O delegado parou!

— O advogado famoso?

— Ele mesmo.

— E como foi que isso aconteceu?

O sargento conduziu o delegado para a sala de estar, um lugar que se não fosse aquela atmosfera de uma presença quase palpável poderia ter sido um lugar agradável.

Apontando para a frente de um grande espelho falou:

— Os óculos dele foram encontrados ali.

— Havia sinais de luta?

— Não. Todas as portas e janelas do sobrado estavam fechadas por dentro.

— Quem estava na casa?

— Apenas a esposa do segundo andar, dormindo no quarto do casal. O filho chegou de manhazinha, foi quando notaram o sumiço.

— Alguma coisa faltando?

— Nenhuma, delegado. A prataria e as joias estão em ordem. A Esposa disse que ele estava de chinelos e roupa de dormir. Também não tem mais nada faltando na casa e o cofre está fechado.

O delegado aproximou-se do espelho.

Viu o chão ainda todo molhado.

— O aposento foi lavado?

— Não, doutor. Já estava assim quando a esposa encontrou os óculos dele.

— Peça pro Mancuso examinar o líquido e ver se tem sangue ou veneno misturado nele.

O sargento concordou com a cabeça.

— Deram uma busca nas redondezas?

— Sim, desde de manhã.

— O Peçanha esteve aqui? — perguntou o delegado olhando ao redor.

— Esteve sim, bem cedo e já falou com a esposa também. — disse o sargento.

— Muito bem, alguém transcreveu o depoimento dela?

— Eu fiz isso delegado, está aqui. — falou o sargento entregando a papelada nas mãos de Henrique

— E ele me pediu para avisá-lo quando o senhor chegasse.

O delegado passou os olhos pelas folhas e leu rapidamente as transcrições.

— Ela disse que ouviu vozes aqui em baixo? — perguntou ele.

— Sim, eu anotei tudo nas próprias palavras dela, uma voz de mulher! — contou o sargento.

— E depois desceu?

— Sim e quando chegou aqui embaixo ele já havia desaparecido. Ela disse outra coisa que o doutor Peçanha me disse pra não colocar ai....

— O que foi?

O sargento titubeou por uns segundos então disse bem baixo:

— Ela disse que ouviu o som do mar batendo nas pedras antes de entrar na sala!

— O que? Tem certeza disso? — estranhou Henrique.

— Tenho certeza, delegado! Quando ela disse isso o doutor Peçanha me olhou de forma estranha e me disse pra tirar aquilo dos registros.

— Desse jeito?

— Exatamente essas palavras doutor! Só fiz o que ele mandou.

— Fez bem. Com ele não dá pra discutir esse tipo de coisa. — falou o delegado dando um tapinha nas costas do sargento — Mas que coisa estranha para ela dizer. Tem algum rádio na sala? Não vi nenhum.

— Não tem rádio aqui doutor. Só um pequeno na cozinha, mas está desligado.

— Mais um motivo pra pedir para o Mancuso analisar aquela água lá. Também peça para o fotógrafo tirar fotos de todas as portas e janelas da casa da maneira que estavam quando o primeiro policial chegou.

O sargento concordou com um aceno.

O delegado passeou por todo o andar térreo e depois subiu para o primeiro andar.

Os móveis escuros e as tapeçarias pelas paredes indicavam a idade do lugar.

Os passos dos dois ressoavam alto pelo assoalho quebrando o silêncio de forma desconfortável.

Sombras envolviam cada canto e parecia haver sempre alguma coisa oculta quando o delegado voltava o olhar.

Como se alguma coisa ali se escondesse de suas vistas, fugindo sempre.

Pelo rabo do olho ele podia ver que era como uma forma, uma sombra, que mudava de lugar à medida que caminhavam por ali.

O sargento também notou sua incomodação.

— Parece sempre que tem alguém atrás da gente, né doutor?

— É sim, sargento.

— É que o lugar é mal assombrado.

— Quem disse isso?

— É o comentário, doutor. Os vizinhos comentavam já quando chegamos. Ela tem uma história horrível.

— Bem deixemos essas coisas de lado. — disse Henrique desconversando — Onde ele estava em primeiro lugar?

O sargento mostrou a porta.

— Ali era o gabinete do Doutor Salomão.

Entraram.

O chão brilhante contrastava com os móveis escuros e as estantes cheias de livros antigos.

Novamente Henrique sentiu aquela estranha sensação de ser observado.

Percebeu que a escuridão ali era mais forte.

Parecia se esconder pelos cantos.

Caminhou pelo meio do aposento fazendo barulho deliberadamente para afastar aquela sensação de medo e assombramento que teimava em cobrir seu espírito.

Deteve-se por um momento olhando os papéis sobre a mesa larga de madeira de lei.

— Nada foi mexido aqui? — perguntou ao sargento.

— Não delegado. Está tudo como encontramos.

— Ele gostava de coisas estranhas, veja o título desses volumes: Clavículas de Salomão, Espadas de Moisés e até mesmo esses outros aqui, o “Bahir” e o “Ibbur”. Será que estava metido com essas coisas de espiritismo ou umbanda?

Uma voz serena e jovem respondeu à pergunta:

— Ele era um Ba'al Shem, um título aplicado aos místicos cabalistas que possuíam o conhecimento secreto dos nomes sagrados de Deus e que podiam fazer um uso mágico deste conhecimento, delegado! Um estudioso de nossos livros sagrados! Apenas isso!

O delegado voltou-se e viu um rapaz de uns vinte e cinco anos, cabelos pretos e terno caro olhando-o da porta.

— O senhor deve ser o filho do Doutor Salomão? — perguntou o delegado.

— Sim, me chamo Davi Weissmann. O senhor deve ser o delegado Henrique Paiva.

— Sim. — confirmou o delegado.

— O Doutor Peçanha disse que o senhor viria investigar o desaparecimento de meu pai.

— Exatamente. O senhor estava aqui quando aconteceu?

— Não, delegado. Moro algumas casas mais adiante. Cheguei de manhã bem cedo para irmos para o escritório juntos, como sempre fazemos. Foi aí que soube o que havia acontecido.

— Sua mãe não o avisou de imediato?

— Não, delegado. Ela mora só com meu pai. Achou que ele havia saído e iria voltar. Mas de manhã quando verificou as portas viu que todas estavam fechadas por dentro. Foi então que cheguei.

— Já havia acontecido alguma coisa assim antes?

— Não, nunca! — disse o rapaz em um tom ofendido — Meu pai nunca sai de casa depois que o sol se põe, delegado. É costume dele!

— Ainda assim sua mãe acreditou que ele havia saído?

— Acredito que me expressei mal, delegado. Ela decerto achou que ele havia ido até o porão. Lá ela não vai!

— Vocês têm um porão? Gostaria de vê-lo.

O delegado viu que o pedido não foi bem recebido, mesmo assim o rapaz concordou em mostrar o lugar.

Desceram a escadaria.

Os passos ressoando agourentamente como um par de martelos: bam, bam, bam.

Depois da cozinha, havia uma pequena escadaria que conduzia à uma porta fechada.

Antes de abri-la o rapaz pediu:

— Por favor, delegado, peço somente discrição de sua parte, para não comentar o que irá ver aqui dentro com outras pessoas. É um local de culto de nosso povo e não gostaria de ver uma descrição dele correndo pelos jornais locais.

— Não se preocupe Doutor Davi. A discrição faz parte de minha profissão. — assegurou o delegado.

Quando o rapaz abriu a porta veio um odor diferente, de especiarias e de canela, sândalo e mirra.

Henrique nunca se esqueceu daquele odor!

Entraram.

Sete dezenas de velas iluminavam o aposento.

Com uma sensação de assombramento o delegado pisou devagar no assoalho descoberto de madeira branca.

Ali era o coração do casario!

Reparando bem nos três círculos concêntricos desenhados no chão, entremeados de letras de um alfabeto antigo que ele não conhecia.

Solitário no centro do aposento, havia um grande espelho velado com um manto de seda negra.

Do lado oposto ao espelho estava um pedestal alto sobre o qual repousava fechado um grande livro de capa parda sem título.

— Veja que não há nada além dos objetos de nosso culto aqui dentro delegado. — observou o rapaz, já conduzindo Henrique para fora do aposento.

— Ele frequentava algum outro tipo de culto?

— Só a Sinagoga, delegado! — explicou o rapaz com um ar condescendente.

— Como era a convivência dele com sua mãe?

— Era boa delegado, estão casados já há quase quarenta e cinco anos, o que quer insinuar?

— Nada. Não quero insinuar nada, senhor Davi. Porém na minha profissão muitas vezes vemos homens que “somem” de casa para viver com outra mulher.

— Meu pai não era desse tipo de homem, delegado. Ele amava minha mãe!

O delegado ficou em silêncio por um momento.

— E a voz de mulher que sua mãe diz ter ouvido?

— Foi apenas uma impressão delegado. Não havia outras pessoas na casa na hora, não temos criados que dormem aqui.

— Muito bem. Irei investigar mais e voltaremos a conversar. — disse o delegado encaminhando-se para a escada.

Na saída deu ordem ao sargento:

— Interrogue todos os empregados e me leve as transcrições, sargento. Vou passar novamente no local do desaparecimento daqueles dois meninos e depois vou para a delegacia!

Na frente da casa Henrique puxou um cigarro, dos famosos Leão do Norte e riscou um fósforo.

Uma brisa fria apagou o fósforo.

O delegado sentiu um arrepio de frio no calor da manhã.

Por um momento sentiu como se alguém ou algo o observasse.

Olhou para o frontão da casa, com suas muitas janelas abertas, como olhos esbugalhados, prestando atenção nele.

Por um momento apenas sentiu como se a casa o observasse!

Mas foi só por um momento.

Riscou outro fósforo e acendeu o cigarro.

Tragou e entrou no carro.

Saiu dali sem prestar muita atenção.

Já tinha problemas demais para resolver.

Não podia se dar ao luxo de começar a ver coisas também!

*

A noite chegou de mansinho e pegou o delegado Henrique recostado na cadeira olhando o céu escurecer devagar e fumando um cigarro da famosa papayna.

Sobre a mesa, espalhadas, as fotografias do caso do judeu e o relatório do Doutor Mancuso sobre o líquido, aberto pelo meio mostrando a conclusão.

O que mais o intrigava era justamente isso, o resultado: água do mar!

Não havia sangue nem veneno, apenas água do mar.

Não havia outras pistas sobre o caso.

A esposa dera quatro nomes de malandros que deviam dinheiro ao desaparecido e aos quais ele emprestava à altos juros, e justamente dos quais havia sido advogado em casos criminais bem complicados.

Um deles deveria ter dado sumiço no homem!

O problema é que o judeu era rico e toda a família estava em cima do governador e do Superintendente Peçanha para encontrá-lo.

O que mais intrigava o delegado era a falta de pistas.

Não estava atrás de mulher da vida, isso já descartara com os irmãos e com o filho do desaparecido.

Não conseguia entender o que ele queria sumindo assim!

— Ele queria realizar o desejo de seu coração, doutor delegado! — falou uma voz suave de homem.

O delegado quase caiu da cadeira com o susto.

Levantou-se sobressaltado e procurou a origem da voz.

Das sombras do outro lado da sala veio gingando um malandro, vestido de terno de linho branco e asseado, o chapéu panamá caído na testa, os sapatos pretos e vermelhos cujo solado estalava pelo assoalho.

— Quem é você? Como entrou aqui? — perguntou Henrique olhando a porta fechada.

O malandro gingou até a frente da mesa e disse:

— Estou aqui para ajudá-lo a achar o que perdeu delegado!

— Quem o mandou? Você é da polícia também?

O outro riu um riso debochado e falou:

— Nunca fui amigo da polícia, delegado. Mas já a enfrentei muitas vezes e nunca corri dela!

— O que quer aqui?

— Já lhe disse: vim ajudar o doutor a achar o que perdeu!

— Vai me ajudar a achar o homem desaparecido?

— Se for isso que quer, vou sim! — disse o outro sorrindo.

— Por quê? — perguntou o delegado desconfiado.

O outro riu aquele rido debochado, mas não respondeu.

O aposento esfriou terrivelmente, de forma que Henrique chegou a ter um arrepio.

Então soou uma batida contra a porta, como se uma grande mão fechada batesse contra a parte de cima da porta!

Bam, bam, bam!

Tão de repente que Henrique deu um pulo para trás e quase tropeçou na cadeira.

Quando olhou novamente procurando o homem ele havia sumido!

Foi até a porta e a abriu.

Do outro lado o sargento Heliodoro estava sentado em sua mesa.

— Quer alguma coisa delegado?

— Foi você que bateu na porta sargento?

— Não doutor. Ninguém bateu na sua porta não.

— Ninguém? — estranhou Henrique. — Acabei de escutar alguém quase esmurrando a porta pelo lado de fora.

— Não senhor, ninguém chegou até sua porta não. Eu estou aqui já faz duas horas e não vi ninguém aí.

— Ninguém entrou?

— Não, doutor. Tenho certeza.

— Muito bem. — falou Henrique meio confuso, deve ter sido minha imaginação, pensou ele — Pegue os arquivos do desaparecimento dos dois meninos de Coelhoos com Gouveia e veja se ele descobriu mais alguma coisa.

— Ok, doutor!

Voltando para sua mesa, Henrique recostou-se na cadeira e olhando para a noite que se aprofundava deixou-se levar pelos pensamentos.

Neste mês que passara houvera uns seis desaparecimentos noticiados.

O mais estranho fora o do judeu.

Os outros, mais terríveis, pareciam ter sido obra de algum maníaco.

Todos eram crianças!

Um em Cajueiro, outro em Derby, um em Caminho Novo e dois em Coelhoos.

Todos ao redor do Largo do Chora Menino!

Só o do judeu havia sido em São José e somente ele não era criança.

Nos meses anteriores não havia sido noticiado nenhum.

O primeiro e mais antigo deste ano fora em fevereiro, pensou o delegado, curiosamente e exatamente no primeiro dia da Quaresma, na Quarta-feira de Cinzas.

Ele se lembrava bem, pois foi um acontecimento estranho, tal qual o do judeu:

O avô da criança dissera que Aquiles, esse era o nome do menino, estava andando de bicicleta na rua bem em frente de casa e que entrou apenas um instante, quando saiu só encontrou a bicicleta caía da calçada e já não viu mais o neto. Deram um busca por toda a Rua Epaminondas de Melo, até o lugar onde a rua estreitava era margeada por um canal do Rio Capibaribe, mas não encontraram sinal da criança. Ninguém havia visto nada! Chegaram a dragar o local para ver se a criança não havia se afogado, mas não encontraram nada.

Alguém bateu à porta e Henrique quase enfartou com um pulo da cadeira.

O detetive Gouveia abriu a porta:

— Aqui delegado, os arquivos dos dois desaparecidos de Coelhos!

— Descobriu mais alguma coisa?

— Nada delegado! Estamos na mesma coisa.

— Tivemos algum avanço naquele caso do desaparecimento de Cajueiro?

— Também não doutor. Pensávamos que o menino podia estar com o pai, que estava separado da mãe desde janeiro e que o havia levado consigo, mas encontramos o homem no início da semana e ele disse que estivera fora, trabalhando em Paraíso Thobias, confirmamos seu depoimento.

— Gouveia, me traga os arquivos dos desaparecidos do ano passado, sim!

— Todos, delegado?

— Todos. Preciso confirmar uma teoria!

— O senhor acha que é um maníaco? Porque o pessoal daqui da delegacia já até fez uma vaquinha pra....

— Fizeram uma o que?

O detetive enrubesceu e ficou sem jeito.

— Pois é....

— Gouveia, você sabe o que o Superintendente diria se soubesse disso?

Gouveia olhou o delegado com um olhar culpado.

— Foi ele que começou a vaquinha delegado!

Henrique balançou a cabeça desconsolado.

— Muito bem, eu me rendo. Mas não quero saber mais dessas coisas aqui. Já basta o fato de termos tantos casos não resolvidos. — então lembrou-se do homem que estivera em sua sala — Me diga uma coisa, você ainda sabe fazer retratos falados?

Gouveia aquiesceu:

— Sei sim.

— Sente aí então e faça um, senão vou esquecer a fisionomia.

— Agora? — perguntou Gouveia.

— Agora! — comandou o delegado.

Meia hora depois o retrato estava pronto.

Henrique o olhou, o chapéu caído no rosto escondia um pouco o semblante, mas era exatamente como se lembrava, principalmente os olhos!

— Agora leve pro setor de identificação, quero saber o nome dele o mais rápido possível!

Gouveia olhou o retrato e olhou o delegado sem entender.

— Eu conheço ele, delegado, o rosto apareceu nos jornais uns dias atrás.

— E como é o nome dele?

— Era chamado de negro Lauro, ou Jerônimo alguma coisa. Era um malandro que morava no centro, mas que foi assassinado uns trinta anos atrás. Era bem famoso na época!

— E sobre o que era a reportagem? — perguntou Henrique.

— Era sobre a criminalidade, as rodas de capoeira e a malandragem do início do século. Tinha um monte de fotos de malandros famosos da época. A maioria já morreu, a maior parte assassinada!

— Muito bem. Me traga os arquivos dos desaparecimentos então. — pediu o delegado.

Gouveia saiu.

Henrique foi até a janela e tirou um cigarro do bolso.

Acendeu e deu uma tragada.

A fumaça queimou seus pulmões de uma forma agradável!

A noite lá fora estava bem escura.

A lua era nova!

Ele sentiu um frio quase palpável envolve-lo e desapareceu, quase como um abraço fantasmal!

Sentiu o estômago embrulhar como se tivesse um milhão de borboletas voando dentro dele.

Então tudo terminou e ele suspirou aliviado!

A noite pareceu ficar mais clara, mas ele sabia que aquilo era apenas o começo!

*

1930, fim da Quaresma, Rua da Penitência, Recife Velho.

Bam! Bam! Bam!

Henrique abriu os olhos e ouviu uma voz distinta chamando-o.

— Já vou! Já vou! — gritou ele acordando completamente.

Levantou-se esfregando os olhos e abriu a porta da sala.

O sargento Heliodoro o esperava aflito.

— Bom dia doutor! O doutor Peçanha mandou chama-lo urgente.

— Aconteceu outro desaparecimento ou um assassinato? — perguntou Henrique preocupado.

— Não, mas apareceu uma coisa na casa do advogado.

— Apareceu uma coisa? Que coisa?

— Alguém entrou na casa de noite e escreveu umas palavras na parede da sala de estar, onde o homem havia sumido.

— Só isso?

— Escreveram com sangue, doutor. O doutor Peçanha está furo da vida com o caso! Já saiu em todos os jornais!

— Muito bem, já vou.

Henrique vestiu-se e saiu apressado.

Quando chegou no casarão já haviam quatro dúzias de policiais vasculhando tudo.

O Superintendente Peçanha o esperava na entrada.

— Henrique, precisamos resolver esse caso imediatamente! Acabou de ficar pior do que imaginávamos! Quero você vinte e quatro horas nele até encontrar o culpado!

— Mas é tão grave assim? — perguntou Henrique sem entender a gravidade.

Peçanha o levou para a sala de estar.

Havia quase uma dezena de policias revirando tudo em busca de alguma pista.

Na parede maior, onde havia uma tapeçaria de uma caçada estava escrito em letras vermelhas e trêmulas: “Estou terrivelmente faminto!”

O delegado ficou ali parado tentando entender as palavras.

Estavam escritas no que parecia ser sangue.

— É sangue! — confirmou Mancuso muito sério fechando sua valise.

— Sangue humano? — perguntou Henrique.

— Sim! — falou Mancuso balançando a cabeça.

— Como foi que aconteceu? Por onde o malandro entrou?

Peçanha ficou bem sério:

— Não sabemos ainda, todas as portas e janelas estavam fechadas e não havia ninguém na casa.

— Onde estava a esposa?

— Estava com o filho. — falou Peçanha muito transtornado com o fato — Ela descobriu hoje de manhã quando veio abrir a casa.

— Mas quem escreveu deve ter entrado por algum lugar. — concluiu Henrique.

— Deve sim. — concordou Peçanha – Mas ainda não identificamos o lugar. Deve ser uma porta secreta ou coisa que o valha.

Henrique riu.

— Não podemos cair numa coisa dessas, Peçanha. — depois desfez o sorriso com o olhar do outro de irritado — Se houvesse uma porta secreta o filho teria me dito ontem. Ele me mostrou o porão, mas lá não tem porta de saída só de entrada.

— Por algum lugar o meliante que fez isso entrou. — falou Peçanha alteando a voz nervoso — Quero que você descubra e prenda o desgraçado.

Depois pegando Henrique pelo ombro e levando-o para um canto sussurrou:

— O governador disse que vai colocar meu cargo à disposição se não resolver isso logo e se eu for embora você vai comigo, camarada!

Depois saiu da sala batendo os pés.

Henrique ficou ali parado.

Sentou-se por um momento em uma cadeira de espaldar alto.

Precisava pensar melhor.

Estava deixando passar algo.

Olhou novamente todo o aposento.

Tudo parecia normal, escuro, frio, mas normal!

Seu olhar parou sobre o espelho.

O espelho não parecia normal.

Levantou-se e caminhou até ele.

Olhou a moldura dourada.

Os pontos de ferrugem que se destacavam na parte de cima.

Sua imagem se refletia de forma tão clara.

Subitamente se deu conta de outra pessoa refletida ali.

No fundo da sala estava aquele malandro de novo.

Vestido de branco com o chapéu caído sobre os olhos, sorrindo de forma estranha como se soubesse de alguma coisa que ele não sabia.

Como ele havia entrado?

Com tantos policiais nenhum deles parecia vê-lo ali parado no fundo da sala.

Henrique voltou-se, mas o homem havia desaparecido.

Tão rápido quanto tirara os olhos do espelho.

Em um momento estava ali no outro havia sumido!

Chamou o sargento:

— Sargento, venha cá.

O sargento veio.

— O que vê no espelho?

O sargento Heliodoro olhou, desconcertado sem saber o que dizer.

— Vejo meu reflexo e o do doutor. A sala. Os outros policiais.

— Só isso? — perguntou o delegado irritado com a resposta tão previsível.

— Sim, doutor. Era pra ver mais alguma coisa?

— Não. Deixe pra lá.

Já estava saindo quando chegou outro policial, esbaforido, como se tivesse vindo correndo.

— Doutor, o detetive Gouveia pediu pro doutor dar um pulo lá na casa do primeiro menino que sumiu. Lá em Cajueiro. Disse que era urgente.

Henrique sentiu um frio terrível descer sobre ele.

Será que encontraram o corpo?

“Ah, meu Deus, não deixe que tenha sido o corpo, Senhor!” — pediu Henrique correndo para o carro.

*

Estacionou e desceu correndo.

Gouveia já o esperava na frente da casa.

Havia muitos policiais vistoriando todo o local.

— O que aconteceu? — perguntou Henrique sobressaltado.

Gouveia o olhou de forma estranha:

— Parece que o maníaco voltou, doutor.

Entraram na casa.

Henrique viu apenas policiais por ali.

— E os pais e avós?

— Tivemos que retirá-los. Estão na vizinha. Ficaram muito abalados. — explicou Gouveia.

Então entraram no quartinho do menino.

Estava frio ali, pensou Henrique, um frio desagradável que ia até os ossos.

Então ele viu.

Escrito na mesma caligrafia tremida e em letras vermelhas:

“Tenho fome!”

O chão pareceu faltar sob seus pés e o delegado precisou sentar-se.

— Quando aconteceu?

Gouveia o olhou bem sério.

— Hoje de manhã a mãe do menino encontrou.

— Hoje de manhã? Como assim?

— Hoje. Quando foram dormir não tinha nada escrito aí, então hoje de manhã quando ela veio arrumar o quarto encontrou isso. — falou Gouveia mostrando as palavras.

— Ele sabem se entrou alguém? Olharam embaixo da janela pra ver se deixaram pegadas?

— O quartinho estava fechado por fora doutor. A janela fomos nós que abrimos pra procurar pistas, por causa da luz que é fraca.

— Peça pro Mancuso analisar a tinta, mas acredito que é sangue. Tire fotos. Quero comparar com as que encontramos no sobrado do advogado.

— Também escreveram lá? — perguntou Gouveia sem entender.

— Sim, mesma letra, mesmo modo de fazer a coisa, mesmo lugar fechado. — explicou Henrique cansado.

— O senhor acha que foi a mesma pessoa? — perguntou Gouveia — Porque se foi poderemos ligar os dois casos....

— Foi a mesma pessoa, Gouveia. Só não me pergunte como foi que foi feito, mas tenho certeza de que foi a mesma pessoa.

Então uma coisa terrível passou por sua cabeça e ele se arrepiou com o pensamento:

— Vamos já passar na casa das outras crianças que sumiram. Preciso ter certeza de uma coisa.

Henrique pegou seu carro e foi com Gouveia diretamente para a casa da criança desaparecida em Derby.

Antes, porém mandou avisar o Sargento Heliodoro para ir direto para a casa dos meninos desaparecidos em Coelhos e esperá-lo lá.

Chegaram em poucos minutos no endereço da Avenida da Liberdade, perto da ponte que cruzava o afluente do Rio Capibaribe.

Quando estacionou Henrique já ouviu os prantos da família.

Na porta o pai da criança o barrou:

— O que quer aqui delegado? Veio rir da nossa cara?

— Deixe de ser besta, homem. Soube o que havia acontecido e vim investigar.

— Como soube se minha mulher acabou de abrir o quarto de José? — falou o homem com a voz embargada pelo desespero.

— Porque fizeram isso nas casas das outras crianças que sumiram. — disse Henrique consternado, e afastando o homem falou — Agora me deixe ver o que escreveram.

E entrou na casa.

A mãe estava chorando em um canto.

Ele foi direto ao quarto.

Gouveia o seguiu.

Quando entrou Henrique já imaginava o que iria ver, mas não sabia que seriam aquelas palavras!

Na parede do outro lado da porta estava escrito em letras tremidas e vermelhas:

“Vamos almoçar juntos delegado Henrique?”

Aquilo o desarmou!

Fosse quem fosse ele devia conhecê-lo.

Gouveia ficou estático sem saber o que fazer.

— Chame Mancuso e avise Peçanha que todos os desaparecimentos são obra da mesma pessoa! — comandou Henrique sentando-se, sentindo todo o aposento rodar ao seu redor — E mande alguém para a casa da vítima em Caminho Novo. Deve ter um desses lá também!

Gouveia saiu meio atarantado.

Henrique olhou as palavras na parede.

Alguém estava se divertindo fazendo isso.

Era realmente um maníaco!

E precisava ser encontrado antes que fizesse mais vítimas!

*

O Superintendente Peçanha o encontrou em sua sala pouco antes do almoço.

Ele estava completamente desarmado.

— O que é isso, Henrique? — perguntou Peçanha deixando-se cair na cadeira.

— Não sei Peçanha! Nunca vi nada igual à isso. Seja quem for é a mesma pessoa que pegou as crianças. E não foram somente cinco não! — falou Henrique mostrando uma pilha de quase cinquenta centímetros de pastas e arquivos.

— Como assim? Tem mais? — exclamou Peçanha levantando a cabeça.

— Tem sim. — contou Henrique pegando uma folha e mostrando — Aqui diz que só no ano passado foram quase cem casos de desaparecimentos de crianças e outros cem de adultos. A grande maioria pessoas pobres e que ninguém procurou mais ou pessoas que moravam na rua ou sem família. Só foram noticiados como estatísticas!

— Como sabe que são desaparecidos? Podem só ter se mudado. — falou Peçanha tremendo com a possibilidade.

— Ora, Peçanha, não vem com essa pra cima de mim não. Não sou o pessoal dos jornais que você dá volta e eles caem fácil. Temos um criminoso perigoso nas mãos aqui! E ele é muito esperto.

— Então porque foi aparecer justo agora? Emburreceu?

— Acredito que ele quer que saibamos que ele existe. Quer chamar nossa atenção! Por isso esse estardalhaço todo. Por isso só agora pegou alguém famoso. Para chamar nossa atenção.

— Não entendi.

— Ora Peçanha, até agora ele era invisível, pegando apenas pessoas ou crianças que ninguém ligava. Então resolveu ser reconhecido pelo que fazia e pegou o advogado. Se não tivesse feito isso os casos das cinco crianças seriam só mais uma estatística de crianças sumidas!

Peçanha baixou a cabeça.

— Mas justo agora. Assim ele vai me arruinar.

Henrique ficou com raiva e deu um murro na mesa.

— Você vai ficar arruinado? E as famílias das crianças que desapareceram? Quem vai devolver os filhos delas?

— Talvez ele resolva devolver....

— Ou você é idiota ou quer se fazer passar por um. — falou Henrique levantando-se irritado — Essas crianças estão mortas, Peçanha, nada vai trazê-las de volta!

— Então temos que pegar o desgraçado.

— Sim temos, mas numa cidade de mais de duzentos e cinquenta mil habitantes como vamos encontrar um indivíduo? Nem sabemos como ele é ou que idade tem. Corremos contra o tempo. Ele já pode ter ido embora da cidade há esta altura. — falou Henrique sentindo-se completamente incapaz.

— Então temos que apelar para outros métodos. — disse Peçanha levantando-se também.

— Que outros métodos? — perguntou Henrique sem entender onde o outro queria chegar.

Peçanha baixou a voz como quem ia contar um segredo:

— Você já ouviu falar da Faquiresa Madame Elíade?

— Não me diga que é aquela cartomante cigana que vive aparecendo nos jornais, naqueles escândalos todos?

— Ela mesma. E não é cigana, é grega! — corrigiu Peçanha.

— Você não vai transformar isso em um circo, Peçanha. Já temos muitos problemas com todos esses crimes, se chamarmos uma pessoa dessas o povo vai rir da nossa cara e aí é que você vai estar arruinado de vez. — falou Henrique irritado com a atitude do outro.

— Pois vou chamar ela sim! — disse Peçanha batendo o pé — Se não conseguimos encontrar o criminoso pelos métodos normais talvez ela nos ajude. Não se esqueça que já usamos pessoas assim antes em casos difíceis.

— Que casos que nunca fiquei sabendo de nenhum?

— No caso do lobisomem de 1890 ou do vampiro de Suassuna em 1910. — falou Peçanha.

— Você só pode estar brincando! — disse Henrique — Como é que uma farsante, uma cigana, vai nos ajudar à pegar o criminoso?

— Não sei ainda, mas vai nos ajudar. Vou lá agora. — falou Peçanha encaminhando-se para a porta — E você vem comigo!

Henrique rendeu-se ao outro.

Talvez afinal de contas isso tivesse algum efeito na investigação que já estava num beco sem saída!

*

O tal gabinete das ciências ocultas ficava na Rua do Hospício!

O delegado desceu do carro com Peçanha e olhou o pequeno prédio à sua frente.

A fachada era verde claro e azul.

No segundo andar havia uma placa verde claro com letras brancas: “Consultório de Assuntos Ocultos”, cercada de estrelas douradas de cinco pontas.

“Bem chamativo” — pensou Henrique.

No andar térreo havia uma pequena loja de secos e molhados.

Ao lado da vitrine havia uma porta lateral e uma escada estreita.

Peçanha foi direto para a escada, já conhecia o lugar de outras vindas.

Henrique seguiu-o, mas parou subitamente amedrontado, havia um grande cão preto parado perto da escada que latiu e rosnou para ele quando se aproximou.

Henrique voltou-se para o lado, pois parecia que havia uma pessoa segurando o cão por uma corrente, mas não viu ninguém.

Quando se voltou para o cão novamente, este havia sumido!

Subiu as escadas devagar, logo atrás do Peçanha.

O superintendente estava agitado e nervoso.

No topo havia uma porta vermelha com uma estrela amarela e os mesmos dizeres da placa do lado de fora.

Peçanha deu uma batida dupla e a porta abriu-se quase em seguida.

Do outro lado havia um homem alto de pele branca com cabelos cinzentos e uma barba comprida, vestia um tipo de toga preta com um cinturão prateado e muitos anéis coloridos nas mãos ossudas.

— Bom dia, em que posso ajudá-los? — disse ele com uma voz funda.

— Estamos aqui para ver Madame Elíade! — disse Peçanha querendo sorrir.

— Entrem e sentem-se que ela irá atendê-los logo. — disse o homem mostrando algumas almofadas em um canto.

Eram o único móvel no cômodo.

Havia também um grande tapete circular no centro do aposento e do outro lado perto da porta uma grande pirâmide de metal prateado.

Henrique reparou que as paredes eram em um tom de azul claro, não havia quadros nem tapeçarias pendurados nelas.

O homem alto saiu por uma porta branca.

Após alguns minutos ele voltou e mostrou-lhes a porta aberta.

— Ela vai atendê-los agora!

Henrique e Peçanha passaram pela porta.

O outro aposento parecia uma loja de antiguidades, cheia de móveis antigos com estatuetas e berloques dispostos em cada canto e superfície, pequenos tapetes de tecidos variados e um sem número de xícaras de café e chá, como uma coleção estranha.

Havia um cabide de chapéus com várias capas coloridas dependuradas e no centro do aposento uma mesa de vidro azul com quatro cadeiras.

O homem alto sentou-se ao lado da mulher e Peçanha e Henrique nas duas cadeiras à frente deles.

Ela estava vestida com um vestido vermelho de cigana, cheio de rendas, lantejoulas e pedrarias coloridas, o cabelo preso em um lenço vermelho e preto, as mãos bem brancas cheias de adereços, pulseiras e anéis coloridos.

O rosto impávido e sereno estava de olhos fechados.

Era bonita, pensou Henrique, mas com um ar distante e até mesmo um pouco arrogante.

Quando se sentaram ela abriu os olhos!

Eram bem azuis, como o mar, pensou Henrique.

— O que posso fazer pelo senhor, Doutor Peçanha? — falou ela com uma voz grave e séria, que destoava de todo o conjunto, com um sotaque estrangeiro, uma mistura de inglês e russo talvez, e ao mesmo tempo tentou forçar um sorriso que saiu de forma muito esquisita.

Peçanha engoliu em seco e gaguejou.

— Temos um criminoso, veja bem, aquele do caso do advogado desaparecido, eu.... Nós precisamos encontrá-lo....

Ela levantou a mão e ele parou de falar, contendo a respiração.

Então as luzes diminuíram, ela fechou os olhos e disse:

— Ele é um homem muito esperto, Superintendente! — falou ela em um tom de voz seco.

— Consegue vê-lo? Sabe o nome dele? — perguntou Peçanha nervoso.

— Eu o vejo, andando pela rua nesse momento... — falou a mulher dando uma pausa dramática.

— Onde ele está indo? — perguntou Peçanha novamente. — É no bairro de São José?

— Sim. — concordou a mulher — Ele procura alguma coisa!

— Uma criança? — perguntou Peçanha excitado com a resposta.

— Sim, ele procura uma criança pela rua.... — então a voz dela sumiu e ela abriu os olhos assustada

— Alguém falou alguma coisa!

— O que? — perguntou Peçanha.

— Eu.... Não vejo mais nada! — disse ela nervosa olhando para um dos cantos do aposento de forma bem assustada.

Henrique seguiu seu olhar e viu aquele mesmo homem de branco que estivera em seu escritório.

Ele sorriu um sorriso terrível.

Henrique se levantou e foi até ele:

— Eu sei quem você é! — falou tentando confrontá-lo.

O homem sorriu mais.

— Eu sei que sabe, doutor delegado! — e apontou para a mulher — Ela também sabe, não é cigana?

A mulher balançou a cabeça concordando em silêncio com o olhar assustado demais.

— Eu sou tudo! — o homem falou — E se tem amor à sua alma, cigana, deixe tudo e fuja para bem longe, porque aqui tudo é meu e se ficar eu voltarei para visitá-la!

Henrique olhou para o homem sem entender as palavras e no segundo seguinte ele sumiu da sua frente, como se nunca tivesse estado lá.

O delegado voltou-se para a mulher.

— Você sabe quem é ele? O que ele quer? Qual a ligação dele com o criminoso que raptou as crianças e o advogado?

Ela balançou a cabeça concordando, as palavras foram bem difíceis de pronunciar:

— É a cidade! — falou ela com a voz tremendo, desta vez sem sotaque nenhum — A cidade está assombrada!

E não disse mais nada!

*

Já de volta na delegacia Peçanha estava irritado e inconformado com o resultado da visita à cigana:

— Ela nos chutou para fora do lugar! Nunca aconteceu uma coisa dessas comigo antes! E depois disse que iria embora da cidade para nunca mais voltar!

Henrique recostou-se na cadeira e deu uma tragada no cigarro.

— Ela era uma farsante, Peçanha! Disse o que você queria ouvir, apenas isso.

— É, mas depois que você se levantou e ficou falando com o ar ela mudou, ficou estranha. Com muito medo de alguma coisa, sei como é isso, já vi pessoas amedrontadas antes e ela estava quase morrendo de tanto medo. O que ela viu ali com você? O que foi que houve?

— Já te falei. Tinha um cara no canto, mostrei o retrato falado dele....

Peçanha pegou o desenho de cima da mesa e olhou de novo.

— Sei. — disse ele sem dar muito crédito às palavras de Henrique — O mesmo homem que esteve aqui na sua sala outro dia? O que sumiu logo depois, bem na sua frente?

Henrique sentiu um silêncio bem desconfortável.

— Falando assim parece que tive uma alucinação. — disse o delegado meio nervoso — Mas não tive não. Eu vi o homem e ela também viu e sabia quem ele era também! E ele parecia conhecê-la muito bem!

— Mas não resolveu nosso problema, não é?

— Não! Ela disse que a cidade estava assombrada.

Peçanha riu sem entender.

— Como uma cidade pode estar assombrada? Se fosse uma casa eu mandava chamar um padre ou derrubar, Agora estamos sem pistas de novo.

— Deve ter um jeito de descobrirmos o criminoso. Ele deve ter tido algum caso com o homem que apareceu, vou descobrir o que é. — falou Henrique, mais para si mesmo do que para o outro.

— Pois bem, você tem dois dias somente! — falou Peçanha abrindo a porta para sair.

— Porque dois dias? O que vai acontecer em dois dias? — perguntou Henrique sem entender.

— O Prefeito prometeu me exonerar e você junto! — explicou Peçanha saindo e batendo a porta.

*

Henrique bebericou o resto de café já quase gelado e tragou profundamente o cigarro.

As horas da madrugada se escoavam como areia e ele se sentia impotente para resolver o caso.

Descobrir a identidade do criminoso era como descobrir uma agulha em um palheiro de dezenas de quilômetros quadrados.

Olhou a pilha de desaparecimentos e depois a nova pasta que encimava a pilha.

As quarenta e oito horas que Peçanha havia lhe dado estavam se esgotando, mas para o Peçanha isso já não importava, ele agora também fazia parte das estatísticas.

Havia desaparecido na noite anterior!

Desaparecido de sua sala fechada!

Outro Superintendente deveria ser nomeado, mas para ele, Henrique, isso já não importava muito.

O prazo do Prefeito estava terminando e logo ele seria apenas mais um civil.

Logo nada mais iria importar.

Voltou o olhar para a pilha de pastas.

Não havia nada ali que lhe indicasse qualquer pista.

Eram apenas relatos sem sentido, conversas e disse-me-disse, nada concreto, nada palpável.

Não havia um só nome ali que lhe indicasse qualquer coisa.

A única pista, talvez, fosse aquele malandro morto!

Ele deveria saber de alguma coisa.

Mas não tinha parentes vivos, na realidade ele fora o último de sua família.

E estava morta há mais de trinta anos.

Não havia mais ninguém vivo que o conhecesse.

Pegou o jornal velho, a edição que trazia a história da cidade e de seus malandros.

Havia conseguido no jornaleiro perto da delegacia.

Ele costumava guardar alguns jornais para clientes retardatários, como Henrique, foi uma sorte!

Leu novamente o artigo.

Havia um bar que o malandro costumava frequentar, era o Café Elísio, antro renomado de malandros, boêmios e capoeiristas de toda a cidade desde o início do século.

Estava fechado já, de acordo com o jornal.

O dono falecera há uns anos atrás e os herdeiros o venderam.

Agora era uma loja de roupas.

Não havia nenhuma pista lá!

Nesse momento a porta de sua sala se escancarou e depois se fechou com um estrondo amedrontador!

Henrique afastou-se até a janela.

Havia alguém ali com ele, ele sabia, podia sentir.

Mas a sala estava mais escura.

A luz parecia baça e penumbrenta.

Escutou o som de passos no assoalho de madeira à sua frente.

Como se alguém andasse ali de um lado para o outro.

Ele prestou atenção.

Era sua mente lhe pregando peças, pensou ele.

Mas ao mesmo tempo que mentia para si mesmo sentiu um frio irreal que o envolvia lentamente.

Subitamente soaram as batidas na porta.

Bam, Bam, Bam.

Ele congelou no lugar.

O medo irracional invadindo sua mente.

Não conseguia se mexer, apenas olhar.

Ouviu uma voz de mulher cantando baixinho uma melodia, não conseguia ouvir as palavras, mas era triste, linda, porém triste, melancólica.

A melodia o fazia lembrar-se de uma história de amor e morte!

Um vento frio soprou da porta e ele ouviu a melodia se esvaír.

Então sentiu um estranho movimento de ar e os passos vieram em sua direção.

E foi como se algo ou alguma coisa passasse a mão sobre seus cabelos.

Ele se arrepiou com o medo!

E tudo passou e ele estava sozinho de novo.

Mas desta vez ele sabia que não estava e que ali naquele lugar ele nunca mais estaria só!

E isso o encheu de terror!

*

O nascer do dia o encontrou acordado!

Não conseguia dormir, nem ir para casa.

Lá estaria só, irremediavelmente só com o que estivera ali na noite anterior.

Alguém bateu à porta.

O sargento Heliodoro entrou.

— Bom dia doutor. Não foi dormir?

— Não sargento.

— O doutor vai embora mesmo hoje? — perguntou o sargento meio triste.

— Sim. O prazo do Peçanha se esgotava hoje. Sem prender o criminoso eu estou fora do caso e do cargo.

O delegado Henrique ficou ali, sentado na cadeira, olhando para o sol que subia pelo horizonte.

“O tempo é uma constante!” — pensou ele lembrando-se das aulas da escola.

Juntou os fatos e a conclusão era quase óbvia!

Alguém estava fazendo desaparecer pessoas na cidade, isso já vinha acontecendo havia muito tempo. Talvez desde a época do Império, não tinha certeza, os dados daquela época eram muito vagos. Ele amava a cidade, ela era bela como nenhuma outra, um beleza eu era majestosa e ciclópica em sua grandeza, por vezes quando era menino gostava de ir até o centro da cidade com a tia para passear por aquelas ruas cheias de gente, como um grande labirinto, Aquela vastidão inexplorada de lugares, casas, cômodos, sempre o fascinara. Havia porem um outro lado que ele somente agora conseguia ver. O lado bestial que consumia uma parte das pessoas que morava ali. Agora ele sabia disso, havia conseguido todas as provas que precisava, mas ninguém iria acreditar nele. Pois a prova mais importante era sua crença que aquilo realmente pudesse existir. Já havia ouvido falar dele quando era bem pequeno, quando sua mãe o deixava em casa com a babá e ela lhe contava aquelas histórias terríveis sobre como a própria cidade tinha fome e se alimentava das almas daqueles que habitavam ali. A velha babá o chamava de Rapa-Carniça! Fora a primeira vez que ouvira aquele nome! Só ouvira aquele nome mais duas vezes durante toda sua vida. Uma vez, quando estava no colegial e havia perguntado à um velho professor de história sobre as assombrações que eram vistas ali. Ele havia citado várias, o Lobisomem, a Mula sem Cabeça, a Cabra Cabriola, o Boca de Ouro, mas não havia falado à respeito daquele outro, foi então que Henrique havia perguntado: — E o Rapa-Carniça o senhor já ouviu falar nele? O professor ficara lívido e dissera: — Nunca dê nome ao que não pode ser nomeado, Henrique! Ele pode ouvir! Nunca havia esquecido daquelas palavras. Na noite anterior ele havia ouvido pela terceira vez aquele nome. Desta vez, porém da boca fantasma do velho negro Lauro! Ele sabia bem o que aquilo queria dizer. Ele havia ouvido Henrique dizer seu nome e viera! Henrique olhou para fora da janela. O dia quase se fora todo, ele nem notara, passara voando como uma miragem. A luz ia mingando pelo crepúsculo. O frio e o medo que o acompanhava se infiltravam em seu espírito devagar.

Ele sabia que não havia nada que pudesse fazer!

Não havia para onde fugir ali.

Porque o fantasma que assombrava era a própria cidade!

Ele sabia o que devia fazer.

Abriu uma gaveta em sua mesa, a última gaveta que sempre deixava trancada à chave.

Trouxe de lá o revólver e olhou o tambor, estava carregada, não que precisasse de todas as balas, apenas uma iria servir para o fim que lhe era destinado.

Olhou a última luz do sol desaparecer por detrás dos contornos sombrios dos casarões centenários e levou o cano à têmpera.

Naquele infinito e prazeroso segundo antes do disparo teve um lampejo de epifania:

“Agora ele jamais poderá me alcançar!”

IV – O Assombrador

“De olhos fechados todos os monstros podem te ver!”

Quadrinha Infantil

1930, Noite de Natal, Recife Velho.

A monstruosa cidade espalhava-se fantasmagórica em frente ao fabuloso mar!

Existia por mais de quatrocentos anos e certamente ainda iria existir por outros quatrocentos.

Suas ruas estreitas ladeadas de casarões centenários, suas avenidas largas cercadas de torres de vidro e aço continuavam assombradas!

Os frontões de seus casarões, antigos e novos, como rostos sisudos cheios de olhos-janelas abertos observavam cada movimento, cada vida que passava à sua frente.

A velha cidade olhava e vigiava!

Pelos crepúsculos que corriam pelo céu rostos caminhavam de janela em janela, de espelho em espelho, vigiando!

Às vezes era o negro Lauro, caminhando pelas ruas de paralelepípedos, nas madrugadas frias do inverno, o solado dos sapatos estalando o silêncio cru!

Às vezes era o pescador Jerônimo escutando sua melodia solitária sentado no madeirame do cais ou sobre o esqueleto de algum barco abandonado na praia deserta!

Às vezes um rosto fugidio e sem nome de uma criança esquecida brincando pelos balanços vazios dos parques nas madrugadas de primavera!

Às vezes até mesmo o semblante triste do delegado Henrique que vinha assombrar os malandros pelas horas mortas!

Mas nas entranhas da velha cidade só a escuridão imperava!

E se alimentava do medo que causava!

E por suas ruas a melancolia e a solidão andavam de mãos dadas, porém aquilo que as acompanhava era solitário e mau!

FIM?

A dark, atmospheric photograph of a forest at night. A path of stone tiles leads from the foreground towards a house in the distance. The house has a single window that is brightly lit with a yellow light, creating a focal point in the scene. The trees are tall and thin, their silhouettes dark against the misty, blue-toned background. The overall mood is mysterious and eerie.

V – O Enigma da Efígie

*“Para Athena,
Que foi a Inspiração!”*

Prelúdio

*Ὅρῶ γὰρ ἡμᾶς οὐδὲν ὄντας ἄλλο πλὴν
εἶδωλ’, ὅσοι περ ζῶμεν, ἢ κούφην σκιάν.*

*“Vejo, pois, que nada somos além de fantasmas,
todos nós que vivemos: apenas sombras vazias.”*

Sófocles

10,000 A.C., Körtik Tepe, atual Turquia

Hordas de gazelas de pelagem marrom e branca moviam-se em um só rebanho pela planície!

Cruzando aquele mar verde um rio de águas profundas e calmas corria.

Em sua superfície de vidro azulado bandos de gansos selvagens e patos nadavam e voavam.

Bandos de árvores cheias de frutas de nozes ondulavam em ilhas luxuriantes pela planície!

Esparadamente espalhavam-se por sua vastidão verde campos maduros de cevada e trigo.

Uma grande colina dominava todo o cenário paradisíaco, com sua cabeça opulenta e terrosa sobressaindo-se da verdura da planície.

Sobre ela um grande anel de pedras se levantava como um colar agourento!

O chão era de placas amarelas de calcário endurecido.

Os pilares eram gravados com assustadoras e formidáveis figuras de escorpiões, serpentes, leões e aranhas!

O topo era rebaixado em forma de uma arena funda com as paredes de degraus concêntricos também construídos em calcário endurecido, porém de uma cor esverdeada.

O centro estava imerso em uma bruma densa.

Uma figura solitária caminhava pela planície.

Um caçador trazendo às costas uma presa.

Ele subiu devagar a colina e o sol do meio-dia queimou lhe os olhos.

Já no topo ele retirou das costas a presa, o sacrifício, e desceu com ela nos braços até que seus pés mergulharam na bruma densa.

Ela estava fria!

Mesmo com o sol quente à pino o homem tremeu quando sentiu os dedos gélidos da bruma tocando sua carne.

Entrou cautelosamente até que a bruma chegou à sua cintura.

Então ele pareceu chegar ao seu limite e parou!

Abaixou-se e deixou cair ao corpo da presa dentro da bruma e com isso ela o envolveu até quase o pescoço.

Um medo e um desespero sem sentido pareceram tomar conta dele, mesmo assim ele se controlou e permaneceu ali, parado!

Os minutos se escoaram enquanto o homem orava à Deuses muito antigos que já não possuíam nomes.

Ele esperava, não sabia bem pelo quê, mas esperava!

Determinado em sua própria fé!

Algo moveu-se preguiçosamente muito além de onde ele estava.

Como um grande peixe movendo-se abaixo da superfície do vasto oceano.

A bruma ondulou em círculos concêntricos.

Ele pode ouvir o silêncio que se aproximava.

Alguma coisa veio e levou o corpo da presa para longe.

Ele pôde ouvir o som de dentes mergulhando na carne e partindo os ossos.

O som o angustiou!

Durante um tempo que lhe pareceram horas ele esperou até que todo o barulho cessou.

Então ele ouviu um ronronar suave e uma voz mansa e sedosa veio de dentro das brumas e quando a ouviu ele temeu, porque soube que suas preces haviam sido atendidas!

I

*“Você me respondeu,
Embora eu nunca lhe perguntasse nada,
O que eu sou?”*

Adivinhação da Esfinge

1902, janeiro, noite de lua cheia, Igreja da Cruz das Almas — Recife Velho.

A fachada amarela da igreja destacava-se hirsuta na luz branca da lua!

Suas três portas frontais já estavam fechadas e há algum tempo o pároco já havia se deitado.

No pequeno descampado que havia atrás da igreja, pontilhado de árvores baixas, uma raposa regougou e as árvores ondularam na noite sem vento que logo foi banhada por uma névoa leitosa e iridescente.

Um outro som, como um riso leve de mulher, veio caminhando no vento noturno como se ondulasse pelas copas das árvores, e foi como se uma raposa viesse gingando pelo meio dos troncos baixos, mansamente, seu pelo era dourado e vermelho.

Naquelas terras não havia histórias sobre raposas, elas era originárias de longínquos países orientais, onde se contavam que espíritos e fantasmas tomavam a forma de raposas e outros animais do campo para pregar peças nos homens, geralmente caçadores, ou para enfeitiçá-los e levá-los à perdição dentro de florestas escuras.

Assim, naquelas histórias as raposas eram muito astutas, fingiam fugir e rodeavam suas presas, à espreita de uma oportunidade para enfeitiçá-las, mas naquela noite não havia presas ali, apenas árvores baixas e uma igreja.

E a raposa não estava interessada no pároco!

O sereno molhava toda a relva à volta da igreja, as pedras brancas do caminho que a ladeavam brilhavam com suas gotas cristalinas.

Dentro da igreja, em sua cama, o pároco retornou de um sonho ambíguo, subitamente estava com calor, em instantes pôs-se à arfar e um suor frio começou a descer por todo seu corpo, o coração disparou agitado.

Ele acordou por alguns momentos, ouviu um som distante e sobrenatural, como uma flauta suave e sibilante, um som coleante e insinuante que brincava no vento da noite e enchia-lhe os ouvidos sonolentos fazendo-o esquecer-se de tudo o mais, com promessas loucas!

Mas logo em seguida mergulhou novamente nos sonhos e deixou tudo aquilo para trás!

O vulto da raposa destacou-se por detrás de um tronco e pareceu mudar, se metamorfosear, logo era um vulto feminino, cuja silhueta a névoa da noite enluarada tornava imprecisa e sinuosa, ela usava um longo véu que cobria-lhe o rosto, seus cabelos negros e lisos caindo sobre os ombros desnudados pelo vestido de um veludo esverdeado, enquanto os dedos ágeis tocavam uma flauta oriental.

O vulto feminino alcançou uma pequena clareira mais adiante e destacou-se nitidamente da névoa e do luar da cintura para cima contra o céu ainda iluminado.

Ela era linda!

Subitamente um outro vento soou, vindo de um lugar mais além, seco e árido e o som que trouxe foi mais como o farfalhar das folhas secas sobre um chão de terracota.

A mulher parou de tocar a flauta e guardou-a por entre as dobras do manto, levantou a cabeça e o véu que a cobria caiu para trás revelando toda a sua beleza.

Outra sombra se destacou na noite!

A mulher recuou um pouco, como se sentisse medo!

Sua voz tremeu.

— Minha Senhora! Você veio! — exclamou ela em uma voz suave e ciciante.

Ela ouviu um ronronar suave e uma voz mansa e sedosa veio de dentro da escuridão que se desdobrava além do luar.

E então as nuvens encobriram a lua!

*

A manhã surgiu chuvosa.

A garoa forte e fria já ensopava o casaco do delegado Fábio dos Santos quando ele desceu da caleça na frente da igreja.

Encaminhou-se diretamente para o Sargento Dias.

— O que foi que houve, Sargento?

— Foi o padre, delegado. Mataram o padre! — falou o Sargento em um tom desgostoso.

— Como foi que aconteceu?

— Não sei. Parece um ataque de animal selvagem. Talvez uma onça fugida.

— Que disparate Dias, onde já se viu uma onça fugida quase no centro de uma cidade como essa? E porque ela ia atacar justamente o padre?

— A porta dos fundos da igreja estava aberta, assim pode ser que ele tenha acordado e escutado alguma coisa do lado de fora e saiu para ver, foi aí que o bicho o pegou. Estava de camisolão ainda.

— Acharam alguma marca de patas? Algum rastro?

— Não senhor, só algumas marcas de cachorro pequeno ao redor dos fundos e do corpo.

— Cachorro? Quer dizer que junto com a tal onça agora temos um cachorrinho? — disse o delegado irritado.

— Parece brincadeira, mas não é não delegado. — disse o Sargento conduzindo-o até o corpo do padre e às tais marcas.

O delegado olhou o corpo.

Havia sido bem mutilado.

Não era um trabalho de gente não!

Realmente parecia um ataque de animal.

Mas ali dentro da cidade? Não era possível!

Voltou-se para o doutor Humberto Coelho, o legista:

— Qual sua opinião Humberto?

— Bem, Fábio... — começou o médico limpando as mãos em um pano e levantando-se de junto do corpo – Tudo parece palco de um ataque de animal selvagem, acredito que uma onça, as marcas indicam isso, as marcas de garras mostrando o que houve, mas não temos marcas de dentes, assim posso dizer que ela o matou, mas não o comeu.

— Então não estava com fome? Porque o matou?

— Não sei explicar. Talvez ele a tenha assustado e ela o atacou.

— Como assim?

— Vê essas outras marcas de patas de cachorro pequeno? — disse o médico apontando para diversas marcas pelo chão ao redor do corpo — Acredito que a onça estivesse caçando o cachorrinho e quando o padre apareceu ficou assustada e o atacou.

— Assim do nada?

— Bem ela é um animal selvagem, quando assustada ela ataca, se defende por assim dizer. Acredito que foi isso o que houve.

— Vai colocar isso no seu relatório?

— Vou! — confirmou o médico balançando a cabeça.

O delegado também balançou a cabeça, mas não sabia ainda o que iria fazer.

Andou pelo lugar todo.

Enfim, perto de uma árvore mais distante encontrou uma coisa que fez ainda menos sentido que tudo aquilo.

Uma marca de pé descalço, um pé pequeno, como de mulher nova e no tronco de uma árvore próxima a marca ensanguentada de uma mão pequena.

O delegado chamou o Sargento:

— Traga o Dr. Humberto para ver isso depois que ele terminar com o corpo do padre e mande tirarem algumas fotos das marcas da mão, também quero que me façam um molde de gesso dessa marca de pé ali – disse ele apontando para a pegada — e das marcas de cachorro. Tem alguma coisa estranha nisso tudo!

— Então tinha uma mulher envolvida com o padre? — perguntou o Sargento sorrindo.

— Não tire conclusões precipitadas Sargento. Tudo pode ser apenas circunstancial, mas como não descobrimos ainda a ligação entre a marca e a pegada com o corpo do padre não podemos afirmar nada. Não existem provas ainda. — e dizendo isso puxou o Sargento de lado e disse entre dentes — E não comece a falar com seus amigos dos jornais. Se isso vier à tona antes de termos alguma coisa de concreto vou arrancar sua pele!

O delegado voltou para a Repartição Central da Polícia e quando entrou em sua sala já encontrou o Chefe de Polícia, Dr. José Antônio à sua espera.

Tirou o casaco pesado da garoa e pendurou-o em um cabide.

— Bom dia Dr. Antônio.

— Fábio, estou muito preocupado!

— Com o que?

— O padre assassinado! O Bispo já esteve em minha casa logo de manhã e me fez prometer que encontraríamos quem fez isso.

O delegado Fábio sentou-se torcendo as mãos.

— Talvez não seja tão simples assim, parece que foi um ataque de animal selvagem.

— Como? Não entendi. — falou o Chefe de Polícia levantando-se.

— Sim, um ataque de animal selvagem. O Doutor Humberto está lá verificando o corpo, mas ele me confirmou que parece ataque de onça, só não me pergunte como foi que ela chegou lá porque isso ainda não descobri, mas estamos investigando.

— Uma onça atacou o padre do lado de fora da igreja? — falou o Chefe de Polícia incrédulo.

— Bem... sim. Ele deve ter acordado com um barulho, foi ver o que era e era a onça. É o que presumimos até então pelos indícios que achamos.

— Me dê certeza de tudo porque preciso prestar contas ao Bispo o mais rápido possível. — disse o Chefe de Polícia saindo e batendo a porta.

Devagar o delegado recostou-se em sua cadeira.

Realmente parecia ter sido um ataque de animal selvagem.

Mas ainda o intrigava a pegada e a marca da mão ensanguentada.

Mal havia se perdido em seus pensamentos quando entrou um soldado correndo na sala:

— Delegado, houve outro crime!

— Outro? Como assim?

— Encontraram uma dona morta em casa lá pro lado do Bairro dos Aflitos.

O delegado pegou o casaco molhado e saiu.

*

O delegado Fábio desceu da caleça em frente à uma casa grande na Rua do Espinheiro.

A frente da casa, toda de tijolos vermelhos era feita em estilo oriental, os beirais do telhado desciam em arabescos dourados e havia grandes janelas caiadas de branco com cortinas azuis.

O portão de bronze possuía duas colunas vermelhas cujo topo tinha duas estátuas em tamanho natural representando raposas.

O jardim ordenado também em estilo oriental era diferente de tudo o que o delegado já vira, traduzia uma calma e tranquilidade incomuns.

Ele cruzou a passagem de pedras redondas e lisas que ligavam o portão à casa.

A porta de frente estava aberta!

O Sargento Luiz Augusto o esperava do lado de dentro.

— O que foi que aconteceu? — perguntou o delegado — Quem morreu?

— Os vizinhos disseram que ouviram gritos de madrugada e a porta da frente estava aberta pela manhã, do jeitinho que está agora. A dona, uma senhora Fei Li, chinesa acho, não foi encontrada, mas achamos uma coisa muito estranha que o senhor vai querer ver!

O Sargento conduziu o delegado pelo átrio até uma grande sala adjacente cheia de estantes de livros e bibelôs orientais com uma grande mesa e cadeiras estofadas de azul, turquesa e dourado, bem caras.

As paredes que não tinham estantes continham tapeçarias orientais bem antigas, com motivos de animais e pessoas misturados.

No centro da sala o delegado viu o que havia de estranho em tudo aquilo:

Um vestido branco, rendado, cheio de salpicos vermelhos, provavelmente sangue, estava jogado sobre o tapete e dentro do vestido, quase como se o estivesse usando, havia o corpo de uma raposa vermelha, morta!

— O que significa isso? — perguntou o delegado olhando ao redor sem entender — É alguma brincadeira?

— Não delegado. Foi assim que encontramos o lugar! Não movemos um palito desde que chegamos. Estávamos esperando o senhor!

O delegado afastou-se um pouco e olhou novamente ao redor, desta vez com olhos críticos, procurando qualquer coisa fora do lugar!

Nada parecia fora do lugar ali, a não ser o vestido e o corpo do animal.

Foi então que ele notou uma coisa diferente.

Perto da entrada, sobre o ladrilho do chão frio, entre os tapetes, havia um par de pegadas de pés descalços marcados em barro vermelho!

Havia algo ali que não se encaixava!

Subitamente uma outra marca surgiu sob seu olhar inquisidor.

Desta vez no umbral da porta.

Uma marca de uma palma ensanguentada!

O delegado lembrou-se da marca da palma no tronco da árvore, no caso do pároco.

Podia jurar que eram iguais.

— Vá chamar o doutor Humberto e peça para o Dias trazer a câmera fotográfica! — disse ao Sargento. — Quero fotografias de tudo aqui e principalmente dessas pegadas e dessa marca aqui.

E assim falando apontou ao Sargento as provas.

Depois que o Sargento saiu o delegado fechou a porta e sentou-se em um banquinho no átrio.

Era tudo muito estranho aquilo.

Não havia explicação plausível!

Subiu a escadaria para o primeiro andar e procurou nos dois cômodos que lá havia, porém nada encontrou.

Desceu e sentou-se novamente no banquinho do átrio.

Estava imerso em seus pensamentos quando ouviu uma batida seca à porta.

Será que o doutor já havia chegado? Tão rápido!

Levantou-se e abriu a porta.

O velho do outro lado o espantou com sua figura.

Era um velho negro, provavelmente com mais de oitenta anos, ele estava todo vestido de branco, com um terno muito elegante e uma bengala preta de castão de osso, um chapéu também branco completava a indumentária.

O delegado foi incisivo:

— Quem é o senhor e o que faz aqui?

O velho sorriu um sorriso nascido de velhas lembranças.

Depois respondeu com uma voz rouca e arrastada:

— Me chamo Hiram Zazué. Sou um amigo da dona da casa!

O delegado olhou-o de alta À baixo desconfiado.

— Ela não está. O senhor sabe do paradeiro dela?

— Não. Vim aqui à procura dela.

— Ela o chamou? Quando?

— Ela mandou-me ontem um recado pelo empregado dizendo que precisava falar urgente comigo, mas não disse por quê. Só pude vir hoje! Acabei de chegar da estação de trem. — falou o velho mostrando um bilhete de trem usado.

— O senhor sabe se ela tinha algum animal de estimação? Um cachorro pequeno talvez?

— Ela não gostava de cães! — disse o velho deixando morrer o sorriso — Porque perguntou?

— Sou eu que faço as perguntas aqui, meu velho. — disse o delegado mostrando o emblema da polícia.

— Aconteceu alguma coisa com ela? — perguntou o velho demonstrando muita preocupação.

— Ainda não sabemos. Ela pode ter sido atacada. Achamos que está desaparecida e que pode estar ligada à uma morte.

O velho deu uma rápida olhada para o interior da casa.

— Se precisar de ajuda delegado, posso ser muito útil!

O delegado sorriu, mas em seguida fechou a cara:

— Não acredito que possa ajudar. A não ser que saiba algo que a polícia não saiba.

— Já ajudei a polícia em outras investigações, delegado. — disse o velho tirando um cachimbo antigo de uma algibeira e acendendo-o – Decerto deve lembrar-se do caso do Vampiro de Suassuna?

— Por acaso me lembro sim, foi há uns bons treze anos atrás não foi? — perguntou o delegado começando a ficar curioso sobre onde aquela conversa ia dar.

— Foi sim! — confirmou o velho — Eu era o civil que ajudou na investigação.

— Aquilo não terminou bem para o delegado da época, não foi? — perguntou Fábio tentando lembra-se dos nomes que constavam no relatório da investigação.

O velho tirou uma bafurada do cachimbo e disse:

— Ele não aguentou a pressão da realidade! — sua voz rouca soou seca.

— Agora... — começou o delegado — À que devo sua visita? Quer me ajudar neste caso estranho? Me diga o que sabe sobre a dona da casa.

O velho olhou o delegado e seus olhos pareceram acender-se como carvões em brasa.

— Eu realmente era amigo da dona desta casa, delegado! Vim visitá-la porque ela me chamou e se por acaso ela estiver com problemas eu irei ajudá-la no que puder.

O delegado pareceu acreditar em suas palavras e disse sombrio:

— Acredito que ela morreu, ou melhor, que foi assassinada!

— Porque acredita nisso?

— Porque hoje de madrugada o pároco da Igreja da Cruz das Almas foi encontrado morto e havia uma marca lá que coincide com uma marca encontrada aqui.

— Mas porque me perguntou sobre o cachorro? — perguntou o velho sem entender.

— Vou lhe mostrar. — disse o delegado e levou o velho até a grande sala e mostrou-lhe o vestido e o animal morto.

O velho Hiram abaixou o rosto em silêncio, depois de um momento disse:

— Ela morreu! O que vai fazer com o corpo da raposa?

— É uma raposa? Depois que o legista vier e tirarmos todas as fotografias que precisamos de tudo aqui ele vai para o lixo.

— Posso ficar com ele? Era o animal de estimação dela e ela ia querer que ele tivesse um enterro decente.

— Quando terminarmos aqui!

— Muito obrigado! — agradeceu o velho — Se precisar de mim estarei neste endereço.

E entregou um cartão de hotel ao delegado.

— É onde mora?

— Não. Moro na cidade de Passagem. Estou hospedado neste hotel enquanto estiver aqui em Recife Velho. — explicou o velho em um tom triste.

— Muito bem. Não deixe a cidade sem me avisar!

— Sim, farei isso.

O delegado abriu a porta e encontrou o Sargento Luiz Augusto na porta já com o Doutor Humberto.

— Espere. — pediu ele ao velho — Terminou lá na igreja doutor?

— Sim. Estava uma bagunça. Passamos um pente fino no local, mas não encontramos nada de diferente daquilo que já sabíamos. — esclareceu o doutor.

— Nada? — perguntou o delegado já desesperançado.

— Infelizmente nada! E aqui? — perguntou o médico olhando para o velho com curiosidade.

— Encontrei marcas de pegadas ensanguentadas que coincidem com as da igreja e marcas de mão que também batem. — mostrou o delegado.

— Os dois casos estão relacionados? — tentou concluir o Doutor Humberto.

— Sim, tudo leva a crer que a dona da casa estava lá quando tudo aconteceu, mas agora ela sumiu. Acredito que fugiu até aqui e foi perseguida pelo mesmo assassino do padre, que a matou e desta vez levou o corpo.

— E ele? — perguntou o doutor Humberto fazendo um gesto de cabeça em direção ao velho.

— Ele chama-se Hiram Zazué, é amigo da dona. Chegou agora e tem um bom álibi que ainda precisamos conferir direito. Diz ele que ajudou naquele caso do Vampiro de Suassuna. Se lembra?

O médico pensou por um momento, tentando se lembrar de onde já ouvira aquele nome, não lhe era estranho.

— Sim. Me lembro. — disse em tom sombrio — O doutor Romão foi o legista do caso e acompanhou toda a investigação. Estudamos juntos, mas depois daquilo ele nunca mais foi o mesmo. Mudou-se no ano seguinte para São João da Serra, lá no sul e deixou de clinicar.

— Foi tão forte assim? — perguntou o delegado surpreso. — Não sabia.

— Foi sim. Até hoje o pessoal da delegacia fala disso. — disse o doutor Humberto, e olhando para o velho — Mas o senhor não parece ter ficado abalado com tudo o que houve?

— Ora doutor, eu nasci escravo e lutei muito a vida inteira contra todas essas coisas que perambulam por este mundo de Deus, não seria uma assombração daquela que iria me abater. — disse o velho sorrindo sugestivamente.

O delegado e o médico se entreolharam curiosos.

— Então me diga o que aconteceu aqui? — disse o delegado.

— Primeiro tenho que ver o que aconteceu na igreja, delegado. Podemos ir até lá? Isso te, se aceitar minha ajuda neste caso! — perguntou Hiram.

— Naturalmente que aceito, claro que preciso conversar com meu superior, mas podemos ir até o outro local e dar uma olhada. — disse o delegado — Sargento chame a caleça e doutor, não se esqueça de passar um pente fino neste lugar. Deve ter algo aqui nos ajude a solucionar esse mistério.

*

O fim da manhã continuava chuvosa e fria.

Durante a corrida o velho manteve-se calado e pensativo.

Desceram em frente à igreja.

O Sargento Dias ainda estava lá com uma pequena guarnição, mantendo afastados os curiosos.

O delegado Fábio foi direto até ele.

— Então Sargento, encontraram mais alguma pista?

— Nada, Delegado. Só aquilo que já saíamos. — falou o Sargento e olhando para o velho perguntou

— Ele está com o senhor?

— Sim, vai nos ajudar no caso. — confirmou o delegado — onde está o corpo?

— Aqui. — falou o Sargento mostrando um embrulho grande enrolado por uma mortalha branca.

O delegado aproximou-se seguido de perto pelo velho.

Descobriu o corpo.

Hiram aproximou-se e olhou detidamente o corpo todo mutilado do padre.

Ficou assim durante vários minutos.

O delegado ficou impaciente:

— Então encontrou alguma coisa importante? Parece um ataque de animal selvagem. Talvez uma onça fugida, por mais incrível que isso pareça.

— Onde ele foi encontrado?

— Perto da porta dos fundos da igreja que estava aberta, pode ser que ele tenha acordado e escutado alguma coisa do lado de fora, saiu para ver e foi atacado. Estava de roupa de dormir ainda.

— Acharam alguma marca de patas? Algum rastro?

— Não, apenas algumas marcas de cachorro pequeno ao redor dos fundos e do corpo. Marcas com patas iguais àquele corpo que encontramos na sala de sua amiga.

Hiram pensou por um momento, realmente parecia um ataque de animal, porém havia algo errado ali.

E ele sabia bem que as marcas não eram de patas de cachorro, mas sim de raposa:

— Vamos ver as marcas de patas primeiro. — pediu ele.

O delegado o acompanhou até onde o corpo havia sido encontrado.

— Vê essas outras marcas de patas de cachorro pequeno? O doutor Humberto acredita que a onça, ou o que quer que o tenha atacado, estivesse caçando o cachorrinho e quando o padre apareceu ficou assustada e o atacou.

Hiram olhou as marcas e balançou a cabeça.

— São marcas de patas de raposa. Não são de cachorro.

— Raposa? – perguntou o delegado sem entender.

— Sim, o animal na sala da casa de minha amiga era uma raposa. Estas marcas devem coincidir com suas patas.

O delegado pensou um pouco.

Estava confuso!

— Muito bem, vamos ver as outras marcas então. — falou ele levando o velho até a árvore mais distante onde havia encontrado a marca ensanguentada de uma mão pequena no tronco e a marca de pé descalço, um pé pequeno, como de mulher nova, perto do tronco.

Apontou para as marcas e disse:

— Tem alguma coisa estranha nisso tudo! Tinha uma mulher envolvida com o padre!

— Não tire conclusões precipitadas Delegado. — falou o velho olhando detidamente para as marcas

— Tudo pode ser apenas circunstancial! Devemos investigar mais.

Então uma outra coisa chamou sua atenção.

Longe, quase na beira da clareira uma coisa reluziu por um instante apenas, como se atingida por um raio de sol perdido entre as nuvens de chuva.

O velho caminhou até lá sem tirar os olhos do local exato onde vira o relampejo.

Lá ele abaixou-se e pegou alguma coisa do chão.

O delegado se aproximou tentando ver o que era.

— Uma coisa imortal passou por aqui! — disse o velho pensando em voz alta.

O delegado não pareceu compreender as palavras.

— O que disse?

O velho virou-se para ele com um olhar estranho.

— Algo que não é deste mundo veio até aqui!

— Não entendi. — falou o delegado ainda perdido.

— Não foi uma morte aleatória. O padre foi morto porque viu algo que não devia ver!

— O que foi que ele viu?

— A Esfinge! — falou o velho com um horror transparecendo na voz.

*

O delegado Fábio ainda estava sem compreender bem as palavras do velho.

O Sargento Luiz Augusto chegou correndo:

— Delegado, encontramos outra pessoa na casa da dona que sumiu. Parece que é uma velha criada.

Tomaram novamente a caleça para retornar à casa da outra vítima.

No trajeto o delegado crivou o velho Hiram de perguntas:

— O senhor falou um nome, uma esfinge, o que isso significa? Porque o padre foi morto por alguma coisa que viu? O que ele viu? O senhor parece ter as respostas para todas essas perguntas!

— Calma, delegado. Uma coisa de cada vez. — disse o velho numa voz já mais calma — É A Esfinge, não uma esfinge, pois existe apenas uma.

— Sim, a esfinge, aquele monumento gigante no Cairo? O que isso tem a ver com o padre.

— Não é o monumento, delegado. É um ser mitológico!

— Sim, não conheço bem a história, mas tem alguma coisa a ver com adivinhas não é?

O velho sorriu com a ingenuidade ignorante do delegado.

— Não é apenas uma história delegado.

— Não?

— Não! Deve compreender que o mundo não é sempre preto e branco como o enxergamos! Ele é bem colorido e existem nuances sutis que escapam aos nossos olhos. Existem cores que nossos olhos não podem ver!

— Está tentando me dizer que o mito da esfinge é real? Porque se é isso vamos parar com essa brincadeira já! — falou o delegado furioso com as indiretas do velho — Não sou uma criança que acredita em tudo o que lhe dizem ou contam, já tenho mais de trinta anos e vi muitas coisas horríveis nessa vida. Quando estava em Ouro Verde vi famílias inteiras mortas pela ganância do homem, e vi crimes bárbaros acontecerem bem diante de meus olhos, não sou um crente qualquer!

— Nunca tentei enganá-lo, delegado! Estou lhe contando aquilo que me perguntou. — falou o velho bem devagar — A Esfinge matou o padre! Não sei ainda o que o padre viu, porém acredito que foi uma senhora Raposa. Também ainda não sei por que a Raposa foi morta pela Esfinge! Temo que tudo não tenha passado de um encontro desafortunado!

— O que isso quer dizer?

— Que o padre estava no lugar errado na hora errada e que sua presença fez com que a Esfinge o matasse e viesse atrás da Raposa!

— Descobriu tudo isso só olhando os dois locais? — perguntou o delegado incrédulo.

— Sim. — confirmou o velho e tirando uma coisa brilhante de dentro do bolso do colete mostrou-o ao delegado — E por causa disso!

O delegado olhou para o objeto que o velho lhe mostrava.

Era um fio dourado, que brilhava como se fosse iluminado pela luz do sol, ou como se possuísse uma luz própria.

O delegado emudeceu.

— O que é isso? Onde o achou?

— Estava lá na cena do crime, na beira da clareira atrás da igreja.

— Mas o que é isso? Que relação tem com o caso?

— Este é um pelo da Esfinge, delegado!

— Isso? — falou o delegado com um certo tremor na voz.

— Sim. Isso. — disse o velho guardando o objeto no bolso do colete — Este pelo me confirma que era a Esfinge que estava lá e que ela matou o padre. As marcas de garras de leão confirmam isso também. Não são marcas de onça, são marcas de garras de leão. E as marcas de patas de Raposa indicam que uma delas esteve ali também.

— Mas o que uma coisa tem a ver com a outra?

— Uma Raposa poderia chamar a Esfinge!

— Uma raposa é um animal, não pode chamar nada, e ela está morta!

— Está morta! Mas aquela que está morta na sala da casa de Fei Li não é uma raposa comum.

— O que ela é então?

— É uma Dama Raposa! Nas histórias antigas, dos longínquos países orientais, conta-se que espíritos e fantasmas tomavam a forma de raposas e outros animais do campo para pregar peças nos homens, geralmente caçadores, ou para enfeitiçá-los e levá-los à perdição dentro de florestas escuras. Eram muito astutas, fingiam fugir e rodeavam suas presas, à espreita de uma oportunidade para enfeitiçá-las.

— Está dizendo que aquela raposa morta era um espírito? Isso está ficando complicado e nebuloso demais!

— Sim. Uma Dama Raposa! — confirmou o velho — Eu a conheci bem, ou pelo menos tanto quanto se pode conhecer uma Raposa!

— Não é possível! O senhor está brincando comigo! — falou o delegado furioso — Esse tipo de brincadeira eu não gosto.

— Não brinco com coisas sérias delegado! — falou o velho olhando Fábio bem dentro dos olhos e os olhos dele pareceram se acender como dois carvões brilhantes.

O delegado empertigou-se!

— Não é fácil acreditar em tudo o que o senhor diz.

— Não lhe disse que seria fácil. Mas é necessário. Todo o sucesso aqui depende de crer naquilo que estou lhe contando, não é apenas uma questão de acreditar, mas sim de Crer!

— O senhor pede muito!

— Sim, e posso oferecer apenas respostas fugidias! — concluiu o velho.

*

A caleça chegou ao seu destino.

Quando entraram o doutor Humberto veio ao seu encontro.

— Achamos uma velha criada num quartinho dos fundos, mas ela não fala nada com nada.

— Como assim? — perguntou o delegado.

— Ela fala pouco a nossa língua, parece que é do mesmo país que a dona da casa.

— É chinesa? — perguntou Fábio.

— Acredito que sim, é oriental! — disse o doutor — Encontraram alguma coisa lá?

— Sim, mas conversamos depois. — falou o delegado — Onde está a velha?

— Sentada na cozinha, ela não quis entrar na sala. Parecia muito assustada. — contou o Sargento Luiz Augusto.

Foram até a cozinha.

Ali o delegado viu uma senhora bem miúda, não tinha mais que um metro e vinte de altura, muito velha, vestida com um vestido simples, porém bem colorido, tinha um coque nos cabelos brancos e uma bengala de marfim na mão.

Quando viu o velho Hiram ela levantou-se e veio correndo em sua direção balbuciando coisas sem sentido:

— Huídá de rén! Ela veio! Levou minha Senhora!

O velho tomou suas mãos nas dele e tranquilizou-a.

— Ela está em um bom lugar agora, senhora Kan, certamente às estas horas deve estar com o Cavaleiro Fabian cruzando as colinas dos Campos Elísios!

A velha senhora chorou um choro sentido durante alguns minutos, depois tirou um pequeno lenço vermelho da manga e limpou os olhos.

— Agora vou voltar para meu país! — disse numa voz cansada.

— Sim. — confirmou o velho Hiram com um sorriso — Sua tarefa aqui já terminou. O Imperador ficará satisfeito com seu relato!

O delegado adiantou-se:

— A senhora trabalhava aqui? Sabe o que aconteceu?

A velha olhou para ele desconfiada.

— Trabalhava aqui. — repetiu ela cautelosamente — Não vi o que aconteceu! Huídá de rén! Huídá de rén!

— O que isso quer dizer? — perguntou o delegado voltando-se para o velho que parecia saber exatamente o que estava acontecendo ali.

— Huídá de rén. — ficava dizendo a velha senhora, insistindo com veemência.

— O que ela está dizendo? — perguntou o delegado cada vez mais exasperado.

— É chinês tradicional, delegado, podemos traduzir como “Aquele que Responde”! — explicou o velho com um enigma atrás da orelha.

— Sabe chinês tradicional? — perguntou o doutor.

— Sim. Quando ainda era escravo viajei muito com meu senhor por aqueles rincões esquecidos, caçamos muitas coisas por lá e acabei aprendendo um pouco da língua.

— Quando ainda era escravo? A lei que libertou os escravos é de 1888... — perguntou o doutor com espanto — Quantos anos têm?

— Nasci em 1827, em um engenho nas lonjuras de Santa Cruz da Serra, doutor. Nunca conheci meus pais, pois bem cedo fui vendido e levado para São Thomé das Almas. Quando tinha dez anos fui vendido para um imigrante japonês chamado Masasuê Kuro, um médico e físico oriundo da China.

Juntos viajamos por todo o país e além dele. Vi muitas coisas e presenciei horrores e terrores que o senhor jamais iria compreender. — explicou o velho com um tom sombrio.

— E o que “aquela que responde” quer dizer? — quis saber o delegado.

— “Aquela que Responde” é um dos epítetos da Esfinge delegado! — falou o velho com a voz rouca.

*

O velho Hiram levou a Raposa morta consigo!

O delegado Fábio voltou para a delegacia com o doutor Humberto.

Já em sua sala na Repartição Central da Polícia, o delegado colocou o doutor Humberto à par de tudo o que o velho havia lhe contado.

— E você acreditou nele? — perguntou o doutor incrédulo.

— Ele me mostrou uma prova difícil de refutar!

— O pelo da tal esfinge?

— Sim!

— Era uma coisa assim tão inacreditável?

— Era! Não sei se foi bem isso ou o tom que usou quando me contou aquelas coisas todas. Mas eu acreditei nele. Agora depois de tudo e sentado aqui é mais difícil de explicar porque acreditei, na realidade foi mais como crer do que como acreditar.

— Como assim?

— Não sei explicar. Ele conseguiu ser convincente.

— Você acreditou realmente que foi uma esfinge que matou o padre e que a raposa morta podia virar uma mulher? Isso é muito bizarro! — falou o doutor totalmente descrente.

— Eu sei! Foi isso talvez que mais me levou a crer nas palavras dele! Era tudo incrível demais para ser apenas uma mentira!

— Sim, mas...

— Ele realmente ajudou o delegado Mauro Cassiano dos Reis no caso do Vampiro de Suassuna, confirmei nos relatórios do caso agorinha mesmo enquanto conversávamos. — falou o delegado apontando para algumas pastas abertas em cima da mesa — E o delegado Mauro foi bem evasivo quanto ao desfecho do caso! Ainda quero perguntar ao tal Hiram o que foi que realmente aconteceu!

— Tem certeza sobre isso?

— Tenho! Não sei se realmente é um assunto sobrenatural, não sei se consigo acreditar na questão sobrenatural ainda, mas a dúvida me assombra mais do que tudo o que ele me contou.

— Você já imaginou que se tudo o que ele disse for verdade teremos que revisar todos os conceitos sobre a realidade? — perguntou o médico ainda descrente.

— Sim, e acho que foram estes mesmos dilemas que o delegado Mauro teve enquanto investigava o caso do Vampiro de Suassuna. Porém alguma coisa é verdade em tudo isso, pois ele realmente acreditou no fim, li os relatórios...

— Sabe que o delegado foi afastado depois do caso, não sabe? — disse o doutor com um meio sorriso.

— Sei sim, mas isso não invalida o que ele escreveu ali. — falou Fábio apontando para as pastas.

— Ele disse que viria aqui?

— Sim, ele ia dar um enterro decente à raposa e depois viria para cá.

— Espero que ele possa produzir as provas necessárias. Sabe que o chefe não vai ficar nem um pouco satisfeito com todas estas histórias e contos de fadas, não sabe?

— Sei sim. — falou Fábio sentando-se e olhando para fora, onde a chuva começava a cair torrencialmente.

*

No fim da tarde o velho Hiram bateu à porta do delegado.

— O senhor veio. — disse o delegado sorrindo.

— Sim, delegado Fábio, não poderia deixar de vir.

— Bem e então? Qual o próximo passo?

— Não acredito que haja um próximo passo delegado. — disse o velho balançando negativamente a cabeça.

— O que? Por quê? O que houve?

— Conversei com minhas fontes e andei especulando um pouco sobre o que houve...

— Me conte tudo. — pediu o delegado — Basta de enigmas!

— Muito bem! Não sei todos os detalhes, mas posso imaginar o que aconteceu. A Dama Raposa já vivia aqui há muito tempo nessas terras sob o sol, cansou-se de ficar sozinha e resolveu ir em busca de seu amado, que havia morrido muito tempo atrás.

— Espere! A esfinge matou outra pessoa? Quando?

— Não foi a Esfinge, delegado. O Cavaleiro Fabian foi morto pelo Mantícora! Mas isso não aconteceu aqui nesta época nem mesmo neste lugar.

— Então o que isso tem a ver?

— Ela queria ir atrás dele, de seu espírito, mas não sabia onde ele estava, por isso invocou a Esfinge, ela sempre foi procurada por sua onisciência e por sua sabedoria! Os antigos sabiam disso, mas hoje os rituais estão todos esquecidos.

— Bem ela chamou a coisa que a matou?

— Sim. Ela chamou a Esfinge porque queria morrer e queria ir atrás do espírito de seu amado.

— Mas e o padre?

— Ele realmente estava no lugar errado na hora errada! Certamente viu a Esfinge e a Raposa e acabou morto por isso.

O delegado ficou pensativo.

— Não posso dizer isso ao Chefe de Polícia! O Doutor Antônio jamais vai acreditar em mim!

— Bem sempre pode dizer que foi uma onça, ele jamais saberá a diferença! – disse o velho.

— E se ela atacar outra pessoa? Se ela matar de novo?

— Ela não mata assim aleatoriamente, delegado. Só quando aquele que a invocou não responde sua pergunta.

— O senhor pode chamá-la? Sabe como fazê-la? – perguntou o delegado com um brilho no olhar.

O velho Hiram o olhou surpreso. Um lampejo de compreensão passou pelos seus olhos. Depois disse:

— Não sei invocá-la, delegado. E se soubesse não o faria. Ela demanda sangue quando vem e é difícil de ser aplacada! Deixe este caso como não resolvido! Ela não retornará!

E assim dizendo colocou o chapéu branco na cabeça e com um aceno voltou-se e saiu da sala!

O delegado ainda tentou ir atrás dele, mas quando saiu da sala já não conseguiu mais encontrar o velho!

Ele havia sumido no ar!

Como que por mágica!

II

*“Não temo a escuridão em si,
Mas o que pode espreitar de dentro dela.”*

Autor Desconhecido

1935, março, solstício de outono, Rua do Retiro, bairro Madalena — Recife Velho.

O sol caiu pelo horizonte da cidade!

No crepúsculo que se avizinhava os últimos bacuraus cantaram seu canto triste.

O outono trazia a melancolia e a melancolia trazia a morte!

Das sombras angulosas dos prédios uma se destacava mais no cair da noite, com seu semblante hirsuto e misterioso.

Era um prédio antigo, do tempo do Império, permeado de madeira branca muito velha e tijolos vermelhos.

Dentro dele uma alma angustiada se escondia.

O cômodo era largo, mas tinha poucos móveis, uma cama puída de solteiro, uma mesa e duas cadeiras velhas, um guarda roupa grande de madeira negra e um banquinho.

Sobre a mesa limpa um livro grande com capa grossa de couro cru estava aberto!

O homem no centro da sala já passara de meio século de idade, porém seus olhos estavam fundos de dor e tristeza.

Ficou em frente ao livro e pronunciou com uma voz taurina, pelo ar, um nome tenebroso!

Subitamente a fábrica do tecido da realidade se dobrou sobre si mesma e uma sombra maior transpôs as distâncias entre o tempo e o espaço.

Um vento soprou pelo quarto vindo de um lugar mais além e houve o som de pegadas secas sobre o assoalho de madeira que ecoou macabro e gutural!

Os olhos do homem se arregalaram com a compreensão daquilo que fizera e ele caiu de joelhos.

Antes que todo o mundo explodisse ao seu redor com dor e fogo ele ouviu um ronronar suave e uma voz mansa e sedosa que veio das sombras do quarto!

Ele ouviu e teve medo!

*

As ruínas fumegantes foram iluminadas pelos raios do sol nascente.

Pelo meio dos escombros que ainda exalavam fumaça figuras de vermelho caminhavam.

Procuravam qualquer coisa viva em meio àquele caos de cinzas e dor.

O Delegado Simão Sansão estacionou seu Buick sedan preto próximo ao grande caminhão vermelho do Corpo de Bombeiros.

Desceu e vestiu o terno listrado de cinza e preto, cobrindo o coldre do revólver.

Encaminhou-se para os escombros que ainda fumegavam.

— O que aconteceu Sargento? — perguntou ele esquadrinhando os escombros com os olhos negros.

— O prédio incendiou delegado. Os bombeiros acharam um corpo dentro do prédio ou o que sobrou dele. Era um hotelzinho barato, sem muito movimento, todos os ocupantes saíram logo que começou o incêndio, quando sentiram o cheiro da fumaça. — informou o Sargento Isidoro.

O delegado continuou pelos escombros até perto de um dos bombeiros.

Um homem alto, de tez castanha e olhos bem pretos, o uniforme vermelho se sobressaía.

— Bom dia delegado. — cumprimentou o bombeiro com um aceno de cabeça.

— Bom dia Capitão Soares. Só mais um dia fora do escritório, não?

— Sim. Incêndios como este não são de brincadeira. Poderia ter sido muito pior, ter acabado com toda a quadra, mas fomos chamados rapidamente, no início do fogo e conseguimos contê-lo à tempo.

— Algum sinal de como aconteceu?

O bombeiro andou alguns passos para perto de uma parede caída e apontou:

— Alguém armou uma arapuca no prédio, aspergiram querosene no andar térreo, longe da entrada para não dar na vista e tocaram fogo. As paredes de madeira velha queimaram como papel.

— Então foi de propósito? — perguntou o delegado.

— Sim, foi intencional sim. Queriam queimar tudo aqui.

O delegado olhou o corpo há alguns metros da parede, dentro dos limites do prédio.

— E ele?

— Ainda não temos certeza de nada. O doutor Humberto está à caminho.

— Muito bem. — o delegado chamou o Sargento — Me consiga o nome do dono e de todos que moravam ou estavam no prédio na hora do incêndio.

— Sim senhor delegado.

— E chame o Vargas e o Gomes. Peça para investigarem os envolvidos e me entregarem o relatório pra ontem. Estarei na delegacia.

*

Logo depois do almoço o delegado estranhou.

— O corpo ainda está com o doutor Humberto? — perguntou o delegado Simão abrindo a porta de sua sala e dirigindo-se para um rapaz mais novo, lá com seus vinte e oito anos, o Detetive Vargas que ocupava uma mesa logo perto da porta.

— Sim. Ele está tentando identifica-lo ainda. As informações iniciais são que era um homem branco, entre 1,70 e 1,73, idade entre 40 e 50 anos, mas ele já adiantou que não foi o incêndio que o matou. — informou o detetive Vargas.

— Como é? — perguntou o delegado pensando que tivesse entendido errado.

— Exato delegado. — confirmou Vargas — Ele disse que identificou marcas na garganta e tórax da vítima e que foram elas que causaram a morte, mas pediu para avisá-lo que até o fim da tarde terá um resultado mais conclusivo.

— E sobre os moradores e as outras pessoas que estavam no prédio na hora do incêndio?

— Nenhum deles tem registros ou passagem pela polícia. Nem mesmo o dono do prédio. — informou Vargas.

— Alguém deve ter iniciado o incêndio, é um dos modos mais fáceis de executar um homicídio ou de encobrir um. Precisamos descobrir o que houve e quem o matou. E o proprietário tinha um álibi?

— Como disse ele não tem antecedentes nem passagens. Tem outras oito propriedades na zona norte da cidade, tem tido alguns problemas com a Prefeitura por causa do excesso de lixo, brigas e barulho depois da meia-noite, nos últimos anos. Nada mais. Tinha um álibi perfeito, estava na Associação de Comerciantes em um jantar em sua honra na hora do início do incêndio. Temos vinte e oito testemunhas que confirmam isso.

— Isso não o exime, pode ter contratado alguém para fazer por ele. — concluiu o delegado.

— Sim, mas então não temos nenhuma prova disso ainda.

— Bem tragam-no para uma conversa informal. — disse o delegado.

*

O fim da tarde chegou bem devagar e taciturno.

O delegado estava parado em frente à janela com um cigarro na boca.

Tirou do bolso um maço amarelo de cigarros, os famosos Leão do Norte com papayna, e olhou distraidamente a figura do leão estampada no maço.

A papayna lhe era familiar e o estômago ainda doía.

Olhou ao redor.

Às vezes pensava sobre aquela sala.

Quantos já haviam sentado ali naquela cadeira ou olhado por aquela janela?

Agora era a sua vez, outros viriam no futuro, mas a luta que travavam era eterna nunca iria terminar!

Sentia que havia alguma coisa ali, alguma coisa má, que permeava a cidade e a consumia, se alimentava dela bem devagar.

Alguma coisa maligna!

Como em Passagem!

Não conseguia esquecer o que havia acontecido lá.

A morte misteriosa do irmão ainda lhe assombrava a mente e queimava o peito.

Mesmo depois de vinte e oito anos, mesmo depois de terem se mudado de lá ainda não conseguia esquecer, ainda não conseguia dormir na maioria das noites, mesmo após vinte e oito anos.

Mesmo quando aconteceu aquela coisa estranha lá com a cidade de Passagem, dois anos depois que havia se mudado, quando todos fugiram ou desapareceram, isso ainda não foi suficiente.

Uma batida forte na porta o despertou.

— Entre. — falou ele sentando-se.

O doutor Humberto entrou e sentou-se.

— O que conseguiu? — perguntou o delegado ansioso.

O velho doutor, já com os cabelos todos brancos e sessenta e seis anos lhe pesando sobre as costas, fez uma longa pausa e então contou:

— Eu descobri uma coisa que não via há quase trinta e dois anos. Nunca achei que fosse viver para ver uma coisa dessas novamente.

— O que foi?

— O homem foi morto por um ataque de animal.

— Como é? — exclamou o delegado levantando-se e tentando compreender.

— Sim, antes do incêndio ele foi morto por causa da garganta cortada e da ferida no tórax que atingiu até o coração.

— Como foi que um animal fez isso? E depois ainda colocou fogo no lugar? — perguntou o delegado incrédulo.

— Bem, isso não sei. Sei que já vi essas mesmas marcas antes! — disse o doutor com um olhar estranho.

— Onde?

— Em um caso muito antigo, de 1903, que nunca foi solucionado. — disse o médico mostrando uma pasta ao delegado — Isso é de trinta e dois anos atrás, três anos depois que comecei a trabalhar como legista aqui. Um caso de assassinato de um padre e do desaparecimento de uma mulher chinesa.

— O que isso tem a ver com esse corpo?

— As marcas que encontrei no corpo do padre naquela época são exatamente iguais às marcas que encontrei no corpo carbonizado naquele prédio. Foi o mesmo assassino que as fez.

— Mas você mesmo disse que eram marcas de ataque de animal. — falou o delegado tentando juntar os fatos — Voltemos ao problema do animal que matou o homem e colocou fogo no prédio.

— Como já disse, isso eu não sei como ele fez, mas sei que foi o mesmo assassino, as marcas de garras são iguais em ambos os casos: marcas de garra de onça. Ele voltou depois de trinta anos!

— Mas conseguiu identificar o homem? — quis saber o delegado.

— Sim, o nome dele é Carlos Schillingger, 54 anos, era um dentista que residia sozinho no prédio já há uns dois anos. Clinicava no centro.

— Porque o caso não foi resolvido?

— Não sei! Só sei que o delegado da época, o doutor Fábio dos Santos, fechou o caso depois de conversar com um velho senhor amigo da mulher que desapareceu.

- Ele chegou a lhe contar alguma coisa? Do porque havia fechado o caso?
- Ele chegou a me contar uma história fantasiosa que mais parecia uma história da carochinha, mas não dei muita bola pra ela.
- Qual foi a conclusão à que chegou quando deu o laudo sobre a morte daquela vítima?
- Morte por ataque de animal selvagem, ataque de onça, foi o que escrevi no laudo.
- Ninguém procurou saber mais?
- Não. Não tinha como contestar o laudo, tirei fotografias e detalhei todo o processo. Até o Bispo ficou satisfeito, apesar de ser uma causa mortis sui generis!
- Sim, realmente. — falou o delegado pensativo. — Muito bem, vou ler o relatório do caso antigo e seu laudo deste novo, hoje de noite ainda tenho que falar com a imprensa sobre o caso.

O doutor assentiu e saiu.

O Delegado levantou-se novamente e olhou para o sol que se escondia nas lonjuras do horizonte.

Pensou de novo naquela coisa maligna.

Ela estava lá fora à espreita!

*

A Notícia veio no dia seguinte!

O Chefe de Polícia entrou sem bater e já foi cusbindo:

— Você já viu o que acabou de sair na edição matutina especial do Diário do Recife Simão?

Jogou sobre a mesa do delegado um exemplar fresquinho e ainda com cheiro de gráfica.

O delegado nem mesmo precisou pegar no jornal para ver as letras garrafais estampadas na primeira página:

Dentista Assassinado

“A Polícia de Recife Velho, investiga a morte de um dentista, cujo corpo foi encontrado em meio aos destroços de um antigo hotel, destruído por um incêndio no final da tarde da última terça-feira. A polícia trabalha com a hipótese de Carlos Schillingger, 54, ter sido morto e o incêndio ter sido provocado como forma de ocultar o corpo ou encobrir a causa da morte.

De acordo com o Delegado Doutor Simão Sansão, a Polícia trabalha com a possibilidade de o homem ter sido assassinado antes do prédio pegar fogo. Um inquérito já foi instaurado e a investigação já começou. Serão ouvidos moradores do antigo hotel e familiares para saber como era a vida do dentista antes do episódio. O Instituto Médico Legal deverá entregar à Polícia, um laudo com as causas da morte do dentista.”

— Os jornais da manhã estão doidos, e o Prefeito já me chamou no gabinete dele. Parece que o homem morto era parente de alguém importante. O que vou dizer ao homem Simão?

O delegado pensou um pouco antes de responder.

— Sabemos que ele foi assassinado antes do incêndio e que este foi usado para encobrir o crime.

— Então encontre o criminoso, Simão! Preciso de resultados! — falou o Chefe de Polícia saindo e batendo a porta.

*

O doutor Humberto apareceu depois do almoço.

O semblante estava cansado e o delegado notou que ele parecia não ter dormido.

— A noite foi ruim doutor Humberto? — Alguma emergência médica?

O doutor o olhou com olhos assombrados.

— Eu nunca acreditei nessas coisas de sobrenatural, sabe Simão? Ri quando o delegado Fábio me falou sobre as histórias do velho, mas ontem... ontem eu sonhei com ele...

— Com o delegado Fábio? — perguntou Simão curioso.

— Não! Com o velho. — respondeu o doutor com uma longa pausa.

— Foi só um sonho doutor. Vai ver ficou impressionado com o resultado da autópsia, só isso!

— Não, foi diferente. — falou o doutor refletindo um pouco antes de continuar — Foi o sonho mais vívido que já tive em toda a minha vida e pior que lembro todo ele, como se tivesse acontecido agorinha mesmo.

Simão levantou-se, foi até um pequeno armário preto no canto da sala, abriu-o e trouxe de lá uma garrafa e dois copos.

Dentro a bebida cor de caramelo reluzia como metal líquido.

Ele serviu um pouco da bebida nos dois copos e passou um deles ao doutor.

— Me conte o sonho! — pediu ele.

O médico tomou a bebida toda de um gole e foi como se uma torrente de fogo líquido corresse por sua garganta abaixo!

Simão serviu-o de mais um pouco e ele começou:

— Eu estava correndo, era como quando eu era menino, lá no sul, e eu corria por uma plantação de trigo. Os pés dourados balançavam ao redor em um ritmo cadenciado, mas não havia vento ali. Então vi um vulto distante e fui na direção dele. Cheguei bem perto, mas não o havia reconhecido ainda. Então ele se virou e vi que era o velho. Ele ficou lá parado só me olhando e fumando seu cachimbo. Depois do que pareceu ser muito tempo ele virou-se e foi andando embora e ouvi ele dizer assim:

Não procure respostas Humberto, porque você pode acabar encontrando-a. Depois acordei e não dormi mais. — Terminou o médico bebendo de um gole toda a bebida em seu copo.

Simão deu uma pausa e mudou de assunto.

— Então o que aconteceu com o antigo delegado? — perguntou Simão curioso.

— Ele ficou assombrado com o caso, só pensava em desvendar o que realmente havia acontecido.

— Ele voltou a falar com o velho?

— Sim, ele foi procurá-lo em Paraíso Thobias, onde ele foi morar depois do que aconteceu com a cidade de Passagem. — disse o doutor com a voz preocupada — Mas o velho disse que não iria ajudá-lo a encontrar sua morte e disse para ele esquecer tudo.

— Ele lhe contou isso?

— Sim, éramos amigos na época. — falou o doutor Humberto com a voz triste — Depois ele ficou cada vez mais obcecado com aquilo, acabou sendo afastado uns dois anos depois e mudou-se para Ouro Velho. Não o vi mais depois disso.

— Você acredita em tudo o que ele lhe contou?

— Não sei em que acreditar, nunca conversei muito com o velho Hiram, mas sei que ele ajudou muito no caso do Vampiro de Suassuna e no caso de um outro assassino em série uns anos depois, em 1910 acho.

— Você não acompanhou esse segundo caso?

— Não, estava na Europa fazendo um curso de especialização forense na Inglaterra. Foi o doutor Cerqueira quem acompanhou todo o desenrolar do caso. Eu só voltei uns meses depois. Então tudo já estava resolvido.

— Chegou a falar com ele sobre o assunto? Com o doutor Cerqueira?

— Não, ele falava pouco e nunca trocamos informações sobre isso. Na verdade pensando sobre isso agora acredito que ele sempre evitou esse assunto.

— E o delegado desse segundo caso?

— Foi o doutor Crispim, ele se exonerou há uns cinco anos e viajou para a Europa. — contou o médico.

O delegado Simão ficou calado durante alguns minutos.

O doutor Humberto aguardou.

— Eu me lembro, quando eu tinha uns dez anos, quando eu ainda morava em Passagem, antes de todo mundo sumir de lá... — começou o delegado medindo as palavras — Havia um velho, ele já era velho naquela época, era 1907, ele tinha uma casa nos arredores da cidade e eu e meu irmão João

íamos junto com outros meninos da cidade para ouvir as histórias que ele contava. Eram histórias assombrosas e fantásticas e realmente metiam muito medo na gente.

Fez uma pequena pausa.

— O nome do velho era Zazué acho, não o primeiro nome, mas o nome pelo qual o chamávamos.

O doutor teve um calafrio.

— Pois falando isso eu me lembro que o nome do velho do caso do padre era Hiram Zazué, está no relatório do caso.

— Eu sei, eu li! – disse o delegado sorrindo – Quando li eu já sabia que era a mesma pessoa!

— Então você o conheceu?

— Sim, deve ter sido logo depois deste caso do padre que ele mudou-se para Paraíso Thobias, não me lembro muito bem, já fazem mais de vinte anos. — disse o delegado pensativo.

— Mas se o conheceu deve saber quem ele era.

— Eu era jovem demais, e ele apenas nos contava histórias. Mas houve um dia que meu irmão e outros dois amigos dele desapareceram, nesse dia eu conheci outro Zazué. Ele liderou as buscas pelo meu irmão e procurou durante muitos dias, então uma noite ele veio ver meu pai, e eles conversaram muito. Quando ele foi embora vi que meu pai estava chorando, foi a única vez que vi ele chorar. Depois disso, pouco depois, nós nos mudamos dali para cá. Mas tem uma coisa que nunca contei à ninguém que aconteceu naquela noite.

Simão Sansão fez uma pausa longa.

— Quando terminaram de conversar meu pai entrou, mas o velho Zazué ficou ainda uns momentos na varanda lá de casa acendendo seu cachimbo. Foi aí que ele me viu escondido. Ele se aproximou e olhou profundamente dentro dos meus olhos e nessa hora os olhos dele eram como carvões acesos, ele me olhou assim por um momento só e então disse umas palavras que nunca consegui esquecer...

— O que ele disse? – perguntou o doutor Humberto muito curioso.

— Ele falou “Menino Sansão, era assim que ele me chamava, Menino Sansão, seu irmão não vai volta, deixe isso para trás, não procure saber o que aconteceu, basta saber que hoje à tardinha ele caminhou pelo Paraíso!” e depois voltou-se e foi embora. Nunca mais o vi depois daquele dia!

Ficaram em silêncio por um momento.

O sol entrava pela janela aberta e os sons do exterior soavam distantes, como em um sonho.

Era como se ali na sala o ar tivesse ficado subitamente frio.

Então o delegado Simão lembrou-se:

— Você disse que o delegado Fábio foi atrás do velho na cidade de Paraíso Thobias?

— Sim, ele havia se mudado para lá, pouco antes do que aconteceu em Passagem. — confirmou o médico.

— Bem, vou tentar encontrá-lo então. Se ainda estiver vivo ele é a peça chave em todo este enigma! Só ele pode nos dizer realmente o que aconteceu. Ele é a resposta que precisamos!

*

O delegado Simão Sansão dirigiu sozinho até Paraíso Thobias.

Se a informação que tinha estava correta o velho ainda era vivo.

Chegou na cidade quase perto das onze horas da manhã e procurou o endereço.

Encontrou afinal.

A casinha pequena, feita de tijolinhos à vista era a última casa do lado esquerdo da Rua dos Espinheiros, bem na borda do Largo do Chora Menino.

Um lugar aprazível, pensou Simão sentindo o cheiro do mato e das flores.

O telhado baixo mostrava uma chaminé comprida e de tijolos avermelhados, da qual saía uma fumaça cinza.

Um gramado bem cuidado espalhava-se ao redor da casa com roseirais de ambos os lados cheio de rosas vermelhas, brancas e cor de rosa que se entrelaçavam e acabavam escapando pelas estacas pintadas de banco da cerca de madeira que traçava o limite do terreno.

Ele olhou por sobre a cerca e viu uma pequena calçada irregular de pedras acinzentadas levava do portão até a porta de entrada.

O delegado Simão olhou-a de longe, parecia confortável e convidativa, era difícil de acreditar que ali naquela casa morasse o velho Zazué, aquele contador de causos de sua infância.

Parecia que tudo acontecera há tanto tempo que era como se fosse a vida de outra pessoa.

Ele chegou em frente ao portão e bateu palmas.

Esperou uns instantes e já ia bater de novo quando uma figura surgiu vindo pela estradinha de terra batida do lado esquerdo da casa.

Um negro bem velho veio andando bem devagar, apoiado em uma bengala.

Seus dois olhos encarvoados olhavam diretamente para Simão, como se o reconhecessem.

— Bom dia, Menino Sansão, o que o traz aqui? — disse ele em uma voz baça e rouca, agourenta e monótona.

— O senhor me reconheceu? — perguntou o delegado.

— Nunca o esqueci! — disse o velho.

Simão ficou com a voz embargada, depois de alguns segundos conseguiu falar:

— Eu sou delegado agora.

— Eu sei! Acompanhei sua carreira.

— Estou aqui em visita oficial! — falou o delegado — Vim para conversar com o senhor sobre um caso de uma Raposa!

Os olhos do velho brilharam.

Ele abriu o portão.

— Entre, vamos tomar uma bebida e então conversaremos.

Levou Simão até a porta e entraram.

— Não ligue para a arrumação. — explicou o preto velho sorrindo — Estou sempre arrumando, mas as coisas nunca parecem parar no lugar. Elas gostam de passear.

O interior da casa até que estava bem arrumado, a sala era pequena, com um tapete azul, verde e branco no centro e sofás esverdeados e gastos com almofadas de cores berrantes em cima.

Uma grande estante cheia de livros tomava uma das paredes, enquanto as outras duas laterais tinham janelas grandes que iluminavam bastante o aposento.

Do outro lado a porta que levava aos outros cômodos estava aberta.

Um grande gato preto estava sentado no meio do corredor.

Quando Simão olhou para ele o gato levantou-se e sumiu em um dos cantos escuros.

Uma cadeira de balanço de madeira negra ficava ao lado da estante, sobre sua almofada havia um livro aberto.

O velho sorriu e apontou o sofá.

— Sente-se que já volto.

O velho pegou um cachimbo de barro de aparência bem mais velha que ele próprio de cima de uma mesinha ao lado da cadeira de balanço e acendeu devagar, depois sentou na cadeira de balanço, inalou a fumaça devagar e olhou bem para o rosto do delegado.

— Você veio por causa da Raposa?

— Sim. — confirmou o delegado. — Temos um caso estranho que aconteceu uns dias atrás. Um incêndio. Encontramos um corpo nos escombros e o doutor Humberto, quando fez a autópsia verificou que ele havia sido morto da mesma maneira que o padre no caso da Raposa de tantos anos atrás.

O velho tirou uma baforada do cachimbo e deixou passar uns instantes antes de perguntar.

— Como ele foi morto?

— Ele foi morto com a garganta cortada e uma ferida no tórax que atingiu até o coração antes do incêndio começar. As marcas no corpo da vítima carbonizada são exatamente iguais às marcas do

padre naquela época, de 1903, que nunca foi solucionado. Foi o mesmo assassino que as fez. Da mesma forma que foi o mesmo médico legista que fez a autópsia.

— O doutor Humberto?

— O senhor se lembra dele?

— Sim, muito cético pro meu gosto. Lembro-me bem dele. — falou o velho balançando a cabeça de um lado para o outro — Quem era o homem que morreu? Já conseguiram identificá-lo?

— Sim, o nome dele é Carlos Schillingger, 54 anos, era um dentista que residia no prédio já há uns dois anos. Clinicava no centro.

— Mas como era ele realmente?

— Uma pessoa comum, sem nada de diferente. Não tinha nenhuma relação com coisas sobrenaturais, era católico, frequentava a igreja da paróquia, trabalhava no centro, tinha se separado da esposa e tinha um filho.

— Nada aconteceu que mudou essa rotina?

— O filho mais novo morreu um ano antes de acidente. É a única coisa diferente que aconteceu com ele. Parece que se culpava muito pela morte dele.

O velho ficou em silêncio por um momento.

— O que vou dizer agora pode ser apenas especulação, não tenho certeza se realmente aconteceu, pois os fatos estão bem nebulosos aqui.

— Pode dizer.

— É possível que este homem, a vítima queimada, tenha encontrado um Tesouro muito antigo.

— Um tesouro? – perguntou o delegado sem entender.

— Não, um Tesouro, um dicionário de ideias afins, ou neste caso um Tesouro de Nomes.

Simão olhou-o sem compreender.

— Houve uma época, muito antes do homem andar por estas terras, que foram confeccionadas listas de nomes das coisas viventes, dos Deuses antigos e das criaturas que existiam. Houve uma destas listas que continha os nomes da Esfinge...

— A Esfinge? Não o monumento, mas sim aquela que perguntava enigmas?

— Sim, esta mesma. A verdadeira, da qual a outra é uma mera efígie!

— Então ela existiu mesmo?

— Sim ela existe, ela é real, menino Sansão!

— Como as histórias que o senhor nos contava antigamente?

O velho o olhou profundamente nos olhos:

— Sim, exatamente como todas aquelas histórias, elas eram minhas lembranças, rapaz. Eu as vivi e quis compartilhá-las com vocês!

— Então... houve mesmo um lobisOMEM que roubou o filho de seu João? Ou um Vampiro de Suassuna? Ou o Peixe Cabeludo no rio Capiberibe?

— Sim, todos eles eram reais, Simão!

O delegado levantou-se e perguntou com um tom desesperado:

— Mas então como um homem pode derrotar uma coisa imortal?

— Ele não pode Simão, mas ele pode enganá-la ou barganhar com ela!

— O que este Tesouro tem a ver com o caso do padre e da Raposa?

— A Raposa usou um Tesouro para invocar a Esfinge.

— Como sabe? Também é uma especulação?

— Porque ela me mandou uma mensagem um dia antes dizendo que sua busca havia terminado e ela havia encontrado aquilo que procurava, e o que ela procurava era um meio de voltar a se encontrar com seu amado morto. Somente a Esfinge, uma criatura mitológica com onisciência e sua sabedoria poderia ajudá-la a fazer isso. Nenhum Deus iria ajudá-la e procurar por um demônio era uma coisa que ela não faria.

— Mas o que havia no livro? Um ritual, uma fórmula?

— Um nome, Simão.

— O nome da Esfinge? — perguntou o delegado sem entender.

— Sim.

— O que ela poderia fazer com o nome?

— Ela iria usar o nome para invocar a Esfinge.

— E algo deu errado?

— Sim, o padre apareceu. — disse o velho sorrindo.

— Mas nesse caso do incêndio, houve apenas um corpo.

— Talvez o homem não soubesse o que fazer depois, talvez ele tivesse ficado com medo, talvez, talvez... existem tantos talvez. — falou o velho soltando uma baforada do cachimbo.

— Talvez ele não tenha sabido como responder o enigma?

— Na realidade não é um enigma, Simão, é uma resposta e uma barganha!

— Ela não matará de novo?

O velho pensou por um momento.

— Ela não caça como outras feras imortais! Ela vem quando é chamada! Não posso garantir que não retorne mais, pois não sei o paradeiro do Tesouro que estava em poder da Raposa. Podem ocorrer outras mortes até que ele seja localizado.

— Ele não estava na casa da Raposa?

— Não o encontrei quando voltei à casa depois que a polícia se foi. Alguém deve tê-lo levado, talvez um dos policiais, talvez o próprio delegado Fábio. Ele estava interessado demais quando conversamos pela última vez.

— Mas porque ele iria querer falar com a Esfinge? — se perguntou o delegado.

*

O delegado retornou para Recife Velho pelo meio da tarde.

Mas ao invés de ir para a delegacia tomou o caminho do local do incêndio.

Nas ruínas do antigo hotel ele procurou!

Não sabia bem o que estava procurando, mas deveria ter alguma coisa ali.

“Deve ter algo aqui que deixei passar ou que não encontrei.” — pensou ele — “Porque o delegado Fábio iria querer aquele livro? E como foi que ele foi parar nas mãos daquele dentista?”

Revistou os escombros bem devagar.

“Talvez tenha sido destruído com o incêndio.” pensou ele já quase sem esperança.

Quando caía já o crepúsculo e as primeiras estrelas surgiam no céu ele levantou a cabeça e olhou para cima.

Um vento frio soprou e algumas folhas redemoinharam pelos escombros quase como se uma mão invisível as tangesse.

Foi como se um sussurro viesse em seu ouvido.

“Está ali!”, dizia uma voz intangível.

Ele olhou ao redor.

Perto de um canto ele viu um brilho debaixo de uma pilha de entulho e lixo.

Aproximou-se e pegou uma coisa do chão.

Uma coisa que fez todo o seu mundo rodar:

Era um fio dourado, que brilhava como se fosse iluminado pela luz do sol, ou como se possuísse uma luz própria.

“Um fio do pelo da Esfinge.” — maravilhou-se Simão.

Então ele o encontrou.

Meio enterrado entre os escombros de um canto mais distante.

A capa estava queimada, mas o couro forte havia protegido bem o interior.

As páginas ainda estavam intactas.

O delegado Simão levantou o grande volume, limpou a fuligem e guardando-o debaixo do terno deixou os escombros e desapareceu na noite que já caía!

III

*"Nenhum homem ou mulher nascido,
Covarde ou corajoso,
Pode evitar seu destino."*

— *Homero, A Iliada*

1949, solstício de inverno, Rua das Nymphas — Recife Velho.

O delegado Gilberto Pessoa estacionou em frente ao casarão verde e branco.

Desceu na garoa fina e entrou no prédio.

O sargento Gomes já o aguardava.

— Por aqui delegado. — disse ele conduzindo o delegado para o andar superior.

— O que foi que aconteceu?

— A senhoria encontrou o corpo hoje de manhã quando veio fazer a limpeza.

— Onde ela está?

— Fernandes a levou para a sala enquanto aguardávamos o senhor chegar, ela está bem abalada.

— Foi muito feio? — perguntou o delegado com um ar preocupado.

— Foi sim. Não foi com arma de fogo não, parece que foi faca mesmo.

— Já identificaram o corpo?

— Sim. — disse o sargento fazendo uma pausa — É do doutor Simão Sansão, Delegado-Chefe da UES.

— O que? — exclamou o delegado Gilberto espantado. — Como foi que aconteceu?

— Não sabemos ainda, delegado.

— Você avisou a Superintendência?

— Ainda não, estávamos esperando o senhor chegar.

— Mande avisar imediatamente, senão algumas cabeças vão rolar. Alguém entrou na cena do crime?

— Só o Manuel, ele está colhendo evidências.

— Tire-o de lá já, que eu mesmo aviso a superintendência! Eles vão querer enviar alguém para investigar tudo. — falou o delegado descendo.

Entrou na sala.

Uma senhora idosa estava sentada no sofá largo e amarelo e chorava copiosamente.

— Fernandes, onde tem telefone aqui?

O soldado apontou uma mesinha perto da porta.

O delegado ligou diretamente para a Central da Superintendência e avisou do crime.

Aquele ia ser um longo dia!

*

O delegado Gilberto estava entretido com o “Cão dos Baskervilles” de Sherlock Holmes quando ouviu a batida na porta.

— Entre! — falou ele fechando o livro e guardando-o em uma gaveta.

Um homem alto entrou e fechou a porta atrás de si.

Estava todo vestido de preto, o terno, a gravata e um óculos de sol.

Foi até a frente da escrivaninha e estendeu a mão:

— Doutor Pessoa? Eu sou Pedro Sansão, irmão do delegado Simão Sansão.

O doutor Gilberto levantou-se de um salto e apertou a mão do homem.

Aperto forte que quase lhe esmaga os dedos.

— Meus pêsames — falou o delegado — em que posso lhe ajudar?

— Estou de licença e vim ajudá-lo no caso sobre a morte de meu irmão — disse o homem com voz seca.

“Agora estou ferrado.” — pensou Gilberto se torcendo todo por dentro.

— Naturalmente sua ajuda será bem-vinda, doutor Sansão. — sorriu ele.

— Já viu a análise do corpo de meu irmão?

— Ainda não! O doutor Rosvaldo está tendo algumas dificuldades em identificar a causa da morte e a arma usada.

— Por quê?

— Parece-me que não foi usada uma arma convencional. — falou o delegado Gilberto escolhendo as palavras com cuidado.

— Não? Qual arma foi usada?

O delegado Gilberto hesitou.

— Não temos certeza ainda. Está vindo um biólogo forense lá do sul para confirmar.

— Não precisa esconder nada de mim, doutor Gilberto, pode falar.

O delegado Gilberto enrubesceu.

— Bem, o primeiro laudo indicava que as marcas na garganta e tórax foram feitos pelas garras de um animal selvagem.

Houve um silêncio desconfortável por alguns momentos.

Depois o doutor Sansão, conseguindo controlar seus sentimentos, falou com a voz um pouco embargada:

— Não compreendo! Como um animal poderia entrar na casa se ela estava fechada por dentro? Pelo que soube só foi aberta pela senhoria quando veio fazer a limpeza certo?

“Ele já sabe de tudo e estava só me testando.” — pensou Gilberto começando a suar.

— Exato! — corroborou o delegado Gilberto — Por isso chamamos um especialista.

— Ele estava trabalhando em algum caso?

— Não. Tinha pedido um período de folga há uns quinze dias, mais uns dias e ia voltar à ativa.

— Mas estava trabalhando em alguma coisa antes de pedir a folga?

— Bem, estávamos com dois casos grandes em andamento: um era uma partida de cocaína recém introduzida na cidade, seu irmão liderou a investigação e estávamos à pouco de prender o mandante.

— E o outro?

— Foi o assassinato de um dentista ocorrido alguns anos atrás que estava sem solução até o momento.

— Um assassinato de um dentista? Por quê?

— Não sei muito sobre o caso, ocorreu em 1935, mas sei que seu irmão estava muito obcecado com ele.

— Se puder ter acesso às pastas do caso. — pediu o doutor Sansão.

— Vou ver o que posso fazer.

— Ele tinha inimigos? Ou alguém que o tivesse ameaçado?

— Não. Já procuramos com todos os colegas de trabalho dele, mas ele tinha apenas os problemas de um delegado comum.

O doutor Sansão pareceu querer dizer algo, mas foi interrompido por uma batida na porta.

O Chefe de Polícia entrou falando alto:

— Pessoa, preciso conversar com você sobre o irmão do morto... — e então notou a figura escura do doutor Sansão ao lado da mesa — Doutor Sansão, desculpe a expressão, não sabia que já tinha chegado.

— Pois é doutor Madeira, já cheguei e agora que estou aqui espero mais empenho e respostas sobre a morte de meu irmão! — e voltando-se para o delegado Gilberto — Depois conversamos mais delegado!

Saiu batendo a porta.

O chefe de Polícia estava branco.

— Como é que você me deixa numa situação dessas Pessoa?

— Que situação? O senhor entrou como um furacão que nem tive como fazer nada.

— Como está a investigação?

— Paramos na arma e na causa da morte.

— Como? Ainda?

— Os resultados foram inconclusivos, estamos esperando um perito de Santa Cruz da Serra.

— Pra que um perito? Conclua logo o inquérito e dê o caso por encerrado.

— Vai ser pior se fizermos isso. Você viu o homem, Madeira, ele que pegar o assassino. Se fecharmos o caso vamos ter problemas com a Corregedoria e com a Federal! — argumentou o doutor Gilberto com toda a cautela. — Outra coisa, ele quer ver os casos em que o doutor Simão estava trabalhando antes de entrar de licença.

— São muito complicados?

— Tem aquele da cocaína encontrada no porto e um outro de um assassinato ocorrido em 1935.

— Deixe ele ver, vai servir para apaziguar os ânimos um pouco.

— Muito bem, e se ele quiser especular por aí?

O chefe de Polícia pareceu pensar por um momento.

— Acompanhe ele, grude no homem e não desgrude até tudo ter acabado, mas me mantenha informado de tudo! — falou ele saindo e por sua vez batendo a porta.

O delegado Gilberto de um suspiro profundo.

“Agora as coisas não podem ficar pior.” — pensou ele deixando-se cair na cadeira e acendendo um cigarro.

Infelizmente estava errado!

*

O biólogo forense da polícia de Santa Cruz da Serra chegou no aeroporto bem cedo na manhã seguinte.

Quando o delegado Gilberto chegou para pegá-lo já encontrou o doutor Sansão conversando com o homem.

— Bom dia delegado! — saudou o doutor Sansão.

— Bom dia doutor Sansão. E o senhor deve ser o doutor Júlio Rovardi.

— Apenas Rovardi, delegado — disse o rapaz que não deveria ter mais que vinte e cinco anos — Não sou doutor ainda.

— Não? — perguntou o delegado estranhando o fato.

— Não fiz doutorado delegado. Sou biólogo formado com especialidade forense. — explicou ele.

— Muito bem. — respondeu o delegado — Vou levá-lo até o prédio do Serviço de Medicina Legal.

A corrida foi mais demorada que o normal, mas enfim chegaram.

O legista já os esperava.

Na porta do necrotério o delegado perguntou ao doutor Sansão:

— Está tudo bem de entrar ai?

O doutor Sansão aquiesceu com a cabeça.

— Sim. O que está ai dentro é apenas a casca vazia. Meu irmão está em outro lugar.

Entraram.

— Vamos começar. — disse o doutor Rosvaldo trazendo a maça com o corpo coberto por um lençol branco.

Descobriu o corpo até a cintura.

O doutor Sansão teve um choque ao ver o que havia acontecido ao irmão.

O doutor Rosvaldo iniciou o exame e apertou a tecla do gravador:

— Examinamos e necropsiamos hoje, no necrotério do Serviço de Medicina Legal de Recife Velho, um corpo que nos foi apontado como sendo Simão Sansão. Está é a segunda necropsia sendo realizada no corpo. O doutor Rovardi, médico legista e biólogo especialista assumirá a partir de agora.

Rovardi aproximou-se e disse:

— Verificamos que se trata de um cadáver de adulto de meia idade, do sexo masculino, de cor branca, de biótipo normal, cabelos lisos, pálpebras fechadas, globos oculares exibindo córneas transparentes, íris castanho, escleróticas brancas, da boca flui fio fino de sangue. Verificamos que houve lacerações profundas na garganta oriundas de um golpe único com instrumento cortante, segundo análise corresponde à garras de um espécime de animal conhecido como... — neste ponto o rapaz ficou por alguns momentos em silêncio — panthera leo.

O rapaz desligou o gravador e olhou para o legista.

— Muito bem, o que aconteceu aqui?

Os três o olharam sem entender.

Ele continuou bem devagar:

— Estes são ferimentos que foram feitos por um leão, não foi uma onça pintada como registrado anteriormente no primeiro laudo que li.

O doutor Rosvaldo interrompeu:

— Eu fiz o primeiro laudo, para mim, como não sou especialista, achei que eram marcas de garras de onça pintada, por isso o trouxemos para analisar os ferimentos, para termos certeza.

— Não foi uma onça pintada que fez isso. Foi um leão africano. — confirmou o rapaz.

O doutor Gilberto interveio.

— Já estava difícil antes, como é possível ter sido um leão?

— Vou ter que notificar que o laudo anterior estava impreciso. — falou Rovardi olhando para o legista — Um leão em plena cidade?

O doutor Sansão se manifestou.

— Um leão dentro de um aposento fechado à chave! Impossível.

— As marcas no tórax também são consistentes com garras de leão. — disse Rovardi mostrando os ferimentos — Foram feitos pelo mesmo leão.

— Como é possível? — perguntou o doutor Sansão.

Os outros ficaram em silêncio.

Não havia o que dizer!

*

Sobre a sala do delegado Gilberto pairava um silêncio inquietante.

Sentado na frente da escrivaninha, o doutor Sansão lia com avidez todos os documentos do inquérito.

O doutor Rosvaldo e o biólogo Rovardi acompanhavam tudo encostados na parede.

O doutor Sansão terminou de ler o inquérito pela segunda vez.

— Não há uma explicação lógica par o crime! Como o leão surgiu e desapareceu de dentro de um aposento fechado por dentro?

— A única explicação seria se outra pessoa tivesse a chave! — disse o delegado — Precisamos trabalhar com esta hipótese.

— Meu irmão não tinha muito amigos e falei com todos que moravam aqui. Ele não tinha esposa nem amante, não temos evidência de outras pessoas na cena do crime, temos?

— Não. Não há outras impressões digitais, nem quaisquer indícios do animal, nenhum pelo ou pegada nem marca de pata! — afirmou o delegado — Passamos um pente fino em todo o lugar.

— Deve haver uma explicação lógica! — disse Rovardi — Não existe outra opção.

— Preciso ver as pastas dos outros dois casos em que ele estava trabalhando, delegado. — pediu o doutor Sansão.

— Aqui estão. — disse o delegado Gilberto entregando duas pastas amarelas à ele, uma grossa e cheia de folhas soltas e outra bem fina, quase sem nada — Eu as recebi há pouco. Estavam ainda na mesa de seu irmão.

O doutor Simão pegou as pastas e deu uma olhada na grossa, folheando as páginas soltas.

— Esta deve ser do caso da cocaína do porto, não é?

— Sim. Ele coletou dezenas de depoimentos dos estivadores e funcionários do porto e outras pistas soltas.

— Esta outra está quase sem nada. — estranhou o doutor Sansão.

— Esta é a pasta do assassinato de 1935 que lhe falei, à que ele possuía geralmente guardava em casa e trazia sempre consigo, quase como um livro de bolso. Era seu vício, se é que me entende!

— Entendo! Todos nós temos algum caso que nos assombra. — falou o doutor Sansão olhando o delegado nos olhos — Então o resto está com ele?

— Sim. Verifiquei os papéis, estavam sobre a escrivaninha da sala onde o encontramos. Deixei-os lá.

— Vou verificar tudo hoje à noite.

— Vai dormir lá? — perguntou o médico.

— Vou sim. Quero eu mesmo passar um pente fino em tudo. — e levantando-se colocou as pastas debaixo do braço e foi para a porta. — Amanhã bem cedo conversamos mais!

E assim falando saiu.

Os outros três ainda continuaram em silêncio por alguns momentos.

Rovardi foi o primeiro a falar.

— Quero continuar no caso, doutor Gilberto!

— Mas sua participação está concluída senhor Rovardi.

— Eu sei, mas quero encontrar esse leão que matou o homem.

— Muito bem. — concordou o delegado — Um par de mãos extras e outra cabeça seriam bem úteis. Sugiro então que comecemos por uma visita ao zoológico, pois é lá o único lugar que sabemos onde existem esses animais aqui na cidade.

— Existe a opção de haver um zoológico clandestino. — falou Rovarid.

— Sim, existe esta possibilidade, porém aí teremos que fazer buscas em toda a área da cidade e arredores, isso é bem mais complicado do que parece à primeira vista. E para isso teremos que notificar o Chefe de Polícia do andamento do caso e ele não vai ficar nada contente.

— Bem, eu vou voltar para meu necrotério. — falou o médico suspirando — Lá pelo menos tenho minhas certezas que não costumam me deixar na mão. Boa sorte na caçada!

O doutor Gilberto também suspirou:

— Acho que vamos precisar de mais do que sorte!

*

A manhã seguinte veio chuvosa e desoladora para o delegado Gilberto.

A visita ao zoológico municipal no fim da tarde anterior só havia provado que os leões que ali existiam continuavam bem presos, como haviam estado desde que para ali foram trazidos.

Outra pista que dera em nada.

Ele já fumava o terceiro cigarro quando bateram à porta.

— Entre! — falou ele.

O doutor Sansão entrou.

Seu rosto parecia encovado e com uma expressão angustiada e ao mesmo tempo assombrada.

Seu tom de voz era alarmante:

— Doutor Gilberto, acredito que meu irmão foi realmente assassinado porque sabia demais!

O delegado deu um murro na mesa e exclamou:

— Eu sabia que ele estava pressionando demais o pessoal das docas por causa daquela cocaína. Só pode ter sido alguém de lá que o matou.

— Não, não foi por causa da cocaína. Foi o outro caso!

— O do assassinato não resolvido de 1935? — perguntou o delegado sem entender a conexão.

— Exatamente. Li todas as anotações dele e encontrei uma coisa que se eu não tivesse visto jamais teria acreditado no que ele havia escrito.

— O que foi? — perguntou o delegado curioso.

— Veja. — disse o doutor Sansão tirando do bolso uma pequena caixa de madeira avermelhada e cheia de arabescos e adornos dourados, parecendo de origem oriental.

Ele a abriu e o delegado quase não pôde acreditar em seus olhos.

À sua frente havia um fio, como um pelo, dourado e sedoso, brilhante que parecia emanar luz própria, uma pequena maravilha!

— O que é isso? — perguntou o delegado tentando imaginar a resposta.

— Isso é... um pelo do animal que matou meu irmão! — falou o doutor Sansão quase sem fôlego.

— Isso é o pelo de um leão? Nunca soube que ele brilhasse assim ou fosse deste tipo.

— Porque não é de um leão comum. Eu mesmo não acreditei nas palavras que li antes de ver essa prova. Agora, no entanto, estou completamente crente que tudo o que ele disse é verdade!

— Mas que leão tem um pelo desses?

— Não um leão, delegado, uma Esfinge! — falou o doutor Sansão com uma expressão grave e determinada no olhar.

— Uma o que? — exclamou o delegado Gilberto sentando-se.

— Uma Esfinge, ou devo dizer A Esfinge, pois segundo ele existe apenas uma!

— O senhor está de brincadeira? — exclamou o delegado num tom zangado.

— Jamais iria brincar com uma coisa dessas! — falou o homem muito sério e abrindo uma pasta que trouxera colocou diversos papéis na frente do delegado — Leia e me diga o que pensa depois de ter visto essa prova irrefutável!

— Muito bem, pelo amor à argumentação vou dar-lhe o benefício da dúvida e ler tudo isso.

O delegado sentou-se e enfronhou-se nos papéis.

Quase meia hora depois ele levantou os olhos e confrontou o doutor Sansão.

— O senhor sabe que isto aqui podem ser apenas devaneios de uma mente perturbada, não sabe?

— O senhor viu a prova, delegado, o que mais posso dizer?

— Esse objeto por si só não tem o condão de provar que ele estava certo. Não pelo menos até podermos identificá-lo ou rastrear sua procedência.

— Como podemos fazer isso?

— Ainda não sei, mas se me der sua concordância vou chamar o doutor Rosvaldo e o biólogo Rovardi e lhes mostrar tudo isso. Talvez juntos possamos encontrar um caminho.

— Muito bem, delegado. — falou o doutor Sansão levantando-se — Deixo com o senhor a pasta, mas o pêlo eu mesmo mostrarei à eles.

— Muito bem, que assim seja. Me dê até depois do almoço e conversaremos novamente.

— Eu retornarei à tarde. — disse o homem saindo.

Depois que o doutor Sansão saiu o delegado Gilberto levantou-se e acendeu outro cigarro.

Olhou para a rua através da janela.

A luz mortiça do dia nublado fazia tudo aquilo parecer tão surreal!

Era incapaz de acreditar da mesma forma que o doutor Sansão.

Não conseguia crer em tudo aquilo que lera nem mesmo acreditava naquele fio dourado ou em sua procedência espúria.

Nunca fora um homem de crenças fortes.

Era católico batizado, porém poucas vezes havia frequentado a igreja.

Não tinha a fé necessária para crer naquilo.

Precisava de uma certeza que ele não tinha, nem se imaginava tendo.

Pegou o telefone e discou para o necrotério!

*

Quando o doutor Sansão bateu à porta da sala do Delegado Gilberto encontrou já o doutor Rosvaldo e Júlio Rovardi sentados aguardando-o.

— Boa tarde senhores! Vejo que já leram tudo.

— Sim. — confirmou o médico — É uma história bem extraordinária!

— O senhor tem a prova do que lemos? — perguntou Rovardi levantando-se.

— Sim, eu tenho. — disse o doutor Sansão tirando a pequena caixa vermelha do bolso.

Ele aproximou-se e abrindo a caixa colocou-a em cima da mesa.

O médico perguntou:

— Posso pegá-la?

— Claro, fique à vontade.

O médico levantou a caixa e verificou seu conteúdo bem de perto.

Rovardi tocou o objeto e estremeceu.

— Realmente é um pelo. Mas não posso sequer especular de que animal ele veio.

— Sim. — disse o médico — Mas dizer que é um pelo da Esfinge é um longo caminho.

— É a única hipótese, senhores. — disse o doutor Sansão — Vocês leram o que ele escreveu. Que outra hipótese seria mais crível que a da criatura sobrenatural que surge na sala fechada e após matá-lo desaparece sem deixar vestígios?

Os outros se olharam.

— Sei que é a dedução mais lógica tendo em vista as provas apresentadas. — falou o delegado — Não negamos isso! Porém é uma hipótese fantástica demais!

— Eu sei e se pudesse trazer outra explicação certamente eu o faria, mas tudo o que encontrei lá remete à esta hipótese. — disse o doutor Sansão.

— Não creio que tenha o aparato para conseguir analisar nem sequer identificar uma prova desse calibre em meu laboratório. — falou o médico torcendo as mãos — Com o que iria fazer uma comparação? Precisaríamos ter outro como esse ou alguma prova contundente da procedência dele.

— Deve ter uma maneira de provar. — concordou Rovardi.

— Existe uma maneira. — falou o doutor Sansão.

Todos ficaram em silêncio.

Ele continuou.

— Podemos tentar recriar a experiência que meu irmão fez quando foi morto!

— O senhor quer dizer tentar invocar a criatura? — perguntou Rovardi descrente da proposta e sequer acreditando ter dito aquelas palavras.

O doutor Sansão o olhou com um ar determinado.

— Sim. Faremos o que ele fez, seguiremos os passos que ele deu, até desfecho fatal. Mas seremos quatro e não um e estaremos armados. Se tudo der errado talvez nada aconteça e vamos apenas fazer o papel de bobos.

— Sim, se tudo der errado. — disse o médico.

O delegado Gilberto foi mais incisivo.

— Se fizermos isso e tudo der errado, e nada acontecer, tenho sua palavra que podemos fechar esta investigação? Dando como causa da morte o ataque de onça pintada? Quero sua palavra por escrito!

O doutor Sansão hesitou por um momento, depois se deu por vencido:

— Se realmente nada acontecer eu reconhecerei que ele não estava de posse de suas faculdades mentais e que tudo foi uma cilada do acaso e fecharemos o caso. Escreverei o pedido de próprio punho para o Chefe de Polícia!

— Muito bem! — falou o delegado — Vou providenciar uma guarda ao redor da casa e o que for necessário. Faremos hoje à noite.

— Eu os encontrarei lá. Vou na frente para preparar o local conforme as especificações dele.

— Muito bem, estaremos lá por volta das oito da noite. — concordou o delegado.

Depois que Sansão saiu o médico voltou-se para ele.

— Você ficou doido? Tem certeza de que é isso que devemos fazer?

— Eu sei que nada vai acontecer. Então teremos a palavra dele por escrito e fecharemos o caso de uma vez por todas. Era isso que o doutor Madeira queria!

— Espero que esteja certo Gilberto! — falou o médico com um ar preocupado.

— Eu estou sim! Nada temos a temer!

*

A noite chegou rápido.

O delegado trouxe uma escolta de doze homens bem armados e os posicionou ao redor da casa, cobrindo todas as saídas.

Entrou com o doutor Rosvaldo e com o senhor Rovardi.

O doutor Sansão já os esperava na sala.

— Deixei tudo como nas especificações das anotações de Simão.

— Esperemos que seja suficiente. — falou o delegado passando uma pistola às mãos do homem, mas Sansão recusou.

— Não quero armas, delegado. Sei me defender sem elas.

— Contra aquilo que vamos enfrentar acredito que nem elas sejam suficientes. — falou o médico guardando uma pistola na cintura.

Rovardi também não tomou arma.

— Estou tranquilo comigo mesmo, delegado, não se preocupe.

— Preocupo-me por todos, pois se tivermos um embate com aquilo como vocês imaginam estaremos todos mortos! — disse ele preocupado.

— Não seja assim, delegado. — disse o doutor Sansão — Devemos pensar positivamente.

O delegado Gilberto ficou em silêncio.

A positividade neste momento não lhe trazia nenhum benefício!

Na sala o doutor Sansão fez os últimos preparativos.

Trancou a porta por dentro e pegou uma folha de cima de mesa.

Os outros três se olharam em silêncio.

Ele tomou fôlego e pronunciou o nome tenebroso!

Subitamente muitas coisas aconteceram de forma simultânea.

Um vento soprou pelo aposento, seco e árido e foi como se uma das paredes do lugar se curvasse e se dobrasse sobre si mesma.

Algo grande atravessou a distância entre o espaço e o tempo vindo de um lugar distante.

O som de passos de patas pesadas soou sobre o assoalho de madeira de uma forma macabra.

Uma sombra maior destacou-se das sombras do fundo do aposento.

O delegado recuou com um medo paralisante.

Sua mão desceu para o coldre da pistola e ele a sacou.

O médico apenas recuou, com uma oração nos lábios.

Rovardi recuou devagar, então sentiu o olhar daquilo que estava à sua frente cair sobre ele e uma frase lhe veio à lembrança, uma frase que um antigo professor lhe havia dito durante uma aula de latim, quando discutiam mitologia e histórias antigas:

“Ninguém corre de uma criatura imortal e vive!”

Ele parou e esperou!

O doutor Sansão exultou com a confirmação de sua esperança.

Agora o conhecimento que queria o havia alcançado!

Por um momento o ar se tornou elétrico e um zunido baixo ecoou pelo aposento.

Antes que todo o mundo explodisse ao seu redor com dor e morte ele ouviu um ronronar suave e uma voz mansa e sedosa que veio das sombras do quarto!

Ele ouviu e teve medo!

Então o mundo mudou!

Depois de tudo Rovardi diria que não viu o que aconteceu.

Diria que houve uma explosão e que foi jogado contra a parede e desmaiou.

Só descobriu que fora o único sobrevivente quando acordou no hospital quase uma semana depois!

Ele só falou com uma pessoa depois disso e não falou com mais ninguém sobre o que aconteceu naquela sala!

*

O Ford cupê Crestliner azul rodava devagar pela rua, como se quisesse escolher um lugar para parar. Afinal diminuiu a velocidade e parou em frente uma casinha pequena, feita de tijolinhos à vista que era a última casa do lado esquerdo da Rua dos Espinheiros, bem na borda do Largo do Chora Menino, na cidade de Paraíso Thobias!

Passaram-se alguns minutos até que a porta do motorista se abriu e Júlio Rovardi desceu.

Parou por um momento olhando o telhado baixo com uma chaminé comprida e de tijolos avermelhados, agora vazia.

À sua frente viu o gramado bem cuidado que espalhava-se ao redor da casa com roseirais de ambos os lados cheio de rosas vermelhas, brancas e cor de rosa que se entrelaçavam e acabavam escapando pelas estacas antigas pintadas de banco da cerca de madeira já bem velha.

Ele chegou em frente ao portão e bateu palmas.

O som ecoou pelos fundos da casa.

Esperou por um tempo longo e já estava quase indo embora quando viu uma figura surgindo pela estrada de terra batida do lado direito da casa, caminhando devagar e apoiando-se em uma bengala de castão.

Vinha bem devagar.

Era o negro mais velho que Rovardi já havia visto.

Quando chegou no portão seus dois olhos encarvoados olharam diretamente para Rovardi, como se o reconhecessem e ele falou em uma voz baça e rouca, agourenta e monótona:

— Senhor Rovardi, que prazer em conhecê-lo! Estava aguardando sua visita!

Ele abriu o portão e Rovardi entrou!

IV

*“E destino? Ninguém vivo jamais escapou dele,
Nem homem corajoso nem covarde,
Eu lhe digo – ele nasceu conosco no dia em que nascemos.”*

— Homero, A Ilíada

1957, solstício de primavera, Rua das Almas — Recife Velho.

O corpo foi encontrado pelo leiteiro nas primeiras horas da manhã, já frio e duro, junto ao batente de uma porta na Rua das Almas.

A polícia foi chamada e atendeu prontamente o chamado, pois as roupas do morto indicavam pessoa de importância e posses.

O delegado Glauco chegou pouco depois das sete horas.

Uma garoa leve caía devagar deixando tudo frio e molhado ao seu redor.

Ele procurou o Sargento Aristeu, mas não o encontrou.

— Cabo Peçanha, onde está o Sargento Aristeu?

— Foi tomar um café na bodega há uma quadra daqui senhor. — disse o cabo prevendo uma possível repreensão pelo ato mal feito.

— Vá chamá-lo e diga que a obrigação dele era estar aqui impedindo os repórteres de tirarem fotografias. — disse o delegado apontando para quatro vultos que teimavam em esvoaçar sobre o corpo morto enquanto dois policiais teimavam em afastá-los.

O cabo saiu correndo e o delegado foi em direção aos repórteres.

— Senhores, senhores, este é um local de crime, afastem-se e me deixem trabalhar.

Um deles, baixo e franzino, mas bem mais velho do que o delegado retrucou:

— Ora delegado também estamos trabalhando.

O olhar do delegado foi duro e incisivo.

Os homens se afastaram resmungando.

Ele voltou-se para os dois policiais:

— o que foi que aconteceu? — perguntou já voltando-se para ver o corpo.

— Ele foi encontrado de madrugada delegado. — falou o policial Estefano — Já estava morto!

— Chegamos uns vinte minutos depois. — corroborou o outro policial chamado Heitor, um jovem diferente, estranhou o delegado, nunca o havia percebido da Delegacia, devia ter sido recém nomeado.

O corpo estava numa posição estranha, como se houvesse sido atingido por um carro em movimento.

O delegado hesitou em movê-lo para ver a frente.

Preferiu esperar o legista que não deveria tardar.

— Temos alguma testemunha?

— Nada delegado, ninguém viu o que houve.

— Tem... — hesitou Heitor — Tem uma senhorinha que disse que levantou-se bem cedo pra fazer café e escutou uma voz forte falando na rua e depois um grito abafado, mas teve medo e não saiu pra ver.

— Ela mora em que casa?

— Nessa daqui do lado. — indicou Heitor mostrando a casa vizinha.

— Bem, vá chama-la e tome seu depoimento por escrito. — comandou o delegado.

Logo em seguida um carro estacionou próximo e o doutor Teixeira desceu.

Ele era o legista mais novo que o departamento já havia tido, apenas vinte e oito anos de idade, mas pessoalmente o delegado o achava muito mais competente do que todos os outros dinossauros com os quais já havia trabalhado.

Ele cumprimentou o delegado com um aceno de cabeça e mergulhou no corpo.

Abriu a maleta e colocou as luvas.

Quando virou o corpo o delegado viu que o caso seria muito mais difícil do que esperava.

Havia um grande talho na barriga da vítima, um talho de faca.

Não fora apenas um atropelamento, mas sim um assassinato!

O legista levantou a cabeça:

— A causa mortis foi esfaqueamento e hemorragia por consequência. — falou ele.

Vou chamar o fotógrafo. — disse o delegado.

Ele ainda ficou mais duas horas ali pelo local para conversar com outras testemunhas em potencial, que acabaram indicando que não haviam visto mesmo nada.

Nem mesmo a velha da casa vizinha parecia ter um depoimento consistente.

Saindo do local do crime foi direto para o Instituto Médico Legal.

O doutor Teixeira já o esperava.

— Foi definitivamente um homicídio doloso! — indicou o legista.

— O exame indicou isso?

— Sim, ele foi morto por um ferimento de faca, porém... — o legista fez uma pausa e explicou — Ele tem um ferimento diferenciado. Um corte profundo que foi infectado por fragmentos microscópicos de bronze arsênico, muito antigo, provavelmente de um artefato de museu ou de um colecionador.

— Uma faca antiga? — estranhou o delegado.

— Sim delegado, podemos simplificar assim se quiser, extremamente antiga, provavelmente uns três mil anos ou mais, um verdadeiro tesouro, mas para saber mais exatamente somente se encontrássemos o artefato. — disse o médico — Encontre a faca e encontrará o criminoso!

— Vou refazer a cena do crime e procurar mais, deve ter alguma coisa que deixamos para trás.

— Onde ele trabalhava? — perguntou o médico curioso — Talvez exista uma pista sobre a arma.

— Existe sim, doutor! Ele era curador do museu da cidade! — disse o delegado na porta antes de sair.

*

Depois do almoço o delegado foi até o museu municipal.

O Curador Interino, doutor Helio Theobaldo Italo já o esperava na frente do grande portão.

— Boa tarde Delegado!

— Boa tarde doutor Helio, foi com o senhor que eu falei por telefone?

— Foi sim. Ficamos chocados quando soubemos o que aconteceu com o doutor Severino. Ele era uma pessoa benquista por todos não possuía inimigos.

— Sabe me dizer o que ele poderia estar fazendo na rua naquele horário? E naquele lugar?

— Ele estava enredado com um livro antigo, estava tentando adquirir um volume extremamente raro para a biblioteca do museu. — contou o doutor Hélio.

— Que tipo de livro poderia dar razão para causar uma morte daquelas?

— Ele estava atrás de um tesouro, um livro de nomes muito antigo, delegado, que continha um conhecimento que já imaginávamos estar perdido há muitos milênios.

— Qual conhecimento seria esse? — perguntou o delegado curioso.

O doutor Hélio baixou a voz quase para um sussurro.

— Acredita-se que o livro foi escrito há mais de três mil anos atrás e que continha o nome verdadeiro de muitas criaturas mitológicas, tais como a Esfinge!

— Não entendi. — falou o delegado desacreditando — Aquela esfinge lá do Egito?

— Não delegado. Aquela estátua é apenas uma representação de bárbaro aspecto da verdadeira Esfinge. Falo daquela que assombrou Tebas, na Grécia, e que Édipo enfrentou!

— Uma lenda grega? — falou o delegado entrando no jogo do homem para ver onde aquilo ia chegar.

— Se assim o desejar, delegado!

— Mas o que o nome dela tem de tão importante?

— Por ser o nome verdadeiro ele pode ser usado para invocá-la. Tudo tem um nome oculto e verdadeiro, delegado, e aquele que tiver o conhecimento desse nome tem o poder de controlar a criatura.

— Pra que alguém iria querer invocar a Esfinge? Pela história que conheço ela pede pra resolver um enigma e se a pessoa não consegue ela a devora. Me parece muito estranho invocar algo pra te matar.

— Na realidade, delegado ela é muito sábia e onisciente! Era invocada por isso!

— Era por causa disso que os gregos à chamavam?

— Sim! Ela é muito antiga delegado, sua história beira à dos homens em muitas partes, pois ela nasceu nas fímbrias da aurora do mundo! Ela estava em Körtik Tepe quando os primeiros caçadores construíram seus templos sobre aquelas colinas, e veio para o Egito há muito tempo atrás, antes das

grandes pirâmides. Depois habitou na Grécia e lá ela amou e foi amada por um mortal, mas quando ele matou-se ela foi para a Ásia e só retornou à Grécia da parte mais distante da Etiópia quase quatrocentos anos depois e assombrou o povo de Tebas até a chegada de Édipo! Dizem que foram as próprias Musas que ensinaram à ela os enigmas que usava, mas ela era procurada por sua onisciência e por sua sabedoria!

— Mas li em algum lugar que quando Édipo decifrou o enigma ela se matou!

— Um exagero poético, delegado, apenas isso! Na verdade ela ainda está por ai, e por isso o livro era tão importante.

— Supondo que esteja correto, o que não estou propenso a acreditar, então alguém matou o Curador do museu por causa de um livro que tem o nome verdadeiro capaz de invocar a Esfinge? Me corrija se estiver errado.

O doutor Hélio piscou por um momento e então compreendeu:

— Não me tome por louco ou alienado, delegado. O livro era importante porque tem mais de três mil anos e pela descrição que tivemos ele está em bom estado. É um tesouro da antiguidade clássica capaz de resolver muitos enigmas sobre a língua, escrita e costumes dos antigos gregos, de um período da história que não possuímos quase nenhuma informação!

O delegado suspirou.

— Por um momento acreditei que o senhor realmente acreditava nessas lendas todas, foi bem convincente.

— Eu estaria em um manicômio se acreditasse delegado. O que importa é eu na noite em que o doutor Severino foi morto ele estava indo comprar o livro.

— Estava levando dinheiro?

— Sim, levava uma grande quantia em dinheiro do fundo de reserva do museu, que guardamos para ocasiões como esta. Presumo que não foi encontrado nem uma moeda sequer junto ao corpo.

— Não. — falou o delegado muito preocupado com o rumo da investigação — Ele disse com quem iria se encontrar? Quem era o vendedor?

— Ele estava indo se encontrar com um tal Suetônio de Queiróz.

— Tem certeza? Lembre-se bem do que ele falou. — pediu o delegado.

— Tenho certeza. Ele repetiu esse nome várias vezes para mim naquela noite. Por quê?

— Este homem que ele falou é um comerciante de arte ilegal, atua principalmente no mercado negro, um marchand negro, se é que me entende. Ele vende pelo preço que lhe apraz e é oportunista e perigoso.

— Será que foi ele que o matou?

— Vou investigar. — falou o delegado despedindo-se — Depois voltamos a conversar.

Quando saía do museu ele pensou em quanto tempo estava atrás de Suetônio, tentando prendê-lo por outro assassinado de dois anos atrás.

Agora era a hora de pôr as mãos sobre aquele biltre!

*

Na delegacia reuniu o Sargento Aristeu e o Sargento Osvaldo, o cabo Peçanha e outros quatro policiais, não queria dar nenhuma chance àquele estelionatário de escapar de novo.

Ao cair da tarde o delegado Glauco cercou a casa de Suetônio.

Junto com o Sargento Aristeu e o cabo Peçanha eles bateram à porta.

Não houve resposta,

O cabo empurrou a porta e ela se abriu devagar com um rangido agourento.

— Tem algo errado doutor. — falou o cabo.

O delegado já havia sacado a pistola.

— Vamos entrar agora! — comandou ele.

Invadiram a casa e acabaram encontrando o corpo de Suetônio na sua cara biblioteca com um ferimento de faca no abdômen.

— Chame o doutor Humberto imediatamente. — falou o delegado para o Sargento Aristeu — E coloque guardas em torno da casa. Ninguém entra e ninguém sai.

Com a ajuda de Peçanha e outro policial, o delegado passou um pente fino na casa.

Encontraram o cofre de Suetônio no andar superior, mas estava arrombado.

O livro não foi encontrado, nem o dinheiro!

*

A manhã seguinte acordou com o carro do delegado parado em frente ao museu.

Ao chegar o doutor Hélio o delegado o surpreendeu na escadaria.

— Bom dia doutor Hélio.

— Bom dia delegado, conseguiu pegá-lo?

— Infelizmente chegamos tarde. Ele foi assassinado e o livro roubado de seu cofre.

— Bem, talvez eu tenha uma pista, delegado. — falou o doutor com uma ponta de mistério na voz.

— O que houve?

— Hoje quando saí de casa recebi este bilhete muito suspeito. — falou ele entregando uma folha de jornal rabiscada ao delegado.

O conteúdo era este:

“Doutor Hélio Theobaldo estou com seu livro. Se ainda o quer me traga o dobro do valor que seu amigo estava levando até o meio dia. Senão o fizer já tenho outro comprador que o fará.”

Joaquim Heliotrópio

— Conhece o nome delegado?

— Sim, outro marchand do mercado negro. Nunca soube que lidava com livros, mas já apreendi muitas moedas e armas antigas em seu poder.

— Talvez ele tenha morto o doutor Severino e o outro marchand.

— Talvez. — repetiu o delegado pensativo. — Vou investigar.

— E o que eu faço? Levo o dinheiro?

— Não. Eu o prenderei antes do meio-dia. Posso ficar com o bilhete?

— Naturalmente, delegado.

O delegado retornou à delegacia.

*

Levou quase toda a manhã para descobrir o paradeiro do comerciante, estava em um de seus armazéns no cais do porto.

Novamente o delegado reuniu sua força-tarefa e partiu.

O armazém ficava porto do fim do cais, em uma área mais deserta.

Os policiais o cercaram e o delegado entrou seguido pelo Cabo Peçanha.

Estranhamente o lugar estava vazio.

Todos os empregados haviam sumido.

O ar frio do interior preocupou o delegado.

Depois de uma busca minuciosa o corpo do comerciante foi descoberto.

Possuía a mesma marca de faca na barriga e nem sinal do livro.

Deixando ordem para que o doutor Humberto fizesse uma autópsia de urgência nos dois corpos para comparar os dados o delegado seguiu novamente para o museu.

Lá chegando foi direto para o escritório do doutor Hélio, mas ao vê-lo a secretária avisou:

— Ele saiu faz um tempo delegado.

— Que horas ele saiu? — estranhou o delegado.

— Pouco depois das dez e meia. — informou ela.

— Ele disse para onde ia?

— Não. Apenas disse que não iria voltar mais hoje.

— Obrigado. — agradeceu o delegado saindo.

“Mas era tão óbvio e fui tão tolo.” — pensou ele — “Quem mais teria acesso à uma arma tão antiga como aquela usada nos crimes?”

Foi direto para o Instituto Médico Legal falar com o doutor Humberto.

Ao chegar encontrou-o já terminando a segunda autópsia.

— Doutor Glauco! — saudou o médico — Tenho algumas respostas para o senhor.

— O que encontrou doutor?

— Os dois foram mortos com a mesma arma com que foi morto o curador do museu, mesmo *modus operandi*, mesma área atingida, assim posso presumir que a mesma pessoa os matou!

— Alguma pista sobre o assassino?

— Não. Ele não deixou rastros além da assinatura da arma. O motivo é claro foi por causa do tal livro certamente?

— Acredito que sei quem foi.

— Quem foi? — perguntou o médico curioso.

— O Curador interino! Ele tinha motivo e sabia onde ia o doutor Severino, também sabia do paradeiro dos dois *marchands* e saiu mais cedo do museu.

— Então agora só resta prendê-lo! — falou o médico estalando os dedos.

— Vou fazer isso! — afirmou o delegado.

*

O restante da tarde e até a noite o delegado procurou pela cidade, mas não conseguiu encontrar o doutor Hélio.

Não estava em casa e não voltou para o museu.

Havia simplesmente desaparecido.

Retornou à noite para a delegacia e foi para sua sala.

Precisava pensar sobre o que iria fazer em seguida.

O porto estava sendo vigiado e o aeroporto também.

O doutor Hélio não conseguiria sair por nenhum deles.

Mas ainda havia todas as outras estradas e ruas que saíam da cidade, havia barreiras policiais nas maiores e mais movimentadas, mas ele poderia muito bem já ter ido embora.

Mas o delegado tinha uma certeza, estranha, de que ele ainda estava lá, que ainda não havia fugido.

Era chegada a hora de agir!

*

O delegado estava em sua sala perdido em pensamentos quando a porta se abriu e ele viu o jovem policial Heitor entrar.

Ele fechou a porta e parou em frente ao Delegado.

— Delegado Glauco, precisamos conversar.

— Aconteceu alguma coisa policial?

— Recebi uma informação sobre o paradeiro do fugitivo. — disse o rapaz.

— Quem... — começou a perguntar o delegado.

— Um informante que deseja permanecer anônimo delegado. — respondeu o rapaz.

— Muito bem, ele pode permanecer anônimo. Que informação ele deu?

— Que o senhor poderá encontrar o tal doutor Hélio no cemitério municipal hoje próximo à meia-noite.

— Por quê? Porque próximo à meia-noite?

— Ele não me disse. Só falou que se não o encontrar hoje ele fugirá e não o encontrará mais.

— Bem então vamos reunir os outros! — falou o delegado levantando-se.

— Outra coisa que ele disse é que o senhor deverá ir sozinho ou não conseguirá pega-lo.

O delegado franziu o cenho!

— Que estranho! Mas não tenho medo de ir sozinho ou de enfrentá-lo.

— Então boa sorte, delegado! — disse o rapaz saindo.

*

A meia-noite encontrou o delegado Glauco sentado sobre uma lápide perto do centro do cemitério municipal.

Já havia rodado o lugar três vezes e ainda não havia encontrado o doutor Hélio.

Quando o delegado ouviu o soar das badaladas do relógio da matriz que anunciavam a meia-noite um vulto saiu de detrás de um túmulo recém fechado, era o doutor Hélio!

Ele veio caminhando e parou na frente do delegado.

Tinha um livro de capa grossa e escura de couro nas mãos.

— Boa noite delegado Glauco, o que o traz à tão lúgubre lugar?

— Boa noite doutor Hélio, vim prendê-lo pelo assassinato do doutor Severino e dos dois marchands.

— Só por causa disso delegado?

— Sim, é isso que me importa.

— Eu devo dizer-lhe que todos tiveram aquilo que mereciam delegado.

— Como pode dizer uma coisa dessas, doutor! Sabe que matar é crime!

— Eu estou acima dos crimes dos mortais delegado. Sou apenas um mensageiro para meu pai. Ele é o Dador das Leis e o Juiz dos Homens!

— Virou crente agora doutor? Quer esconder seus crimes sob a fachada da religião?

— Delegado, saiba que esta casca mortal que vê não sou eu verdadeiramente. Este não é meu nome verdadeiro. Eu sou... Há, mas eis que ele está aqui, Aquele que me enviou veio afinal!

O delegado olhou ao redor espantado e viu um vulto sair das sombras mais distantes.

Era o jovem policial Heitor!

Mas eis que seu semblante mudava e sua face envelhecia diante do delegado quanto mais se aproximava.

Ao chegar à frente dele o rapaz havia se metamorfoseado em um homem alto, maduro, de tez alva e cabelos cacheados cor de cobre que caíam sobre os ombros e com uma barba encaracolada.

Suas vestes haviam mudado e usava agora uma toga de um branco alvíssimo, seus pés usavam sandálias de couro cru, mas não tocavam o chão ao andar.

Ele aproximou-se do doutor Hélio e este lhe entregou o livro com reverência, desaparecendo em pleno ar logo em seguida.

O delegado ficou chocado e ao mesmo tempo atônito com o que viu.

Ia perguntar algo, mas então o homem abriu o livro e com uma voz tonitruante falou um nome!

O ar ao redor tremeluziu e piscou!

O mundo dobrou-se sobre si mesmo e ela veio dos interstícios das coisas!

O delegado viu o pelo dourado e macio, viu as patas de leão tocarem a terra sem deixar marcas e as grandes asas de águia que ela exibia com orgulho, porém foi a face de mulher que mais o marcou.

Seus olhos verdes fixaram-se nos dele de forma que ele não conseguiu desviar o olhar.

Era como se todos os seus pensamentos fossem revelados à ela.

Pareceu ouvir uma voz em sua cabeça dizendo:

“Não sou eu quem pergunta, mas sou eu quem responde!”

Ela andou em direção ao delegado e ele sentiu que seria seu fim ali naquele momento.

Então ela olhou para o homem e parou.

Dobrou os joelhos e com uma voz respeitosa disse:

— Salve Ó Todo Poderoso Crónida!

O homem fez um sinal discreto de aquiescência.

A criatura, porém não andou mais, parou onde estava e esperou.

Então o homem a olhou com curiosidade e disse:

— Conte-me um mistério e um segredo e estarei satisfeito!

Ela deitou-se com a barriga na terra, levantou a cabeça em direção ao céu e falou em uma voz sedosa, quase como um gato à ronronar.

— Uma vez, há algumas décadas, um homem oriental cantou um Haiku para mim:

温かい血液、
チョコレートを飲む
ホット叫び。

“*Atata kai ketsueki,
chokorēto o nomu
hotto sakebi.*”

(*Warm Blood,
Drinking Chocolate
Hot Screaming.*)

— Eu gostei e o deixei ir! — disse ela sorrindo um sorriso enigmático.

Então ela levantou uma das patas e sua voz suave ronronou o segredo de sua sentença:

— Houve uma vez um príncipe no antigo Egito que caiu no sono próximo à mim, enquanto eu dormia meu sono de eras e ele teve um sonho onde conversávamos! Eu lhe disse para restaurar o monumento que os primeiros homens haviam feito para mim, e que se ele fizesse isso se tornaria o Faraó do Egito. Ele fez o que lhe pedi e eu o tornei Faraó! Porque eu iria pedir menos de qualquer outro homem?

Quando ela terminou o homem levantou uma das mãos e falou com uma voz que pareceu o ribombar de muitos trovões:

— Eu a libero de seu fardo criatura! Vá em paz!

A Esfinge levantou-se e assim como veio partiu!

Então o homem voltou-se para o delegado.

— Você foi muito corajoso, meu filho! Agora cabe à você dar um fim à história dela. — falou ele entregando ao delegado o livro.

— Mas o que devo fazer? Não sei...

— Você deve pôr um fim à existência dele para que o conhecimento que ali está contido não caia em mãos vorazes!

E assim falando o homem sumiu, como o outro antes dele.

O delegado ficou ali parado por algum tempo.

Pensando em tudo o que havia visto.

Ouviu então o pio de uma coruja e despertou.

Foi até o carro e pegou um pequeno galão de gasolina que sempre deixava à mão para emergências.

Voltou até o centro do cemitério.

O delegado colocou o livro no chão e derramou a gasolina.

Afastou-se e acendeu o fósforo.

Lembrou-se das palavras da Esfinge:

“Não sou eu quem pergunta, mas sou eu quem responde!”

Deixou cair o fósforo.

As labaredas subiram com um ronronar forte.

Em minutos tudo estava consumado!

Ele virou-se e caminhou sem olhar para trás!

Poslúdio

*“Ó Deusa da Sábia Lâmina,
Ó Deusa dos olhos azuis do Céu,
Seu é o coração incansável,
Sua é a armadura de ouro brilhante,
Sua é a mente que aconselha e inspira,
Seu é o poder de domar o forte,
Virginal Deusa da Luz Vitoriosa,
Ó Pallas Athena, Filha de Zeus!”*

Um vento forte soprou pela Acrópole!

Pelas colunas soou um pio de coruja.

Folhas mortas redemoinharam pelo chão de mármore.

A aurora veio banhar com sua luz o corpo dourado da Esfinge, que deitada no centro do templo, aguardava.

Do outro lado da Acrópole surgiu uma figura como um meteoro brilhante!

Uma Deusa!

Seus olhos brilhavam como fogo!

Suas vestes brancas e virginais entretecidas de rico ouro, encimadas por um elmo de ouro com quatro plumas com os emblemas de uma centena de cidades.

Pendurado sobre seus ombros o poderoso escudo Aegis flamejante.
Em sua mão direita uma lança de bronze afiada.
Ela se aproximou da Esfinge e estendeu sua mão alva.
A Esfinge levantou-se.
Juntas subiram ao carro de veludo e ouro da Deusa e atravessaram o arco-íris sétuplo.
E ela foi levada para a Casa de Artêmis.
Onde não há inverno e é sempre primavera!

*“Ouve-me Ó Caçadora dos Céus,
Ouve-me Ó virginal Donzela de Chifres,
Ó Caçadora das bestas selvagens,
Ártemis, Ártemis do Arco Dourado,
Vem Ó Deusa da Negra Lua,
Vem ó Virginal e gloriosa Caçadora,
Vem à nós Ó Ártemis!”*

E ela veio!

A dark, atmospheric photograph of a forest at night. The scene is shrouded in mist or fog, with tall, slender trees silhouetted against a dim, blue-tinged light. In the center background, a house is visible, with a single window glowing with a warm, yellow light. A path or road leads from the foreground towards the house, disappearing into the mist. The overall mood is mysterious and somber.

VI – A Terra Negra

*"Do que são feitos os pesadelos?
Eu lhes digo do que são feitos...
são feitos deste estranho e obscuro objeto
do desejo secreto da alma humana,
pelo qual ansiamos
e ao mesmo tempo tememos nos ser revelado.
São feitos do indizível medo
que sussurra nas trevas insondáveis da nossa alma
e que suscita em nós
um desejo profano pelo bater descompassado
do coração
e pelo toque gélido do terror e do horror
em nossa alma!"*

Um Estudo sobre a Alma, Trigorin

Prelúdio — A Canção da Terra Negra

"O desconhecido se alimenta de Medo."

Libris Mortuorum, Capítulo I

Era 1895...

O murmúrio do vento de outono sobre o milharal veio como uma prece velada de abundância e fartura.

Redemoinhou tranquilo sobre a estrada de terra batida que saía da vila do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Passagem, levantando algumas folhas avermelhadas de aveleiras e macieiras em um torvelinho de poeira dourada e cortando caminho por entre as árvores da cerca viva de espinheiro-branco que fechavam o outro lado da estrada, seguiu adiante para os campos verdejantes e agrestes que margeavam as raízes da Serra Diamantina, arroxeadas e nevoentas, mais ao norte.

Os raios do sol de fim de tarde ondularam por entre pesadas nuvens de chuva que carregavam o horizonte carmesim lá para os lados dos cabeços da serra.

No cruzamento da via com a estrada que vinha da região beira-mar e seguia para o interior do país havia um cruzeiro alto, feito de madeira de lei branca, erguido já há muitas décadas, desde a fundação da vila.

Ao pé do cruzeiro, sobre a laje de pedra fria, estava sentado em sua sombra um velho negro de pele encarquilhada e cabelos grisalhos, ao seu lado havia uma pequena mala preta de couro bem engraxado e sobre ela uma caixa de violino e um violão, instrumentos tão velhos e surrados quanto o próprio dono.

Ele tinha nas mãos nodosas uma velha gaita de boca, bem cuidada e sempre brilhante.

Seus olhos iam do milharal para a cerca viva e voltavam, em um ritmo cadenciado, como se procurasse por algo ou alguém, ele levou a gaita aos lábios e uma melodia chorosa derramou-se sobre aquele fim de tarde outonal, quebrando o silêncio ocasional que pairava por ali.

Suas notas lamuriosas descreviam uma tristeza e uma mágoa antigas, um desgosto quase palpável como lágrimas amargas de uma separação à muito confirmada.

A lua cheia desvelou sua brancura leitosa por entre as nuvens de chuva que já despontavam também por sobre as árvores da floresta mais além, depois do milharal.

Longe um cão uivou, longa e demoradamente, como um presságio ou agouro velado.

Então ele pareceu ouvir algo e parou.

Escutou o silêncio forte que o envolvia, não havia sons pelo ar sem vento.

Nem pássaros cantavam mais.

Ele não deu importância, esticou as pernas e olhou para os lados da estrada com curiosidade, não havia mais ninguém ali e a noite certamente não tardaria a chegar.

Os passantes eram poucos nesta região na hora do cair do sol, quase com superstição todos evitavam à beira da mata naquelas horas misteriosas, para onde se dirigia a estrada muito adiante, na sua caminhada rumo ao mar distante.

Não esperava encontrar outros viajantes!

Há muito já se havia acostumado à solidão.

Era dela que vivia sua vida! Era dela que se alimentava!

Era o músico itinerante da região e sua orquestra solitária já tocara em quase todas as casas da vizinhança, desde a Vila da Passagem até a cidade de Laguna, por mais de meio século seus pés haviam palmilhado todas aquelas terras abandonadas e fazendas prósperas, campos e serras.

Cantava sobre os amores perdidos, as decepções do coração e a solidão do espírito do homem, esta era a sua vida!

Já não havia muito que ele não houvesse visto ou ouvido, durante todas as suas andanças, e nem o silêncio cortante daquela tarde de outono poderiam amedrontá-lo.

Colocou a gaita sobre a caixa do violino e tomou do violão.

Dedilhou suas cordas com carinho, estudando os toques e sons suaves que vinham de sua caixa encerada e lúzia, os ecos das vozes das cordas como suspiros rachados.

Enquanto tocava ou passeava os dedos pelas cordas gastas ele acompanhava os movimentos com outros movimentos ritmados e cadenciados da cabeça.

Mas antes que começasse outra melodia parou.

Novamente pareceu que escutara um som diferente, como um engasgar ou um arranhar.

Sua vista pareceu estar lhe pregando peças, pois com o canto do olho vira uma pequena silhueta, não mais que um pé de altura, certamente uma lebre, a observá-lo de um canto de detrás da cerca viva, mas os olhos eram lúzios demais, certamente um gato do mato, quando procurou certificar-se não viu mais nada.

Ah, aquilo estava perdendo a graça.

Não devia esperar no cruzeiro até a noite, sabia que não era um local bom, na verdade era tido como um local mau pelos fazendeiros vizinhos daquelas terras e até pelos moradores da vila, e estes moravam a mais de légua e meia dali.

As histórias que ouvira não queria lembrar, pois era de mau agouro ficar lembrando coisas ou histórias de assombração naquele lugar e naquela hora do dia, ainda mais numa situação como a sua!

E ainda mais com a tempestade que vinha se encaminhando.

Guardou o violão na capa de couro marrom e guardou a gaita no bolso.

Suas mãos estavam meio trêmulas.

Ah, era a idade, pensou ele tentando animar-se, apenas a idade.

Levantou-se e olhou novamente para os lados da estrada, desanimado com a demora.

Seu irmão já deveria ter chegado, afinal a vila não era muito longe e estava anoitecendo muito rápido.

Um barulho súbito ao seu lado fê-lo pular para o meio da estrada nervoso.

Um pequeno coelho branco saiu em disparada das moitas atrás do cruzeiro e embrenhou-se por entre a cerca viva do outro lado da estrada.

Então para surpresa do velho, com um salto ele saiu novamente em disparada de dentro da cerca viva e correu pela estrada, na direção da vila por uma boa distância, até enfiar-se por entre o milharal muito adiante.

O velho, seu nome era Tobias, estranhou o comportamento do coelho.

Algo dizia-lhe que não era normal tanta correria assim no fim da tarde.

O sol descia rápido no horizonte.

Ele olhou novamente ao redor, desta vez havia um pouco de medo em seu olhar e suas mãos suavam frio.

As sombras da cerca viva se alongavam na estrada como dedos finos e pontiagudos.

Uma coruja piou insistente ao longe, para os lados da floresta... e silenciou.

O velho músico juntou sua bagagem e pôs-se a andar. Se não fosse nada seu irmão o encontraria mais perto, se fosse alguma coisa não queria ficar ali para vê-la, fosse o que fosse, e olhe que ele já vira muitas coisas assustadoras, mas aquilo parecia gerar nele um medo irracional, um horror insubstancial que não conseguia conter.

Continuou caminhando rápido pela estrada.

Seu coração batia descompassadamente no peito, sentia como se estivesse sendo seguido, mas por mais que olhasse ao redor não conseguia ver nada ao seu lado ou atrás de si.

As sombras pareciam caminhar com ele e novamente pelo canto do olho ele julgou ver uma pequena silhueta negra recortada por entre um vão da cerca viva.

Afastou-se dela, mas então um barulho estranho veio do milharal à sua esquerda e ele voltou para o centro da estrada.

Tentou assobiar uma canção para disfarçar o medo, mas foi pior, pois o seu assobio era o único barulho que ele conseguia ouvir, não havia zumbido de besouros ou guincho dos morcegos, nem pios de coruja, ou mesmo o distante ladrar de algum cão, estava tudo silencioso demais.

Ele calou-se.

As grandes massas de nuvens acastelavam-se já sobre a fina linha da estrada, encobrendo a lua nascente e encaminhando-se para o sol poente.

Subitamente a estrada desceu em uma ladeira profunda e foi então que o verdadeiro terror assaltou-o.

Ele virou-se e, largando toda a sua bagagem, saiu correndo com toda a velocidade que conseguia na direção oposta de onde viera e exatamente para os lados do cruzeiro.

Um medo sobrenatural avassalara-o com a força da visão que tivera ao começar a descer a ladeira.

O coração quase lhe saía pela garganta.

Por uma fração de segundos seus olhos fixaram-se nas sombras da estrada no outro lado da ladeira, na parte que subia, e ele vira com um horror crescente, várias silhuetas negras, mais densas que a escuridão que já caía ao seu redor, vultos magros de apenas poucas dezenas de centímetros, mas cujos olhos injetados e luzidios brilhavam com um fogo próprio e traduziam um olhar medonho de prazer e fome incontidos.

O velho músico correu, tentando lembrar-se de tudo o que sabia a respeito daquilo que achara que vira, mas não conseguia, pois nunca vira nada assim antes em toda a sua vida.

Não havia histórias para se lembrar, nada que lhe dissesse como livrar-se daquela situação.

Ele correu e correu até que a grande silhueta do cruzeiro o fez parar.

O peito doía com o esforço e ele respirava forte como se o próprio ar faltasse à sua volta.

Seu olhar amedrontado pousou sobre o enorme vulto do cruzeiro recortado contra o céu.

Subitamente, como se brotassem da própria cruz, várias pequenas silhuetas negras destacaram-se contra o céu noturno.

Os primeiros raios da lua cheia, escapando por entre as nuvens plúmbeas, iluminaram seus contornos magros e macabros, e seus largos sorrisos famintos e cheios de pequenos dentes alvos.

O velho músico caiu de joelhos e fechando os olhos começou a orar.

As pequenas silhuetas negras detiveram-se por um momento apenas, como se o estivessem estudando, então moveram-se silenciosamente em sua direção e estranhamente seus pequenos corpos pareciam não deslocar o ar quando eles passavam.

Com um último clarão o sol pôs-se silenciosamente no horizonte, acima do Chapadão do Grande Carro, escurecendo a terra.

E as trevas vieram.

A lua cheia ocultou-se por trás de uma nuvem escura de chuva e na escuridão da noite apenas o galope inconstante do vento foi ouvido por entre o milharal.

Depois grossos pingos de chuva caíram em uma melodia sinistra e altiroante e a tempestade rugiu e derramou-se em uma torrente de água e esquecimento que lavou toda a conspurcação da terra.

I — A Cidade e a Terra

*"Dentro da mata ardente,
na noite da floresta,*

*soa o assobio do mato,
ai do caçador astuto,
ai do matuto danado,
que topar com o curupira."*

cantiga popular

Em tempos idos, já há muito relegados aos livros de história, o termo da Vila do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Passagem estendia-se das raízes nevoentas da Serra Diamantina e do sopé encrespado do Chapadão do Grande Carro até o Rio da Prata, que corria rente à borda da Floresta dos Macacos, limite natural da sua vizinha, a cidade de Laguna, bordejada pelo Campo dos Cucos e pelo Largo do Encanta Moça.

Chegava-se até ela por uma estrada larga de terra batida que vinha de Laguna e cortava o mato virgem da Floresta dos Macacos, era chamada Estrada dos Boiadeiros, pois nos tempos em que a vila ainda estava nascendo eram muitos os boiadeiros que traziam suas boiadas por aquele caminho, também era usada por mascates e tropeiros desde antigamente.

A vila em si espalmava-se inteira sobre um planalto baixo, pouco mais alto que o nível do mar, de sorte que à volta de seus limites a terra descaía para um terreno mais plano de uma planície mais larga onde abundavam pequenas lagoas pouco profundas e inúmeros rios e cursos d'água.

Cercada de pequenas herdades e de sítios de donos desconhecidos, famílias cuja origem remontava os primeiros bandeirantes que descobriram àquele lugar, a pequena vila seguia seu curso e envelhecia devagar.

Das suas últimas ruas seguia a estrada que cruzava o entroncamento da serra com o chapadão e corria para a planície interior, aberta ao céu sem limites, a Estrada dos Ararás, e depois atingia a bela Ouro Verde, portentosa cidade interiorana construída às margens do Pantanal do Éden, lugar fabuloso e mítico.

Mas houvera uma época em que apenas os animais da mata e seus outros habitantes cruzavam aquelas paragens desoladas, uma época muito distante que agora se perde nas brumas do passado como história antiga e não contada.

E nesta época mítica, já esquecida pelos homens, havia outros moradores naquele lugar velho...

...

Era uma sexta feira, de um dia que, naqueles lugares ainda virgens, ainda não havia conhecido o calendário dos homens.

O solo se punha já pelos cumes enevoados do Chapadão do Grande Carro, e a claridade morria enquanto as escuridões da terra iam saindo devagar de seus esconderijos e tomando posse daqueles lugares despojados de luz.

Ouviu-se um barulho grande lá nos lados da mata dos macacos, ribombando como tropel pelos carreiros da floresta, espantando pássaros e quebrando o silêncio do mato cansado.

Rompendo as moitas altas e os espinheiros da beira da ponta da mata veio um porco do mato, robusto e largo, o pai de todos os caititus daquela parte da mata, batendo os dentes e correndo alvoroçado com seu dorso de pelo grosso acinzentado e manchado de preto carregando um viajante muito estranho agarrado à sua crina escura.

Um índio jovem nu, de pele acobreada, com cabelos enfoguecidos de uma ruivez em brasa, os olhos esverdeados estavam alertas e trazia em uma das mãos uma vara comprida de madeira enegrecida. Seus pés, estranhamente, voltavam-se para trás. Não trazia roupa sobre o corpo.

Parou por um momento na beira da mata, cheirando o ar da tarde que morria e sentindo a noite que se aproximava.

Ouviu o som forte de uma jaçanã cantando a beirinha da noite que se esgueirava pra entrar no mundo e depois um fogo-apagou cantou mais distante quando as primeiras estrelas começaram a despontar no escuro do céu.

Perto dali uma corujinha do mato regougou acordando.

Um bando de pintassilgos e caturritas esvoaçaram das moitas ao redor.

O índio bateu de leve com a vara do lado direito do flanco do porco do mato e este arremeteu para a esquerda pelas barrancas do rio da Prata, correndo até onde as águas ficavam mais rasas e atravessando o rio largo em quatro saltos rápidos.

Depois pulou pela planície larga à sua frente e enveredou pelas moitas altas de arruda e babosa, até chegar às abas exteriores do pequeno e baixo planalto que erguia-se apenas um pouco acima das terras da planície.

Ali enveredou por um caminho de terra batida, que parecia bem usado, no qual podia ver trilhas de caititus, onças, tamanduás e veados, e que ia dar em uma rocha preta e alta quase no centro do pequeno planalto, da qual brotava uma água bem límpida que descia para o pé da pedra formando um pequeno lago de águas translúcidas.

Ali à beira do pequeno lago escondido o porco do mato estacou, hirto de medo.

O índio nu desceu do costado espesso e ergueu alto a vara preta, bem no momento exato em que a lua mostrava sua cara branca por detrás dos cabeços da Serra Diamantina, do outro lado da planície.

Ele gritou um nome, um nome há muito esquecido e que os homens nunca souberam pronunciar, gritou três vezes aquele nome tão desconhecido da humanidade.

Um silêncio forte se seguiu, nem o vento nem os pássaros noturnos nem outras criaturas ousaram quebrá-lo, até que um assobio prolongado, estridente e feio soou no cair da noite.

No alto da pedra surgiu um vulto diferente, a forma portentosa de um veado, de cor vermelha, de chifres cobertos de pelos, de olhar de fogo, de cruz na testa que olhou para baixo, para onde o índio nu o esperava.

Desceu com um salto gracioso e parou à frente do índio, que fez uma cortesia e um aceno com os cabelos de fogo.

Olharam-se durante alguns momentos, ou será que foram horas?

O índio montou novamente no porco do mato e retornou pelo caminho que o levava até ali.

Na beira da mata, antes de entrar, ainda olhou para trás por um momento, o veado de olhar de fogo ainda continuava ali parado.

Depois entrou na mata e sumiu, como um pensamento arreado que surge às vezes em nossa mente, e desaparece novamente, deixando para trás apenas um sentimento de perda e solidão!

...

O ano era 1759.

O mês de março avançava já em seus idos.

A tarde caía devagar por sobre as bordas altas do Chapadão do Grande Carro, muro ereto e sombrio que se descortinava pelo horizonte à fora.

As sombras avançavam rápidas sobre aquelas terras ainda virgens.

Então, quebrando o silêncio do mato e assustando os pássaros que preparavam-se para cantar a beleza da estrela da tarde que despontava, um vulto assomou por detrás do tronco pardo e enrugado do jenipapeiro alto, era alto e forte, no rosto curtido pelo sol e emoldurado por uma barba embranquecida dois olhos negros encimados por sobrancelhas fartas olharam demoradamente ao redor.

Uma das mãos grossas do bandeirante pousou sobre a faca comprida embainhada em couro negro e prata que trazia a cintura, enquanto a outra colocou em posição o arcabuz muito surrado.

Sua figura, vestida de azul e couro, logo foi emoldurada por outras duas, de estilo semelhante, uma delas em quase tudo igual à primeira, tendo de diferente apenas a tez avermelhada característica dos caboclos da região, enquanto a outra era à de um índio da tribo dos purus, seminu, que trazia uma faca longa à cintura, presente do bandeirante, e um arco de maior estatura que a sua, com um carcás de flechas compridas e de ponta esverdeada pelo veneno, às costas.

O general Caleb Ébano da Rocha, desceu à frente da árvore, olhando para as margens altas e portentosas do largo Rio da Prata, as águas cintilantes parecendo conter todo o metal prateado do mundo em seu leito, rilhavam sob os raios do sol que já morria.

— Jesuíno. — chamou ele e o caboclo adiantou-se — Ajunte o pessoal para acamparmos aqui hoje. Amanhã atravessamos e começamos a fundar o arraial.

O caboclo, o tal Jesuíno, piscou os olhos bem pretos, o rosto junto ao do bandeirante à semelhança do General, manteve-se sério, eram por demais parecidos, tanto que até diziam, à boca pequena, que os dois eram irmãos, sendo o caboclo resultado de um caso do pai do general com uma índia guarani, muito formosa que havia morrido de complicações depois de dar à luz.

Haviam sido criados juntos e eram tão unidos como o podiam ser um galego e um caboclo naqueles tempos de antanho!

— Corã — chamou de novo o bandeirante — Me conte de novo aquela história desse lugar — pediu ele ao índio, sentando-se em uma raiz mais alta, que aflorava das moitas de bredo-branco que assomavam pela encosta do rio.

O índio acorrou-se perto do bandeirante, onde também foram sentar-se o Padre Castor de Andrade, capelão da bandeira, e Carlos Pais da Rocha, sobrinho e afilhado do bandeirante.

Riscou no chão com um graveto algumas linhas tortuosas e compridas e contou:

— Meu povo chama este lugar de Cor-En-Serpe, que na língua de vosmecês é chamado de espinhaço da cobra, porque as histórias antigas diziam que no fundo deste rio vive uma grande cobra branca, da cor da lua, cheia de escamas brilhantes, que nas noites de escuridão sai da água para caçar quem ela avistar nas margens do rio. Seu olhar é encantamento forte e captura um homem como uma cobra coral pega um filhote de passarinho. Não devemos acampar por aqui, mais adiante tem uma grande campina, um grande espaço aberto, onde cabem muitas cabanas e onde podemos ficar melhor protegidos. É um lugar bom e tem água boa por lá e peixes também.

— Tolice. — disse o padre benzendo-se — Estas crendices populares são apenas histórias da carochinha para colocar medo nas crianças, isso de cobra grande é besteira.

O índio olhou para o padre com um olhar de descrença, mas se manteve firme.

— Eu mesmo não vi, pois nunca cheguei perto do rio nas noites escuras, mas quando eu era criança meu irmão Torá contou que ele e um amigo tinham vindo ver a cobra grande e ela havia pegado o amigo dele e levado para dentro do rio para comer ele. Eu não vi mais o amigo dele.

— Deve ter fugido para outro lugar melhor! — disse o padre com a voz incrédula — Você não pode acreditar em tudo que lhe contam, Corã.

O bandeirante fez um sinal ao padre para que silenciasse e perguntou:

— Mas e sobre as pedras brilhantes, Corã. Aquelas que você me disse que seu pai e seu avô tiravam de dentro do rio, iguais à esta? — disse ele mostrando uma pequena pepita de prata pura.

Os olhos do índio brilharam:

— Sim, destas tem bastante dentro do rio ainda, mas deve ter mais na fonte que fica na campina, além do rio, porque é de lá que as águas mais brilhantes vêm.

Os olhos do velho bandeirantes brilharam de satisfação.

Fazia meses já que vinham seguindo aquela pista.

Subiram muitos rios, todos sem nenhum metal precioso, passaram a Serra do Mar com muita dificuldade e após perderem quase dez homens conseguiram alcançar às margens daquele rio fabuloso.

Agora estava na hora de colherem seus frutos prateados!

A tarde foi anoitecendo devagar enquanto os bandeirantes limpavam a margem do rio e cortavam e montavam as cercas ao redor da pequena tapera de barro que começavam a construir para o general.

Corã e os outros índios sumiram para caçar.

O padre, no entanto, ficou ao lado do velho bandeirante e de seu irmão de criação, argumentando que não era um bom local para uma povoação, muito perto do rio e muito desprotegida.

Quando as primeiras estrelas surgiram, e os mosquitos avançaram em pequenas nuvens, sendo espantados pela fumaça das fogueiras, Jesuíno pegou um violão velho que sempre trazia consigo e começou a tirar uma velha cantiga.

Então Corã levantou-se e olhando para o céu começou a balbuciar alguma coisa em sua língua estranha.

Jesuíno seguiu seu olhar e emudeceu.

O general olhou para onde apontava o índio balbuciante e viu um lume aceso à maneira de uma estrela, mais brilhante do que todas as outras que já havia visto, que crescia a olhos vistos até se tornar mais forte que o sol e ocupar toda a quarta parte do céu.

Os olhos do general se abriram mais, tentando captar aquele momento tão estranho e inverossímil.

Na abóbada celeste à sua volta, como um rio de estrelas cadentes, choveram pequenos meteoros em uma catarata de fogo e com pequenos clarões eles caíam e se aninhavam no seio da vasta planície que se avultava adiante dos olhos pasmos do general.

A prodigiosa e aterrorizante aparição desceu como um manto de diamantes flamejantes caindo sobre a terra e todos os homens, fossem índios ou portugueses, pagãos ou religiosos, espantados e amedrontados ajoelharam-se e puseram-se a rezar e murmurar, alguns chegando à jogar-se de rosto à terra fria, somente o general, Jesuíno e o padre permaneceram em pé, ainda solidificados pela visão fantasmagórica e belíssima.

E o general nunca conseguiu esquecer a beleza e o terror que o assaltaram naquela noite messiânica.

O padre Castor benzeu-se um sem número de vezes e afinal ajoelhou-se, temendo pelo fim do mundo, e assim ficou até que o astro sinistro passou após várias horas de temerosa expectativa, a chuva de meteoros dissipou-se e o céu voltou a ficar escuro e salpicado de estrelas.

O general olhou para o irmão, que assentiu e disse:

— Pelos livros que já li lá em São Thiago, dizia Flammarion que aquilo que vimos com nossos olhos nus era um cometa, dizem que eles correm desembestados pelos céus, e que são como incêndios das exaltações dos planetas e dos signos do zodíaco, provocados nas esferas celestes pelo fogo elementar.

O padre Castor opôs-se veementemente àquelas palavras:

— Não acredite nisso, meu senhor general, aquilo que vimos foi um sinal de que Deus não nos quer neste lugar.

— Mas então porque ele nos trouxe aqui padre? — perguntou o bandeirante levantando as sobrancelhas.

— Para nos mostrar onde não devemos ir.

— Tolice! — redarguiu o bandeirante com um aceno negativo de cabeça — Vamos acampar aqui hoje e amanhã veremos se o rio nos mostra suas riquezas. Depois seguimos o caminho indicado por Corã para a planície, pois quero ver a nascente destas águas.

— Vosmecê não pensa em fundar a cidade aqui, pois não? — perguntou o padre com um tom de descaso e admoestação na voz.

— Claro que não, Padre. — assentiu o general — Vou fundar a minha cidade naquela planície que vosmecê vê lá... — disse apontando com a mão grande e fazendo um gesto de abarcar o horizonte, para a grande planície que se descortinava à frente do pequeno forte.

O padre olhou atemorizado para o homem.

— Mas ali foi onde caíram as pedras demoníacas! Ali é o campo do demônio... não serve para construir uma cidade de Deus!

— Deixe disso Padre. — disse o general balançando a cabeça com um gesto de descontentamento — É lá que foi levantar a cidade, e bem no centro vai ficar a igreja que vou construir em honra de Nossa Senhora, afinal foi ela que me guiou até aqui.

— E a chuva de fogo do céu? Foi um aviso de Deus!

— Foi sim, Padre. Um aviso de que ele purificou toda aquela terra das maldades dos homens somente para que possamos construir nossa cidade lá. — e dizendo isso olhou o padre com aqueles olhos negros e profundos, que precisavam de uma certeza e de uma aquiescência.

O padre emudeceu, e pensou que se afinal Deus havia enviado todo aquele fogo, certamente o general estava correto em pensar que aquelas terras estavam limpas, porém a estranheza do acontecido ainda lhe ficou na lembrança como uma farpa mal tirada, que continuava a lhe incomodar.

— Que seja. — retorquiu o padre — Mas quero benzer toda aquela terra só por garantia.

— Pode benzer, padre. Podemos desviar o rio e inundar a planície com suas águas limpas só pra ter certeza.

O padre concordou com um aceno de cabeça.

— Se ao menos eu tiver os favores da Fortuna! — disse o velho bandeirante olhando pensativamente para as águas do rio que corriam prateadas sob a luz da lua recém nascida.

Assim, nos dias que se seguiram, foi estabelecida a sesmaria que viria a se chamar Vila do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora de Passagem!

*

A princípio os bandeirantes se estabeleceram nas margens do Rio da Prata, na localidade que chamaram de Vila do Centro e, em seguida, alguns meses depois mudaram a povoação para o centro da grande planície formada por pequenos lagos e córregos, justamente ao redor da rocha preta e alta quase no centro do pequeno planalto de onde fluía uma fonte que originava um dos braços do Rio da Prata, batizada então de Praça da Fonte, e ali cresceu a Vila do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Passagem, mas a pedra preta foi movida e arrancada para os limites da cidade e lá partida em quatro partes, que depois os engenheiros vindos da capital usaram para construir a pedra fundamental das quatro igrejas dos cantos da cidade, como ficara acertado em uma reunião secreta da Loja Lua de Prata, loja maçônica fundada pelo general Caleb e seu irmão Jesuíno, da qual vieram a participar o bom padre Castor de Andrade e Carlos Pais da Rocha, sobrinho do general.

*

Em 1798 foi erguido o Pelourinho, bem na praça central e em frente à igreja matriz.

Suas ruas, que já eram mais de uma dúzia, eram estreitas em sua maioria, com seis metros de largura, poucas exceto as principais do centro da vila e as duas que davam ligação com a Estrada dos Boiadeiros e com a Estrada dos Ararás eram mais largas que isto.

Mas eram bem pavimentadas, calçadas com um tipo diferente de pedra de cor mais escura retirada das pedreiras ao sopé do Chapadão do Grande Carro, e talhadas em uma forma conhecida por pé-de-moleque, irregulares no contorno e empipocadas em sua superfície, justapostas e introduzidas no chão com um pilão de madeira e ferro.

Suas calçadas eram assentadas com passeios de lajes de granito verde, rejuntadas com pedras menores, compridas e estáveis, dando-lhes um bom acabamento e durabilidade.

Suas casas eram em sua maioria feitas de tijolos amarelos pela cor do barro tirado do seio das lagoas que margeavam a cidade.

*

A vila foi oficialmente fundada, mas só foi reconhecida pelo governo em 29 de março de 1837, porém desde sua fundação sempre representou um papel fundamental para a região.

A exploração da prata que se extinguiu deu lugar ao amparo oferecido aos tropeiros que cruzavam a região do Chapadão do Grande Carro e da Serra Diamantina com destino à Ouro Verde.

Em 1872 finalmente a vila ascendeu à categoria de cidade.

*

O transporte urbano era feito até 1840 por meio de cavalos, mulas, cadeirinhas e liteiras e foi somente naquele ano que começou a usar-se os caléches, os cabs pequenos de quatro rodas, os tílburis e as vitórias para duas pessoas, importados das cidades grandes.

Depois em 1850 veio a moda dos Timons Balancés, carros de molas com duas rodas e dois lugares, capota móvel e puxados por um só animal, e também as berlindas, um veículo de luxo muito semelhante aos caléches ligeiros.

Afinal em 1865, João Pedro de Aragão trouxe da capital um veículo novo chamado ônibus, com dois pavimentos altos, todo pintado em vermelho e puxado por quatro cavalos, e começou o primeiro serviço de transporte de ônibus entre a vila de Passagem e a cidade de Laguna.

*

No final do século, a cidade passou por profundas transformações econômicas e sociais decorrentes da expansão da criação de gado em várias regiões adjacentes, da construção da estrada de ferro que ligava Recife Velho à Ouro Verde em 1897 e do afluxo de imigrantes europeus em direção ao oeste fabuloso e inexplorado. Nesse período, a área urbana se expandiu pouco além do

perímetro do pequeno planalto, surgiram as primeiras linhas de bondes, os reservatórios de água e a iluminação a gás.

*

A água potável da cidade vinha das nascentes que fluíam dos planaltos acima do Chapadão e desciam pelos morros, indo dar ao largo da cidade, e da fonte que ainda brotava na praça principal e era a fonte principal de alimentação das casas e da igreja ao redor, mas foi somente em 1841 que foi construído o primeiro aqueduto, de um projeto antigo já utilizado na capital anos antes, e de tal forma que em 1903 já havia na cidade 3 chafarizes e 8 bicas populares para barris e pipas, e com esta implementação surgiu também a água encanada utilizando-se de um sistema inovador semelhante ao sistema de esgotos instalado dez anos antes.

*

A iluminação pública era um dos pontos altos, sendo que em 1843 haviam já 72 lampiões alimentados com óleo de peixe, suspensos em braços de ferro, sendo quatro nas ruas principais e dois nas menores. E afinal houve a substituição pela moderna iluminação à gás em 1891.

*

O primeiro Intendente Geral da Polícia designado para aquela província foi Firmino Fortunato do Amaral.

Ele geriu a vila até 1839, quando foi criada a Chefatura de Polícia, sendo o Coronel Amintas de Almeida e Barros agraciado com o cargo e passando o douto senhor Fortunato a ser Presidente da Câmara Municipal, cargo que manteve até 1845, quando abdicou em favor do filho, Emanuel Steinbeck Fortunato do Amaral, eleito por maioria esmagadora contra o rival Teodorico Azevedo dos Anjos.

*

O correio da vila de Passagem nasceu com a primeira casa e desenvolveu-se tanto que logo a agência central ocupava todo um pequeno prédio de quatro andares entre a Prefeitura e a Câmara Municipal.

A correspondência abundava entre Passagem e outras cidades, e principalmente com o exterior, levando-se em conta que os próprios fundadores desta eram de origem alemã e austríaca, e entre os colonizadores da região, que vieram depois, contavam-se muitas famílias italianas, espanholas e até mesmo japonesas.

*

A história de seus primeiros homens, verdadeira ou apenas imaginada, ainda preenchia os espaços urbanos!

Seus habitantes provincianos e cheios de segredos e mistérios, seus rudes e obscuros comerciantes, os viajantes de adaga nas botas, as imensuráveis estâncias sem nome e sem cerca que a cercavam, ínvias matas escuras que a margeavam, espectros medonhos e fantasmas amedrontadores que surgiam nas histórias da carochinha que as crianças ouviam em silêncio de suas amas e que recontavam aos companheiros de boca aberta ao redor das rinhas de bola de gude e nos ventosos campos de pipas que cresciam ao redor das fronteiras obscuras das casas.

A origem alemã e austríaca de seus fundadores vivia nas fachadas urbanas de suas casas e seus edifícios, e depois com a adição de outras famílias de colonizadores vindos de rincões distantes da Itália e da misteriosa Ilha da Sicília, e de ignotas terras orientais de Espanha e do Japão.

Sob a forma de frontões góticos ou cúpulas bizantinas, arcos mouriscos em ferradura e janelas orientais em ogiva, ou mesmo o chafariz em frente ao palácio da prefeitura, encimado por um leão rampante e ladeado de imagens de sereias e delfins, a mistura próprias de todos estes diferentes povos e credos fazia-se sentir o próprio ar citadino, que corria animado pelos aromas de especiarias orientais e pelos sons alegres das joviais cantilenas alemãs.

O próprio palácio da prefeitura, dir-se-ia ter sido inteiramente trazido da Espanha mourisca ou da própria Constantinopla, com seus arcos ovalados, suas sacadas e janelas de peitoril, as portas esquadrihadas com arabescos e signos orientais, adornadas de mármore rosa e granito esmeraldino, os frisos adornados com cobre vermelho e os florões cobertos de gesso, ainda que houvesse um gigantesco leão rampante que destacava-se em mármore rosa no átrio principal, coisa do Senhor Karl Rudolf von Steinbeck, genro do senhor Firmino Fortunato do Amaral, e avô materno do famoso Emanuel Steinbeck Fortunato do Amaral.

A Paróquia com sua magistral e majestosa construção, sempre em guerra contra a profanidade que lhe abundava ao redor, erguia-se altaneira sobre um pequeno morro, logo adiante da Prefeitura, sua cúpula pintada em dourado e o agulhão do campanário, qual espada branca riscava o céu daqueles rincões, em um gesto de desafio aos signos arcanos que envolviam as ruas.

As outras igrejas, de altas torres dominavam os quatro cantos da cidade, levando os nomes de três dos quatro evangelistas, São Mateus, São Lucas e São João e uma quarta dedicada à São Leão.

Erguiam-se como marcos clássicos do estilo gótico, com suas torres solitárias, suas carrancas e grifos de ferro, seus gárgulas zombeteiros derreando-se pelos seus telhados cônicos.

Por isso, ela ficou limitada ao que hoje denominamos Centro Velho ou losango histórico, em cujos vértices ficam as Quatro Igrejas.

*

No canto mais afastado do sul da cidade estava o Retiro melancólico das Filhas de Santa Bárbara.

Fora erguido duas décadas depois da fundação da vila, no sopé de um pequeno e pitoresco monte.

Até ele se chegava por um declive suave e imperceptível, ladeado por pequenas casas de campo caiadas de branco, formando um bordado branco e verde.

Ao fundo a mata era fechada e ali somente caçadores experientes iam, pois no início da fundação da vila houveram sinistros e frequentes ataques de quilombolas, que habitavam a região na época, o que durou quase dez anos até que o Coronel Maximiano Xavier reuniu um grupo de moradores e deu-lhes combate até os expulsar dali.

Mesmo assim o local ficou com fama de assombrado por causa do cemitério dos quilombolas, dentro do fundo da mata.

O retiro era um lugar calmo e tranquilo com uma atmosfera mística e deleitosa, o ar fresco cheio dos odores dos perfumes de cânfora e alecrim que as irmãs usavam na limpeza do lugar, contrastando com o ar pesado que vinha da mata.

Dentro de suas paredes brancas de pedra e cal as filhas de Santa Bárbara, não mais que duas dúzias de moças e matronas, rezavam nos primeiras horas do dia, antes mesmo do brotar do sol.

Mas era no meio da tarde que o retiro mais chamava a atenção dos vizinhos, pois neste horário o odor delicioso de biscoitos era anunciado ao longe e se derramava pelo morro abaixo.

Era desta pequena manufatura que as filhas do retiro se valiam para sobreviver e adquirir o pouco que ali usavam.

Posteriormente, quase um século e meio depois, o retiro continuava imperecível com sua face branca coroando o pequeno monte, a mata, porém teimava em assolar seus muros.

*

Quanto a sua formação étnica, foi moldada de maneira única e inusitada.

Primeiro pelos índios Purus, pioneiros no uso da terra, seguidos, no século XVII pelos colonizadores portugueses e no século XVIII pelos tropeiros, condutores de gado entre Recife Velho e Ouro Verde, e também pelos imigrantes italianos, espanhóis e até mesmo japoneses que vieram depois.

Nos campos do termo da Vila do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora da Passagem, durante os longos períodos inverniais, os tropeiros abriram caminhos, criaram moradias, estimularam o comércio, palmilharam a região e desvelaram muitos de seus segredos.

No século XIX, a cidade se tornou o lar dos imigrantes europeus vindos em grandes contingentes.

Afinal a tendência imigratória em massa alcançou o século XX, com a chegada dos orientais vindos da grande China e mais além do misterioso Japão.

Chegava 1910 então!

II — Estação da Infestação

*"A lâmpada do corpo são os olhos.
Se os teus olhos forem bons,
Todo o teu corpo terá luz.
Se, porém, os teus olhos forem maus,
Todo o teu corpo estará em trevas.
Portanto, se a luz que em ti há são trevas,
Quão grandes são essas trevas!"*

Mateus 6:22-23

I

Era 1895...

O meio da tarde caía, meio vago e sonolento pelas paragens perdidas e solitárias das terras agrestes ao sopé da Serra Diamantina.

Os cabeços desnudos das serras acima, nevoentos de nuvens de chuva, eriçavam-se como uma muralha imponente e ciclópica pelo horizonte em derredor.

O vento do meio do outono trazia um cheiro suave de mel silvestre e flores de pessegueiros, os matos baixos ciciavam em sua canção feérica sob um sol modorrento cantando estranhas canções silvestres sobre a vida na terra, as pedras frias e esverdeadas de limo e aquilo que morava sob suas raízes profundamente enterradas, sobre tesouros escondidos sob a relva verde e montes de ouro enterrados embaixo de raízes ocultas, sobre vultos noturnos movendo-se por entre os galhos e gigantescas sombras de homens severos dançando sob a luz do luar ao sabor das vozes estridentes de violinos estrangeiros e gaitas ululantes.

Cavalos malhados de pelo lustroso e luzidio pastavam sob a luz mortiça, embaixo de árvores copadas, altos jequitibás e jacarandás velhíssimos.

O alazão, forte e de pescoço empinado, guardava sua manada, seus olhos de um negro profundo moviam-se serenos, de uma égua para outra, cheirando os odores dos campos viçosos e do capim gordura.

Ao longe, deitado sob a sombra trigueira de uma macieira cheia de frutos, um jovem descansava e apascentava os cavalos, com longos assobios, seu casaco listrado sobressaía-se no capim alto, seus olhos estavam semicerrados e ele parecia dormir.

Logo chegaria o inverno e teriam que procurar novos pastos e lugares de repouso longe dali, mas como era aprazível esta região, pensou ele despreocupado, como seria bom se pudessem ficar ali para sempre.

O vento que vinha redemoinhar em seus cabelos parecia querer concordar com ele... lhe dizer que seu desejo poderia ser facilmente atendido.

Adiante, em um largo vale rochoso e cercado de árvores altas e alguns pinheiros, premeditadamente escolhido pela sua localização afastada e solitária, entre as fraldas inferiores das serras, havia já algumas fogueiras acesas, por entre tendas largas e baixas e alguns carroções estranhamente coloridos e decorados.

Homens altos e de pele castanha escura, olhos pretos rasgados e muito penetrantes e cabelos negros e luzidios que lhes caíam em ondas até os ombros passeavam por entre os carroções, a maioria usava longos bigodes negros e brincos, suas roupas eram muito coloridas, suas camisas folgadas caíam por sobre as calças, surradas pelo uso contínuo, um pequeno grupo ensaiava uma canção em um canto, afinando seus violinos e gaitas, outros já preparavam os lampiões pois a tarde caía rápido, cinco cães grandes e negros ciscavam o chão por entre as tendas e um outro mais afastado tentava caçar um coelho nos limites do acampamento.

Não havia mais do que doze pessoas naquele acampamento cigano, apenas três eram mulheres.

Uma das quais, uma velha matrona toda vestida com sedas e colares de contas, pavoneava-se em seu carroção atrás de um longo e obtuso espelho, emoldurado em ouro e cercado de estranhas e singulares inscrições em uma língua há muito esquecida.

Cantava uma canção sobre um amor distante e penteava seus longos cabelos negros em tranças, espargindo sobre elas uma água perfumada de jasmim e pétalas de rosas, seus lábios esboçaram um sorriso e seus olhos luziram com uma lembrança de um romance fugaz que já passara, ela mudou o tom, mas a canção continuou a mesma.

A outra, muito jovem ainda, mas muito bela, enfeitava os cabelos, também negros como os da mãe, com miçangas e flores silvestres ajudada por seu irmão mais velho, consciente de que logo chegaria a hora de casar-se, deixar a casa dos pais e seguir com a nova família de seu marido.

Ao final do acampamento, no seu lado leste, de onde saía uma pequena trilha que cortava as terras e fazendas circundantes até a vila mais próxima, estava parado um pequeno coche para duas pessoas, do lado de fora de uma tenda pequena e alta, mas bem colorida e cheia de flâmulas e pinturas exóticas.

Do lado de dentro, a cigana mais velha do acampamento, já beirando seus cento e onze anos, movia cartas ensebadas e ainda mais velhas que ela com seus dedos encarquilhados e fracos, embaralhava e tornava a embaralhar o maço de cartas e a cada vez retirava um figura diferente e a colocava disposta em um círculo sobre o meio da mesa.

Do outro lado da mesa uma mulher de pele alva, jovem ainda, olhava com olhos fundos e tristes para os movimentos enigmáticos das figuras pintadas com temor e superstição.

Ao seu lado um cavalheiro alto, bem vestido com fraque e chapéu de veludo, e educado demais para dar sua opinião sincera sobre toda aquela situação singular, mantinha-se silencioso e observava.

A velha cigana retirou a última carta e completou o círculo, então, com um longo suspiro e uma demorada reflexão falou em uma voz roufenha:

— É assim mesmo como já lhe disse. Não passará se não fizer exatamente como mandei.

A moça arrepiou-se com uma lembrança recente, mas ainda cogitou um outro caminho:

— Não existe outro meio? Uma erva talvez ou outro remédio?

A cigana olhou novamente para as cartas e passou a mão esquelética sobre as bordas gastas, mas manteve sua resposta.

— Sangue de Criança, é a única coisa que pode salvar a madame da morte certa, não existe remédio.

O homem, que até então mantivera-se somente escutando, falou asperamente, tentando acalmar a jovem senhora e justificando seu pedido:

— Como ousa sugerir semelhante blasfêmia à minha esposa? Ela não é uma qualquer, é uma fidalga bem nascida, jamais se exporia a tal crime ou crueldade, mesmo que fosse para salvar sua vida.

A cigana olhou-o bem dentro dos olhos, e seus velhos olhos negros lampejaram com uma chama fria, o homem desviou olhar envergonhado:

— Vosmecê não faria tal coisa para salvar a vida de sua amada? Não mataria nem que fosse para que ela vivesse mais uma hora com vosmecê? Pois vosmecê também a ajudará nesta empreitada, sim senhor. Ajudará carregando os corpinhos, isto eu posso ver.... aqui e aqui. — disse ela vagamente, como se olhasse através de um véu e apontando para as cartas da mesa.

O homem afastou-se horrorizado e saiu sem dizer nada.

A jovem mulher olhou para a velha cigana com um ar de misericórdia e pediu, quase chorando:

— Perdoe-o, minha Senhora, ele está mais desesperado do que eu e sua dor é muito grande pela sua impotência diante da doença. Ajude-me então... o que devo fazer para me ver livre disto? — perguntou ela levantando a manga do vestido e expondo os braços brancos nos quais medravam muitas manchas rosadas e esbranquiçadas de grande tamanho que tornavam a pele meio amarelada e macilenta e traziam ao semblante da jovem senhora a visão de sua própria morte.

A cigana olhou com asco para aquelas marcas singulares e começou a falar bem baixo e devagar, e a jovem senhora apurou os ouvidos para tentar capturar cada palavra daquela nefasta fórmula mágica, e seus olhos abriram-se subitamente em uma expressão de horror e repugnância.

Minutos depois ela também deixou a tenda, pálida e transita de medo, equilibrou-se no braço do marido, que a esperava junto ao coche, como se fosse desmaiar, mas aprumou-se.

O marido olhou com misto de horror e zanga para a velha que encontrava-se na porta da tenda e ajudando a jovem senhora, subiu ao coche sem despedir-se ou olhar para trás.

Ela ainda deu um olhar de súplica para a velha, mas esta acenou-lhe que continuasse e deu-lhe um adeus vigoroso.

O coche partiu em disparada pelo caminho agreste que levava à cidade, o homem queria deixar aquele antro de perdição o mais depressa possível.

A jovem não voltou mais lá enquanto viva.

*

A velha cigana ficou a olhar a figura do coche esvair-se por entre a mataria, até desaparecer completamente na distância.

Repentinamente um vento frio arrepiou lhe os cabelos brancos e ela voltou-se para olhar o interior da tenda, pois lhe parecia que havia alguém ali a olhá-la.

Não encontrou ninguém!

Fez um sinal enigmático no ar, para espantar qualquer mau espírito que por ali caminhasse, mas um desassossego estranho e fugidio pairava sobre seu coração, apertava-o como se quisesse lhe dizer alguma coisa ou dar-lhe um aviso.

Ela olhou ao redor, mas não viu nada, as árvores balançavam frouxamente ao sabor de um vento fraco.

Apenas as matarias esquecidas cercavam-nos, e mais nenhuma alma viva por quilômetros e quilômetros de serras e florestas e lagoas.

Certamente ela estava ficando cansada já desta vida andarilha, de vagueações por lugares solitários e desertos, ansiava chegar à uma cidade qualquer e fixar-se ali durante algum tempo, sentir o aroma das casas e das edificações novamente e puder ouvir toda a multidão de barulhos e sons ao seu redor... todo aquele silêncio a incomodava demais.

Viu as grandes nuvens de chuva rolando por sobre as serras anunciando uma grande tempestade e preparou-se para desarmar a barraca e guardar suas coisas em seu carroção.

Ah, mas onde estava seu neto favorito?

Ele nunca estava perto quando ela precisava dele, certamente estaria de novo atrás daqueles malditos cavalos.

Como alguém poderia amar tanto a animais tão estúpidos e fedorentos? Ela não conseguia compreender o amor que seus homens, seu pai, seu marido ou seus filhos, devotavam à uma raça de animais tão sem graça, mesmo se vivesse mais cem anos jamais compreenderia, recusava-se a compreender.

Saiu dos limites do acampamento e seguiu zangada pela vereda que ia dar no pasto dos cavalos, certamente o neto estaria lá, dormindo ou cavalgando, um inútil de tudo.

Chegou mansamente ao largo onde estariam os cavalos, pastando e descansando debaixo dos jequitibás, mas por mais que olhasse não conseguiu ver nenhum, procurou-os até os limites de onde sua visão enxergava, mas nada conseguiu ver.

O neto já os deveria ter recolhido ao cercado atrás das carroças, mas não poderia, pois teria que passar pela frente de sua tenda, era o único caminho e ela tinha a certeza de que tal não acontecera, não ouvira os galopes da cavalhada nem os assobios ou gritos do neto recolhendo-os.

Mesmo durante toda a tirada de cartas para a jovem senhora ela se mantivera atenta a qualquer outro barulho fora do normal. Tinha certeza de que não o havia escutado passar.

Onde ele estaria?

Andou um pouco por ali, tentando encontrar uma resposta, mas nada viu.

"Aquilo era um enigma completo!" — pensou ela assombrada.

Quando já se preparava para voltar, chegou aos pés de uma bela macieira toda carregada, ali a velha cigana encontrou uma camisa listrada atirada sobre as raízes da árvore, não parecia rasgada, mas toda a frente havia sido cortada, como se o fosse por uma tesoura.

Era a camisa de seu neto e ela mesma havia lhe dado em seu penúltimo aniversário, sabia que ele jamais a cortaria ou deixaria alguém fazê-lo por sua vontade.

Então um medo sobrenatural tomou conta dela, e foi como uma premonição maligna e um hálito de morte, cortando o ar de seus pulmões.

Um silêncio denso a envolveu, uma coisa quase palpável que tocou-lhe o mais íntimo de sua alma, e então ela teve medo, como se alguém ou alguma coisa estivesse ocultamente a observá-la.

Olhou ao redor, procurando a causa do medo, algum animal oculto, ou um salteador, mas nada viu.

Então o mesmo vento frio que a assaltara antes, em frente à sua tenda, veio sobre ela novamente, ali naquele lugar solitário e ela pôde ouvir, de muito longe, os ganidos amedrontados dos cães e depois gritos de horror e medo sobrepondo-se àquele silêncio fantasmal.

Eram longínquos e vagos, como se fossem sonhados, ou antes, fossem afastados de seus ouvidos por uma cortina pesada de silêncio angustiante e denso, que deliberadamente os impedia de chegar até ela.

Seu coração saltou no peito e uma dor forte a fez dobrar-se.

"Ah, maldito coração, não vá fraquejar agora." — amaldiçoou ela mentalmente agarrando o peito com força e orando fervorosamente ao seu deus distante.

Caiu de joelhos sobre a terra fria.

Os minutos se arrastaram lentamente como horas desesperadoras.

O sol caía devagar pelo horizonte, levando consigo o pouco que restava da luz do final da tarde e trazendo as primeiras sombras do crepúsculo outonal.

"Como morre rápido Rá em seu carro de sonhos." — pensou ela quase sem sentidos já, sentindo a frieza da noite chegar-se devagar aos seus membros envelhecidos.

Sua mente, entorpecida pela dor abrupta, falhava já e as imagens das sombras das árvores velhas pareciam dançar diante de seus olhos, uma dança macabra e lúcida de uma lembrança derradeira.

Escutou um trovão distante, vindo lá dos cabeços da serra, onde a chuva já começava a cair.

A dor passou devagar, ela respirou aliviada, suas mãos se abriram deixando cair os torrões negros de terra e capim, e ela pôde erguer-se, ainda tensa e fraca pelo esforço.

Olhou ao redor, a penumbra do crepúsculo cobrindo os campos e alongando as sombras das árvores, o dia findava-se afinal.

Um vento forte bateu-lhe no rosto, trazendo consigo o cheiro leve e pungente de chuva, revigorante, mas ao mesmo tempo amedrontador, pois em seu encalço vinha também outro odor,

menos forte e mais indistinto, que ela desconhecia e não sabia explicar, um cheiro doce como cobre ferruginoso e quente como água doce correndo em direção ao mar!

O medo pânico avassalou seu coração como uma garra gélida sobre seu espírito.

A lembrança de sua busca despertou novamente com ânimo em seu peito.

E então ela correu, correu o mais depressa que conseguiu pelo caminho do acampamento, caindo e levantando-se novamente com esforço e dor, e a cada passo era como se um destino terrível a perseguisse e voasse sobre seus calcanhares.

Ela somente queria fugir dele, mas ele parecia sempre prestes a alcançá-la.

Afinal seus pés tocaram o chão palmilhado do acampamento e sua visão foi como um murro na boca de seu estômago vazio, ela expulsou todo o ar de seus pulmões em um grito silencioso de espanto e horror.

Não havia ninguém lá.

Não havia ninguém em todo o acampamento, toda a sua gente, simplesmente haviam sumido, os homens, os cães, todos eles.

Sumiram como se tivessem sido arrebatados por fantasmas ou espíritos do mal.

Ela ficou ali parada, e o tempo passou sobre sua cabeça como uma nuvem fugaz carregada por ventos de tempestade, e a noite sobreveio afinal.

As fogueiras lançavam sua luminosidade coleante sobre as paredes dos carroções, devorando com vagar a madeira que as alimentava, e seu crepitar era assombrado e agourento.

A figura solitária da velha cigana permanecia esquecida e abandonada junto à entrada da trilha do acampamento.

Ela não ousava mover-se.

Sabia que existia algo ali, alguma coisa monstruosa e má, que a esperava, aguardava apenas um movimento seu, que a denunciasse, para então atacá-la e arrebatá-la também.

Agora todas as suas crenças estavam diante dela, e a desafiavam cara a cara!

Ela acreditava no Mal Verdadeiro, apesar de nunca tê-lo visto em toda sua vida, não até agora.

Sabia que em algum lugar existiam coisas, demônios ou fantasmas, que se alimentavam das almas dos homens e que esperavam ansiosamente, num lugar distante e muito além da realidade e da luz, que alguém os convidasse para saírem de suas trevas e virem até este mundo e se alimentarem de tudo o que encontrassem até saciarem seus apetites vorazes, mas também sabia que nenhum dos seus jamais faria um tal ato de horror inominável.

Jamais, pensara ela, nenhum dos seus ousaria compactuar com as forças das Trevas, ou pior, de Além das Trevas.

Agora, porém, já não estava tão certa disto.

O silêncio completo caminhava ao seu redor como uma fera faminta ao redor da presa.

O medo pairava no ar pesando como chumbo sobre ela. Era como num sonho do qual ela queria fugir do mais terrível e desconhecido Inimigo, mas não podia, seus pés estavam grudados ao solo, eram incapazes de se mover.

Subitamente um pássaro cantou, longe por entre os matos mais distantes, um pardal gorjeou uma melodia solitária.

E foi como se toda a terra desse um longo e demorado suspiro de alívio e o silêncio fosse todo espantado embora.

Por todo lado ao seu redor espocaram sons, pássaros trinaram perto e longe, o vento veio farfalhar as árvores e fazer bater as janelas abertas dos carroções, pequenos animais corriam aqui e ali, ocultos pelo manto sereno da noite que despontava.

Grossos pingos de chuva desabaram com um trovão, e um relâmpago distante iluminou o horizonte escuro e enevoado das serras.

Mas a velha cigana permaneceu ali.

Parada sob a chuva torrencial que desabava sobre seu corpo magro, encharcando-a toda.

Não moveu-se nem saiu do lugar por um longo tempo, até que toda a água parasse de cair, e seus membros entorpecidos gritassem de dor e câimbras.

Devagar, como se arrastasse um peso tremendo em seus ombros ela dirigiu-se para o meio do acampamento, olhando ao redor nervosamente.

Os cadáveres fumegantes e acinzentados das fogueiras exalavam uma fumaça esbranquiçada e seu cheiro ocre empestava o ar fresco da noite e da chuva.

Alguns lampiões estavam acesos, e despejavam uma luz bruxuleante e pálida sobre as fachadas de cores amortecidas dos carroções e os panos das tendas balançavam frouxamente ao sabor do vento, fazendo um barulho amedrontador de tecido sobre tecido.

Ela viu os instrumentos de seu marido, seu irmão e seus filhos mais velhos caídos displicentemente sob as rodas de um carroção mais afastado, cuja porta batia de tempos em tempos fustigada pelo vento noturno.

Caminhando o mais devagar que podia por entre os vultos largos dos carroções vazios ela chegou até àquele onde sua filha mais velha vivia com o marido.

Pela porta entreaberta, e pelas réstias de luz coleante dos lampiões, pôde ver apenas a superfície polida e obtusa de um espelho fosco, o brilho desmaiado de uma moldura em ouro e magras e finas inscrições em uma língua que há muito ela própria esquecera.

Aproximou-se mais, pois na escuridão da noite que a cercava via distintamente um brilho desmaiado que vinha das profundezas da superfície espelhada, uma fosforescência pálida e fantasmal atrás da qual podia quase entrever uma pequena silhueta não muito maior do que algumas dezenas de centímetros, mas infinitamente mais perturbadora e vívida.

Olhou atrás de si, esperando ver a figura que caminhava em sua direção, mas a escuridão crescia à sua volta e não havia mais ninguém ali.

Então seus olhos assustados voltaram-se para o espelho e para aquela imagem não natural que delineava-se cada vez mais, embebida pela superfície do espelho... e ela temeu!

Um temor forte e sobrenatural caminhou sobre ela, uma medo indescritível de perder sua alma assaltou-a!

Sobreveio novamente aquele silêncio vago e tenebroso sobre todo aquele lugar.

E a velha cigana correu.

Mas seus pés a atraçoaram e a fizeram cair, justamente em frente à sua tenda.

Ela levantou-se com uma lembrança fugidia a percorrer redundantemente sua mente amedrontada.

E ela arrastou os pés aflitos até sua tenda, e com dedos temerosos juntou suas cartas ensebadas, guardando-as em um bolso em seu regaço e fugiu dali.

Fugiu com todas as suas forças, que a idade avançada podia lhe conceder e que o terror que consumia seu peito aumentava, embebida pelo medo pânico daquele horror desconhecido e inominável, fugiu e não tornou mais ali.

Nunca mais!

II

Era 1898...

O silêncio rompeu-se bruscamente.

O velho jacarandá tremeu, se tronco moveu-se, suas raízes levantaram-se da terra.

A árvore centenária pendeu para a frente, com um grito rangido de medo, estalou e vergou, lutando com força titânica, enfim cedeu ao peso e veio ao chão com um estrondo.

No espaço deixado por seu tronco, semioculta no emaranhado de ramos e folhas das outras árvores ao redor, surgiu uma figura dantesca, terrível, ciclópica, monstruosa, que atemorizava mais do que a escuridão mais profunda e pertinaz de toda àquela floresta.

Era vasta, enorme, um gigante!

De pé sobre as patas traseiras ele tinha duas vezes e meia a altura de um homem.

Suas patas peludas terminavam em alvas garras afiadas, cruéis e curvas, grossas como os dedos gordos de um homem, nas quais ainda se viam pender lascas e lianas úmidas de seiva amarelada da casca rasgada do tronco da árvore que derrubara.

Abriu a boca e seus dentes brancos pareciam-se com lâminas bem alinhadas de facas afiadas.

O focinho negro projetando-se para frente cheirava os odores do ar à sua volta, acres e selvagens, enquanto seus olhos negros e profundos observavam os detalhes da cena que desenrolava-se à sua volta.

Ao seu redor as sombras enegrecidas das folhas dos jequitibás, araribás, jacarandás e paus-brasil, entrelaçavam-se em um negrume espesso com o matagal das árvores mais baixas, canelas, cedros, angelins e eucaliptos e dos maciços de arbustos, de espinheiros, amoreiras selvagens e limoeiros baixos, todas balançavam, pulavam e moviam-se selvagememente, comandadas por um vento forte que vinha das copas das árvores mais altas, um vento forte de chuva e tempestade, em uma dança opositora de entraves e lutas entre os cipós e os troncos.

O final de tarde outonal caía devagar em um mormaço plácido.

Longe uma mina d'água cantava saltitante sua límpida canção líquida de saciedade e refrigério.

Ele permaneceu ereto respirando profundamente e emitindo um rosnado baixo.

Era um gigantesco urso, um urso tal como não se via há éons já, o Pai dos Ursos se assim fosse chamado, mais forte que um elefante e mais pesado que um pequeno monte.

Um como ele já não andava por aquelas matas desde tempos imemoriais, quando os primeiros habitantes caçaram seus iguais e os expulsaram ou exterminaram, na aurora da história do homem.

Ele baixou as patas dianteiras sobre o cadáver da árvore que arrancara, parou e moveu a cabeça inquieto de um lado para o outro.

Depois cheirou novamente os odores do ar e sua garganta possante soltou um rugido profundo e cavo, amedrontador e altissonante.

Um aviso e um chamado!

Um longo e exaustivo silêncio seguiu-se.

O vento parou, ansioso, como se esperasse ouvir uma resposta... mas ela não veio!

Somente o silêncio seguiu-se, ainda mais penetrante e desolador.

Outro som, mais distante e menos nítido foi ouvido pelos ouvidos sensíveis da fera.

Um estranho arrastar ou arranhar pedregoso, um sussurro surdo e profundo, como se viesse das próprias entranhas da terra.

Aquilo perturbou o gigantesco animal de tal forma que acercando-se de uma imensa perobeira de tronco largo e rijo, cravou as possantes garras na árvore e começou a arranhá-la em um desespero frenético, como se quisesse subir pelo tronco e abandonar o solo.

O sol pôs-se enfim no horizonte luxuriante da floresta e a lua ainda não havia nascido, somente um alvor tímido subia do horizonte leste para logo em seguida desaparecer por entre as nuvens de chuva carregadas que surgiam dos maciços do Chapadão do Grande Carro.

Pequenas silhuetas sinistras moviam-se pela terra e ao redor dos troncos das árvores.

Olhos luzidios e amarelados de uma fealdade grotesca e inumana abriram-se em uma multidão de pontos, ao redor do urso gigantesco e este retrocedeu, com um rosnado baixo... e amedrontado!

Pequeninos dedos magros crisparam-se no ar frio do crepúsculo que já transmudava-se em noite e alvos e ferozes sorrisos abriram-se naqueles rostos diminutos.

O urso fixou por um momento aqueles olhos frios e famintos e fechando seus próprios olhos baixou a cabeça.

Acima dele e sobre a vasta copa da velha perobeira grossos pingos de chuva anunciavam a tempestade!

*

Heinrich Von Lichtenstein, o Conde da Alemanha caminhava já preocupado pela trilha estreita e precária, aberta por sertaneiros há muitas décadas já, nas matas fechadas que revestiam a crista rochosa que nascia bem no seio virgem da Floresta dos Macacos.

Um homem como ele, extraordinariamente alto e robusto, com cerca de um metro e noventa e cinco de altura, com a tez clara e alva de seus antecessores, entremeada pelas mechas rubras de cachos ruivos que lhe caíam até os ombros, seu olhar forte traduzido por dois olhos azuis como safiras engastados no rosto hercúleo demonstravam uma fortaleza de espírito incontida.

Trazia ao ombro seu rifle de caça predileto e à cintura um espadim de caça metido numa surrada bainha, que já lhe acompanhara em inúmeras expedições.

Uma figura digna de comparação com a do velho bandeirante que há tanto tempo havia fundado a velha cidade próxima.

Era um soberbo caçador.

Correra a África, no ano anterior, à caça de leões e rinocerontes, palmilhando-a desde as cabeceiras do Nilo até o Alto Sudão e os confins do Congo, gastara a bem dizer uma fortuna e sua expedição compunha-se de quase cinquenta pessoas, contando-se dois outros caçadores que o acompanhavam, seu irmão Karl e outros tantos fidalgos e mais os carregadores, fizera ótimos troféus trazendo inclusive uma cabeça do raro e elusivo rinoceronte branco.

Afinal os deveres de estado chamaram-no à realidade e, como seu cargo e sua boa fortuna não o puderam ajudar, fora obrigado a embarcar em uma missão diplomática para Algures.

Enfim, depois de todo o enfado da viagem e da recepção soubera, por intermédio de um cavalheiro seu admirador Doutor Alberto de Albuquerque e Magalhães, que havia ótimos campos para caça pequena para os lados da Serra Diamantina e além do Chapadão do Grande Carro.

Com um pouco de ajuda do irmão conseguira driblar os compromissos oficiais por alguns dias, o que lhe dava quase duas semanas para palmilhar aquelas terras ariscas e ainda quase todas virgens em busca de um troféu que lhe valesse a viagem à este Novo Mundo.

Soubera também por intermédio daquele doutor que um irmão deste, que morava da Vila de Passagem, e era fazendeiro tivera recentes problemas com um grande urso que lhe invadira as terras e espantara todo o gado, assim, unindo o útil ao agradável resolvera fazer uma visita, em conjunto como doutor, claro, ao irmão deste, esperando encontrar algum divertimento.

E tivera.

Pois nos dois primeiros dias conseguira localizar o rastro do urso, um animal magnífico, e saíra em sua perseguição com o doutor e alguns outros sertaneiros locais que insistiam em acompanhá-lo por causa da "estranheza" da região, dada a desaparecer com as pessoas que por ali andavam sozinhas.

Ele argumentara contra o excesso de zelo, mas afinal concordara em levá-los consigo.

Isto fora há um dia já.

Seus acompanhantes e seu fiel servo alemão há muito tempo haviam ficado para trás, antes do anoitecer e da tempestade vir como um dilúvio dos quatro cantos daquele mundo tão primitivo.

E ele parecia que já era a quarta vez que passava por aquele lugar daquela maldita trilha!

Tinha quase a certeza de que estava perdido, mas isto não o incomodava tanto, lera todos os mapas cartográficos da região antes de sair neste safári tropical, e tinha a certeza de que a floresta não era tão grande assim, e por mais que andasse, em qualquer direção, em dois ou no máximo em três dias estaria fora dela.

O que o incomodava realmente era o urso.

Ele havia simplesmente sumido, não havia marcas em nenhum lugar.

Um urso daquele porte, um animal maravilhoso, um verdadeiro colosso, um prêmio sem limites para um caçador como ele, jamais poderia lhe escapar assim.

Seguira-o cautelosamente até o grande jacarandá que derrubara e depois até um pé mais velho de peroba e então... nada, era como se ele simplesmente houvesse criado asas e voado dali.

Sumira sem deixar nenhum vestígio, tal não era crível.

Ninguém iria acreditar-lhe, pensariam que desistira da caçada... que estava ficando frouxo.

Cautelosamente procurara por qualquer sinal, mas depois da tempestade que caíra ficara difícil encontrar qualquer coisa, subitamente, por detrás de um tronco caído e meio escondidas na lama ele as achou.

Aquelas pequeninas e singulares marcas de pés, como se feitos por uma ou várias crianças muito pequenas, saindo daquele lugar e vindo nesta direção, na direção do coração virgem da floresta.

Simplesmente não conseguia entender.

A estranheza das marcas atiçou sua curiosidade e ele acabou por persegui-las.

Já havia ouvido falar de tribos de índios pigmeus quando atravessara a África, mas nunca as encontrara, por mais que procurasse, nem quaisquer vestígios que indicasse que viviam em outro lugar que não entre as lendas e superstições daqueles povos primitivos.

Não estava na África.

Aqui, porém, havia pegadas.

Ínfimas e diminutas, mas ainda sim pegadas visíveis e palpáveis, que certamente não pertenciam a nenhuma criança perdida por aqueles ermos.

No lusco fusco do cair da noite pouco conseguia enxergar, mas queria prosseguir mesmo assim, uma vontade inexorável o impelia nesta nova busca, uma sensação de estranheza e maravilhamento diante da descoberta de algo que até então lhe era desconhecido e tido como meramente inexistente.

A lanterna de azeite que carregava mal dava para ver o caminho à frente de seus pés, e se queria realmente caçar alguma coisa logo iria ser preciso apagá-la para não assustar sua presa.

A lua cheia volta e meia escondia-se por entre nuvens plúmbeas de chuva ainda por cair e a escuridão era grande à sua volta.

Por um sem fim de caminhos ele as seguiu, cruzando jacarandás caídos e atoleiros cheios de mosquitos, muralhas de cipós e emaranhados de troncos de espinheiros e manjaúnas, e quando parecia que já as tinha perdido de vista, pois a escuridão era avantajada já e os raios da lua cheia

iluminavam mal seu caminho, elas reapareciam mais firmes e nítidas logo adiante, como se colocadas ali para lhe marcar o caminho a seguir.

Fazia um calor abafado, agitado ocasionalmente pelos ventos que batiam a mata.

O contínuo caminhar incessante por entre as brenhas verdes acabaram fazendo com que ele caísse em um leve estado de torpor sonolento, deixando seus pés levarem-no para onde a trilha os guiasse, abafando seus sentidos e sua percepção.

Algum tempo depois um súbito restolhar por entre a vegetação rasteira fez com que ele despertasse bruscamente e se colocasse em alerta.

Encontrou algumas daquelas diminutas pegadas, que levavam para fora da trilha de sertaneiros e para dentro da mata virgem.

Ele parou por alguns momentos, hesitando entre segui-las para um lugar incerto ou voltar para a fazenda, e afinal decidiu continuar, pois aquele chamado sobrenatural ainda ecoava forte em seu peito.

E por duas ou três horas ele as seguiu incansavelmente, cortando caminho entre os cipós e a mata fechada, sempre subindo e subindo.

Enfim chegou à um beco sem saída, que não subia mais, mas descaía em um despenhadeiro abrupto e fechado, onde abundavam fetos e samambaias.

Apertou os olhos no escuro, tentando ver com mais clareza o fundo daquela grotá.

Parecia-lhe que havia alguma coisa ali, alguma coisa grande e imóvel que o aguardava.

Resolveu descer.

Com cuidado escalou as paredes da grotá, mantendo o rifle sempre junto a si, foi fácil e logo seus pés tocaram o fundo, fazendo um barulho áspero e alto que reverberou em um eco de mau agouro pelas paredes de rocha nua ao seu redor.

Ele caminhou com incerteza por entre os pés mirrados de fetos que brotavam naquele solo rochoso, o ar ali estava parado e abafado e um odor inconfundível e acre que ele não conseguia identificar pairava no ar, apertando sua garganta.

Um vulto avantajado o esperava no fundo do despenhadeiro.

Ele levou a carabina ao ombro e esperou, mas nada aconteceu, a sombra moveu-se ao sabor de um vento estranho.

Então ele viu o urso.

Ali no fundo da grotá, pendurado pelas patas sobre o grande paredão rochoso, morto já.

Sua carcaça amarfanhada e batida como um trapo dependurado a secar.

Uma grande poça vermelha crescia aos seus pés e o cheiro doce do sangue empestava o ar frio.

Agora ele sabia que odor era aquele... era o cheiro da morte!

Ele parou horrorizado à vista de uma tal visão sangrenta.

Procurou vestígios de luta, mas não encontrou nenhum, nem marcas das patas do animal entrando ou saindo daquela gruta, era como se tivesse sido agarrado abruptamente e morto repentinamente e dependurado ali...para esperá-lo.

Subitamente um vago receio começou a tomar forma em sua mente...o de que os donos daquelas diminutas pegadas estivessem brincando com ele, atraindo-o para aquela armadilha, e ele havia caído imprudentemente sem pensar!

A percepção da grandeza de sua tolice e imprudência caíram-lhe como um raio, um frio incômodo gelou seu estômago, aquela expedição tola por aquela região totalmente desconhecida, seu despreparo com os costumes e lendas locais, sua negligência ao afastar-se dos outros sem avisar-lhes e afinal sua cegueira em seguir aquelas malditas e minúsculas pegadas até um lugar escuro e fora das vistas de qualquer ser humano, perdido por entre as brenhas agrestes de uma floresta virgem, à mercê de coisas que nem sabia o que eram...

Ele sentiu medo!

Estava sozinho dentro da noite.

Olhou repentinamente assustado ao redor e julgou ver um brilho fosforescente abundando pálido das profundezas sólidas das grossas paredes da gruta que o cercavam, e além do brilho fantasmal daquelas lâmpadas desmaiadas havia pequeninos vultos, com não mais que poucas dezenas de centímetros de altura, alguns pareciam embebidos na própria rocha, outros afluíam das mesmas e das próprias paredes da gruta ao seu redor.

Eram muitos, e não eram humanos.

Decididamente ele voltou-se, quebrando as cadeias geladas do medo que o envolviam, e lançou-se violentamente para fora da gruta, evitando a multidão de pequenos dedos e mãos que saíam das pedras e do paredão rochoso e tentavam loucamente agarrá-lo.

Cerrou os dentes e agarrou com força o rifle, e avançou por entre o mato fechado, pela trilha que havia vindo, sem olhar para trás.

O coração quase saltava-lhe do peito e sua respiração era rápida e entrecortada, suas pernas estavam pesadas como se carregasse chumbo ao redor de seus tornozelos, e ele movia-se com dificuldade.

Ao seu redor, a escuridão profunda adensava-se mais e parecia querer envolvê-lo, os espaços vazios entre os troncos das árvores tornaram-se ainda mais negros e misteriosos como se cada um guardasse em seu seio um inimigo e um terror oculto que ameaçava agarrá-lo.

Ele correu desvairadamente procurando chegar à um espaço aberto, sem jamais voltar-se para trás, mas sentia que seus perseguidores estavam atrás dele.

Podia ouvir um farfalhar arrastado pela folhagem mais densa e um barulho que folhas amassadas, podia ouvi-los seguindo-o furtiva, mas rapidamente, isto fez com que ele perdesse completamente a cabeça e aumentasse ainda mais sua velocidade desvairadamente e o terror daquela perseguição fatal lhe envolveu o espírito com uma mortalha fria.

Subitamente o chão abriu-se sob seus pés e ele caiu por uma ribanceira alta, rolando por entre galhos quebrados e folhas soltas até que seu corpo encontrou um tronco mais rijo e parou com um barulho surdo.

Uma dor lancinante vinha de sua perna direita e ele sabia que ela estava quebrada.

Não podia fugir mais.

Procurou o rifle, mas não o achou, perdera-se na queda.

Ainda tinha o espadim e a lanterna de azeite não se quebrara.

Ele recostou-se contra o tronco da árvore e acendeu-a, agora não havia mais para onde fugir...precisava lutar...e para isto precisava ver contra o que iria lutar!

Ao seu redor ouviu um restolhar, e tudo ficou em silêncio, até o vento da mata cessou.

Não havia barulhos de galhos nem folhas, mas ele sabia que eles estavam ali, bem ao seu redor.

Cada forma negra na escuridão que o cercava era como uma ameaça velada.

Da escuridão ao redor, ele viu aflorarem diversos pares de olhos muito pequenos, brilhando como pequenas tochas vermelhas incendiadas por um desejo profano, viu seus sorrisos encherem seus rostos magros, seus minúsculos dentes alvos sobressaindo-se na escuridão...

Então ele gritou!

E grossos pingos de chuva despencaram por sobre toda a floresta, abafando e alteando-se acima de qualquer som, as águas correram rápidas pelas encostas dos morros e desceram vertiginosamente pela crista rochosa no meio da mata virgem.

De Heinrich Von Lichtenstein, somente muitas semanas mais tarde, e após incessantes buscas, foi encontrado o espadim, quebrado e enferrujado... e nada mais!

III

Era 1901...

Foram antes os reflexos estreitos e brincalhões da esmaecida luz do crepúsculo através das grossas e largas vidraças da solitária casa da fazenda que trouxeram à luz os extraordinários acontecimentos daquele último dia de outono do primeiro ano do novo século.

E então, perto já da meia-noite, os reflexos desmaiados de luzes bruxuleantes e fantasmiais, passeando de janela em janela, iluminando ora um cômodo ora uma sala com sua luminosidade baça e esbranquiçada, escapando em réstias fugidias pelas frestas das portas do porão, enfim despertaram a atenção e curiosidade do caseiro do lugar, mas então tudo já havia passado e o que quer que por lá caminhasse, não voltou jamais!

A fazenda, era em si um lugar distante de qualquer outra construção ou propriedade por muitos quilômetros em volta, solitária e abandonada pela vida, cuja casa-sede encravava-se entre os vales mais abertos, selvagens e indomáveis que estendiam-se entre o Chapadão do Grande Carro e a velha Floresta dos Macacos, era também tão velha quanto sua dona.

Seu telhado baixo e comprido, feito de telhas espanholas de barro cozido e avermelhado e rebaixado por rendas talhadas em madeira branca de pinheiro, espriava-se pelo fundo de um vale abrupto, entre duas colinas mais altas, concedendo-lhe uma profundidade misteriosa e velada.

Sua fachada principal, meio oculta por um grupo distinto de jequitibás velhíssimos, era marcada pela porta única, de ébano negro, trazida especialmente da capital, e lavrada com adornos de flores e folhas insólitas, era sólida e sombria, em seu centro pendia uma velha aldrava de cobre na forma da cabeça de um touro, e era encimada por um arco de mármore branco sobre o qual estava gravado o nome da fazenda em rebuscadas letras romanas: Vila Alba.

Suas janelas eram como profundos e baços olhos negros, incansavelmente devorando a luz do sol e infatigavelmente sempre vigilantes, olhando com precisão para o largo terreno e o roseiral que havia em frente à casa e ao lado da estrada principal, cercado por um alto, sinistro e pesado gradil de ferro.

Pelo seu interior frio e eivado de sombras, as paredes corriam sólidas e firmes, pelos seus cantos trevosos e pelos seus quartos empoeirados, carregando em seu bojo quase um século de alegria, dor e morte.

As fundações da casa estavam profundamente arraigadas na terra em derredor, encravadas com argamassa e ferro, dor e lágrimas, sua fachada parecia estar sempre alerta e atenta a qualquer movimento ou som, sempre acordada e vigilante, olhando de suas janelas escuras com uma visão penetrante e má.

A casa da fazenda era má, em seu coração de pedra, frio e duro, havia uma maldade arraigada, sobrenatural, tão antiga quanto as próprias colinas onde estava encravada, poder-se-ia dizer que o próprio Mal habitava na escuridão solitária de suas entranhas, sólido e inamovível, existia já há quase cem anos, havia visto o alvorecer de um século, e certamente estaria ali para ver o nascer de outro.

O tempo e seu passar a casa dividia com uma mulher.

A única mulher que já a habitara e com quem ela dividia sua solidão empedernida.

A pequena Senhora Alba de Meireles Paz, portuguesa de nascimento, católica fervorosa, da província de Santa Luzia, viera recém nascida ainda para aquelas paragens inóspitas e vazias, trazida à contra gosto por um pai viúvo, autoritário e orgulhoso, que queria ali fundar um império de café e açúcar, mas que encontrara apenas brenhas, pragas e dívidas e acabara por falir.

Fora ele, com todo seu orgulho e insensatez, que erigira a casa da fazenda, em toda sua grandeza e pompa.

Fora ele quem construía a casa!

Ela não podia lembra-se de jamais ter tido qualquer alegria ou ter sido feliz naquele lugar, desde que ali chegara, até encontrar pela primeira vez o homem que depois viria a ser seu marido, Dom Fernando de Aguilera e Paz, espanhol de nascença que também viera parar ali desde recém-nascido, e com o qual ela se casara ainda muito jovem logo após o enterro de seu pai.

A vida alegre, cheia de virtude e amor morreram com o esposo, no mesmo ano que lhe nascera o seu único filho.

Morrera de tétano mal curado depois de ferir-se em uma lâmina da cortadeira de cana.

Criara a criança durante alguns anos, sozinha naquela casa, até que, não mais suportando o peso nem o valor da obrigação mandou-o para viver com seus parentes distantes em Santa Luzia.

Nunca mais viu o filho enquanto viveu!

*

Estava idosa já, os anos haviam se esgueirado como areia fina por entre seus cabelos.

A casa da fazenda envelhecera com ela.

Vivia sozinha ainda, existia um caseiro, arrumado por um tio distante para cuidar de qualquer coisa que ela necessitasse, mas isto quase nunca acontecia e já fazia quase um mês que não saía de casa ou via o homem.

Havia sido difícil e caro para seu tio mantê-lo ali, naquela fazenda distante, entre o Chapadão do Grande Carro e a Floresta dos Macacos, era uma terra cheia de superstições malvadas esta, e

todos nos arredores vizinhos falavam muito mal de sua fazenda e de suas terras, dizendo que eram assombradas pelo fantasma de seu velho pai.

E principalmente da casa.

O que era um despropósito, pois ela vivera toda sua vida ali e nunca havia visto nada de sobrenatural, nada que não soubesse o que era ou de onde vinha.

Conhecia aquela casa como se fosse ela mesma, havia visto o pai erguê-la, lembrava-se de cada tábuca e de cada vão.

Não. Nem seu pai nem seu esposo jamais voltaram para assombrá-la!

Ela estava sempre sozinha, ela e a casa, sempre sozinhas!

Nunca sentira medo de ficar sozinha em sua própria casa.

Nunca até aquela noite!

Porque aquela era uma noite diferente de todas as outras.

*

A noite estava carregada, o ar parecia elétrico com a grande tempestade que se formava no alto do Chapadão.

Logo uma chuva forte, torrencial, desabou pelos cabeços das serras, aumentando o volume dos rios e inundando as terras ao derredor.

A velha Senhora Alba preparava o jantar com certo vagar.

A luz do lampião tremulava sobre a mesa, fazendo sobressair sombras finas e esguias pelas paredes, o assoalho estalava com a mudança da temperatura.

Ao seu redor as madeiras da casa rangiam e moviam-se como um navio carregado por uma tormenta.

As janelas fechadas batiam nos caixilhos como se as mãozarronas do vento as fosse arrancar.

Mas ali a velha Senhora Alba não sentia medo nenhum, conhecia desde criança as tormentas e tempestades que desabavam de vez em quando sobre aquelas terras perdidas e seus sons e barulhos arredios já eram como vozes há muito conhecidas de parentes próximos.

Algumas vezes lembrava-se do pai através das tempestades, outras sonhava com o marido.

A casa, no entanto, não estava tranquila.

Algo havia despertado ao seu redor e ela podia sentir o ar diferente que descia das serras, o vento estranho que soprava da velha Floresta dos Macacos.

A casa estava inquieta!

E a velha Senhora Alba de Meireles Paz acabou por sentir a sua estranheza.

Parou de fazer o jantar e sentou-se em sua velha cadeira de balanço.

Devagar começou um movimento, para frente, para trás, para frente, para trás... com o terço nas mãos começou a rezar bem baixo em uma cantilena monótona.

Subitamente parou.

Como se ouvisse um barulho distante, um som diferente.

Toda a casa aquietou-se ao seu redor, como que para ouvir também aquele som inaudito.

Um arrepio passou pelo coração da velha Senhora Alba de Meireles Paz e ela orou mais forte!

*

Lá fora a tempestade urrava e gemia escandalosamente, como nunca antes se vira por aquelas paragens.

O caseiro fechou as portas da pequena casa e montando em seu cavalo arrepiou carreira para o povoado mais próximo.

Nada no mundo o faria passar aquela noite mal assombrada naquela fazenda perdida de Deus!

*

Com o coração aos pulos a velha Senhora Alba foi para seu quarto.

Não tinha mais vontade de cozinhar e queria apenas deitar-se e dormir para acordar logo no dia seguinte, depois que esta tempestade amaldiçoada tivesse passado.

A casa parecia encolhida sobre suas fundações, como um caranguejo a querer enfiar-se mais profundamente dentro de sua casca.

Na cama grande e cheirando à tempos que já passaram, a velha Senhora Alba, deitada, orava fervorosamente.

Orou até adormecer, ainda com o terço entre os dedos.

Mas não sonhou.

Pesadelos de sombras e vultos pequenos e enegrecidos pelavam em seus pensamentos, olhos amarelados lhe vigiavam e dentes diminutos e muito alvos lhe sorriam das trevas ao redor.

A atmosfera de pesadelo a cercava vividamente, tolhendo seus movimentos e dificultando suas palavras, um senso de confusão girava à sua volta e então ela acordou.

Suando, a cama toda encharcada de suor.

Ao seu redor a casa estava acordada e esperava!

E, sem aviso, justamente quando ela acordava em choque sua realidade foi esmigalhada por um outro som inaudito, como uma voz, mas não uma voz humana, era leve como um vago ronronar, mas distante, veio do lado de fora de seu quarto e do corredor além.

Era profundamente assustadora, e de certo modo penetrante e sedutora, doce como um sussurro de vento e soou em suas notas altas e aspiradas, distintas que traziam o som de seu próprio nome:

"Al — ba!"

Era como um sopro de vento em seus ouvidos, um sussurro de brisa, ao sabor de seus próprios pensamentos.

O chamado veio mais duas vezes... e cessou de volta para o grande golfo do silêncio de onde havia saído.

E mesmo quando a última nota soava no ar frio do crepúsculo ela respondeu.

"Quem está aí? Quem é?"

Sua voz tremeu no espaço entre o silêncio e o trovão, prenúncio fatal de uma grande tempestade que descia pelas abas do Chapadão em direção aos vales mais baixos.

Mas ela não teve resposta e o som de sua voz morreu em seu próprio eco, trazido de volta pela porta do quarto entreaberta.

A velha Senhora Alba levantou-se da cama, o assoalho não rangeu sob seu peso, pois também a casa sentia medo.

As paredes contritas pareciam querer avisá-la:

— Fuja! Fuja! Fuja! Rápido, depressa antes que eles cheguem!

Mas já era tarde demais.

A velha Senhora Alba não poderia fugir, pois eles já estavam ali.

A mão trêmula da velha Senhora tomou o que restava de uma vela acesa e encaminhou-se para a porta do quarto.

Um reflexo fugidio lhe fulgiu pelo canto dos olhos e ela virou-se assustada.

Era a vela que trazia refletida no espelho.

Mas então ela viu... Havia outras coisas refletidas no espelho...ela olhou ao redor assustada...sem compreender.

Foi então que um arrepio lhe eletrizou o corpo semiadormecido e ela entendeu.

Não eram coisas refletidas no espelho, eram coisas que se moviam dentro do espelho... e vinham em sua direção.

A velha Senhora Alba de Meireles Paz gritou, gritou com todas as suas forças ao reconhecer os olhos amarelados a lhe fitarem e vigiarem e as carreiras de dentes diminutos e muito alvos que lhe sorriam das trevas além do espelho.

Gritou com uma compreensão terrível e imutável.

E a casa da fazenda também gritou!

A chuva e o vento abafaram os gritos!

Mas quando a tempestade cessou apenas a velha casa da fazenda ainda gritava em silêncio e horror!

*

De manhã, após a chuva torrencial, o caseiro voltou até a casa grande, mas não encontrou ninguém.

Chamou pelos campos e pelas lavouras ao redor da construção, mas ninguém respondeu.

A pequena Senhora Alba de Meireles Paz nunca mais foi vista.

Logo depois o caseiro foi-se embora, e a fazenda ficou para sempre desabitada.

Dizem as más línguas dos vizinhos, que nas noites de grandes tempestades tremulam luzes de velas fantasmais pelas janelas da velha casa desabitada.

Mas não era Alba!

Não mais!

IV

Era 1904...

O carroção carregado de bugigangas e móveis velhos, puxado por uma junta de bois já bem idosos e lerdos, descrevia um caminho certo e lento pelas margens da deserta Floresta dos Macacos.

O rangido da madeira das rodas do carro reboava agourentamente pelos troncos das árvores, ribombava pelas colinas baixas ao redor e trazia um cicar sinistro dos capinzais ao redor.

Sobre o carroção um homem jovem e uma mulher já com os rostos comidos pelo sol e pelo tempo, marcados pelas agruras da vida no campo e pelas desventuras que já haviam vivido em outros lugares.

O homem vestia-se com um terno amarrotado e meio rasgado, puído em alguns lugares já, deixando transparecer a camisa amarelada que um dia fora branca, por baixo.

A mulher trazia um pequeno embrulho nos braços, que se mexia de tempos em tempos, uma criança nascida há pouco tempo.

Atrás, balançando os pés no vácuo deixado pelo carroção, estavam sentadas mais duas crianças, um menino e uma menina um pouco mais velha que este.

Acompanhando o andar serpenteante do carroção, vinha um cão, sem pedigree e dois outros rapazinhos mais crescidos entre quatorze e quinze anos.

Retirantes que eram, vindos da velha e indigente São Thiago dos Ilhéus, retirância imposta à eles por outros homens de maior ganância e menor misericórdia.

O homem já fora doutor em direito na velha cidade litorânea, mas os anos o haviam derrotado e fora forçado enfim à se refugiar no interior, caçado pelos credores e por outros de pior índole.

Afinal, como não lhe restasse mais nada, vendeu os últimos livros que possuía e trocou os últimos títulos e o anel que lhe sobrara, por aquele carro de bois e colocando nele a família fugiu para aqueles sertões esquecidos de Deus.

A lida era dura ali, mas ele sabia o que fazer e fazia o que era necessário para manter sua família.

Cedo, antes do sol nascer, saía com o machado para cortar lenha e montar algumas armadilhas para pegar algum animal desavisado, depois retornava quando o sol já estava se aquecendo para a pequena plantação de milho e mandioca que havia nos fundos e ao lado da choça que construía.

*

Às vezes, quando o pai voltava cedo do cortar e juntar na floresta mais distante, e quando a mãe já acabara de preparar o jantar, se punham os seis à conversar sobre as coisas do dia e os pequenos sempre pediam uma que outra história.

— Conta-nos a do gavião, papai. — pediu Licena.

— Não, a da onça e do jabuti — queria o pequeno Bartolomeu.

— Ah, deixe disso e nos conte a da bicha faminta, papai. — pedia o mais velho dos gêmeos.

E então, o pai olhava para fora, para a porta aberta da casa de sapé, a porta que separava a luz das trevas, a cálida sensação de segurança das paredes de barro batido, do vento que assobiava matreiro por entre os troncos bamboleantes das árvores que circundavam a pequena casa.

Acendia o cachimbo talhado em sabugo de milho com uma palha comprida, e dando duas ou três tragadas longas começava a contar a história.

A lenda antiga remontava as esquecidas campinas do Jura no velho mundo, e muitas eram as cantigas e histórias, testemunhos e referências à ela, de nobres ou simples lacaios.

Uma ninfa ou antes uma náiade...

— O que é uma náiade, papai? — perguntava o jovem Bartolomeu.

O pai dava um longo suspiro e explicava:

— É um espírito das águas e das matas lá da Europa...

— Como a iara? — acrescentava Licena.

— Sim, minha filha. Igualzinho à Iara — confirmava ele e continuava...

Que, sempre indiferente aos caminhos dos homens, percorria os montes, as campinas, florestas e planícies do Jura, banhando-se nos lagos, nos rios e ribeirões dos lugares por onde passava. Era bela e vestia-se sempre com um vestido de seda branca, trazia sobre os cabelos loiros, muito compridos e sedosos como ouro novo, um diadema que tinha um rubi vermelho sangue tão grande como um ovo de pomba e tão puro e belo que nem todo o ouro do mundo o poderia comprar.

Ele dava uma pausa, para dar mais duas ou três tragadas no cachimbo e continuava.

— Ela nunca tirava o diadema à não ser quando se banhava, era aí que o deixava sempre perto junto com as roupas nas margens dos rios, e era também este o momento em que os homens que a descobriam escolhiam para tentar roubar a joia, mas aí daquele que tentasse tal façanha, pois assim que colocasse a mão no tesouro surgiam serpentes de todos os lados e perseguiram o ladrão que para salvar a vida era obrigado à jogar fora o tesouro, pois se não o largasse era certamente devorado pelas serpentes.

Assim a noite caía ao redor da pequena casa, as corujas piavam alto anunciando sua saída à caça e os morcegos voavam para as pereiras e sombreiros, para as goiabeiras e tamarindos já carregados para comer os frutos maduros no frescor do vento que descia o Chapadão do Grande Carro, enquanto que lá no meio da mata, recém acordada com o cair do sol, o vento morno de verão fazia ranger os troncos velhos dos bambuzais centenários e cantava suas cantigas de estranheza para acordar a mata e tudo o que houvesse dentro.

Quando todos iam dormir, o pai, que muitas vezes estava tão cansado da lida diurna que sequer conseguia fechar os olhos para descansar, no velho colchão de palha cheirando à terra e ração de galinha, saía à varanda da casa e ficava olhando a noite, sentado em um tronco e pitando o cachimbo gasto.

Olhava então o céu noturno, todo aceso com uma miríade de lâmpadas pequeninhas e brilhantes, via o rio de luz que corria de norte a sul por sobre a casinha.

Formando figuras imaginárias e lembrando-o do quanto era diferente do céu da cidade grande que haviam deixado para trás.

A solidão o assaltava nestes momentos e ele se via sozinho ali naquela vastidão de matas e rios nunca antes explorados por mãos humanas, longe de qualquer lugar conhecido por sua gente, mas também lhe dizia que ele queria estar ali mais do que em qualquer outro lugar do mundo inteiro, e ele se alegrava com isso.

E por vezes ele ouvia o ronco de uma onça solitária, lá pras bandas da mata fechada da Floresta dos Macacos, ou o canto agourento do cajaguréu procurando ninho, ou do uirapuru em busca de companheira e isso o assombrava e amedrontava, pois eram as belezas selvagens daquele lugar esquecido por Deus.

Assim passavam suas noites e trabalhava durante o dia, e o tempo ia se consumindo, como só ele sabia fazer, mas chegou uma noite em que seu tempo terminou, correu raso por entre seus pés descalços, carregando sua força de vontade e suas esperanças, até nada mais restar e o vento cessou de todo e toda a mataria esquecida ao redor se aquietou com um suspiro frouxo.

O espectro da noite tremulou, com um relâmpago nas terras pra lá das serras altas e ele sentiu o cheiro de terra e chuva.

As horas da noite já eram mortas quando ele se deu conta do ar parado e do súbito silêncio que envolvia todo aquele lugar perdido.

A escuridão parecia mais densa e aos seus ouvidos não lhe chegava som nenhum.

Todas as vozes da mata, do céu e da terra estavam caladas, lhe observando, ele pôde sentir isso em todos os pelos de seu corpo que se arrepiaram de uma só vez e um calafrio terrível passou sobre sua espinha.

O suor secou em suas costas, mesmo no ar abafado do verão.

Até mesmo a brasa do cachimbo parecia apagada e baça e a fumaça subia como um fio quase apagada.

Ele correu os olhos ao redor procurando alguma coisa que não conseguia achar e nem sabia o que era.

Ouviu um barulho, um som abafado, vindo do quarto grande onde dormia com a esposa, um soluço apenas, mas tão carregado de palavras, tristeza e desilusão que partiu seu coração já aperreado que teimava em querer sair do peito.

Entrou na casa com dois passos largos e apressados pelo medo e chegou à porta do quarto.

Não entrou, não precisava, pois o que viu dali mesmo da soleira foi o suficiente para arrancar as amarras que ainda lhe prendiam a alma ao peito.

Também não chegou a entrar no quarto dos pequenos, pois o umbral já lhe mostrou tudo aquilo que um coração de pai jamais desejaria saber e continuar vivendo depois!

As redes dos mais velhos estavam vazias e ele desejou de todo o coração que eles houvessem escapado antes... mas jamais soube o que lhes aconteceu...

Pingos grossos de chuva tamborilaram funestamente sobre a palha do telhado mal feito.

Ele correu em desvario para fora, atordoado e já carregado pelas asas pueris da insanidade não parou de correr até que seus passos perderam-se pelos capoeirões da velha mata e foram abafados pelo barulho ensurdecador da chuva de verão que varreu aquela parte da terra e trouxe o abençoado esquecimento!

V

Era 1907...

A grande varanda de madeira avermelhada estendia-se preguiçosa pela lateral comprida do velho casarão.

O bafo indistinguível do cair da tarde de outono era inevitável, o Sol já frio teimava em se esconder atrás de nuvens carregadas, lá pelos cabeços das serras, e os dedos de frio aproximavam-se bem devagar, mas insistentemente, já sem timidez.

O silêncio do lugar era quebrado apenas por dois sons, o primeiro o ranger cadenciado e ininterrupto das pernas de uma velhíssima cadeira de balanço, já gasta e sem cor, e o segundo uma voz baça e rouca, agourenta e monótona, em muito semelhante ao crocitar de um velho corvo, que provinha de um negro velho, sentado à cadeira de balanço.

Ao seu redor, espalhados em um círculo díspar, um bando de 12 garotos sentados como estátuas, evitando sequer mover-se e já quase sem fôlego, escutando com avidez e sofreguidão àquela voz quase inumana.

Seus rostos assombrados voltavam-se uns para os outros e depois para o objeto de sua adoração, que era também o oráculo de suas lendas infantis, o velho negro contador de histórias.

Este parou no meio de uma frase, olhando ao redor com seus dois olhos encarvoados, acesos como brasas açuladas pela emoção da narrativa, e depois continuou bem devagar, como se saboreasse cada palavra que dizia.

— Foi então que eu vi, lá bem no meio do terreiro no arraial do Seu João Amarelo, a coisa se espojava bem na frente do cruzeiro do terreiro, bicho grande, como bezerro de alta catadura, com imensas orelhas caídas para os lados, azurrado, fazia uns grunhidos estranhos e rosnava e se sacudia todo... ficou assim bem quase uns tantos minutos...aí parou como se farejasse, levantando a cabeçorra como um cachorro bem preto, focinhando o ar à volta...eu que não sou tolo, me escondi mais e nessa hora dei uma piscadela de olhos, aí perdi o danado do bicho de vista. Foi um segundinho apenas e ele já havia sumido. Me desesperei porque aí dei por mim que o Seu João Amarelo tinha acabado de ter um filho e nem batizada a criança fora ainda...certamente o coisa ruim

estava atrás da criança...foi um desespero só....aí criei coragem e saí do meu esconderijo e fui até a frente do cruzeiro...a lua alta me iluminava bem o caminho e pude ver as marcas do bicho seguindo em direção à casa do Seu João...foi então que ouvi um barulho horrível de madeira quebrada e vidro partido e corri desesperado pra beira da casa...pois não é que o coisa ruim tinha quebrado a janela do quarto do bebê e tinha levado ele embora? Quando cheguei na janela quase levei um tiro do Seu João, já de espingarda em punho, mas ele me reconheceu logo...

— Que é que vosmecê faz aí, homem de Deus? — perguntou Seu João de dentro do quarto quase aos gritos com a espingarda na mão, a mulher desesperada já chorava alto junto do berço.

— Estou atrás de uma coisa ruim que vi andando pelos lados da casa de vosmecê. — disse eu mostrando a carabina e o punhal.

— Então vamos juntos que o desalmado me roubou o filho. — arrematou Seu João pulando a janela.

Dali seguimos juntos pelos carreiros ao redor da casa, tentando encontrar os rastros do coisa ruim. Foi então que escutamos um choro de criança abafado e uns resmungos roucos que vinham do paiol de milho, depois da cerca das vacas.

Atravessamos o terreiro e quando nos acercamos do paiol já vi que chegávamos na horinha...pois o coisa ruim já tinha sangrado o bebê e enquanto este chorava bebia o sangue que brotava do pescocinho...uma cena horrível de se ver....

Aí o Seu João enlouqueceu e atirou na coisa ruim, atirou até descarregar a espingarda, mas ela continuava lá, sentada bebendo do bebezinho em seu colo... graças à Deus que eu estava lá, entendido que sou nestas coisas do mato profundo e da noite, caçador vivido das criaturas que o Diabo colocou nesta terra de Deus...tirei meu punhal vestido com cera de vela que ardeu na missa do galo, na meia-noite do Natal, e sangrei o bicho maldito na perna.

Ele soltou um urro medonho e jogando o corpinho da criança pro lado saiu desembestado para o meio do mato, Seu João foi atrás do filho e eu corri atrás do bicho como cão perseguindo onça... mas acabei perdendo ele na mata fechada, lá para os lados da Mata dos Macacos, que lá eu não entro em noite de lua cheia como aquela, pois tem coisas piores que lobisomem naquele lugar...depois voltei pra casa do Seu João pra ver como é que tava o filho dele.

Parece que o bicho só fez um talho pequeno no pescocinho do bebê, mas saía tanto sangue que tiveram que colocar uma faixa e chamar o doutor de Laguna para ver o ferimento, depois disso o menino sarou, só que ficou marcado pra sempre, mirrou e emagreceu bastante e quase morreu no ano seguinte. Mas uns dois anos depois pareceu crescer de vez e desencantou, encarnou e engordou que

foi coisa bonita de se ver, moleque mais vistoso não se via daqui até Laguna, dizem que ficou forte como um bezerro maduro e tinha um apetite daqueles.

Eu estranhei, porque quem é ferido de bicho ruim não sara nunca, e morre logo, pois essas coisa ruim tem pacto com a Morte, mas na época tinha aparecido por estas bandas uma tropa de ciganos e o povoado todo comentou que o pai, Seu João, andou levando o filho para uma cigana velha que tinha lá benzer e dizem que dali por diante ela quebrou o encantamento que havia na criança.

Como fiz amizade com um deles, sujeito boa gente e bom bebedor também, enquanto proseávamos sobre as coisas estranhas que ele havia visto nas suas viagens e as coisas que eu havia caçado nas minhas, ele me contou que a história era outra...que o pai havia levado o filho pra uma consulta com a cigana velha sim, só que ela havia dito que ele não tinha cura senão que fosse alimentado com sangue quente recém tirado de criatura viva, dizem que foi isso que ele fez pra manter o filho vivo, pois as criações de gado da fazenda nunca rendiam e ele vivia tendo que comprar bezerro novo.

Isso até a Dona Maria Ângela falecer, quando o filho fez 18 anos, aí ele e o pai venderam as terras e viajaram pra bem longe e nunca mais voltaram por essas paragens...

Com um assobio curto, o contador findou a história, houve um momento de silêncio e então brotaram perguntas de todos os lados...

— Vosmecê não sabe que fim levou o rapaz? — perguntou um dos garotos.

— Como é que eles sabiam que o pai fazia isso? — perguntou outro.

— Que fim levou o coisa ruim? — perguntou um terceiro rapidamente, um rapazinho louro de olhos muito vivos e rosto sardento, filho de um casal de alemães que chegara não fazia nem um ano por aquelas paragens.

O negro velho deu um sorriso de lado, tomou um cachimbo de barro de aparência bem mais velha que ele próprio, foi até a cozinha próxima e acendeu devagar, depois sentou na cadeira, inalou a fumaça devagar e olhou bem para o rosto assombrado de cada um dos garotos...

— Nunca mais vi aquele coisa ruim que persegui aquela noite. Mas uma coisa eu tenho certeza, que eu desencantei o bicho isso eu desencantei!

— E como vosmecê sabe? — perguntou o mesmo garoto curioso.

— Porque dias depois eu fui na Venda do Seu Miguel Araonga e encontrei um sujeito novo por lá que mancava muito da mesma perna que eu havia cortado do bicho. Era um sujeito que havia chegado à uns meses lá de Recife Velho, muito quieto e calado, não tinha amigos nem parentes por ali, e depois daquele dia, que eu o vi lá na venda e olhei bem dentro dos olhos dele, ele pareceu me

reconhecer...ele sumiu, foi embora da Vila e nunca mais ninguém o viu por essas bandas. Daí durante muito tempo não tivemos mais notícias de encontros com outra coisa ruim como aquele!

Um silêncio de espera passou devagar pelos garotos, como se aguardassem as próximas palavras do velho contador de histórias.

Este, porém, olhava com melancolia e tristeza para as terras além, pelas bandas do horizonte, onde um pico de ponta negra afrontava o céu azul do cair da tarde.

— Um dos mais horríveis fadários que pode atingir uma criatura é virar lobisomem! Deixou escapar o contador de histórias tristemente, e depois, voltando-se pra seus interlocutores ávidos deu uma risada alta.

— Mas agora está finda a história e vosmecês tem que voltar pra casa, está anoitecendo e não é bom pra garotos como vosmecês andarem por estas terras sem Deus depois que cai a noite.

— Ainda dá tempo para mais uma. — pediu outro garoto, de cabelos vermelhos e olhos bem acesos, filho do espanhol dono da imobiliária.

— Não dá tempo, senhorzinho André, senão cai a noite e pega vosmecês todos no caminho pra casa. Depois seus pais proíbem e vosmecês não vão mais poder vir aqui escutar as minhas histórias.

Os garotos se despediram tristes, mas prometendo voltar no dia seguinte para ouvir mais histórias do seu contador.

*

A casa do contador ficava já além dos limites da cidade, perto das matas da fazenda São Sebastião, muito afamada porque nas suas terras ficava o Morro dos Uirapurus, morro assombrado e morada de assombração, alvo preferido das escapadas do bando de garotos, que adoravam nadar no lago que havia aos pés do morro.

Naquele dia não era exceção.

Anselmo, o lourinho filho dos alemães e o ruivo André juntaram-se à João Sansão, filho do meio do sub-delegado Domingos Sansão de Almeida Santos, e desgarraram-se logo dos companheiros de histórias.

— Aonde vocês vão? — perguntou Cícero, o mais velho do grupo muito preocupado, por imaginar muito bem onde iam os amigos.

— Vamos lá pras bandas da São Sebastião, não quer vir? — convidou João — Vamos mostrar pro André o lago das garças.

— Isso não é hora de ir lá, já vai escurecer... — avisou Cícero.

— Demora ainda, dá tempo da gente ir e voltar. — disse Anselmo arreado.

— Não vão se perder pelo caminho. — insistiu Cícero.

— Não quer vir, então não azede. — Disse João já correndo.

Cícero ficou a ver os amigos na distância, não era que não quisesse ir, mas estava escurecendo depressa e parecia que estava pra cair uma chuarada forte bem para os lados da fazenda São Sebastião.

Bem, se eles queriam tomar banho de chuva, pior pra eles.

Voltou-se e correu atrás dos outros garotos, que já pisavam nos ladrilhos amarelados dão fim da Rua das Vozes.

*

Os três garotos seguiram pela estrada de terra até a porteira grande da fazenda.

Pararam por um momento.

Era a primeira vez que Anselmo chegava tão longe sem os pais. Ficara assombrado com as grandes matas que cercavam a estrada de Laguna até Passagem, matas profundas e escuras, fechadas, sombrias, com as árvores se embaraçando umas nas outras, como rede viva em uma trama verde folhosa, enramada e entretecida de negro.

Aquelas árvores não lhe saíam da lembrança.

Agora, diante da porteira via as mesmas árvores além, esperando apenas que ele fosse até elas.

Fez menção de abrir a porteira, mas João foi logo avisando.

— Não abre não, que se abrir o Major Saulo fica sabendo e apanhamos uma sova daquelas, vamos entrar por outro caminho.

— Qual? — perguntou Anselmo curioso.

— Vem ver. — chamou André.

Deram uma pequena volta em uma pedra preta grande que havia perto dali e atrás da pedra Anselmo viu que a cerca estava arriada, uma árvore velha havia caído sobre ela e dava certinho para passarem sem serem visto e sem deixarem nenhuma marca de passagem.

Atravessaram e correram para a estrada da fazenda.

O cheiro da mataria ao redor era forte, cheiro de flor silvestre de todos os tipos.

O vento também cheirava forte, vinho correndo com o cheiro de chuva pesada, direto dos espinhaços da Serra Diamantina.

Adiante os garotos se embrenharam em outra estradinha, um mero carreiro de caça e caçador, pouco usado naquela época do ano.

Vadearam um brejo espetado de garças pardas.

Os grilos cantavam alto e vez por outra ouviam um ciciar estranho, como jararaca-papuda a correr o mato em busca de caça.

Chegaram num ponto onde havia um grande tronco de camboatã atravessado no caminho, ali pararam um momento.

— Este não estava aqui antes. — disse André.

— Decerto colocaram aqui pra ninguém passar ou vai que caiu... — asseverou João.

Passaram o tronco caído e notaram que havia escurecido mais rápido do que imaginavam, já era quase noite e as matas estavam cheias de sombras que se moviam de modo inquietante.

Moveram-se mais rapidamente em direção ao seu destino.

O crepúsculo já se anunciava sorrateiro, o mato alto em volta da estradinha estalava com o vento baixo, um bacurau cantou distante e um galho estalou sinistramente em algum lugar atrás deles.

Anselmo não estava gostando nada daquele lugar, era afastado demais de tudo e muito sombrio.

— Vamos voltar. — pediu ele.

— Está com medo alemãozinho. — perguntou João com ar sinistro.

— Não. Apenas acho que não vamos conseguir nadar de noite. — disse Anselmo.

— Ora, claro que vamos. Já fizemos isso outras vezes, não é André?

— Claro, mas sempre viemos no verão.

— Qual é? Você está com medo também é?

— Não, apenas não estou mais com vontade de nadar. — disse André encarando o amigo.

— Está bem, vamos voltar, se é isso que vocês querem... bebezinhos chorões...

Anselmo encheu-se de coragem.

— Vamos até o fim então!

— Ah, agora estou gostando, estava procurando mesmo alguém com bastante coragem...

Internaram-se mais pela estradinha.

Quase quinze minutos depois chegaram às margens do lago das garças.

Era apenas um pequeno lago que nascia ao sopé do morro, as águas escuras e frias eram como um espelho obscurecido, as copas das árvores ao redor fechavam-se como um gigantesco caramanchão verde, obstruindo toda a luz que ainda restava no céu, como grandes vultos, presenças impressionantes ao seu redor, movendo-se em uma dança eólica e assombrada.

Estava tudo muito quieto e havia apenas o zumbido agourento da pequena cascata murmurejante que alimentava o lago.

Nenhum pássaro cantava.

Outro galho estalou na trilha atrás deles.

Os três se retesaram, seus corações pulsavam forte como se fossem estourar o peito, as mãos estavam molhadas com um suor frio... todos estavam com medo.

— Vamos embora! — pediu Anselmo.

— É! — concordou João sem querer demonstrar o medo que sentia — parece que hoje nenhum dos dois vai me fazer companhia. Vamos ter que voltar.

Começaram a voltar pela pequena trilha, mas então a escuridão já quase os envolvia, o próprio crepúsculo já morria e a noite estava prestes à alcança-los!

Outro barulho à frente deles, desta vez não era um galho quebrando...

Pararam.

— Só tem esse caminho? — perguntou Anselmo assustado.

— Não, tem outro... — disse João.

— Ah, não, aquele outro caminho não... — disse André.

— Qual caminho?

— O caminho dos Uirapurus. — disse João.

— Não quero ir por aquele caminho. — disse André.

— Talvez não queira mas é ...

Um miado horrendo veio de alguma parte do mato muito à frente deles.

O inconfundível miado de uma onça.

Anselmo desesperou-se.

— Que foi isso?

— Acaso não conhece uma onça? — perguntou João pouco preocupado — Ela não deve nos fazer muito mal, mas temos que sair do seu caminho e só temos outro caminho a seguir.

— O caminho dos Uirapurus? — perguntou Anselmo.

— Exatamente. E rápido senão ela descobre que estamos aqui e vem nos caçar. — disse João confiante que entendia tudo de onças.

Mudaram o rumo.

Deram a volta no pequeno lago e tomaram um carreiro quase despercebido que subia pelas terras do lado do morro.

A cada minuto escurecia mais e um silêncio de morte os cercava, não havia mais vento nem pássaros nem insetos.

Quanto mais subiam mais assustados ficavam, escutaram um berro distante, agoniado, um berro de desespero da onça que quase haviam encontrado.

Ouviram o canto do socó preto e do socó vermelho, um canto explosivo — exatamente como o grito das almas penadas...

Desataram a correr pela trilha.

João ia na frente, afinal era ele que conhecia melhor o lugar, já havia caminhado por ali durante quase toda sua vida e conhecia cada pedaço daquela mata, ou pelo menos achava que conhecia, pois naquele momento estava tão assustado quanto os outros dois.

Nunca havia acontecido antes.

Seu coração batia descompassadamente, seus joelhos tremiam e seu peito doía com o esforço da corrida morro acima.

Afinal chegaram ao topo do morro.

Nu e descampado, havia apenas uma grande pedra preta meio achatada, que o coroava como dente único.

Pararam um momento apenas para descansar.

Era noite já, sem estrelas e cheia de nuvens de tempestade.

Escura como breu.

— Vamos embora. — lamentou André.

João voltou-se, irritado, nervoso, já ia mandar o amigo calar a boca quando seus olhos fixaram-se na pedra preta atrás de André, ao seu lado Anselmo apertou-lhe o ombro com medo seguindo seu olhar e André viu os olhos dos dois amigos se arregalarem devagar.

Tremendo de medo, hesitou durante um momento apenas, mas virou-se e olhou para onde os amigos olhavam.

Uma réstia de luz da lua pareceu brotar de entre as nuvens negras e caiu sobre a face fria da pedra preta.

Os três gritaram com força, assustados, e então as nuvens fecharam-se e a noite os envolveu!

As gargalhadas assustadas do xoréu e do cujaguréu açoitaram a noite!

Segundos depois raios despencaram e grossos pingos de chuva caíram, lavando a face do morro...limpando a conspurcação da terra!

*

Já era quase meia noite quando um par de cavalos parou à entrada da velha casa do contador de histórias.

Os homens desceram e bateram na porta repetidamente, chamando, suas vozes traíam seus medos.

— Hiram, acorde. Hiram.

Minutos depois um barulho de trancas soou e a porta abriu-se.

O rosto quase centenário do velho contador de histórias surgiu amarrotado pelo sono.

— Qué que deu em vosmecês? Pra virem me acordar assim no meio da noite...até parece que morreu alguém....

Um vislumbre passou pelo rosto dos dois homens e o mais velho adiantou-se.

— Precisamos saber se João Sansão, André e o filho dos alemães da Rua da Misericórdia estão aqui.

— Não, seu delegado. Eles foram bem de tardezinha. Estas horas já devem estar c'os pais...

— disse o velho sentindo um frio estranho lhe subir pelas entranhas.

— Não estão não. Na verdade falamos com um dos amigos deles, o Cícero, e ele disse que eles estavam querendo ir nadar lá na lagoa das garças...

— No morro dos Uirapurus? Aquilo é lugar danado de ruim pra se ir, inda mais de noite com a tempestade que caiu...

— Então eles devem ter ido mesmo pra lá... — disse o outro homem torcendo as mãos.

— Calma, senhor Haroldo, certamente seu filho está bem...

— Se está com João deve estar sim. — aquiesceu o velho — Ele conhece tudo aqui por estas bandas, mas aquele lugar, se foram mesmo pra lá, não é bom pra meninos depois que anoitece.

— Vamos pra lá. — disse o homem mais nervoso.

— Vamos, sim. — concordou o delegado, mas primeiro temos que chamar os outros.

— Eu também vou. — disse o velho contador de histórias.

— Ora, você está muito velho, meu caro Hiram. Sua época já passou.

— Não Senhor delegado. Neste momento é que meus préstimos são mais necessários. Conheço toda esta região de olhos fechados no escuro, nada pode escapar de mim, nem homem nem animal nem criatura doutor mundo. Estejam onde estiverem eu os encontrarei.

Entrou na casa.

Os dois aguardaram do lado de fora.

Minutos depois o velho saiu, trazendo sua carabina, seu punhal bento e seu gibão de couro benzido.

Encilhou o cavalo velho e voltaram os três para a cidade.

*

O delegado Fabiano de Barros reuniu um grupo grande, Domingos Sansão pai de João, Izidro de Quezada pai de André e o alemão Haroldo pai de Anselmo, seguiam na frente, seus rostos assombrados pelo medo mais ingrato e mais temido de todos, de perder seus filhos.

O velho Hiram seguia bem na frente com o investigador João Guilherme.

O grupo seguiu pela estrada da fazenda São Sebastião, subindo e descendo o caminho várias vezes até Hiram descobrir os rastros da onça.

Então iniciaram uma busca sistemática até o sopé do morro e descobriram a trilha que os meninos tomaram para subir.

Enquanto ainda estavam decidindo quem ficaria e quem subiria, João Sansão saiu do meio das árvores tropeçando.

Estava mudo, com os olhos esbugalhados e a camisa toda encharcada, os braços e as pernas lanhados como se pôr espinhos e sangrava abundantemente de uma grande ferida nas costas.

Estava assustado e falava soluçando coisas sem nexos, respondeu às perguntas com vagar.

Contou que ele e os dois amigos foram nadar no lago das garças, mas que no caminho anoiteceu e ele achava que tinha alguém atrás deles, então escutaram uma onça, assustaram-se e resolveram cortar caminho pelo morro dos Uirapurus. Estava tudo estranho, não tinha barulhos na mata e quando chegaram no alto do morro uma coisa muito ruim aconteceu.

Que coisa ruim? Perguntaram o delegado e os outros pais.

Ele não tinha muita certeza, vira luzes brilhando na grande pedra preta de cima do morro e tudo ficou muito escuro, os amigos gritaram e ele voltou-se e correu pela trilha morro abaixo, correu com todas as suas forças e não olhou para trás, achava que os amigos estavam seguindo logo atrás, mas quando chegou ao sopé do morro viu que estava sozinho.

Mas parecia que ainda havia alguma coisa atrás dele, ou alguém, não sabia o que era, mas queria sair dali o mais depressa possível.

Não falou mais uma palavra sequer depois disso.

O pai o tomou nos braços e levou para casa.

Os outros subiram o morro, mas ao chegarem ao topo não encontraram nenhum sinal de que os garotos houvessem estado por lá, nem pegadas, nada, apenas a terra negra e vazia.

No dia seguinte e nos próximos foram organizadas buscas em toda a região, mas não houve resultado... nem André nem Anselmo jamais foram vistos vivos novamente!

*

João Sansão voltou para casa. Nos dias que se seguiram ele preferiu ficar em seu quarto.

Ficava horas inteiras olhando pela janela, com medo, não sabia por quê.

O olhar vidrado nas matarias lá para os lados do morro dos Uirapurus.

Era como se estivesse esperando que alguma coisa, gente ou bicho, viesse das matas ao redor da cidade para buscá-lo.

Uma noite, sem lua e cheia de nuvens carregadas, ele desesperou-se, pediu em vão para que o pai dormisse com ele ou que fossem embora daquela casa, mas não foi atendido.

Quando avizinhou-se a hora de dormir ele olhou novamente pela janela, a escuridão lá fora o chamava.

Lá fora da janela do quarto, ele sabia que coisas inomináveis e inumanas aguardavam nos lugares vazios e nos recessos escuros, entre os interstícios das coisas, esperando apenas uma oportunidade para se esgueirarem e sentarem em cima dele e dos outros habitantes da pequena cidade e enfiar suas garras neles.

Ele sabia e estava com muito medo!

*

De manhã, quando a mãe veio chamá-lo para o café encontrou a porta do quarto trancada por dentro.

O pai a arrombou, amedrontado com as possibilidades macabras que teimavam em afogar suas esperanças, com a ajuda de um vizinho menos amedrontado.

A janela estava trancada por dentro também.

Mas o quarto estava vazio.

O menino se fora!

III — Estação da Colheita

"E afinal o horror veio ... uma noite!

E era como quando o monstro

que mora debaixo da cama

levanta-se de seu esconderijo no escuro,

faminto, para assombrar!"

I

Era 1910...

Ao cair da tarde do último dia de outono a Vila do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora de Passagem morreu e passou para a história.

Sucumbiu inteiramente ao mal sociopático, selvagem, tenebroso e desgovernado que libertou-se sobre ela.

Foi como se os limites entre fantasia e realidade se rompessem... e um jorro de horror puro, de um tipo muito peculiar, inundasse todo aquele lugar com suas águas negras e lodosas, que depois de secas pelo sol do meio-dia, deixavam para trás apenas as marcas do esquecimento!

O horror de pessoas comuns que descobriram subitamente que o universo no qual viviam e acreditavam era muito menos são e seguro do que pensavam... e que seu mundo cotidiano estava diariamente sob um cerco fatal de forças inomináveis e inimagináveis que estavam apenas à um passo de sua realidade do dia-a-dia, forças indiferentemente más mas ainda capazes de serem involuntariamente convidadas a sair de sua insana escuridão para a luz da realidade, forças más e corruptoras que não se importavam com a humanidade e jamais deveriam sequer ter sua existência imaginada por ela.

Mas o dia amanheceu como outro dia qualquer!

O senhor Onofrio abriu a porta do bar na primeira hora do dia.

Uma aperreação lhe agarrava o peito e uma dor de cabeça dos diabos fazia com que seu humor fosse o pior de toda a semana.

...

Na praça da cidade duas matronas, sentadas em um dos bancos no frontão da igreja, confabulavam e riam seus risos aziagos, como bruxas empoleiradas sobre os galhos de uma árvore morta.

— Quem diria? A bela Dona Bárbara de Almeida Paz, acusada de todos aqueles assassinatos macabros. — disse a velha senhora com voz esganiçada.

— É. — replicou a outra concordando — E dizem mais, dizem que no tribunal ela confessou tudo...

— É mesmo? indagou a primeira senhora.

— É. Ela disse que fora uma negra, antiga escrava da casa que lhe apresentara os ciganos, e fora o marido mesmo que a levara até lá uma, duas ou três vezes, e numa destas vezes a velha cigana, bruxa de tudo, lhe ensinara que deveria tomar banhos regulares com sangue de criança, imagine uma coisa destas...

— Minha Nossa Senhora! — exclamou a primeira senhora persignando-se.

— É, disse que se ela tomasse banho em sangue de criança ela ficaria boa, e a mulher acreditou num tal disparate... e dizem mais, que ela também confessou que roubava as crianças e as estrangulava e seu marido carregava os corpos até a chácara do Aterrado, onde morava naquela época...

— Aquela do outro lado do Rio da Prata?

— É esta mesmo. — confirmou a primeira senhora — E era lá que a megera realizava toda a bruxaria.

— Uma coisa medonha. — falou a segunda senhora persignando-se novamente.

— Sem dúvida, sem dúvida. — concordou a primeira senhora persignando-se também.

— E que fim levaram os ciganos? — perguntou a segunda senhora.

— Ah, O Doutor Fabiano de Barros não conseguiu pegar nenhum, quando foi atrás deles nas terras lá pras bandas da Serra Diamantina encontrou só as cabanas e as carroças apodrecendo na chuva e no sol, mas de ciganos nem uma sombra. Já haviam deixado aquelas bandas há anos atrás.

— Nada?

— Nem uma sombra mesmo. — confirmou a primeira senhora com os olhos amedrontados.

— Pudera, aquilo não é lugar nem pra cigano morar, todos sabem que aquela região é cheia de coisa ruim e assombração.

— Da pior espécie. — asseverou a primeira senhora persignando-se várias vezes.

*

Um barulho rouco e alto fez as duas pularem de susto no banco.

Elas olharam ao redor muito assustadas e viram as portas de ferro da loja de quinquilharias do Sr. Mohamed al Bahír se abrindo do outro lado da rua.

A figura morna e gordurosa do árabe surgiu pela porta, movendo-se com uma serpente ao sol, de forma pachorrenta e apreciando a quentura das primeiras horas do dia.

Elas olharam uma para a outra e deram risinhos lascivos.

A mais nova mostrou o dedo médio, gordo e branco como pequeno verme, e fechando o polegar e o indicador da outra mão fez um gesto obsceno para a primeira, sorrindo maliciosamente.

As duas caíram na gargalhada e olharam para o gordo comerciante com olhos famintos.

Mohamed piscou os olhos cercados de bolsas roxas de sono e olhou para as duas matronas sentadas no banco da praça, balançou a mão em um cumprimento e mostrou os dentes sorrindo.

“As duas cobras lascivas já estão deitando seu veneno!” — pensou ele com um pouco de asco, seu órgão, no entanto manifestou-se de forma contrária e ele tratou de ajeitar as calças envergonhado.

Deu um suspiro e virou-se para entrar.

Subitamente seu olhar caiu sobre uma pequena sombra preta que passou correndo pelos seus pés vinda do interior da loja.

Mohamed praguejou e deu um pulo para o lado, agarrou com força um pequeno amuleto de uma estrela do mar pintada de azul que trazia pendurado em um cordão de ouro ao redor do pescoço e praguejou novamente.

— Maldito gato preto! Um dia desses ainda o mato. — sibilou ele com raiva, o coração velho, descompassado, quase saindo para fora do peito.

Entrou na loja e foi mexer nas gavetas do balcão.

Tirou um graveto de incenso e com dificuldade por causa das mãos trêmulas o acendeu, moveu o graveto ao redor de si, inalando a fumaça e recitando palavras do Corão:

“Allah é o aliado daqueles que acreditam. Ele os traz para fora da escuridão e para a Luz. E aqueles que não acreditam – seus aliados são Taghut. Eles os levam para fora da Luz para a escuridão. Aqueles são os companheiros do Fogo; eles respeitarão eternamente no exterior.”

Depois colocou o incenso sobre o incensário e tratou de abrir as janelas.

Ouviu uma batida de leve na porta.

Olhou de soslaio, já imaginando quem era.

— Pode entrar meu menino! — disse ele com a voz macia.

Um rapazinho de meia idade entrou na loja, era franzino, o cabelo marrom muito liso e caído nos ombros, mas o rosto, imberbe ainda.

Hesitante ele se aproximou.

Mohamed sorriu, um sorriso cheio de lembranças, ele lhe lembrava o filho que perdera há tanto tempo quando viera para este lugar esquecido de Allah.

— Venha, meu rapaz. O que posso fazer por você?

O rapazinho sorriu com a lembrança das histórias que o velho costumava contar e juntos sentaram-se no banco comprido atrás do balcão.

— Hoje vou lhe contar sobre a esquecida Dis! — falou o velho sorrindo.

*

No bar, o senhor Onofrio acabara de fazer o café quando um vulto enorme assomou na entrada da porta tapando a luz.

— Que cheiro delicioso é esse Onofrio? — perguntou o vulto com um vozeirão alto.

— Acabei de fazer o café, seu Prefeito!

— Então me sirva Onofrio, que seu café de manhã é como um manjar dos deuses, só superado pelo seu licor de cerejas da tardinha! — disse o Prefeito aproximando-se e sentando-se em uma cadeira de espaldar alto ao lado do balcão do bar.

Outro homem entrou no bar, seu tamanho rivalizando com o do prefeito, os cabelos mosqueados de branco, o óculos de aro de tartaruga colocados à meio termo sobre o nariz adunco, os olhos faiscando por detrás das lentes.

Vestia-se com um terno caro, preto, e suas mãos gordas e largas estavam cheias de anéis de pedrarias e uma aliança gorda de ouro amarelo.

— Bons dias senhor Prefeito! — falou ele com um vozeirão debochado.

O prefeito Ebenezer voltou-se com um olhar irado:

— O que faz por aqui doutor Cesar?

— Vim tomar um pouco do famoso café do Onofrio! Não poderia deixar de começar meu dia com ele, é incomparável! Bate todos os cafés da capital!

Onofrio riu-se por dentro com o elogio, o dia estava ficando melhor.

Colocou as duas xícaras brancas de louça portuguesa cheias de café preto em frente aos fregueses.

O prefeito tomou seu café de um só gole, sequer sentindo o líquido quente queimar-lhe a garganta e olhando para o outro fechou o semblante.

— Vosmecê vai mesmo terminar a defesa de Dona Bárbara?

O advogado olhou-o pelo canto dos olhos e sorriu cinicamente.

— Claro, ela me pagou muito bem por isso! — falou ele pegando a xícara e bebericando o café bem devagar.

— Depois de tudo o que ela admitiu? Depois de admitir que fez o que fez...

— Ora Ebenezer, sabemos que uma pessoa desesperada faz coisas desesperadas, ela estava desesperada, estava morrendo! Fez o que qualquer um faria!

O prefeito fez uma cara indignada:

— Não fale por mim, Cesar! Jamais faria uma coisa daquelas.

O advogado riu:

— Certamente que não cometeria os assassinatos que ela fez, mas dizer que nunca comeu...

O prefeito levantou-se com raiva derrubando a cadeira e quase avançando para o advogado:

— Não ouse dizer...

O advogado riu-se e tentou acalmar o outro.

— Não seja assim Ebenezer, mas não vou dizer mais nada. Você sabe que só estou cumprindo meu dever, afinal ela já está condenada, mas alguém tem que fazer sua defesa, é a lei! Estou apenas cumprindo meu dever!

O prefeito não disse nada, voltou-se para Onofrio:

— Coloque na minha conta, Onofrio, os dois cafés — e indo para a porta — Vou trabalhar que a prefeitura não anda sem mim!

Depois que ele saiu Onofrio aproximou-se do advogado:

— O doutor gosta de provocar ele não é?

O advogado gargalhou alto:

— Adoro fazer isso! Ele sabe o quanto o conheço, não consegue esconder seus malfeitos de mim, sei tudo o que se passa por esses lados. — e olhando profundamente para Onofrio confidenciou — Ele é muito muito pior do que a Dona Bárbara, Onofrio, mas esconde muito bem o que faz, eu pelo menos sou fiel à minha natureza e todos sabem, não escondo nada! Mas ele... agora me dê outro desses cafezinhos com um daqueles deliciosos brioques que só você sabe fazer que meu apetite esta manhã é grande!

Onofrio balançou a cabeça... e foi buscar o pedido.

Conhecia bem as histórias que corriam à boca pequena sobre os apetites do prefeito!

*

Próximo à praça central e em uma esquina quase perpendicular à igreja matriz havia uma casinha de tábuas e coberta de zinco, onde uma velha senhora, dona Margarida Flores, vendia café e pãezinhos amanteigados.

Era sua lida já haviam quase trinta anos.

No início da manhã, logo depois que abria, muito do povo caminhava até ali para tomar um cafezinho ou saborear um pãozinho quente com manteiga derretida nos bancos de pedra da praça.

Era um ritual quase diário para muitos dos moradores.

Ela sorria e os servia, mesmo quando estava triste.

Naquele dia, porém ela não veio abrir a pequena casinha.

Estava deitada em sua cama, a cama que dividira com o marido durante quase três décadas, e na qual continuara dormindo após a morte deste, já havia uns bons dez anos.

Hoje ela não se levantaria, pois o doce esquecimento viera buscá-la durante a noite!

*

O sino solitário da matriz bateu as oito horas.

A luz do sol matizou-se por entre os vitrais coloridos e teceu pequenos arco-íris por entre a nave da igreja.

O padre viu os poucos fiéis entrando para a primeira missa, das oito horas.

Ao terminar de rezar e despedir-se dos paroquianos ele parou por um momento ao lado da grande porta de madeira da igreja e suspirou, depois entrou.

*

Já no meio da manhã um grupo de meninos veio jogar bulica em um areal próximo ao centro da vila.

Reuniam-se ali periodicamente para jogar e conversar, como fizeram tantos outros antes deles que cresceram e se foram ou tornaram-se adultos.

Aureliano foi o primeiro a chegar.

Desenhou um círculo no chão de terra batida com um graveto e tirou várias bolas de gude de um pequeno saco que trazia no bolso.

Elas eram todas coloridas, feitas de vidro, algumas rajadas outras transparentes.

Tratou de ajeitar uma branca bem no centro do círculo.

Saulo chegou logo em seguida.

— Oi Liano, já começou sem mim? Assim não tem graça. — disse Saulo fazendo brincadeira com o amigo.

O outro pegou as bolas de gude e disse:

— Vamos tirar no dois ou um e ver quem começa.

Um grito do outro lado do campo os alertou:

— Espera aí que já estou chegando. — gritou Guilherme.

Esperaram.

O menino chegou e colocou as bolas no chão junto como outros.

Liano começou.

Posicionou-se e com um impulso do polegar jogou a bola de encontro à outra no centro do círculo, as duas chocaram-se e retiniram e uma delas foi cuspidada para fora do círculo.

Liano a pegou.

— Você. — disse ele apontando para Guilherme.

O outro repetiu o feito com uma bola sua e assim passou a vez para Saulo.

Jogaram assim durante algum tempo.

Súbito uma voz magra cantou por cima dos ombros deles.

— Estão se divertindo, meus netinhos?

Eles assustaram-se e olharam para o lado da voz.

Era uma velha senhora, de cabelos brancos, braços e mãos muito ossudas e nus, vestida com uma roupa bem colorida e espalhafatosa, cheia de colares e alguns anéis.

Os meninos a reconheceram.

Era uma cigana que perambulava pela cidade.

Ninguém falava muito com ela, mas às vezes eles a procuravam para alguns favores escusos.

— Ah, é a senhora vovozinha! — disse Aureliano levantando-se.

Os outros ficaram em silêncio.

Ela olhou ao redor sentindo o vento e falou, quase grasnando:

— Vim me despedir, queridinhos.

— A senhora vai viajar avozinha? — perguntou o menino quase interessado.

— Vou sim, meu netinho. Vou visitar uns parentes no próximo mês! — falou ela, sempre com a mesma história.

Aureliano já conhecia a litania.

— Então... a vovozinha precisa de ajuda?

— Bem, meu netinho, ajuda é sempre bem-vinda... — falou a cigana lambendo os beiços.

Aureliano arrumou o cabelo e o cinturão e olhando para os outros meninos disse:

— Vou ajudar a vovozinha e já volto!

Os outros dois piscaram para ele sorrindo.

O menino acompanhou a cigana até um lugar mais isolado e ali deixou acontecer o que tinha que acontecer.

Às vezes ele se perguntava por que fazia aquilo, e não conseguia uma resposta.

A velha cigana o fascinava de um jeito que nenhuma menina na escola fazia.

Era um segredo seu só!

Quando voltavam ela olhou bem para ele.

Ele lhe lembrava seu companheiro, quando se conheceram ainda muito jovens, sabe-se lá há quantas décadas atrás.

Fazia tanto tempo que ele se fora...

Ela ainda o amava!

Despediram-se sem falar nada. Enquanto se afastava Aureliano ainda ouviu o ciciar do vestido dela pelo meio do mato.

A voz da cigana soou como um pequeno sino de cristal:

— Músicos são como beduínos, meu senhorzinho, se movem com o vento!

Ele voltou para o jogo de bulica.

*

Assim se desenrolava a vida cotidiana e fastidiosa da Vila de Nossa Senhora de Passagem.

As vidas humanas se entrelaçavam de formas diversas, falsas, frívolas, interesseiras, e ainda assim continuavam adiante!

Seus destinos todos se juntavam no final de forma inevitável!

II

*“É absolutamente necessário,
para a paz e a segurança da humanidade,
que alguns dos confins escuros e mortos da Terra
e alguns de seus desvãos desconhecidos sejam deixados em paz
para que anormalidades adormecidas não despertem,
para que pesadelos blasfemamente sobreviventes
não deixem seus covis negros e
busquem novas e maiores conquistas.”*

H. P. Lovecraft, Nas Montanhas da Loucura

O Sol vermelho aproximou-se do horizonte!

As sombras se alongaram pelas esquinas e as réstias de luz suspiraram sobre os telhados.

O céu trouxe um hálito frio de fim de tarde.

As neblinas das serras ao redor descaíam para os vales que margeavam os limites da cidade, engolfando os campos com seu leitosidade fantasmal.

Houve um silêncio de antecipação, como uma pausa, um arquejo, no respirar da cidade.

Uma antecipação do que estava por vir!

Então o sol descambou e tudo aconteceu muito rápido!

*

As pequenas sombras ligeiras se esgueiravam pelas portas e pelos umbrais cheios de escuridão.

A noite já havia chegado ao interior das casas, mas do lado de fora o sol do fim de tarde, já sem forças e sem calor ainda teimava em manter-se acima do horizonte vermelho!

Nos fundos de sua loja o velho Mohamed arrumava as calças enquanto a velha matrona levantava-se e passava as mãos para desamarrotar a saia.

Ela riu seu riso aziago:

— Até parece que você estava sem vontade hoje!

— Eu? — perguntou o velho afivelando o cinturão.

— Decerto o menino Quezada passou por aqui, não foi? — zombou ela entre dentes.

Uma raiva súbita tomou conta do velho:

— Você não sabe do que está falando, sua velha sem vergonha! Fora daqui que já estou cheio de suas histórias. — disse ele abanando as mãos e terminando de fechar os botões da camisa de linho.

— Não fique com raiva de mim, meu querido! — lamuriou-se ela — Você sabe como eu sou, não posso evitar, mas gosto muito de você viu!

Ele deu um muxoxo de aquiescência e passou as mãos pelos cabelos oleosos dela.

— Termine de se arrumar que vou ver se chegou algum cliente. — falou ele indo para a frente da loja.

Ele chegou até o balcão.

Estava um ar frio ali.

A praça estava vazia já, que estranho, pensou ele.

Nessa hora as crianças costumavam jogar bola e tinha até alguns casais de namorados por ali, mas hoje estava deserta!

Uma solidão terrível tomou conta dele, era estranho, achava que iria terminar seus dias ali, mas agora os dias estavam tão solitários, não era a falta de companhia, mas a falta de seus filhos.

Fazia tanto tempo que não os via, anos já, nem sabia como estavam, não respondiam suas cartas.

Isto o fazia ficar ainda mais deprimido.

Era uma coisa ruim, que pesava no peito e fazia seu coração quase parar de bater.

Uma tristeza sem fim!

Já havia pensado em largar tudo, vender a loja e ir embora, mas algo ainda o prendia ali, não sabia o que era.

Como uma fascinação!

Como o pequeno rato do deserto eu fica fascinado pelos olhos da cobra e não foge até que ela dá o bote fatal.

Uma fascinação terrível!

Então escutou um barulho vindo do fundo da loja.

Um som abafado de surpresa, um soluço apenas, mas tão carregado de palavras, desespero e desilusão que ele quase saiu correndo.

Mas precisava ver o que era.

A velha estava sozinha ali, não tinha mais ninguém.

Devagar ele cruzou o corredor e chegou na porta que dava para os fundos.

Então ele viu, mas à princípio não conseguiu distinguir o que era, somente passados alguns segundos foi que a imagem hedionda se cristalizou em sua mente e ele compreendeu.

Uma onda de terror puro e indizível tomou conta dele e avassalou todo seu corpo.

Sentiu a barriga tremer e um calor descompassado desceu-lhe pelas pernas.

A vergonha foi mais forte e despertou-o do estupor que lhe poderia ser fatal.

Tentou correr, mas seus pés se embaraçaram, ele tropeçou e caiu.

Levantou a cabeça rapidamente e olhou ao redor, o medo subindo por sua espinha gelada.

Mohamed viu as sombras pequeninas se aproximando.

Seus lábios medrosos começaram a balbuciar um verso do Corão:

— Allah, não há outra Divindade além Dele, o Eterno, Sustentador de toda a existência...

Mas antes que pudesse continuar dezenas de pequenas mãos o agarraram e o traram para a escuridão debaixo do balcão.

*

O escritório já estava vazio!

Todos já havia ido pra casa, apenas o advogado teimava em trabalhar.

O barulho da máquina de escrever ecoava como passadas de um gigante pelo silêncio das salas agora desertas.

Concentrado, ele mal prestava atenção nas coisas que se moviam à sua volta.

A luz forte do abajur eclipsava todas as outras sombras menores que revolteavam pelos cantos.

Quando parou para uma pausa, entre uma sentença e outra, foi que ele notou...

Porém já era tarde demais para escapar.

Não tentou correr, nem mesmo gritou.

Porém quando parecia que tudo iria se consumir eis que subitamente a porta de sua sala se abre e a figura alta e gorda do prefeito surge.

Seu rosto era uma mescla de ira e veneno, em sua mão esquerda trazia um revólver já engatilhado.

O advogado sequer pôde esboçar qualquer reação.

Quando falou, o prefeito gritou, numa voz que ressoou por toda a sala:

— Agora você não vai mais falar para ninguém sobre meus gostos e desgostos, seu verme!

Não ficarei mais preso à você por nada! Vá para o inferno que é seu lugar!

O advogado apenas sorriu.

E o prefeito Ebenezer não compreendeu o porquê daquele sorriso de alívio que viu estampado no rosto de seu inimigo.

O tiro ecoou agourento, mas o silêncio que se seguiu foi pior.

Pois nele o prefeito pôde afinal compreender o último gesto do advogado!

Entendeu finalmente o alívio do outro.

Pois pelos cantos escuros ele pôde ver seus contornos pequenos, magros e macabros, e seus largos sorrisos famintos e cheios de pequenos dentes alvos.

Voltou-se para o corredor por onde viera, na intenção de fugir, mas eles estavam ali também.

Estavam em toda parte.

Saindo das paredes e do próprio chão!

Não havia para onde fugir.

O desespero tomou conta dele e o medo cavalgou seu espírito.

Ele podia imaginar o que se seguiria, era bem capaz disso, mas ainda havia uma saída.

Encostou o cano da arma na têmpora e puxou o gatilho.

O estalido seco do cão da arma foi o som mais terrível que já ouvira em toda sua vida.

Então ele se lembrou:

Colocara apenas uma bala no revólver!

E gritou!

*

A luz se projetou pelos vitrais coloridos da matriz, descrevendo curvas e silhuetas pelo chão de lajotas de mármore rosado.

O grande altar coberto pela toalha branca repousava como um marco de fé.

Sua sombra larga se espalhava pela nave da igreja como um manto de proteção divina.

Ajoelhado à sua frente o Padre Josias rezava fervorosamente.

Pedia perdão pelos pecados de seus paroquianos, era muitos, eram tantos, que nem sabia como começar.

“Porque pecavam tanto, meu Deus?” — ele se perguntava, interrompendo sua oração.

Parece que ali, nos confins das terras havia mais pecadores que na capital.

Nunca encontrara tantas almas perdidas assim.

A cidade era um poço de pecado!

Seus dedos crispavam-se ao redor das contas do crucifixo que pendia de seu pescoço.

Seus lábios continuaram orando automaticamente, mas sua mente perdia-se em divagações.

Eram tantas preocupações ali naquela paróquia, mais do que jamais tivera na capital.

Não gostava dali, o povo era mesquinho, preocupavam-se unicamente com eles mesmos!

E as horas no confessionário eram eternas!

Quando viera para esta cidadezinha pensava que ali seria como o Paraíso.

Uma paróquia só sua, suas ovelhas, seus crentes, suas almas, mas com o passar dos anos, e já estava ali há cinco anos, descobrira que não havia ovelhas ali.

Havia porcos, cães, cadelas, galinhas e tantos outros animais impuros, mas não havia ovelhas ali!

Estava cansado de tudo aquilo!

Rezava por eles, ouvia seus pecados, perdoava-os, exortava-os, tentava ensiná-los, mas nenhum deles aprendia!

As mulheres eram as piores, os homens eram apenas ignorantes e burros ou então ignorantes e lascivos, mas as mulheres!

Ele as odiava, agora sabia disso, elas não estavam satisfeitas nunca, o marido não era suficiente, os filhos não eram suficientes, a igreja não era suficiente, nunca...

Estava cansado de ouvi-las reclamando sempre, de tudo e todos, nenhuma escapava àquela sanha ensandecida.

Havia tentado, havia dado penitências, mas eram todas masoquistas, quanto maior a penitência mais pecavam e mais queriam pecar!

Aquilo era errado!

Não havia ovelhas ali!

Subitamente tomou consciência do silêncio.

Alguém estava olhando para ele!

Olhou ao redor.

As portas principais estavam abertas, o fim do dia vinha devagar entrando por ela com as réstias do sol vermelho sangue e o azul recortado do céu já meio escondido.

Havia movimento ali, mas ele não podia ver.

Ouvia o som inconfundível de passos pelo mármore rosado, passos pequenos como de crianças descalças vindo até ele.

Correndo pelas sombras onde não podia vê-las.

Ele se levantou e olhou por sobre os bancos e o que viu o fez estremecer de pavor e recuar.

Levantou a cruz que trazia e com a voz tremendo tentou expulsar fosse aquilo o que fosse, mas as sombras apenas se aproximaram mais!

A dúvida o corria!

E ele sabia que não podia duvidar jamais.

Com a fé não deveria haver dúvida, se houvesse não haveria fé suficiente.

Seu coração acelerou e quase saiu do peito quando os viu caminhando pela nave da igreja em sua direção.

Olhou-os nos olhos e sentiu medo.

E vergonha ao ver sua fé fracassar diante do Mal!

A cruz de madeira caiu de sua mão com um barulho seco no mármore rosado.

E ele sentiu um pavor profano por sua alma imortal!

Ele procurou desesperadamente a cruz e agarrou com força, mas aquilo não era suficiente...

As mãos pequeninas arrancaram o crucifixo de seus dedos enregelados de pavor e o Padre gritou, abandonando sua Fé!

*

Izidro de Quezada voltava com a charrete das bandas de Laguna, passara o dia nas terras das glebas do norte da Floresta dos Macacos, ajudando os caboclos à limparem os troncos secos para a chegada dos colonos.

Estava cansado daquilo já.

Pagava bem os miseráveis para fazerem o serviço correto e quando chegava lá não tinham feito nada.

Não era seu serviço limpar as terras e tirar o mato e os troncos de árvores já arrancados.

Ele era o dono, não tinha que fazer nada disso!

Mas aqueles caboclos eram muito incompetentes, não queriam trabalhar, era só cachaça e mulheres.

Bando de sem-vergonhas preguiçosos.

O caminho de volta era sempre o mais demorado.

Já estava há uma hora naquela estrada e o caminho não parecia render, também com o cavalo se arrastando daquela maneira.

Deu uma chicotada forte no lombo do animal que correu uns metros e voltou ao trote devagar.

Não adiantava, tinha era que comprar um cavalo novo, que aquele não dava mais nada mesmo, estava pior que os empregados.

As sombras se encompridavam e o sol se bandeava devagar por trás das árvores para o oeste.

A charrete parecia que ia ainda mais devagar!

Quezada perdia-se em pensamentos.

Havia tanto para fazer ainda, pensou ele, precisava contratar gente para terminar de limpar as terras das glebas do norte antes do fim do mês, e desmatar todo o caminho até a cidade.

Teria que ir até a capital para fazer isso e certamente sairia o dobro do preço, não havia ninguém ali que quisesse trabalhar para ele agora!

Não depois que dera uma surra no Carlos e no Manoel, mas havia sido culpa dos dois imbecis, eles estavam bêbados e fizeram um papelão na frente dos clientes.

Isso lhe custara dois bons clientes!

Fizera o favor de educá-los como deveria ter sido feito há muito tempo!

Alguém estava olhando para ele!

Quezada empertigou-se no banco e olhou ao redor.

Escutou só o ressoar dos passos do cavalo pela estrada de terra batida.

Não havia ninguém ali.

Voltou ao Carlos e ao Manuel, eles só haviam perdido quando pediram demissão.

Idiotas e preguiçosos!

Isso o lembrou de outra coisa...

Precisava falar novamente com a esposa, já não aguentava mais a situação...

Ela já estava há quase um mês de resguardo, aquilo não podia continuar, precisava ceder de um jeito ou de outro... afinal o caso não fora tão grave assim, saíra apenas uma vez com a senhorita Nunes e ela nem era tão bonita assim, era bem jovem claro, mas feia, desengonçada e meio gorda, só havia acontecido porquê... bem... a esposa já não o deixava fazer há alguns dias e ele estava com muita vontade, não havia como negar isso...

Subitamente ele tomou consciência dos olhos!

Pequenos e sem emoção, olhando-o, cobiçando-o.

Estavam ao seu redor nas sombras!

Viu que o cavalo suava feio e já nem andava quase.

Fez estalar o chicote, mas a criatura não se moveu, parou de vez.

Quezada levantou-se tremendo.

Um medo sobrenatural tomou conta dele.

Ao redor as sombras cresceram e a pouca luz diminuiu mais.

Ali na estrada da Floresta dos Macacos as árvores altas faziam o anoitecer cair mais cedo.

Frenético ele tentava fazer o cavalo andar, mas o animal estava pregado no chão.

Quezada desceu, os olhos pregados nas moitas e nos barrancos ao redor da estrada.

Puxou as rédeas para fazer o cavalo sair do lugar, mas este empacara e não queria se mover.

As pernas tremiam com o pavor que o consumia.

Ele viu as silhuetas pequenas destacando-se da terra.

Tentou correr, mas as pernas pesavam como chumbo, mal conseguiu dar três passos antes de cair de joelhos.

Tentou rezar, mas todas as orações fugiram de sua memória.

Queria pedir perdão, perdão à esposa, perdão aos filhos, perdão à todos...

Mas as palavras... sua voz engasgava na garganta seca.

Afinal quando eles vieram até ele nem conseguiu gritar!

*

Raimundo Onofrio era dono do Bar do Onóphrio, com o acento e “ph”, havia já quase trinta anos.

Havia herdado do pai dele e antes viera de seu avô, que havia sido um dos fundadores da cidade.

Um rapaz recém casado vindo da capital, com pouco dinheiro, mas uma vontade doida de vencer.

Seu avô e a primeira esposa haviam construído o bar, que na época era apenas uma construção tosca de sapé.

Alguns anos depois foi reconstruído com boa madeira e afinal, pela época em que o pai estava assumindo eles reformaram pela terceira vez, com tijolos assados e argamassa vindos da capital.

Ele não tinha filhos, nunca havia encontrado uma mulher que gostasse o suficiente para se casar e agora se arrependia disso.

Não teria outro para quem deixar o Bar do Onóphrio!

Não havia descendentes.

E ele já quase com setenta anos estava muito cansado para começar a procurar uma esposa.

Houvera uma vez, em sua juventude, quando havia viajado para São Thiago dos Ilhéus, que conheceu uma moça.

Chamada Rosa, embarcadiça, que vivia pelo porto, trabalhando nos bares.

Havia gostado dela e até saído com ela uma vez.

Sua pele morena jambo era cheirosa, cheirava à rosas e jasmim, um cheiro forte que Onofrio nunca esqueceu.

Ele havia gostado dela, mas o pai o chamara de volta e ela não quis vir com ele, não era moça caseira dizia ela, ou será que era casadoira? Não se lembrava direito.

Nunca mais a encontrara.

Havia voltado lá um ano depois, mas ninguém sabia dela, ninguém sequer se lembrava que ela um dia tivesse estado ali.

Sumira sem deixar rastro.

Afinal ele retornara para casa e deixara tudo para trás.

Agora volta e meia se pegava pensando nela, sentindo seu perfume...

Naquela tardezinha ele sequer viu nada.

Estava sonolento, depois de tomar alguns tragos sozinho no bar.

Todos haviam sumido naquela tarde.

Nem o doutor Ariosto havia aparecido, ele que costumava vir religiosamente todos os dias à tardinha para tomar uma cachaça e depois um café puro.

Parecia que todos haviam sumido.

Bocejou e uma modorra cinzenta começou a tomar conta dele.

O braço parecia dormente!

Era uma dorzinha ruim que teimava em bater no peito.

Sentou-se na mesa perto da porta.

Um vento tardio lhe trouxe o cheiro de jasmim.

Era da casa da Dona Jacinta ali perto, pensou ele, justificando.

Um vulto pequeno surgiu na porta.

Onofrio viu o cabelo marrom, a pele cor de jambo e o vestido de chita cheio de flores.

Os pés descalços bateram no assoalho.

Onofrio sentiu a pontada forte no peito e o contato frio com a pequena mãozinha.

Levantou-se quase como se deixasse um peso grande para trás e pegou firme a mão dela.

Ela colocou um dedo sobre os lábios pedindo silêncio à ele e tomando-o pela mão foram em direção à praça.

Ele olhou uma vez para trás e viu a si mesmo adormecido, sentado na cadeira do bar.

Depois olhou para ela e sorriu.

Não viu nenhuma das pequenas silhuetas que se escondiam pelas sombras.

Elas também não o notaram, estavam bem atarefadas!

*

Assim a onda faminta veio sobre a cidade!

O dia aproximava-se de seu fim.

Lentamente ela passou por todas as casas e lojas e visitou todos os habitantes dali.

Nenhum foi esquecido.

Pois a onda faminta era grande.

Havia crescido e proliferado desde há quase um século atrás!

Apenas uma silhueta ainda teimava em percorrer as ruas silenciosas.

Uma velha matrona, os cabelos completamente brancos, as mãos ossudas, os braços nus, toda vestida com sedas e colares de contas já muito gastos e rotos.

Os anos haviam lhe cobrado caro o tempo que conseguira.

Beirava já os cento e vinte e seis anos.

Os olhos espantados quase nunca se fechavam, pois ela nunca conseguira esquecer o que acontecera à toda a sua família naquele dia nas terras agrestes ao sopé da Serra Diamantina.

Repentinamente um vento frio lhe arrepiou os cabelos brancos e ela voltou-se para olhar ao redor.

Não havia mais viva alma na cidade.

Ela sabia!

Novamente tudo o que havia acontecido retornou à sua memória.

Ela queria gritar, queria esperar, queria lutar contra aquilo, mas sabia que não podia.

Como outrora fez um sinal enigmático no ar, para espantar qualquer mau espírito que por ali caminhasse.

Mas parecia que todos aqueles olhos agora se voltavam para ela.

Um pavor tremendo e sobrenatural caminhou sobre ela, um medo indescritível de perder sua alma assaltou-a como bandido cruel!

E novamente sobreveio aquele silêncio vago e tenebroso sobre toda a cidade.

Então a velha cigana correu!

E enquanto corria colocou uma das mãos no bolso de seu regaço e sentiu as cartas enebadas de seu baralho gritando com ela e fazendo-a correr mais depressa.

Ela fugiu com todas as suas forças, que a idade muito avançada podia lhe conceder e que o pavor tremendo que consumia seu peito duplicava, embebida pelo medo pânico daquele horror desconhecido e inominável, fugiu e nunca mais voltou àquela cidade!

E afinal o silêncio deu lugar à noite!

III

O tropeiro veio montado sobre um cavalo magro, gingando pela estrada dos boiadeiros.

A capa de chuva arriada sobre os ombros como proteção contra o sol, o passo do cavalo bem devagar se arrastava pelo caminho marcando compasso, atrás de si em fila vinham mais três cavalos carregados com fumo de corda e quinquilharias.

Ele era mais um mascate do que um tropeiro, mas gostava de pensar que como tropeiro tinha mais sorte e aventuras do que como mascate.

A estrada estava completamente deserta, desde que deixara os arredores do bairro mais afastado de Laguna que não via uma alma viva, fossem pessoas ou animais.

Nem os pássaros apareciam, tinha escutado pardais, pintarroxos, um gaio azul e um chupim ao atravessar os barrancos da estrada e entrar na parte do caminho que atravessava a floresta dos macacos, mas não vira macacos ali.

As árvores altas e frondosas transmitiam uma sensação boa de solidão e quietude e o vento soprava forte, às vezes fazendo uns redemoinhos de folhas e poeiras pelo meio da estrada.

Nessas horas ele achava que não estava sozinho não, que tinha mais alguém ali com ele, era uma coisa indefinida, uma presença meio assombrosa, mas ele não sentia mal nela não, era solidão, como se ela tivesse perdido alguém que gostava muito e agora estivesse muito só.

Não dava pra saber o que era, mas não era uma coisa-ruim não, parecia mais uma criatura do mato, achava ele.

Aquela sensação o acompanhou durante todo o caminho que atravessava a floresta dos macacos, mas perto do final ela pareceu mudar.

Foi como uma sensação de medo ou de desespero que foi chegando devagarzinho, começando com o canto dos pássaros que foi desaparecendo devagar até cessar por completo, depois o vento diminuiu, diminuiu até parar e o ar na estrada ficou bem parado e abafado, então o sol se escondeu atrás de uma nuvem grande e escura.

Nuvem de tempestade! — pensou ele tirando a capa de chuva do embornal e colocando-a sobre os ombros.

Um chuveiro só foi o que o céu despejou no finalzinho do caminho.

A floresta terminou abruptamente em uma ribanceira desnuda, por onde descia a estrada, abaixo ele podia ver as primeiras casas dos limites da cidadezinha e ao longe as ruas.

Quando se afastou da beira da floresta escutou um suspiro alto e virou-se esperando ver alguém na borda da floresta, mas não havia ninguém.

O suspiro fora de preocupação e não de alívio e isto o perturbou um pouco.

Os cavalos pareciam mais aliviados com a estrada aberta e aumentaram o passo para se afastarem da beira da floresta.

O homem tirou a capa e guardou-a no embornal, o chuvisco já havia parado.

Os olhos velhos, acostumados à toda sorte de estranhezas e maravilhas se espantaram quando ele chegou na frente da quitanda que era a primeira construção da cidade à margem da estrada.

As portas estavam abertas, mas ele não viu ninguém.

Nem Sinhô Nicolau, nem o velho Papamundo, seu cachorro velho que vivia sempre por ali arranhando o chão com as patas gastas.

Não viu o rapaz das bananas que sempre estava ali de manhãzinha com um carrinho abarrotado, nem o velho Jacinto que sempre vinha tomar sua pinga bem cedo antes de seguir para a lavoura do Coronel Bento.

Estranhou!

Parou a tropa na frente da venda e olhou ao redor.

Algumas das casas da frente também estavam com as portas escancaradas, ou alguma janela semiaberta, mas não havia pessoas por ali.

Apeou com graça e cuidado e amarrou os cavalos no alpendre da quitanda.

Eles estavam arredios e ele deu dois nós pra ter certeza que não teria que sair correndo atrás deles depois.

Entrou devagar, meio assustado com o sumiço de todo mundo e meio amedrontado pela solidão que o envolvia.

O interior parecia vazio e sombrio, mesmo com o sol já subindo no céu e a claridade que entrava pelas portas, as sombras eram bem escuras ali dentro.

Parecia que as pessoas haviam deixado o lugar apenas há pouco tempo antes dele chegar, pois sobre o balcão ele viu um copo miúdo pela metade de pinga como se o seu dono o houvesse deixado e saído correndo.

Havia também um copo de garapa de cana pela metade e um pequeno almoço meio comido na extremidade do balcão, uma refeição que o dono Gregório sempre fazia na entradinha da noite, antes de fechar as portas.

Mas havia outra coisa ali.

Ele não conseguia saber o que era, mas estava bem na sua frente.

Havia ali dentro um cheiro diferente.

Um cheiro de mata fechada, de terra úmida e raízes, de pedra e musgo e capim cortado.

Ele chamou o dono em voz alta e o som de sua própria voz o assustou naquele silêncio morto, não ouviu nada em resposta, esperou e esperou, não queria ter que chamar de novo pois o barulho o havia incomodado tanto, como se pudesse atrair alguma coisa até ali, alguma coisa que ele não queria ver nem saber o que era, mas ele não sabia o que.

Afinal venceu o medo e chamou de novo mais duas vezes seguidas e sentiu um arrepio estranho.

Não esperou pela resposta, saiu apressado.

Bateu palmas na frente da casa vizinha, do irmão do dono da quitanda, seu Alfredo, que sempre estava em casa, mas o barulho das palmas ressoou oco e estranho e ele não gostou.

Montou no cavalo e rumou para o centro da vila.

As casas vazias, algumas janelas abertas, algumas portas escancaradas, mas nenhuma alma viva, nem um cachorro vadio pela rua, nenhum caminhante nem mesmo crianças.

Tudo estava silencioso e deserto, sem vida, como um lugar abandonado por tudo e todos.

Até o bar do Onofrio estava deserto e a loja de quinquilharias do Sr. Mohamed também!

Ele chegou devagar até o centro, pelas ruas mortas, o pisado dos cavalos soando alto pelos paralelepípedos das ruas, e parou em frente à paróquia.

Olhou para todos os lados, como se esperasse que todos saíssem de onde estavam escondidos e o assustassem, numa grande brincadeira de mau gosto, mas ninguém apareceu.

Ele desmontou devagar e caminhou com passos rápidos e amedrontados até a porta da paróquia que estava aberta, certamente estavam todos na missa, era isso, pensou ele.

Parou no umbral cheio de escuridão e olhou para seu interior, apenas alguns ladrilhos estavam iluminados pela luz da manhã, o fundo da nave estava totalmente escuro, uma escuridão densa e negra, mais profunda que a noite mais escura, então seus olhos velhos olharam para o chão e o que viram assombraram-no.

Ele voltou-se correndo e montando no cavalo conduziu a tropa quase correndo pelo caminho reverso.

Já não o preocupava a floresta estranha, ou o suspirar assombroso, mas precisava encontrar alguém vivo e contar o que vira.

Precisava contar sobre tudo aquilo!

Precisava contar que a cidade de Nossa Senhora de Passagem já não existia mais!

A cidade... estava toda morta!

IV – Pôr do Sol em Laguna

*“Where there's 'ardly no day and 'ardly no night
There's things 'alf in shadow and 'alfway in light”*

Chim Chim Cher-Ee, Mary Poppins

Era 1986...

Um vento seco soprou embora, em redemoinhos, as folhas do fim do outono pelas ruas de Laguna.

Um rapaz de cabelos negros em um jeans desbotado, com um passo rápido e decidido, cortou a rua e entrou pela porta principal de uma antiga loja de discos.

Ele parou por um momento, na expectativa da espera, e então dirigiu-se para as grandes bancadas de LPs, separadas por gênero e época.

Procurou detalhadamente e afinal separou um LP em particular.

O rapaz levantou a capa e estudou detalhadamente o desenho de uma pirâmide cujo topo exalava um aura mística de energia e poder e em cuja frente havia a figura de um faraó coroado por uma serpente alada e entronizado entre duas figuras do deus de cabeça de cão, Anúbis, e ladeado por outras duas esfinges.

A excitação e a alegria pura saltaram como chispas de seus olhos e um sorriso de conquista delineou-se em sua face.

Aquele era o LP pelo qual estivera procurando.

O álbum era Powerslave do Iron Maiden.

O rapaz era Angelo, tinha 18 anos, e estava no primeiro semestre da faculdade de Geologia!

Era filho único e toda a sua família morava em Paraíso Thobias.

Havia nascido lá!

Havia vivido toda a sua vida lá, caminhando por aquelas ruas largas, cheias de árvores copadas, ventosas ou frias.

Crescera magro e franzino, correndo de bicicleta por aquelas ruas, cabelo comprido batido pelo vento.

Amava aquelas ruas mesmo durante a noite, quando estavam desertas e silenciosas.

Não havia tantas pessoas naquela época.

Crescera alienado dos outros de sua geração, seus gostos sempre inexplicavelmente diferentes, amava o rock, amava os livros e as pedras, não havia muito mais!

Havia crescido em uma família cristã.

Os pais sempre iam às missas de domingo na Paróquia de São Leão.

Com o tempo e a adolescência começou a se questionar sobre o mundo ao redor e sobre suas crenças também.

A ideia de uma inteligência sobrenatural por detrás de tudo o que havia no Universo era ao mesmo tempo uma benção e uma contradição.

Como benção ele a encarava de modo benevolente para amenizar as agruras do mundo, como diziam os padres da igreja, para redimir os fiéis e cumprir as Leis de Deus!

Mas em contrapartida, esta inteligência por trás de tudo implicaria em um conhecimento prévio de todas as desgraças e males que assolavam a humanidade e o mundo inteiro!

Este conhecimento implicaria em uma perfídia muito grande ao deixar acontecer todas as desgraças e males anunciados, sem a distinção de bem ou mal, de inocente ou culpado, sem a distinção daqueles que eram ou não merecedores das desgraças que lhes eram infligidas.

Estas ideias debatiam-se dentro dele como tempestades de palavras, até que ele encontrou um pequeno ponto de equilíbrio no centro de tudo: a ideia única de que o acaso, o caos, era o único governante do Universo, era a inteligência sobrenatural por trás de tudo, e só à ele respondia o destino!

O rompimento com a religião de seus pais foi o primeiro sintoma de que estava desenvolvendo ideias próprias e caminhando pelas próprias pernas, não sabia ainda para onde.

Quando decidiu estudar geologia em Laguna e não seguiu o mesmo ramo de sua família, de farmacêuticos e boticários, foi um choque para o pai, que já havia se acostumado com a ideia de que ele iria herdar o negócio da família.

Angelo amava a terra e mais ainda as formas que ela tomava quando comprimida sob forte pressão, como os cristais, ou quando derretida pelas enormes temperaturas, como a lava dos vulcões!

Era o caos em movimento e expressão!

Tinha uma coleção invejável de geodos de todas as cores e tipos!

Gostava de passar horas garimpando a terra em suas viagens solitárias aos grandes chapadões do interior.

Às vezes, aos domingos, descia pela Estrada das Antas, atrás da velha igreja branca que coroava uma colina ao sul de Paraíso Tobias e caminhava por aqueles caminhos solitários em busca de pequenos seixos e pedras de formatos estranhos.

Voltava com os bolsos cheios e depois passava o resto do dia no microscópio ou com o martelo e a lupa na tentativa de identificá-los.

Assim sua vocação caminhava em direção ao seu coração antes de todas as outras coisas e lá se instalara de tal forma que antes mesmo de terminar o segundo grau ele já estava decidido sobre o que faria na faculdade.

Quando afinal resolveu partir viu que a decisão era difícil, porém já estava resolvido e depois, disse ele, sempre ia voltar para sua casa e seus pais e seria apenas o curto período de três anos do curso de Geologia.

Na rodoviária a mãe chorou muito e o pai o aconselhou sobre muitas coisas.

Afinal quando o ônibus partiu ficou triste, mas depois lembrou-se o que ia fazer e para onde ia e sorriu!

Ele seria mestre de seu destino!

A cidade de Laguna era muito diferente de Paraíso Thobias!

As ruas eram mais estreitas e havia muito mais pessoas nelas.

Não havia tantas árvores assim, mesmo com as florestas e matas virgens ao redor da periferia.

Havia alguns prédios e uma bela biblioteca, da qual Angelo passou a ser um frequentador assíduo.

Os bairros eram grandes e muito movimentados e suas corridas de bicicleta acabaram sendo deixadas de lado, mais por causa da saudade das ruas largas e arborizadas de Paraíso Thobias do que pelo fluxo de veículos da nova cidade.

A universidade foi uma surpresa!

Cheia de vida e pessoas novas!

Muitas das quais gostavam mesmo daquilo que Angelo realmente gostava!

Fez alguns amigos na primeira semana ali.

Um era grandalhão e bonachão, de cabelos negros e olhos de águia, que conseguia descascar um geodo sem precisar usar o cinzel, chamado Conrado, que cursava Biologia.

E duas amigas, Regina e Andrea, companheiras inseparáveis das caminhadas, excursões e viagens que agora fazia aos chapadões do interior, seus novos vizinhos!

Até que uma noite surgiu o assunto fatídico!

Estavam no pequeno apartamento de Angelo, discutindo os geodos de sua coleção:

— Este aqui eu tinha dez anos quando descobri. — mostrou Angelo manuseando um geodo verde e ovalado.

— E este? — perguntou Andrea segurando um pequeno geodo preto cheio de cristais opacos e veios prateados.

— Este foi um caso único. — disse Angelo lembrando-se — Eu o comprei em uma loja de souvenirs aqui em Laguna, há uns dez anos, na época o vendedor me disse que era uma pedra única e que tinha vindo das ruínas da cidade abandonada, mas não lhe dei muita importância...

Os outros três ficaram em silêncio!

Então Regina disse:

— Tem certeza que ele falou isso?

— Sim. — confirmou Angelo — Me lembro bem de suas palavras, pois achei uma resposta diferente da costumeira, ele disse que havia conseguido com um primo que havia estado na cidade abandonada e voltado. Por quê?

Os três se olharam e Andrea falou:

— Porque ninguém costuma ir à cidade abandonada.

— Nem voltar de lá? — perguntou Angelo troçando dos amigos.

— Sim. — respondeu Andrea — Não se vai lá porque geralmente não se volta de lá. É um lugar estranho.

— Como assim? — perguntou Angelo curioso.

As duas se olharam misteriosamente.

— Não vamos dizer mais nada! — disseram em coro.

— È porque você vai querer ir lá... — disse Regina olhando Angelo com um olhar estranho.

— Claro que vou. — confirmou ele sorrindo — Ainda mais agora que não querem me dizer nada.

— Se dissermos você promete que não vai lá? — perguntou Andrea preocupada.

— Não posso prometer, mas gostaria que me contassem.

— Muito bem. — falou Regina sentando-se numa almofada — Vou contar o que sabemos...

“A cidade de Passagem é vizinha de Laguna, porém há mais ou menos uns setenta e seis anos atrás todos os moradores da cidade simplesmente desapareceram. Sem deixar rastro nenhum. Foi em 1910 eu acho. Um dia estavam lá e no outro não estavam mais. O governo veio investigar e a polícia também, mas não encontraram nada no lugar nem conseguiram descobrir o que houve com as pessoas. Nos primeiros anos houve várias pessoas que se mudaram para lá, tentando morar naquele lugar, mas logo deixaram a cidade, diziam que havia barulhos de noite, ruídos estranhos e luzes nas casas e nos prédios abandonados e os cães e gatos que levaram começaram a desaparecer inexplicavelmente, assim todos foram embora de lá.”

— E teve o caso dos ladrões... — contou Andrea.

— Sim. — lembrou Regina — Muitas pessoas daqui e das cidades próximas achou que podia ir até lá pegar o que havia sido abandonado na cidade, algumas não voltaram mais, desapareceram sem deixar rastro. Os outros acabaram deixando de ir lá. É um lugar mau. Ninguém mais vai lá.

— Nunca conseguiram explicar o que houve? — perguntou Angelo muito curioso.

— Não conseguiram. — falou Andrea — Acho que até tentaram, mas nunca puderam explicar o que houve realmente com as pessoas.

Angelo não disse mais nada, mas a ideia de ir até lá não lhe saiu mais da cabeça.

...

Um domingo acordou mais cedo do que de costume e resolveu que aquele seria o dia.

Não disse nada aos amigos para não preocupá-los.

Pegou alguns sanduíches e uma garrafa d'água e colocou em uma pequena cesta atrás da moto que comprara.

Uma CG125, pequena, mas confortável para os passeios que costumava fazer nas terras próximas.

Saiu às nove horas de casa.

Atravessou a periferia de Laguna e rumando para o sul entrou na Estrada dos Boiadeiros.

O dia estava lindo!

O céu azul, o ar meio frio por causa do fim do outono, sem nuvens.

Entrou pelo grande túnel de árvores que margeavam a Estrada dos Boiadeiros.

Eram grandes carvalhos e embaúbas, araucárias altas surgiam vez por outra, com suas copas em forma de cogumelo sobressaindo-se das outras árvores.

Moitas grandes de pinheiros negros e abetos se destacavam aqui e ali.

Levou quase uma hora para atravessar a estrada e sair do outro lado.

Era uma estrada larga de terra batida e tinha que ir devagar, não tinha muitas curvas, mas a terra de areal fazia derrapar os pneus da moto.

Chegou na grande ponte de pedra sobre o Rio da Prata.

Parou bem em cima dela, as águas corriam barrentas por baixo, com um barulho gostoso como uma colmeia de abelhas zunindo.

O vale do rio era bem aberto e ele podia ver longe para o norte a Serra Diamantina erguendo seus cabeços brancos bem alto.

Para o sul havia o chamado Campo dos Cucos, diziam que era um lugar ruim, mas ele não sabia dessas coisas, nem acreditava nelas.

Era mais crendice popular!

Comeu um sanduíche, tomou um pouco d'água e prosseguiu.

Atravessou os campos da planície mais larga e baixa que antecederiam a cidade, verdejantes e cheios de pequenas árvores já.

Então chegou à periferia de Passagem!

Parou em frente às ruínas do que fora outrora uma quitanda, o primeiro prédio antes da cidade propriamente dita.

Dali podia ver que ela se espalmava inteirinha sobre um planalto baixo, certamente abaixo do nível do mar, pensou ele.

Deveria haver muitas lagoas por ali, pois ele conseguia ouvir alto o pio dos cujagurés e noitibós, mesmo sendo dia ainda.

Podia ver muitos sítios e herdades que cercavam os limites da vila, pois era apenas uma vila e não uma cidade como havia imaginado.

Casas distantes das quais apenas os telhados já enegrecidos e cheios de lodo pareciam visíveis.

Resolveu seguir adiante.

Bem devagar, quase à dez quilômetros por hora, ele entrou pelas ruas desertas da vila.

As fachadas das casas foi o que primeiro lhe chamou a atenção.

Eram frontões góticos e cúpulas bizantinas muito bem feitos.

Arcos mouriscos em ferradura e janelas orientais em ogiva destacavam-se de algumas construções mais perto do que parecia ser o centro da vila.

Se tivesse feito Arquitetura estaria no paraíso!

Chegou à praça central.

O palácio da Prefeitura erguia-se altaneiro e quase intocado pelo tempo, com uma arquitetura mourisca, seus arcos ovalados, suas sacadas e janelas de peitoril, as portas esquadrihadas com arabescos e signos orientais, adornadas de mármore rosa e granito esmeraldino, os frisos adornados com cobre vermelho e os florões cobertos de gesso, um tesouro de arquitetura, pensou ele.

Em frente ao prédio um grande chafariz, agora seco, era encimado por um leão rampante e ladeado de imagens de sereias e delfins.

Do outro lado da praça sobre um pequeno morro, logo adiante da Prefeitura o edifício da Paróquia erguia-se, solitário, com sua majestosa construção, sua cúpula pintada em dourado e o aguilhão do campanário, qual espada branca riscava o céu daqueles rincões, em um gesto de desafio aos signos arcanos que envolviam as ruas, como fizera outrora, desde a fundação da cidade.

O sino, porém não tocava jamais!

Angelo atravessou toda a cidade, tirando fotos com sua câmera, registrando tudo o que podia com precisão.

Afinal chegou às últimas ruas da periferia ao sul da vila.

Dali abria-se uma estrada que cruzava o entroncamento da serra com o chapadão e corria para a planície interior, chamada Estrada dos Ararás, que seguia para a cidade de Ouro Verde.

Um dia Angelo ainda queria seguir por aquela estrada e visitar Ouro Verde.

Um dia, mas não hoje.

Ele parou às quatro horas na praça central e comeu os outros sanduíches bem devagar, prestando muita atenção às casas e prédios à sua volta.

Como é que todas as pessoas haviam simplesmente sumido dali sem deixar rastro?

Não havia sido uma guerra nem uma peste.

Então o que teria sido?

Era uma coisa totalmente inexplicável!

Não entrou nas casas nem nos prédios, não achava que poderia.

Assim resolveu voltar já eram quase cinco horas.

O sol vermelho contrastava com o céu azul, dando tons arroxeados ao fim do dia.

Ligou a motocicleta e deixou para trás a velha cidade abandonada!

V — A Fascinação da Abominação

*"Para criar o primeiro Homúnculo,
Eu apenas introduzi elementos Necromânticos e Cabalísticos na Alquimia;
Os princípios da Alquimia permaneceram inalterados."*

Diário de Trigorin

"... então também esta Única Coisa é uma essência indestrutível

Não é quente e seco como o fogo,

Nem frio e úmido como água,

Nem quente e úmido como o ar,

Nem seco e frio como a terra.

Mas é uma equação perfeita habilidosa de todos os elementos.

"A Revelação de Hermes" Interpretado por Paracelso

Foi distante da beira da cidade, quase um quilômetro mato adentro, que ele descobriu a velha casa de fazenda.

Já estava indo embora da cidade, quando avistou um reflexo e um brilho além, para os lados da grande madeireira abandonada.

Isso chamou sua atenção e despertou sua curiosidade!

Seguiu a estradinha de terra batida, chamada dos Ararás, que saía da última rua da cidade até um pequeno entroncamento, antes de se iniciar a estrada que cortava a grande planície interior em direção à Ouro Verde.

A moto chacoalhava nas pedras do caminho que há muito havia caído em desuso.

Afinal avistou uma ponta do telhado e viu o motivo do brilho e do reflexo.

Na ponta do telhado havia um espigão de ferro e um cata-vento em forma de galo rodava devagar sob a brisa que vinha dos matos adiante da casa, na verdade de um enorme bambuzal que erguia-se nos fundos, atrás de um enorme muro preto, do qual ele podia ouvir o ranger cadenciado dos troncos e o ciciar das folhas tangidos pelo vento da tarde.

Estava abandonada, provavelmente muitos anos antes do acontecimento que levou todas as pessoas daquele lugar.

Mas ainda estava muito bem cuidada, para uma casa abandonada.

Era feita de tijolos de barro cozido e coberta com telha também de barro cozido. As paredes caiadas já estavam bem descoloridas pelo tempo, os vidros não estavam quebrados, como soíam acontecer com todas as casas abandonadas, mas estavam turvos de poeira e abandono.

Angelo aproximou-se da grande porta de pau-brasil feita à mão, ainda fechada e pegou na tranca de cobre esverdeada.

Ela se abriu com facilidade, quase como se o esperasse.

O ar dentro era seco e cheirava à frio e desuso, o primeiro cômodo era uma grande sala, com lareira e móveis empoeirados, um grande estante de livros muito velhos, cujos títulos ele só havia ouvido em histórias, parecia que ninguém entrava ali há mais de um século.

Depois ele descobriu um corredor curto, que levava à um quarto e uma cozinha, ao lado do que parecia ser um outro pequeno quarto cuja porta estava fechada.

Angelo iluminou os aposentos com a lanterna, a luz trêmula mostrou apenas os móveis como haviam sido deixados pelos donos desaparecidos há tanto tempo.

Pegou na tranca da porta do quarto pequeno e forçou, mas ela estava bem fechada à primeira vista.

Forçou mais um pouco, com mais força e deu um empurrão e a tranca se abriu com um estalido seco e um rangido fúnebre.

Dentro havia uma mesa grande com tubos e peças e vidros como se fosse um laboratório, e ao canto, outra mesa menor com uma caixa de vidro fechada e uma cadeira.

Havia também um grande espelho, quase do tamanho de um homem em uma das paredes do cômodo, mas estava coberto por um lençol cinzento.

Angelo descobriu o espelho e sua imagem refletiu-se por um instante, como um relâmpago, quando a luz da lanterna brilhou e refletiu nele, isso o espantou por um momento.

Voltou-se para a caixa, dentro, ele pode ver com a luz da lanterna, havia um livro de anotações, mas estava fechada, havia um cadeado, mas não estava trancada, como quem a usara não tivesse tido tempo de trancar o cadeado.

Ele olhou novamente ao redor, uma aura espectral parecia cercar todo aquele lugar agora, não havia nenhum ruído ali, nem barulhos de nenhuma espécie, até os passarinhos do lado de fora parecia que tinham se calado, nem podia ouvir o vento nos bambuzais atrás da casa.

Ele pegou a caixa de vidro e saiu dali.

Não era um lugar bom para se estar, mesmo porque a tarde já ia caindo e o sol já se aproximava agourentamente de detrás dos morros, logo estaria escuro e ele não queria ficar ali durante a noite.

Não parecia ser uma coisa boa a se fazer!

Montou em sua moto e retornou para casa, a caixa ele colocou atrás do banco, bem presa.

Após o jantar, com cuidado ele abriu a caixa de vidro.

O livro, encadernado em couro velho e enegrecido, estava semidevorado por traças, e ainda assim estava legível, pois quando abriu a primeira página pôde ler em letras angulosas e bem delineadas:

Max Trigorin Von Deucaliah - Diário de Experimentos - 1838 a 1848

A primeira anotação datava de janeiro de 1838:

"Estas são as anotações e descrições das tentativas de criar um homem artificial, de acordo com os ensinamentos de Flamel, Paracelso e outros cientistas da Arte."

Vila do Santíssimo Sacramento de Nossa Senhora de Passagem

11 de janeiro de 1838

M. v. TrIgOrIn

16 de fevereiro de 1838

Finalmente consegui terminar o laboratório, tal como descrito nas obras de Libavius e de Flamel, agora já posso começar a coletar os metais e sais para a obra. Descobri um campo fértil aqui perto e vou investigá-lo hoje à tarde, parece muito promissor.

17 de fevereiro de 1838

Não havia nada no campo à leste daqui, à não ser ossadas de índios e pedras apodrecidas. Devo cobrir amanhã o terreno perto do Rio da Prata.

25 de Abril de 1838

Hoje descobri uma coisa fascinante, existe uma lenda local de que os terrenos que cercam a cidade estão cheios de estrelas cadentes, se for realmente verdade então poderei escavar e usar estes minerais "que não são da terra" em meu experimento.

26 de abril de 1838

Sim, é verdade. Confirmei a lenda. Me informei com o velho pároco e ele me disse que havia um relato do fato, tal como havia ocorrido, descrito por um dos fundadores da cidade, um tal Caleb Ébano da Rocha. Fui até a prefeitura e me deixaram ver o manuscrito, ele descreveu a passagem de um cometa que acredito ser o de Halley e descreveu uma chuva de estrelas cadentes sobre toda esta região. O manuscrito é muito antigo, mas parece verdadeiro.

15 de junho de 1838

Já fazem dois meses que estou procurando incessantemente pelas tais estrelas cadentes, mas até agora não encontrei nada diferente, nenhum tipo de mineral diferente daqueles que conheço. Amanhã vou começar a procurar perto das lagoas do outro lado da cidade, talvez lá eu consiga encontrar alguma coisa.

29 de junho de 1838

Encontrei! É apenas um veio que parece bem pequeno, mas bem delineado na terra ao redor, perto dos limites de uma fazenda recém construída entre os vales mais abertos, do Chapadão do Grande Carro e da velha Floresta dos Macacos. Tirei uma amostra do mineral preto e macio que encontrei,

mas não se assemelha com nada que eu já tenha visto neste mundo de Deus, ele parece quase vivo e se for segurado por muito tempo na mão parece que se aquece, quase como se tivesse vida. É a matéria perfeita para meus experimentos. Vou minerar mais amanhã para garantir o suficiente pelo menos para os primeiros testes.

21 de setembro de 1838

Consegui extrair uma boa parte do metal que não é da terra. Com ele posso trabalhar na primeira parte da Obra, para conseguir o nigredo, o negror da alma, a chamada melancolia saturnina. Flamel já a chamava de Chave da Obra e o primeiro sinal, pois se não vier o negro não virá o branco e será necessário recomeçar tudo. É o que os antigos cabalistas chamavam de Cabeça do Corvo ou o Vestido Tenebroso, o Melro de João porque a noite é como o eclipse do sol e da lua que também é chamado o Horror do Túmulo. Nunca entendi esta nomenclatura tão rebuscada, palavras sem sentido para definir uma coisa tão simples. Todas elas são apenas a descrição daquilo que chamarei de Matéria Negra, o chumbo ou o saturno da Obra. O nigredo é o primeiro estágio da Obra, é composto da matéria negra submetida às operações de descanso e putrefação para que ela assuma a cor do negrume característico da putrefação. Para isso terei que fazê-la repousar até que a lua seja nova.

29 de setembro de 1838

Hoje terminei de estudar novamente a obra do grande cabalista Georg von Welling. Realmente ela me elucidou o princípio básico da criação da matéria negra, o sal deve ser adicionado ao metal em proporção de um terço e deixado descansar sob o sol do meio dia para infundir no metal suas propriedades até se amalgamar com ele. O calor do astro fará a mistura. Depois devo decantar a matéria na escuridão da lua até retirar todo o excesso e obter o princípio ativo do metal.

15 de outubro de 1838

Apliquei os princípios de Welling, mas tive que recomeçar, pois faltaram os sais essenciais. Tive que ir até São Thiago dos Ilhéus para conseguir mais. São muito raros e difíceis de negociar, mas a viagem foi bem mais lucrativa do que imaginei. Descobri um arquivista com uma grande biblioteca sobre o assunto e consegui negociar três livros com ele. Um deles já estava procurando faz muito tempo, o *Tractatus de Metallorum Metamorphosi e Brevis Manuductio ad Rubium Caelestem*, de Aeyrenaeo Philaletha, é uma cópia muito gasta e com algumas notas de rodapé muito estranhas, mas é bem o que precisava para um estudo mais profundo da matéria negra. Consegui também o *Transmutationibus Metallorum* de Paracelso, parece que afinal ele conseguiu terminar o livro que

tanto queria, espero que tenha sido bem recebido na Europa, aqueles retrógrados sempre tiveram inveja das descobertas dele. Não é um exemplar muito novo, mas tem tudo o que preciso. E consegui também outro livro chamado "*Ibbur*" ou "*A Fecundação das Almas*", de um autor desconhecido, parece um livro muito estranho, a capa é em couro de vitelo, com um grimório antigo, mas tem algumas passagens muito elucidativas e deve me ser útil na consecução da obra. O arquivista me recomendou muito este último, veremos se ele tem razão!

21 de outubro de 1838

Desconfiei muito das palavras do velho arquivista, mas estudando os textos do livro agora tenho certeza de que ele pode estar certo. O "*Ibbur*" demonstra essencialmente aquilo que sempre sonhei ser possível, a criação do ser humano artificial. Segundo o texto, *Ibbur* é uma das formas de transmigração da alma e tem similaridades com a chamada *Gilgul Neschamot* ou Reencarnação atribuída aos Judeus. Mas esta primeira é sempre boa ou "positiva" enquanto que a outra chamada "*dybbuk*" é negativa e pode originar um demônio. Acontece quando uma alma abençoada decide ocupar o corpo de uma pessoa viva e espiritualmente impregna a pessoa com sua própria alma. É sempre temporária e a pessoa sempre sabe que ela está acontecendo e dá consentimento à ela. A razão disso é que a alma abençoada deve completar uma tarefa ou realizar um serviço religioso (de acordo com os textos Judeus). Não é necessariamente aquilo que havia pensado à primeira vista, mas pode me dar a chave para aquilo que tanto tenho procurado que é a instalação de uma alma em um ser criado artificialmente. A parte mais difícil da obra.

22 de outubro de 1838

Iniciei a incineração dos sais essenciais na retorta e a incineração dos metais que não são da terra no braseiro maior, conforme as palavras do *Ibbur*. A incineração vai retirar todas as impurezas das matérias essenciais e deixar apenas as cinzas negras onde os sais essenciais estão ocultos.

26 de novembro de 1838

Terminei a incineração, agora devo calcinar as matérias para remover as trevas que ainda restam em seu interior.

14 de dezembro de 1838

Aos poucos as trevas estão sendo repostas pela coloração acinzentada e as matérias primas estão se tornando mais e mais puras. Amanhã vou colher a água da chuva para a decantação dos sais essenciais dos sais insolúveis.

18 de dezembro de 1838

Agora já posso distinguir os sais insolúveis dos sais essenciais, pois os primeiros estão decantados em forma branca pastosa no fundo das retortas de vidro transparente. Os sais essenciais estão ainda misturados na água leitosa que os circunda. Agora vem a tarefa mais delicada, de retirar com um sifão a água leitosa e preservá-la com muito cuidado fora da luz do sol e sempre na escuridão. O resto, a pasta branca, é o que os antigos chamam de Cabeça do Morto e será guardada para outro experimento.

20 de dezembro de 1838

Coloquei a água leitosa com os sais essenciais das matérias primas nos braseiros especialmente guardados para eles. Agora irei evaporar toda a água para outra retorta e restarão apenas os sais essenciais dentro dos braseiros. O fogo deve ser muito brando e leve, em um processo lento e que deverá levar vários dias ainda, até que todo o líquido esteja coagulado e cristalizado no fundo do recipiente. Não podemos ter pressa, pois uma parte importante dos sais poderia se perder durante o processo, o que iria acarretar a falha de todo o experimento.

25 de dezembro de 1838

O estágio final foi realmente muito emocionante. Nunca antes havia funcionado desta maneira e certamente meus amigos da Europa ficarão muito contentes com estes resultados, principalmente P. Neste estágio final tive que colocar os cristais dos sais essenciais em um pequeno frasco de boca larga, especialmente desenhado para este fim por Borellus, mexi a substância continuamente durante todo o final do processo, quase vinte horas ininterruptas, para prevenir que a mistura borbulhasse ou coagulasse em grânulos. Isso consumiu minhas forças de tal maneira que fiquei esgotado por dias depois, era como se parte de mim ficasse impregnado na massa. Afinal os sais se cristalizaram e pude apagar o fogo e depois de retirá-los rapidamente do frasco, antes que empedrassem, deixei-os repousar sobre uma superfície de mármore negro e polido, bem fria. Agora vou testá-los com as primícias que Flamel instituiu.

26 de dezembro de 1838

Vou ter que refazer o processo de evaporação, pois quando dissolvi os sais essenciais das matérias primas com água destilada, novamente para minha surpresa, resquícios de cinzas negras se separaram e se precipitaram no fundo do frasco.

31 de dezembro de 1838

Finalmente terminei a segunda evaporação dos sais essenciais e os testes de Flamel determinaram que eles estão totalmente purificados das cinzas e impurezas. Agora estão prontos para serem usados na obra.

02 de janeiro de 1839

Agora que o cinabre está pronto e purificado, será dissolvido em água régia e destilado no alambique de Phósforo. Depois poderei começar o processo com o metal que não é da terra. O vitriol terminou e terei que ir comprar mais em São Thiago dos Ilhéus. Devo recomençar a obra no plenilúnio daqui a quatro dias.

06 de janeiro de 1839

Retornei de São Thiago dos Ilhéus. Foi uma viagem proveitosa se bem que as conversas com o arquivista me indicaram que ele é um homem de pouca fé. Talvez por ele mesmo nunca ter tido sucesso em seus empreendimentos, não sabia o que é a alegria de afinal conseguir vencer! Mas quando lhe expus o meu sucesso ele ficou muito curioso e convidei-o para uma visita em meados de maio ou junho, quando então terei grande parte da obra já concluída e poderei lhe mostrar

(Algumas páginas estavam faltando nesta parte)

07 de maio de 1839

Talvez uma das mais interessantes idéias dos velhos alquimistas, e que sempre me fascinou desde criança, seja a criação de vida humana a partir de materiais inanimados. Não consigo separar esta idéia da influência que a tradição judaica teve com relação à isso, pois em todos os meus estudos da Cabala sempre pensei existir a possibilidade de dar vida a um ser artificial, o que os antigos judeus chamavam de Golem. Quando Paracelso cunhou o nome também me deu a idéia do seu princípio básico pois a palavra que usou, **homúnculo**, vem do latim bem antigo e poderia traduzí-la por *homunculus*, ou seja, pequeno homem, palavra que ele usou para designar uma criatura que tinha cerca de 12 polegadas de altura e que, segundo ele, poderia ser criada por meio dos processos

alquímicos que ele estudava e desenvolvia. É claro que quando estudei os livros de Paracelso e durante nossas conversas, ele também deixou claro que a mesma palavra era também usada como uma alegoria, ou seja, uma interpretação muito literal das imagens alegóricas alquímicas respeitantes à criação, pela arte alquímica, de novo tipos minerais, pois muitas vezes ele mesmo usava um ser emblemático, com forma humana, animal ou quimérica, numa retorta para representar suas criações alquímicas ou a descoberta de outros minerais desconhecidos do homem vulgar. Porém ele sempre deixou bem claro também em nossas conversas que acreditava e havia até mesmo conseguido entrar em contato e estudar os seres elementais. Posteriormente ele me mostrou como fazê-lo e durante algum tempo, enquanto em sua companhia, consegui fazer várias experiências bem sucedidas e pude estudar bem estas criaturas tão diferentes de nós. Bem para mim estes Seres Elementais, como ele os chamava, são compostos de uma única substância etérica e estão numa faixa de vibração muito mais alta que a das substâncias terrestres, que são mais densas e vibram devagar. Por esse motivo, não são visíveis aos seres humanos comuns que só podem ver "coisas deste mundo". Não está correto nós os chamarmos de "espíritos da natureza", pois eles estão mais ligados aos elementos propriamente ditos do que à natureza como a conhecemos. Eles vivem em condições semelhantes às nossas, comem, falam, dormem, agem e são mortais, apesar de terem um tempo de vida muito superior ao nosso, chegando muitas vezes às centenas de anos, inclusive alguns demonstram elevado caráter moral, que ultrapassa o do homem vulgar. Infelizmente meus colegas alemães não são muito receptivos à novos conceitos e ideias que não venham de seus cérebros embolorados, o que me fez ter que me isolar neste lugar esquecido de Deus!

08 de maio de 1839

Fui bem sucedido, agora sei disso! A matéria prima está crescendo nas retortas e já posso antever a vida pulsando nelas.

10 de maio de 1839

Não consegui. A experiência se mostrou um fracasso. Aquilo que vive nas retortas não está realmente vivo, não tem alma. Agora sei que preciso usar o texto de "*Ibbur*" para infundir a alma na matéria prima. Devo utilizar os espíritos elementais da terra para infundirem vida e espírito à matéria prima, senão toda a experiência fracassará e todo o material estará perdido. Não existe outra maneira. Não há mais daquela terra negra que utilizei, aquela que retirei daquele veio pequeno perto do Chapadão do Grande Carro era o único lugar. Já procurei desesperadamente por outro veio, mas não encontrei. O tempo corre contra mim agora, não posso errar mais.

11 de maio de 1839

Não posso realizar a invocação sozinho, precisarei de ajuda, mas à quem poderei recorrer? Será que aquele arquivista de São Thiago dos Ilhéus consentiria em me ajudar? Preciso tentar convencê-lo. Vou voltar à cidade amanhã bem cedo.

12 de maio de 1839

Ele aceitou. Devo preparar todos os materiais para realizar o trabalho no dia 20 próximo, é a data limite para fazer o que preciso após isso nada mais poderei fazer.

(Duas páginas estavam faltando nesta parte)

21 de maio de 1839

Consegui! Realizei ontem com sucesso o ritual de invocação. O arquivista, Sr. Masasuê, um japonês bem versado nas artes antigas, estava temeroso de que aquilo fosse contra as leis da natureza, mas expliquei-lhe que

(Uma página arrancada estava faltando nesta parte)

29 de maio de 1839

Não estou mais certo de nada. Sei que minha invocação abriu um canal entre este mundo e o outro e algo veio, mas tenho dúvidas sobre o que foi aquilo. Sei que os elementais são reais e os estudei quando em companhia de Paracelso, mas aqueles que surgiram das retortas não eram gnomos. Pude estudar bem a estes últimos durante minha estada com o mestre. Voltei novamente ao “Ibbur” e reli todo o texto várias vezes, até que afinal compreendi. Existem coisas flutuando por aí, outras coisas além dos elementais. Entidades desencarnadas, que podemos chamar de anjos, demônios, seres míticos de toda ordem e espécie, suas denominações são muitas e os nomes que os homens lhes deram são diversos e fantásticos, e agora sei que não foram gnomos que atravessaram o canal que abri, mas foi alguma destas outras coisas que incorporou sua essência àquela terra negra. Foi algo muito mais parecido com nós, homens, do que com outra coisa. Aquilo que eu pretendia criar, a Vida que eu pretendia fazer surgir, realmente foi engendrada, mas não da maneira que imaginei.

31 de maio de 1839

Eu os batizei de Homúnculos! Afinal são como uma pequena miniatura de homem. Já todos abandonaram as retortas e caminham e se comunicam entre si. São quase duas dúzias ao todo. Possuem apenas doze polegadas de altura e seus olhos são muito brilhantes. Sei que possuem uma parte Elemental em seus seres, pois gostam mais de viver dentro da terra, atravessam rochas, pedras e paredes como se fosse ar e não gostam muito de viver no ambiente de ar aberto. Sua pele é negra e macilenta como a terra preta de onde vieram. Não gostam muito de ficar dentro da casa, preferem viver dentro da terra batida do fundo do quintal e ali os mantenho. É como criar peixes em um aquário. É um lugar muito aberto, mas não encontrei nenhum meio de prendê-los, nem mesmo o metal ou o vidro servem como recipiente mais, seus corpos podem atravessar toda a matéria sólida, como se fosse ar, a água, porém é como uma barreira invisível para eles e não conseguem atravessá-la nem gostam da chuva, antes a toleram.

(Algumas páginas estavam faltando nesta parte)

21 de junho de 1839

Não se alimentaram ainda. Não consegui descobrir o que eles comem. Tentei várias coisas entre verduras, leite e pão, mas nada lhes chamou a atenção. Beberam um pouco do leite, mas não demonstraram gostar. Parecem estar ficando com fome, mas não demonstraram apetite por nada do que lhes servi até agora. Procurei em Welling, Borellus e Flamel, mas nenhum deles indica o alimento correto. Apenas Paracelso fala à respeito de sangue humano, mas não quero conspurcar minha obra com tal elemento.

28 de junho de 1839

Descobri o que eles comem, são carnívoros! Foi hoje enquanto limpava um pouco de carne de vitelo para o jantar um pequeno pedaço caiu no chão e vi que um deles aproximou-se rapidamente e devorou o pedaço quase inteiro. Os outros o cercaram e depois se voltaram para mim com aqueles olhos muito brilhantes. Pareciam realmente famintos! Dei-lhes o bife de vitelo inteiro e eles brigaram por cada pedaço. Foi uma visão estranha e ao mesmo tempo muito perturbadora vê-los comendo. Isto muda tudo. De certa forma Paracelso estava certo, mas não consomem apenas sangue, gostam da carne em si também. Apesar de que a que consumiram foi a carne de vitelo e não a humana como diz Paracelso. Vou precisar ir à cidade amanhã comprar mais carne!

02 de julho de 1839

Ainda não consigo entender sua linguagem. É um som baixo, quase inaudível para mim como o som das abelhas em uma colmeia. Eles não fugiram como temi primeiramente, mas cercam-se sempre ao meu redor, como se eu fosse seu criador, e na realidade sou, e pude verificar que me tem um respeito e um temor reverencial muito grande. Devem aprender à servir, para que possam ser úteis!

15 de julho de 1839

Eles são muito vorazes e seu apetite é insaciável. Já quase acabaram com todo o estoque de carne que comprei. Vou precisar novamente ir à cidade. Notei que eles ficaram bem mais violentos e irascíveis depois que começaram a consumir carne e seu comportamento tornou-se mais frio do que de costume, principalmente quando estão com fome.

02 de agosto de 1839

Resolvi adquirir algumas cabeças de gado. O povo da vila estava fazendo muitas perguntas sobre a quantidade de carne que comprei outro dia e não quero nenhum bisbilhoteiro andando ao redor da casa. Vou fazer um curral um quilômetro depois do bambuzal, mais longe da casa para não despertar a curiosidade dos homúnculos.

13 de agosto de 1839

Recebi hoje as 10 cabeças de gado que encomendei do Coronel Cipriano. Já estão no curral. Construí uma cabana lá perto, com a ajuda de dois homens que contratei na vila, que vai servir-me como matadouro. Assim poderei manter os homúnculos distantes de lá e eles não verão de onde trago a carne que os alimenta. Não sei ainda quais poderiam ser as consequências se descobrissem, pois seu apetite é ferverosamente insaciável.

03 de outubro de 1839

Hoje aconteceu uma coisa que me marcou profundamente. Tinha aqui na casa comigo um cão grande, para proteção contra as onças e macacos que muito gostavam de rondar por aqui no começo de minha estadia. Há dois dias notei que havia sumido e procurei-o muito, depois me esqueci do ocorrido. Hoje eu encontrei, ou pelo menos encontrei o que restava dele, ossos apenas e em quase nenhuma quantidade para um cão tão grande. Acredito que eles o atacaram, não foi um trabalho de onça. Até porque o montículo estava quase escondido perto da cerca no fim do quintal antes do bambuzal. Um local onde geralmente os homúnculos gostavam de ficar a maior parte do tempo sob a terra. Isto é muito perturbador e vou ter que vigiá-los mais de perto.

25 de outubro de 1839

Tenho notado a falta de alguns animais aqui por perto nas semanas que se seguiram depois do episódio do cão, mas até agora não havia unido uma coisa à outra. Isso, portanto é a prova que precisava para saber que eles descobriram de onde vem a carne e aprenderam à caçar. Preciso redobrar meus cuidados.

29 de outubro de 1839

Hoje aconteceu um fato inusitado. Peguei o João, um dos homens que havia contratado para me ajudar com o curral olhando pela vidraça de meu laboratório. Ele fugiu quando o chamei, mas sua atitude é muito suspeita. Agora levo sempre uma pistola comigo, pois estou com receio que ele e seu companheiro tentem roubar a casa. É bem verdade que não tenho valores grandes aqui comigo, mas eles não sabem disso e podem tentar alguma coisa.

07 de novembro de 1839

Hoje aconteceu uma coisa terrível! Estava no curral separando uma das vacas para o abate quando ouvi gritos altos vindos daqui da casa. Corri, mas não consegui chegar à tempo. Parece que os dois homens voltaram e tentaram entrar na casa. Quebraram uma janela. Mas antes que conseguissem entrar os homúnculos apareceram e os atacaram. Foram reduzidos à quase nada. Foi tenebroso! Quando cheguei já pouco havia que pudesse fazer senão observar meus homúnculos terminarem de devorá-los. Evitei chegar muito perto pelo menos enquanto se alimentavam. Depois tentei me comunicar com eles, porém estavam irritadiços e nervosos. Acredito que se arrependem do que fizeram e estão receosos de minha ira, por isso me evitam!

08 de novembro de 1839

Realmente estava certo. Hoje consegui me comunicar com eles e me contaram o que havia acontecido. Eles viram os homens se aproximando da casa e iam me avisar, porém um deles quebrou o vidro da janela e cortou-se ao tentar entrar. Parece que o cheiro de sangue açulou sua fome e eles foram tomados de um frenesi assassino e os atacaram. Pelo que me disseram eles mal conseguiram se controlar. O odor do sangue humano tem um poder poderoso sobre eles! Preciso tomar precauções sobre isso!

20 de dezembro de 1839

Precisei ir à cidade para comprar um pouco de comida. Não foi uma boa ideia. Quando estava visitando o boticário local vi que um dos homúnculos havia se escondido e me seguido até lá. Não sei por que não gostei da expressão em seus olhos, pareciam tão famintos e olhavam com tanta veemência na direção do boticário. Sai rapidamente de lá e voltei para casa, muito impressionado! Preciso mantê-los mais perto de mim.

15 de fevereiro de 1840

Precisei ir novamente à cidade hoje. Estranhei que a botica estivesse fechada. Precisava comprar um remédio para a garganta, que teimava em ficar irritada por causa do frio das noites do campo, mas não consegui. Cheguei a perguntar à várias pessoas o que havia acontecido, mas ninguém soube me dizer do paradeiro do boticário. Um medo pueril me assaltou quando pensei de novo no assunto, ao chegar em casa. Pois notei que os homúnculos estavam tão quietos há alguns dias já. Procurei pelos lados da cerca para ver se encontrava alguma prova do que estava imaginando, porém não encontrei nada. Provavelmente é só minha imaginação.

18 de março de 1840

Hoje finalmente consegui compreender a linguagem que usam que é mais gestual que sonora, falam pouco e com sons guturais e ao mesmo tempo estridentes, mas possuem uma linguagem gestual complexa e bem desenvolvida. Demorei para aprendê-la, mas já a domino um pouco agora. Mesmo assim ainda há coisas que não consigo entender nas palavras que usam, alguns termos estranhos e gestos que não compreendi. Eles haviam se reunido todos à minha volta e pareciam excitados com alguma descoberta, logo imaginei que haviam descoberto a cidade próxima, por causa do caso do boticário. Nunca haviam perguntado sobre outros homens depois do caso com os dois invasores, mas quando vi que um havia me seguido até a cidade imaginei que logo surgiriam perguntas. Assim tratei de lhes assegurar que existiam outros homens, nenhum, porém como eu, seu criador, mas mesmo assim eles deveriam demonstrar respeito para com todos os que conhecessem. Eles pareceram entender!

(Algumas páginas estavam faltando nesta parte)

...problemas novamente com o apetite voraz deles. Parece que houve novamente alguma incursão à uma fazenda próxima daqui. O filho menor do fazendeiro sumiu e agora estão realizando buscas e até mesmo aqui vieram me perguntar sobre o ocorrido. Claro que não pude informar nada, pois nada

sabia até aquele momento, mas desconfio de meus pequenos filhos. À noite repreendi-os exaustivamente sobre o tabu da carne humana, mas seu paladar é obsessivo demais. Mesmo sob a ameaça da perdição eterna vi em seus olhos diminutos que a voracidade de seu apetite não seria muito diminuído.

16 de agosto de 1840

Afinal consegui fazer um estudo bem apurado dos meus homúnculos e minhas descobertas vão certamente produzir um furor em meus inimigos alemães e austríacos. Sei pelo estudo detido que fiz que eles são fisiologicamente bem diferentes dos homens, podem respirar o mesmo ar que respiramos, porém, como já havia verificado antes eles vivem dentro da terra. Certifiquei-me disso em uma excursão às cavernas da Serra Diamantina, quando pude observar, por incrível que seja, que a parte deles que compartilham com os elementos lhes permite atravessar as rochas, pedras e até mesmo superfícies duríssimas de mármore ou granito. Mas evitam viver ou ficar muito tempo nos espaços de ar abertos. Acredito que é no subsolo que mantém sua maior colônia. Gostaria de conseguir vê-los andando através da terra. Por vezes tento usar o espelho que coloquei no laboratório para tal fim e tenho relampejos fugazes da vida deles, como já disse é como criar peixes elementais em um aquário de terra. A questão da água ainda continua a me intrigar. Sei que não a bebem, pois já observei que ingerem alguma matéria da própria terra para esse fim e que durante as chuvas se movem mais lentamente e parecem letárgicos. Preciso estudá-los melhor.

15 de setembro de 1840

Notei que eles não aparentam crescer ou envelhecer, nem notei nenhum nascimento entre eles. Durante este ano que os estudo verifiquei que não houve mudanças físicas neles. Talvez tenham um crescimento ou desenvolvimento lento como o do ser humano. Sei que são resistentes à doenças pois até agora não vi nenhum deles ficar doente.

08 de outubro de 1840

Ontem os observei dentro da Mata dos Macacos enquanto caçavam. Realmente são primariamente carnívoros, disso não tenho mais dúvidas, apesar de que já os vi consumirem cogumelos e até mesmo cristais, os quais parecem fazer parte importante de sua dieta diária. Descobri que procuram geralmente a pirita, a galenita e o sal gema acima de todos os outros, daí posso crer que precisam do enxofre da pirita e da galenita em sua dieta e que usam também o cloreto de sódio do sal-gema. Os outros tipos de cristais não os interessam e os descartam. No caso da caçada eles estavam atrás de um

coelho e vi que seguiram os rastros do animal até que o encontraram. Ele não tentou fugir, por mais incrível que isso pareça, ficou parado como se estivesse hipnotizado por eles, como um rato diante da cobra. Deve ser um tipo de fascinação que seus olhos brilhantes exercem sobre suas presas ou talvez o medo que a fazem sentir que a paralisa. Depois que o capturaram não consegui ver como o consumiram, pois levaram seus despojos para dentro da terra. Mesmo assim a experiência foi bem aterradora!

21 de outubro de 1840

Conseguí ensinar os rudimentos da religião para meus pequenos homúnculos. Eles compreenderam muitas coisas do que lhes falei. Tenho lido todas as noites para eles os textos da Bíblia e comentado à respeito. Sei agora que compreendem a linguagem humana falada, mesmo que não consigam pronunciar as palavras. A maioria entende o que digo e em suas mentes diminutas posso ver que entendem a ideia do pecado e da morte. Espero por Deus que consiga fazê-los compreender que

(Algumas páginas estavam faltando nesta parte)

Já se aproxima dezembro e os dias têm ficado mais frios. Não é comum nesta época do ano, e percebi que eles passam cada vez mais tempo dentro da terra, como se não gostassem do tempo frio. Não lhes faz mal, porém não gostam dele. Muitos ficam comigo dentro de casa e próximos à grande lareira enquanto estou trabalhando ou escrevendo, e posso ver seus pequenos olhos brilhantes me acompanhando por toda a parte. Sua curiosidade é insaciável!

13 de janeiro de 1841

Novamente voltaram à comer carne humana! Sei disso por que hoje de tarde apareceram homens aqui procurando pistas sobre o desaparecimento de uma família de agricultores mais para o lado da Floresta dos Macacos. Novamente lhes fiz uma preleção sobre a perdição eterna de suas almas se continuassem a fazer aquilo e acredito que isso lhes tocou profundamente, mas esta obsessão que tem é muito difícil de minar. Eles relutam muito em abandonar este mau hábito.

03 de março de 1841

Hoje observando-os enquanto me seguiam em um passeio pelas matas ao redor refleti sobre um assunto que percebi que os atinge demais: a continuidade de suas vidas e a Morte. A Eternidade parece terrível para eles, não conseguem compreendê-la. Conhecem e sabem medir os dias e meses,

mas ainda não desenvolveram a ideia de anos e séculos. Conhecem a Morte, pois já a presenciaram em outras criaturas, apesar de nenhum deles ter experienciado o fato, principalmente entre eles. Às vezes me pego pensando que eles podem ser imortais, e isso me assusta, pois me parece uma coisa antinatural que eles vivam para sempre... que nunca cessem de existir! Sei que temem a Morte porque o conhecimento dela lança uma sombra desconhecida sobre seu futuro que eles e ao mesmo tempo é como se a venerassem, pois pode colocar um fim ao estado de existência sem fim que os consumiria.

12 de março de 1841

Hoje estava relendo o estudo de Paracelso sobre os elementais e estudando a diferença entre o homem e os homúnculos. Lá o mestre fala sobre os dois tipos de carne: a que veio de Adão e que é terrena e da qual todos os homens são formados e a que não veio de Adão, a carne Elemental que não pode ser presa por coisas desta terra. Esta carne é mais sutil e não está presa à Terra. Nesta explicação eu vejo aquilo que já observei várias vezes nesse diário: os homúnculos podem atravessar a terra, pedras e matéria sólida tal como Paracelso diz que “diante da carne que não descende de Adão as paredes se abrem, esta carne não precisa de portas e passagens, pois atravessa muralhas e paredes inteiras sem destruir nada.” Ele diz que as duas são carne e sangue, tem a mesma índole e natureza, mas se diferenciam por ter origens diferentes. Digo isso porque hoje descobri que os homúnculos são muito mais semelhantes ao homem do que supus. Agora sei que eles amadurecem e envelhecem e que podem gerar outros de si, ainda não descobri como. Sei disso porque ontem vi um deles, menor que os outros, tal como quando saíram dos vidros no dia em que os criei. Sei que é novo, quase como um recém-nascido. Assim creio também que eles podem envelhecer e morrer. O que traz-me certo alívio. Mas ao mesmo tempo é perturbador, pois se crescerem muito em número terei certamente problemas para conseguir alimentá-los. Seu apetite continua insaciável!

18 de março de 1841

Voltei novamente à Paracelso, pois me aflige as dúvidas da alma. Ele diz que não sendo espíritos nem homens, os elementais e, por conseguinte os homúnculos, não possuem alma. Em suas afirmações ele é direto ao dizer que, diferente dos espíritos imortais, os elementais podem morrer e são mais semelhantes ao homem em muitas outras coisas. Nas palavras de Paracelso, assim como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, os elementais foram criados à imagem e semelhança do homem, portanto também os homúnculos são uma pequena imagem do homem. Sinto, porém que eles são mais perversos e por vezes mais malignos mesmo! Nas poucas vezes em

que os vi se alimentando eles são cruéis e assim como um gato gostam de brincar com seu alimento de uma forma um tanto perturbadora!

19 de março de 1841

Vi que por vezes alguns deles padecem de uma doença digestiva e que usam Artemísia e verbena para curá-la, o que significa que também podem adoecer e que cultivam um tipo rudimentar de medicina.

23 de março de 1841

Eles sonham! E dormem e fazem vigília como os homens. Seu dia e noite e seu sono é como o nosso. Descansam e dormem assim como nós. O sol também lhes marca o dia e a lua a noite, mas são mais ativos durante as horas mortas do nascer e do pôr do sol e a meia-noite é seu ápice.

12 de abril de 1841

Hoje descobri algo que muito me chocou! Já havia notado que os homúnculos não se aproximavam muito dos rios e não os cruzavam de modo algum. Hoje entendi porque isso ocorre. Estava na Mata dos Macacos e vi que dois deles olharam da beira da floresta para as águas do rio. Parecia que tinham receio de chegar mais perto. Um deles em certo momento aproximou-se bastante da beira e vi que tinha um terror reverencial ali. Subitamente a água meio que tomou uma forma semi-humana que veio em sua direção, acredito que era uma Ondina ou ninfa das águas. Não sabia que podia encontrá-las aqui, mas já as havia visto nas águas do Reno e do Tamisa. O Elemental parecia zangado com a presença do homúnculo e este tratou de afastar-se o mais que pôde. Certamente o encontro não teria terminado bem se ele não houvesse recuado, pois as águas do rio ficaram subitamente em polvorosa e uma pequena tromba d'água varreu as margens no lugar onde o homúnculo havia estado. Não os vi mais se aproximando do rio desde então. Sei que são avessos à lugares de grande altitude ou muito abertos onde residem os espíritos elementais do ar e agora entendi porque também evitam os lugares onde residem os elementais da água. Mas ainda não descobri o motivo da inimizade entre eles!

18 de abril de 1841

Hoje um deles morreu! Foi aquele que vi aproximar-se das águas do rio. Foi encontrado de manhã pelos outros que já o estavam procurando desde o entardecer do dia anterior. Estava naquele mesmo lugar do outro dia. Parece ter-se afogado ou ter sido afogado. Eles me trouxeram o corpinho bem

cedo, estava rígido já. Queriam que eu lhe devolvesse a vida assim como no início eu os havia criado. Eles se lembram bem disso. Mas eu expliquei-lhes que não podia trazê-lo de volta. Só podia dar a vida uma vez à eles! Se morressem não poderiam voltar! Vi que ficaram tristes e sombrios, pois me creditavam o poder Divino da Ressurreição! Tentei explicar-lhes que somente Deus podia fazer isso e que apesar de ser seu criador eu apenas podia lhes dar vida uma vez, não sei se compreenderam. Eles me olharam com um temor reverencial. Desde então não os vi mais andando porto do rio.

05 de maio de 1841

Voltei aos escritos de Paracelso na tentativa de entender o sobre suas relações com os elementais. Os elementais do fogo eu sei que não irei encontrá-los por aqui pois habitam costumeiramente as terras vulcânicas e não temos vulcões neste país. Mas e quanto aos elementais da terra? Sei que eles existem em profusão por aqui apesar de nunca os ter visto, pois o próprio P. disse que este país é antigo e cheio de vida dentro destas terras. Sei que eles nunca vão tão profundamente dentro das cavernas da Serra Diamantina por algum motivo. E sei que evitaram as grotas profundas e os rios subterrâneos. Acredito que também os gnomos não gostam deles e os evitam assim como eles o fazem. Este fato me faz crer que na realidade os homúnculos possuem as propriedades dos elementais para viver dentro dos elementos, principalmente a terra, mas são mais parecidos com os homens e não sendo elementais verdadeiros são evitados pelos outros como se fossem párias.

25 de maio de 1841

Hoje percebi uma coisa muito curiosa: os homúnculos parecem venerar a luz da Lua! Do sol sei que eles têm medo por causa do calor que exala, assim como não gostam do fogo que, agora sei, pode destruí-los como transforma uma árvore em carvão. Mas a Lua os atrai. Saem nas noites de lua cheia para andar e é geralmente nesse período que ficam mais famintos por carne vermelha. Acredito que precisam dos nutrientes da carne vermelha, talvez os sais ou outra coisa. Verificando as datas posso quase afirmar que geralmente eram nas noites de lua cheia que eles atacaram os homens. Esta descoberta pode ser útil em descobrir uma maneira de suprimir este desejo pernicioso que por vezes os atinge.

28 de junho de 1841

Minha longa ausência deveu-se à uma convalescência demorada. Adoeci por causa do clima frio e úmido deste lugar. O inverno muito frio me deixou doente e não me recuperei ainda. Mas minha

saúde ficou bem debilitada e acabei de cama. Graças aos céus sou bem resistente e me recuperei bem.

02 de julho de 1841

Notei hoje uma curiosidade: os homúnculos deleitam-se em pegar vaga-lumes, que aqui chamamos pirilampos. Eles os consomem como uma rara iguaria e descobri que o pirofosfato inorgânico que existe no corpo dos insetos é o que causa a reação de fazer com que os olhos dos homúnculos brilhem no escuro e fiquem com aquela aura hipnótica e que uma leve aura de luminescência exala de seus corpos na escuridão.

08 de julho de 1841

Decidi finalmente escrever sobre minhas descobertas para P. Já faz dois anos que estou estudando minha criação e creio poder identificar e provar todos os pontos de minha descoberta. Estudei detidamente as cópias dos manuscritos do Corpo Jabiriano de Jābir ibn Hayyān e também os tratados de Muhammad ibn Zakarīya Rāzi sobre a água régia, mencionada por Basil Valentine, principalmente porque acredito que assim como são feitos de elementos terrosos os homúnculos também podem ser afetados por ela.

12 de julho de 1841

Reli novamente hoje minha cópia do Corpus Hermeticum de Platão, traduzida por Marsilo Facino e fiz algumas comparações com a Filosofia Oculta de Agrippa. Realmente não estou errado em acreditar que a mistura de alquimia e Kabbalah seja possível.

29 de julho de 1841

Recebi hoje a resposta de P. Ele acredita que estou apenas brincando e que não fiz o que lhe contei. Quer provas, mas que provas posso lhe fornecer senão aquelas que já enviei? Não existe possibilidade de enviar um espécime para ele, pois não existe nenhuma matéria que conheço que possa servir de recipiente para conter um espécime destes. Isso já havia deixado bem claro na carta que lhe enviei. E ele não pode fazer a longa viagem até aqui, o clima deste país é muito úmido para ele na condição em que se encontra.

08 de agosto de 1841

Travei nova luta com os livros de Robert Boyle nesta semana que passou na vã tentativa de encontrar alguma coisa que pudesse me indicar uma base para a contenção e transporte de um espécime até as mãos de P. Nada encontrei que me indicasse um caminho. Os homúnculos estão novamente indóceis por causa da falta de galenita e pirita. Vou retornar às cavernas amanhã para colher mais.

17 de agosto de 1841

Terminei novamente as obras de Georg von Welling e de Flamel, mas não encontrei nada que pudesse me ser útil. Escrevi novamente à P. pedindo orientação e aguardo sua resposta.

22 de setembro de 1841

Afinal recebi uma resposta de P. Mas foi inconclusiva. Ele não conhece os princípios que usei na obra, não possui um exemplar do Ibbur nem nunca ouviu falar do livro assim não tem referências sobre o que existe nele. Mas agora sei que é nele que devo procurar alguma pista, pois foi ele que me deu todo o caminho a seguir.

25 de setembro de 1841

Estudei novamente as tabelas de Paracelso e os livros do Ibbur sobre a conjuração que realizei. Deve haver alguma coisa que possa ser usada para conter o homúnculo o tempo suficiente para que o espécime possa chegar às mãos de P. Talvez tenha que fazer correções simétricas nas equações que usei para gerar as quantidades de matéria que usei na obra e dali possa encontrar um tipo de energia que possa conter o espécime.

01 de outubro de 1841

Afinal acredito que descobri um meio de transportar o espécime. O próprio Ibbur indica como fazer uma espécie de caixa com isolamento para conter um dybbuk, com madeira de acácia folheada à ouro. Como os homúnculos são em síntese um dybbuk incorporado provavelmente o mesmo sistema de contenção deve funcionar para eles. Vou tentar construir um modelo para testar e se funcionar enviarei um espécime para P.

26 de outubro de 1841

Consegui terminar hoje o modelo de caixa de isolamento. Vou testar com um dos homúnculos, tenho esperanças que funcione.

28 de outubro de 1841

Funcionou. Consegui manter o homúnculo preso dentro da caixa por vinte e quatro horas, ele não atravessou as paredes da caixa como faz com outros materiais, talvez sejam as folhas de ouro que o impedem. Certamente ele pode ser mantido ali por mais tempo, enquanto durar a viagem até P. Agora preciso considerar o tempo da viagem e o alimento que terei que colocar junto com ele. Escreverei para P. contando sobre o envio e com as instruções para que ele possa estudar o homúnculo sem correr nenhum perigo.

17 de novembro de 1841

Enviei a encomenda para P. Coloquei suprimentos suficientes na caixa para quarenta dias de viagem. Os correios certamente entregarão antes disso, mas não posso correr riscos. A data marcada para a chegada é no máximo 12 de dezembro. Esperarei ansiosamente. Notei que os outros homúnculos ficaram desassossegados com a partida do companheiro, mas consegui aplacar-lhes as preocupações e escrevi à P. que o enviasse de volta o quanto antes.

15 de dezembro de 1841

Aguardo a confirmação da entrega da encomenda, mas até agora ainda não obtive resposta na agência de encomendas do Correi-Mor de Laguna.

20 de dezembro de 1841

Estou preocupadíssimo. Aparentemente ocorreu um desvio da encomenda para um lugar diferente daquele que eu havia enviado. Havia outra cidade com o mesmo nome daquela onde P. reside e os entregadores erraram o destino. Mas tudo já foi retificado e o lacre continua inviolado, assim me disseram. O Correi-Mor diz que deve demorar mais uma quinzena para entregar a encomenda no destino, mas preocupo-me com o espécime vivo. Espero que os suprimentos que coloquei sejam suficientes.

15 de janeiro de 1842

Finalmente veio a confirmação de entrega, foi feita no dia 20 de dezembro. Agora espero a resposta de P. sobre o espécime.

18 de janeiro de 1842

Finalmente recebi a resposta de P. Aparentemente o espécime estava perfeito, os suprimentos deram na medida exata. Ele ficou eufórico com o resultado de minha experiência e pretende tentar também. Vou lhe enviar a descrição de todos os passos que segui para que ele possa tentar.

14 de fevereiro de 1842

Aparentemente tudo corre bem lá como aqui. P. me escreveu descrevendo sua rotina com o homúnculo e diz que está conseguindo grandes progressos no estudo do espécime. Já havia lhe dito como eles se comunicam, mas sendo uma linguagem de sinais não podia explicar melhor. Ele me relatou sobre os hábitos alimentares e de quando ficou chocado ao observá-los, pois como seu laboratório é na cidade ele está alimentando o espécime com criaturas vivas. Não sei se é uma boa ideia e preciso escrever à ele sem demora sobre isso.

13 de março de 1842

P. me escreveu dizendo que teve alguns problemas com o espécime, que já não aceitava mais carne morta, mas preferia presas vivas e da sua dificuldade em encontrá-las, pois havia se esgotado todo o estoque das lojas próximas. Eu já o havia avisado sobre a fome insaciável que eles possuem, mas ele não levou à serio meu aviso! Espero que nada de mal se suceda disso.

15 de março de 1843

Aqui também estou tendo problemas com seu apetite. Sei que os homúnculos iniciaram novamente sua dieta carnívora, porém acredito que até agora tem estão consumindo apenas animais. Mas a carne animal não contém os mesmos níveis de nutrientes que a carne humana e estou muito preocupado com o que poder voltar a acontecer!

16 de abril de 1842

Recebi hoje a visita do Arquivista, ele veio junto com seu criado e aprendiz, um jovem negro de 12 anos de idade. Os homúnculos não apareceram. Conversamos muito e lhe contei minhas descobertas e como eles estavam evoluindo. Não falei, porém, do terrível apetite que por vezes apresentam. Ele gostaria de vê-los, mas eles não quiseram mostra-se de jeito nenhum. Eu os chamei, mas não vieram. Uma pena.

19 de abril de 1842

Precisei ficar longe mais do que imaginava ser preciso. Cheguei hoje à tarde, mas não encontrei os homúnculos. Devem ter saído para procurar alimento, já que até o estoque que tinha de sal-gema já terminou. Vou à cidade amanhã para tentar obter alguma coisa no boticário de Laguna.

20 de abril de 1842

Eles voltaram à seu antigo e macabro hábito. Uma família de colonos que havia recém se mudado para as terras além do Campo dos Cucos desapareceu. Toda a vila está comentando o sumiço e o capitão da guarnição foi investigar, mas não encontrou nada. Ele veio falar comigo, um sujeito bem arrogante e sem modos. Disse-lhe que era geólogo e que estava pesquisando sobre pirita, galenita e sal-gema na região do Chapadão, mas não sei se ele acreditou. As pessoas falam muito mal de mim por aqui, porque não faço amigos e sou bem solitário, isso pode ter consequências ruins se houverem outros desaparecimentos. Preciso reabastecer as reservas de gado que estão horripelmente baixas.

29 de abril de 1842

Tive novo encontro com o capitão Mendonça. Ele parece desconfiar que tenho alguma coisa a ver com os desaparecimentos, mas lhe contei que havia voltado ontem de uma expedição ao Chapadão e que iria retornar novamente amanhã. Ele não pareceu acreditar, mas não tem provas para me incriminar. Parece que outra família próxima ao Campo dos Cucos sumiu há alguns dias, novamente sem deixar rastros. Sei que os homúnculos voltaram à sua dieta horrenda, mas somente eu posso fazê-los parar. Encomendei mais gado e já o recebi, espero que assim possa refrear seus instintos.

15 de maio de 1842

Fiz uma pequena viagem até Laguna para conversar com o Arquivista, acabei me demorando mais do que imaginava, pois fiquei lá três dias inteiros. Quando voltei notei que os homúnculos estavam bem mais calmos, mas só fui descobrir o porquê ontem quando precisei ir à cidade reabastecer meus suprimentos: parece que o capitão Mendonça e uma parte da guarnição desapareceram quando estavam investigando o sumiço da última família. Não posso dizer que fiquei triste, pois ele estava chegando perto da verdade com suas investigações, mas não gosto da ideia dos homúnculos retornando à seu velho hábito dessa maneira descomedida.

18 de maio de 1842

Escrevi novamente à P. sobre o espécime. Não tenho recebido notícias dele faz algum tempo e às vezes me pego pensando que pode ter acontecido alguma coisa.

03 de junho de 1842

Houve outros desaparecimentos durante este pequeno período. Dois viajantes e um tropeiro sumiram. Procurei os homúnculos nas redondezas, mas estranhamente não os encontrei. Tive que ir à procura deles no último lugar onde os havia visto, no topo do Morro dos Uirapurus. Chamei-os, mas eles não vieram, não sei por quê. Só sei que o comportamento deles está pondo em risco toda a sua existência, pois se continuarem os desaparecimentos não tardará para o governo mandar uma milícia armada para resolver a situação. Até agora eles pensam que é um grupo de negros fugidos de um quilombo aqui nas redondezas que está matando as pessoas, mas a situação é muito precária.

05 de junho de 1842

Retornei ao Morro dos Uirapurus hoje e consegui encontrar alguns dos homúnculos. Eles estavam arredios e estranhamente irritadiços. Interroguei os homúnculos sobre os desaparecimentos, mas eles estranhamente silenciaram sobre o assunto. Notei que estavam mais sombrios do que de costume e alguns deles pareciam até mesmo zangados com minha presença. Afinal acabei retornando, mas senti que alguma coisa neles estava mudando, talvez sejam os espíritos dentro deles que estejam forçando suas índoles malévolas sobre a matéria da obra. Precisarei ter cuidado de agora por diante!

14 de junho de 1842

Fui a cidade hoje e acabei conhecendo o Coronel Amintas de Almeida e Barros, o chefe da polícia local. Ele é o encarregado dos casos de desaparecimentos. É uma pessoa afável e bem humorada e conversamos muito. Ele também não gostava do capitão Mendonça. Fez muitas perguntas sobre minhas explorações e descobertas e lhe expliquei muito sobre a pirita, a galenita e o sal-gema e minha condição de geólogo e cientista. Não lhe falei sobre a alquimia, pois me pareceu excessivamente cristão. Mas ele deu a conhecer que já lera Paracelso e muitos outros mestres alquímicos, ainda que por pura diversão e que encarava o tema como mero passatempo. Pareceu-me uma boa pessoa, mas estava decidido à descobrir o que havia acontecido com as pessoas que desapareceram. Confiou-me que desconfiava de um grupo de bandidos que passara pela cidade alguns meses antes e que havia se refugiado no Vale das Cruzes, bem ao sul. Fiquei mais descansado com suas palavras. Ele me pediu para conhecer minha casa e deve vir me visitar por estes dias antes do natal.

(Algumas páginas estavam faltando nesta parte)

30 de setembro de 1842

Estou doente. Já há algum tempo que me sentia muito cansado, não conseguia fazer as caminhadas matutinas e o pulmão me doía muito. Tossia excessivamente de forma seca e continuada. Afinal resignei-me à visitar o médico e acabei de voltar do médico em Laguna. Ele me garantiu que é o que os moradores deste país chamam de tísica. Ele acredita que o ar frio e úmido da floresta está me fazendo muito mal e que devo me mudar para um clima mais quente. Diz que os fungos que existem por aqui atacam meus pulmões. Prescreveu caminhadas constantes e mudança de ares para curar a doença. É um despropósito claro, sei como a doença é transmitida, não foram fungos, devo ter entrado em contato com algum doente e peguei a doença inadvertidamente. Agora só posso lamentar o ocorrido, pois isso irá diminuir meus dias e logo não estarei aqui para compartilhar a história de meus filhos ou para vê-los se desenvolver. Devo fazer tudo o que posso com o tempo que me resta.

03 de outubro de 1843

Recebi hoje uma carta de P. Parece que toda a experiência que estava desenvolvendo lá desmoronou. O homúnculo que lhe enviei, durante uma noite de luz cheia, fugiu ao controle e atacou seu aprendiz, devorando-o quase completamente. Depois fugiu e somente à muito custo P. conseguiu controlá-lo e fazê-lo retornar ao laboratório. Depois disso foi difícil mantê-lo fora da caixa de contenção e P. acabou tendo que prendê-lo. Mas parece que os urros e sons do espécime foram demasiados e foram ouvidos por outras pessoas de fora e a polícia foi chamada à intervir. Houve uma invasão e P. teve que fugir às pressas. Todo o laboratório pegou fogo e sua pesquisa acabou destruída. Quando conseguiu retornar lá, quase dois meses depois ele localizou o que restava da caixa de contenção, mas não conseguiu identificar se o homúnculo havia sido carbonizado dentro dela ou não, pois havia apenas terra negra ressecada dentro da caixa. Terrível o fato! Acredito que o homúnculo foi destruído no local, pois a terra negra, pela descrição de P. indica que é do mesmo tipo da que eu usei para criar a matéria da obra. Deus queira que tenha realmente sido destruído, pois não consigo suportar a ideia de ver uma criação minha assolar a humanidade desta forma!

07 de outubro de 1843

Desde o incidente com P. e dos continuados desaparecimentos na região venho pensando seriamente em pôr fim à minha experiência. Agora acredito que havia alguma coisa mais, alguma coisa perversa e má, naquele dia em que infundi vida à matéria morta. Reli o “Ibbur” e cada vez mais penso que foi

alguma coisa maligna que eu infundi dentro dos homúnculos. Talvez até mesmo seja o que o livro identifica como “dybbuk” ou espírito possessor malicioso! Uma alma de um homem morto!

08 de outubro de 1843

Consultei quase todos os volumes que possuo sobre o assunto e até mesmo os mais ortodoxos afirmam que o que impregnou a matéria de minha obra foi um espírito de um homem morto, quebrado em várias partes para que cada uma delas possuísse um dos corpos da obra. Assim eles são como um só corpo e um só espírito, mas ao mesmo tempo são vários. Observando alguns que perambulavam hoje por aqui vi que estou correto. Quando um vê algo todos eles veem e quando um persegue alguma coisa todos são instados à fazê-lo. Existe uma perversidade inata neles, talvez ocasionada pela maldade existente no espírito incorporado!

16 de outubro de 1842

Hoje testemunhei um ato horrendo: os homúnculos atacaram o rebanho de vacas que havia no curral atrás do bambuzal e as mataram todas com requintes de crueldade hedionda. Eu estava trabalhando no laboratório quando ouvi o mugido desesperado das vacas e corri para ver o que as afligia. Quando cheguei perto do curral não consegui distinguir o que estava acontecendo, mas ao observar melhor vi que eram eles que as estavam atacando e devorando. Foi terrível vê-los naquele estado de frenesi assassino! Não posso mais aguentar isso, preciso dar um fim à este pesadelo! Voltei e procurei uma maneira de destruí-los, mas não existe nada nos livros que me diga como posso fazê-lo. Apenas o fogo pode reduzi-los às cinzas mortas, mas não sei como fazer isso. Preciso encontrar um meio antes que seja tarde!

(Várias páginas estavam faltando nesta parte)

20 de novembro de 1842

Sinto que minha doença progrediu muito. Estou muito fraco e por vezes passo o dia inteiro na cama. Já não consigo ir até a cidade para comprar os remédios que preciso. Parece que estão caçando homens novamente, pois alguns soldados estiveram aqui ontem me perguntando sobre outros desaparecimentos, mas quando viram meu estado foram-se embora depressa. Acredito que estão se aproximando mais e mais da Vila de Passagem. Agora é o momento de acabar com esta tortura, preciso pôr um fim nisto!

15 de dezembro de 1843

Consegui encontrar uma maneira de pôr fim à eles: fiz uma caixa de isolamento com madeira de acácia folheada à ouro, folhas finas de ouro, pois já não me restou muito dinheiro. Ela é grande o suficiente para caber todos eles. Eu a coloquei na cabana que usava como matadouro perto do curral assim poderei atraí-los mais facilmente. Embebi as paredes com óleo combustível de maneira que se conseguir meu intento todos serão carbonizados e terei sucesso em pôr fim à este mal hediondo que espalhei sobre a face da Terra! Amanhã é lua cheia, e é amanhã que tentarei o estratagemas!

(A próxima página estava manchada de fuligem e sangue)

16 de dezembro de 1843

Consegui! Consegui atraí-los para dentro da caixa com um vitelo vivo! Fechei-os enquanto atacavam a pobre criatura e coloquei fogo na madeira, mas precisei mantê-los presos na caixa por muito tempo, até que o fogo atingisse seu apogeu. Acho que a fumaça foi demais para meus pulmões, faltame o ar e a tosse quase me faz perder os sentidos, a fraqueza me deixa exangue. Perdi muito sangue, pois mesmo contidos dentro da caixa eles ainda conseguiram me machucar. Não me resta muito mais tempo agora! Espero que todos tenham sido destruídos no incêndio!

Angelo fechou o diário!

Foi uma pena que ele não obteve sucesso! – pensou o rapaz com um suspiro triste.

VI — Medo da Escuridão

*O sol se pondo no oeste,
A estrela da tarde brilha;
Os pássaros estão em silêncio em seus ninhos,
E devo procurar o meu.
A lua, como uma flor
No caramanchão do céu,
Com prazer silencioso,
Senta e sorri à noite.*

Noite, William Blake

Agosto de 1986.

O avião sobrevoou baixo as terras de Passagem.

Conrado aproximou-se mais da janela para ver melhor.

— Ali embaixo. — indicou ele para o piloto — Mais para a esquerda.

Abaixo deles corriam os picos altos da Serra Diamantina, cheios de neve, descendo suas barrancas pedregosas em direção à confluência com a Floresta dos Macacos e ao Rio da Prata.

Conrado ficou de olho naquelas barrancas, era ali que iria retornar depois.

Marcou vários lugares no mapa enquanto sobrevoavam mais quatro ou cinco vezes a região.

As bocas de cavernas às vezes eram grandes o suficiente para ficarem visíveis daquela altura, mas havia outras dezenas que entradas menores que eram invisíveis e só poderia mapeá-las com certeza quando descessem até lá.

Sequer olhou para os ossos expostos do velho cadáver de Passagem que teimavam em reaparecer sob seus olhos.

Não iria nem chegar perto daquele lugar funesto.

Queria estudar os morcegos desmodus que habitavam aquelas redes de cavernas que se iniciavam nas fraldas da serra e desciam para as terras da Floresta dos Macacos.

Era sua tese de graduação!

Já os estudava há dois anos na teoria agora era a hora de colocar em prática todos aqueles estudos.

O colega José Albertino cutucou seu braço e apontando as ruínas da velha cidade falou alguma coisa que foi abafada pelo ruído do monomotor.

Conrado nem sequer lhe deu atenção.

Estava mesmo olhando para a silhueta preta do Morro dos Uirapurus!

Diziam que ali havia avistamentos de um grande morcego desmodus, fugido de um criadouro particular em Recife Velho.

Os avistamentos, recentes, de um ano para cá, acontecidos principalmente com caçadores e mateiros da região, indicavam que era um espécime muito maior do que o normal, quase do tamanho de uma raposa voadora.

Conrado já havia lido à respeito de um outro caso estranho de um desses morcegos gigantes que havia escapado de um zoológico particular em Recife Velho, mas era um caso muito antigo de quase um século passado já.

Nenhum desmodus vivia tanto tempo assim!

Porém ele queria ir até lá para matar a curiosidade.

*

De noite encontrou-se com Angelo no pequeno apartamento.

— Vamos pedir pizza? — perguntou Angelo faminto.

— Claro, mal posso esperar para ver que filme você resgatou do baú desta vez.

— “Eles”! — falou o amigo rindo — Perfeito para sua exploração de amanhã.

— Eles quem? — perguntou Conrado fingindo não reconhecer o título.

— Ah, você vai conhecê-los bem! — replicou Angelo — E amanhã? Está mesmo decidido à ir à campo? Sabe que a teoria e a prática na andam juntas, muito pelo contrário.

— Sei sim, mas tenho certeza que vou me sair bem! Já deixei tudo adiantado com o José.

— Vão mesmo só vocês dois? — perguntou Angelo com um mau pressentimento.

— Sim, mas não tem porque se preocupar. Estou deixando as especificações de todos os nossos passos e o mapa topográfico e os caminhos que vamos seguir no corpo de Bombeiros e caso não voltemos em quarenta e oito horas eles já sabem onde podem nos procurar.

— Você viu o mapeamento via satélite do local?

— Não tive acesso ainda. O professor Augusto pediu pro setor de topografia do governo, mas o pessoal de lá leva tempo pra liberar essas coisas, são cheios de burocracia, porém consegui alguns mapas mais antigos da região feitos por uma companhia de mineração da década de trinta.

— Tinha mineiros ali? — perguntou Angelo estranhamente curioso.

— Sim! — confirmou Conrado — Na década de trinta eles tentaram encontrar diamantes ou esmeraldas ali. Uma empresa de São Thiago dos Ilhéus veio e fez um estudo da região, tiraram algumas fotos e recolheram amostras do solo de fora e dentro das cavernas da serra e enviaram um grupo de pesquisadores pra lá. Mantiveram contato com o pessoal por quase seis meses e chegaram a anunciar publicamente que existia um veio de minério precioso ali. Porém depois de um ano as notícias começaram a rarear, houve alguns acidentes no local e subitamente a coisa toda terminou.

— Mas então o que foi que houve?

— Os jornais disseram que tudo havia sido um golpe publicitário e que só haviam localizado um veio de minério de ferro bem pequeno. Eu fui a fundo e escavei uma coisa diferente.

— O que?

— Bem... — começou Conrado — Soube que havia um dos caras que havia trabalhado lá morando ainda aqui em Laguna e fui visitá-lo. Era um velhinho já, mas quando falei sobre a mina ele ficou bem calado, quase não falou nada, mas disse que os jornais mentiram e o caso havia sido abafado porque havia acontecido uma coisa muito ruim lá.

— O que era? — perguntou Angelo já antecipando o que Conrado iria lhe dizer.

— Um dia a mina havia silenciado seus contados com a sede da mineradora aqui de Laguna e depois de quarenta e oito horas de silêncio o pessoal da cidade foi investigar, mas...

Angelo mordeu outro pedaço de pizza e tomou um gole da cerveja antes de perguntar, já imaginando a resposta:

— Mas?

— Não encontraram ninguém quando chegaram lá. — disse Conrado sem explicar muito.

— Como assim? Igual ao que aconteceu com a cidade abandonada? — perguntou Angelo fazendo de conta que quase havia engasgado com a pizza.

— Pois é. — concordou Conrado e adicionou — Eu particularmente acredito que o grupo achou ouro e fugiu com o produto da mina. É uma solução melhor do que dizer que todos desapareceram sem deixar vestígios.

— Realmente! — concordou Angelo preocupado com o fato.

— Mas não se preocupe que não vou chegar perto do terreno da antiga mina não. — disse Conrado enchendo o copo — Vou mais para a esquina da serra com a Floresta dos Macacos. Ali as cavernas são mais rasas e os morcegos mais abundantes.

— Mesmo?

— Sim. No ano passado o professor Augusto conseguiu coletar muitos espécimes de desmodus por ali com as redes aéreas. Vamos refazer os passos dele e tentar capturar alguns para compararmos o tamanho, tipo sanguíneo e outras coisas.

— Que bom. — disse Angelo aliviado. Não queria que o amigo fosse mais um número nos desaparecidos da região.

Não havia mostrado à ninguém o diário de Trigorin.

Não estava levando à sério toda aquela história fantástica de homúnculos e não queria ser alvo de zombaria por causa disso.

Pelo menos não até ele conseguir pesquisar mais sobre o assunto.

Havia tentado encontrar algum registro sobre o alquimista e quando ele viera para viver na região, mas qualquer documento que pudesse conter uma resposta à essa pergunta deveria estar nos registros da cidade de Passagem e estes haviam sido todos removidos da Prefeitura, da Igreja Mariz e do Tabelião para a capital de Recife Velho quando foi encerrada a investigação oficial sobre o desaparecimento das pessoas em 1915.

Tinha planejado viajar até lá para pesquisar, mas com as três semanas cheias de provas não tivera tempo para isso.

Agora iria tirar dois dias para ir lá, os únicos dois que conseguira no calendário da faculdade.

Infelizmente bem na época que Conrado iria fazer sua pesquisa de campo, porque Angelo estava ansioso para ver as cavernas e poder estudar a constituição geológica daquela parte da Serra Diamantina.

Agora não tinha como mudar a data da viagem.

Iria na próxima exploração no mês seguinte.

— Você vai perder uma oportunidade de ouro — lembrou Conrado quando ficou sabendo.

— Pois é! — lamentou Angelo — Mas outras oportunidades surgirão!

*

Pela manhã Conrado encontrou-se com José no pátio da faculdade.

— Pronto pra partir? — disse José animado.

— Claro. — concordou Conrado — Trouxe tudo?

— Sim, deixei o jipe arrumado desde ontem quando voltamos.

Enquanto iam em direção ao jipe amarelo de José, Conrado viu um vulto esguio sair do banco de trás.

Olhou para o colega contrariado:

— Você trouxe a Jussara? Sabe que é uma expedição séria não é? Não quero ela sassaricando e cantarolando para nos atrapalhar... — reclamou Conrado.

— Eu sei. — disse José fazendo uma cara triste — Ela me pediu com tanto ardor que eu não consegui dizer não à ela!

— Bem então trate de fazê-la ficar bem quieta, não quero suas cantorias nos meus ouvidos, senão ela vai espantar todos os morcegos da serra e meu trabalho vai por água abaixo.

— Ok! — concordou José balançando afirmativamente a cabeça.

No jipe a mocinha de cabelos preto e seios avantajados jogou-se nos braços de José:

— Vamos meu amor, mal posso esperar para ver essas tais cavernas.

Conrado deu um olhar colérico ao colega e fechou o semblante.

O outro entrou em silêncio no jipe e ligando-o partiram.

Pegaram a Estrada dos Boiadeiros e desceram até a ponte do Rio da Prata.

Ali viraram para o norte e seguiram pela faixa estreita de terra abarrancada entre a margem do rio e a Floresta dos Macacos.

Afinal pelo meio da manhã chegaram à parte mais agreste onde já se iniciava o sopé da Serra Diamantina.

Outrora aquele lugar havia possuído grandes extensões de mata nativa que subiam até quase o meio da serra.

Naquela época, porém tudo havia sido desmatado ou queimado e o lugar era um descampado, o chão pedregoso tinha apenas pequenos arbustos raquíticos.

Deixaram o jipe logo na esquina do fim da floresta e caminharam com as mochilas mais um quilometro e meio até que Conrado viu a primeira das entradas das cavernas.

Era como um largo buraco aberto no lado da cadeia de montanhas, sua boca negra era fria e amedrontadora mesmo sob o sol forte das onze horas e com o céu azul sobre suas cabeças.

— Vocês vão entrar aí? — perguntou a moça com uma voz esganiçada.

— Claro. — confirmou Conrado — O objeto de nossos estudos está lá dentro, ele vive lá dentro!

Ela torceu a boca desdenhando a respeito.

— Mas você pode nos esperar aqui se quiser. — falou Conrado com um sorriso cínico.

— Posso? — perguntou ela em um tom vacilante.

— Claro, meu bem. — confirmou José.

Ela pensou por dois segundo, mas replicou:

— Vou entrar com você. Não sou medrosa.

Conrado não quis discutir.

O ar da caverna era frio quando entraram e Conrado teve um arrepio.

Ele acendeu a lanterna e começou a prestar atenção no chão da caverna para verificar se não havia pistas sobre morcegos ali.

O túnel da caverna era estreito e afótico, tinha dois metros e meio de largura e três de altura e Conrado verificou que o microclima ali estava estável, era uma caverna cárstica, tinha relevo muito acidentado e alta permeabilidade do solo, permitindo um escoamento de água rápido, o que significava que poderiam encontrar rios subterrâneos por ali.

Havia excesso de calcários e veios de mármore rosado, o que dava uma beleza toda especial àquele lugar.

Porém na entrada não encontraram nenhum vestígio de morcegos.

Na realidade ali estava tudo muito limpo, sem insetos, opilhões ou outros moradores de caverna usuais.

Continuaram a descer, pois a caverna descia imperceptivelmente para o leste, por mais meia hora e Conrado mediu a concentração de gás carbônico verificando uma amplitude máxima de 60 ppm.

A temperatura esfriou mais, de forma estranha, e a garota começou a reclamar.

Conrado verificou pequenos cursos de água em seu caminho, pequenos rios atravessáveis à pé.

Cruzaram três, de água muito gelada.

O que indicava que a caverna provavelmente estava em uma zona freática.

Notou pelas paredes pequenos abrigos e tocas, porém todos desabitados e vazios.

Foi somente com quase uma hora de descida é que Conrado conseguiu localizar dejetos de morcegos espelhados pelo chão.

Colheram amostras, mas não viram nenhum espécime vivo.

— Estes são muito antigos. — reparou Conrado — Devem ter mais de sete ou oito meses. Não há nenhum mais recente.

— Bem então não vamos encontrar nenhum morcego aqui. — conjecturou Jose guardando as amostras.

— Não. Vamos voltar e tentar outras cavernas. — disse Conrado.

Retornaram e saíram da caverna já era passado do meio-dia.

Almoçaram os sanduíches e o suco que trouxeram.

Depois seguiram para o oeste pelo sopé da serra.

Da li Conrado podia ver outras bocas de cavernas, mas também via o Morro dos Uirapurus.

— Vamos seguir até aquele morro adiante. — falou ele — Tivemos notícias de avistamentos ali.

— É um lugar aberto, Conrado. — objetou Jose — Vai ser mais difícil capturar algum espécime ali.

— Eu sei, mas vamos usar as redes aéreas. Se não conseguirmos hoje podemos armar as redes para capturas noturnas antes do anoitecer e voltaremos amanhã para recolher os espécimes.

— Ok.

Desceram um pouco para dentro da mata que cercava o morro já eram quase três horas da tarde.

O dia ficara nublado e uma tempestade se aproximava pelo oeste, as nuvens carregadas e pretas corriam rápidas e se encastelavam já pelo horizonte.

Às cinco chegaram ao sopé do morro!

Havia um pequeno lago que nascia ao sopé do morro, as águas escuras e frias eram como um espelho obscurecido, as copas das árvores ao redor fechavam-se como um gigantesco caramanchão verde, obstruindo toda a luz que ainda restava no céu, como grandes vultos, presenças

impressionantes ao seu redor, movendo-se em uma dança eólica e assombrada, o nome que os antigos moradores lhe deram era Lago das Garças, mas não havia mais garças ali.

Estava tudo muito quieto e havia apenas o zumbido agourento da pequena cascata murmurante que alimentava o lago e o vento forte que revolteava pelas copas das árvores.

Nenhum pássaro cantava e não havia insetos por ali.

Tiveram que contornar o pequeno lago e acabaram pegando um carreiro cheio de mato e urtigas quase despercebido que subia pelas terras do lado do morro.

A chuva parecia estar prestes a cair.

Um silêncio sepulcral os cercava, não havia mais vento nem pássaros nem insetos, mas eles não pareciam notar.

A garota cantarolava uma música sem ritmo e Conrado ia perdendo o pouco de paciência que lhe restava.

Ouviram o canto do socó preto e do socó vermelho e se assustaram.

Jussara deu um gritinho nervoso e Jose a apaziguou:

— Não se assuste querida, são apenas pássaros.

Ela sorriu meio sem graça.

O sol já estava encoberto pelas nuvens de chuva e a luminosidade do dia caíra muito.

— Vamos terminar antes que caia essa tempestade — disse Conrado — Senão perdemos todas as pistas que tiver por aí.

Apressaram o passo.

A mataria estava toda fechada.

Os caminhos antigos que existiam pelo morro há muito não eram usados e o mato havia tomado conta de tudo.

Afinal eles atingiram o topo do morro.

O lugar era nu e descampado, havia apenas uma grande pedra preta meio achatada, que o coroava como dente único.

Conrado encontrou evidências dos morcegos que viviam por ali, mas não conseguiu ver nenhum espécime vivo.

Deveriam estar caçando.

— Vamos armar as redes e descer! — falou ele.

Colocaram quatro redes armadas entre as rochas e um pouco abaixo do topo, onde havia árvores, onde certamente conseguiriam colher muitos espécimes.

Quando terminaram caiu a chuva, raios despencaram e grossos pingos de chuva vieram, lavando a face do morro.

A noite veio caminhando devagar e cobriu-os com seu manto negro antes que o aguaceiro terminasse de cair.

Quando estiou tudo ao redor deles era escuridão.

Conrado acendeu a lanterna.

Um vento frio veio do sopé do morro e trouxe-lhes um odor de ferro e um barulho estranho que não conseguiram identificar.

Conrado começou a descer pelo carreiro cheio de mato.

Por um momento deixou Jose e a namorada para trás, quando desceu por uma reentrância do terreno.

Então ouviu um suspiro triste e um grito abafado atrás de si.

Voltou-se para ver o que tinha acontecido.

Voltou-se e perdeu a razão para sempre!

Seu olhar, por um momento apenas, por um momento vislumbrou o fado que acontecera atrás de si e aquela visão tenebrosa o deixou alucinado.

A lanterna apagou-se de suas mãos, fortuitamente ou por acaso, ele não saberia dizer, mas foi isso o que o salvou do que viria depois.

Desceu correndo pelo meio daquele carreiro estreito, sem parar, lanhando-se pelos espinhos e cipós do caminho até o fim do morro e continuou correndo depois.

Não queria parar, não podia parar de correr, nunca mais!

*

Angelo recebeu o telefonema enquanto ainda estava em Recife Velho.

Retornou no primeiro voo!

Quando chegou ao hospital viu Regina e Andrea esperando por ele dentro da portaria.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou ele tentando entender.

— Não sabemos ainda! — disse Andrea — Ele não voltou à noite e nem de manhã então chamamos a polícia e os bombeiros. No começo eles não queriam ir porque disseram que ele precisava estar desaparecido há mais de quarenta e oito horas, mas então...

— Enquanto estávamos na delegacia eles receberam uma ligação — continuou Regina interrompendo a amiga — Sobre o Conrado! Alguém havia visto um rapaz igual à descrição dele lá perto da Floresta dos Macacos correndo sem rumo e balbuciando coisas sem sentido. Daí mandaram

uma viatura e no final da tarde o localizaram, sedaram e o trouxeram para o hospital. Ele está sendo mantido sedado desde então.

— Ele não disse nada sobre o que aconteceu? — perguntou Angelo aflito.

— Não. — disse Andrea — Eles disseram que antes de sedá-lo ele dizia apenas “Eles, “Eles”!

— “Eles”? Tem certeza? — perguntou Angelo sem entender.

— Sim. Você sabe à quem ele se referia? — perguntou Regina.

— Bem, na noite anterior nós assistimos um filme antigo, de 1957 acho, sobre formigas gigantes, o título do filme era “Eles”! — tentou explicar Angelo — Mas isso não faz sentido nenhum.

— Realmente. — disse Regina — Porque ele diria isso?

— Só saberemos quando ele voltar à si. — disse Angelo.

Foi conversar com os médicos, pois Conrado não tinha parentes em Laguna.

Toda sua família era de Santa Cruz da Serra e só iria chegar dali à dois dias.

Afinal eles permitiram que ele subisse para ver Conrado.

Foi uma visita rápida.

Ele estava adormecido, derrubado pelo coquetel de sedativos, mas Angelo notou que as enfermeiras haviam restringido os movimentos dele com cintas de couro branco para que não acabasse se machucando.

O médico que estava lá disse que certamente ele despertaria melhor no dia seguinte e poderia receber visitas mais longas.

Mas demorou quase uma semana para que Angelo pudesse ver Conrado.

Ele não estava machucado, estava bem fisicamente, mas havia sofrido o que os médicos chamaram de colapso mental, e demorou à se recuperar.

Afinal na quarta-feira seguinte, às dezenove horas, Angelo voltou ao hospital.

O pai do amigo tinha saído e Conrado estava só.

Quando entrou no quarto suspirou aliviado.

Conrado estava muito melhor.

Estava acordado e consciente, mas ainda haviam deixado as tiras de restrição de movimentos.

Havia um cateter de soro em seu braço esquerdo e ele tomava um copo de suco.

— Como está se sentindo, amigo? — perguntou Angelo sorrindo.

Conrado deu um sorriso amarelo e mostrou os pulsos.

— Estou bem já. Pena que ainda não querem me soltar nem dar alta.

Angelo puxou uma cadeira e sentou-se perto do amigo.

— O que houve lá?

A fisionomia de Conrado ensombrou-se e por um momento a lembrança de alguma coisa tenebrosa o atormentou.

— Se não quer falar... — disse Angelo.

— Não, eu quero, eu quero sim. — replicou Conrado rápido — Na verdade preciso contar o que aconteceu lá, preciso porque se não fizer isso vou ficar louco. Não tenho mais total certeza de que não estou louco, tudo parece ter sido tão surreal, como se minha mente me pregasse uma grande peça, porém não consigo entender o que houve. Vou contar sim, preciso contar...

E contou a história toda numa voz quase sumida, só parando um momento quando a enfermeira veio lhe trazer mais um copo de suco.

Contou sobre a caverna e o que havia visto lá e o que não havia visto.

Contou sobre o Morro dos Uirapurus, quando subiram e sobre a tempestade e chegou ao ponto em que a chuva havia parado.

Fez uma breve pausa, como se refletisse sobre alguma coisa:

— Esse é o ponto mais terrível! — falou ele — E gostaria que você realmente acreditasse no que vou lhe contar, por mais estranho, surreal e terrível que possa parecer, é a minha sanidade que está em prova agora.

— O que foi que houve de tão terrível?

Por um momento Conrado hesitou, então contou:

— Quando olhei para trás eu os vi sobre José e também sobre Jussara, eram muitos e pequenos, com não mais que doze polegadas cada, mas seus olhos brilhantes estavam cheios de uma coisa horrível e seus dentes alvos brilharam quando a lua saiu de detrás das nuvens.

— O que eram “Eles”? — perguntou Angelo já adivinhando o que o amigo iria lhe dizer.

— Eram pequenos homenzinhos negros!

— O que? — perguntou Angelo tentando confirmar as palavras de Conrado.

— Sim, eram homens pequeninos e pretos, como se fossem feitos de carvão, não sei o que eram, mas tenho certeza do que vi! — falou Conrado aumentando o tom da voz.

— Acredito em você. — disse Angelo para tentar acalmar o amigo.

— Você precisa acreditar. — falou Conrado quase gritando e ficando muito agitado — Eram dezenas deles, uma multidão faminta. Caíram sobre José como cães, não consegui fazer nada.

— Eu sei Conrado. — falou Angelo com a voz triste.

— Eu juro que tentei, mas quando olhei e vi aquilo eu fugi — gritou ele muito assustado — Fugi porque senão teria morrido também.

Conrado começou a balbuciar palavras sem sentido.

Angelo levantou-se e nesse momento chegaram o médico e duas enfermeiras.

— Peço que se retire rapaz, ele está agitado de novo. — falou o médico.

Conrado forçava as tiras que o restringiam.

— Eles estão aqui Angelo, eu sei que estão aqui... — gritou ele angustiado — Eu os vi debaixo de minha cama, eles estão só esperando para me levar...

Uma enfermeira empurrou Angelo para fora do quarto e fechou a porta.

Ele ficou ali no corredor frio.

Sabia que tudo o que o amigo havia dito era verdade.

Havia lido o diário de Trigorin e agora acreditava.

Mas como poderia dizer isso à Conrado?

Ele havia visto os homúnculos e havia presenciado sua sanha assassina.

Precisava pensar no que iria fazer.

*

Conrado dormiu, consumido pelos sedativos.

Acordou a noite já ia alta.

Ficou muito tempo olhando pela janela, com um medo forte, não sabia por quê.

O olhar vidrado no céu sem nuvens e nos telhados das casas que rodeavam o hospital.

Era como se estivesse esperando que alguma coisa viesse para buscá-lo.

Lá fora a noite estava sem lua e cheia de nuvens carregadas, iria cair uma tempestade bem forte.

Ele desesperou-se, apertou o botão da enfermeira e quando ela chegou pediu para que Ela ficasse ali com ele ou que o levasse para outro lugar, mas não foi atendido.

A escuridão lá fora parecia chamá-lo.

Lá fora da janela do quarto, como outro antes dele, assombrado pelo conhecimento espúrio e amaldiçoado, ele sabia que coisas inomináveis e inumanas aguardavam nos lugares vazios e nos recessos escuros, entre os interstícios das coisas, esperando apenas uma oportunidade para se esgueirarem e caírem em cima dele.

Ele sabia e estava com muito medo!

*

De manhã, quando a enfermeira veio para trazer o café da manhã e os remédios matutinos encontrou a porta do quarto trancada por dentro.

Dois enfermeiros fortes a arrombaram sem muita dificuldade.

A janela estava trancada por dentro também.

A cama desfeita e as tiras que o prendiam estavam desatadas.

Mas o quarto estava vazio.

Conrado se fora!

VII — Estação da Infestação

*“Mais escuro e mais escuro
As sombras negras caem;
Sono e esquecimento
Reinam sobre tudo.”*

H.W. Longfellow

Angelo soube no início da manhã.

Foi até o hospital, mas ninguém sabia lhe dizer com precisão o que havia acontecido.

Conrado havia desaparecido do quarto, diziam eles, e sumira sem deixar vestígios.

O pai havia saído com um grupo da polícia e dos bombeiros, mas depois de cinco dias de buscas incessantes em todas as redondezas do hospital não conseguiram encontrar nada.

Angelo ajudou nas buscas pelo amigo desaparecido, mas já não tinha esperança de encontrá-lo vivo.

Não depois de tudo o que sabia sobre o caso.

Também não contou à ninguém sobre o que sabia, pois senão poderiam dizer que ele estava com os mesmos delírios do amigo ou pior, poderiam achar que ele havia dado sumiço em Conrado.

Não falou nem mesmo às amigas sobre o fato.

Guardou o Diário de Trigorin à sete chaves.

Afinal decidiu esquecer todo o incidente e nunca mais voltar na Vila de Passagem.

Mas existem coisas mais fortes que a vontade do homem!

O destino é uma delas, e ele cobra caro estas decisões!

*

Na semana seguinte Angelo estava passando por uma banca de jornais próxima ao centro quando uma notícia estranha na Gazeta de Laguna lhe chamou a atenção.

Não era uma notícia de primeira página, estava estampada em um exemplar de dois dias atrás em uma das pilhas de breviários gastos:

“O Sr. Olavo Nogueira, viúvo que morava sozinho na última casa da Rua do Bosque, no bairro da Floresta, que fazia limite entre o município de Laguna e as terras da Vila de Passagem, foi dado como desaparecido nesta manhã pelo seu filho, Sr. Jair Nogueira, que em entrevista exclusiva disse à polícia que já havia algum tempo que o pai reclamava que havia algo estranho rondando a casa, mas que até aquele momento não havia dado atenção ao fato. A polícia quando procurada disse que ainda era cedo para saber o que havia acontecido pois as investigações estavam no início e não havia suspeitos.”

Angelo comprou o exemplar e folheando-o descobriu na página seguinte outra estranha notícia que parecia ter ocorrido na mesma época:

“Os bombeiros foram chamados para atender um foco de incêndio na Rua do Bosque, na Madeireira Carvalho e Cia, porém lá chegando foi verificado que o incêndio ao que parecia havia se iniciado em um curto em uma das serra-fitas que ficara ligada durante toda a noite. Ao serem procurados os proprietários ou trabalhadores do local foi verificado que não havia ninguém lá. Os bombeiros interditaram a madeireira e a polícia está investigando se houve dolo por parte de algum dos funcionários ou se foi alguma pessoa estranha; nenhum deles, porém foi encontrado em suas residências para prestar depoimento, sendo que as famílias estavam preocupadas, pois nenhum deles retornou para casa na noite anterior. O Sr. Carvalho também parece estar desaparecido.”

Angelo ficou lívido com aquelas notícias.

Mas logo pensou que certamente deveria haver outras explicações para o que havia acontecido e tirou aquelas notícias da cabeça.

Dois dias depois ao passar pela mesma banca deu com outra notícia estranha, desta vez no jornal Estado de Laguna:

“Desapareceu nesta terça-feira, sem deixar vestígios, o caçador e guia florestal Rosamundo Oliveira. Ele estava em companhia de mais quatro caçadores amadores nas matas fechadas de Cercamundo, perto do Morro do Cão, que cercam o sopé da Serra Diamantina. Segundo relatos da testemunhas Rosamundo caminhava por uma trilha estreita e em um momento de distração dos quatro caçadores ele avançou um pouco mais à frente pela trilha e eles o perderam de vista. Acharam sua espingarda alguns metros à frente, encostada em uma árvore, mas ele não estava por perto. Nada mais se sabe de seu destino. De acordo com familiares e amigos de trabalho o Sr. Rosamundo era um caçador muito experiente e já havia guiado muitos outros grupos pelas trilhas de caça daquela região e não poderia se perder. Foram realizadas buscas no local, mas até agora nem a polícia nem os bombeiros deram qualquer explicação sobre o fato.”

Não consegui mais ter sossego depois disso!

Sentia que precisava ter certeza de que eram realmente os homúnculos de Trigorin.

Ter certeza de que realmente eles estavam vivos.

De que não era outra coisa que estava causando os desaparecimentos.

No domingo seguinte ele pegou a moto e seguiu a estradinha de terra batida dos Ararás até o pequeno entroncamento e dali já avistou a ponta do telhado da casa.

O cata-vento em forma de galo rodava devagar sob a brisa que vinha do bambuzal nos fundos da casa, junto com o ranger cadenciado dos troncos e o ciciar das folhas tangidas pelo vento da tarde.

A face de tijolos de barro cozido o olhava com curiosidade através dos olhos sujos e turvos de suas vidraças.

Angelo estacionou.

O lugar estava muito quieto.

Apenas o vento fazia algum barulho.

Ele abriu a porta.

O ar ainda estava seco e frio.

A primeira sala, no entanto parecia mais arrumada, como se alguém houvesse tirado um pouco do pó de sobre os móveis.

Ele andou pelo corredor até o quarto.

Também ali e depois na cozinha ele teve a mesma sensação, de que alguém andara arrumando a casa.

Limpando o pó e cuidando da casa.

Ele virou-se para o pequeno quarto-laboratório.

A porta estava entreaberta.

Ele a abriu devagar com um estalido seco e um rangido fúnebre.

Iluminou o ambiente com a lanterna, pois as cortinas continuavam fechadas.

Alguma coisa, porém havia mudado ali.

O ambiente parecia mais arejado, como se um vento viesse de algum lugar.

Angelo olhou para o espelho grande.

Estava descoberto, como ele o havia deixado quando saíra dali da primeira vez.

A luz da lanterna brilhou sobre a superfície do espelho.

E então ele viu outra luz brilhar ali.

Ele se lembrou para que Trigorin usava o espelho.

Era um portal para permitir que os homúnculos entrassem e saíssem de seu mundo subterrâneo.

Seu mundo artificial!

Um reflexo fugidio lhe fulgiu pelo canto dos olhos e Angelo se virou assustado.

A lanterna se refletiu de novo no espelho.

Foi então que ele viu...

Havia outras coisas refletidas no espelho...

Angelo sentiu um arrepio que lhe eletrizou o corpo e ele entendeu!

Não eram coisas refletidas no espelho.

As coisas se moviam dentro do espelho... e vinham em sua direção!

Ele pode ver muito bem o que estava lá.

Esperando por ele!

Não precisava esperar mais, tinha certeza do que eram.

Saiu da casa apressadamente.

Montou em sua moto e retornou para casa, acelerando um pouco mais enquanto cruzava o restante da vila abandonada.

Agora tinha certeza do que estava causando os desaparecimentos misteriosos e os incidentes estranhos ao redor dos limites de Laguna.

Sabia quem havia levado Conrado!

Mas o que podia fazer para afastar aquele mal?

Não podia saber, mas tinha a impressão de que fora assim que se iniciara o desaparecimento dos moradores da Vila de Passagem.

*

A primeira coisa que fez foi tentar encontrar alguma informação sobre o tal Trigorin.

Procurou primeiro nos jornais antigos da biblioteca de Laguna, porém neles havia apenas uma breve menção à chegada de um “Mestre Trigorin”, na Vila de Nossa Senhora da Passagem por volta de 1839:

Correio de Laguna.

05 de Janeiro de 1839.

Chegou hoje às terras de Algures o douto e misterioso Dr. Trigorin Von Deucaliah, vindo das terras da Europa.

Não satisfeito Angelo enfronhou-se nas correspondências da época e sondou os dois historiadores da região.

As histórias foram inconclusivas à princípio, pois todos pareciam querer esquecer o nome do homem.

Das vagas menções que conseguira encontrar a maioria delas dizia que Trigorin era um indivíduo enigmático e sombrio, que havia abandonado a Europa não por vontade própria, mas por ter sido obrigado a fazê-lo.

Os artigos históricos que haviam sido recuperados da biblioteca e prefeitura de Passagem, depois do desaparecimento de seus moradores, também não traziam muitas informações.

Diziam acima de tudo que ele preferia ficar sozinho e que não possuía amigos e ninguém o visitada em sua casa fora dos limites da cidade.

Uma missiva de um boticário de Passagem para seu irmão em Laguna afirmava apenas que em uma visita à Trigorin vira um quarto nos fundos da casa, ao qual o anfitrião o havia conduzido, cheio de frascos, alambiques, prateleiras de retortas e uma fornalha acesa.

Registros de boticários e herbalistas de Laguna indicavam que ele consumia grandes quantidades de ácidos e metais pesados em suas experiências.

Outras correspondências, desta vez de senhores da sociedade de Passagem e Laguna revelavam que por certas ocasiões ele era olhado com temor e estranheza e evitado como a peste por causa de seu comportamento destoante!

Depois disso Angelo foi pesquisar diretamente nas fontes europeias e o que encontrou deixou-o muito preocupado.

Em um compêndio de alquimia do início do século encontrou algumas informações mais detalhadas indicando que Max Trigorin Von Deucalíades nasceu em data desconhecida, em Garmish-Partenkirchen, pequena cidade aldeia alemã. Recebeu sua educação de seu pai, também médico e alquimista, e o acompanhava nas caminhadas, nas montanhas e povoados, ficava observando-o quando este manipulava medicamentos, com solenes invocações, aprendendo a gostar, logo cedo, das plantas e das ervas silvestres, iniciando-se no conhecimento e no amor pela natureza.

Formou-se médico, pela Universidade de Viena, também em data imprecisa. Mas não ficando satisfeito com a educação médica tradicional, viajou para o Egito, Arábia, Terra Santa, Hungria, Polônia e Tartária, no Reino do Grande Klan.

O compêndio indicava que em suas viagens, aprendeu com outros sábios a manipulação de produtos químicos, principalmente com Tritêmio, célebre abade do Convento São Jorge, em Wurzburg. Tritêmio em sua época fora criptógrafo, cabalista notável e químico consumado, descobridor de importantes fenômenos psíquicos de magnetismo animal.

Fascinado pelos Seres Elementais e pelos conhecimentos que adquirira com Tritêmio ele arvorava-se na tentativa de criação de um elemental em laboratório, gerado através da alquimia, porém suas ideias não foram bem recebidas no meio acadêmico e ele foi rotulado de louco, bruxo e outros nomes, como insistisse na tentativa de criação do ser artificial acabou tendo que fugir à sanha da população e do governo local.

As informações indicavam que havia vindo para as terras do novo mundo e cessavam aí.

Todas as menções à Trigorin praticamente sumiam depois de 1845 e seu nome desapareceu dos registros de forma abrupta.

*

Os dias passavam devagar.

Angelo releu o diário repetidas vezes, procurando encontrar alguma coisa que o ajudasse em sua empreitada, mas nada encontrou.

Angelo pensava, porém quanto mais o fazia, menos soluções conseguia encontrar.

Procurou nos jornais antigos por notícias ou alguma coisa que pudesse lhe ajudar.

Qualquer coisa!

O tempo, porém estava contra ele, pois os misteriosos desaparecimentos e estranhos acontecimentos continuavam a acontecer:

O Arauto de Laguna noticiou alguns dias depois:

“Desapareceu no último fim de semana a universitária e filha do famoso arquiteto Maurício Lopez, Tarsila Lopez. A jovem havia ido dar um passeio na trilha turística da Floresta dos Macacos, porém nunca mais retornou. Seu desaparecimento foi noticiado pelo pai, que organizou uma busca cerrada no local, mas sem nenhum sucesso. Outras buscas foram conduzidas pela polícia e pelo grupo de investigação de desaparecimentos e até a presente data nada foi descoberto. Este desaparecimento é parte de uma série de treze pessoas que já sumiram no local desde o último janeiro. A Polícia Federal está investigando detidamente toda a região com a suspeita da existência de um maníaco ou assassino na região, mas por ora o Dr. Erico Teixeira da Silveira, Delegado Federal encarregado do caso, não quis aventar hipóteses. Esta série de desaparecimentos na região coloca em xeque a polícia e os bombeiros que até agora não puderam dar nenhuma explicação sobre os casos.”

A Gazeta de Laguna também reportou:

“A Sra. Frida Almar, viúva de 53 anos, desapareceu na data de hoje sem deixar vestígios. A mesma havia saído para passear com suas duas primas na beira da mata na região adjacente à mal falada Floresta dos Macacos e desapareceu. Durante o passeio a Sra. Frida caiu em um pequeno lamaçal que se origina em um dos muitos córregos da região e ficou molhada, por isso resolveu voltar sozinha para casa para trocar de roupa. Sua residência fica no fim de uma das ruas que leva até o local. Não foi mais vista desde então. As primas deram depoimento à polícia sobre o fato e foram organizadas buscas pelo local, mas nada foi encontrado que indicasse o que aconteceu com a Sra. Almar.”

Afinal Angelo passou para a sessão de brevíários mais antigos das décadas anteriores.

Enfim depois de quase uma quinzena lendo todos os jornais antigos que conseguiu encontrar na biblioteca, Angelo finalmente e quase que por acaso leu uma notícia que o animou no Correio de Recife Velho:

“Hoje finalmente teve fim a agonia e o terror que faziam esta cidade de refém! O Delegado Crispim, ajudado pelo Dr. Cerquera e pelo adido policial Sr. Hiram Zazué, conseguiram pôr fim ao maníaco que andava matando os cidadãos de nossa cidade. Após uma luta tremenda o delegado alvejou o criminoso que caiu dentro das águas do Capibaribe. O corpo do biltre não foi encontrado, mas o Prefeito garantiu que o criminoso morreu! É com grande alegria que recebemos esta notícia. O Sr. Hiram já havia anteriormente ajudado em outro caso

terrível há vinte anos, quando deram fim ao terrível Vampiro de Suassuna, e foi com muita humildade que recebeu das mãos do próprio Sr. Prefeito a medalha por serviços prestados à esta cidade juntamente com o Dr. Delegado Crispim e o Dr. Cerquera.”

Quando leu a notícia Angelo soube que aquele homem poderia ajudá-lo, mas onde poderia encontrá-lo?

Foi então que prestou atenção à data da notícia: 29 de agosto de 1910!

Quase sessenta e seis anos atrás!

Angelo perdeu as esperanças, o homem já havia morrido à esta altura.

Senão deveria ser muito velho e certamente não se lembraria de nada.

Saiu da biblioteca cabisbaixo e triste.

Subitamente uma pessoa parou à sua frente.

Angelo levantou a cabeça assustado e o que viu o fez ficar um pouco mais assustado:

À sua frente estava parada uma velha cigana, vestida com roupas que um dia foram coloridas, mas que haviam perdido toda cor levada pelos anos, em seus braços ainda havia pulseiras e nos dedos anéis, porém gastos e sem brilho, o cabelo branco estava amarrado em coque, uma moda de quase sessenta anos atrás.

Ela o olhou profundamente nos olhos e falou com uma voz rouca e encarquilhada.

— Vosmecê é Ele que voltou! Vosmecê é o patrão dos diabinhos, eles já sabem!

— O que? — perguntou Angelo sem entender — Não sei do que a senhora está falando...

— Procure o velho da mata, ele vai ajudar vosmecê! — disse a velha cigana agarrando a mão de Angelo com força — Ele já viu, ele sabe, ele já fugiu de lá...

Angelo soltou-se meio aturdido.

Não sabia o que pensar.

Quando procurou a velha para lhe perguntar se era o velho Hiram a pessoa de quem estava falando já não a encontrou mais.

Sumira-se no ar!

“Que coisa estranha.” — pensou ele.

Mas agora estava realmente decidido a ir procurar o velho Hiram.

Precisava descobrir se ele ainda estava vivo e onde vivia.

Talvez lá em Recife Velho soubessem lhe dizer.

Mas Angelo acabou retardando a viagem por mais quinze dias até conseguir uma folga da faculdade.

Afinal desceu na rodoviária de Recife Velho.

Foi até a Delegacia Central de Polícia.

O prédio imponente de doze andares o fez subir e descer mais de meia dúzia de vezes.

Indo de andar em andar para conseguir localizar a seção de registros de antigos policiais e adidos policiais.

Ainda assim o acesso não o permitiu ir muito longe.

Eles não forneciam endereços ali!

Muito menos o de alguém que foi adido em uma investigação encerrada há mais de cinquenta anos atrás.

O homem que o atendeu riu da sua cara quando Angelo perguntou se poderia pelo menos lhe dizer qual a cidade do último endereço conhecido dele.

— Foi em Paraíso Thobias, em 1910, quando foi chamado para a condecoração sobre o caso que havia ajudado a resolver. Deve estar por lá ainda! — disse o atendente rindo.

— Muito obrigado. — agradeceu Angelo.

— Se você tiver sorte e ele estiver vivo. — falou o homem rindo.

— Porque se ele estiver vivo? — perguntou Angelo sem entender.

— Porque ele já deve ter mais de cento e sessenta anos se estiver vivo. — disse o homem com uma gargalhada.

Angelo saiu do prédio bem cabisbaixo.

Sabia que suas chances de encontrar o homem vivo eram quase nenhuma, mas não poderia deixar de tentar.

Principalmente agora que a velha cigana o havia advertido sobre isso.

Voltou no mesmo dia para Laguna.

Dois dias depois seguiu para Paraíso Thobias.

Era uma boa desculpa para visitar a família e ficar um pouco em casa.

A primeira coisa que fez foi procurar no cartório de imóveis da cidade.

Ali encontrou um registro de imóvel em nome de Hiram Zazué.

O endereço era muito conhecido seu, pois passara por ali muitas vezes, ficava inclusive perto da casa de seus pais, na Avenida Acácia.

Depois do almoço e de um sem número de perguntas do pai e da mãe ele saiu para ver o lugar.

Uma nostalgia triste ainda lhe enchia o coração quando andava por aquelas ruas de sua infância.

Afinal chegou ao seu destino.

Angelo estacionou a motocicleta e desceu.

Era ali, pensou ele, que morava o tal Hiram.

A casinha pequena feita de tijolinhos à vista era a última casa do lado esquerdo da Rua dos Espinheiros, bem na borda do Largo do Chora Menino, um campo largo que ficava nos limites da cidade.

O telhado baixo deixava entrever uma chaminé comprida e calada.

Ao redor da casa o gramado era bem cuidado e aparado, possuía roseirais de ambos os lados, rosas vermelhas e brancas se entremeavam e sobressaíam pelas estacas pintadas de banco da cerca de madeira.

O odor das rosas era pungente.

Uma pequena calçada de pedras acinzentadas levava do portão até a porta de entrada.

Angelo, como outro antes dele, olhou-a de fora do quintal, e ela lhe pareceu confortável e convidativa.

Não conseguia entender como era possível que ali naquela casa morasse o "Velho da Mata", como o povo da cidade o chamada.

Sabia que o velho já havia sido da polícia e mesmo depois que saiu ainda continuou a ajudá-los em casos estranhos.

Era por isso que havia vindo procurá-lo.

Chegou à frente do portão e bateu palmas.

Esperou um momento e já ia bater de novo, desesperançado, quando uma figura estranha surgiu vindo pela estradinha de terra batida do lado direito da casa.

Um negro muito muito velho veio andando bem devagar, em passos cadenciados e firmes, seus dois olhos encarvoados miravam o rapaz e nas mãos trazia uma grande tesoura de podar.

— Bom dia, o que vosmecê deseja? — disse em uma voz rouca, agourenta e monótona que fez Angelo se arrepiar todo.

O rapaz adiantou-se:

— Estou procurando o senhor Hiram Zazué. Ele mora aqui? É o senhor?

— Porque o moço quer saber?

— Meu nome é Angelo, moro em Laguna. Estou com um problema muito grave e me indicaram ele.

— Não sei qual o seu problema, meu rapaz. — disse o velho com um meio sorriso — Mas não acredito que eu possa lhe ajudar!

— O senhor é o senhor Hiram? — perguntou Angelo ansioso.

— Sou eu sim senhor. — respondeu o velho com a voz tranquila.

— Podemos conversar, tenho certeza que pode me ajudar.

O velho o olhou com um olhar perscrutador.

— Você tem mais certeza que eu nesse negócio meu rapaz, mas eu estava mesmo indo tomar meu chá da tarde, seja meu convidado.

Abriu o portão e conduziu Angelo até a porta.

— Não ligue para a arrumação. — explicou o preto velho sorrindo — Faz anos que me mudei pra cá, mas as coisas parecem não querer permanecer no lugar que as coloco e ficam o tempo todo mudando de lugar.

Angelo reparou que o interior da casa estava bem arrumado, a sala era pequena, com um tapete vermelho, azul e branco no centro e sofás esverdeados e gastos com almofadas de cores berrantes em cima.

Uma grande estante cheia de livros tomava uma das paredes completamente, enquanto as outras duas tinham janelas grandes e abertas que iluminavam bastante o aposento.

O candelabro elétrico que pendia do teto estava desligado.

Do outro lado a porta que levava aos outros cômodos.

Uma cadeira de balanço de madeira negra ficava ao lado da estante e sobre ela havia um livro pequeno aberto.

O velho apontou o sofá.

— Pode sentar-se rapaz, já volto com o chá.

O negro velho deu um sorriso de lado, tomou um cachimbo de barro de aparência bem mais velha que ele próprio, foi até a cozinha próxima e acendeu devagar.

Depois tirou uma grande chaleira alaranjada que apitava de cima do fogão e passou um chá de folhas verdes para ambos.

Trouxe uma xícara fumegando para Angelo e ele próprio pegou a sua e sentou na cadeira de balanço, inalou a fumaça devagar e olhou bem para o rosto do rapaz.

Angelo tomou um gole do chá forte.

— É verdade que o senhor já morou na Vila de Passagem? Antes dela... dela...

— Antes de ela morrer? — perguntou o velho marcando bem as palavras — Sim, eu tinha uma casa na vila de Passagem, além dos limites da cidade, perto das matas da fazenda São Sebastião, mas começaram a acontecer umas coisas estranhas e resolvi me mudar. Afinal, aqui é bem mais

confortável. Mais ao meu estilo. Mas isso já faz muitas décadas já, mais de meio século. Porque a pergunta?

— Por que... eu sei o que aconteceu na Vila de Passagem. — disse Angelo com a voz entrecortada.

— Você sabe? — perguntou o velho olhando Angelo com os olhos bem acesos.

— Sim, sei.

— E o que aconteceu lá?

Angelo respirou fundo e falou:

— Um alquimista criou criaturas com matéria que não era deste mundo e elas ficaram vivas e....

— E devoraram a cidade? — perguntou o velho com um sorriso.

Angelo olhou-o com os olhos arregalados.

— Como sabe? O Senhor já sabia disso?

— Sim eu sabia. — falou o velho Hiram com uma voz cansada — Muitos na cidade sabiam ou achavam que sabiam o que estava acontecendo e fechavam os olhos, até que pessoas começaram a desaparecer. Alguns deles chegaram à me procurar e queriam que eu resolvesse o caso, mas já era tarde demais. Eu os avisei, mas não me deram ouvidos, então me mudei de lá.

— Sabiam?

— Sim, mas nunca ninguém admitiu isso. Eles morreriam antes de admitir que havia alguma coisa de sobrenatural por trás daqueles desaparecimentos.

— E o senhor não podia fazer nada à respeito?

O velho tirou uma longa baforada do cachimbo e olhou para Angelo com aqueles olhos pretos acessos como brasas.

— Trigorin chegou em Nossa Senhora da Passagem em 1838. Acredito que foi por volta de 1839 que ele conseguiu criar os homúnculos, mas não tenho certeza. Eu o conheci quando ainda era criança, em 1842...

— O senhor o conheceu? — perguntou Angelo se conseguir acreditar.

— Sim, eu tinha quinze anos na época. Estava acompanhando meu Sinhô Masasuê Kuro, um médico e físico chinês que havia me comprado de meu antigo dono, um senhor de engenho nas lonjuras de Santa Cruz da Serra. Eu era filho de escravos, rapaz! Nasci escravo e servi Masasuê durante muitas décadas. Ele afinal me alforriou, mas sempre foi um patrão muito bom e honesto.

— E o senhor chegou a conhecer Trigorin?

— Sim, eu o conheci, como disse, quando meu Sinhô foi visitá-lo para levar algumas encomendas que ele havia pedido e que não poderiam ser entregues por outras mãos. Isso foi em 1842, naquela época eu morava em São Thiago dos Ilhéus.

— Como ele era? — perguntou Angelo curioso.

O velho olhou-o detidamente por alguns momentos.

— Era muito parecido com vosmecê, rapaz. Quando o conheci ele era mais velho, mas quase posso dizer que se o tivesse visto mais jovem ele teria a sua cara.

— Que estranho, pois o senhor não é a primeira pessoa que me diz isso.

— Não? — perguntou o velho Hiram estranhando a declaração — Quem mais disse isso?

— Foi uma velha cigana que encontrei uns dias atrás quando saía da biblioteca.

— Uma cigana bem velha? — perguntou Hiram levantando-se e indo até a janela.

— Sim, bem velha, com o cabelo todo branco.

Hiram voltou-se e o encarou:

— Era a velha Alzira! Dizem que ela foi a única pessoa que conseguiu fugir da Vila de Passagem no dia em que todos desapareceram. — falou o velho Hiram pensativamente.

Depois complementou:

— Ela conheceu Trigorin e se disse isso é porque vosmecê é realmente parecido demais com ele.

O negro velho tirou uma baforada do cachimbo e balançou a cabeça, olhando muito sério para Angelo.

— Não há nada que você possa fazer rapaz, já enfrentei coisas terríveis, mas a Maldição de Trigorin é invencível, não pode ser sobrepujada, e sua fome é insaciável!

Um silêncio profundo caiu sobre a sala, e Angelo sentiu um frio súbito lhe enregelar o espírito, mesmo no calor que estava aquele verão!

VIII — O Horror

“Who owns the night? — asks The Raven.

The Death! — answers The Ghost.”

From: *Nightmares and Other Night Fears*, by Rosalind Phósforo

Setembro de 1986.

Angelo continuou visitando a biblioteca!

Descobriu notícias de horrores esquecidos em velhos jornais, leu sobre grotescos desaparecimentos em periódicos velhos.

Ele sabia que o que estivera na Vila de Passagem agora estava vindo para a cidade de Laguna.

Havia atravessado as águas do Rio Castanho e cruzado a Floresta dos Macacos já.

Estava cutucando as beiradas da cidade.

Levando aquelas pessoas que eram sozinhas e que ninguém queria mais!

Os velhos, os desgarrados, os párias, eles sempre iam primeiro.

Era o começo do fim.

Precisava fazer alguma coisa, mas não sabia o que fazer!

O velho não poderia estar certo.

Aquelas pequenas caricaturas de homens não poderiam ser invencíveis.

Sabia que temiam a água, ou pelo menos que não gostavam dela, por isso demoraram tanto tempo para chegarem até Laguna.

Precisavam encontrar um caminho que contornasse o rio, por isso demoraram, devem ter palmilhado todas as terras ao redor.

Provavelmente o fizeram através das cavernas da Serra Diamantina, pois foi no bairro que ficava mais perto do sopé destas montanhas que os desaparecimentos haviam se iniciado.

Lera sobre eles já nos jornais velhos das décadas de sessenta.

Uma ou outra pessoa que sumia nas trilhas da região da matas de Cercamundo, um caçador que não voltava mais de uma caçada.

Foi assim que começou!

Mas o que havia acontecido antes?

O final do diário de Trigorin era completamente inconclusivo.

Angelo sabia que os homúnculos haviam se voltado contra ele, ou assim parecia, mas não conseguia saber o que havia acontecido.

As últimas páginas haviam sido arrancadas, não tinha como saber o fim do alquimista.

Não havia pistas na casa da mata.

Se houvesse alguma coisa deveria estar naquela estufa do fundo do quintal à qual Trigorin havia se referido tantas vezes.

Mas Angelo não se lembrava de ter visto uma coisa assim no fundo da casa.

Talvez estivesse escondida dentro do bambuzal perto do muro preto dos fundos.

Não havia ido até lá nas duas vezes que entrara na casa.

Precisava voltar mais uma vez lá para ter certeza, mas a ideia de ficar cara a cara com aquele horror quase o fazia desistir da ideia.

Não podia, porém, ficar de braços cruzados.

A ansiedade de descobrir o que havia acontecido tomou conta dele.

No dia seguinte bem cedo ele pegou a moto e seguiu a estradinha de terra batida dos Ararás até a casa abandonada na mata.

Não havia vento naquele dia.

O cata-vento em forma de galo estava parado e apontava para os cabeços das serras, mas o bambuzal nos fundos da casa rangia cadenciado como se tivesse vida própria.

Contornou a entrada da casa e seguiu pelo caminho gramado que ia para os fundos do quintal.

O lugar estava muito quieto.

Subitamente um redemoinho de vento veio cortando o capinzal e levantou uma cortina de pó e folhas ciciantes.

Rodopiou alguns instantes pelo terreno aberto do fundo da casa agourentamente, como se o observasse e então rumou para os campos abertos do outro lado da propriedade e desapareceu na mata.

Angelo arrepiou-se todo, mas continuou em frente.

Chegou até o muro preto.

Uma parte estava quebrada e caída para fora do terreno.

Ele atravessou o buraco com cuidado.

O bambuzal abria-se em um pequeno carreiro quase em frente à saída do muro.

A terra estava batida como se fosse usada.

Angelo procurou marcas pelas sombras dos bambus, mas não encontrou nenhuma.

Uns cinquenta metros depois do bambuzal ele encontrou um campo grande e procurando muito afinal ele encontrou vestígios do que parecia ser uma velha construção consumida pelo fogo, ou o que restara dela.

Havia apenas um dos pilares de tijolos vermelhos muito antigos de um dos lados, mas bem no meio do espaço aberto, no qual não crescia nenhum pé de mato, ele foi capaz de descobrir o que parecia ser uma fina camada de ouro derretido sobre cinzas e madeira, capturados para fora do tempo pela cobertura de ouro.

Não era muito grande, era um quadrado irregular de dois por dois.

Uma coisa atrás da mesa chamou a atenção de Angelo quando ele levantou a cobertura fina de ouro.

Porém quando ele olhou o horror o assaltou!

Era como se houvessem muitos pequenos montes de terra negra escondidos sob a cobertura, guardados da ação do tempo e da chuva.

Ele conseguiu contar dez ou doze.

Não havia outras marcas visíveis.

Angelo aproximou-se com cuidado.

A atmosfera do lugar era quase mística, um ar frio pairava sobre o lugar, mesmo com a luz do sol quente refletindo-se por entre as árvores.

Não havia medo ali, nem horror, apenas paz!

Talvez afinal Trigorin houvesse conseguido dar fim à quase toda sua criação ali naquele lugar!

Mas alguns deles haviam escapado e sem sombra de dúvida haviam procriado ou conseguido um meio de se reproduzirem sem a ajuda do velho alquimista!

Angelo ficou ali durante algum tempo ainda.

Procurou outros vestígios que pudessem indicar o que havia acontecido, mas não encontrou mais nada.

Quando se voltou para ir embora, viu por um segundo uma pequena sombra negra agachada em um dos cantos do campo.

Um arrepio de terror passou por seu espírito, mas Angelo conseguiu se conter.

A primeira coisa que passou por sua mente foi sair correndo e não parar até estar bem longe, mas então lembrou-se do porquê viera até ali.

Não podia simplesmente dar as costas ao problema.

Precisava enfrentá-lo de frente se quisesse resolver de uma vez por todas aquilo.

Muito devagar ele voltou-se em direção à pequena sombra.

Ela pareceu encolher-se, como se tivesse medo dele.

Ele deu um passo adiante e ela retrocedeu.

Ele então falou:

— Não precisa ter medo de mim!

Sua própria voz lhe pareceu estranha, como se viesse de debaixo da terra, estava mais grave e séria.

Angelo teve um sobressalto.

Pois imaginava que deveria ser muito parecido com Trigorin, pelo menos de rosto, a cigana já havia deixado isso bem claro e o velho Hiram também lhe dissera, não esperava, porém que os homúnculos acreditassem nisso.

Deu mais um passo em direção à pequena sombra, mas ela pareceu fundir-se com a vegetação e sumiu.

Angelo voltou pelo mesmo caminho, mas não encontrou o homúnculo de novo.

“Deve ter ficado com medo de mim e fugiu.” — pensou ele.

Era de certa forma um pensamento reconfortante.

Mas também era muito perturbador.

Se eles achassem que seu antigo mestre havia voltado, que será que iriam fazer em seguida?

Talvez ficassem com medo e sumissem de novo... ou talvez resolvessem ir atrás dele....

Agora conhecia o final da história de Trigorin, mas ainda havia a história dos homúnculos, e esta parecia estar bem longe ainda de um final, fosse ele qual fosse.

Saiu do bambuzal e retornou para frente da casa, olhando sempre para os lados e para trás, para ter certeza de que não havia ninguém lá.

Quando chegou ao quintal dos fundos sentiu que havia alguma coisa o observando, mas não sabia o que era.

Sabia que não eram os homúnculos, pois eles teriam aparecido para ele, agora que sabiam que ele não era um fantasma, mas sim uma pessoa real.

Era outra coisa.

Pelo rabo do olho conseguiu apanhar um vulto pelo meio dos troncos das árvores mais distantes, onde a mata invadia o quintal.

Era como um índio jovem nu, de pele acobreada, com cabelos enfoguedidos de uma ruivez em brasa, olhos esmeraldinos, trazia em uma das mãos uma vara comprida de madeira enegrecida e seus pés, estranhamente, voltavam-se para trás.

Foi apenas uma visão muito fugaz, sumiu como surgiu.

Angelo pensou que era sua imaginação tentando lhe pregar uma peça.

Montou em sua moto e retornou para casa, dirigindo bem devagar.

Nos dias que se seguiram ele refletiu muito sobre sua experiência nas ruínas da casa queimada depois do bambuzal.

Retornou ao diário de Trigorin várias vezes, lendo e relendo as passagens finais.

Sabia que os homúnculos temiam o velho alquimista.

Principalmente porque foi ele quem os criou e assim parecia ter poder de vida e morte sobre eles.

Pelo menos era isso que Trigorin deixava entrever em seus escritos.

E ele estimulava essas ideias neles.

Talvez para ter como exercer um controle sobre eles.

Principalmente para educá-los quanto à questão de comer carne humana, porque de vez em quando eles retornavam à este hábito terrível.

Talvez afinal sua semelhança com o velho alquimista fosse de algum proveito para o que tinha em mente.

Se eles achassem que ele de alguma forma havia retornado da morte ele poderia exercer algum controle sobre eles.

Agora Angelo sabia o que tinha que fazer!

A ideia, porém o assustava muito.

Viajou até Paraíso Thobias, até a casa dos pais, e ali despediu-se deles.

Não explicou muito, mas deu a entender que iria ficar fora muito tempo em uma pesquisa de campo nos sertões do oeste.

A mãe chorou muito com a despedida e o pai o abraçou ternamente.

De retorno à Laguna ele despediu-se das amigas.

Não podia explicar o que iria fazer, deixou claro que seria uma viagem muito prolongada, para que não se preocupassem.

Afinal, deixou todas as coisas prontas.

Saiu em um domingo bem cedo.

O barulho da motocicleta cortava o ar frio da manhã.

Encaminhou-se para o âmago da Floresta dos Macacos.

Acreditava que os homúnculos estavam vivendo ali, pois era o maior foco de pessoas desaparecidas através das décadas.

Pegou um caminho de terra batida que seguia pela borda da floresta em direção à Serra Diamantina até chegar bem perto do sopé da serra.

Ali deixou a moto, escondida atrás de umas moitas de espinheiro branco.

E entrou na mata.

Depois nunca mais foi visto!

IX — A Ilha sob a montanha

*“A terrível Eternidade uma vez chorou
Sobre o túmulo de um rouxinol!”*

In: Tristeza na Floresta, Phósforo

05 de novembro de 2015.

O sol desponta frio sobre o Vale do Lírio Verde logo abaixo da confluência dos braços do sul da Serra Diamantina.

As nuvens baixas inundam a região com sua brancura feérica.

A floresta acorda com o súbito ruído de uma motosserra.

Pássaros voam assustados!

Homens atravessam o solo virgem da mata, trazendo barulho e desassossego em seus passos.

Na frente Regina caminha decidida.

Nunca havia descido tanto para aquela região agreste.

Já visitara o Chapadão do Grande Carro e a Serra da Estrela, mas nunca havia descido até aquele ponto.

Ali a mata ainda era virgem de tudo mesmo!

Nenhuma das equipes de geólogos de Laguna ou de Recife Velho havia explorado aquela região ainda.

Mas precisavam mapear a coluna de montanhas que formava o eixo da rede pluvial da região para identificar as nascentes e quem sabe talvez até conseguir mapear o sistema de cavernas que jazia abaixo da Serra Diamantina.

Levaram quase três dias para dar a volta na Floresta do Encantado e pegar o início da Serra.

As informações dos mapas enviados pelos satélites indicavam um baixo relevo bem naquela extremidade, como o início de uma formação de cavernas, talvez o começo da série de cavernas que se estendia por toda a região.

Adiante um dos mateiros a chamou e apontou para adiante.

— É ali? — perguntou ela ao outro geólogo ao seu lado.

— Sim, é ali. — confirmou Alvarez — As fotografias mostram claramente a entrada, mas parece que tem uma obstrução.

— Como assim? — perguntou ela.

— Parece que encontramos outra coisa na entrada. Vamos confirmar primeiro o que é. — disse Alvarez se adiantando.

Desceram por um barranco íngreme até o fundo do vale estreito.

Longe ouviram o canto misterioso do Uirapuru.

Adiante Regina pode ver um grande buraco aberto bem no sopé da montanha, as rochas afloravam ao redor como uma grande boca cheia de dentes aberto para o céu.

As árvores escondiam boa parte da entrada, mas eles puderam ver que havia um caminho ali, uma trilha muito antiga e estreita que serpenteava por entre as rochas e árvores e entrava pelo buraco.

A boca da caverna deveria ter pelo menos cento e vinte metros de altura, cheia de árvores e samambaias.

Próximo ao canto esquerdo o mateiro havia localizado uma coisa estranha.

Quase escondida por entre as árvores centenárias e as samambaias e fetos antigas havia uma pequena cabana abandonada.

A equipe de geólogos armou acampamento na frente da cabana e preparou-se para explorar a caverna.

Antes de entrarem, porém, Regina decidiu ver a cabana.

Algo ali chamava sua atenção.

Era uma construção antiga, ela estimava que tivesse pelo menos vinte anos talvez mais.

— Não sabia que havia pessoas morando na região. — disse Alvarez.

— Não tem ninguém não senhor. — respondeu o mateiro olhando a cabana com estranheza.

— Deve ser de algum outro mateiro que caçava por estas bandas. — concluiu Regina.

— Não tinha ninguém por aqui, não senhora. — explicou o homem — Depois do sumiço das pessoas da vila do outro lado das montanhas ninguém mais vinha pra cá com medo de sumir também.

— Mas isso foi há muito tempo, não foi? — perguntou Regina.

— Sim, foi em 1910. — disse o caboclo mexendo na espingarda que trazia a tiracolo e olhando ao redor — Mas ainda hoje todo mundo evita esse lugar.

— São só superstições! — disse Alvarez arrumando o tripé da câmera digital para iniciar a cobertura do lugar.

— Não são não senhor! — falou o caboclo arrumando o cinto — Meu tio-avô contou que uma vez um grupo de caçadores veio até aqui, na década de setenta e nunca mais voltaram.

— Ele estava junto? — perguntou Regina interessada.

— Não, mas um amigo dele que estava nunca mais foi visto.

— Bem, vamos deixar isso de lado e começar a documentar que a luz da manhã já vai chegar no ápice. — disse Alvarez.

Regina foi em direção da cabana:

— Quero ver o que tem aqui dentro antes.

— Pra que? — perguntou Alvarez sem entender — É só uma cabana de caçador clandestino.

Mesmo assim ela aproximou-se e devagar abriu a porta.

A madeira rangeu de forma agourenta.

O interior estava claro, pois o teto estava cheio de buracos por onde se filtrava a luz do sol formando uma teia que iluminava todo o ambiente.

Por dentro parecia maior do que por fora.

O primeiro cômodo era pequeno e tinha uma mesa rústica e um fogão de barro à um canto.

O chão de terra batida parecia limpo e bem cuidado, como se quem morasse ali não tivesse realmente abandonado o lugar ainda.

Regina entrou no segundo cômodo, era o quarto.

A cama de bambu e palha estava bem feita ainda.

Ela olhou ao redor.

Parecia que quem vivia ali havia apenas saído, pois o lugar estava quase intocado e arrumado.

Súbito um reflexo de um raio de sol mostrou que havia alguma coisa embaixo da palha da cama.

Ela se abaixou e viu que era uma caixa de metal, parecia ferro, não era grande, apenas uns vinte centímetros de largura.

Não era muito antiga, talvez tivesse a mesma idade da cabana.

Pesava um pouco, tinha um cadeado pequeno da PADO trancando-a, o que indicava que não deveria ter mais que alguns anos que estava ali.

Balançou a caixa e viu que havia alguma coisa ali dentro.

Regina resolveu levá-la consigo para ver o que havia ali.

Saiu da cabana, guardou a caixa em sua mochila e a esqueceu completamente.

Muito tempo depois, quando retornou da viagem retirou-a da mochila e colocou-a sobre sua escrivaninha, pensando em abri-la, mas sempre postergando a ideia.

Acabou usando-a como peso de papéis, e assim ela ficou escondida em plena vista por quase dois anos.

*

Uma noite Regina recebeu uma visita inesperada:

— Andrea, que bom revê-la!

— Pois é, tive que vir já que você não saia mais de casa! — disse a amiga.

— Estava ocupada com tantas coisas na cabeça.

— Você precisa sair e espairecer, já faz muito tempo que só fica em casa e trabalha sem parar.

— Sabe como é, tenho muito o que fazer... — disse Regina com um meio sorriso.

— Não tem não. Hoje vamos tirar a noite de folga. O que quer fazer?

— Não sei, pensei em trabalhar um pouco, tenho tantos artigos para rever.

— Nada disso. — falou Andrea rindo — Hoje vamos jantar e assistir um bom filme, daqueles bem antigos pra matar a saudade.

Regina sorriu.

Enquanto ela preparava o jantar, Andrea começou a bisbilhotar a escrivaninha.

— Quanta coisa inútil por aqui. — disse ela mexendo nos livros e pegando na caixa de metal — Até uma caixa velha você tem aqui. De onde veio isso?

Regina olhou a caixa e lembrou-se:

— Ah, é de uma viagem que fiz há uns dois anos atrás para o início da Serra Diamantina, encontrei ela em uma cabana perto da entrada das Cavernas dos Uirapurus.

— Naquele lugar assombrado? — perguntou Andrea manuseando a caixa.

— Sim. O lugar até que é bem bonito. As cavernas são bem profundas, algumas lendas dizem que elas seguem sem fim até o centro da terra.

— E o que tem dentro? Vai me dizer que você nunca abriu a caixa? — perguntou Andrea descrente.

Regina pensou um pouco.

— Ah, sempre tive curiosidade, mas nunca abri não. Ela sempre me pareceu tão misteriosa que resolvi deixá-la assim!

— Então vamos abrir hoje. — disse Andrea muito curiosa — Não acredito que trouxe a caixa e deixou ela aqui durante dois anos...

— Pois é. — disse Regina pensativa — Pensando nisso agora é estranho nunca ter aberto mesmo!

Após o jantar e com muito cuidado eles conseguiram abrir o cadeado meio enferrujado.

Dentro havia um caderno, como um diário, encadernado em couro velho.

Estava ilegível em sua maior parte, consumido por fungos e bolor, mas ao abrir a primeira página elas se espantaram com a descoberta, pois puderam ler em letras angulosas e bem delineadas:

Angelo Azevedo — Registros de Experiências — 1986

A primeira anotação datava de outubro de 1986:

"Estas são as anotações sobre as minhas experiências com os homúnculos criados por Trigorin, para aqueles que vierem depois."

Vila de Passagem

11 de outubro de 1986

M. v. AnGeLo AZeVeDo

— Isso é impossível! — disse Regina tentando entender — Como pode ser que isso tenha estado tanto tempo perdido dentro daquela cabana?

— Mais estranho ainda é você ter encontrado isso e nunca ter tentado abrir e ver o que era. — disse Andrea.

Em silêncio elas sentaram-se juntas no sofá e tentaram decifrar o que ainda podia-se ler do diário, mas apenas as últimas páginas ainda estavam legíveis:

26 de dezembro de 1986

Afinal eu encontrei o covil! Tive que ir mais longe do que pretendia e acabei descendo até o fim da Serra Diamantina. Até um lugar chamado Caverna dos Uirapurus, pois aqui no crepúsculo o canto misterioso e fantasmal desse pássaro é sempre ouvido. É aqui que eles habitam! Construí um pequeno abrigo quase ao lado da grande abertura da caverna, deve servir como ponto de retorno e descanso enquanto os procuro. Vou descer amanhã!

31 de dezembro de 1986

Encontrei o que procurava afinal! É terrível... monstruoso e ao mesmo tempo inacreditável! São os homúnculos de Trigorin, dezenas deles! Jamais imaginei ver o que vi lá embaixo. Vivem nos poços profundos e nas grotas abertas nas raízes das próprias montanhas. É demasiado incrível! Como uma grande colmeia negra brotando da própria terra. Como sonhos amorfos e negros, sobrenaturais, preenchendo os vazios daquelas cavernas de loucura! Dali eles devem usar alguma rede de passagens subterrâneas ou túneis muito abaixo dos lençóis freáticos que alimentam toda esta região daqui até quase o limite de Laguna ou talvez até mais além, não sei dizer. Agora sei que não poderei usar

contra eles o mesmo estratagema que Trigorin usou pois são muitos e estão dispersos por aquelas cavernas mais profundas. Deverei primeiro reuni-los e depois... só Deus sabe se terei sucesso no fim que almejo. Encerro aqui este diário e o deixo para que sirva como registro de tudo o que aconteceu! Adeus!

Foram as últimas palavras de Angelo!

Não eram, porém as últimas palavras escritas no diário!

Ao virar a página elas tiveram um sobressalto, pois a parte mais assombrosa do diário não havia sido escrita na letra angulosa e bem delineada de Angelo!

Estava escrito em uma letra pequenina e quase ininteligível, incapaz de ser escrita por mãos humanas e foi isso que elas conseguiram ler:

05 de novembro de 1995

Hoje o Mestre não está mais entre nós! Ele deitou-se e dormiu e sabemos que não acordará mais. Aguardamos sua próxima vinda e guardamos seus ensinamentos nas palavras que nos ensinou:

“Não comer carne de homem, esta é a Lei!”

X — Curi

I

A gleba é toda verde,
cálices de madeiros roxos
ombro a ombro cerram fileiras,
perfumando de agreste resina
todos, pinheiros do paraná.

O azul canoro destacava-se vivaz
pulando braços-galhos, braços hirtos,
voa, descansa, procura incessante
o sabor roxo das pinhas,
todos, pinheiros do paraná.

O bico rasga áspera nudez,
da pinha.
O pinhão túrgido cai,
a gralha voa,
todos, pinheiros do paraná.

A lâmina fina na gleba
colhe o fruto caído,
o esmeralda escuro lhe cobre
são a sombra de seus pais,
todos, pinheiros do paraná.

As velhas árvores dançam
ombro a ombro, galhosas fileiras,
os troncos roxos vergam
seus cálices sussurram um vento de ninar
todos, pinheiros do paraná.

II

Com um arquejo inflorescente
vem a rama, vem a raiz,
o bruto nu
amadurece e cresce,
todos, pinheiros do paraná.

Perene suas grimpas,
caules em ereto cilindro,
espiralam e lançam folhas
coriáceas lanças femininas,
todos, pinheiros do paraná.

A gleba se agita viva

os nós dos pais, já velhos,
dão espaço aos filhos, crescendo,
araucária sorri,
todos, pinheiros do paraná.

Tempo após tempo,
palmo à palmo
madeiro, grimpa e seiva vem
vem enchendo o capoeirão
todos, pinheiros do paraná.

Tempo sobre tempo,
amadurece a idade,
a copa se abre em flor
candelabro majestoso
todos, pinheiros do paraná.

III

Pela imensidão de pinheiros
forte vem o vento, agreste,
tomando pó das flores arroxeadas,
mãos invisíveis cheias de vida,
todos, pinheiros do paraná.

Forte é o vento da estação,
fecunda pinhas rugosas em flor,
copa sobre copa ele passa
outono das idades,
todos, pinheiros do paraná.

Frutificam as pinhas lenhosas,
pinhões de escamas coriáceas,

os pinhais se agitam em abundância
copa sobre copa, crescem roxas,
todos, pinheiros do paraná.

A madurez exala sua resina
vem o azul canoro, o bugio
diversas vidas se alimentam
da vida que brota da pinha,
todos, pinheiros do paraná.

Pinha e pinhão vão ao chão,
maduros em coriácea roxa,
seus nós vazios olham seus frutos
no chão alimentando a floresta,
todos, pinheiros do paraná.

IV

Mas o inverno vem
e o frio medo do carvão,
folhas caem no silêncio da noite
da profética seca que avança
todos, pinheiros do paraná.

O sol esponta no frio
as ramas morosas trazem tempestade,
seu ranger é mau agouro
os passos dos homens soam,
todos, pinheiros do paraná.

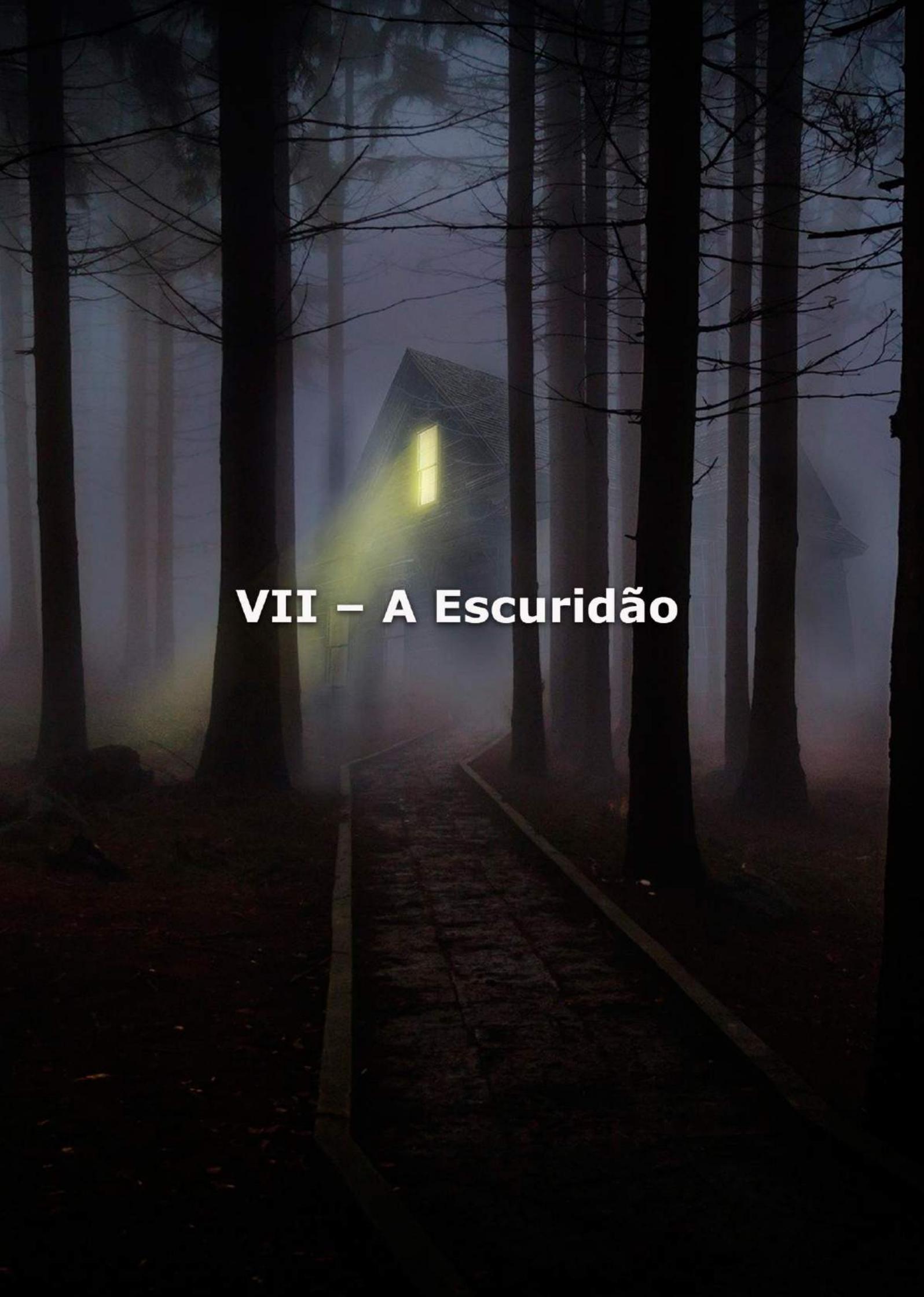
A serra e o machado vem,
corpos coriáceos pelo chão,
amarrotados, cortados em vão

madeiros brancos amarelados,
todos, pinheiros do paraná.

O tronco roxo tremeu, tremeu
a seiva verteu e
manchou o chão da floresta, mas
a lâmina do machado desceu,
todos, pinheiros do paraná.

Longínquo o matraquear
da serra vem, vem, vem,
o cheiro da madeira morta
no vento, é o fim de
todos, pinheiros do paraná.

Último Cântico dos Pinheiros, Corã, índio puru

A dark, atmospheric photograph of a forest at night or in heavy fog. A path of stone or dirt leads from the foreground towards a small, dark house in the distance. A single window of the house is brightly lit from within, casting a warm yellow glow that illuminates the surrounding mist and the path. The trees are tall and thin, their silhouettes creating a vertical rhythm against the pale, hazy background. The overall mood is mysterious and slightly ominous.

VII – A Escuridão

Prelúdio

“Quando eles descobriram o Novo Mundo

Nós viemos com eles

E nos alimentamos deles!”

Tisífone, A Escuridão

1999, solstício de primavera, Passeio Público 13 de Maio — Recife Velho.

No passeio público uma sombra aérea viaja pelas copas das árvores centenárias, carcomidas pelo tempo implacável e pela poluição faminta, incógnita durante o dia.

Ela dorme e sonha sonhos míticos, em névoas de desesperança e sofreguidão.

Ela se mescla ao povo que caminha sem destino por aquele lugar triste, que apenas passa pelos caminhos de terra e pedras batidas.

Sua figura comum é apenas mais uma pessoa indistinta na multidão, mas sua sombra alada denota seu ódio e sua fome insaciada.

Sua figura se oculta indelével ao olhar no interstício entre as sombras das grandes árvores.

À noite ela abre suas asas de ódio mitológico e caça.

Sua presa é incauta, desconhece plenamente o caçador que a espreita de dentro de olhos imortais.

Nos cantos escuros, suas asas enegrecidas abraçam o homem perdido e ela se alimenta.

Os restos da pele e dos ossos ela habilmente esconde em seu hediondo e mitológico ninho.

A noite muda grita em horror, mas não há ouvintes.

E o sol de outro dia já vem!

I

“Aqui as repelentes harpias fazem seus ninhos,

Quem expulsou os troianos das Strophades

Com terríveis anúncios da desgraça que se aproxima.

Eles têm asas largas, com garras afiadas e pescoço e rosto humanos,

Pés com garras e barriga inchada e emplumada; eles crocitam

Suas lamentações nas árvores sinistras.”

Dante Alighieri, Canto XIII, Inferno

O homem varria a terra batida devagar, o trabalho o consumia inclemente, a idade lhe pesava e as mãos tremiam no cabo da vassoura.

Retirou vagorosamente o lixo e as folhas mortas acumuladas pelo passar dos dias.

O barulho matinal das araras e dos periquitos, misturado ao sem número de outras aves presas ali era grande.

O passar dos anos o fez imune àquele alvoroço cantante.

Os ouvidos escutavam apenas seus pensamentos vagos e desolados.

Até que uma coisa brilhante lhe chamou a atenção.

Em um canto, parcialmente oculta por uma raiz, uma pequenina moeda prateada brilhava.

Ele olhou e sorriu, correu até ela sôfrego e a pegou olhando ao redor para ter certeza de que ninguém o viu praticar o ato.

Na hora do almoço, em um canto afastado olhou novamente a pequena moeda de prata na mão calosa.

Parecia muito antiga, devia valer alguma coisa! — pensou com ganância.

No dia seguinte saiu mais cedo na hora do almoço e foi até um vendedor de moedas, um daqueles que apinhavam os muros do correio novo.

Quando lhe mostrou a moeda viu os olhos do homem brilharem com uma ganância maior que a sua e com conhecimento também.

O homem lhe ofereceu dez reais pela moeda, mas agora ele já não sabia se ia vendê-la ali, queria um tempo para pensar.

O homem lhe ofereceu vinte.

Definitivamente ele iria pensar.

Dali foi até um antiquário de verdade, na avenida próxima.

O lugar estava entulhado de coisas velhas, o dono lhe disse que não comprava moedas, mas o velho varredor insistiu e lhe mostrou o dinheiro.

Quando o dono da loja pegou a pequena moeda seus olhos se acenderam.

Bem, esta ele podia comprar sim, podia oferecer cinquenta por ela.

O velho pensou um pouco, a necessidade o venceu, mas resolveu barganhar, pediu mais um pouco, acabou vendendo por setenta.

Saiu satisfeito.

Na manhã seguinte correu para as raízes da árvore onde encontrou a pequena moeda na esperança de encontrar outras.

Varreu todas as raízes com vigor redobrado, mas não encontrou nada!

Desanimado sentou-se aos pés da árvore e puxou um cigarro.

Acendeu e deu uma longa tragada, era esperar demais que houvesse um tesouro de moedas enterrado ali.

Quando levantou a cabeça para expulsar a fumaça dos pulmões viu alguma coisa dependurada em uma reentrância na árvore, um pedaço de roupa.

Rapidamente pegou uma escada na casa de ferramentas perto dali e sobiu, sôfrego na esperança de que o tesouro estivesse em cima e não embaixo.

Mas novamente a esperança lhe falhou.

Encontrou um buraco fundo no tronco da árvore, escavado muito fundo mesmo, para cima e para baixo, quase deixando a árvore oca.

Mergulhou as mãos sedentas no buraco negro, tateando tecidos rotos e apodrecidos e algo mais, algo frio e duro, que não era metal.

Parecia uma coisa grande, agarrou e puxou com força até conseguir soltar o objeto, mas quando sua mão retornou um fedor nauseabundo quase o fez cair da escada.

O cheiro de esperança metamorfoseou-se em cheiro de terror.

Mas o que o velho varredor descobriu não era um tesouro para si, era o tesouro de outrem, velho e vazio de vida, e o horror estampou-se em sua face quando identificou o que tinha nas mãos.

Jogou o objeto dentro do buraco novamente e desceu a escada trânsito de horror.

O coração quase lhe furando o peito.

A mão direita, que tocou o objeto, pesava-lhe e começou a formigar.

As pernas tremiam!

E a escuridão fechou-se à sua volta.

*

O policial mais velho gritou:

— Ô Santos, traz logo os sacos que eu quero terminar isso hoje.

Outro policial mais jovem trouxe vários sacos de plástico pretos.

— Quem vai subir pra tirar o corpo? — perguntou o mais novo.

— Você, é claro. Eu sou muito velho pra estas coisas. — disse o mais velho.

— Pois o velho não podia ter descoberto o corpo num lugar mais fácil? — reclamou o mais novo.

Subiu na escada e levou um saco consigo.

Com as mãos enluvadas começou a retirar os pedaços de tecido apodrecidos e as partes de ossos.

— Ô Sargento, parece que tem muito corpo aqui, não é só um não. E não é coisa nova não, é bem antigo. Parece que tava todo mundo numa festa à fantasia.

— Não começa a reclamar, Santos. Manda o saco pra baixo que na delegacia o delegado vai ver tudo.

O policial mais novo desceu o primeiro saco.

Continuou a retirar os despojos.

Desceu o segundo saco.

— Pô, Sargento, não consigo mais alcançar não! Tá muito fundo. Parece que desce até o fim da árvore, é corpo que não acaba mais.

Quando estava já terminando de encher o terceiro saco o policial novo tomou um susto.

— Ô Sargento, tem mais corpo na parte de cima da árvore. Vai ter que derrubar, ou então chamar os bombeiros.

— Não reclama, Santos, deixa eu subir que eu dou uma olhada.

O policial novo desceu com o terceiro saco cheio e o policial mais velho subiu.

Olhou para a parte de cima do oco da árvore.

Assustou-se com a quantidade.

Sentiu um líquido estranho e viscoso escorrer pelo tronco, olhou melhor, era sangue fresco ainda.

O horror o assaltou pelo estômago, quase caiu!

Desceu depressa.

— Temos que chamar o delegado, tem um presunto fresco ainda lá em cima.

*

De tarde o delegado apareceu.

— Vocês não fecharam a área? – perguntou olhando para os policiais.

— Não tivemos ordem...— explicou o policial mais velho.

— Não precisa ordem. Tem defunto tem que fechar a área. Não quero ninguém andando por aqui até termos retirado o corpo e tudo o mais que tiver ali dentro. Tudo são pistas, entendeu Sargento João. – falou o delegado André quase perdendo a paciência.

— Sim senhor.

Aproximaram-se da árvore, algumas crianças brincavam perto.

O delegado parou e o sargento parou ao seu lado.

— Como é, vai ficar aí parado? Quer que eu peça ajuda pras crianças pra retirar o corpo? — falou o delegado em tom de escárnio.

O sargento avermelhou-se até a raiz dos cabelos.

Tocou as crianças dali e foi chamar o policial mais novo para fecharem a área.

O delegado viu a escada e olhou a árvore.

A copa abria-se em um leque muito largo e o tronco tinha pelo menos um metro de largura.

Já haviam descido mais de trinta corpos, ou fragmentos de corpos dentro dos três sacos, pelo que o legista tinha conseguido identificar.

Será que ainda tinha mais ali dentro?

A árvore era grande, mais de dez metros de altura, quantos corpos estariam guardados ali?

O pessoal da delegacia já tinha feito uma aposta, o máximo que chegaram foi quarenta, ele não entrara no bolão.

O delegado subiu devagar pela escada, observando os detalhes.

Não havia marcas externas, apenas o buraco, agora já alargado para permitir a retirada dos despojos, mas era muito pequeno quando foi descoberto, quase um mínimo de buraco.

“Como será que nunca ninguém descobriu o que estava guardado aqui?” — pensou ele.

Estava doido pra saber o resultado das análises dos ossos. A idade dos corpos, mas o laudo só sairia dali à dez dias.

Aproximou-se do buraco, olhou para dentro e para baixo, sim ainda tinha muitos corpos ali, muito mais do que os quarenta do bolão.

Olhou para cima e à primeira vista descobriu o porquê do buraco bem pequeno.

Não era por ele que o assassino colocava os corpos dentro da árvore, era pelo topo da copa.

Um raio de sol entrava por lá, na copa certamente tinha um buraco muito maior.

Mas aquilo só deixou o delegado mais encucado.

Um homem não podia colocar tantos corpos assim ali dentro sem despertar a atenção de todo mundo ao redor, e não era uma tarefa fácil esconder corpos naquela altura ou levanta-los até ali para jogá-los por aquele buraco.

Ele ia pedir a derrubada da árvore, não tinha outro jeito, só assim poderia investigar melhor e descobrir alguma coisa sobre aquele facínora.

Tinham que fechar o Passeio Público.

*

Ao final da tarde já tinham conseguido retirar todos os despojos possíveis.

Um policial teve que descer por dentro do tronco para catar os últimos pedaços.

Tarefa inglória!

Foram doze sacos de trinta litros cada ao todo.

O bolão foi desfeito.

Os jornais noticiaram a descoberta macabra!

E o Passeio foi fechado por tempo indeterminado.

II

*“Diz-se que tinham penas,
com cabeças de galos,
asas e braços humanos,
com grandes garras; seios,
barrigas e partes femininas humanas.”*

Pseudo-Hyginus, Fabulas

— Eu quero continuar no caso, Magalhães! — pediu o delegado André.

— Você vai continuar, mas o pessoal da Polícia Federal disse que vai ter um investigador deles conosco. Eles queriam ficar com tudo, mas eu fui firme, disse que tinha sido na nossa área e que éramos nós que faríamos o serviço. — explicou o Superintendente Magalhães Eles podiam mandar um observador!

— E quem vai ser? Você conhece o sujeito?

— É um engomadinho recém formado que vem de Brasília. Parece que é parente de algum figurão, um Deputado Federal ou coisa que o valha. Tenha cuidado com o que vai falar, hein? — aconselhou Magalhães.

— Desde que ele não atrapalhe as investigações, não tem problema. — reclamou André.

— Você vai ficar só com este caso, veja bem, a pressão vai ser de lascar, porque o pessoal de Brasília vai querer resultados imediatos.

— Estou usando meus melhores homens nisso. — concordou André.

— É melhor mesmo! Com este caso sua carreira pode decolar ou afundar!

— Por falar nisso, quando vão chegar os laudos do IML?

— Coutinho disse que entregaria agora de manhã pra você. Ele reclamou bastante do prazo curto, mas fui bem firme, a história dos dez dias que os jornais noticiaram ia matar a gente pelo pescoço. A Corregedoria ia acabar suspendendo alguém.

— Você não os viu ainda?

— Ele fez segredo, mas disse que é uma bomba sem tamanho. — explicou Magalhães rindo.

— Por falar nele. — disse André apontando para a porta.

Um homem careca de bigode vasto bateu à porta da sala.

— Entre Coutinho, estou seco pra ver estes laudos. — disse André quase tomando a papelada de quase quatro dedos de grossura das mãos do outro.

— Mas não vai gostar nada do que vai ler. — explicou o bigodudo Coutinho — Está uma salada só.

— Me resume, enquanto André lê. — pediu Magalhães.

— Encontramos vestígios de pelo menos mil corpos...

— Como? — perguntaram juntos André e Magalhães.

— Entendam que não são corpos inteiros, mas sim fragmentos, todos os pedaços cujo DNA não combinava com outros já encontrados na cena do crime foram catalogados como outros corpos...alguns eram apenas um fragmento de osso, uma mecha de cabelo, unhas...

— Ah, vocês andaram juntando as pessoas com tudo o mais que tinha ali dentro. — disse Magalhães aliviado — Não tinha rato misturado lá dentro? Sabe como é, coruja come rato e cospe os ossos e se eram fragmentos muito pequenos...

— Não, Magalhães — discordou Coutinho franzindo a boca — Todos os fragmentos são de seres humanos diferentes, o trabalho do pessoal do IML foi bem feito mesmo, mas isso não é de longe o mais estranho.

— E o que é então? — perguntou André sem tirar os olhos dos resultados impressos que confirmavam cada palavra de Coutinho.

— Os mais antigos fragmentos datam de 1888 e seguem uma linha contínua aparecendo até o presente e último que data da semana passada.

— Você está de brincadeira comigo Coutinho! — disse André rindo — Foi o pessoal que te pediu pra falar isso, não foi? Só porque vetei o bolão.

— Não foi não André. Veja no relatório do IML, está tudo aí. Página 292. — confirmou Coutinho — Temos corpos que datam de 1888 até hoje, mortos todos da mesma forma, pelo menos até onde conseguimos descobrir. A identificação das datas foi positivada pelos melhores equipamentos científicos que possuímos! Só tem uma coisa que ficou fora de lugar, isto aqui. — disse Coutinho passando à André um envelope de plástico transparente com uma longa pena branca estriada em negro.

— Então a hipótese de um assassino único está descartada. — falou Magalhães tirando o lenço do bolso e enxugando a testa ampla, já preocupado com o pessoal da Corregedoria.

— Claro — concordou André olhando a pena de perto, era linda — Agora temos uma seita de assassinos, amante dos pássaros, matando gente desde o império até agora.

— Pelo menos explica como foi que conseguiram colocar tantos corpos ali dentro do jeito que estavam, eram muitas pessoas fazendo o trabalho. — disse Magalhães convicto.

— Magalhães, pelo amor de Deus, Magalhães. Pense homem! Se uma pessoa somente já dá na vista imagine um grupo de pessoas em volta da árvore colocando os corpos pra dentro do oco. — falou André agitado.

— Calma, André. Tudo se explica. — disse Magalhães.

— Não se explica não. Só complica ainda mais...

Um investigador bateu na porta:

— Doutor André.

— Que foi Mendes?

— Está aí um tal Amorim, da Polícia Federal. Disse que ia trabalhar com o senhor no caso da árvore.

— Mande ele entrar. — pediu o delegado André, e olhando para Magalhães e Coutinho — Os laudos ainda não chegaram, certo?

Colocou a pasta grossa debaixo de um inquérito de capa branca, guardou a pena dentro da última gaveta e sentou-se direito na cadeira.

Um rapaz bem novo, de terno preto e óculos entrou na sala.

Dirigiu-se para André:

— Delegado André, meu nome é Alberto Amorim, fui designado para acompanhá-lo nas investigações do Caso do Passeio Público.

— O caso da árvore! — disse Magalhães sorrindo.

Amorim virou-se para ele e sorriu.

— Superintendente Magalhães, que prazer em conhecê-lo. Meu pai disse que se formou com o senhor.

— Foi sim!? Como ele está? — perguntou Magalhães tentando se lembrar de onde conhecia o nome.

— Aposentou-se recentemente. — e virando-se para Coutinho — Doutor Coutinho, me disseram que o senhor estava trazendo os laudos para o delegado André.

Coutinho sorriu amarelo.

André retirou a pasta de debaixo do inquérito com um suspiro.

— Estão aqui, Doutor Amorim.

— Apenas Amorim, se não se importar. — disse o rapaz com um sorriso — Quais foram os resultados?

— Coutinho, aqui, estava justamente nos contando as peripécias do pessoal do IML. — explicou Magalhães — Continue Coutinho.

Coutinho respirou fundo.

— Como eu dizia, foram encontrados vestígios de pelo menos mil corpos...

— Você deve estar brincando. — exclamou Amorim perplexo.

— Também pensei que estava — disse André passando para Amorim a pasta do laudo — Mas está tudo bem explicado aí.

— E os mais antigos fragmentos datam de 1888 até o último que é da semana passada. — continuou Coutinho.

— Já identificaram o último? — perguntou Amorim muito sério, folheando o laudo sem entender muita coisa.

— Não conseguimos. Não tem impressões digitais nem arcada dentária. Os documentos mais antigos são de um soldado de 1945, na página 197, depois todos os papéis estão ilegíveis ou estragados pela ação dos elementos. — finalizou Coutinho.

— Se não se importarem eu vou investigar mais a respeito deste soldado. Deve ter parentes vivos ainda e eles podem saber de alguma coisa que desconhecemos. — disse Amorim — Parece uma pista bem conclusiva, não é delegado?

— Certamente — concordou André — Vou mandar os investigadores para os arredores do Passeio para ver o que podem descobrir.

Amorim anotou os dados da vítima em uma caderneta preta, deixou a pasta e saiu com um aceno de cabeça.

— Rápido ele, não? — perguntou Magalhães.

— Bem rápido. — disse André — Agora nós precisamos agir. Tem um grupo de assassinos lá fora, matando e escondendo os corpos. Eles agora vão mudar a maneira de agir com a descoberta do lugar onde escondiam os corpos, e o alarde feito pelos jornais, portanto temos que ser muito rápidos mesmo.

— Mendes e Ataíde estão fazendo uma varredura pelos arquivos de desaparecidos aqui do centro e dos bairros próximos. Antônio, Maurício e Jorge já foram para o Passeio pra ver o que descobrimos nos prédios ao redor, mas a chance é bem pequena que alguém vá falar alguma coisa. — disse Magalhães desolado.

— Não podemos contar com a sorte, Magalhães. Se esta seita mata neste ritmo, logo teremos mais mortes. — falou André preocupado.

— Esperemos que eles se acovardem e fiquem quietos, pelo menos até termos alguma pista. — disse Magalhães.

— Eu não conto com isso. — falou André estalando as juntas e pensando naqueles números inacreditáveis.

Interlúdio

*"Eu vou te matar se você me libertar,"
os olhos disseram. "Me liberte."*

...

*A harpia riu de alegria,
e seus olhos ficaram da cor de mel."*

Celaeno, O Último Unicórnio

Todos dormiam, as aves, os animais e as lendas.

Só o vento norte ainda estava acordado.

Espreitando pelos cantos e assobiando sorrateiramente as folhas caídas pelos caminhos vagos.

Um vulto caminhava solitário pelas pedras frias no meio do Passeio Público.

Trazia uma garrafa semivazia em sua mão esquerda.

Perdido em pensamentos.

Foi quando ouviu um barulho alto e surdo.

Voltou-se rapidamente e olhou ao redor.

As árvores se balançavam no vento, e as folhas sussurravam segredos.

Um calafrio percorreu lhe o corpo.

A garrafa vazia caiu no chão e espatifou-se.

A sombra pairou sobre os cacos da garrafa, o elixir do esquecimento, eternamente derramado sobre o mundo.

III

*"Coisas com corpo de pássaro e cara de menina
que eles [as Harpyiai] são;
abomináveis seus excrementos,
suas mãos são garras,
seus rostos abatidos de fome insaciável."*

Bateram à porta da sala, era o Investigador Mendes.

— Encontrei umas coisas estranhas nos arquivos, delegado.

— Que coisas Mendes.

— Naquela pesquisa que o senhor me mandou fazer sobre os desaparecimentos. Houve um monte deles de 1740 até 1750.

— Sério? — interessou-se André — Antes da datação dos fragmentos dos corpos que encontramos dentro do oco da árvore.

— É sim. A polícia na época tentou encontrar o culpado, foram mais de trinta pessoas desaparecidas, mas não conseguiram nada. Até deram um nome pra ele.

— Que nome?

— Chamaram ele de Abaçaraiteúna.

— Que raio de nome é esse, Mendes?

— É em tupi-guarani, delegado. É porque na época da fundação da cidade, os índios que vivam aqui relataram que na região vivia um bicho chamado Abaçaraiteúna, um espírito malvado, feio e preto que enlouquecia os índios e os levava pra mata e eles nunca mais voltavam.

— Isso é história da carochinha, Mendes.

— Pois é, delegado. Mas foi esse o nome que deram pro assassino, quando começaram a sumir as pessoas naquela época. Como nunca encontraram ninguém, e as pessoas pararam de sumir o caso foi esquecido.

— Quem era o investigador da época? — perguntou o delegado interessado.

— Era um tal de Manoel Pires da Cunha. Na realidade, delegado, ele foi o último a sumir. Depois não encontraram mais ninguém que quisesse assumir o caso e como os desaparecimentos pararam, o pessoal arquivou tudo.

— Ele também sumiu?

— É. Estava na pista de uma tal mulher que fora vista na cena de cinco dos desaparecimentos.

— Uma mulher, Mendes?

— É delegado. A descrição era de uma mulher, bem bonita por sinal. Ele estava seguindo ela quando desapareceu. Foi sozinho e nunca voltou.

— Como você sabe de tudo isso?

— Tem um registro dos fatos pelas mãos dele nos arquivos.

André pulou da cadeira.

— Como é que é?

— Se o doutor quiser ver....

— Claro que quero, Mendes. Preciso ver. Vai lá buscar agora. Melhor vou eu buscar e já dou uma olhada em tudo o que você achou!

*

Os arquivos cheiravam a mofo e papel velho!

André encontrou os registros dos trinta desaparecimentos e também os registros do Investigador Cunha, como era chamado.

Muita coisa havia se perdido no correr dos anos, apagara-se, molhara-se, rasgara-se, mas um pouco ele ainda tinha nas mãos.

As últimas três páginas das anotações do investigador.

Não era quase nada, mas podiam lançar uma luz qualquer sobre os fatos atuais!

Levou tudo para sua sala e leu.

Mas o que leu o deixou ainda mais confuso.

O homem não estava em sua saúde mental perfeita, acreditava que o responsável pelos sumiços era mesmo o tal Abaçaraiteúna, aliás fora ele quem juntara o nome indígena ao assassino, porque os jornais da época o chamavam apenas de Maníaco da Noite.

Sabiam que era assassino porque encontraram vestígios de sangue em quinze dos desaparecimentos. Isto estava registrado.

A mulher fora vista saindo de cinco deles.

Depois testemunhas afirmavam que a haviam visto de noite perambulando ao redor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São Benedito.

O investigador, em sua última anotação, dizia que estava indo sozinho, porque nenhum dos colegas queria acompanhá-lo, até a igreja para encontrar a tal mulher.

Depois nunca mais foi visto.

Outro investigador, Matias de Barros, tinha anotado ao pé da página que a mesma mulher fora vista um mês depois também nos arredores da mesma igreja, mas não mandaram mais ninguém investigar, porque os desaparecimentos tinham parado e descartaram que ela fosse culpada de alguma coisa.

Aquilo intrigou André.

Quem poderia ser aquela pessoa.

Bem, à esta altura isto não importava, porque aquilo havia acontecido em 1750, fosse quem fosse já estava morta e enterrada à esta altura.

Mas se ela participava da seita deveriam haver outros, que atualmente faziam o que ela já fizera no passado.

Será que haveria alguma pista na igreja?

Resolveu investigar a pista.

IV

“Com tão pouco aviso quanto um furacão ou um relâmpago,

eles [as Harpyiai] caíram das nuvens...

[e em sua velocidade] eles superaram os ventos de tempestade do oeste”

Apollonius Rhodius, Argonautica

A igreja estava fechada.

Bateu repetidamente na porta.

Afinal um Padre bem idoso veio arrastando os pés abrir a pesada porta.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou o homem.

— Sou o Delegado André, do 1º Distrito — identificou-se André — Estou fazendo uma pesquisa nos arquivos históricos sobre alguns desaparecimentos que ocorreram nesta região em 1740 e 1750...

— Ah, já faz muito tempo delegado. Não temos mais nenhum registro.

— Por quê? O que foi que houve?

— A igreja que havia aqui foi demolida em 1931 e esta foi construída no lugar. Todo o material que havia aqui foi enviado para o Vaticano para estocagem, não temos mais nenhum arquivo daquela época.

André desanimou-se.

— Estava procurando registro sobre uma pessoa que costumava ser vista perto da antiga igreja...- começou ele.

— A Mulher de Vermelho? Todo mundo procura por ela. — disse o Padre sorrindo — Me admira o senhor vir aqui por causa disso.

— Ah, agora já não importa mais. — falou André já se arrependendo pelo papel de bobo — Obrigado de qualquer jeito.

— Não quer ficar para a missa de dezenove horas? Já está quase na hora.

André pensou por um momento. Apenas o instinto lhe pediu para ficar.

— Vou aceitar o convite, Padre.

André ficou do lado de fora da igreja, encostado na parede branca.

Aquela história estava cada vez mais confusa.

Não sabia mais nem por onde começar, nem continuar.

Pessoas que desapareciam séculos antes, uma mulher estranha, centenas de restos de cadáveres de séculos e um assassino de verdade.

Estava perdido com tudo aquilo.

O sol pôs-se devagar pelo horizonte e as sombras engolfaram a igreja, o sino badalou as sete horas.

Já ia entrar na igreja quando um movimento chamou sua atenção.

Na rua lateral, um vulto de mulher caminhava.

Naquele horário, naquele lugar, justamente naquelas circunstâncias, seu instinto gritou desesperado tentando chamar sua atenção!

Ele olhou de novo, prestando mais atenção.

Ela não parecia estar usando vestido vermelho, mas André resolveu segui-la assim mesmo.

O vulto dobrou uma esquina e entrou em um pequeno beco muito escuro.

André a seguiu, puxou a pequena lanterna que sempre trazia consigo e acariciou a coronha da pistola.

Subitamente deu com o beco!

A escuridão o engolfou rapidamente.

Um vulto de mulher moveu-se na escuridão.

— Você veio aqui só pra me ver, policial? — perguntou ela com a voz rosada.

Um pânico súbito tomou conta de André quando ouviu aquela voz, mas conseguiu controlar-se.

— Eu quero que você pague pelos crimes que cometeu. — disse André com raiva, sem nem mesmo entender porque dissera aquelas palavras sem sentido.

— Você me toma por outra pessoa, policial. Eu não sou A Escuridão, mas posso lhe prometer que lhe trago a Loucura e a Morte se estiver disposto a pagar o preço. — riu-se ela, uma risada que fez André tremer.

— Se você não é ela, quem é?

— Você não a conhece. Ela é solitária, mas não é má! — sussurrou a voz, vagarosamente.

— Ela mata! — falou André aproximando-se mais.

— Sim, todos nós o fazemos, de um jeito ou de outro, mas ela não o faz por prazer. Ela perdeu sua esperança, esta é sua vida agora.

— Me diga, ela está sozinha?

— Nós nunca estávamos sós, policial, mas ela anda sozinha. As irmãs a deixaram faz muito tempo.

— Irmãs?

— Não somos criaturas ou animais, nem uma raça ou um povo sequer, mas nós somos vários, e você conhece apenas a mim, policial!

— Quem são você então? — perguntou André desnortado.

— Nós somos Manifestações de Forças, policial, este é um conceito que pode entender, sem enlouquecer.

— Não posso. Vocês são pessoas como todos nós. Porque fazem estas coisas?

— Não somos da sua raça, policial. Não nos reduza nem simplifique. Nossa estirpe nasceu quando o mundo ainda era Caos, primitivo e escuro em sua existência. Não somos mortais!

— Então o que são vocês? — perguntou André sem entender nada, aproximando-se um pouco mais.

— Nós somos deuses antigos, de panteões esquecidos, que já não tem mais adoradores neste mundo novo. — disse ela com a voz manhosa.

André foi rápido, agarrou a mão da mulher e acendeu a lanterna.

O que viu fez com que se afastasse aterrorizado acabando por cair ao chão.

O coração desesperado retumbava querendo fugir do peito, tomado pelo pânico avassalador.

Ela saiu das sombras para a luz da lanterna.

Uma mulher de aspecto terrível, seus cabelos trançavam-se com serpentes que sibilavam e coleavam, seus olhos ardiam com um fogo secreto e deles escorria sangue no lugar de lágrimas como se estivesse chorando.

De suas costas André viu abrirem-se asas escuras de morcego e em sua mão tinha um chicote preto.

O vestido cinzento cobria o restante do corpo.

Ele não sabia o que fazer.

Ela aproximou-se mais e tomou-lhe a mão. Seu rosto expressava pesar e tristeza. Seu toque foi para ele como tocar um pesadelo vivo, frio e repulsivo.

— Não sinta medo de mim, policial. Apesar daquilo que vê, não sou má e minha função é punir aqueles que cometem crimes, assim como você os prende.

— Não entendo! O que é você? Me diga de verdade! — pediu ele assustado.

Ela ajudou-o a levantar-se.

— Eu uma vez fui conhecida como Tisífone. — disse ela enxugando as lágrimas sangrentas com a manga do vestido, por trás do sangue seus olhos eram azuis e belos.

— Mas o que é você realmente? Pelo nome eu não a conheço. — insistiu André.

— Eu sou uma das Eumênides, policial, Você não poderia me conhecer, pois aqueles que nos conheciam e temiam já desapareceram deste mundo há muitos séculos e nem mesmo seus descendentes acreditam mais em nós.

— Então, o que é que está matando as pessoas? — perguntou ele totalmente perdido.

— Não sou delatora, policial, e aquela que você procura não é má, nem está cometendo crimes, está apenas sendo fiel à sua natureza.

— O que você quer dizer com isso? Ela mata! — repetiu André exasperado.

— Ela não mata, policial, ela caça suicidas! Apesar de ser por vezes cruel e violenta, ela não mata ninguém que já não queira morrer por suas próprias mãos.

— Não compreendo suas palavras. Eu vi os corpos e no que ela os transformou. — falou André com raiva afastando-se.

— Ela precisa se alimentar, policial, e ela se alimenta dos mortos. Mas somente depois que estão mortos, entende? Ela não é má. Mas não conhece o perdão! — exclamou ela.

— Eu não entendo!

— André. — falou a mulher novamente com a voz rosada, suave, aproximando-se — Eu estou com você desde que você se tornou policial, eu sou aquela que lhe vela os passos e que cumpre a vingança do destino sobre todos os criminosos. Eu não minto! Por isso estou aqui. Deixe-a em paz e ela irá embora, mas cruze seu caminho e então, nem eu mesma poderei salva-lo.

A mulher voltou para as sombras.

André aproximou-se tentando toca-la novamente, confirmar se era real mesmo!

Mas o beco estava vazio.

Não havia ninguém lá.

Subitamente um vento frio soprou sobre sua face e uma voz horrível soou em seus ouvidos:

— Ela é um Cão do Grande Zeus!

O medo tomou conta dele e André correu de volta para o carro.

A distância toda até a delegacia as palavras continuavam retumbando em seus ouvidos.

Estacionou na porta de frente e bateu no vidro.

O velho Lucas demorou para abrir.

— Boa madrugada, delegado André. O que o traz aqui? – perguntou o investigador meio dormindo.

— Uma pista, Lucas, uma pista!

Assim dizendo André correu à sua sala e ligou o computador.

Abriu a página de pesquisa e escreveu: Cães de Zeus.

Alguns artigos estranhos surgiram na tela, mas um chamou sua atenção:

O Prometeu Acorrentado de Ésquilo, que dizia:

“Previno-te para que te acauteles. Mas ouve sobre outro espetáculo intratável; guarda-te dos cães de Zeus que não ladram, os grifos de agudo bico, e da hoste montada dos arimaspos de um só olho, que povoam as margens do Rio Plutão, de águas auríferas; deles não te acerques.”

Ainda continuava sem saber os que eram. Será que eram Grifos? Nem sabia o que era isso.

Então encontrou o que estava procurando.

“E existem as Harpias, os Cães do Grande Zeus, que são espíritos alados de morte.”

André afastou-se do computador e olhou para a figura que abria-se na tela.

Uma criatura estranha, com torso de mulher, asas e garras de águia.

Ele pegou a longa pena que Coutinho havia lhe dado.

“A pena de uma Harpia!” — ele pensou convicto.

Depois digitou outra palavra no computador.

Quando o texto surgiu ele emudeceu.

Agora sabia o que eram as Eumênides, Ésquilo as chamava As Benevolentes, e os gregos evitavam a todo custo sua cólera.

Era o nome pelo qual eles chamavam As Fúrias!

Um arrepio de pânico o acordou do estupor!

Estivera falando com alguma coisa que sequer podia morrer, estivera perto da morte naquele beco.

Podia imaginar a surpresa do Investigador Cunha e o que ele havia encontrado agora.

Sabia o que havia acontecido com ele e tinha a certeza de que não queria que lhe acontecesse o mesmo.

Trancou a janela, olhando através das barras de ferro fundido para a noite distante que se estendia lá fora, perguntando-se se aquelas barras poderiam parar um ser imortal.

— Vou dormir no gabinete hoje. — avisou ele ao velho Lucas — Não me chame se acontecer alguma coisa! Só se for o Magalhães.

Trancou a porta e abriu a cama de ferro.

O sono veio rápido.

Seu último pensamento foi uma lembrança de uma aula de história do colegial, a professora lia os mitos gregos e sua voz lhe chegava indistinta:

“O Sono, pai dos sonhos, é filho da Morte.”

V

“Algum determinado lugar [no submundo] prende o culpado?

e, como dizem os boatos,

os pecadores sofrem punições cruéis em laços sem fim?

... [Lá] o pássaro voraz [a Harpia]

atormenta Phineus em sua mesa.”

Seneca, Hercules Furens

Amorim estava com sono!

Piscava e cabeceava de sono, estava entediado de sono, não aguentava mais esperar, o frio era irritante.

Não sabia direito porque havia estacionado o carro naquele lugar ermo e escuro, aquele beco perto da igreja do Largo da Ordem era o último lugar que esperava estar de manhã quando lhe deram a notícia de que era o agente designado para o caso dos assassinatos do Passeio Público.

Mas todas as pistas levavam até ali.

Lembrava-se muito vividamente do porque estava ali!

Depois que saíra da delegacia foi até o último endereço que a muito custo conseguira localizar da família do soldado desaparecido.

No telefone a irmã do soldado dizia que era a última parenta viva.

O lugar ficava numa ladeira íngreme, no Cristo Rei.

A casa dor creme era pequena, de madeira envelhecida pelas décadas, o portão de ferro preto enferrujado estava aberto e uma senhora bem idosa esperava Amorim.

— Policial Amorim? — perguntou ela curiosa.

— Sim, a senhora é a Dona Zulmira, irmã do cabo Peçanha?

— Sou sim. — disse ela piscando no sol de fim de tarde.

Ele não sabia por onde começar.

Ela antecipou-se.

— O senhor conseguiu descobrir o que houve com meu irmão, não é?

- Sabemos o que houve com ele, por isso estou aqui! — disse Amorim desconsolado.
- Ele está morto, não está? — perguntou ela com lágrimas nos olhos antevendo a resposta.
- Sim, está! Por isso estou aqui. — repetiu-se Amorim.
- É um consolo, pelo menos saber o que houve com ele.
- Sabemos que ele foi assassinado, provavelmente por volta de 1945...
- Em 14 de janeiro de 1945. Foi quando ele sumiu! — disse ela aquiescendo.
- A senhora poderia me contar o que houve quando ele desapareceu? Naquele dia?
- Eu me lembro como se fosse hoje. Nunca esqueci! — disse ela rememorando — Ele estava tão feliz, parecia aliviado, dizia ter encontrado um jeito de se livrar de tudo aquilo que o atormentava!
- Ele disse isso? — falou Amorim confuso — Eu não entendo.
- Também nunca o compreendi, policial, mas quando perguntei ele me disse que havia conhecido uma mulher na igreja da Ordem e que somente ela poderia ajudá-lo.
- Ele gostava dela?
- Não gostava do jeito que pensa, policial, acredito que ela devia ser freira e que afinal ele havia encontrado um remédio para os males que o afligiam, no espírito entende?
- Que males?
- A guerra o havia marcado muito, policial. Ele nunca se perdoou pelas coisas que fez lá, aquilo o consumia por dentro como um câncer e ele já não conseguia suportar mais. Por isso fiquei muito feliz quando ele me disse que havia encontrado alguém que podia ajudá-lo a superar isso.
- Ele contou à senhora o nome da mulher?
- Ela pensou e pensou.
- Acho que era Selene, irmã Selene. Já faz tanto tempo, policial, mas acredito que era esse o nome dela.
- Ele disse que iria encontrá-la na igreja da Ordem no dia em que desapareceu?
- Sim. Ele ia encontrá-la lá.
- Depois que ele desapareceu a senhora não pensou em procurá-la?
- Procurei sim senhor. Mas na igreja me disseram que não tinha nenhuma freira com esse nome, então desisti. Nunca mais voltei lá. Achei que lê havia ido embora com ela, mas sempre esperei que voltasse. Até seu telefonema.
- Obrigado dona Zulmira, a senhora foi de grande ajuda!
- Policial?
- Sim?
- Será que ele sofreu?

— Não senhora, foi indolor. Ele não sofreu. — mentiu Amorim em sua ânsia de aplacar a angústia da velha senhora — Se descobrir mais alguma coisa avisaremos a senhora.

— Obrigado, policial. — disse ela despedindo-se.

Dali Amorim foi direto para a Igreja da Ordem, mas lá, como já imaginava, lhe disseram que não havia nenhuma irmã com o nome de Selene, e que nunca houve nenhuma.

Ele sabia que estava na pista certa.

Seu instinto, ou seja lá o que fosse, lhe dizia isso!

Estacionou em um beco perto da igreja e esperou.

Perto das seis viu quando o delegado André bateu à porta da Igreja, mas não teve vontade de ir até lá.

Pra que fazer o trabalho dele e dos outros também, ele que investigasse melhor.

Bocejou de novo, acabou dormindo.

Acordou assustado, olhou o relógio, eram oito e meia já, que droga, dormira, e se a mulher tivesse passado por ele enquanto dormia.

Zangado consigo mesmo ele resolveu ir jantar.

Enquanto observava o passar da noite, Amorim começou a repassar todos os eventos que conhecia do caso, mas nada surgia em sua mente.

Resolveu voltar ao local dos crimes.

Tinha a certeza de que ali iria encontrar alguma pista, algo que todos os outros deixaram passar.

Esperou a noite aprofundar-se e entrou sem ser visto no Passeio Público.

Não queria ter que se identificar e dar explicações à ninguém até ter certeza.

De longe viu a árvore, o Ibama ainda não a tinha cortado.

Já passava das onze e a meia-noite corria próxima.

Amorim não gostava do lugar, mas o instinto lhe dizia que ali naquele lugar e naquela hora iria se encontrar com o responsável por tudo aquilo.

Foi quando ouviu um barulho alto.

Um bater de asas!

Voltou-se rapidamente, mas tudo estava quieto novamente.

Devia ser sua imaginação, pássaros não voam de noite, morcegos voam, mas não pássaros.

Outro ruído alto, passos no cascalho ao redor da árvore.

Alguém estava do outro lado do tronco.

Um arrepio percorreu lhe a espinha.

Os cabelos levantaram-se, ele assustou-se com a reação de seu corpo, nunca sentira um medo tão grande antes.

Um pânico terrível o assaltava.
A escuridão adensou-se mais à sua volta e o silêncio cercou-o de todos os lados.
Uma sombra aérea passou sobre sua cabeça.
Tocou-lhe os cabelos e ele fugiu!
O medo consumiu seu coração.
Amorim correu desesperado.
Não sabia o que era aquilo, mas sabia que tinha que sair dali o mais depressa que pudesse.
Correu, sem parar ou descansar até chegar ao carro.
Não havia ninguém na rua e as luzes estavam baças e ensombrecidas.
Abriu a porta do carro e entrou.
Então aquilo que o perseguia o alcançou!

VI

*“Celaeno sozinha, empoleirada em um pináculo de rocha,
ficou para trás e começou a falar, uma vidente do mal*

Virgílio, Eneida

As batidas na porta o acordaram.
Abriu a porta de mau humor!
— Que foi? — perguntou zangado — Alguém morreu?
Magalhães entrou e fechou a porta:
— O tal Amorim, o Policial Federal.
— Que tem ele? Disse que ia fazer uma investigação. Deu em alguma coisa? — perguntou André procurando a garrafa de café frio.
— Ele morreu, André.
A garrafa caiu no chão.
— Cê tá de brincadeira comigo, né Magalhães? Isto não é coisa que se faça. Acabei de acordar.
— Não estou brincando, não. Acharam o carro dele numa ruela perto do Largo da Ordem. Tinha sangue no banco da frente, e antes que você diga alguma coisa, confirmaram que é dele mesmo. A arma estava no banco de trás, tinha sido disparada seis vezes. A balística confirmou tudo.
André estava estarrecido.
Aos poucos sua conversa com a mulher no beco foi lhe voltando à mente, ele sentou-se na cadeira.

— Preciso te contar umas coisas Magalhães. — falou ele bem preocupado.

— Posso fumar? — pediu Magalhães, olhando para a janela fechada.

— Pode. — disse André sem se importar com mais nada.

Magalhães acendeu o cigarro e André começou a lhe contar o que havia acontecido na noite passada.

Mostrou as provas que Mendes havia encontrado e explicou suas conclusões.

Magalhães estava totalmente incrédulo!

— Agora você é que tá de brincadeira comigo, meu irmão. Um delegado não pode chegar à uma conclusão dessas. Não se ele ainda quiser ser delegado ao fim do dia. Se você disser uma coisa dessas pra qualquer outra pessoa que não eu, amanhã você tá fora da polícia. E pior, por justa causa como louco!

— Mas é a pura verdade, Magalhães. Como te contei. — jurou André.

— Então vamos contar uma mentira, senão a Corregedoria vai te exonerar e pior vão me exonerar também como teu cúmplice. Isso não pode acontecer, logo agora que já estou na reta final pra me aposentar. — falou Magalhães preocupado.

— Ele deve ter descoberto alguma coisa. — disse André.

— Claro que descobriu. Só que não pode nos contar nada do lugar onde está.

André pensou.

Poderia voltar ao beco e perguntar à mulher.

Lembrou-se dos olhos dela.

Não, não conseguiria voltar lá.

Deveria seguir então a pista deixada pelo falecido Amorim.

— Vamos visitar os parentes do soldado desaparecido em 1945. Se foi lá que Amorim descobriu alguma coisa nós também vamos descobrir. — disse André surpreso com sua própria perspicácia.

— Ótimo, eu vou junto. — disse Magalhães.

— Porque? Você não gosta de investigações.

— Porque quero ter a certeza de que você vai ficar vivo. Detestaria ter outro defunto nas mãos.

— Bem, tecnicamente você me disse que o corpo de Amorim não foi encontrado...

— Você sabe à que estou me referindo. — disse Magalhães exasperado.

O policial Mendes bateu à porta.

André atendeu de mau humor!

— Que foi agora? Outro morto?

— É sim delegado. Desta vez foi perto do portão principal do Passeio. — esclareceu Mendes.

— Chame o plantonista e venha comigo. Quem foi que achou o corpo?

— Foram as crianças quando iam pra escola. — explicou Mendes com um sorriso amarelo.

— Mas não tínhamos deixado o pessoal do Vieira montando guarda pra ninguém entrar e bagunçar a cena do crime?

— Tínhamos, mas de madrugada eles resolveram voltar pro quartel porque estava tudo calmo.

— Avisa pro Coronel Vieira estar lá. — falou Magalhães para Mendes, e olhando para André deu de ombros — Eu não vou segurar a barra sozinho, ele tem que aguentar a parte dele também.

*

A entrada do Passeio estava uma confusão só.

Uma multidão tinha se juntada para ver o corpo.

A polícia militar ainda não tinha chegado para fechar a área.

A Civil veio em três carros.

André trouxe Coutinho, que também acabara de acordar, e foram direto para o corpo.

— Mendes, isole a área. Coloque o plantonista pra segurar o povo. Quando Vieira chegar mande ele me encontrar lá na árvore.

O corpo, ou o que restara dele, que eram mais a pele e as roupas, estava pendurado em um dos mourões de pedra do portão.

— E traga uma escada. — gritou Magalhães olhando para cima. — O cara que fez isso deve ter asas. Imediatamente arrependeu-se de suas palavras quando olhou para André e viu a cara braba que o outro lhe fez.

— Estas coisas não existem rapaz. — desconversou Magalhães olhando ao redor — Eu não disse isso!

Quando a escada chegou, Coutinho subiu e muito devagar desceu os restos e coletou todas as provas que podia sozinho.

— Da próxima vez nós esperamos o pessoal do IML. Eles fazem este serviço bem melhor que eu. — reclamou ele.

— Espero não haver outras vezes. — disse André.

Deixaram o corpo e as provas sob os cuidados de Mendes e foram até a árvore.

— Porque você quer ir lá? — perguntou Magalhães intrigado — Não tem mais nada lá.

— A árvore continua lá. — disse André convicto.

— Mas logo não vai estar. O pessoal do Ibama vai vir amanhã para cortá-la. O tronco vai pro IML para novos exames. — explicou Magalhães sorrindo.

Quando chegaram na árvore André insistiu em subir.

Tinha uma teoria e queria prová-la.

A escada ainda estava ao pé da árvore.

Ele subiu devagar, desejando que estivesse errado.

Mas não estava.

Na parte mais funda do tronco pôde reconhecer os restos.

— Vamos precisar limpar novamente! – gritou ele para os dois que ficaram embaixo.

Magalhães olhou para Coutinho assustado.

*

Antes do almoço Coutinho bateu à porta com os resultados dos exames mais recentes.

— Confirmamos. Os restos no oco da árvore são de Amorim e da vítima desconhecida. Como você imaginava. — disse ele.

— Como você poderia saber? — perguntou Magalhães intrigado.

— Eu te contei como, Magalhães. — falou André olhando os resultados impressos — Aquele era o ninho dela, ela ia voltar com certeza.

— Você está me assustando, André.

— Não seja simplista, Magalhães. Estamos lidando aqui com uma coisa muito além de nós mesmos.

— Eu não sei que coisa é esta, e não pretendo descobrir. — disse Magalhães nervoso — Temos é que fazer isso parar.

— Se lembra da história do investigador que te contei?

— Aquele Cunha?

— Isso mesmo. Ele conseguiu fazer parar.

— É, mas ele morreu, né?

— Eu não pretendo morrer, Magalhães. Só quero fazer parar!

— Se, e estou apenas supondo, que você esteja certo. Quem quer que esteja fazendo isso não vai parar só porque você vai pedir pra ele ou ela parar. Não vai ser assim tão simples.

— Precisa ser simples, Magalhães, porque não tem nenhum outro jeito de lidar com uma coisa como esta se não for assim. — explicou André.

— Deve ter outra maneira.

— Não tem. Não posso envolver o pessoal da delegacia mais do que já estão, nem você.

— É o serviço deles, André.

— O serviço deles é cumprir a lei e fazer com que ela seja cumprida, não é morrer...

— Eles não vão morrer...

— Você não estava lá, Magalhães, não sabe com o que estamos lidando. Eu vi! E desejo que nunca tivesse visto. Amorim viu! O conhecimento é mau! Preferia ficar na ignorância.

— Mas não vai ser se matando que vai resolver alguma coisa. Esse negócio está muito confuso pra mim.

Magalhães pegou um copo de café requentado.

— Como você pretende encontrar o criminoso?

— Vou começar de onde Amorim parou.

— Novamente a pista do soldado desaparecido?

— Só temos esta pista, e Amorim morreu quando estava seguindo ela, portanto ele teve algum sucesso.

— Muito bem, vamos até lá então. – falou Magalhães rendendo-se.

André e Magalhães pegaram o endereço da irmã do soldado.

Foram sem telefonar.

Acordaram a velha senhora.

Levaram alguns minutos para lhe explicar que eram colegas do policial Amorim.

— Ele está bem? — perguntou ela preocupada — Parecia um bom rapaz!

— Está morto, senhora. — disse Magalhães sem rodeios — Precisamos saber o que ele lhe perguntou e o que a senhora lhe disse para que possamos pegar quem fez isso à ele.

A velha senhora contou a toda a conversa que teve com Amorim.

— Ele me disse que se soubesse de alguma coisa me avisaria. — disse ela bem triste — Eu devia ter dito à ele que existem coisas que não precisam ser ditas e existem coisas que devem ser deixadas para trás. Por favor, não precisam voltar, nem telefonar.

Saíram da casa resignados.

André parou na delegacia.

— Eu vou atrás dela sozinho, Magalhães. — decidiu ele.

— Você está doido, André!

— Eu sei que posso acabar com isso de uma vez.

— E eu sou um rato falante! — falou Magalhães irritado — Você quer um pretexto para se matar, eu transfiro você pra São Paulo, é bem mais rápido e com bem menos dor.

— Só preciso conversar com ela! — pediu André.

— Se, e eu não estou dizendo que acredito em você, mas se o que me contou for mesmo verdade, não vejo nenhum motivo para ela te ouvir nem pra não te matar como fez com aquele investigador da época do império, ou com Amorim. — Argumentou Magalhães.

— Preciso tentar. — repetiu André.

— É a sua vida! — falou Magalhães dando de ombros e terminando a conversa.

André foi sozinho para a Igreja da Ordem.

Rezou em silêncio esperando uma iluminação.

O silêncio santo o redimiou!

A noite veio, silenciosa e fria.

Ele andou até o Passeio Público bem devagar.

A árvore ainda estava lá, de pé, como um memorial silencioso à todos àqueles suicidas.

Ele sabia, agora ele sabia!

Um súbito barulho soou quando ele ficou em frente à árvore.

Como um ruflar de papéis devorados pelas chamas.

O crepitar sombrio do fogo consumindo as páginas.

Ele olhou para cima.

Mas não correu.

Ninguém corre de uma criatura imortal e vive!

A dark, atmospheric photograph of a forest at night. A path of stone or dirt leads from the foreground into the distance, flanked by tall, thin trees. In the background, a house with a gabled roof is visible, with a single window glowing with a warm yellow light. The scene is shrouded in a thick mist or fog, creating a mysterious and somewhat eerie mood.

**Poslúdio:
Invocação ao Arrecife**

Recife Velho morreu!
Morreu de esquecimento!
Derrubados os casarios,
Alamedas caídas em pranto,
Ruas arrancadas em desalento,
Gosto amargo de sofrimento,
De sabor acre, remorso vão!
A chuva cai,
A cidade chora!

